



FEIJÓ
E A PRIMEIRA METADE
DO SECULO XIX

69

981
B 823 v. 189

Serie 5.^a — BRASILIANA — Vol. 189
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

ALFREDO ELLIS JUNIOR

FEIJÓ
E A PRIMEIRA METADE DO
SECULO XIX

981
D. 503
v. 189



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO ALEGRE

1940

50-1626

m²-dist. 20x68

(Ord. Incom. 357426-10)

INDICE

Atverlencia	11
-----------------------	----

PARTE I

pag.

<i>Capitulo I</i>	
A origem	22
<i>Capitulo II</i>	
O berço	54
<i>Capitulo III</i>	
A formação da torrente	66
<i>Capitulo IV</i>	
Daniel na cova dos leões	94
<i>Capitulo V</i>	
Falmouth — Recife	113
<i>Capitulo VI</i>	
A féra desenjaulada	131
<i>Capitulo VII</i>	
Parallelos	174
<i>Capitulo VIII</i>	
A quéda de um astro	212
<i>Capitulo IX</i>	
Caramurús e Chimangos	233

INDICE

	pag.
<i>Capitulo X</i>	
Turbilhões de anarquia	237
<i>Capitulo XI</i>	
A ferro e a fogo	245
<i>Capitulo XII</i>	
Montezuma	252
<i>Capitulo XIII</i>	
Os Andradas	265
<i>Capitulo XIV</i>	
A onda verde	312
<i>Capitulo XV</i>	
Maria Justina	325

PARTE II

<i>Capitulo XVI</i>	
A regencia	334
<i>Capitulo XVII</i>	
Acto adicional	356
<i>Capitulo XVIII</i>	
O testamento	367
<i>Capitulo XIX</i>	
Rei constitucional	381
<i>Capitulo XX</i>	
Marquez de Barbacena	394
<i>Capitulo XXI</i>	
Questão religiosa	415
<i>Capitulo XXII</i>	
A guerra Farroupilha	434
<i>Capitulo XXIII</i>	
Os cavalleiros do Apocalipse	447

INDICE

	pag.
<i>Capitulo XXIV</i>	
Marquez de Olinda	469
<i>Capitulo XXV</i>	
A volta	492

PARTE III

<i>Capitulo XXVI</i>	
A avalanche	498
<i>Capitulo XXVII</i>	
Nemesis e Bellona	503
<i>Capitulo XXVIII</i>	
O degredo	518
<i>Capitulo XXIX</i>	
O canto do cysne	528
<i>Capitulo XXX</i>	
O fim de um verão de Plutarco	567
<i>Epilogo</i>	575

ADVERTENCIA

Quando eu tomei a resolução de escrever a biographia critica do Padre Diogo Antonio Feijó e da sua época, fiz um exame de consciencia bem profundo, afim de verificar, com exatidão da minha capacidade de poder reproduzir o vulto sinuoso por elle marcado no decurso da historia oitocentista do paiz. Verifiquei então, que, eu me achava em condições especiaes de evocar o perfil do sacerdote politico, em virtude de varias circumstancias das quaes se resaltava uma:

Eu, durante a primeira phase da minha vida, nessa em que se prepara o cerebro e se forja o character, tive um modelo que muito se aproximava da personalidade que foi o paulista da Regencia. Eu tivera, mesmo, ante os olhos, ligado por um contacto diuturno e assiduo, uma individualidade, que pelos seus contornos psicologicos e moraes, o faziam se aproximar de Feijó. Muitas vezes, eu tive a oportunidade de analysar a psychologia dessa personalidade, sem que o natural embevecimento de uma admiração não pequena me fizessem desviar da verdade, pois que, nunca fiquei cegado pelas suas qualidades ou pelos seus defeitos. Então ao buscar no passado um simile para ella, encontrava sempre no silencio sepulcral do alem, envolvido na sua roupa negra de sacerdote a figura austera do Padre



Diogo Antonio Feijó. Essa personalidade que eu faço referencia e que constituiu o meu modelo vivo, esse que sempre se projecta, com uma saudade immensa na minha memoria, foi o Senador Alfredo Ellis.

O Padre Feijó, não poderia ter no periodo de tempo que succedeu a sua vida arestada, um simile mais aproximado que o Senador Alfredo Ellis, que foi um authentico estadista da Republica, tendo pelo espaço de 34 annos no Parlamento Federal, sido um representante do povo. Se estudarmos as vidas desses dois varões paflistas, encontraremos taes pontos de contacto, que não tenho duvidas em afirmar que um, foi a segunda edição do primeiro. De facto, Feijó apresentava tal rigidez de tempera, tal desambição pessoal, tal honestidade, tal inflexibilidade de opiniões, tal espirito de coherencia, que esses traços se reflectem com espantosa nitidez no perfil do Senador Alfredo Ellis! Essas virtudes todas, elevadas ao mais alto expoente nesses dois vultos do passado, entretanto mais se transpareciam quando envoltos nos casulos de bondade carinhosa de ambos esses austeros varões.

O Padre Feijó foi um anjo guardião da sua irman mais moça, a quem tudo legou, é para quem devotou toda a sua vida de asceta do bem. O Senador Alfredo Ellis foi um santo de bondade, de candura e de enlevo, para os que lhe eram ligados pelos laços da intimidade. Tudo nelles representava liberalismo, coherencia, democracia, amor ao proximo, civismo, e tolerancia. Eu, desde as mais tenras edades que ouvia contemplativo e extasiado aos conselhos que me ministrava o Senador Alfredo Ellis, recomendando-me sempre os exemplos plu-

tarquianos que transluziam a firmeza do character, de que o expoente mais destacado, mais frizante, mais marcado, era, sem duvida, Feijó. Foi, por isso que eu cresci e formei o meu intellecto, sempre tendo no altar mor da minha alta idealisação a figura do Padre Feijó.

Um traço, porém na formação mental do padre Feijó se distingue, nitida da do Senador Alfredo Ellis. E' a rapidez intellectual deste, se destacando da maior lentidão daquelle. O Senador Alfredo Ellis era um relampago humanizado, ao pensar.

O seu raciocinio parecia uma vertiginosa cata-dupa a se despenhar do alto de uma nevosa montanha. Elle foi muito mais impectuoso do que o Regente. Elle não media consequencias de seus actos. Foi essa velocidade em tomar decisões, as quaes nem sempre eram acertadas, que constituiu o maior da minha admiração por esse homem de fogo.

Oh! Quantas vezes ao jogar o xadrez, o Senador Alfredo Ellis, fazia lances espectaculosos com a maior rapidez, enquanto que eu tinha que me demorar dezenas de minutos para responder á desenvoltura com que o meu antagonista me ganhava as partidas que se succediam como em rosarios!

Como eu invejava aquella promptidão nas respostas, aquella aggressividade ferina nos ataques, aquellas decisões que se cinematisavam como relampagos, se santelmisando aos meus olhos extaticos e a minha incapacidade de remediar, aquella tempestade tamborilhante que se desencadeava incoercivell!

Nisso me parece que, o Senador Alfredo Ellis se differençou do Padre Feijó, mas no mais a convivencia com o estadista da Republica nos lembra-

vam a firmeza, a tenacidade, o desassombro, a coragem civica, a abnegação, a audacia, o liberalismo, a tolerancia, a simplicidade, a severidade, do Regente. Escravocrata, o Senador Alfredo Ellis, libertou os seus servos, como Feijó, o fizera, isto é sem constrangimento de lei alguma. Nisso eu divirjo inteiramente do meu antecessor. Homem pobre e trabalhador, o Senador Alfredo Ellis, como Feijó, viveu a vida toda no trabalho rude, a pensar naquelles que lhe eram caros. Parlamentar, o Senador Alfredo Ellis, levou quasi que meio seculo se empenhando pelo povo, ao qual dedicava todas as forças de sua voz infatigavel de orador, do seu sentir empolgado e sincero que se concentrava exacerbado no objectivo que o levou a por duas vezes a se abeirar do supremo sacrificio.

Assim foi Feijó!

Eu tive esse modelo, deante de mim, a me orientar na vida. De modo que assim, me é relativamente facil evocar a figura de quem tanto honrou a sua terra.

Além dessa situação verdadeiramente privilegiada, para retratar a vida do eminente paulista, eu guardo commigo uma situação que é um ponto de contacto a mais que fez aproximar do grande homem publico desta terra.

Este, desde que occupou a pasta da justiça na Regencia trina, teve difficuldades em se locomover, difficuldades essas que se foram accentuando ao ponto de lhe tolher inteiramente a movimentação dos órgãos inferiores.

Eu, por occasião do movimento de 1932, quando S. Paulo se levantou, com o fito de erguer a sua dignidade constantemente humilhada, me empe-

nhando ardorosamente na luta, fui baleado, de modo que, fiquei com os meus movimentos de alguma maneira cerceados. Isso tem feito com que, experiente sensações idênticas ás que tinha Feijó no decurso da sua molestia. Posso sentir as mesmas angustias, ao precisar me locomover com rapidez, ou fazer qualquer exercício mais violento.

Com essa situação, ainda posso melhor comprehender o que se succedia ao grande politico clérigo.

Mas não sou dos que attribuem, como Macaulay, Emerson, ou Carlyle, importancia decisiva ao factor humano individual no desenrolar dos capitulos da vida da civilização.

Esses vultos notaveis de historiographos, em prestam aos homens guiões, o papel preponderante nos diversos acontecimentos humanos, os quaes são resumidos, nas opiniões desses escriptores britannicos, no que representam os expoentes individuais, que sobre elles exercem uma força quasi que exclusiva.

Prefiro, sem desprezar a influencia do factor humano individual, conceder força preponderante do desenrolar dos successos da vida do homem, ao meio physico e ao meio social, bem como ás forças seleccionadoras, oriundas, não só desses ambientes citados, como tambem das forças predeterminadas da ancestralidade de cada individuo, que é elevado á exponencia de qualquer traço de character, ou da intelligencia. Os reflexos economicos, muitos delles, ou antes quasi todos, oriundos do meio geographico, são da maior importancia no desenvolvimento da humanidade, como no seu caminhar pela senda arestada da vida.

Assim sendo, não posso me alistar entre os que dão importancia culminante aos individuos no desenrolar dos capitulos da historia. Feijó, pois, com a sua psycologia especial, e com o seu character tallhado de modo particular não poderia ter tido uma força tão dominadora na orientação dos sucessos que se foram desenrolando, na Regencia, ou na Independencia. Mas eu, sem ser nietscheano, não considero apagada toda a influencia individual e humana nas paginas da vida collectiva de uma nação.

Se não dou a ella a importancia maior, entretanto, não a elimino.

E' assim dentro desses limites, que procuro evocar a vida do grande sacerdote, buscando retratar o ambiente em que elle viveu e procurando destacar a influencia que elle exerceu.

Por certo, Feijó, teria influenciado, de certo modo, esses capitulos do passado. Embora eu não creia que, essa influencia tivesse sido decisiva, não se pode negar que, ella tivesse existido.

Assim, se suprimissemos a passagem de Feijó, nas primeiras decadas do seculo, é possivel que a historia se tivesse desenrolado como ella ocorreu, mas tambem é de se crer que, muito differente tivesse sido o curso dos acontecimentos. Assim por exemplo, se não fosse o Ministerio da Justiça ter sido exercido pela ferrea mão do illustre sacerdote paulista, Pedro I teria voltado a imperar no Brasil, e a Regencia trina, teria cahido, e o paiz, talvez, se tivesse desintegrado. Eis uma desgraça evitada pela existencia de Feijó.

E' com o fito de procurar retratar esse vulto esquisito e essa epoca, que escrevi este livro.

Feijó foi uma personagem, que se destacou de todo o mundo de então, pela sua especial psychologia, como pela particular modalidade da sua formação mental.

Nada que o cercava dava uma ideia do que seria esse homem. Era uma ilha, que se isolava diferente, na immensidão oceanica da baixezas de character, das impurezas de alma, das deslealdades, das ambições mal contidas, das insinceridades, das hypocrisias, das mentiras convencionaes, dos espiritos retrogados e conservadores, dos aulicismos, etc. que constituem as personagens dessa epocha.

Feijó se mostrava em contradicção com tudo isso.

Elle era como um immenso monte nevado, que se elevada por sobre uma planicie incomensuravel, em que os horizontes longinquos se encontravam com a terra.

Por certo que havia na época uma pleiade de homens de valor. Nenhum delles entretanto reunia uma somma tão alevantada de virtudes moraes e psyquicas como Feijó.

Havia, por exemplo, Bernardo de Vasconcellos, o grande adversario do sacerdote paulista, mas se elle dispunha de bellicosidade, que, ferina igualava a de Feijó, não possuia a inteireza moral do padre-estadista. Bernardo a esse respeito era a antithese de Feijó. Talento, irritavel ao extremo, culto, Bernardo, não se aproximava do Regente em materia moral, ainda que a elle se assemelhasse sob muitos outros aspectos. Esse estadista mineiro não tinha firmeza. Elle virava de liberal para conservador, sem a menor cerimonia.

Evaristo, era um dos homens mais destacados da época. Cultíssimo, orador brillantíssimo, homem dotado de varios attributos que o faziam um estadista emerito, dessa época, mas ao grande e elegante parlamentar, não lhe sobrava a energia que caracterisava Feijó, que a esse respeito era inegualavel. Vergueiro tambem foi uma figura das mais empolgantes dessa primeira metade do oitocentismo. Era homem de visão inegualavel, mas faltava-lhe o impeto e de certo modo, bellicosidade, esse furor guerreiro, que fez o ministro da Justiça da Regencia Trina ordenar certa feita, ao major Lima e Silva, levar tudo a ferro e a fogo, que fez o paulista tomar parte activa na guerra de 42, se destacando sobranceiro, com aquellas palavras coloridas se salientando no meio da turba ululante que espavorida fugia: "Correi, correi, cambada de sem vergonha, eu aqui fico para vos defender".

Talvez Vergueiro fosse modesto em excesso, traço de character que as vezes prejudica ao roçar pela timidez!

Que homem publico poderia pronunciar essas palavras, na situação em que Feijó se encontrava, frente ao ignoto? Dir-se-hia una alma condenada deante dos portaes do "Inferno" onde Dante havia gravado com o buril magico da Renascença os versos sublimes em frases escuras: "Lasciate ogni speranza, oh voi chi entrate".

Limpo de Abreu, era um complexo de estadista, mas faltava-lhe aquella tenacidade que emprestava ao padre a força de uma rocha, que não se amolgava ao bater soturno e cadenciado das ondas bravias da desgraça que se sucediam com aparato.

A Hollanda Cavalcanti, faltava a movimentabilidade que dava a Feijó tanta magnitude. Fazia-lhe falta a magestade, que emprestava a Feijó um ar de divindade mysteriosa, a pairar soberana no alto de um altar barbaro, magnetizando a turba de mysticos adoradores. Araujo Lima, sem audacia, se embalsamava por vezes dessa magestade com a qual surgia a paradear deante da corte embevecida, mas não lhe sobravam atitudes masculinas e decisivas, que eram o molho com que Feijó sabia temperar os seus exercicios nas posições em que o collocavam. Talvez por isso elle, o futuro Marquez de Olinda, não tivesse tomado parte no 7 de Abril. Elle, o paulista, encerrava sempre com fecho de ouro, de actividades verticaes as suas ascensões pelas culminancias do poder.

Eil-o, como Ministro da Justiça, a se demittir, quando o Senado não quiz mudar a tutoria do imperador menino! Eil-o, como Regente, a abandonar o throno, quando o Parlamento deu maioria a opposição bernardina!

Araujo Lima, era dubio, não seria capaz desses gestos, que só um espirito moldado na verticalidade mosqueteira poderia executal-os. Araujo Lima era precavido em demasia, a ponto de passar por trahidor.

Foram tantos os traços accentuados por Feijó, no recurso de sua curta mais acidentada vida de estadista, que não é difficil se destacar o seu perfil nitido, em relevo naquella torva epoca de sotoplatura de caracteres.

*

* *

O presente trabalho não é um esforço de pesquisa original.

Eu me limitei a aproveitar os subsidios existentes.

Dentro disso, tentei reconstituir uma personalidade e as varias, que a cercavam nessa epoca rumorosa que foi a Regencia, verdadeira experiencia republicana realisada no Brasil.

De accordo com a critica historica que exerceo, limitei-me a reproduzir os quadros exactamente de accordo com os mais cristalinos principios da sciencia sociologica e historica. Procurei imunisar os juizos criticos de qualquer influencia do factor pessoal. E' um juizo absolutamente imparcial de quem se manifesta. Se porventura a adjectivação, as vezes, é vehemente, a causa está em que o periodo regencial que focalisei é muito vivo e movimentado, além de que procurei definir os vultos de que tratei com traços nitidos e profundos, empregando tintas destacadas e sombras bem marcadas. Para caracterisar um determinado ambiente, é preciso reproduzil-o em seus contornos, com traços profundos em differenças nitidas de relevos e sub-relevos, para que o respectivo perfil possa se apresentar saliente. Foi o que tentei fazer.

Os elementos de que lancei mão, são na maior parte os já conhecidos, mas a concatenação dos mesmos com juizo critico que apresento ainda não haviam surgido em trabalho dedicado ao estudo de Feijó. Ainda que de um modo imperfeito, cuidei suprir essa lacuna ao meu ver muito grave para o estudo da historia do paiz. Outros de futuro o farão melhor!

Se a phantasia, as vezes, reinou nos quadros que scenifiquei, nada imaginei entretanto que tivesse prova em contrario. Limitei os surtos das minhas evocações dentro do que a documentação me autorisava. Nada busquei com o Pegaso da minha imaginação que a documentação contrariasse. Se por vezes, lancei mão do "manto diaphano", foi para tornar a materia mais amena.

Entrego pois á benevolencia do publico este esforço feito no sentido da reconstituição do nosso passado. Elle, é eu posso garantir, estribado na inteira boa fé e só na boa fé. Outros trabalhos melhores sobre essa epoca, surgirão por certo, mas nenhum mais sincero!

PARTE I

CAPITULO I

A ORIGEM

O mar parecia um tapete azul estendido por uma superficie immensa, reflectindo um céu purissimo e sem nuvens, ligeiramente encapellado por um vento que soprava a enfunar as vélas de um bojudo galeão que célere avançava, a bolinar sobre as ondas que se encrespavam cruzadas. Ao longe uma moldura nivea, marcava o litoral de uma terra que ahí fronteava as aguas do oceano. Um renque de palmeiras que se derramavam obliquas e abundantes, bordava esse lagamar. Este se nivelava com as terras, que se afundavam serenas e planas pelo interior, emolduradas por uma faixa branca das areias de um extenso ribamar que se quebrava de recifes amontoados.

Era a região que se situava entre a colonia luso-americana de Salvador na Bahia e a colonia chamada de Porto Seguro.

O galeão caminhava em demanda ao sul. Elle passava nesse instante pelas ilhas dos Abrolhos, que eram aquelles rochedos negros que se viam enristados como afiados dentes de granito salientes

da superfície das águas, como que em uma revolta mal contida pelo espumarado líquido do oceano que lhe lambia os flancos reluzentes, das malacachetas e micascistos entremeiados aos granículos pardos de quartzs e de feldspatho.

A nave era um grande barco de recente construção hespanhola. A Iberia ainda construía navios similares aos que Colombo havia feito o seu famoso periplo. Apenas as proporções haviam ampliado o porte. Eram os mesmos tres mastros com suas vélas inchadas como se fossem niveas e gordas gaiivotas.

Era o "Santissima Trinidad", que depois de uma travessia suave, havia chegado a America para depositar nas suas plagas a carga humana que trazia da Iberia, a mater sublime, que revigorava as colonias de além mar com o envio ininterrupto de sangue novo, o qual corria pelo Atlantico, já não tenebroso, mas sempre immenso, em um jorro continuo a alimentar os povoados iniciados no continente novo sul-americano. Essa Europa generosa derramava sobre as suas terras de além mar o excesso de gente, que ella não mais podia alimentar, pela dureza da luta pela vida. Com isso só emigrava o forte, o varonil, o de espirito aventureiro, o ardego bellicoso de alma aspirante de audacia, de conquistas, os espicaçados pela ambição de riquezas, os ardorosos de animo alevantado e aprestados para a luta. Aquelles, que, timidos e embotados pelas cortes europeias em que a masculinidade se amolece ao contacto com os prazeres façeis e os luxos amortecedores das energias, se afeeminavam amornado nos doces refugios das fumarentas lareiras, junto as saias amplas de pachorrentas matronas ou de moçoilas trefegas a gosar os

prazeres proporcionados pelos ducados brilhantes ou pelos dobrões tintilantes, não emigravam.

Só saíam da Europa os dom Quixotes e só se recusavam ao expatriamento longinquo e arestoso os Sancho Pansas. De facto, só os que alimentavam ideaes, que não cabiam dentro das fronteiras da Iberia, muito embora as terras do imperador Carlos V, não verem nunca o ocaso do sol, tal era a sua grandeza, procuravam na emigração satisfazer os seus impetos ardorosos que afrontavam as difficuldades de mil aventuras ignotas em um continente desconhecido.

Os que não se empenchavam com esses objectivos altisonantes ficavam nos reinos peninsulares na vida pacifica que a fortuna facil de um Dom João III de Portugal, ou um incontrastavel poderio bellico de um Felipe II proporcionavam.

Nessa epoca a Iberia era, no scenario da politica internacional europeia, o que o tigre é nos juncaes da India. Ninguem ousava lhe contestar a supremacia. Os "tercios" hespanhóes passeavam invictos pela Europa, ainda a levar nos seus arcabuzes e nas suas alabardas as flamulas victoriosas que Carlos V, com seus mil capitães fizera tremular por sobre os muros de Pavia, de Santo Angelo, ou por sobre as planuras de Saint Quentin. O espirito do tratado de Madrid ainda planava soberano sobre a Europa, que tremendo de terror, sonhava ainda com os vultos soturnos e magesticos de Gonçalo de Cordova o grande capitão do Condestavel de Bourbon, de Antonio de Leyva, do jovem Juan de Austria, ou de Antonio de Aulnois a esgrimir os seus espadagões, envolvidos nas suas pardas lorigas ou acobertados de aço tauxiado de Toledo a manobrar os seus murzellos cordovezes,

também couraçados nas suas reluzentes armaduras cinzeladas pelos brunidos artistas da “renascença”, que Leão X ou Clemente VII presidiam da faustosa cadeira de S. Pedro.

Os ricos não emigravam!

Para que sahir de seus apalaçados solares ibéricos, onde lhes sobrava o conforto?

Os nobres também não tinham empenho em ir dourar seus braços nas selvas do novo mundo. Não foram os marquezes, os condes ou os barões, os conquistadores do Mexico ou do Perú onde os plebéus Pizarro, Cortéz, Balboa, Almagro ou Valdivia, haviam, no inicio do século, talhado no heroismo de mil martyrios o perfil hespanhol, todo unguido de convicção profunda, que imbuía a alma dos que haviam tido a fortuna de nascer ao solo arido do luminoso Aragão, ás rocas douradas da Navarra, ás penhas sombreadas da maravilhosa Estremadura, ás campinas pedregosas das Castellas, junto aos pinheiraes elançados da Galliza ou das Asturias, ou ao calor sufocante da Andaluzia ou da Granada.

Os afidalgados ou os endinheirados não tinham precisão de buscar nas promissoras cavernas de Ali-Babá de além mar, o necessario para alimentar o luxo das sedas, dos brocados, dos arnezes lavrados a prata, ou das plumas, com que se apresentavam nas justas e torneios que apaixonavam os cerebros mais escaldados da época.

O espirito da “renascença”, ainda não havia su-plantado, com o rebrilho de seus pinceis magicos, de seus buris ou os seus cinzeis de milagre a alma medieval, que teimava em se aferrar a humanidade, que se limava com o humanismo de Erasmo, de

Thomas More, ou com os escriptos de Machiavel ou de Ariosto.

A aristocracia na Europa havia se formado nessa idade media que seleccionava os valores de accôrdo com o esforço nas lides e não de conformidade com o cerebro que se aperfeiçoava a medida que as grandes novidades sahiam triumphantes da imprensa, do papel, da polvora, da bussola e da caravela transoceanica. Já Francisco I havia teimado em oppor a velha armadura medieval a arma de fogo de Carlos V, e fora obrigado a se refugiar no antiquado espirito da cavallaria agonisante que iria receber o golpe de misericordia pela pena miraculosa de Cervantes. Já não eram mais os ameitados castellos protegidos pelas muralhas espessas pelas pontes levadiças, pelos fossos, pelas barbacans, as mais resistentes fortalezas, que então se erigiam nos cerebros mais potentes dos directores do palco politico europeu.

Foi nessa athmosphera que se recrutava a gente povoadora da America.

O galeão "Santissima Trinidad", vinha pejado de emigrantes que demandavam o Novo Mundo.

Gente que se amontoava á cordoalha dos castellos, procurava ver a paizagem que se desenrolava como em um presepe aos olhos contemplativos de mil olhares que se extasiavam sonhadores.

— Oh, o que reservaria de surpresas mirambolantes aquelle interior selvatico que se via ermo e silencioso alem daquella fita alvinitente das praias, que se succediam entrecortadas de morros e rendilhadas de tufos de coqueiros que alfinetavam chorosos um chão arenoso e fofo! E os selvagens? Bandos delles se viam, ás vezes, como es-

taturas de cobre, desnudos nas suas innocencias, empenachados com seus multicoloridos cocares, a correr pelas ribanceiras nas suas canôas impotentes para afrontar as asperezas das ondas, que niveas se acavallavam com suas cristas espumadas, a correr dançarinas por sobre o mar que ia se quebrar irritado nos recifes ou morrer placidamente nos areiaes daquelle morno litoral.

Juseppe de Camargo era um dos emigrantes, passageiro do galeão.

Vestido com modestia quasi que monacal, elle envergava o seu gibão de veludo negro, e tinha na cabeça o seu gorro emplumado de igual matiz.

Scismava! Fora naquella paragem que Cabral, o almirante luso, vira a terra pela vez primeira, embicando havia mais de meio seculo pelas terras continentaes.

Teria sido por acaso que o navegador peninsular havia realisado aquella proeza? Eis o problema temeroso!

Mas porque Portugal havia deixado abandonadas aquellas terras, durante quasi meio seculo, até que Martim Affonso em 1530 havia dado inicio' a sua colonisação?

E' que os negocios da India, obcecavam toda a alma lusitana. Só se pensava no famoso "*fumo nas Indias*" de Albuquerque, que entontecia todas as imaginações, allucinava todas as ambições, torturava todas as mentalidades. Como sahir dessa athmosfera pezada, onde só havia ar para a avidez nos lucros, que se multiplicavam fazendo de Lisboa, uma feliz herdeira de Veneza, de Genova e dessas multicoloridas republicas do norte da Italia, a servir de entreposto para onde se afunilava todo o

commercio da Europa com a India feiticeira ou a China famosa, para cuidar de uma terra deserta, sem o menor attractivo, sem a menor perspectiva de lucros? Era natural que os portuguezes não fossem abandonar a aventura das Indias orientaes pelo que a terra de St.^a Cruz lhes promettia!

Só quando declinava já o capitulo da India, podiam os lusos pensar no povoamento do estenso continente americano! Teve pequena duração, essa pagina da prosperidade que a India e as Molucas proporcionaram a Portugal, porque Dom Manoel e dom João III, expulsaram os judeus, que levaram os seus capitaes para a Hollanda e alhures. Foi com elles que esse paiz, nessa segunda metade do quinhentismo tomou vulto, preponderante na politica, que aliás nunca passa de um reflexo da economia.

Eis os pensamentos, que, em tumulto, afluem ao cerebro da humanidade nessa face do continente.

Juseppe de Camargo fora recrutado pela emigração naquella população iberica que sommava a cerca de 10 milhões de individuos, da maneira que acima ficou evidenciado.

Essa população, se derramava pelo novo continente, se espalhando por sobre esses centenares de nucleos humanos que se formavam no regaço do Atlantico e do Pacifico.

A emigração fazia sahir dos reinos o que elles tinham de melhor nas populações hispanicas. Uma nova aristocracia iria se formar na terra nova. Todos se teriam de nivelar no aspero batalhar contra a ferrea natureza americana, ou no rude pelejar contra os incolas. Isso tudo tendia para igualar a gente vinda da Europa. Isso tudo exigia novas qua-

lidades formadoras de perfil desusado nos paizes europeus. Dahi teria de se formar, com as gerações successivas, outras aristocracias, que teriam de se superpor a outras camadas sociaes que seriam differentes das europeias.

Disso tudo, os emigrantes que iam para as Americas, tinham de passar por outros filtros. Só os forrados de psychologia especial poderiam sobreviver. Não teriam elles de afrontar a morte, apenas nas lutas materiaes contra os elementos do ambiente externo. Havia ainda os que não sobreviveriam ás asperezas do mundo subjectivo.

Os que desanimavam não poderiam sobreviver e mais que isso, se reproduzir.

As estirpes dos fracos não iriam avante!!

O homem é como o animal inferior. Elle não consegue perpetuar-se sem a decisiva influencia das selecções. Estas não deixam continuar os que o desalento, o desanimo, a fraqueza, ou mesmo o pessimismo se aninham nas almas.

Nesse tempo ainda a Hespanha possuia o maior numero de navios de commercio dentre as nações que porfiavam na hegemonia sobre as ondas.

Depois de 1588, quando a Armada Invencivel foi esmagada pelos navios inglezes, a Hespanha perdeu essa supremacia a favor da Hollanda, que graças aquelle golpe naval que arrebatou de Felippe 2.º o facho do poderio militar, conquistou a sua independencia e proseguiu na róta da sua expansão maritima a qual obscureceu durante um século a de origem iberica para passar depois, quando não mais comportavam os seus portos, navios do tamanho daquelles que haviam evoluído, para a Inglaterra, que desde então, continuou a dominar os ma-

res com a sua bandeira das cruces de S. Jorge, de St.º André, e de S. Patricio.

Porque Camargo foi para S. Vicente, uma terra portugueza e não para onde os seus patricios, castelhanos assistiam?

Nem elle mesmo poderia dizer.

Nesse tempo, o nacionalismo ainda não havia separado as gentes ibericas que commungavam mais ou menos no mesmo dispação. A differença do portuguez para o castelhano, ou o aragonez para o andaluz, ou para o navarrez, não era tão accentuada. A Europa, apenas emergida da Edade Media, não havia ainda visto o nacionalismo agglomerar em paizes distinctos as diversas peças do seu xadrez politico. A Edade Media com o seu feroz feudalismo, ainda a se fazer sentir nos seus ultimos estertores, não tinha permittido que uma separação nitida se fizesse entre os filhos de Castella e os oriundos de Portugal. Havia, por certo, uma distincção entre os lusitanos e os hespanhóes, mas era mais uma differença entre os subditos de Felipe 2º de Castella e os de Dom Sebastião de Portugal. Só com o fim do feudalismo o que seria uma consequencia do aperfeçoamento paulatino das armas de fogo, as nações europeias veriam um fim naquelle entrechocar de dynastias e não de paizes que só então iriam se formando, com o progressivo avolumar do nacionalismo.

Por isso Juseppe de Camargo demandava S. Vicente. Com elle muitos hespanhóes buscavam o expatriamento para terras portuguezas de allemar.

Juseppe era moreno de estatura acima da mediana, fino de corpo, com seus olhos grandes e ne-

gros, engolphados na profunda meditação, sempre povoada de sonhos, sahidos da sua imaginação fervorosa.

O nosso heróe era sevilhano, andaluz por parte de sua mãe D. Gabriella Ortiz, e por ella tinha em suas veias, certa quantidade de sangue mouro, que havia vindo escaldante do Mogreb africano, onde o soppro fervente do siroco resecca o ambiente e enerva os seres que delle recebem o seu bafo de fornalha. Por parte de seu pae Francisco de Camargo, Juseppe pertencia a uma estirpe renomeada de Burgos, na Castella Velha, onde os seus avoengos haviam traçado um glorioso listrão de bravura na epopeia maravilhosa da reconquista, na qual foram desenhados a sangue os signos heraldicos de seu braço de aureos castellos em campo rubro e de arruelas veiradas de azul em campo de ouro (1).

Juseppe continuava engolphado na scisma com os olhos fitos nesse sertão gigante que já o empolgava e que deveria ser o campo de acção, onde se ia desenrolar o maravilhoso drama das bandeiras

(1) E' certo que, pela magnífica monographia sobre os Camargos de S. Paulo do erudito pesquisador paulista Carvalho Franco, um dos melhores trabalhos sobre o nosso passado piratiniano que tenho consultado, Juseppe de Camargo foi trazido da Europa na armada de Diogo Flores de Valdez, juntamente com outros povoadores de origem hispanica. E' possivel que isso se tenha dado, ficando assim invalidada a nossa reconstituição, mas o insigne escriptor de "*Camargos de S. Paulo*" não apresenta nem um só documento de abono da sua elevada opinião, com o que ficamos no direito de dar a imaginação a evocação da vinda para o nosso torrão planaltino desse grande vulto de povoador.

· Na magnífica monographia citada vem desenhado em cores e em esmaltes o braço dos Camargos.

paulistas no qual os seus descendentes seriam dos mais esforçados e destacados protagonistas.

E nessa Europa que elle vinha de deixar? Em Portugal reinava o menino Dom Sebastião, assistido por uma regencia de sua avó D. Catharina e do cardeal Dom Henrique, seu tio avô, na Hespanha era o rei Dom Felippe 2.º, ás voltas com as riquezas da America que seus "conquistadores" tomavam dos incas e dos aztecas perplexos. No horizonte dos mares nascia então um triumpho novo. Era a Inglaterra, cuja grandeza se iria estribar nos feitos de seus piratas audaciosos, que como animaes de preza esperavam os dourados galeões hespanhoes, que iam dessa opulenta America, tentando com o producto de suas entranhas miraculosas saciar a fome da carcomida Europa.

Juseppe era um hespanhol quinhentista talhado no massiço metal dos "conquistadores" peninsulares.

Seu parente Affonso de Camargo, o sevilhano na sua imponente epepeia na America sulina, já demonstrara de que seria capaz. Elle Juseppe era perfilado na mesma massa, essa que modela os authenticos heróes. Não era elle porventura imbuido dessa mesma alma profundamente compenetrada de seu ideal, cousa que o fazia se empenhar com toda a força de uma paixão fanatica em todas as lides que tivesse de defrontar? Tudo dependia das circumstancias! A sua psychologia vibratil era a do hespanhol quinhentista que sob certos aspectos iria servir de modelo a Cervantes no seu immortal poema Dom Quixote. Tal era a alma media do subdito dos Habsburgos hespanhoes, que iriam nesse mesmo anno de 1571 vibrar um intenso golpe no turco nas aguas de Lepanto.

Eis as meditações que faziam Juseppe de Camargo afastado do que lhe cercava.

Em S. Paulo, Juseppe de Camargo depois se ligou a estirpe de Tibiriçá o velho maioral guayaná, com o seu casamento com Leonor Domingues realiado mais ou menos na década de 1580. (2) Acredito que esse casamento se teria realiado entre 1580 a 1590, porquanto em 1613 se assignala a união matrimonial de uma filha do casal de Juseppe de Camargo e de Leonor Domingues. E' o consorcio de Gabriella Ortiz de Camargo com Estevam Gomes Cabral, assignalado por Carvalho Franco, no seu excellente e já tão citado trabalho "Camargos de S. Paulo", pag. 22. Confirmando essa crença, vamos encontrar o casamento de Fernão de Camargo o jaguretê, filho mais velho do casal, se casando em 1627. O fallecimento de Juseppe occorrido em 1619 e o de sua mulher Leonor Domingues, em 1630, nos confirmam nessa crença.

Juseppe de Camargo, exerceu em S. Paulo papel de grande relevancia na governança da terra.

(2) A se crer na hypothese de Silva Leme, Leonor Domingues seria filha de Domingos Luiz, o Carvoeiro e de Anna Camacho, esta filha de Jeronymo Dias Cortes e de D. . . . Camacho, esta filha de Bartholomeu Camacho e de Catharina Ramalho, esta filha de João Ramalho e de Izabel Dias, esta filha de Tibiriçá; com o que temos que Leonor Domingues seria ternaeta de Tibiriçá, havendo entre essas duas personagens cinco gerações, o que me parece improvavel, pois essas cinco gerações deveriam exigir pelo menos cento e cincoenta annos. E' de notar que João Ramalho, de quem Leonor Domingues seria bisneta viveu até o fim do seculo e teria assistido ao casamento de sua bisneta! Isso, ainda que possivel, está me parecendo improvavel. Com toda essa argumentação, para ser mais verosimil deveriamos escolher uma hypothese em que o numero de gerações entre Tibiriçá e Leonor Domingues não fosse tão grande.

Isolada a colonia luso-americana, pela distancia e pela precariedade das communicações com a corte, bem como pela pouca importancia que a mesma tinha pela sua pobreza economica e demographica, os reinóes não tinham interesses muito grandes por ella. Dahi ella ficar entregue aos proprios moradores, que se foram fazendo mais ou menos independentes e dotados de alto espirito de "self-government".

Quando Juseppe de Camargo teve um lugar de certo pronunciamento entre os seus pares, surgiu uma questão, que se havia de generalisar por todo o mundo colonial, era a questão dos selvícolas. Emquanto que os padres jesuitas timbravam no proceder de proteger os indios contra o preamento, era de subido interesse dos povoadores o aprisionamento do gentio.

As colonias que possuíam riquezas economicas, como por exemplo as colonias lusas do norte, onde o assucar sahia victorioso como um ouro liquido e dulçuroso das usinas, que se abasteciam nos canaviaes opulentos de Pernambuco, de Itamaracá ou da Bahia, conquistando logo o monopolio na Europa, onde havia um mercado de consumo immenso e de grande poder aquisitivo a sua disposição, podiam comprar escravos africanos em abundancia. Eram caros, mas eram melhores para o trabalho. Dahi a grande importação de elementos africanos, para o norte das colonias luso-americanas.

Mas as colonias, que não tinham fontes de pujança economica, como as de S. Vicente, por exemplo, ficaram na contingencia de, não podendo comprar o escravo africano, se satisfazer com o americano, que lhes custava muito menos materialmen-

te, mas que os obrigava a um esforço muito grande de, ir os buscar nos sertões selváticos da America. Dahi o bandeirismo.

Elle foi um imperativo, decorrente de não poder o planaltino comprar o africano, por falta de poder aquisitivo, em vista de não possuir elle uma fonte de riqueza qualquer.

A descoberta do ouro, já no fim do seiscentismo veio dar ao bandeirante minerador um poder aquisitivo que o habilitou a comprar o africano. Dahi o declinio da caça ao indio.

Ao mesmo tempo, as colonias do norte haviam tambem cahido, sob o ponto de vista economico, pois haviam perdido a exclusividade dos fornecimentos em assucar na Europa, ahi já encontrando o assucar proveniente das colonias hespanholas, que deante da decadencia da industria da mineração, haviam procurado no cultivo da canna de assucar um derivativo para a sua grandeza economica e demographica. Essas colonias hispano-americanas, tendo conseguido produzir assucar, faziam concorrência ao que sahia do norte luso-americano. Dahi o declinio da lavoura de canna no Nordeste, mas como ella coincidia com as descobertas auríferas em Minas Geraes e com a consequente mineração passou mais ou menos desapercibida. Com isso, a mão de obra empregada na industria agricola assucareira, subindo o S. Francisco, foi empregada na mineração do ouro. Assim as colonias lusas na America tiveram as suas phases economicas ao inverso das hespanholas. Lá, os hespanhóes viram lhes sorrir em primeiro lugar as riquezas mineraes, lhes proporcionando a extracção e as frótas da prata, etc. Só depois disso, é que elles tiveram afazeres agricolas. Foi o contrario o que

aconteceu com as colonias lusas. Em primeiro lugar, eis a phase agricola, com a cultura da canna. Só depois della entrar em declinio, o ouro surgiu nas geraes. Aconteceu então que o eixo economico das colonias lusas veiu para o sul. Deslocou-se em latitude.

Isso teria de accentuar mais tarde com o café.

Mas o pequeno nucleo de povoadores vicentinos, esses que viviam no planalto a produzir unicamente o que lhes dava para um viver modestissimo, na pobreza attestada pelos documentos todos, manifestada em todas as facetas da civilização humana, tinha necessidades braças. Não tantas como a dos afortunados povoadores desse opulento Nordeste, que para os planaltinos tinham olhares comiserados de quem olha para parentes pobres, aos quaes as circumstancias haviam conduzido para a indigencia! Mas era natural!

Com essas circumstancias todas a pezar fortemente, foi-se formando em S. Paulo uma divisão da população. Uns eram favoraveis aos padres jesuitas, homens, indiscutivelmente dotados das mais perigrinas virtudes moraes, pois acredito, que o objectivo delles era o mais elevado, consistindo em fazer ingressar no seio de uma religião christã uma immensa pleiade de selvicolas, que viviam em contacto rude com a natureza. O objectivo dos jesuitas era, sem duvida, o mais respeitavel possibile. Mas, ante elle se elevava o dos planaltinos o qual era tangido por uma circumstancia imperiosa de fundo economico.

Como resolver a situação entre essas duas correntes que se formavam?

Mesmo entre os paulistas, muitos havia que eram pelos jesuitas. Creio que em boa parte desse antagonismo sahiu a luta entre Pires e Camargos, que durante tanto tempo ensanguentou o sólo piratiningano. Os planaltinos eram imbuidos de grande espirito de religiosidade e portanto de temor reverencial para com os padres da Companhia. Isso elles haviam trazido de além mar. A necessidade economica porém, ensina-nos a evolução historico-sociologica da humanidade, tem primado sobre os motivos de ordem moral ou sentimental. Pode haver um certo recalque, mas o limite dessa repressão material não é grande, de modo que não ha o que resista aos imperios economicos. Foi o que aconteceu no planalto de Piratininga.

A corrente do preamento do gentio era a mais forte, a mais volumosa, a mais entusiastica, a composta de elementos os mais audaciosos. Um dos seus chefes foi Juseppe de Camargo, que insensivelmente foi guindado a essa posição. Parece que, no desempenho das funcções da governança, elle agiu sempre com inequivoca orientação esclavagista. Em 1592 foi feito almotacél, em 1595 foi eleito juiz ordinario, passando em 1602 e 1603 a ser vereador, (o que nos demonstra não haver elle feito parte da bandeira de Nicoláu Barreto), sendo em 1607 juiz de orphans, e em 1612, juiz ordinario.

Essas datas todas nos asseguram a verosimilhança de haver Juseppe de Camargo vindo em 1571, com cerca de uma vintena de annos de idade.

Mas a luta foi tremenda, entre paulistas e jesuitas!

Estes defendiam encarniçadamente a florida cristandade, que haviam estabelecido na immensa

organisação, que se estendia irradiando do Paraguay. Era um imperio jesuitico-guarany, que se formára na bacia do baixo Paraná. Esse imperio, dividido em provincias se povoava em crescendo inimaginavel pelo afluxo de indigenas, vindos do sertão e civilisados pelos reverendos da Companhia que lhes ministravam o baptismo e lhes ensinavam a religião.

Ha quem duvide dos propositos dos sacerdotes, querendo ver na acção desses evangelisadores, além de alvos unicamente humanitarios e religiosos, pois desvendam interesses economicos utilitarios com a exploração, para elles, do braço indigena. Não creio nisso, ainda que admitta que, os reverendos loyolanos hajam querido estabelecer na America sulina uma immensa organização politica, tendo elles conseguido um certo poderio militar, a ponto de fazer parar, já nas margens do rio Uruguay a expansão paulista, cujo maximo ao sul foi demarcado pelo combate de M'Bororé, em que os jesuitas e guaranys derrotaram uma avançada paulista, bem longe, a milhares de kilometros, de sua base no planalto.

Esse immenso imperio dividia-se, como eu dizia em provincias, como a de Guayrá, de Itati, de Tápe, do Uruguay, etc.

Os paulistas nessa luta memoravel foram os vencedores se apoderando de seus objectivos. Foi um esforço tremendo, essa guerra que os paulistas tiveram de sustentar contra o poderio de Hespanha e principalmente contra os padres da Companhia.

Contra estes a luta, que Taunay descreve nas suas minucias na sua monumental "*Historia Geral das Bandeiras Paulistas*", se revestiu de feição epi-

ca, não só pela audácia tremendo dos planaltinos, pobres povoadores sem recursos, moradores de uma região pauperrima esquecida pela civilização, despresado pela metropole e mal servida pelos poderes coloniaes, mal vista pelos mais luso-americanos, como habitada por parentes pobres, aos quaes menospresavam, em fazer frente, contrariando de armas nas mãos, a politica suprema do "*Ad majorem dei gloriam*", ante a qual se curvavam os mais poderosos monarcas, se abatiam os mais ricos magnatas, e se diminuiam as mais altas autoridades civis e ecclesiasticas inclusive as dos proprios pontifices. Mas não era para menos que os paulistas mostrassem tantas qualidades de masculinidade! Não eram elles descendentes dos velhos peninsulares que se haviam evidenciado tão bellicosos, tão valentes, tão solidos, através dos seculos que se enfileiravam no passado brumoso de Hespanha e de Portugal?

Assim, por exemplo, elle Juseppe de Camargo era filho de um esforçado batalhador que havia derramado o seu sangue em Villalar, quando em 1521, os famosos "communeros" hespanhóes se haviam levantado, contra Carlos V, chefiados pelo intemerato Padilha, que nesse desastre, em que as armas de Carlos V venceram os "fueros" de Hespanha, cahira prisioneiro. Esse mesmo Francisco de Camargo mais tarde combatera em "Pavia" essa famosa batalha que surgia do neblinado passado, desse duélo entre os dois famosos rivaes, Habsburgo e Angoulême, como um facho de luz a marcar um feito inesquecivel na historia do mundo!

Com essa herança soberba, os paulistas tinham que agir de conformidade com os seus imperios. Mas os mamelucos paulistas essa turba de "bellicosos y atrevidos", como os chamavam os ignacinos,

nas suas plangentes supplicas a Madrid, ultrapassaram com os seus feitos os exemplos deixados pelos seus avoengos europeus.

Mas supponhamos que, o resultado da pugna entre paulistas e jesuitas houvessem sido o inverso. Quaes seriam as consequencias? Naturalmente o Paraguay teria sido com todo o sul continental, um vasto estado indigena, tendo nas suas lindes territoriaes todo o Corrientes, o Entrerios, Buenos Ayres, Paraná, St.^a Catharina, Rio Grande do Sul, parte de Matto Grosso, o Chaco com grande naco da Bolivia. O Atlantico o banharia, até a bacia da Ribeira e quiçá esse Estado gigante o comprehendria com a sua "vis propulsiva" o proprio planalto de Piratininga, indo as suas fronteiras ao norte não só até o Paranapanema, mas até a Mantiqueira. Ninguem poderia prever até onde iria a voracidade expansionistas de quem houvesse vencido os sertanistas de S. Paulo.

Emfim, não foi esse o resultado da luta brava travada no sul. Ahi os jesuitas foram vencidos e expulsos de uma area, que aos poucos foi sendo povoada por gente portugueza e se foi integrando na comunhão portugueza, até que em meiaos do setecentismo, o santista Alexandre de Gusmão a fez incorporar entre os territorios lusos, no famoso tratado de Madrid.

E' certo que durante o tempo em que a luta entre paulistas e jesuitas estrondou pelos ermos selvaticos do Guayrá, do Itati, ou do Tape, Portugal estava incorporado a Hespanha, sendo que os Felippes reinavam nas duas nações ibericas. Mas, quando isso se dava, as fronteiras dos dominios lusos e hispanicos não haviam desaparecido. Não se haviam confundido com os "vice-reinados", ou com

os "gobiernos". Cervantes não se havia plasmado em Camões. As vezes havia peleja entre os das duas estirpes.

Eis o governador do Paraguay, Dom Pedro de Lugo y Navarrol

Mas o tempo ia passando e a imagem do Cabo Frio se desenhava ao longe. O "Santissima Trindad" voava sobre as ondas, com todas as suas vélas enfunadas por forte vento nordeste. Parecia uma gallopada sobre o liquido esmeraldino do litoral. O navio gemia ao avanço fremente que lhe dava o vento.

Juseppe evocava ainda nos seus scismares as scenas occorridas havia pouco tempo nesse local. Os nomes de João de Bolés, de Anchieta, de Villegaingnon, surgiam a sua mente, mas havia uma ideia que mais do que qualquer outra perdurava em seu cerebro. Era o "páu brasil". Esse era o limite sul da existencia do precioso madeiro, que tantas utilidades dava a industria que o aproveitava.

O clima não permittia que esse vegetal dominasse mais em numero a floresta espessa.

Para o sul, já não havia o calor necessario para que essa essencia medrasse com favor.

Ahi já os raios solares não possuíam mais as calorias necessarias para alimentar a vida dessa preciosidade, procurada tão avidamente pelos traficantes europeus.

O torrido Equador já ficára ao longe, nesse norte escaldante e o proprio astro rei se empalidecia a medida que se ia aproximando a Guanabara.

Uma ideia foi trazida a mente de Camargo. Porque teria sido substituido o nome de terra de

Santa Cruz para Brasil, Teria sido a religiosidade a ser suplantada pelo utilitarismo commercial.

Entretanto o nome de St.^a Cruz englobava muito mais, pois a partir do Cabo Frio não mais se justificaria o nome do lenho precioso que servia as tinturarias europeias. Então porque essa troca? E' que, quando ella teve lugar, a parte sulina das colonias lusas não tinha a menor importancia, que só mais tarde com o encontro do ouro nas Geraes adveiu.



Em Piratininga Juseppe a principio ficou iso-
lado entre seus patricios castelhanos.

Eram Bartholomeu Bueno, Balthazar de Godoy e outros mais, que se nucleavam em separados do resto da comunidade planaltina, mas o isolamento, as angustias, os periodos difficeis, as arestosidades ambientaes, que deveriam ser vencidas, os desanimos, os desaltentos, as alegrias furtivas, tudo isso passado em commum tende a unir, a homogeneisar, a cimentar as consciencias e os sentimentalismos dispares. Foi assim, que aos poucos se foram fundindo no cadinho commum do luso-paulistanismo os kystos heterogenos, que se iam formando com as successivas vindas de elementos de outras ethnias, que não a portugueza. A vida em commum arestada de adversidades e eriçadas de preocupações que o isolamento em meio extranho para todos, fazia com que se bitolassem todos na mesma medida, se afinassem todos no mesmo dispassão.

Dahi se haver Juseppe de Camargo se integra-
do na comunidade luso-paulista, acompanhando a

directriz traçada para os exóticos que demandavam o planalto. Ah! todos se faziam iguaes! A todos irmanava a vida difficil e rude que levavam. Como escapar dessa força incoercivel? Foi assim que Juseppe, como já ficou dito, se uniu a familia de Domingos Luiz o carvoeiro, se casando com sua filha Leonor.

De seu casamento com Leonor Domingues, mameluca da estirpe regia de Tibiriçá, resultou uma próle de quasi uma dezena de filhos, o que vem demonstrar a inanidade da doutrina das raças puras. Pois se casamentos de individuos de ethnias cruzadas, se mostravam tão fecundas, porque acoirar de menos eugenicos os cruzamentos em geral?

E' o que a experiencia paulista, em mais de uma centena de casos demonstra o contrario (Ellis, "*Primeiros troncos paulistas e o cruzamento euro-americano*", serie Brasileira, Cia. Editora Nacional).

Como membros dessa prole, que se destacou na phase mais rumorosa da historia paulista, nesse capitulo fulgurante das bandeiras, em que os paulistas, pelo espaço de mais de um seculo traçaram um sulco luminoso na escuridão da vida humana nesse hemispherio sul, notamos Fernão de Camargo o jaguaeté.

O filho mais velho do casal de Juseppe de Camargo e Leonor Domingues foi Fernão de Camargo o Jaguaeté, nascido mais ou menos entre 1590 e 1595, segundo as maiores probabilidades, pois elle se casou com Marianna do Prado em 1627, isto é, pouco antes de haver Raposo Tavares e Manuel Preto se arrojado sobre o Guayrá. Talvez por esse

motivo não tenha tomado parte na grande expedição acima citada. Pelo menos o seu nome não consta de nenhuma das nominatas estabelecidas. É possível porém que Fernão haja tomado parte nessa gloriosíssima expedição que tanto lustro deu ao bandeirismo. (Taunay, "Historia Geral das Bandeiras Paulistas").

Entretanto, quando o celeiro rubro de braços expara a lavoura já se havia esgottado e que o raio pedionario das bandeiras se alongou, foi Fernão de Camargo, o jagaretê, quem se poz a frente de uma bandeira, que por Laguna em St.^a Catharina iniciou o ataque a provincia de Tape, em 1635 (Ellis, "*O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano*").

Essa expedição foi pela via maritima, tendo embarcado em S. Vicente ou em Itanhaem, e sido assinalada nos sertões de Aracambi, por um inventario, ahi procedido pela morte de um dos sertanistas.

Acolytado por seu irmão mais moço José Ortiz de Camargo e por o seu sequito bem como pela parentalha, Fernão foi o chefe da *facção* dos Camargos, na sua luta contra os Pires.

*
* * *

— Sou capaz de enfrentar a corrida bravia do touro em furia, luto com a sussuarana enraivecida e peito a peito me bato contra o gentio selvagem, mas não posso resistir ao amor! Respondeu o moço, vencido com um longo suspiro.

Alguns annos depois, Juseppe de Camargo tinha morrido e Fernão, em um arroubo violento de

paixão incontida, encontrando resistencia em João de Santa Maria, que queria proteger Pedro Taques de Almeida, filho de seu velho amigo, levou a effeito o rapto de Marianna, pondo-se, certo dia, á frente do bando armado.

Fôra o estouro de um petardo, cujo estopim ardia aceso.

Com o ribombo surdo das escopetas, tropel tamborilhante e descompassado de indios a cavallo, o alarido inutil de mulheres estarecidas, e dos homens em reacção tardia, foi-se Fernão sumindo em uma nuvem opaca de poeira, levando em um ginete galopeante, o anjo de seus dourados sonhos.

Dizem que foi assim que nasceu o odio surdo da familia Taques de Almeida contra os Camargos, que acaudilhados por Fernão e José haviam resolvido a reacção!

A braza adormecida pela cinza que a occultava, apenas esperava o vento que revelasse a sua vida em latencia.

Longos annos esteve ella occulta sob os escombros do incendio de um coração ulcerado pelo desprezo, até que em 1641, ao sopro candente do vendaval mortifero, que agitava a capitania vicentina, ella se transformou na luz viva que illuminou a mais reboante tragedia de Piratininga.

Anno fatal esse de 1641!

Torvos acontecimentos trouxe para a gente paulista, esse anno fatidico!

Foi então que o infeliz encontro armado de M'Bororé poz termo á avançada bandeirante sobre Buenos Aires.

Foi então que, em abril, em tumulto, os castelhanos e mamelucos acclamaram em vão Amador Bueno a rei de S. Paulo.

Foi nesse anno, a volta dolorosa do soccorro á armada do Conde da Torre, destroçada na luta da restauração do Nordeste.

Foi nesse anno que se exacerbou ao mais alto ponto a luta contra os jesuitas, em que os paulistas punham toda a força das suas almas afoitas.

Com tanta cousa, Piratininga tinha por força que se banhar no sangue morno da tragedia.

Parece que a villa planaltina passava então sob o cyclo mortifero de Marte!

Foi assim que, certo dia, bem no coração da villa, estrugiu o rumor surdo de um duelo. O povo acorria em louca disparada cercando os titans que se batiam.

Era o espectaculo epico de uma luta de morte, que se feria em pleno centro de São Paulo de Piratininga.

A gente aglomerada, com a ansia da curiosidade e do espanto, presenciava estatica e muda, essa porfia armada em que dois homens suarentos, de olhos esgazeados e chamejantes, de labios espumejantes e ameaçadores, com os cabellos revoltos em desalinho e as vestes multicoloridas em farrapos, se degladiavam na agonia suprema dos que se dispõem a morrer nesse desespero assassino e truculento que se agarra na força e na dextreza, procurando o ataque em rapidos golpes de duas durindanas rigidas e rebrilhantes a se chocar com a presteza de raios em noites borrascosas.

Dois homens batiam-se com desespero de alucinados,

Um era louro, delgado e agil; — dextro no manejo de uma fina espada que parecia traçar nos molinetes, em torno de si, um circulo de relampagos. Era Pedro Taques de Almeida.

Seus olhos azulados, muito abertos na ansia de um intenso desespero, não reflectiam entretanto a semente do odio, mas nelles mergulhadas estavam a decisão e a energia. Sua physionomia deixava transparecer a defesa, em que se empenhava, na convicção segura de que se batia com justiça.

O outro era grande de corpo, hombros largos, musculoso e membrudo; parecia uma alma de féra pelo chispar incandescente de seus olhos negros, marcados a fogo no acobreado do seu rosto tismado, pela raça e pelo sol. Fernão de Camargo, o tigre, era elle a imagem do felino voraz, com que o alcuñharam em Piratininga.

Escreviam com o gume acerado das espadas, avidas de sangue e vibradas por garras aguçadas, o epilogo tragico dessa dorida historia de amor entreactada pela truculencia brava de um rapto.

Fernão era a figura vincada de sangue sevilhano, que seu pae caldeara com restos mamelucos dos reis guayanaz. Toda uma ancestralidade mourisca, fervilhada no sol da Iberia, ao som dorido das guitarras, das castanholas e dos "zapateados", em cruzamento com essa estirpe bronzada dos matagaes sul americanos, se agitava naquelle cerebro ululante, onde as paixões desencadeadas como vendavaes se transpareciam borrascosas, naquellas phrases rispidas, naquelle palavrear insoffrido, com que entremeava elle os disparos do seu ferro irradiante, como a espada de um Machabeu furioso.

— Então misero flamengo, tiveste a ousadia de na minha ausencia, enquanto eu me batia no Nordeste contra teus patricios invasores e hereges diabolicos, faltar com o respeito á minha Mariana? Pois toma lá.

Com o impeto selvagem de um touro arrebatado e com os olhos injectados de sangue, lançava uma tremenda estocada contra o adversario, que, agil como um gato, saltava em esquivas habilissimas, com a dextreza lepida de um esgrimista de prodigio.

— E' mentira, é intriga, rugia com altivez Pedro Taques. — Nunca o fiz, não pelo terror que porventura me possas inspirar, maldito mameluco, mas pelo bem immenso que sempre dediquei a essa santa, que escravisas ao sabor da tua ferocidade diabolica.

A luta porfiada assumia proporções épicas, desdobradas pelos assaltos successivos nas ruas tortuosas de Piratininga. E a multidão, estarrecida assistia impavida á luta de morte entre os dois fidalgos da mais alta hierarquia da colonia vicentina. Pedro Taques apenas se defendia, saltando, se desviando, mas sempre recuando ante o impeto aggressivo do Jaguareté, cujo bramir selvatico, era o éco furioso das arremettidas, com que se jogava cégo, sobre o adversario lepido e habil.

Ninguem ousava se interpôr á luta.

Ninguem queria intervir. Empolgado pelo desenrolar da contenda o povo parecia paralysado. A luta demorava-se empetada entre a força de um e a pericia do outro.

Por fim veiu a fadiga. Já haviam, floreteando, dado a volta toda ás ruas da villa. Pedro Ta-

ques já perdera a presteza nas paradas. Seus gestos não eram mais rápidos como o desencadear da procela. Sua espada não coriscava mais, com a fulgurancia do início desse prelio.

Suas vestes em farrapos enlameadas faziam transparecer, no sangue em que se empapavam, as feridas que mal enroupavam, deixando ver a pelle muito alva do louro espadachim, mais realçada pelo sangue rubro, que em gottas escorria, tingindo-a e salpicando-a.

Elle tinha o rosto lanhado de cortes longos, e sua barba rala e metallica se empastava na poeira e no sangue que se coalhava enegrecido. Seus olhos já não fulguravam o desespero de início, se amortalhando nas palpebras, que se cerravam arroxeadas. Seus musculos como que enfeixados pela cadeia pesada da fadiga já não acudiam com diligencia á presteza do raciocinio vigilante.

Fernão, tambem já não tinha o impulso com que encetára a luta. Sua garganta, resecada pelo esforço homerico não o deixava continuar os gritos, que agora espaçados, eram roucos e alternados pelo respirar resfolegante e descontínuo.

Seu gibão de couro já furado aqui e alli, rompera-se afinal pelo esforço e no seu rosto barbudo de negro, o suor perlante da fronte vasta se confundia com o gotejar sanguinolento de um ferimento que no pescoço lhe fizera a ponta da espada de Pedro Taques.

Sua offensiva trovejante, continuava amortecida, mas suas forças diminuiam acceleradamente. Via-se com evidencia que sua alma era mais potente que seu corpo.

Por fim exausto, tropego, já com os jarretes frouxos e tremulos, parecia por fim que iria succumbir.

Pedro Taques com um riso de escarneo, que o nervoso estampava como em um rictus, preparava o bóte, em contra offensiva com um golpe de revés que aprendera em França, onde estivera em visita á côrte de Luiz XIII.

— Entrada de leão, e sahida de sendeiro, zombeteou Pedro Taques. Fernão, porém, em um supremo esforço de energia inacreditavel, espicaçado por essas ultimas palavras, firmando-se nas pernas, que se desarcavam, urrando uma tremenda maldição, com um salto prodigioso, aproveitando-se da supreza causada ao inimigo, abateu seu immenso corpo sobre Pedro Taques descoberto pela espada, em posição de revés, de modo a varal-o pela gorja com o ferro faminto. O sangue jorrou então aos borbotões da chaga, correndo caudalosamente pelas paredes de barro das casas tortuosamenté enfileiradas pela tombada do morro que ia para os beneditinos. Dizem muitos que assim foi iniciada a luta entre Pires e Camargo em Piratininga!

A ultima data em que se encontra Fernão de Camargo o jaguaeté, nos documentos é de 1659, o que dará a esse paulista na occasião do seu fallecimento cerca de 60 a 65 annos, cousa que é não difficil de conciliar pelo extraordinario numero de filhos d'elle e de Marianna do Prado, identificados por Silva Leme, na sua "*Genealogia Paulistana*", vol. I, pg. 179 e 180.

Entre esses 14 filhos, que bem demonstram a magnifica fecundidade dos troncos mestiços e ma-

melucos luso-paulistas, deve ser destacado o Capitão Fernão de Camargo Ortiz, que devia ter nascido aproximadamente em 1628 a 1630, devendo contar com cerca de 30 annos ao acompanhar á Bahia, Domingos Barbosa Calheiros, que em 1658 para ahi se dirigiu com avultado acompanhamento de paulistas, em armas, que iam ao Norte das colonias combater contra os indios do Reconcavo. O que foi essa expedição conta-nos o grande mestre Affonso Tournay na sua já citada monumental "*Historia Geral das Bandeiras Paulistas*".

Depois dessa empreitada que não teve exito, Fernão se casou em S. Paulo com Joanna Lopes, filha de Gonçalo Lopes, portuguez e da paulista Catharina da Silva, filha dos portuguezes Cosme da Silva e Izabel Gonçalves.

Desse seu casamento com Joanna Lopes, Fernão teve, assignalados documentadamente por Silva Leme, loc. cit. nada menos que 13 filhos, o que confirma a extraordinaria fecundidade dos mestiços mamelucos, luso-paulistas. Falleceu Fernão de Camargo em 1690 nas vespervas de ser o ouro desvendado a cubiça voraz da humanidade.

Ah! Esse ouro a cata do qual os paulistas haviam feito tantos sacrificios, durante a segunda metade desse seiscentismo! Esse ouro, miragem pela qual os paulistas abandonavam a sua maravilhosa epopeia da caça ao indio! Esse ouro attrahidor, com o seu mirambolante fanal de Sabarabuçú, que havia feito correr tanto sangue e que tanto sangue ainda deveria fazer correr, não deveria aproveitar aos seus descobridores e aos seus mineradores!

Sabem-se horrores causados pela guerra dos emboabas!

Conhecem-se as paginas rubras de sangue e de dor causadas na evolução historica do homem desta parte da superficie da terra.

Durante longas decadas, os paulistas lutaram com a valentia dos heróes, para se manter nas suas propriedades. Mas venceu o numero e elles foram sufocados pelos reinóes e adventicios, que lograram lhes arrebatár o fructo mirifico de tantos esforços! Mas parece que uma maldição horrivel pezava sobre essas riquezas que não deveriam ser aproveitadas pelos lusos.

Descobertos os mananciaes opulentos pelos paulistas e minerado os filões auríferos pelos mineiros que tiveram de acceitar como socio gratuito o aladroadado fisco de Dom João V e antes de Dom Pedro II, que sugou a maior parte para a metropole. Mas essa metropole mesmo não iria se aproveitar dessa riqueza miraculosa, que aos kilos corria para Lisboa.

Em 1703, o inglez Lord Methuen assignou um tratado de commercio com Portugal pelo qual este paiz se obrigava a comprar todos os productos industriaes que necessitasse na Inglaterra, se abstendo de os fabricar em terras portuguezas.

Isso fez com que todo o ouro das Geraes tivesse de se escorrer para a afortunada ilha da Mancha, que ia assim vendendo os productos de sua nascente industria, pelo ouro sahido dos socavões mineiros. (1)

(1) O illustre professor Vanorden Shaw, da Faculdade de Philosophia, Sciencias e Letras, pelo "Estado de S. Paulo" attribue, e o faz muito judiciosa e logicamente ao ouro brasileiro, encaminhado para a Inglaterra, pelo tratado de Methuen, a prosperidade da industria ingloza, que graças ao augmento de capi-

*
* *

Entre esses rebentos dessa portentosa prole de Fernão de Camargo, temos a destacar o capitão Fernão Lopes de Camargo e o Coronel Thomaz Lopes de Camargo, este um dos fundadores de Ouro Preto, á sombra amena do magestoso Itacolomy, onde se havia estabelecido com lavras auríferas, e onde ainda conserva o nome de Camargos.

O Capitão Fernão Lopes de Camargo se casou em 1680, mais ou menos, com Maria de Lima de Siqueira, esta filha do portuguez Luiz Dias Barroso e de Maria de Lima do Prado, que Silva Leme descreve, na sua obra citada, no Titulo Prado, cap. 4.º § 1.º.

Esse seu casamento, confirmou a maravilhosa fecundidade da estirpe paulista, com seus 11 filhos, dos quaes Martha de Camargo Lima foi um delles, tendo se casado em Cotia, no anno de 1742, com o Capitão Ignacio Soares de Barros, filho do Sargento Mor Roque Soares de Medella e da paulista Anna de Barros, que Silva Leme descreve no seu titulo Macieis.

Foram sete os filhos de Martha de Camargo Lima, entre os quaes o padre Fernando Lopes de Camargo, nascido em 1756, Maria Gertrudes Soares de Camargo, nascida em 1745 e que se casara em 1763 em S. Paulo com Miguel João Feijó e Maria Joaquina de Camargo, nascida em 1760.

talisação se mecanizou, com as invenções famosas de Arkwright, Watt, Darby, Curtwigh e outros, causando a ruina e a fallencia da industria franceza, morta pela concorrência de congeneres mais habilitada; e dahi a revolução franceza.

CAPITULO II

O BERÇO

Em pleno inverno, no dia 17 de Agosto de 1784 amanhecia envolvido no manto cinza de uma impenetravel neblina. Era mesmo daquellas manhãs paulistas, em que a garôa torna opaca a athmosphera. A humidade penetrante ia até os ossos dos rarissimos retardatarios, que se recolhiam somnolentos de uma noitada movimentada.

Um socego ermo pairava sobre a "urbs", que pequena e mimosa no seu niveo casario apertado entre as colinas trombudas do Palacio, dos benedictinos e do Carmo ameaçava se derramar esprimida pelos vales ingremes do Anhangabahú e do Tamanduatehy, que serpenteando suas aguas barrentas e esverdeadas pelas encostas que vão da estrada de Sto. Amaro, ao convento de S. Francisco, do dos monges de S. Bento, e dos carmelitas, iam se unir, logo depois do espraiamento do Tamanduatehy, que como um mar banhava toda a varzea que se formava ao longo de seu curso, até que elle ia desembocar no Anhemby, para lá da Luz e do Guarépe.

De vez em quando esse socego era quebrado pelo dobre frenetico dos sinos do convento fran-

ciscano, que vibrando badalantes a cada quarto de hora, ou pela voz grave e cheia dos sinos maiores dos varios templos da paulicéa ia, chamando o povo ás matinas.

Uma sombra, que pelos contornos desalinha-dos que se destacavam no manto plumbeo da cer-ção, se via esgueirada e timida em seu andar apressado surgia macia e medrosa na rua da Freira, depositando na soleira da casa de mora-dia do reverendissimo padre Fernão Lopes de Camargo um volume que visto de longe não po-dia ser identificado.

A torre quadrada da Sé, quebrava o cinza claro do nevoeiro, dando uma nota mais escura com as suas linhas rigidas que se erguiam massi-ças para um firmamento inclemente. O bimba-lhar alacre de sinos, parecia mais sonóro pela humidade que reinava na athmosphera.

A sombra esgueirada pela estreita ruéla que sahia do pateo do convento de S. Francisco, com um suspiro demorado e sincéro pronunciou quasi que a murmurar um adeus seguido de — A felici-dade te acompanhe! Deus o proteja! Com essas palavras ditas em tom rapido e nervoso, o vulto furtivamente volveu em seus passos logo se con-fundindo com a sombra nevoenta que a bruma fazia pezar sobre o povoado dormente da pau-liceia.

Era uma senhora Camargo que proferia, dei-xando á porta do padre seu bem proximo parente, o pacote que trazia com desvelo e mirava com carinho. Moça não pudera soffrear os impetos de Cupido e reconhecendo a muita verdade nas pala-vras de Cristo de que a carne era fraca, procura-va occultar então as consequencias da sua falta.

A sociedade desses tempos setecentistas não admitia na sua rigidez absoluta o menor deslize. Um simples peccadilho que porventura pela fimbria fosse descoberto, seria punido com o maior rigor.

Ninguem que tivesse em sua vida uma simples sombra de um escorregão menos feliz, que o castigo de uma degradação inclemente e deshumana, cahiria implacavelmente, sobre a sua cabeça muitas vezes innocente!

A opinião publica era, não só um Moloch tremendo e deshumano, inimigo dos jovens, como se revestia de um perfil de Adamastor carniceiro e devorador, tal era o terror que ella infundia aos que lhe estavam submettidos.

De facto, a sociedade planaltina, era derivada da portugueza e esta recebera durante seculos a influencia sarracénica. Todos conhecem o profundo desnivel, existente entre os mussulmanos com respeito a mulher na sociedade. O exercicio da polygamia, a reclusão da mulher que tem de occultar até o rosto, são manifestações desse estado que é bem reflectido na legislação dos povos mussulmanos, cujos habitos de vida obrigaram até a architectura a tomar os seus contornos. Eis os varadins cobertos de madeiras cruzadas, eis as persianas que occultam as pessoas e por detraz das quaes podem ver, sem serem vistas, etc.! Todas essas cousas proprias da vida mussulmana foi introduzidos na architectura portugueza e na colonial que até hoje apresenta esses motivos que fazem a delicia dos nossos reconstituidores de moradias dessas epochas de outróra.

Com essas influencias a sociedade portugueza se foi formando com uma caracteristica nitidamente sarracénica, na qual a situação da mulher

era absolutamente inferior. Mesmo depois que a viuvez havia feito o luto e a tristeza se enthronisarem nas personagens femeninas dessas edades remotas, ellas não tinham o direito de commetter o menor deslize, pois sobre as respectivas cabeças estavam sempre as espadas damoclianias de uma opinião publica fanatisada, intolerante, energumena, hypocrita muitas vezes e absolutamente fechada.

A mulher de então não era positivamente uma esposa o que acontecia nos varios paizes da Europa, uma companheira da familia, que devia dar e receber carinhos, supportar com tristezas, e alegrias os dias de negros acontecimentos, como os felizes, em que alegres successos deveriam ser partilhados no recesso de lares bem formados. A mulher deante da sociedade lusa era mais uma escrava destinada a cuidar de satisfazer as precisões materiaes do marido e a servir de mãe silenciosa para a sua próle, não pequena. Analphabets e sem instrucção ellas deveriam ser estoicas a todas infidelidades dos maridos os acompanhando, sem dar a menor opinião sobre os destinos economicos dos casaes. Sempre imoladas no altar de soffrimentos, não tinham o direito de se queixar. Sempre precocemente envelhecidas, ellas não eram consultadas nem quando chegava a idade do casamento dos filhos.

Entre os portuguezes o poder do "pater familias" era incomensuravel! Nada lhes fazia sombra, nas suas vontades. A mulher plainava em um desnivel immensamente inferior. A sociedade paulista derivada da portugueza, não poderia escapar a isso.

A mulher tinha que ser sempre uma personalidade submissa e despida de vontades, com um profundo temor dessa sociedade, sempre inclinada a condemnar e jamais a perdoar.

Essa sociedade se assemelhava muito á religião puritana. A sua rigidez, os seus castigos, eram mais fructos amargos de um deus perverso que jamais perdoava.

Onde a doçura, a suavidade, a mansuetude pregadas por Cristo?

Dahi se comprehende| bem, como deveriam ser cruciantes as lutas internas então travadas pelos componentes dessa sociedade!

Comprimidas entre esses rigidos principios sociaes, mais fructo de uma ignorancia propria, de uma civilisação analphabeta e que deveria ir desaparecendo a medida que a cultura ia penetrando na humanidade, e os imperios physiologicos proprios de constituições mais ou menos ardorosas, cousa que independiam das respectivas vontades e sim das glandulas endocrinicas de cada individuo, essas pessoas do sexo femenino deveriam carregar até o Calvario as suas cruces, nas suas vias sacras que demoravam, as vezes, a vida toda, só cessando quando a morte as libertava dos soffrerres terrenos.

Eis porque tanto empenho na moça Camargo em occultar o resultado de uma sua falta, a qual não conseguira reprimir na luta em que procurara resistir aos imperios de sua natureza ardorosa, pois parecia que estava no verdor de seus 27 annos. Levava o fructo agri-doce dos seus amores para a soleira da porta do padre Camargo, um seu proximo parente, pois tinha a convicção de que o recém-nascido ahi seria criado, tratado, e,

educado sob as vistas severas de gente de certos recursos materiaes e tementes a Deus, ficando a ella o poder e o direito de acompanhar, de perto esse rebento de sua propria vida.

Custou a tomar a resolução, pois o seu apego natural ao recém-nascido que iria engeitar, a fazia indecisa, mas por fim, sob o imperio de um nervosismo que a tornava irritada, resolveu entregar-se ao destino. Acomodou o pequeno em um grande embrulho, cheio de agazalhos de lã e de sedas, e esperou que a madrugada começasse a raiar para sahir de casa e realizar o que testemunhamos.

Já o sol começava a despontar pelos lados de S. Miguel, lá onde a imagem doce de N. S. da Penha, toda envolta em seu manto bordado e coroadada de ouro parecia lançar sobre a humanidade um meigo olhar recomendando a misericordia e o perdão...

Ah, se a humanidade rezasse pelas cartilhas dessas virtudes pregadas pelo candido "rabbi" da Galileia!

No anno de 1767 habitava com sua familia, na sua fazenda de Cotia, o illustre paulista Ignacio Soares de Barros, da prosapia dos Macieis. Elle era casado desde 1742 com D. Martha de Camargo Lima a quem já fizemos referencias acima e desse consorcio existiam sete filhos: Anna Maria, Maria Gertrudes, Maria Joaquina, Fernando Lopes de Camargo, Senhorinha Francisca, Brigida e Custodio.

Mas aconteceu, como aliás era regra entre os paulistas, talvez devido a grande differença de

edades entre os conjuges, o marido falleceu muito antes, deixando viuva D. Martha. Esta ficou com os recursos para cutediar as despezas da ordenação de seu filho Fernando, o qual quiz ser sacerdote, e do casamento de suas filhas que ainda estavam solteiras, quando em 1767, Ignacio foi chamado para o alem. Alguns annos depois, a morte de D. Martha, os filhos se mudaram para S. Paulo, e Brigida, Francisca e Anna Maria, já se haviam mudado com seus maridos constituindo novas familias, sempre em obediencia aquelle dictame cristão de "crescei e multiplicaes-vos".

Maria Gertrudes se havia casado em 1763 com o portuguez de Braga, Miguel João Feijó. Ella devia ter nessa data, cerca de 18 annos tendo nascido em 1745, ficando viuva em 1776, portanto com cerca de 31 annos. Em S. Paulo, Gertrudes fora morar a rua da Freira, predio vizinho ao que iria ser habitado pelo seu irmão padre Fernando Lopes de Camargo, quando em 1770 elle se havia mudado para S. Paulo, em companhia de sua irmã solteira Maria Joaquina Soares de Camargo.

Ao chegar das suas occupaões ecclesiasticas o reverendissimo padre Fernando Lopes de Camargo, foi surprehendido com a noticia. A primeira interrogação que foi objecto da imaginação de todos foi a respeito da filhação do recém-nascido abandonado.

Sobre isso nada foi possivel ser apurado a não ser que se tratava de um filho de uma Camargo, mas nada mais pode ser affirmado, com absoluta certeza sobre a identificação da que foi constrangida a levar a cabo esse acto de estoicismo. E' certo, logo se desconfiou de que a creança pro-

cedia de amores illicitos da Dona viuva D. Maria Gertrudes, irmã do reverendo e moradora do predio junto. Ella havia ficado viuva desde 1776, haviam oito annos portanto. Era uma viuva que podia ter cerca de 39 annos de idade. Não se vae ao ponto de ter a certeza de que Dona Martha Gertrudes, durante esse tempo todo guardou a mais estricta castidade.

Isso seria difficil de se admittir em uma pessoa normal. Mas dahi a ter como certo de que ella fora mãe de uma creança, vae uma distancia bem grande. Em todo o caso, isso seria possivel e mesmo poderia ter alguma probabilidade. Devemos nos contentar em permanecer nessa duvida, porque Feijó que naturalmente soube da sua proveniencia mais tarde, nada nos deixou que se pudesse tirar a limpo essa questão. Dizem que a viuva D. Maria Gertrudes fazia certos favores a um certo alfaiate Felix Feijó, parente de seu fallecido marido...

E' possivel que isso se tenha dado, como já ficou dito. Não juramos pela virtude de Dona Maria Gertrudes, mas dahi a se chegar a uma convicção, plena que a honestidade do historiador deve acatar vae uma distancia grande.

Fico pois, em que a creança, sendo um rebento dos Camargos, era entretanto para uma identificação mais minuciosa um recém-nascido incognito, tal como foi baptisado nesse mesmo dia.

Um romance poderia imaginar e consignar uma convicção de que Dona Maria Gertrudes, era a mãe do engeitado, mas uma biographia historica não pode registrar isso a não ser como uma simples possibilidade. Mas se esse rigor deve ser

o adoptado para se saber da proveniencia do pimpolho, como se poderia alimentar a certeza de que seria do sangue Camargo, o que se expunha a soleira da porta do padre? As roupas do pequeno exposto essa convicção deram aos que o adoptaram, e o mais que adeante faço referencias.

A verdade é que nesse mesmo dia 17 de Agosto de 1784 foi baptisado o menor abandonado.

O magnifico livro de Eugenio Egas, esse excelente repositorio de documentos, que deverá servir de guia para o nosso trabalho, consigna na sua pagina 3 o seguinte registro:

“Aos 17 de Agosto de 1784, nesta Sé, baptisei e puz os Santos Oleos a Diogo, filho de paes incognitos, exposto em casa do revmo. Fernando Lopes de Camargo; o mesmo foi padrinho e Maria Gertrudes de Camargo, viuva, todos desta freguezia, do que para constar fiz este assento, que assigno”. O coadjutor José Joaquim da Silva.

Ora, com o evento do baptisado ser realizado no mesmo dia em que a creança foi depositada e com a situação de ser madrinha da mesma, Dona Maria Gertrudes, fica-se na creença de dois factos. Pelo menos as possibilidades em torno de dois factos se avolumam a ponto de se tornarem indicios vehementes. São

- 1.º) Feijó nasceu em S. Paulo e não em Itú como se suppunha, pois que a creança nascida nesse dia não poderia ser baptisada no mesmo dia se porventura não tivesse nascido em S. Paulo, sendo certo que de Itú a S. Paulo se levava então pelo menos trez dias de viagem.

- 2.º) Dona Maria Gertrudes fosse ella a mãe da creança estaria ainda em dieta do parto recente e não poderia comparecer e ser madrinha do que ingressava no seio da catholicidade.

Muito mais provavel do que a versão de haver sido Dona Maria Gertrudes a mãe de Feijó eu acho a que recentemente eu encontrei na "Revista dos Estudos Genealogicos", em um magnifico trabalho de pesquisas, feito pelo dr. Ricardo Gumbleton Daunt Neto. Segundo esse trabalho a mãe de Feijó foi a irmã solteira de Dona Maria Gertrudes e do padre Fernando Lopes de Camargo, dona Maria Joaquina.

De facto, dona Maria Joaquina morando em companhia de seu irmão Padre Fernando, teria ao nascer Feijó, cerca de 23 a 24 annos, pois ella nascera em 1759 ou 1760. Ella não compareceu ao baptisado de Feijó, ou pelo menos não figurou no documento que citamos; ella teve mais uma filha natural que foi Dona Maria Justina, irmã de Feijó, cujo registro de baptisado, consta do trabalho citado do dr. Ricardo Daunt diz o seguinte:

Maria. Aos vinte hum de Julho de mil settecentos, e noventa e sinco annos nesta Sé baptisou e pos os Santos oleos o Reverendo Coadjutor Leandro Manoel Ribeyro á Maria filha de Joaquina Maria solteyra, e de pai incognito. Forão padrinhos Francisco dos Santos Cruz, e Antonia da Anunciação, solteyroz, todos desta Freguezia, de que fis este assento, que assignei. Gaspar Ribr.º de Matos Sales".

Óra dado o grande amor sempre revelado por Feijó por sua irmã mais moça, é de se presumir

que não se tratava apenas de laço de criação, tanto mais quanto ao nascer Maria Justina, já Feijó teria cerca de 11 annos. Com essa differença de idade, tem-se como certo que não deveria ter havido muito contacto entre as duas creanças em crescimento, pois quando Dona Maria Justina attingiu a idade de folgedos infantis já Feijó havia sahido della, para cuidar de cousas mais serias.

Com isso tudo chega-se a concluir o seguinte:

- 1.º) Não ha duvidas que Feijó tenha sido um Camargo.
- 2.º) Não ha duvidas que Feijó tenha nascido em S. Paulo.
- 3.º) Parece preferivel a versão de que Feijó foi filho da solteira Dona Maria Joaquina e não da viuva Dona Maria Gertudes.
- 4.º) Parece não poder se duvidar de que Feijó foi irmão carnal de Dona Maria Justina e não simplesmente irmão de criação.

Segundo se sabe hoje Feijó é filho de D. Maria Joaquina e do vigario de Cotia de nome Padre Lima, constante da Genealogia Paranaense de F. Negrão.

Realisado esse acto preliminar de catholicismo, o que na verdade é um abuso de poder, pois, não seria ainda dado saber se o futuro Feijó dese-

jaria ou não fazer parte dessa ou daquella religião, o menino foi criado e tratado na casa do reverendissimo padre Fernando Lopes de Camargo, ingressando tambem na sua intimidade a qual era composta apenas da deste irmão e de Dona Maria Joaquina de Camargo.

CAPITULO III

A FORMAÇÃO DA TORRENTE

O dr. Ricardo Gumbleton Daunt, o velho, foi um irlandez illustre que vindo a S. Paulo em 1845, aqui se ligou pelo casamento á notavel estirpe dos Camargos, se unindo a Exma. Sra. Dona Anna Francelina de Camargo. Elle ingressando assim ao corpo social paulista foi um dos mais eruditos e apaixonados elucidadores da formação e evolução historica e genealogica da nossa gente. Eis o motivo principal da minha reverencia especial a tão nobre cidadão. A elle a gratidão immorredoura da gente planaltina!

Elle aqui chegando em 1845 e entrando para a grei dos Camargos, conheceu bem de perto a gente mais chegada pelo parentesco ao illustre Feijó. Ainda viu e sentiu elle o rastilho glorioso desse monumental paulista. Elle, homem illustre por todos os titulos, poude receber os ultimos ares purissimos de admiração e de respeito, de veneração e de amizade, que lhe devotavam os que lhe eram afins, os que lhe eram caros, aquelles que mais de perto o cercavam. As palavras do dr. Ricardo, a respeito de Feijó devem ter força de lei, tal é a sua autoridade. Pois bem o dr. Ricardo

assim se exprimia em uma carta ao Barão Homem de Mello a respeito de Feijó, datada de 25 de Julho de 1856 (Rev. do Instit. de Estudos Genealogicos, dr. Ricardo Daunt, o moço):

“O Padre Feijó era primo irmão de meu sogro e com elle foi creado...”

“Assim aconteceu que quem ensinou a Feijó o A B C foi meu sogro José dos Santos Camargo, e entre elles existia até o ultimo momento da vida de Feijó a mais estreita amizade. O Padre Diogo era como um irmão, ou ainda mais, de meu sogro. E agora depois que morreu o meu sogro tem sido o amparo de sua irmã, a quem Feijó ternamente amava.

Esta senhora D.^a Maria Justina de Camargo, é minha comadre duas vezes e talvez hoje a ninguem dedico maior amizade.

.

O Feijó foi filho illegitimo, mas a Mãe era Camargo e do amago dessa nobilissima raça”.

Ora, quem conhecia com tal familiaridade as mais chegadas, ao grande paulista, tem uma autoridade immensa para se referir a essa personalidade. Por esses dizeres do depoimento do dr. Ricardo, vê-se que foi Joaquim José dos Santos Camargo quem ensinou as primeiras letras a Feijó, mas o seu professor de rethorica foi Estanisláu José de Oliveira. Quem isso o diz é o dr. Eu-

genio Egas, no seu magnifico trabalho citado, paginas 3.

* * *

Nessa epoca desenrolavam-se os factos mais emocionantes na politica geral do reino de Portugal. Com o fallecimento em 1777 do rei Dom José, subira ao throno a rainha sua filha Dona Maria I, que se havia casado, ha tempos com seu tio, o principe Dom Pedro, irmão do fallecido monarcha Dom José. Desse consorcio haviam nascido trez filhos.

Dona Maria, entretanto, logo apóz haver subido ao poder, iniciou uma politica de reacção contra a orientação seguida pelo seu defunto pae e seu ministro, o famoso Marquez do Pombal, que teve de fugir apressadamente. Com o fallecimento do marido da rainha, o principe Dom Pedro e logo depois de seu primogenito, Dona Maria enlouquecera.

Quando surgiu a conspiração chamada de Tiradentes, Feijó era muito menino, ainda, e não havia penetrado no entendimento, pois elle só contava, então, cinco annos de idade.

Mesmo que tal não fosse, porem, é sabido que os conjurados só cuidavam de libertar a região do ouro, a tributada pelos quintos, pela opressão de Portugal. O resto estava em condições soffríveis. Elles não tinham em mente senão o seu torrão, o que é aliás muito humano e comprehensivel.

E' sabido que, a conspiração mineira teve por base, a enorme avidez fiscal com que os portuguezes se associavam ao ouro das geraes. Óra isso, tinha que gerar, nos prejudicados, uma justa

repulsa, mas esse sentimento e essa acção eram de se manifestar apenas nos interessados, os q nada soffriam dos metropolitanos, nada tinham a fazer. Foi por isso que o movimento da Inconfidencia, só dizia respeito a Minas Geraes e possivelmente ao Rio de Janeiro, que era região vinculada as minas do ouro por uma dependencia economica visivel e facilmente de ser deprehendida.

Por isso, não devera ter, grande repercução em S. Paulo, o movimento da Inconfidencia. O ambiente que cercava Feijó não se apaixonou e o menino não se empolgou por elle. Alguns annos depois desses successos, que fizeram tseremecer a dominação portugueza no centro continental sul-americano, a morada do padre Fernando de Camargo tev uma nova habitante. Foi d. Maria Justina, que nasceu e foi baptisada em 1795, de conformidade com o registro acima mencionado. Quem foi seu pae? Não sei. Feijó sempre mostrou-se para com ella de um carinho verdadeiramente commovente. Foi uma affeição que elle levou até ao tumulto, sempre a ungingdo da maior intensidade, rodeando a irmã como sempre a chamou, de uma verdadeira veneração.

Dona Maria Justina representava para Feijó uma divindade, a qual elle dedicava uma respeitosa amizade. Temos que, nos curvar reverentes ante esse sentimento, que foi um dos mais fortes no conjuncto de virtudes demonstradas por esse grande vulto, que se revelou tão vincado no seu perfil moral, tendo bem accentuados todos os traços que o formaram.

Em 1800, isto é cinco annos apoz o nascimento de Dona Maria Justina, Feijó cursava rethorica nas aulas do professor regio Estanisláu José de Oliveira, um portuguez chegado, mais ou menos, em 1785 da metropole e estabelecido em Campinas. Estanisláu, em Campinas se ligara a importantissima familia da terra, a qual vinha dos primeiros povoadores, desses valentes companheiros de Martim Affonso, dessas éras primeiras da Capitania, passando por grandes vultos do bandeirismo, como o capitão Manoel Preto e o capitão Luiz Pedroso de Barros, um heróe autentico dessa "*tavola redonda*" miraculosa do bandeirismo seiscentista, verdadeira cornucopia de exemplos masculos de energia e de character. Assim foi o casamento de Estanisláu José de Oliveira, com a paulista Maria Joaquina de Araujo.

Com uma linhagem, tão ligada aos principaes feitos da terra, Estanisláu que era um homem de letras não podia deixar de procurar os esclarecer, os chamando sempre de exemplo aos seus discipulos, que o tinham em conta de amigo e não de um superior apenas.

Eis a forja onde se foi temperar o character do grande politico.

S. Paulo havia soffrido uma sangria importante, com as descobertas auríferas, no fim do seculo XVII e no principio do seculo XVIII. Bartholomeu Bueno de Siqueira, Antonio Rodrigues de Arzam e Carlos Pedroso da Silveira, manifestando o ouro, emfim achado, nas Geraes; Paschoal Moreira Cabral Leme e Fernão Dias Falcão, em 1718, descobrindo o ouro em Cuyabá e Bartholomeu Bueno da Silva, em 1725, descobrindo o ouro em Goyaz, por certo que realisaram grandes cousas para

Portugal e para os emboabas, mas elles com esses feitos promoveram a decadencia de S. Paulo. Sim, porque todo o século XVIII S. Paulo foi sugado por uma intensa e despovoadora emigração, que levava para as minas auríferas os seus elementos melhores, os mais audaciosos, os mais ambiciosos, os mais aventureiros, os mais animosos, aquelles que tudo arriscavam em beneficio de um futuro mais promissor. Só os elementos que não queriam aventurar, esses os mais seguros, que se contentavam com um viver pauperrimo em torno de suas pobres vivendas ficaram, acalentando os parcos rebanhos que possuíam, ou cultivando as miseras fazendólas em que se repartia o planalto paulista. Com isso era natural que a terra paulista se despovoasse e sentisse no seu desenvolvimento a paralyzação que durou cerca de um seculo. Só, com o esgotamento dos socavões do fulvo metal e com a consequente volta de parte da gente que havia emigrado bem como o apparecimento do café que veio abrir novas fontes promissoras aos horizontes economicos planaltinos. Só então S. Paulo e seus satellites como Itú, Sorocaba, Campinas, então villa de S. Carlos, Jundiahy, Mogy das Cruzes, Taubaté, etc. sahiram dessa lethargia que os manteve no somno modorrento durante cem annos.

Ia acordar a bella adormecida no bosque! Ia surgir cendrillon!

Nessa occasião havia estabelecido seu curso na então S. Carlos, hoje Campinas, o professor regio Estanislaú José de Oliveira, uma das victimas em Portugal da reacção contra a orientação de Pombal. Durante alguns annos conseguira Estanislaú se furtar no reino a perseguição dos adeptos

clericas da nova politica de D. Maria I, mas logo a borrasca se desencadeou violenta contra o professor, que não teve remedio, senão procurar na emigração e no expatriamento uma solução para o seu caso. Eis como o luso veiu dar em S. Paulo e se havia firmado na villa de S. Carlos, onde elle iria ministrar aos da geração seguinte os ensinamentos para ser conseguido um estado de cousas melhor.

Eis o cadinho preparado, onde se iria temperar a formação de Feijó.

Estanisláu não podia deixar de ensinar a sciencia de bem fallar e de bem escrever, sem que tudo tivesse passado pelo filtro da sua mentalidade. Esta não podia deixar de ser amargurada, pelas perseguições, que soffrera e que o fizeram se exilar. Por outro lado ligado a uma das mais antigas stirpes paulistas, as quaes vinham desde os primordios rumorosos desta terra, passando pelos argonautas planaltinos, que no sertão haviam deixado escripto em mil odysseias, em mil eneidas, e em mil anabases, a edade heroica de Piratininga, o mestre não podia deixar de fazer os seus ensinamentos, escapar de serem repassados pela tradição que acompanhava todos os paulistas memoraes.

Estanisláu tinha profundo amor ao passado da terra á qual estava vinculado pelo seu casamento com Maria Joaquina de Araujo, de tão magnifica ascendencia. Elle se votava ao culto dos heróes planaltinos, tal como um Plutarcho veneravel transmittindo, como mestre, o que sabia sobre esses titans, que haviam sido os antepassados de seus filhos.

Esta fora a usina em que se fizera a rigeza do caracter de Feijó.

Nessa escola de Estansláu, Feijó, bebia com enternecimento, todo aquelle culto pelos seus avoengos paulistas, e se temperava, ante os relatos de tantos soffrimentos que no reino torturavam todos aquelles que não rezoavam pela cartilha absolutista dos Pina Maniques de Dona Maria I.

Passando por esses filtros todos os ensinamentos do mestre, calavam na mentalidade de Feijó, illuminada por uma intelligencia de certa percuciencia, a qual se fazia cada vez mais atilada, a medida que se passavam os annos.

Foi tambem nesse periodo de tempo, em que Feijó passou na villa de S. Carlos, que elle adquiriu a fortaleza physica, que fazia d'elle um ser privilegiado no respeitante a musculatura, que nelle teve grande e invulgar desenvolvimento. Elle cultivou todos os exercicios physicos, que se permittiam á juventude de então. Nadava e remava no rio Atibaia, que passava a alguma distancia do povoado, cavalgava com frequencia, luctava com os companheiros de folguedos, etc.

Isso alem de fortaleza muscular dava-lhe o amor a vida livre, e ás cousas rusticas.

Com os ensinamentos sorvidos nas aulas de Estansláu, onde elle em companhia de oito discipulos, era o mais applicado, devorando sempre com avides as palavras do mestre, que parecia tanto saber, um drama intimo e pungente se desenvolveu na sentimentalidade de Feijó.

— Oh, como elle desejaria personificar todos aquelles vultos, evocados pela palavra sempre amena de Estansláu! Como elle sentia todos aquelles

les soffrimentos cruciantes, que as aulas que elle assistia, evocavam na sua imaginação fervente pela idade romantica que elle atravessava com seus dezesseis annos! Mas como ser o heróe de tantas lendas, como chegar ao pinaculo de tantos sonhos e desvaneios, se elle Diogo Antonio Feijó, tinha a lhe crestar a fronte o opprobrio de ser um filho incognito? Elle era um engeitado, que a caridade do padre Fernando Lopes de Camargo havia feito criar. Oh, como era odiosa essa sociedade que condemnava para a vida toda, quem não tinha a menor culpa de ser espurio!

Qual o destino a ser dado a essas pessoas que vinham ao mundo sem a menor responsabilidade? Havia um unico caminho: a batina. *Sim, elle era catholico romano, mas dahi a ser padre!*

Mas elle não tinha vocação para a carreira sacerdotal! Sim, elle era catholico romano, mas dahi a ser padre! Não importava. Para elle só havia um caminho: a batina. Essa era a unica veste, que ferrea, se impunha na sua frente, como unico seguimento, para a existencia de condemnado que elle deveria levar.

Não conseguira Feijó, outra solução para a sua vida. Assim, logo que elle teve em completo o seu apprendizado de humanidades entrou para o seminario e em 1809, recebeu as ordens sacerdotaes, cantando a sua primeira missa.

Logo a seguir, vestindo a batina negra de baeta foi mandado para Guaratinguetá e logo a seguir para Parnahyba e depois para Campinas, onde alem de exercer os seus misteres pastoreiando as ovelhas do catholicismo, leccionou varias humanidades com o que suppria não só as suas parcas pre-

cisões, mas também mantinha sua irmã, mais nova, Dona Maria Justina, então com pouco mais de uma vintena de annos.

Nessa época já Napoleão havia tido Waterloo e com fragor despencado para Sta. Helena.

As notícias eram recebidas em Itú, onde se achava Feijó, então com grande atrazo, de modo que só nos ultimos dias de 1815 se poude saber da queda do grande corso e da restauração dos Bourbons em França. Com isso ia se restaurar a politica do absolutismo que se exacerbaria mais tarde, com Carlos X, que havia sido conde do Artois durante todo esse tempo. Então, Maria I, a louca, fallecia em S. Christovam, em 1816, dando lugar a que o principe regente Dom João fosse elevado ao throno de Portugal, Brasil e Algarves com o nome de Dom João VI.

Feijó era profundamente liberal, tendo formado o seu character nas predicas do mestre Estanislaú José de Oliveira, esse que ainda ensinava humanidades na villa de S. Carlos, de modo que, todos esses eventos não podiam ser recebidos com satisfação, pelo então padre Diogo.

Toda a sua formação mental havia sido no sentido de reconhecer aos povos o direito de se dirigirem, ou de se inclinarem para o lado em que quizessem, pois o padre Feijó não podia deixar de reconhecer nas suas meditações que, o objectivo dos povos é a felicidade dos seus componentes, mas para a conquista dessa felicidade os meios são facultados a sua escolha. Não se pode, pois, sem usar de tyrannia inexplicavel, constranger um agrupamento humano a uma dependencia politica ou economica qualquer.

Feijó não podia deixar de reconhecer também, que o poder tem a sua origem na vontade popular e não por graça de Deus, segundo os absolutistas queriam fazer crer, antes que a Revolução francesa firmasse esse principio.

Elle havia lido o "Contracto social" de Rousseau o "Espírito das leis" de Montesquieu, bem como muitos escriptos de Voltaire, e de Condorcet e, varios discursos de Mirabeau, e com isso a sua consciencia se firmára, pois elle já tinha uma indole profundamente inclinada a receber esses dictames, desde que cursára na villa de S. Carlos, as aulas de Estansláu de Oliveira.

O povo deveria se dirigir. Sim, pois não era elle um humilde componente desse povo, sempre rebaixado, sempre ludibriado?

Porque essa aristocracia? Não pezava elle tão fortemente na economia popular?

Porque não eliminar esse corpo de parasitas da sociedade? Não viveria ella muito mais folgadamente sem esses sangue-sugas?

Emfim a Europa tinha aristocracias, que as mantivesse. Mas a America não precisava dellas. A situação do paiz era cada vez mais difficil.

Antes de 1808, quando a familia real dos Braganças haviam procurado um refugio contra a ira napoleonica, a situação era muito melhor para as provincias-colonias, pois então ellas tinham apenas Vice-rei. Depois, com a vinda da côrte lisboeta, tudo se centralizou muito mais, e a velha autonomia de que os paulistas gozavam, ficou cerceada na restricção que lhes obrigava a laços muito mais esticados. No tempo dos Capitães Generaes, no fim do seculo XVIII e mesmo no principio do XIX a situação era muito mais fol-

gada as provincias que tinham muito mais autonomia. Ah! Se Feijó fosse francez! Elle, por certo seria um Danton!

Os povoadores já não sentiam mais prisão sentimental, intellectual ou moral para com a metropole, que não se portava na altura da situação. O lusitanismo morria com a adaptação ao novo meio americano. Era uma patria nova que surgia. E' certa a lingua era a mesma que a, que se fallava em Portugal, mas tudo o mais evoluiu de modo differente! Sob o ponto de vista sentimental, não se via mais nenhum apego das populações actuaes a metropole. Os brasileiros já não sentiam mais o que lhes fizesse estremecer de amor a Portugal. Sim, porque a emigração havia os feito adaptar a um ambiente totalmente diverso do que lhes ficára da outra margem do Atlantico.

Porque amar a Portugal, se tudo de lá lhes era indifferente? Não mais se recordavam sequer da sua paisagem. Não tinham com os portuguezes então, senão laços de sangue muito remotos, de um parentesco que se perdia no neblinado passado.

Sob o ponto de vista economico só sabiam do elemento lusitano, que este lhes sugava o mais possivel, com impostos, derramas, dizimos, quintos, etc. Óra isso devia ter um fim!

As colonias hespanholas foram mais felizes, pois a metropole ficando ao lado de Napoleão havia se collocado contra a Inglaterra e portanto contra a denominadora dos mares.

Ficando contra a Inglaterra, Madrid teve as suas communições com os nucleos coloniaes americanos interrompidos. Estes, com as suas ad-

ministrações hespanholas, sem poder receber instrucções da Hespanha, se foram fazendo aos poucos independentes.

Portugal foi differente! Marialva e o conde de Barca nada conseguiram. O governo luso premido pelos canhões de Sydney Smith, se poz ao lado da Inglaterra, depois de tergiversações infundáveis e por fim embarcou para o Rio de Janeiro retardando assim um phenomeno da separação que deveria se dar muito mais cedo.

Mas se por um lado a sahida da Europa da familia real portugueza e da corte de Lisboa, veiu impedir por algum tempo a independencia das colonias da metropole portugueza, por outro, esse phenomeno fez exacerbar muito a animosidade existente entre reinóes e coloniaes, animosidade essa nascida e augmentada, consolidada e desenvolvida como um phenomeno natural a medida que as gerações se iam succedendo nas colonias com as suas ligações cortadas com a metropole e com a lusitanidade.

Foi um pareo bem disputado, esse da luta, cada vez mais intensa, entre reinóes e coloniaes. A animosidade e a odiosidade tomam vulto com o atricto. Se este não existir, não deve haver antagonismos e disputas, mas na proporção em que o atricto se avoluma, tambem augmenta a animadversão. Tanto mais, no caso concreto, que Portugal sempre se fizera odioso com as suas colonias, pelas taxações drasticas que fazia pezar sobre ellas. A principio fora do assucar do que os reinóes tiravam grande renda. Lisboa fora o maior centro de distribuição de assucar pelo Europa. Isso custava muito aos americanos. (Roberto Simonsen — "Hist. Economica do Brasil"),

Nessa época, é certo, havia muito elemento lusitano, de modo que as taxações não eram tanto de serem sentidas pelos productores. Mas quando o ouro fora descoberto, tivemos na historia diversas manifestações de regionalismo contra o espirito de lusitanidade. A guerra dos emboabas foi uma dellas. O espirito da terra se insurgia contra os dominadores, que de tudo queriam se apropriar. Então havia contra os paulistas, além dos elementos de outras capitánias, que haviam entrado nas Geraes pelo rio de S. Francisco arriba, e isso disfarçava a luta contra o espirito de lusitanidade, os governantes geraes, que lusos tudo faziam para proteger os seus conterraneos lusitanos, contra os americanos, que eram os paulistas.

A Inconfidencia mineira, não foi, senão uma nova manifestação regionalista, que a guerra dos emboabas e paulistas havia sido um prólogo. Era o espirito da terra, que se revoltava contra a exploração, á qual vinha sendo sujeita a terra americana. As taxações odiosas que a metropole impunha, fizeram com que os soberanos de Portugal fosse um socio comanditario, que não havia entrado com capital algum para as explorações auríferas. Ora isso era uma situação anormal, da qual phenomenos muito serios tinham que advir. E nem sequer Portugal aproveitou o ouro todo sahido do Brasil!

Em 1703 um tratado commercial chamado tratado de Methuen entre Portugal e a Inglaterra, o qual teve vigencia até 1836, fazia impossivel toda e qualquer industria em Portugal que deveria receber os productos industriaes das suas precisões da Inglaterra, que em troca offerencia certas vantagens alfandegarias aos vinhos portuguezes. (Ro-

berto Simonsen — loc. cit.). Ora, isso fez com a totalidade do ouro que ia das colonias americanas se escoasse para a Inglaterra, onde ia para a aquisição dos productos industriaes.

Com estes desatinos todos, os portuguezes haviam acerado a alma do povo das colonias, preparando um optimo caldo de cultura, onde se desenvolveria o germen do separatismo luso-brasileiro de uma forma sem precedentes.

Todos esses pensamentos evocadores, não podiam ser desfeitos pela medida, muito opportuna, tomada pelos dirigentes, de elevar o Brasil a cathegoria de reino unido a Portugal e Algarve, cousa que teve lugar em 1815. A providencia, com quanto muito sabia, vinha tardia. Se isso tivesse sido feito cincoenta annos antes, não teria deixado a situação chegar a esse ponto de antagonismo, entre os coloniaes e os metropolitanos. Então era tarde! Só uma separação completa podia se adaptar ao estado de facto, de grande acrimonia, entre os elementos reinóes e os desta parte do Atlantico.

“A situação havia chegado ao paroxysmo : um estado passional que uma verdadeira idiosincrasia se havia estabelecido entre o portuguez e o colonial. Foi então que teve voga a famosa quadrinha:

“Gallego pé de chumbo, calcanhar de frigideira
Quem te deu licensa para se casar com brasileira”

Qual a orientação a seguir pelos dirigentes, quando as partes de um paiz chegam a esta situação de alma?

A transigencia e a suavidade são as melhores armas dos intelligentes.

Com isso a única saída para essa situação era a separação.

Mas como Portugal e as colónias luso-americanas não estavam destinados a se completarem? Um não offerecia consumidores para os productos do outro? Então porque não havia entendimento? E' que Portugal não offerecia campo de consumo aos productos coloniaes, dado o fraco poder aquisitivo do povo, bem como as parcas necessidades de consumo do mesmo. As colónias, tambem com o seu fraquissimo poder aquisitivo e as necessidades apoucadas, em razão do seu atrasado estagio em civilisação, não podiam offerecer a Portugal um grande escoadouro para os seus productos.

Por outro lado, para que haja intercambio e consumo dos productos de uma e outra região e que estas se completem, sob o ponto de vista economico, se faz mister que haja grandes meios de communicação entre ellas, quer maritimas, fluviaes, quer rodoviarias ou ferroviarias. Infelizmente não era isso que se dava no caso concreto em apreço. As communicações entre as colónias e a metropole se faziam muito vagarosamente pela via maritima.

*
* * *

Eis que em 1817 arrebenta em Pernambuco uma insurreição, sob a chefia de Domingos José Martins. Era um aviso, pois a molestia se manifestava em começo. Não queriam as partes, ser apertadas em um circulo por demais fechado. Não

queriam as partes, se submeter a uma organização por demais rígida e sem elasticidade que do Rio de Janeiro, a corte longinqua e de difficilimo acesso, tudo dirigia.

A Historia é assim!

Uma manifestação de que uma causa muitas vezes importante está perturbando a organização, e assim é preciso ter visão para comprehender o mal e fazer o diagnostico com precisão.

A evolução de um povo, marcha por sendas predeterminadas, dependendo muito pouco da vontade dos actores.

Esse proprio arbitrio humano me parece não ser livre.

Sim, mas esse proprio arbitrio humano colectivo não estará sujeito a forças incoerciveis que o dirigem de modo a lhe supprir a liberdade?

Não ha duvida de que esse arbitrio existe. Os povos nas suas acções pela historia, movimentam-se, agitam-se, regridem nas escalas biologicas e sociaes, degeneram e se extinguem, dirigidos ás vezes pela propria vontade arbitral.

Nada se poderá objectar a essa verdade inconcussa. Mas, tambem, é bem certo e indiscutivel, que essa vontade, muito ao envez de ser livre, é muito de perto dirigida pelas forças de natureza physico-natural e social.

As raças se constituem da homogeneidade anthropologica (em theoria) nascendo do isolamento dos grupos humanos, separados por accidentes geographicos mais ou menos de difficil transposição, se diferenciando paulatinamente, quanto ao seu physico, na sua dermochromia, na sua morphologia anatomica, e na sua estructura phy-

siologica, quanto ao seu intellectual, nas modalidades que contornam a sua psychologia, quanto ao seu moral, etc.

A formação dessas raças está, pois, dependente do meio geographico com os seus accidentes, de transposição mais ou menos difficil, que torna maior ou menor o isolamento, bem como dos caracteristicos inherentes a esse meio geographico nos seus aspectos de climatologia, topographia, composição chimica do sólo, aspectos naturaes, etc.

Assim, pois, os grupos humanos, ficando á mercê desses differentes meios geographicos, vão aos poucos tomando diversas conformações uns dos outros, soffrendo a influencia dessas forças physicas e naturaes; cujas consequencias vão gerando outras e occasionando reacções de varias naturezas, de modo a formar um complexo formidavel de influencias moldadoras do homem na sua estructura anthropologica.

Naturalmente os mesmos phenomenos occorrem com a formação dos povos, que nada mais são do que agrupamentos humanos, formados de modo heterogeneo sob o ponto de vista ethnico. Productos, muitas vezes, das transposições daquelles accidentes geographicos, com superposições de raças, os povos reúnem varios troncos ethnicos na sua estrutura, com todos os seus respectivos attributos de ordem physica, physiologica, moral e intellectual. Além de submettidos esses povos ás forças presidentes á formação das raças, estão elles sujeitos, e bem intensamente, ás influencias decorrentes do meio social, que em reciprocidade reagem sobre as de outras naturezas, de tal modo a torna-

rem mais complexas ainda essas influencias dominadoras da vontade arbitral humana.

Procuremos exemplificar concretamente.

O mundo romano espalhará por larga zona na bacia do Mediterraneo os reflexos da civilisação, que por sua vez, pelas suas multiplas modalidades, amolecera os caracteres e afrouxara a tempera dos antigos legionarios do Lacio, corrompendo-lhes a bellicosidade e enfraquecendo-lhes as resistencias physicas.

Emquanto isso, o mundo barbaro, graças á grande fecundidade que adensava as populações germanicas, slavas e tartaras, ia se constituindo em formidavel ameaça, a ponto de, nos seculos IV e V, invadir o occidente europeu e materializar um dos maiores acontecimentos historicos mundiaes. Pergunta-se agora quaes as causas desses successos? A livre vontade arbitral dos actores desse palco gigantesco, ou a fatalidade guiada pelas forças physicas naturaes e sociaes?

A evidencia está a responder. A decadencia romana foi causada por um complexo de condições de ordem social acarretadas pela civilisação, em concomittancia com influencia de ordem natural. como a diminuição da natalidade occorrida não só em virtude de causas sociaes como tambem biologicas, causadas pela multidão heterogenea de raças as mais diversas.

O mesmo se applicará aos povos barbaros, cuja fecundidade estava a pedir novos campos de expansão. Só assim o nomade irriquieto, barbaro do norte pode vencer o sedentario civilizado mediterraneo. Não fossem essas causas apontadas, não teriamos os phenomenos historicos observados.

O resultado mais immediato dessas invasões, barbaras, na historia da civilização foi o retrocesso de mais de cinco seculos na civilização. O barbaro empederniu o intellecto humano, mais o fossilizando no mysticismo religioso, que foi beber ao encontro com as seitas christãs que do Oriente se deram sobre ás dezenas sobre aquella massa cahotica e convulsa, que durante cinco seculos se manteve em erupção bellica constante em toda a Europa occidental.

Dessa estagnação intellectual, dessa atrophia mental, resultado da symbiose da bellicosidade com o mysticismo ignorante, sortiram as cruzadas, capitulo fecundo de consequencias más na historia occidental, representando sangrias dolorosas nas populações masculinas da Europa. As cruzadas representam na historia o papel de selecções regressivas sob o ponto de vista physico, eliminando os seres mais fortes e audaciosos, mas foi por um outro lado optima selecção progressiva sob o ponto de vista intellectual, eliminando, naquellas perigrinações da morte nos areiaes palestinianos, os individuos mais mysticos e religiosos, mais ignorantes, e de raciocinio mais endurecido.

As cruzadas deram o grande golpe no feudalismo, porque enfraqueceram os barões, os duques, os condes e os grandes senhores cuja piedade ardente se casava com a bellicosidade de animo. Esses foram eliminados, com a poupança dos mais intelligentes, dos mais prudentes, dos mais humildes, dos mais modestos, cujo amor ás cousas de Deus não era tão forte que, desse para ouvir as plangentes lamurias do Eremita, e cujo ardor bellico não era tão alto que, os levasse a afrontar a

morte e as torturas da perigração dos Godofredos de Bulhão, dos Barbaroxas, dos Monferrates, ou dos Plantagenetas.

As cruzadas foram, pois, uma depuração rigorosa soffrida pela Europa.

Livre arbitrio humano? Não. Consequencia fatal das forças physico-naturaes e sociaes.

Grande banho purificador do intellecto europeu, as cruzadas não conseguiram, entretanto, matar de vez o feudalismo, mas abriram caminho para o advento triumphante do intellecto da Renascença. Esse capitulo, egualmente notavel e prehe de tantas mil consequencias no scenario da Europa occidental, foi surgindo com a agonia do feudalismo quando ainda na França os primeiros Valois iam implantando o centralismo vigoroso, pae da nacionalidade franceza, e sentinella avançada do absolutismo.

Mesmo então, porém, apesar do humanismo que fulgurava já, da Renascença que se annunciava, os monarcas não eram sinão uma serie de idiotas, mysticos, temerarios e bellicosos assassinos, nevropathas e tarados, productos morbidos de selecções consanguineas, de já degenerada ascendencia, fructos espurios de hereditariedade fatidica, como foram dom Pedro, o crú, dom João II, e dom Sebastião, em Portugal; Felipe 2.º, entre muitos outros na Hespanha, os ultimos Capetos e os primeiros Valois na França, etc., a orientar o leme das nações europeas, por entre perfidas, estereis e inuteis lutas, guerras, e competições infructiferas e sanguinolentas.

Assim, a Renascença foi a fatal reacção da intelligencia e do raciocinio.

Produzto sim do arbitrio humano, mas do arbitrio orientado pelas possibilidades que eram o espelho das influencias phisicas e naturaes alliadas ás de ordem eminentemente sociaes. Resultado, sim, do arbitrio humano, mas do arbitrio inconsciente e amarrado.

Como já disse, as cruzadas e as mil lutas medievas, com as dissidias feudaes, foram as forças saneadoras da bellicosidade trazida pelos *hereskönigs* germanicos, slavos e tartaros, da barbaria invasora, bem como daquelle mysticismo atrophizador das intelligencias e creador da ignorancia.

Só por esse saneamento selectivo foi possível o galgar do immenso degráu do progresso humano, o marco primeiro da historia da civilisação depois da quêda da cultura romana. As grandes descobertas e conquistas, os formidaveis impulsos scientificos, os novos conhecimentos de differentes naturezas, a Reforma, etc., com todos os grandes movimentos nas artes, e principalmente no que diz a liberdade de consciencia, etc., foram fructos inconcussos das selecções operadas com as guerras religiosas e as dissensões feudaes da idade média. Foram eclosões fataes do intellecto; foram realizações predeterminadas e incoerciveis, resultantes dessas forças phisicas e naturaes em estreita e reciproca combinação com as sociaes.

Após essa fulgurancia do genio humano dessa época aurea, e em consequencia della, campearam na Europa as dinastias absolutistas de monarcas e governantes, cuja vontade era o expoente dos povos. As oscillações da vontade dos governantes caminhavam os povos. Os Aviz e os Habsburgo, na Peninsula; os Valois e os Bourbons, na França,

acolytados pelos Richelieu, pelos Mazzarinos, pelos Fleurys; os Hohenzolerns na Prussia, os Tudors e os Stuarts na Inglaterra, etc.; — degenerados, avidos, ambiciosos, nevropathas, inconscientes, alguns; genios, intelligentes, benemeritos, outros, todos foram méros productos de hereditariedade. Distillando o alcool ingerido pelos seus maiores, pagando as culpas adulteras de seus antepassados, reflectindo as táras consanguineas de seus progenitores, ou representando uma ascendencia genial, materializando o indice eugenico de uma nobre estirpe, realisando o expoente da eficiencia, inconscientemente occasionada e accumulada, esses dirigentes das nações europeias, com o arbitrio das suas vontades inconscientes, e governadas pelas forças naturaes, sociaes, etc., orientaram a historia occidental pelos capitulos aparatosos, de que se enche todo o periodo moderno, e que se finda agonizante com a Revolução franceza, banhados no sangue morno de Luiz XVI.

Assim como esses governantes, foram os homens que pelas virtudes ou defeitos, em si elevados á mais alta potencia, conseguiram traçar fundo sulco da sua passagem na historia. Ignacio de Loyola, psyquicamente differente do nivel normal dos entes humanos do seu tempo (e elle assim o era, não por sua vontade, sinão por que representava uma hereditariedade tarada), com virtudes algumas desenvolvidas a mais e outras em atrophia, com defeitos alguns exacerbados e outros em embryão, tinha elle fatalmente que representar no palco da historia o papel relevante de protagonista memoravel de fundador da Companhia de Jesus, reunião de homens notaveis pelas modali-

dades especiaes das suas psychologias. Todos aquelles vultos formidaveis da aurea época, na conquista e navegação ibericas, taes como Vasco da Gama, Albuquerque, Colombo, João de Castro, Cabral, Caboto, Cortez, Pizarro, Almagro, Francisco de Almeida, Raposo Tavares, etc., foram expoentes inconscientes de eugenia accumulada, de efficiencia reunida, que em condições favoraveis e propicias produziram os estupendos resultados, que se observam ao se contemplar, perplexos, as descobertas e conquistas de mundos novos, mares muitos, e continentes varios.

Livre arbitrio humano?

Não. Predeterminismo evidente!

Aqui o burro de Buridan, ve-se bem, estaria predeterminado a comer ou a beber em primeiro lugar, conforme a necessidade physiologica a que fosse mais sensivel.

Todas essas circumstancias não podem deixar de cavar profunda e assignalada differença de varias ordens entre esses povos, differenças essas que não podem deixar de, por sua vez, reflectir luminosamente no scenario social de cada nação, como não podem deixar de forçar a orientação do leme da sua evolução politica.

Eis que cada povo está sujeito ás forças phisicas naturaes, em collaboração com as de ordem social.

Estudal-as em cada caso particular, analysal-as, esmiuçal-as, ordenal-as, dando a ellas as causas exactas, como verificando dellas as consequencias inilludiveis, é comprehender a historia, é enveredar pelo caminho certo da philosophia da historia. E' isso que pretendo fazer.

Depois de suffocada a insurreição republicana do Nordeste, no Campo de Ipojuca, Feijó montou em Itú um collegio internato, depois de haver fracassado no meio rural, com uma chacara que adquirira em Itú, onde explorava o fabrico de telhas e o cultivo de chá e de cereaes.

Decididamente elle não tinha feito para agricultor e para negociante!

Eis, porque ficou elle resolvido que seria professor! Fundou então o educandario, tendo reservado para si o ensino da philosophia, da logica e da moral.

Simplez, com uma vida morigerada Feijó, tinha muito poucas despesas. A preocupação d'elle era sempre a irmã, Dona Maria Justina, para quem voavam seus pensamentos e a quem elle não queria que nada faltasse. Homem rigido, de character dos mais firmes, Feijó era um dinamo de energia.

— “Ou nada digo ou sómente digo o que sinto. Não tenho duas caras. Venço pela força moral e sendo preciso pelo emprego das armas”.

E assim vencia Feijó, cuja tempera era rija, como provava a sua vida, os seus actos, que se perfilavam destacados em eminencia sobre a comunidade.

Foi por isso, que o povo logo comprehendeu que, Feijó deveria representar qualquer cousa mais importante, em beneficio da grandeza da sua gente. Já o renome ia caminheiro do grande padre, abarcando toda a velha provincia de S. Paulo. A sua figura se impunha pela franqueza das suas ideas, pela austeridade de seus principios, pelo seu decidido pendor pela causa separatista

do Brasil, que dia a dia ganhava terreno na alma ulcerada dos coloniaes, pelo seu amor a liberdade, pela sua energia descommunal, manifestada tantas vezes.

O ideal separatista brasileiro caminhava em grande ascensão. Dia a dia a consciencia dos coloniaes encontrava novos argumentos, contra a sujeição em que viviam aos metropolitanos.

Por outro lado, a reacção se fazia sentir com grande energia. Isso é sempre assim! Qual o povo que vive a sugar um outro, que o ve partir os laços da dependencia, sem oppor a maxima resistencia a esse seu acto?

Tem sido sempre assim! O exemplo da Inglaterra e das suas Treze Colonias da New England e da Virginia ainda estava de fresco!

Pois Portugal tirava muito mais das suas colonias do que ahi empregava! Como, ante essa situação, ir esperar que os portuguezes deixassem os coloniaes seguir a orientação que lhes aproovessem? Como ir admittir que elles, os metropolitanos não empregassem suas forças contra os coloniaes, que só queriam applicar em seu sólo o que elles produziam, sem ter a obrigação de repartir com os portuguezes os seus lucros? Dahi a força que Portugal, naturalmente fazia contra o espirito dos coloniaes que evoluia rapidamente para a independencia.

Em sociologia tambem ha a applicação do postulado de physica, que diz que, toda a acção em um sentido, gera uma reacção em sentido contrario, em igual intensidade.

Os portuguezes estavam irritados contra as colonias, desde que a Corte lisboeta havia atraves-

sado os mares. Com isso haviam perdido a capital, que se havia transmudado para aquem mar. A abertura dos portos coloniaes foi uma medida que exacerbou essa irritação dos portuguezes. Pois ella fez com que os productos exóticos pudessem fazer concorrência quasi sempre victoriosa aos productos congeneres portuguezes. Isso foi um golpe mortal nas vendas de cousas do Reino para as colonias. Eis porque, os portuguezes sentiram mais profundamente o golpe!

Elle feria a propria economia portugueza. Depois as colonias eram elevadas a cathegoria de Reino, perdendo a velha sujeição a Portugal!

Ellas se equiparavam a metropole. Isso era o cumulo!

O touro enfurecido, ainda era farpeado, de modo a lhe augmentar a irritação!

Ao par desse sentimento, que se transformava em odio aos coloniaes de alem Atlantico, tambem evoluia outro em paralelo. Era o nacionalismo portuguez, que se exacerbava. Desde as campanhas peninsulares de Wellington, contra os francezes, que o inglez Beresford tinha a regencia do governo em Portugal. Isso era insupportavel para o nacionalismo portuguez, exacerbado pelas victorias anglo-portuguezas. De facto, isso não podia dar aos portuguezes um balsamo, que lhes aliviasse as suas ulceras, sempre aviventadas com a persistencia da Corte e da familia real no Rio de Janeiro. Pois se a capital havia sido transladada para alem-mar devido ao inimigo francez, cessada a causa, deveria o effeito tambem desaparecer. Mas via-se que não deveria ter applicação o brocardo latino já estafado mas sempre a

ensinar cousas novas. Não era vigente para o caso o "*Sublata causa tolitur effectus*" que então não deveria ter lugar. Pois não havia cessado o perigo francez? Então porque persistia a capital no Rio de Janeiro? Porque continuava a "*capitis diminutio*".

E depois porque não tinha Portugal ainda uma constituição escripta, em que todas as conquistas liberaes da revolução franceza estivessem contidas? Todas as demais nações já tinham esse estatuto basico. Porque Portugal fazia excepção a isso? Urgia remediar esse mal e terminar com o absolutismo em que vivia a casa de Bragança.

A todos esses males, a defficiencia attribuiam os portuguezes o atrazo do paiz, bem como os seus repetidos infortunios.

Foi por isso que, a 24 de Agosto de 1820, estourou o movimento em Portugal, o qual foi victorioso e chegando ás colonias deste lado do Atlantico ellas se agitaram no sentido de que, Dom João VI se conformasse com uma constituição que devia ser jurada.

Foi a seguir a isso que Feijó foi enviado a Lisboa como deputado ás cortes que se reuniam em 1821.

CAPITULO IV

DANIEL NA COVA DOS LEÕES

Feijó fora eleito representante da provincia de S. Paulo, nas cortes de Lisbôa.

Era bem o "*The right man in the right place*". Feijó com o seu feitio marcado, o seu character bronzeo, a sua energia mascula, a sua franquesa rude, a sua honestidade incorruptivel, a sua coragem civica e mesmo physica, porque Feijó possuia musculos bem cuidados e desenvolvidos, acima da normalidade, era indiscutivelmente o homem que deveria ser enviado ao novel parlamento luso, para ahi representar os interesses coloniaes.

Feijó era profundamente paulista, senhor dos mais reconditos escaninhos a respeito do passado piratiningano, ao qual se devotára com enthusiasmo.

Elle pregava abertamente o separatismo das colonias.

Ardoroso como era, energico como marcava o seu perfil, indomito e arrojado como era da sua figura moral e physica, Feijó era um verdadeiro vulcão vivo a despejar a lava candente de uma sinceridade impetuosa e de uma allucinada cha-

ma que se despendia vigorosa, de seu cerebro sempre em ebulição.

— Que respondam os meus argumentos dentro da logica. Eu respeitarei a argumentação razoavel e honesta, que queiram offerecer, me contradictando.

— Mas reverendo, dizia um ventruado reinol, é uma loucura se pensar em separar as colonias da metropole. Então quem consumirá o que as colonias produzem?

— Eu já disse milhares de vezes sr. Manoel Pinto da Rocha, que o commercio que entretemos com Portugal é muito pequeno, para justificar uma sujeição tamanha. Elles, os reinões consomem de colonial muito pouco. Se porventura aparece mais, é que tudo quanto vendemos ao mundo tem que passar por Lisboa.

— Mas já temos com a metropole uma mentalidade commum, afinada em um secular passado commum. Os nossos antepassados são os mesmos, que os dos coloniaes. Tudo nos aconselha a nos conservar unidos.

— Isso tudo não invalida a minha argumentação, que continúa indestruida. As colonias anglo-americanas, tinham tudo isso para com a metropole ingleza e se separaram; o mesmo se deu com as colonias hespanholas.

— Mas o que será de Portugal, sem as colonias de alem-mar?

— Que nos importa isso? Teremos, porventura, sr. Manoel que ser os guardiões de Portugal eternamente? O que nos interessaria isso?

— Mas as colonias desunidas de Portugal serão facilmente abocanhadas por qualquer outra nação imperialista. Lembrem-se, os srs. coloniaes das guerras hollandezas.

— Óra, sr. Manoel, Portugal, em nada nos garantiria contra a cubiça de quem quer que seja!

Tão fraco é Portugal militar e navalmente que se formos separados seremos mais fortes.

Faz bem em recordar o meu caro amigo das guerras hollandezas.

Portugal, só nos serviu de entrave. Foram os pernambucanos, os parahybanos, os bahianos, os coloniaes emfim, unicamente, que puzeram para fóra os intrusos flamengos.

Os portuguezes não queriam a guerra contra os hollandezes.

O padre Antonio Vieira que na occasião dirigia a politica externa de Portugal, chegou a propor a Dom João IV o famoso "*papel forte*", pelo qual seria abandonado ao invasor hollandez todo o territorio do nordeste até o rio de S. Francisco.

Se não fosse o ardor guerreiro do colonial nordestino, que teimou em se conservar portuguez, o rei covarde que foi Dom João IV teria sacrificado essa enorme area de terras aos flamengos. Os portuguezes diziam que, se com a Hespanha não se pode expulsar os hollandezes, então contra a Hespanha e contra a Hollanda, nada se faria.

Pois bem, os coloniaes conseguiram isso que o padre Vieira, achava impossível.

— Então, se não fosse a Inglaterra de Cromwell haver feito a guerra a Hollanda, lhes declarando encarniçadamente em 1651 uma luta na-

val, a qual perdurou até 1655 e só cessou depois que a Hollanda ficou enfraquecida com a batalha naval perdida de Dover, ganha pelo almirante Blake e com a morte de Tromp, os flamengos jamais seriam expellidos do Brasil.

— Não ha duvidas que isso teria influido, pois ficaram cortadas as communicações maritimas entre a metropole hollandeza e o nordeste, mas tambem é preciso se convir que, quando a Hollanda entrou em luta contra a Inglaterra de Cromwell, já os flamengos haviam começado a soffrer derrotas esmagadoras como as batalhas dos Guararapes, das Tabocas e da Casa Forte.

— Mas os senhores coloniaes querem formar um paiz pendente, mas não se lembram que sobre o Equador não ha nenhum paiz livre no mundo inteiro.

— Queremos a liberdade! E' justo!

A athmosphera persistia cada vez mais carregada contra os reinões, principalmente no Rio de Janeiro, onde havia mais contacto com o metropolitano.

Em S. Paulo, sem embargo da governança exercer grande pressão sobre a opinião publica, a ponto de fazer deflagrar o famoso movimento de rebeldia chamado bernarda de Francisco Ignacio, o partido da Independencia se tornava cada vez mais forte e homogeneo.

Nesse tempo, já haviam seguido para Lisboa os deputados por S. Paulo, que eram Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro, José Ricardo

da Costa Aguiar de Andrada, Francisco de Paula Souza e Mello, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Padre Diogo Antonio Feijó e Antonio Manoel da Silva Bueno, além dos supplentes.

Em Portugal o ambiente também estava incendiado. (1) Os lusos não se conformavam com a independência das colônias.

Sempre fôra assim!

Quando Portugal em 1640 se fizera separado da Hespanha houve também o mesmo sentimento de reacção por parte dos hespanhóes contra o duque de Bragança, que havia tido tanta audácia, mas então a Hespanha estava occupada com a Guerra dos Trinta Annos, contra a França, e com uma revolta na Catalunha, e por isso nada pôde fazer.

As colônias anglo-americanas, tiveram de porfiar em tremenda guerra de independência contra a Inglaterra. Ainda estão reboando os estrondos formidáveis das rendições de Yorktown, etc.!

(1) Foi então que Feijó levou consigo fazendo se matricular na Universidade de Coimbra, onde se formou o jovem paulista João Tibiriçá de Piratininga, que se ligou pelo matrimonio em 1828 ao voltar de Coimbra com D. Maria Antonia de Camargo, senhora de grandes cabedões. Esse Tibiriçá de Piratininga foi o pae de outro de igual nome, dos mais ardorosos e efficientes propagandistas da Republica e signatario do manifesto republicano de Itú. Este foi o pae do dr. Jorge Tibiriçá que foi presidente de S. Paulo e genro do Conde de Parnahyba.

Feijó sempre fora o director da carreira desse primeiro Tibiriçá de Piratininga, que por esse motivo além de outros fora um liberal de grande respeito em S. Paulo e nomeada fôra das nossas lindes.

As colonias hispano-americanas também tiveram de lutar encarniçadamente pela Independência.

As colonias luso-americanas lutariam também.

A representação paulista nessas cortes portuguesas iria soffrer muito!

Ella iria enfrentar as feras no proprio fojo!

Seriam como Daniel na cova dos leões! Mas os leões que Feijó iria enfrentar eram mais temíveis, porque eram leões humanos!

Mas elle não se intimidara. Recebido com hostilidade manifesta, logo respondera a altura.

* * *

Logo que, chegado a Portugal, Feijó com seus companheiros se hospedou em uma quinta dos arredores de Lisboa. Elle ahí tinha todo o conforto, mas soffria tremenda nostalgia de S. Paulo. Elle evocava os quadros, que havia deixado na sua milagrosa Piratininga, onde lhe ficara a alma. Era o Tieté que outrora fora Anhemby! Era o Pacaembú, o Sumaré, o Anhangabalú, era o Jaraguá, naquella azulada theoria de morros a enfeichar os horizontes do villarejo niveo do casario da Paulicea, essa moldura escura que impede o contacto do verde dos arvoredos e do varzedo dos mansos valados piratininganos, com o azul claro de um firmamento diaphano. Esse Jaraguá, que era o idolo dos paulistas!

Mas não era só S. Paulo, o seu berço que lhe embalava os sonhos. Elle sentia saudades de Itú, onde deixara tantas amizades, de S. Carlos que envelhecendo iria se fazer Campinas! Tudo isso,

em breve, seria livre! Nesse sentido todos os seus esforços não seriam poupados!

Os deputados coloniaes compareceram aos trabalhos da assembléa, mas logo comprehenderam a atmosphera que havia contra elles. Eram insultos, apodos, doestos, atirados contro os deputados brasileiros, constituindo um rosario de hostilidade que diagnosticavam um estado morbido dos metropolitanos em relação aos coloniaes, servindo elles de para-raios de todas as odiosidades, que como procellas se desencadeavam covardemente sobre elles. Assim não seria possível a continuidade do exercicio do mandato.

Ficou deliberado pois, entre a representação ultramarina o não comparecimento ás sessões dessas cortes que se tumultuavam. Os deputados bahianos e paulistas representaram ás cortes nesse sentido, não sendo attendidas, pois que só a impossibilidade physica poderia justificar o não comparecimento. Antonio Carlos quiz renunciar ao mandato, deante dessa evidente coacção que dia a dia mais se avolumava. As cortes resolveram que "não era licito ao representante da nação renunciar o mandato". Deante disso, os coloniaes resolveram affrontar a tempestade. De que coragem moral immensa tinham elles que se revestir para chegar a essa resolução!

Foram ao Parlamento, e nesse dia Feijó, o padre intemerato, atacou o touro pelos chifres com o seguinte discurso, apresentando a seguinte indicação, que são verdadeiros tiros de bombarda jogados a essa Assembléa de fanaticos lusos. Daniel

provocava as feras na sua cova. Era um desafio imprudente, jogado as faces dos leões enlouquecidos, por uma estreita visão dos successos, que se desenrolavam deformados aos olhos desses portuguezes:

O sr. Feijó: — Sr. Presidente, he a primeira vez que tenho a honra de fallar nesta Assembléa, não porque me faltassem desejos, nem que obstasse o meu natural acanhamento que dia que tomei assento neste Congresso, notei nelle opiniões diametralmente oppostas as minhas, e ás de minha Provincia, e talvez de todo o Brasil. Acresce ser poucos dias depois chamado a ordem um dos meus companheiros, por querer desenvolver principios alguma cousa analoga aos meus. Em consequencia disto fiz uma indicação, na qual pedia que o Congresso resolvesse certos quisitos que me serviriam de governo para o futuro; mas entregando-a ao sr. Secretario Felgueiras, este me assegurou que a não lia, porque necessariamente seria chamado a ordem, como por muito menos acontecera a um sr. deputado da Bahia; e se eu quizesse a lesse, mas que certamente seria chamado a ordem; com isto resolvi entregar-me ao silencio, e sómente dar o meu voto segundo a minha consciencia; visto que não tendo eu talento, energia, nem mesmo facilidade para exprimir-me, nem conceito publico, não podia esperar ser attendido. Novos successos ocorrerão, que obrigaram-me a retirar do Congresso; e para este fim dirigir ao mesmo uma representação, no dia 17. Mas se, para não vir, persuadi-me haverem circumstancias ponderosas, para tornar a vir, circumstancias de muito maior peso apparecerão; porquanto alguns senhores deputados, protestaram a face da nação, a do mundo inteiro que os

fundamentos da minha representação eram falsos, e como não pode haver maior vergonha para a nação que ter no numero de seus representantes, falsos, ou homens de má fé, cumpre-me hoje justificar-me a face da nação e do mundo inteiro. As minhas razões eram fortissimas para julgar compromettida a minha honra, e vida, a dignidade, e os interesses da minha provincia.

Não é só nas galerias, que temos sido insultados com epítetos vergonhosos, como sabem todos os que ali tem estado, pelas ruas, pelas praças, são os deputados do Brasil, e com especialidade os da minha provincia, tratados como bera se sabe, principalmente depois dos ultimos acontecimentos de S. Paulo, e Rio. Aqui mesmo no Congresso em nossas mãos se nos tem entregado impressos injuriosos as nossas pessoas, e provincias, sem que se tenha por isto dado a menor providencia, quando me consta que Sandoval fora perseguido, e com razão, porque atacara a um ou dois senhores deputados de Portugal. Todos os dias os periodicos estão apparecendo recheiados de injurias ao Brasil, os quaes apezar de serem capazes de incendiar o Brasil, já bem agitado, são contudo tolerados. Desgraçadamente não temos sido acreditados em nada relativamente ao estado, e espirito publico de nossas provincias, de que resulta que as medidas tomadas a seu respeito tornam-se-lhe prejudiciaes: somos suspeitos a muitos senhores deputados, entre os quaes se descobrem esta rivalidade, que torna maior a indignação contra nós. Como pois se podem chamar falsos esses motivos? Embora se digam insufficientes para o que eu pretendia, pois devo estar pela decisão do Congresso, a quem me sujeitei

por não poder ser juiz, e parte ao mesmo tempo; mas nunca falsos, pois não são argumentos, sim factos. Parece-me que pedia justiça que ao Congresso não estar pela minha representação, devia determinar que eu explicasse quaes eram essas circumstancias poderosas para formar seu juizo sobre ellas, e não attribuisse logo, como fizeram alguns Senhores Deputados, a rumores de galerias e medo. Hé verdade que muito extranhei a animosidade do povo chamar a ordem o meu companheiro de mistura com os senhores deputados: que elles o façam, está na ordem, mas o povo! Eu me persuado, que se conterão daqui em diante, pois tendo nós confiado seus poderes só lhes toca o de descer; e bem devem saber que a sua felicidade, e a nossa depende do respeito, e subordinação devida a seus representantes.

Não tive temor pelo successo na sessão passada; não porque eu não seja susceptivel de medo; já o tenho experimentado, e não duvido ainda experimentar; e bem longe de censurar, antes o julgo necessario, e concedido ao homem pelo autor da natureza para advertir dos males, e obrigar a evital-os. **O VALOR E A CORAGEM CONSISTEM EM VENCER O TEMOR, QUANDO CONVEM AFRONTAR PERIGOS:** Parece-me tambem que o terei quando chegar a occasião.

Não posso deixar de lamentar-me da pouca attenção que merecem as desgraças do Brasil. Com as primeiras noticias o Congresso, nomeou uma commissão e exigiu com urgencia o parecer; deu-se com brevidade, assignalou-se o dia para a discussão; mas por um incidente substituiu-se a esse parecer outro, a meu ver de consequencias perigo-

sas; tem se passado immenso tempo, as noticias todos os dias são mais terriveis; e nada se determina. Portanto se eu tenho liberdade, como se me assegura, se posso fallar com franquesa, peço licença para ler uma indicação que me parece ser a unica que convem para evitar as desgraças que ameaçam o Brasil.

— Leu a seguinte indicação:

“Nenhuma associação é justa, quando não tem por base a livre convenção dos associados: nenhuma sociedade hé verdadeira, quando não tem por fim as vantagens dos individuos que a compõe. Um homem não pode, não deve impor leis a outro homem: um povo não tem direito algum a obrigar outro povo a sujeitar-se ás suas instituições sociaes. O despotismo tem podido atropelar estas verdades, mas o sentimento dellas ainda não pode ser de uma vez suffocado no coração do homem. Hé porem da natureza das instituições politicas que dures emquanto convem a felicidade de todos. Este principio de eterna justiça na terra o ambicioso, emquanto povos livres não tem duvidado inseril-o em suas constituições, porque o não temem. Eis aqui o que justifica a revolução de 24 de Agosto, e que fará em toda a posteridade a gloria de seus emprehendedores. Mas quanto é fatal esse periodo! Homens reunidos por desejos e sentimentos, não mais pelos laços sociaes, que não existem, quanto é facil errarem na escolha, e tornando-se fracos pela divisão, virem a ser presa de um, ou muitos ambiciosos! Portugal animado daquella prudencia, que tanto o character usava, protesta não desligar-se dos mais portuguezes, e considera-se uma só nação com elles; e deste manifesto formam um artigo das bases da sua futura constituição.

Portugal, porem jamais quiz por este acto tornar vacilante sua sorte, e dependente da vontade alheia. Apenas seus habitantes reunidos em sentimentos: firme em sua resolução, estabelece sua representação, fundas bases de sua constituição, a jura sem demora e nada pode retardar a marcha angusta na organização do seu novo pacto social.

O Brasil ouviu o éco da liberdade, inveja a futura sorte de Portugal, e apesar dos obstaculos que prevê, apesar dos sacrificios em que entrar, e que mais ou menos soffre, rompe os laços da antiga e já forçada associação. Cada provincia de per si, em tempos diversos sem communicação, sem socorro, installa seu governo sobre as ruinas do antigo, elege seus representantes, os envia ao soberano Congresso Nacional para aqui organizar-se a Constituição, que para o futuro a deve reger, e obriga-se a obediencia do que pelos mesmos for sancionado. O Brasil teme, como Portugal, a divisão e seus terriveis effeitos: proclama a Constituição que fizeram as cortes de Portugal, porque recusa a ter parte nas cortes que El Rei lhe promette: Jura esta constituição tal qual fizeram as cortes, porque não quer sujeita-la á sancção real, e como então se pretendia: protesta-lhes obediencia porque quer, e deve por emquanto subtrahir-se a autoridade de El Rei; porque lhe convem tomar um ponto de apoio, que igualmente seja o centro da convenção.

Mas estes factos ligarão o Brasil a Portugal; sujeitarão-no á dura necessidade de uma obediencia passiva? A receber a lei que se lhe quizer dictar? Não sem duvida. Nações respeitaveis por suas forças e luzes tem ensinado aos povos até que ponto se extendem seus direitos, para que céga-mente se queirão hoje sujeitar a vontade alheia.

Cada provincia tem um governo tão legitimo como o foi aquelle que Portugal installou a 15 de Setembro. Ella o creou; só ella o pode mudar, até que a constituição organisada por seus Deputados de accordo com os de Portugal, determine e marque seu futuro destino.

Benemeritos da patria regularão nesta crise arriscada a marcha politica do Brazil: os povos a tudo assentirão, porque se lhes assegurava que tudo se fazia para sua felicidade. Chegou porem o tempo de tranquillidade, elles se unirão, elles nos elegerão, elles nos enviarão, não para receber a lei fundamental do seu futuro governo, mas para fazela. Será tudo isto um erro, mas he erro generalizado no Brasil, e que só a força poderá destruir: erro que o artigo 21 das Bazes autorizam, e de que Portugal primeiro lhe tem dado o exemplo.

Mas porque o Brazil as formulas das procurações dos Deputados de Portugal, bem como este tenha adoptado algumas de Hespanha; porque alguns de seus representantes tomarão assento nesta sala augusta, sujeitou-se a reconhecer a legitimidade da Constituição feita nestas Cortes, sem que para ella tenha concorrido a maioria dos votos dos seus Deputados? E ainda mesmo sem o consenso de um só. Esta idea he revoltante para o Brazil.

Cada provincia se cobriria de luto, quando vissem suas mesmas palavras tnhão trahido o seu coração: que sua boa fé lhe privara da liberdade porque tanto pugnára.

Soberano Congresso, o Brazil já sabe que a Constituição he o estabelecimento da ordem, da maneira por que um povo he governado; que he

a expressão da livre convenção; a base fundamental da sociedade entre homens livres.

Nós somos enviados para convencionarmos: só duas clausulas se nos tem marcado e mais se deixou ao nosso arbitrio: he portanto de necessidade, ou que assistaes ás nossas requisições, ou que rejeiteis a nossa associação. Nós ainda não somos Deputados da Nação, a qual cessou de existir desde o momento que rompeu o antigo pacto social. Não somos Deputados do Brazil, de quem em outro tempo faziamos uma parte immediata; porque cada provincia se governa hoje independente. Cada um he sómente deputado da provincia que o elegeu e que o enviou: he portanto necessario a pluralidade dos votos, não collectivamente de todos os Deputados, mas dos de cada provincia, pela qual lhe possa obrigar o que por elles for sancionado. Se concordarmos, se a Constituição se nos tornar commum, desde esse dia somos um só Estado, uma só Nação, e cada Deputado lhe pertencerá com igual direito ao da provincia que o elegeu.

Mas supponhamos por um momento que a Nação existe, e que todos nós indistinctamente somos Deputados della; e ainda assim poder-se-ha avançar que a vontade de uma metade pode obrigar outra a metade? A nação já decidiu, e quem mais o pode decidir? A natureza das convenções, os direitos do homem não exigem a unanimidade entre as partes que contractão? As bazes juradas julgão necessarios os votos de dois terços para alterar-se um só artigo constitucional. Constituições de povos civilizados, e que nos servem de modelo, apesar de duas Camaras e um VÉTO mais extenso, requerem mais dois terços de

votos para a validade de algumas deliberações, e para organizar-se uma Constituição inteira será bastante o voto da metade da Nação, e ainda sendo bastante quantos artigos haverá Constituição sancionados por mais de 90 votos uma vez que se não pode negar que a nossa representação excede a 180 Deputados.

Soberano Congresso, a Constituição regulará a criação das leis administrativas; mas quem ha de regular as leis fundamentaes? Todos nós, ou pelo menos a maioria muito assignalada que represente, e exprima de um modo não equívoco a vontade geral da Nação, mas nunca sómente alguns de nós. Não imitemos aos despotas que ambiciosos de commandar não podem ouvir as reclamações dos direitos do homem. O Brazil apresenta cada dia um prospecto mais triste: a lucta he só para salvar seus direitos, que julga violados: aproveitemos o momento, que talvez já escapa; não queiramos que o mundo inteiro nos taxe de insensíveis aos males da humanidade, que a posteridade nos acusase de abandonarmos um irmão; que ajudará sem duvida a affirmar nosso poder, nossa independencia e nossa gloria.

Proponho portanto como unico meio de fazer parar o progresso das desgraças, que ameaçam o Brazil, como a medida mais segura para consolidar a reunião da grande familia portugueza, e para dar ao mundo o irrefragavel testemunho de nossa prudencia, desinteresse e justiça.

- 1.º Que se declare, que o Congresso de Portugal, emquanto se não organisa a Cons-

- tituição, reconhece a independência de cada uma das províncias do Brazil.
- 2.º Que a Constituição obrigará somente aquella provincia cujos Deputados nella concordarem pela pluralidade de seus votos.
 - 3.º Que as cortes prestarão todo auxilio aquella provincia que se achar ameaçada de facções, sendo por ella requerido, com o fim sómente de a por na perfeita liberdade de escolher.
 - 4.º Que se declare ao governo, que se suspenda todos os provimentos e qualquer determinação a respeito do Brazil, excepto quando lhe for legitimamente requerido por alguma provincia.
 - 5.º Que os governos do Brazil, onde se acharem destacamentos de Portugal, os possam fazer retirar desde que assim o julgarem ser conveniente.

Diogo Antonio Feijó, Deputado de S. Paulo.
 (*Eugenio Egas* — “*Diogo Antonio Feijó*” — “*Documento*”, 82 a 85).

Esse discurso e essa indicação proferidos em tom pausado e calmo, em voz alta e bem eloquente foi o estouro de mil petardos da Assembléa fanática de lusitanismo exagerado.

Um bombardeio violento e subito não teria causado mais perplexidade!

A surpresa realisada pelo desafio, lançado assim tão magnificamente, por Feijó foi tal, que pa-

ralysou qualquer reacção immediata. Não sei como Feijó não foi despedaçado, in continenti, ao proferir a sua maravilhosa peça. Só mesmo o inesperado de seu gesto sublime teria o protegido contra a truculencia apaixonada daquelles que, parasitas dos coloniaes viam com a dor entumulada na alma se escapar a victima, que havia durante tanto tempo os alimentado.

A logica de Feijó era a mais transparente e irrespondível possível. Baseiava-se na estricta moral e os seus argumentos monolithicos serviriam para serem applicados a todos os casos em que povos exercessem a tyrannia oppressora, sobre outros que lhe estivessem sujeitos pela força e não pela vontade livre.

Esse discurso e essa indicação foram a verdadeira declaração da independencia dos coloniaes, proclamada mesmo aos olhos dos portuguezes, cinco mezes antes que, o fosse com theatralidade, pelo principe Dom Pedro, nas ribanceiras do Ipiranga. Nunca os coloniaes tributaram á memoria de quem assim agia a necessaria e correspondente gratidão ao que acabava de ser feito no recinto das Cortes de Lisboa. Com o seu acto, Feijó demonstrou não só a logica mais inexoravel e deixou patente a immoralidade que, representava a vontade de um povo, em permanecer ligado a outro, que tal não desejava, como tambem, fez valer perante os directos mandatarios do povo portuguez a reabilitação mais completa da coragem dos coloniaes.

Sim, porque não é demonstrar coragem, aquelle que no fragor tremendo de uma luta, no ardor irreflectido de uma pugna, comette qualquer acto de bravura. Isso pode ser levado em conta de febre

escaldante dos combates. Coragem fria e premeditada é refletidamente pegar o boi enfurecido pelos chifres, é ir desapaixonada e calculadamente afrontar a féra no proprio fôjo. Isso foi feito por Feijó, que exposto ás iras dos portuguezes da Assembléa e do populaço infrene, que açulado por uma imprensa irresponsavel e interessada havia attingido ao paroxysmo da fanatisação. O caso havia chegado para o povo lusitano ao mysticismo morbido de uma doença. Feijó com a sua palavra serena, com a sua eloquencia sobria e desataviada, a enfrentou, jogando em pleno buffo candente da féra offegante as razões dos coloniaes, amparadas na moral por uma logica irresistivel e com uma diaphana clareza, que se fazia transparente de um modo insophismavel. Eis a acção de Feijó na Independencia! Só esse discurso, vale por uma defesa!

Que sirva de exemplo a actitude rectilinea de Feijó e que sirvam de modelo as suas palvras, pois cauterisavam um caso doloroso e inexplicavel de continuação de uma união, em que uma das partes vivia a custa da outra, a qual por todos os motivos tinha interesses em se separar. De facto, só havia a lingua comunum entre as partes lusas do Atlantico. Nem um só argumento militava a favor da persistencia dessa união. Mas era preciso que alguém tivesse a coragem de proclamár isso, bem alto a face do mundo e esse alguém surgiu afinal e foi Feijó.

Duas entidades que viviam em antagonismo constante, separadas pela vastidão das distancias, difficilmente venciveis pelas parcas communicções, de differentes estagios em civilisação, em gráus de cultura e todas as mais necessidades que

fazem diversas as precisões de degráus sociaes diferentes. Não se affirma que os do Brasil fossem superiores ou inferiores. Elles eram differentes. Isso bastava.

Era preciso, porem, que, alguem fosse dizer aos oppressores da razão dos opprimidos em quere-rem se separar, e esse alguem foi Feijó.

CAPITULO V

FALMOUTH — RECIFE

Mas Feijó e seus companheiros de representação, não podiam evidentemente permanecer em Portugal com a evolução dos acontecimentos que se precipitavam em uma marcha rapidissima, depois do discurso de Feijó justificando a indicação que acima annotamos.

A situação modificava-se com tal rapidez, a ponto de constituirem as Cortes portuguezas, um tumulto permanente em que, os desaforos mais extremados, eram attirados ás faces dos representantes do povo. Foi ahi que, o espirito de resolução, de energia, de coragem civica, de integridade moral etc. de Feijó e de seus companheiros, mais se fizeram notar, bem amparados todos esses traços da sua psychologia, pelos seus companheiros de representação, que não regatearam apoio ao grande sacerdote, que S. Paulo enviara ás Cortes portuguezas.

Grave e sereno, impavido e extraordinariamente calmo Feijó, afrontava a procella com o seu vulto esguio de homem de estatura acima da mediana, com a sua sobresaca preta, muito bem tratada, debruada com golas de seda e os seus collarinhos rijos muito altos, talvez a exagerar na

altura o que preceituava a moda de então. Feijóahi dava a impressão de um recife pontegudo e fixo, em meio de um burbulhar fremente de fervilhante de paixões, que pareciam o escumar raivoso de um mar tempestuoso, ao encontro de um rochedo arestado mas imutavel, negro, luzidio, frio e indomavel, a lhe quebrar a furia.

O seu discurso e a sua proposição haviam assombrado as Cortes, que não podiam comprehender tanta audacia.

Como eu disse acima, era a independencia das colonias, que como um pano rubro desvendado aos olhos do touro enfurecido, Feijó desdobrava fleugmatica e valentemente aos olhos atonitos dos deputados portuguezes. Era a separação, a emancipação das colonias de além-mar, que Feijó offerecia no seu atrevidissimo discurso.

Os deputados portuguezes quizeram, a seguir, punir a rebeldia dos deputados de ultra-mar e principalmente a representação de S. Paulo a mais vizada pela vingança dos portuguezes.

Mas a causa da independencia ganhava terreno. Era impossivel se por cobro a corrida victoriosa em que ia. Os animos, como eu dizia acima, chegaram ao extremo, e no recinto das Cortes portuguezas eram pronunciadas palavras como estas:

- “A população do Brazil é inclinada a anarchia, porque se constitue de negros, mulatos, brancos creoulos, e brancos européus. E’ preciso contel-a pela força. Dizia afogueado um deputado portuguez.
- “Mostre-se ao Brazil, que não queremos avassalar como os antigos despotas, porem

contra os facciosos e rebeldes, mostre-se que ainda temos cães de fila que se o soltarmos hão de os trazer a obedecer as Cortes, ao rei e as autoridades constituídas no Brazil por aquellas e por este”.

A todas essas diatribes, bravatas, quixotadas e inverdades manifestas, a representação colonial teve de enfrentar. Era do dominio do conhecimento de todos que, a população de S. Paulo, não estava misturada com o africano, que só appareceu em maior escala, quando o café nesses primordios do oitocentismo começou a invadir o Oeste paulista. Antes disso, o paulista só tinha na ascendencia da sua população o europeu ou o indio. Seguramente 99 % da gente paulista era dessa estirpe. (Calogeras, “Politica exterior do Imperio”, vol. I e 293). Só por um espirito de covardia e de desamor a verdade, poderiam os deputados portuguezes afirmar isso. Quanto ás ameaças quixotescas, evidentemente, não passavam de bravatas sem fundo. Os deputados portuguezes sabiam melhor do que ninguem que, Portugal não estava em estado naval ou militar de as tornar effectivas.

A propria Inglaterra, com todo o seu formidavel potencial bellico, fora estrondosamente batida pelos coloniaes anglo-americanos. Imagine-se se Portugal, fosse cahir na pouca sabedoria de materialisar as bravatas queixotescas, que os Borges Carneiro e outros deputados portuguezes prometiam!

Por isso é que Antonio Carlos, dizia em aparte nessas Cortes de Lisboa em resposta ás ameaças de Borges Carneiro:

— “Declaro que o Brazil não está em estado de temer as fatuas ameaças com que o pretendeu intimidar o sr. Borges Carneiro. Para cães de fila ha lá em abundancia páu, ferro, e bala”.

Por isso é que Feijó podia proclamar:

— “Só obrigado, violentado e arrastado, jurei a Constituição portugueza!...” E não a jurou. (Eugenio Egas “loc. cit. “Documentos”).

Amanhecia em Lisboa o dia 6 de Outubro de 1822. Os sinos dos templos dobravam enfurecidamente as matinas, cujos accordes maviosos enchiam o ambiente escuro e mal cheiroso das vielas e ruas estreitas da capital alfacinha. O sol já surgia, morno dos lados hespanhões de Santarem e o frio que começava a enregelar os pincaros das serras ao longe, já se fazia sentir.

Uma dezena de vultos escuros, mettidos nas suas sobrecasacas de casemira debruada, passavam embuçados em capas amplas, pelo caes de embarque a ribanceira do Téjo, que barrento e esverdinhado corria mansamente para o mar.

Eram os deputados ultramarinos ás cortes portuguezas, que iam em demanda ao navio, que os devia conduzir a Inglaterra. Elles não haviam podido continuar no ambiente bellicoso das Cortes, que se haviam transformado em redondel medieval, taes eram as scenas e as injurias que voavam contra os representantes dos coloniaes. Com isso, uma só resolução se impunha. Era a volta

dos representantes, sem haverem podido desempenhar, até ao fim, os respectivos mandatos. Nessa ocasião já a independência havia sido proclamada por Pedro I, nas margens do Ipiranga, mas a notícia levada por navio, movido a vélas, demorava no mínimo 40 dias para chegar do outro lado do Atlantico.

O povo não havia, ainda, notado a saída dos representantes de além-mar e a sua marcha para o embarque. Dahi este se ter podido effectuar com certa tranquillidade, mas quando a população de Lisboa teve conhecimento dos successos, não mais conteve o seu impeto em acometter pelas costas os representantes do povo colonial. Os maiores improperios não foram poupados, mas então já o brigue, que levava os deputados ultramarinos, ia longe cingrando as aguas lamacentas do Têjo, sob a protecção da flamula gloriosa das cruces entrelaçadas de S. Jorge, Sto. André e S. Patricio. A Inglaterra liberal de Canning já sobrepunha a esses valentes coloniaes a sombra da sua protecção.

Na amurada do brigue, Feijó seguia com os olhos fitos no Atlantico já não tenebroso, mas sempre immenso, que se agigantava a sua frente. Lá estava, á saída do Têjo, a velha torre de Belem, toda de pedra, a lhe lembrar que, esta testemunha muda, amainelada á gothico, nesse estylo manuelino, que fora a manifestação do ultimo periodo do ogival, quando a humanidade timida queria penetrar nessa esplendorosa Renascença, assistira a partida de seus antepassados ibericos, os povoadores primiévos de S. Vicente.

Oh! Quanta recordação trazia a Feijó aquella boca hiante do Têjo, frente ao infinito neblina-

do do Atlantico! Elle fechava os olhos e via na sua imaginação as figuras de seus maiores que haviam edificado uma patria distante, essa que o havia mandado ás Cortes portuguezas defender os seus direitos e interesses!

Mas a população de Lisboa, logo que teve noticias dos sucessos de alem-mar, em que o principe se transformou em Imperador, obedecendo áquellas palavras de seu pae o rei de Portugal:

“Pedro, o Brazil muito em breve se separará de Portugal. Toma para ti a coroa, antes que algum aventureiro lance mão della”, prorompeu indignada em insultos attirados a esmo, contra o Principe, a quem chamavam de traidor e de brasileiro, e principalmente contra os Deputados coloniaes que se haviam ido.

Tarde de mais!...

Isso fazia lembrar a entrada de Junot em Lisboa, não encontrando a familia real portugueza, que havia embarcado nas vesperas para alem-mar.

Os Deputados coloniaes, chegaram a Falmouth e dessa pequena cidadezinha do Cornwall, á sombra da torre musgada de Pendennis, dirigiram ao mundo o seguinte manifesto:

“Os abaixo assignados, querendo prevenir qualquer suspeita alheia da verdade, que possa occasionar a sua inesperada retirada de Lisboa, declaram a Nação Portugueza e ao mundo inteiro os motivos que os obrigarão a assim obrar.

Desde que tomarão pela defeza dos direitos e interesses de sua patria, do Brazil e da

Nação em geral infelizmente virão malogrados todos os seus esforços, e até avaliados estes como outros tantos attentados contra a mesma Nação.

O desprezo e as injurias andarão sempre de companhia á regeição de suas propostas; e, depois, de verem com dor de seus corações todos os dias meditar-se e por se em execução planos hostis, contra o Brazil, apesar de suas repetidas e vivas reclamações, se lhe offereceu para assignar e jurar a Constituição, aonde se encontrarão tantos artigos injuriosos e humilhantes ao seu paiz, e talvez nenhum só que possa, ainda de um modo indirecto, concorrer para o seu futuro posto que remota prosperidade.

Os abaixo assignados não podiam, sem merecer a excreção de seus concidadãos, sem ser atormentados dos eternos agulhões da consciencia, sem sujeitar-se á maldição de posteridade, subscrever e muito menos jurar uma tal constituição, feita como de proposito para exaltar e engrandecer Portugal á custa do Brasil; recusarão, portanto, fazel-o.

O odio e a indignação, já bem desenvolvida contra os deputados daquelle reino, cresceu a ponto, que seria a maior das imprudencias, e mesmo uma criminosa temeridade, deixarem-se permanecer em Lisboa, aonde, sendo já inutil a sua assistencia, era inevitavel pelo menos o soffrimento de insultos da população, que se crê apoiada pelo governo e pelas cortes, as quaes nas expressões de alguns de seus deputados de maior considera-

ção tem dado não equivocas provas de resentimento e futuras deliberações, contrarias a inviolabilidade dos abaixo assignados e mesmo á liberdade civil de que goza qualquer cidadão em um Estado livre.

O Governo negou passaportes a um e a commissão dos poderes julgou inadmissivel a pretensão de outro que instava pelo regresso á sua patria, porque trez mezes de enfermidade chronica o tornavão impossibilitado para o exercicio do seu emprego, dado aquella pelo maior dos motivos o não haver este assignado a constituição, e ameaçando que devera sujeitar-se á sorte que esperavão os que se achavam em eguaes circumstancias.

Os abaixo assignados julgarão por outra parte que a commissão de que estavam encarregados estava terminada; elles podiam e devião dar contas dellas a seus constituintes, retirando-se para onde lhes foi possivel.

Pela exposição circumstanciada que farão á sua patria dos differentes acontecimentos, durante o tempo da sua missão, o universo inteiro em sua imparcialidade julgará do merecimento da sua conducta; e os seus concidadãos, inteirados daquelles successos, prevendo sem difficuldade a sorte que os espera, saberão que seus representantes nada mais podiam fazer em seu beneficio que offerecer-lhes o quadro fiel do passado e um esboço provavel do futuro.

Em Falmouth, 22 de Outubro de 1822.

Os deputados:

Cypriano José Barata de Almeida.
 Francisco Agostinho Gomes.
 José Lino Coutinho.
 Antonio Manoel da Silva Bueno.
 Diogo Antonio Feijó".

Pelo estylo, parece que, esse documento foi redigido por Feijó.

Onde estão os mais deputados da representação colonial?

Que foi feito de Vergueiro, de Antonio Carlos, de Aguiar de Andrada?

Vergueiro, não sahiu de Lisboa para Falmouth, nesse dia 6 de Outubro. Preferiu ir para o Porto.

Mas a ida dos signatarios para Falmouth, não equivalia a uma fuga, pois coragem já o haviam demonstrado nas cortes de Lisboa, principalmente Feijó, que com o seu discurso citado e a sua indicação havia ja attingido ao maximo da audacia e havia escripto o maior poema soberano da bravura civica. Feijó se havia mostrado heroico ao incrível, com a sua actuação nas cortes lisboetas, onde a sua voz tinha o effeito de bombardeios e o seu impeto, eram cargas de cavallaria de corceis desenfreiados.

O facto desses signatarios do manifesto de Falmouth terem se retirado para a Inglaterra, só significava que, a partida estava finda. Haviam cumprido a sua missão e de nada mais adeantava, para elles, o sacrificio de se entregarem ao morticinio da população amotinada ou passarem desapercebidos, o que teria sido difficil, e se refugia-

rem anonymamente na provincia, onde talvez buscassem uma segurança maior do que as que, abandonavam ao procurarem o embarque mesmo deante da cidade enfurecida.

De Falmouth os signatarios do manifesto citado, embarcaram para aquem-Atlantico, onde chegaram a 24 de Dezembro, aportando em Recife, de onde elles lançaram o seguinte manifesto:

“Retirando-nos de Lisboa, onde estavamos comprometidos pela causa da Patria, chegamos a Falmouth, e ahi recebemos todo o acolhimento que era de esperar de um povo nobre, generoso e amigo da liberdade e da justiça; naquella cidade fizemos um manifesto, que por copia lhe enviamos, e a 8 de Novembro nos fizemos a véla para este porto em um brigue inglez.

O capitão fundeou em franquia na cidade de Funchal, ilha da Madeira, e onde foi a terra entregar certas cartas aos seus compatriotas.

Sabendo-se na ilha da nosas chegada áquelle porto, foi tal o tumulto do povo que o Governador mandou cercar o nosso brigue por escaler armado, e intentou arrancar-nos delle não obstante ser navio estrangeiro, de um porto inglez, não termos culpa formada, não pertencerinos mais ao Governo portuguez, e pela constituição daquelle mesmo povo não sermos responsaveis pelo nosso pro-

ceder nas cortes em que tínhamos sido deputados.

Convocou-se um conselho e nelle se decidiu que se devia retirar a guarda e deixar que o nosso navia seguisse o seu destino.

Devemos confessar perante o mundo, em signal do nosso reconhecimento e gratidão, em abono da verdade e rectidão a magnanimidade do povo inglez, que o Consul d'aquella nação veio logo a bordo significar-nos a sua magoa e desassocego pelo inaudito attentado que se premeditava, assegurando-nos que por honra da sua nação e amor da justiça empregaria aquella resistencia que estivesse em seu alcance, e que se ainda assim o resultado fosse funesto a Inglaterra não soffreria o ultrage do seu pavilhão.

Os senhores inglezes habitantes d'aquella cidade, e mesmo o Consul, vierão a bordo dar-nos os parabens de estarmos salvos do perigo, e fazer-nos os mais sinceros e obsequiosos offerecimentos.

Tanto devemos a essa nação generosa e magnanima!

A Providencia que vigia sobre a nossa sorte, nos conduziu sem o sabermos, por entre o bloqueio inimigo e este porto amigo.

Qual não foi a nossa satisfação quando encontramos um povo possuido dos mais elevados sentimentos de honra e de patriotismo, conservando no meio das paixões uma prudente moderação, que só sabe avaliar quem como nós o presencia.

Briosos e valentes pernambucanos! Nós vos declaramos o fim principal de tocar as vossas praias; sabeis; foi contar-vos com fidelidade o que em Portugal se machina contra vós, e igualmente sermos testemunhas do vosso estado politico.

Portugal, desde Outubro, trabalha com o derradeiro esforço por introduzir no Brazil pelo menos 4.000 homens, e nós conjecturamos que por todo o mez de Janeiro de abordar ás nossas praias.

Este passo nos será incommodo, mas será mil vezes mais funesto áquelle desgraçado e caprichoso reino.

Pernambuco e Alagoas, ou ambas as provincias juntamente, são o alvo desta expedição; o povo de Lisboa e os europeus para alli emigrados instão com furor para que se enviem tropas para estes pontos, afim de serem defendidas suas propriedades e seus compatriotas; para interessar mais o Governo elles pintam com negras cores, e até com atroz calumnia, os diarios insultos que se fazem aos europeus aqui residentes, e para facilitar a empreza tem tomado o ridiculo partido de descrever-nos como um povo insubordinado; elles asseguram que a vossa tropa é pequena, sem ordem nem disciplina; que os soldados commandam os officiaes, que o Governo é um phantasma, que nada pode senão vos obedecendo, que só a vista da tropa e aos primeiros impulsos dos soldados europeus correreis espavoridos ao centro das mattas, porque não sois outra coisa mais que um povo amotinado e faccioso.

Pernambucanos, eis aqui sómente a noticia que feria aos nossos corações.

Todo o mundo sabe que soldados sem a cega obediencia são animaes furiosos que a si mesmo se devorão, e que um povo sem Governo é a maior das desgraças.

Hoje, porém estamos certos do contrario; elegestes um Governo da vossa confiança; a elle sómente entregastes o regulamento da vossa conducta; tendes officiaes corajosos capazes de vos conduzir ao campo da gloria.

E' verdade que a suspeita e a paixão vos conduzem algumas vezes a medida que a prudencia reprova; mas ainda no meio destes excessos admiramos a vossa moderação, e estamos certos que vós mesmos nos momentos de calma conhecereis os funestos resultados de um proceder que as nossas circumstancias de suspeita tolerarão, mas que, repetido tornar-se-ha sem duvida a origem de nossa desgraça.

Na verdade Pernambuco é uma provincia de quem se pode esperar tudo; venhão embora nossos inimigos; soffreremos algum incommodo, mas elles serão infallivelmente rechaçados, e nossos prejuizos resarcidos sem que nos seja necessario demandar o Têjo; as provincias estão colligadas: não ha poder capaz de escravisar-nos: o nosso magnanimo defensor protesta que os portuguezes assenhorearem-se do Brazil, mas nunca dos Brasileiros; mas se elle estivera em Pernambuco diria talvez: "Virão os portuguezes ao Brasil, primeiro os seus corpos entulharão os nossos

portos para ao depois invadirem as nossas cidades”.

Permittão os céos que os nossos inimigos não consigão dividir-nos para enfraquecer-nos; nas convulsões politicas as desconfianças são necessarias; mas quando são temerarias e imprudentes tornão o povo voluvel e inconstante, acaba-se a força, reina a anarchia, perde-se a patria; os pernambucanos tem tido tempo para saber escolher; resta colher a fructa da sua mesma escolha pela cega obediencia ás autoridades por elles mesmos constituidas e esperar sem impaciencia pela nossa sabia constituição brasileira, que não tardará a vir sanar os nossos males.

Os européus emigrados do Brasil para Portugal, tendo-se envolvido nos nossos negocios politicos comprometteram-se a si e a seus compariotas; advogando ainda a sua causa tornarão-se cada vez mais nossos inimigos: e para tantas victimas innocentes não sejam sacrificadas no acto de alguma invasão, seria prudente que os senhores européus aqui residentes representassem ao governo de Portugal e ao de Madeira que jamais tomassem medidas hostis contra esta provincia, porque em lugar de os proteger excitarião o odio dos patriotas contra elles, e os arriscarião aos funestos effeitos da guerra civil; talvez este só passo puzesse em socego Pernambuco e salvasse os ditos senhores dos males que elles bem conhecem quanto estão imminentes se houver alguma invasão neste paiz.

Nós estamos persuadidos da innocencia de muitos que aqui residem; porem criticas

e apertadas circumstancias produzem quasi sempre extraordinarios successos, e se elles consultarem seus proprios interesses serão apressados em abraçar esta medida.

Eis os nossos sentimentos a respeito de uma provincia a quem tanto amamos, respeitamos e somos gratos pelo bom acolhimento que lhe temos merecido”.

Recife, 24 de Dezembro de 1822.

Cypriano José Barata de Almeida.
Antonio Manoel da Silva Bueno.
Francisco Agostinho Gomes.
Diogo Antonio Feijó.
José Lino Coutinho.

Portugal não reagiu como promettiam os loquazes deputados portuguezes e dá a entender esse manifesto de Recife.

A impotencia material fora as suas algemas no caso da independencia de suas colonias ultramarinas. Porisso elle se indignava e parecia espumar de raiva incontida. Ainda estavam bem frescos na memoria de todos, os desastres estrepitosos de Burgoyne, de Cornwallis e de outros, nas velhas 13 colonias anglo-americanas. Pois se a Inglaterra, tendo já um pé no Canadá, não poudes em 1775-1781, com os seus antigos colonos, commandados por Washington, como é que, Portugal uma nação, sem recursos podia tentar qualquer cousa, militar ou navalmente, contra suas antigas colonias? Sob o ponto de vista estrategico, alem de, já o ser sob o ponto de vista financeiro, tal empreitada era impossivel, mas os signatarios do manifesto supra, ainda estavam sob a influencia da athmosphera

allucinada de que haviam sahido. Elles vinham da fornalha! Elles tinham sahido da cova dos leões em furia! Éra natural que, ainda tivessem pruridos de desassocego a respeito de, Portugal se conformar com o que a fatalidade lhe impunha.

Outra cousa que, resalta não só dos manifestos citados, como tambem da atuação dos deputados coloniaes nas cortes é que o velho principio de descentralisação das provincias se mantinha em flutuação. Não estava esquecida a tradição das antigas capitánias, que antes de 1808 se entendiam directamente com Lisboa. Depois disso houve a centralisação no Rio de Janeiro, com o estabelecimento do governo reinol dos Braganças, o que muito contribuiu para que, houvesse a centralisação das antigas capitánias antes desacorrentadas. Procurou-se centrar no Rio de Janeiro o principio da governação, que antes estivera distribuido nas diversas governações regionaes.

Já a monarquia centralisada dos Braganças, havia provado os amargores de querer reter muito esticadas as redeas da centralisação. A luta de 1817 no Nordeste, não foi senão uma manifestação do espirito descentrico, que não se pode deixar comprimir. A organização de um paiz tem, por força, que, obedecer ao estado de facto. Se, porventura, isso não for feito temos as manifestações do estado pathologico, que se farão sentir, sempre em desordens, anarquias, rebeldias, conspirações, revoltas, bernardas, etc., que se perpetuam em estado febril constante para a organização social.

Felizmente a velha e sadia tradição colonial da descentralisação administrativa das capitánias, não fora esquecida.

E' certo não ha que duvidar que essas provincias se reuniam, em uma só nação, mas tal era o gráu de "self government" que ellas deveriam possuir, que seria preciso que Portugal nellas reconhecesse a autonomia individual de cada uma.

Assim, tambem foram as 13 colonias anglo-americanas. Ellas formavam unidades perfeitamente distinctas. Eram colonias, que se haviam colligado para attingir um objectivo commum. O mesmo acontecia ás colonias luso-americanas. Situadas em regiões as mais differentes, sob os aspectos geographicos ou economicos, compostas de gente de diversos niveis mentaes, educacionaes, moraes, raciaes, e em civilisação; não estando todos os agglomerados humanos no mesmo degráu de necessidades de consumo e portanto de standard de vida, ou no mesmo gráu de poder aquisitivo, porque uns eram mais opulentos de que outros, uns precisando de uma determinada politica aduaneira, para se desenvolver, outras tendo imperiosa necessidade de politica alfandegaria completamente opposta, uns tendo precisão de uma certa orientação financeira, outras já repellindo essa mesma orientação financeira, que sendo remedio "sine qua...", para alguns, era uma violenta toxina para outros, havia necessidade absoluta de certa elasticidade da governação administrativa de cada uma dessas agglomerações. Caso contrario, ellas se sentiriam e os resultados só poderiam ser funestos.

Ora como as agglomerações sociaes, chamadas provincias, se haviam formado das velhas capitánias, que haviam tido a historia commum, durante tres seculos, soffrendo através desse periodo de

tempo todas as vicissitudes e atropelos, era natural que ellas tivessem então mais apparencia do que o conjuncto dellas, que só tinham de conumum o idioma e a religião, sendo contrarios todos os mais liames para uma nacionalidade pujante e cohesa, como seria de se desejar.

Assim, no principio, éra a forma descentralisada a que havia sido reivindicada das cortes e mais poderes de Portugal. Talvez esse espirito de descentralisação haja caminhado centripetamente, mas talvez fosse um erro, porque essa força de união era justamente a que devia ser baseada na descentralisação administrativa.

CAPITULO VI

A FÉRA DESENJAULADA

Na historia do paiz, dois acontecimentos de nosso interesse occorreram, com a separação das colonias luso-americanas e dos quaes nos iremos occupar:

- a) A independencia do Uruguay;
- b) A questão do celibato clerical.

Estudemos methodicamente cada um desses eventos, que empolgou todas as attentões da nova nação.

O Uruguay constituia a evolução de um aggregado humano hispano-americano, estabelecido no baixo rio Uruguay, ao norte da foz do Prata, em frente a outro nucleo hispano-americano, denominado Buenos-Ayres.

Quando a Hespanha, obteve pelo tratado de Tordezilhas o seu quinhão americano, ficou a sua parte com as duas portas da America sulina: a bocca do Amazonas e a bocca do Prata.

Nessa partilha da America do Sul, pelo famoso tratado presidido pelo papa hespanhol Alexandre VI, Portugal não conseguiu ficar, a não ser com a

foz do rio de S. Francisco, o que não dava para, por elle penetrar pelo interior, porque logo a cem kilometros da sua foz, estava a cachoeira de Paulo Affonso, formidavel impecilho á penetração.

Os hespanhóes não se aproveitaram da bocca do Amazonas por onde poderiam ter penetrado com seus galeões até o Perú, colonizando não só as suas ribanceiras, como tambem as margens de seus afluentes, mas nunca se viu na superficie do planeta uma colonisação nas cercanias do Equador, de modo que, lhes ficando relativamente vedada pelo clima a entrada pelo Amazonas, elles só se aproveitaram da entrada ao sul, isto é pela bocca do Prata, colonizando a bacia dos Paraná-Paraguay-Uruguay. Por isso é que, abandonada pelos hespanhóes a bacia do Amazonas, foi ella uma preza facil aos portuguezes, que a incorporaram aos seus dominios, os quaes depois foram constituídos no Brasil.

Penetrando pelo Prata acima, os hespanóes, formaram no decorrer de tres seculos varios nucleos de colonisação, que se foram escalonando arriba, pelo Paraná, pelo Paraguay e pelo Uruguay. Com os sucessos européus, esses nucleos no inicio do oitocentismo, se emanciparam em paizes livres, que se chamaram: Paraguay, Corrientes, Entre Rios, Formosa, Sta. Fé, Buenos Ayres e Uruguay. A respeito do Uruguay, os lusos tentaram se assenhorear da margem norte do Prata, desde 1680 com Manoel Lobo, mas os hespanhóes conseguiram os levar para o norte, firmando no Jaguarão e no Quarahim as fronteiras entre a lusitanidade e a colonisação hispanica. Com o desenrolar dos acontecimentos e com a passagem dos tempos, esses nucleos primitivos, foram tomando vulto, a ponto de

irem-se formando em paizes de certa importancia. Como em astronomia se applica o principio newtoniano de que, os corpos se attrahem na razão directa das massas e inversa do quadrado das distancias, podemos tambem em sociologia fazer uma norma, que se observa na pratica.

Os nucleos de população se atraem na razão directa das similitudes ethnico-sociaes e das massas e inversa das distancias.

Foi assim que, os nucleos hespanhóes se foram desligando de Madrid e tendendo a se unir em um só estado.

Tratava-se de uma poeira de pequenos paizes, que eram nucleos de povoamentos desenvolvidos. Diversos fócios de attracção se fizeram sentir sobre elles, que tinham uma pequena massa. Ao norte o Imperio brasileiro, com sua massa enorme, mas com uma certa notoria disparidade sob os pontos de vista ethnicos e sociaes, alem de se situar a uma distancia relativamente grande. Ao noroeste, ainda o Paraguay, não deixou de tentar attrahir sobre si, como se fosse um astro rei, essa grande quantidade de satellites, que, como em uma via lactea, escalavam no espaço do baixo Paraná e do baixo Uruguay. Mas o Paraguay, estava em condições exactamente inversas do Imperio brasileiro. Quanto á massa, o Paraguay, só podia offerecer pequena, nesse jogo sideral, que se operava. A distancia ainda que diminuida pela navegação pelo Paraguay abaixo e ainda que menor que a do Imperio, não era sufficientemente curta, para fazer com que, o Paraguay pudesse levar a melhor nesse pareo. Quanto ás similitudes ethnicas e sociaes, entre as quaes o idioma, a religião e os costumes, o Paraguay apresentava grandes vantagens sobre o Im-

perio, augmentadas pela facilidade relativa de communicações fluviaes. Ao sul, os pequenos estados hispano-americanos, ainda orbitavam, sob a influencia attrahidora de Buenos Ayres, que os ameaçava engulir. Sob o aspecto distancia, Buenos Ayres se favorecia sobre os demais fócios de attracção, tendo enormes vantagens sobre os demais, ainda mais exacerbadas pela facilidade das communicações fluviaes em forma de tentaculos de polvo, as quaes punham este grande fóco central em ligação facil e barata, com os demais centros de povoamento hispano-americanos. Os demais nucleos de colonisação, que se haviam feito paizes livres hispano-americanos, a mesma respectiva de cada um delles, era tão pequena, que não dava para exercer uma grande força attrahidora.

Assim evoluia o micro-cosmos da bacia do Prata. Do equilibrio entre essas forças todas, que se chocavam divergentes, sahiu a evolução historica do estado de facto de cada um dos nucleos de povoamento hispano-americano. O Uruguay foi assim, levou oscilando em torno da orbita do Imperio brasileiro e da de Buenos Ayres, até que nenhuma dellas logrou vencer a outra, se annullando ambas e a resultantes do entrechoque das duas forças, sempre perturbada pela interferencia da do Paraguay, da de Entre Rios, e da Corrientes, sahiu a independencia desse nucleo sulino hispano-americano, com capital em Montevidéo.

Os luso-americanos fundaram Colonia, ao norte da foz do Prata, mas os hispano-americanos no decurso dos tempos, fizeram dessa região um nucleo hispano-americano, se estendendo para o Norte, a ponto de fazerem abranger na força hispano-americana, toda a região do baixo rio Uru-

guay, até ao Atlantico, incorporando-a ao vice-reinado do Prata, que em 1810 proclamou a sua separação, a qual se operou, jungida a região uruguaya a Buenos Ayres até que só em 1819 sob o protectorado de Artigas, essa região se separou de Buenos Ayres, passando a orbitar sob a influencia do Brasil. Estavam Buenos Ayres e o Brasil a disputar o Uruguay cada um a puxal-o para o seu lado, até que, em 1825 os brasileiros occupando Montevidéo soffreram o cerco feito pelos bueynarenses, estourando em 1826 uma revolução separatista que tinha por objectivo a constituição do Uruguay em uma nação soberana.

Em virtude disso, houve uma luta armada entre os brasileiros, que tinham por objectivo a continuação na região, que para elles tinha o nome de provincia Cisplatina e as forças de ambos os partidos se chocaram em guerra, da qual sobresahiu o encontro de Ituzaingó, ou Passo do Rosario que decidiu a contenda. Em virtude da luta ter resultado pouco, para o que esperava o Imperio, que se achava distante das suas bases de operações (1). De facto, para que o Imperio pudes-

(1) Esse encontro armado o mais sério dessa campanha da Cisplatina, foi um acto de tragedia, sanguinolento, interpolado no longo duello de manobras de Barbacena e Alvear.

Com a invasão da Cisplatina por Lavalleja, e com a inercia de Leer em Montevidéo, a Banda Oriental cahira por completo nas mãos inimigas, com excepção da faixa litoranea, protegida pelos canhões da esquadra brasileira, que Brown não conseguira varrer da fóz do Prata.

Assim Alvear concentrado com o exército nacional argentino, e com as forças uruguayas, na parte norte da Banda Oriental, reunia para mais dez mil homens.

Com esse exercito numeroso Alvear pretendia levar a guerra ao Rio de Grande do Sul. Seu objectivo declarado era a invasão

se manter uma guerra no Prata exigia esse facto, um esforço dez vezes maior do que, o dispendido pelos hispanos-americanos de Buenos-Ayres e das cercanias do rio Uruguay, de onde se ve muito

do territorio brasileiro, da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Emquanto isso, Barbacena se punha á frente do exercito brasileiro.

Eram apenas 4.296 homens.

Barbacena tinha por objectivo a defesa do territorio. Estava obrigado á estricta defensiva com esses magros recursos, e assim declarava elle ao Ministro da Guerra, o Conde de Lages: "*No estado em que me acho, serei reduzido á pura defensiva*". E que esses propositos de defensiva persistiram no animo do cabo de guerra brasileiro, está evidente no que mais tarde escreveu ao Ministro:

"Emquanto eu não tiver força igual á sua, ou não commetter o inimigo algum grande erro strategico, permanecerei em pura defensiva, attraíndo-o quanto puder para o interior, porque nesta direcção eu ficarei cada dia mais forte em gente, cavallos e munições, e elle mais fraco em todos estes elementos".

Logo o objectivo do commandante brasileiro era de defensiva estricta, de absoluta defesa, de resguardo do territorio apenas. Nada de offensivas, nada de ataques. Com tão magros recursos seria loucura pensar em tal.

Nem poderia ser outro o proposito de Barbacena, senão o de defender o territorio rio-grandense apenas, e se houvera pensado em offensiva por Entre Rios, e na expulsão dos argentinos para além rio Uruguay, foi na hypothese de lhe serem dados os elementos para que esse fim pedira, os quaes não foram aprestados.

Ao assumir o commando Barbacena, as forças brasileiras se achavam divididas em dois grupos. Um, o grosso, em St^a. Anna, de 4.296 homens como vimos, e o outro no Jaguarão e em Pelotas de 1.572 homens chefiados pelo Marechal Brown.

Barbacena impoz como objectivo immediato, a sua junção com essas forças de Brown.

Alvear que conhecia essa fragmentação das forças adversarias, tratou de impedir a junção dos dois grupos brasileiros,

concretamente, porque se applica bem o principio de que, os povos se attrahem na razão inversa das distancias e na directa das massas e das similitudes sociaes.

separados por tão grande distancia. Assim pensou em uma marcha entre dois grupos adversos, batendo-os cada um de per si.

Em Dezembro de 1826, Alvear inicia a sua marcha sobre o Rio Grande, partindo de Durazno, e subindo o Rio Negro. Pretende evidentemente, por uma marcha forçada, e ultra rapida, pelas margens desse rio, se collocar entre Barbacena e Brown, penetrar no Rio Grande por Bagé, Santa Tecla e o alto Camaquan, e batel-os separadamente, com todo aquelle "*sabor napoleónico*" de concepções. Alvear corre como um doido pelo Rio Negro arriba, tudo sacrificando para chegar antes da junção de Barbacena com Brown.

Assumindo o commando das forças brasileiras a 1.º de Janeiro de 1827, Barbacena se dá pressa em abandonar St.ª Anna do Livramento, aquella pessima localisação em que havia o General Rosado, seu velho professor, feito acampar o exercito. Marchando para leste Barbacena demandava o alto Camaquan, onde pretendia encontrar as forças de Brown. Inicia a marcha a 13 de Janeiro de 1827, e se cobre pelo flanco direito com o destacamento Barreto que elle, Barbacena fez marchar parallelamente pelo divisor do rio Negro com o Ibicuhy.

Ao mesmo tempo Barbacena expedía ordens á Brown de remontar o Jaguarão, protegido pelo flanco esquerdo, isto é, do lado do inimigo pela Brigada ligeira de Bento Gonçalves.

Assim as trez columnas das quaes duas brasileiras, e entre estas uma argentina corriam concentricamente em direcção a Bagé.

Sacrificando a sua cavallhada, Alvear nada poupa para chegar em tempo propicio de impedir a junção.

Voando com o seu exercito, Alvear logra chegar a 26 de Janeiro a Bagé, onde inexplicavelmente se detem, dando tempo a que Barbacena passando mais ao norte pelo Ibirámirim, protegido por Barreto que lhe faz uma cortina impenetravel aos olhos do inimigo, se encontre com Brown a 4 de Fevereiro no Lixiguana.

Alvear, inactivo e tonto, sem noticias, ludibriado pelas forças de Barreto, permanece em Bagé até 2 de Fevereiro, procedi-

Em virtude disso, o Imperio resolveu reconhecer a independencia do Uruguay, que sob o protectorado do Brasil, de Buenos Ayres e da Inglaterra, tomou o nome de Republica Cisplatina.

mento esse que não pôde deixar de ser fatal ao seu objectivo de impedir a junção. Alvear depois justifica a sua attitude pelos temporaes formidaveis que se desencadearam... o que se fosse verdade seria um impecilho para ambas as partes.

Assim a 4 de Fevereiro estava realisado o objectivo immediato de Barbacena.

Augmentaram-se sobremodo as suas forças; — foram os inimigos attrahidos para o interior e elle Barbacena attingira afinal uma região pedregosa e mui propicia para a utilização da sua superioridade em infantaria.

Fracassára Alvear na sua tentativa, e por isso Brandsen affirma:

“O inimigo logrou o seu objectivo e está em communição directa e perfeitamente livre com as divisões que espera e que estão marchando do Rio Grande e Porto Alegre.”

A 4 de Fevereiro quando as forças brasileiras se reuniam, Brandsen no Conselho reunido por Alvear em Bagé, pergunta se está afinal perdida toda a esperanza de impedir a reunião das forças de Barbacena, ao que recebe a resposta affirmativa.

Após esse successo de monta o Marechal brasileiro, por entre as fragas de alto Camaquan, reorganisa as suas forças, e confiante espera que o adversario ainda muito superior em numero o ataque.

Alvear que havia inexplicavelmente se mettido em Bagé, inactivo, resolve *“desistir por ahora, de todo plan de persecusion hasta despues de remontada la caballeria y de ocupar el territorio enemigo”*, como dizia Brandsen.

Assim toma a marcha para o norte, sobre S. Gabriel e o Ibicuhy com o fito de remontar a sua cavallaria, e de ocupar territorio inimigo.

Barbacena permanece na sua posição defensiva durante os dias 4, 5, 6, 7 e 8 de Fevereiro, e só depois de ter tido noticias de que Alvear sahindo de Bagé rumava o Norte, marchando sobre S. Gabriel e o Ibicuhy, sáe ao encalço do general argentino.

Nesse mesmo anno, Rosas, iniciava em Buenos Ayres a sua dictadura, que não foi outra cousa, senão a manifestação exacerbada de Buenos Ayres attrahir para si os demais nucleos hispano-ame-

Era aliás a unica resolução que competia a Barbacena tomar.

Embora com um effectivo de quasi a metade do seu inimigo, e com uma cavallaria que regulava por um terço da do exercito republicano, o Marquez de Barbacena não poderia permanecer inactivo no Camaquan, deixando que o inimigo tallasse o Oeste da Provincia. A sua missão era sempre a mesma: livrar o territorio da invasão inimiga.

A 12 de Fevereiro Alvear attingiu S. Gabriel, onde não se deteve, passando ao Cacequy, ahi deixando as suas impedimenta.

Barbacena se fazendo preceder por uma forte guarda avançada constituída pela Brigada ligeira de Bento Manoel Ribeiro, de quem recebia esclarecimentos colhidos no flanco direito inimigo, por sua entrada em S. Gabriel a 17 de Fevereiro.

Ahi recebe o commandante brasileiro communicado de Bento Manoel, de que Alvear, bruscamente mudando de direcção, para Sudoeste, iria atravessar o St.^a Maria pelo passo de S. Simão.

E' bem possivel então, que, haja cogitado Barbacena de atravessar o St.^a Maria mais acima polo Passo do Rosario e dar combate ao inimigo na outra margem, talvez se aproveitando de qualquer erro de Alvear, porque nas suas communicações com o Ministro da Guerra, o conde de Lages, nota-se então um grande optimismo:

"A derrota do inimigo", escrevia elle de S. Gabriel, no dia 17 ao ministro, "será certa e total, se eu conseguir alcançal-o. Para esse fim marcho amanhã (18) de madrugada pelo Passo do Rosario, deixando aqui, doentes, bagagens e munições de bocca. Tambem deixo algumas guerra, e farei quanto couber em minhas faculdades para dar um combate que terminará a guerra para sempre e cobrirá de gloria o exercito nacional."

Não sei em que justificar tamanho optimismo do chefe brasileiro.

ricanos da região dos rios Paraná-Paraguay e Uruguay.

Isso só, em parte, o futuro devia concretizar na Republica Argentina, della escapando entre-

Estaria elle na convicção de que Alvear se retirava, abandonando o territorio brasileiro, para a Banda Oriental? Não vejo elementos para essa convicção. Só o facto delle mudar a direcção da marcha para Sudoeste e se encaminhar pelo Passo de S. Simão em vez de passar o Ibicuihy pelo Passo do Umbú, não constitue base solida para essa convicção. O facto de Lavalleja estar na retaguarda tambem é indicio muito fraco para essa convicção que parece tão arraigada. Alvear, poderia com essa mudança de direcção buscar Alegrete. Lavalleja sempre foi o destacado com os seus orientaes para as posições arriscadas. Foi elle quem guardou o flanco na marcha sobre Bagé; — foi elle ainda quem abriu a marcha sobre o Ibiramirim. Nada se póde extranhar que Alvear o tenha destacado para proteger essa marcha para o Noroeste.

Alvear, porém, não passou pelo Passo de S. Simão, como estava seguro Bento Manoel; — volta-se mais para montante, em direcção do Rosario, talvez na esperanza de surprehender as forças brasileiras em flagrante delicto de travessia do rio.

Verifica-se que os dois chefes estavam na supposição vehemente de que o inimigo fugia á batalha. Cada um delles estava seguro de que o adversario evitava o encontro. E' evidente que Barbacena, bem poderia suppór isso, mas nunca Alvear que caminhava na frente. Se tivesse querido se bater, bastaria parar na sua marcha e os brasileiros o teria encontrado por força.

Seja, porém, como fôr, nessa emergencia a critica que merece o commandante brasileiro, reside no seguinte: Fez Bento Manoel, caminhar muito á frente do seu exercito, e principalmente muito á direita do inimigo de modo que quando teve necessidade de esclarecimentos, quando o inimigo virou da direcção S. Simão para Rosario, Barbacena não tinha nenhuma força esclarecedora entre o seu exercito e o inimigo.

Então Bento Manoel estava longe por demais e inactivo, sem nada adeantar, e Barbacena ficou cego do movimento inimigo sobre o Passo do Rosario.

tanto o Paraguay, que com Francia e os dois Lopez tentaram fazer o mesmo que, Rosas, isto é attrahindo os demais nucleos hispano-americanos, e o Uruguay, que em consequencia do tratado de

Alvear a 20 pela madrugada, attinge o St.^a Maria, no Passo do Rosario.

Barbacena ainda estava distante.

Alvear teve, porém, uma decepção, encontrando a região alagadiça dos banhados viziuhos do Passo do Rosario, cousa que o collocava em inferioridade deante dos brasileiros postados nas cochilhas fronteiras do divisor do Ituzaingó com o Cacequy.

Faz então as suas forças retrocederem, sobre as cochilhas, se defrontando, nas saugas do Barro Negro e do Areal com as tropas de Barbacena, formadas no lado opposto das saugas. Ahi trava-se o combate.

Do encontro propriamente dito, muitas descripções têm sido feitas.

Não quero incorrer em fastidiosas repetições. Apenas me quero referir a critica feita por Caxias, que censurou Barbacena, muito judiciosamente, por ter elle ali tomado a offensiva,

“quando deveria guardar a defensiva, esperando o inimigo na posição que foi obrigado a occupar, compellindo-o a deixar a em que vantajosamente se achava para vir a ataca-la. (Max Fleiuss).”

Esse foi um erro, talvez explicavel, pelo entusiasmo da tropa, o qual se communicára ao chefe. A parte official do Marechal Brown diz porém:

“Pela proximidade do inimigo e em consequencia de não ter sido avisado pela guarda avançada, quando esta o encontrou e estando em distancia de tiro de bala, não houve tempo para fazer outras disposições, que não fossem ataca-lo.”

Com a defensiva, Barbacena teria tido multiplas vantagens; — pois que não só ficaria guardando a vantagem da posição, como se aproveitaria da sua superioridade em infantaria, dando tempo a que Bento Manoel Ribeiro, qual Desaix em Marengo, chegasse a tempo de tomar parte decisiva na batalha.

Barbacena entretanto parece que foi precipitado. Não quiz aguardar esses acontecimentos.

1828 teve soberania, em uma republica unitaria, que se perpetua até os nossos dias, não soffrendo attracção do Brasil nem de Buenos Ayres, mas passando, ainda durante o seculo XIX por situações,

Após isso o combate consistiu syntheticamente em cargas da cavallaria argentina, que repetidas vezes é repellida com energia e superioridade. Callado chefiando a esquerda brasileira é nitidamente vencedor, mas Barreto e Bento Gonçalves a direita, não podem resistir ao numero e principalmente ao incendio da macéga que os envolve. Assim, nestas condições, Barbacena toma o alvitre de romper o combate mandando a retirada, que em completa ordem é feita sobre, o Jacuhy, enquanto que os argentinos e orientaes se retiram para Corrales na Banda Oriental. Lavalleja recebe de Alvear, então, ordem terminante que não siga os brasileiros, e Barreto acompanha observando de longe o exercito inimigo que transpõe a fronteira, se internando no Urúguay.

Não se sabe porque Bento Manoel Ribeiro, com tão importante fracção do exercito brasileiro, não correu a tomar parte na refrega ao ouvir o estrondo da artilharia. Foram 1.101 homens, que estiveram afastados da lucta sem se saber, porque. Quasi que isso valeu a vantagem adquirida com a junção de Barbacena com Brown. Não posso atinar com uma razão séria, que justifique o procedimento do intemerato chefe gaúcho, ao preferir o papel ingrato de Grouchy, á gloria com que se cobriu Desaix. Preferiu ser o Bazaine de Spicheren do que o Mac-Mahon de Magenta.

Esta questão tão preñhe de interesse tem encontrado os seus commentadores, cujas opiniões eu me limito a reproduzir em parte. O Visconde de Barbacena, filho do Marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes, o commandante brasileiro em Ituzaingó, assim se exprime sobre a conducta de Bento Manoel:

“O Coronel Bento Manoel preferio deixar perigar o exercito e não trazer o concurso de suas tropas para completar a victoria. Si o Marquez de Barbacena tivesse podido dispor da Brigada, de certo a ala direita reforçada teria alcançado inteiro triumpho. Todas as circumstancias estabelecem a irrecusavel prova de que Bento Manoel faltou intencionalmente á acção ferida em 20 de Fevereiro em Itu-

que o podiam ter levado a deixar de ser soberano, para integrar um grande paiz ibero-americano, em torno do Paraguay de Solano Lopez, que em 1864-1870 tentou realizar na bacia do Prata, o que

saingó. Homem bravo, afeito a lutar não faltou ao seu dever, aos seus naturaes instinctos, senão por um calculo injustificavel". (Max Fleiuss).

Seweloh, official distincto, que servia então de ajudante de ordens de Barbacena, assim diz:

"Bento Manoel tem de dar conta do seu inexplicavel comportamento."

Osorio que figurou valentemente na batalha assim diz:

"Fôra Bento Manoel quem pedira ao Marquez de Barbacena para sahir de observação ao inimigo, não devendo ter accedido a semelhante pedido; — que observar o inimigo 20 bastavam e que da imprudencia da satisfação do pedido resultou vir a fazer falta a brigada de Bento Manoel, na batalha de Ituzaingó."

Penso que o temperamento ardoroso de Bento Manoel exaggerou a sua missão caminhando muito na frente de Barbacena, e por demais á direita do inimigo, de modo que este tendo virado para esquerda deixou a Brigada de Bento Manoel muito longe para poder intervir...

A retirada de Alvear é outro ponto interessante a ser discutido.

Foi elle accusado acremente pelo seu governo. Não creio que elle, se tivesse tido meios, houvesse deixado os brasileiros livres de perseguição. A sua cavallada estava exhausta, os seus recursos haviam-se fundido, a sua gente estava estenuada.

Alvear se retirou porque temia uma nova acção em que viesse a tomar parte a brigada de Bento Manoel.

Quem venceu a batalha?

Não se deve perguntar, quem venceu a batalha do Passo do Rosario, mas sim quem foi o vencedor do duello entre Barbacena e Alvear, desde a 1.º de Janeiro, até o fracasso da primeira invasão do territorio riograndense.

Acho que a batalha do dia 20, pouca importancia representa, só de per si. Ella se resumiu em algumas cargas de cavallaria

Richelieu fizera, com fortuna, no seculo XVII em relação a França, Bismarck iria fazer na segunda metade do oitocentismo quanto a Allemanha e Cavour faria em relação á Italia, isto é, a unificação.

repellidas, em um incendio de macéga, e no furto de umas bandeiras, que não foram tomadas no campo da lucta, apesar disso figuram em Buenos Ayres como trophéos de Ituzaingó. Eis a synthese dessa batalha.

Para se conhecer bem desse duello, é necessario se acompanhar as operações antecedentes e as consequencias desse encontro do dia 20.

Só tendo em consideração todos os factores decorrentes desse estudo se poderá fazer idéa de quem haja levado a melhor nesse duello.

Depois de ter feito isso, eu penso que o encontro considerado sob o ponto de vista tactico, resultou indeciso.

O general argentino não soube ou não pôde tirar vantagem alguma desse combate, apesar de haverem sido os brasileiros os primeiros a se retirar.

Sob o ponto de vista estrategico, acho que Barbacena venceu a campanha. Isto me parece evidente. Realizou perfeitamente o seu objectivo estrategico. Com forças numericamente muito inferiores, de quasi a metade dos effectivos inimigos, mal preparadas, mal vestidas, mal alimentadas, faltas de recursos, defendeu o territorio patrio, livrando-o de inimigos.

Alvear que pretendia invadir o Rio Grande do Sul, não teve o seu objectivo satisfeito, porque se retirou desanimado para Corrales.

Se percorrermos a historia vemos uma infinidade de batalhas e de campanhas que se assemelham á do Passo do Rosario.

Não teriamos grande esforço, em mostrar a semelhança da campanha de Turenne na Alsacia para e expulsão dos Imperiaes, com os encontros successivos de Entzheim e de Turckheim. Frederico o Grande, se viu em situações muito peores do que Barbacena, sob o ponto de vista tactico depois de Kunersdorf, nem por isso deixou de vencer o duello com Solty Koff.

A campanha napoleonica de 1807, com a manobra de Pultusk, produziu ao Imperador francez resultados semelhantes aos obtidos por Alvear. Napoleão venceu, tacticamente mas, estrate-

Assim escapava da orbita luso-americana a chamada Republica Cisplatina, que no concerto sul-americano teve o nome de Banda Oriental.

O Brasil reconhecia a impossibilidade de manter a sua força nacional, tão longe, no Prata distante.

A deficiencia de communicações, a carencia de tudo o mais, fazia impossivel reter esse pedaço

gicamente, Benningsen frustrou a entrada do conquistador no solo russo.

O unico resultado obtido "*é que os russos repellidos sobre Ostrolenka são separados dos prussianos.*"

E se na campanha da Russia de 1812, fossemós procurar uma similitude, encontraríamos ainda Alvear na posição do Grande Corso depois da batalha de *Malo-Iaroslawetz*, batalha violenta e indecisa que iniciou a retirada dolorosa do Imperador francez.

Penso, porém que nenhum desses casos citados tem tanta identidade com a campanha de Ituzaingó, como a que, preludiou e foi consequencia da batalha de Valmy em 1792, em que os exercitos revolucionarios de Kellermann e de Dumouriez, fizeram-se retirar da França as forças alliadas prusso-austriacas de Brunswick e de Clerfayt. Por todos os motivos a campanha de Ituzaingó me parece uma recdição do que se deu em Valmy. Apenas uma differença se assignala. Valmy não tendo sido uma batalha, como diz o Coronel Colin, teve entretanto uma repercução historica formidavel, emquanto que Ituzaingó, apenas teria influido nos successos historicos posteriores.

A influencia politica da campanha do Passo do Rosario entretanto, foi de véras interessante, o que vem provar que muita razão me assiste ao affirmar que Barbacena venceu o duello travado com Alvear. Logo apoz os successos dessa campanha os argentinos a 24 de Maio 1827, assignam uma convenção pela qual *a Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata reconhece a independencia e integridade do imperio do Brasil e renuncia a todos os direitos que poderia pretender ao territorio da Provincia de Montevidéo, chamada Cisplatina; que o Imperador promete cuidar de regular com sumo esmero a dita Provincia do mesmo modo ou melhor ainda de que as outras do Imperio, e que a Ilha de Martim Garcia voltará ao statu quo ante bellum, retirando-se della as baterias e petrechos.*" (General Tasso Frago).

do territorio imperial, que tinha deante de si um imam poderoso da attracção bueno-ayrense, que tudo fazia para tirar essa região da orbita brasileira e chamal-a para girar no seu systema planetario hispano-americano, que tentava concentrar e que mais tarde no decorrer do seculo XIX teve lugar com a formação da Republica Argentina.

O Imperio, conseguindo evitar que o Uruguay, fosse englobado pela attracção de Buenos Ayres e mais tarde do Paraguay de Francia e dos Lopez, fez muito. Se não conseguiu fazer continuar incorporado no seu territorio esse importante nucleo de povoamento hispano-americano, tambem não deixou que, elle fosse englobado por Buenos Ayres ou pelo Paraguay.

Essa aventura no Prata, a qual empolgou os espiritos no Rio de Janeiro, porem não fez que houvesse desinteresse por outras questões que se debatiam no Legislativo.

Foi assim que, o caso de celibato clerical entreteve a opinião publica que muito se interessou por elle.

Feijó, em sendo uma verdadeira catapulta de fogo grego, homem dotado de grande energia, impetuoso como o fogo de um Vesuvio, firme como uma rocha estratificada milenarmente, corajoso como um Cyranno de Bergerac, solido como uma maquina de guerra, era tambem de uma delicadeza sentimental de uma sensitiva. Elle vibrava no mais intimo das suas cordas affectivas ao ser evocada no seu espirito, a sua irmã mais jovem, Maria Justina, que na occasião deveria ter seus 32 annos.

Feijó afrontava todas as tempestades, impavido corria todos os perigos, vencia como um jequitibá, frondoso e rijo todas as intemperies, como

vimos, mas conservara sempre a sua fraqueza, bem no amago de seu coração. Era o amor fraternal, que elle devotava a Maria Justina, afeição tanto mais de ser admirada, como sendo puríssima e sinceríssima.

Ao par desse traço profundo e marcado no perfil moral do grande padre, Feijó tinha um amargo resaiço da sua origem, que era tarjada de negro, pelo ignoto e inconfessavel da sua filiação. Eis o espinho dorido e mortificante, que acompanhou toda a vida do homem, que mais se elevou no século passado. Eis o cravo, que sempre recordava o berço spurio e mais que isso sacrilego, de onde elle viera.

Por mais que Feijó se fizesse empolgar pelos acontecimentos, que o cercavam, por mais preso que, elle se ligasse aos capitulos de sua vida publica arestada, por mais apaixonantes que fossem os periodos de sua existencia politica, por mais vivas que, fossem as paginas do seu livro de homem eminente, que era, de estadista emerito, que se revelava a cada instante, de dynamo vivo, que se fazia em cada momento, em que a acção era exigida, elle sempre recordava pugentemente aquella marca, que trazia na sua origem.

Isso o deprimia! Isso o fazia soffrer! Essa recordação amargurada, que elle carregava comsigo e que o acompanhava como sua sombra, quer nos momentos angustiosos, em que todas as suas energias eram demandadas, quer nos momentos de alegria, quer ainda nos de gloria, que seu feitio acarretava, quer nos instantes de duvida acerba, quer nos de dor acrimoniosa, em que todos os sentidos do homem se concentram, para serem enfrentadas as difficuldades que se antolham, Feijó a trazia

comsigo a evocando, como se fosse um prazer agradável lembrar; era como se um punhal acerado, mergulhado nas carnes de uma victima, provocassem essas sensações exquisitas!

Eis a sua cruz, que era o seu martyrio na terra, e do qual não se podia libertar!

Christo, que tivera a sua via dolorosa, ao carregar o seu pesado lenho, mirava o alto do Calvario como o fim do seu suplicio durante o qual por tres vezes elle tropeçara.

Elle Feijó não via Calvario algum na sua frente que fosse uma verde esperança naquelle infundavel rosario de soffrimentos que elle por certo teria de levar para o tumulo!

Oh! Como elle soffria nos momento em que a solidão fazia mais intensas as recordações dessa sua origem! Ao menos que se curassem os seus semelhantes dessa situação! A unica coisa a fazer, pensava Feijó, estaria em ser abolido o celibato clerical. Esse celibato clerical, que elle odiava, que encasulava tanta infelicidade humana!

Feijó evocava em sua fervente imaginação o que esse celibato clerical constituia para elle. Origem da sua dor! Fonte basica do seu pungente mal! Na solidão monacal em que elle se fechava, surgia o passado de sua mãe, essa victima da organização do cléro catholico romano, pois não fosse isso teria o Padre Lima vigario da Cotia em 1784 tido outro procedimento a que fora obrigado.

Ella, ainda muito jovem em Cotia, já sem a protecção paterna, pois que seu pae morrera na sua fazenda, deixando sua mãe viuva com sete filhos, muitos dos quaes ainda tenros, foi facil victima das circumstancias, que a rodearam, naquelle meio de grande temor reverencial pelas cou-

sas da religião e principalmente pelos ministros do Senhor. Eis como a flor sylvestre dos Camargos se deixara estiolar ao bafo candente que uma situação, na qual ella era a menos culpada na existencia. Assim nascera Feijó a trazer na frente a marca de uma barra vergonhosa a lhe crestar a existencia, como se fora um escravo condemnado ás galeras!

Elle estava na obrigação de procurar, tudo para impedir que seus semelhantes soffressem em igualdade de situação.

Podia elle nada conseguir na luta, que iriaprehender contra a organização tremenda do cléro romano, uma das mais poderosas que tem surgido no scenario da civilisação. Mas elle se sentia com forças para empreender essa batalha!

Ah, elle lutaria! Não era porventura elle, descendente daquelles fidalgos castelhanos que diziam orgulhosos para seu soberano: "Cada um de nós que, isolados valem tanto quanto vós e que reunidos valem mais do que vós"! Não era porventura elle, descendente daquelles mamelucos "Bellicosos e atrevidos que só tem de cristãos o baptismo", que queriam acabar a Inquisição a frechadas!?

A tempera, a energia, a firmeza a bellicosidade, essas qualidades não lhe faltavam.

O que lhe poderia minorar era o poder. Mas a causa era boa. Quem sabe!

Em todo o caso, elle Feijó, sentia a obrigação de empreender a luta.

Dahi a iniciativa em fazer chegar ao tapete da discussão, com grande destaque a idéa de ser suprimido o celibato clerical.

Não que, elle Feijó tivesse qualquer interesse pessoal na medida.

Feijó, nunca havia manifestado a menor inclinação para o casamento, mas elle tinha no mais intimo da alma aquella angustia, que o allucinava, que o irritava constantemente o deixando intratavel. Quando Feijó pensava na situação, em que elle estava com aquelle labéo a lhe marcar, como se fora uma grilheta de um galé, toda a sua alma vibrava com mais intensidade, fazendo mais brilhantes os seus olhos cor de aço indefinivel, mergulhados na sua face solida e bem escanhoda, de uma quadratura macissa e implacavel, enterrada naquelles collarinhos enormes, que lhe subiam até quasi as orelhas, ao encontro de madeixas castanhas de sua basta cabelleira, sempre em desalinho.

Por isso fora que o padre havia influido, nesse sentido, no conselho geral da provincia de S. Paulo, organização da qual elle fazia parte, como supplente (Eugenio Egas, loc. cit., vol. I, pags. 41 e 44) nesse anno de 1827. Essa questão levada ao debate perante o Parlamento do Imperio, elle a defenderia, especializado como se havia feito, nessa questão que alem do mais tocava de perto no liberalismo, sector em que elle sempre se havia mostrado adeantadissimo com sua idéas sempre bebidas nas fontes mais avançadas na materia.

No Parlamento convertida a medida pleiteada pelo conselho da Provincia de S. Paulo em uma indicação, assignada pelo deputado Ferreira França, Feijó apresentou o seguinte parecer, que foi o seu voto em separado, na sessão do dia 10 de Outubro de 1827, se encontrando nos annaes do Congresso, nas paginas 115 do volume 5.º (Eugenio Egas, loc. cit., vol. II, 86):

“Obrigado a dar o meu parecer sobre a indicação que a sinceridade, a bôa fé e justiça, que tanto caracterisam o deputado França lhe sugiero, cumpre desenvolver primeiro alguns princípios, que apesar de sabidos de muitos, ainda são contudo ignorados de uma grande parte.

A falta de liberdade da imprensa; á proscição de livros oppostos as maximas ultramontanas; ao horror que justamente inspirava a inquisição, é a quem se deve imputar a ignorancia e os erros perpetuados nas nossas escolas a este respeito; e é por esta causa que aquillo que hoje parece novo a alguém, já é velho para o resto do mundo; mas convem dar publicidade a verdades tão importantes e que tanto podem influir na prosperidade publica.

Eu mostrarei:

1.º Que é da primitiva competencia do poder temporal estabelecer impedimentos ao matrimonio, dispensar nelles e revogal-os.

2.º A origem e processo do celibato dos clérigos.

3.º O resultado da prohibição do casamento dos padres.

4.º O direito e a obrigação que tem a assembléa geral do Brazil de levantar semelhantes prohibição.

Terminarei pelo meu parecer sobre este objecto; reservando para outra occasião o relativo ás ordens religiosas.

O matrimonio é um contracto legitimo entre o homem e a mulher, que Deus tem esta-

belecido para a multiplicação do genero humano. Tal é a definição que o philosopho e legislador e a igreja dão do matrimonio.

Sendo portanto um contracto de instituição divina, seria absurdo no estado social negar ao poder temporal a autoridade de estabelecer condições e regular a forma de uma convenção, que mais que nenhuma outra influe na felicidade dos individuos, na tranquillidade das familias, na boa ordem, conservação, e progresso da sociedade.

Não se pode porem recusar a igreja a inspeção sobre esse contracto, bem como sobre todas as acções humanas, não para legislar sobre elle, mas para o declarar no foro da consciencia, contrario a lei divina, quando a ella se oppuzer.

Nem era possivel que declarando Jesus Christo não ser este mundo o seu reino, e que se devia dar a Cesar o que lhe pertencia; estabelecendo uma igreja que devia espalhar-se por toda a terra, quizesse que fosse esta perturbar com suas leis a tranquillidade dos imperios, dirigidos e governados por um poder, a quem, o apostolo dizia, estarem todos sujeitos, não só pelo amor, mas tambem pela consciencia.

O matrimonio tambem é para o catholicos um sacramento instituido por Jesus Christo para santificar a união entre os casados. A mesma denominação se dá ao contracto e ao sacramento, posto que essencialmente diferente por causa de se acharem quasi sempre unidos; e nesta segunda accepção é innegavel que pertence a igreja prescrever condi-

ções e regular as formas pelas quaes licita ou validamente se possa receber o sacramento. Estas verdades se achão comprovadas pela pratica constante do poder temporal e espirital nos seculos mais felizes da igreja.

Convertem-se os imperadores romanos; mas nem por isso deixão de estabelecer os impedimentos ao matrimonio, dispensar nelles e derogal-os. A igreja não contida em seus verdadeiros limites, admirando muitas vezes a sabedoria dos legisladores nos nove primeiros seculos, como afirma Daguessou, jamais honrou com o sacramento os matrimonios illegalmente contrahidos.

Theodosio determina mui positivamente que o mutuo consenso dado perante os pais e mãis sem opposição á lei, fizesse valido o matrimonio, não obstante a falta de outras formalidades. Pelas diferentes leis dos imperantes ve-se o contracto sempre separado do sacramento; e é no X seculo que Leão o philosopho faz da bençã nupcial condição essencial ao valor do matrimonio, exceptuados ainda os escravos, que só no século XII foram sujeitos á mesma condição por Aleixo Comeno. Finalmente o poder temporal exercitou constantemente a attribuição de legislar, derogar e dispensar nos impedimentos do matrimonio sem a menor contestação da parte da igreja; e o Ab Chatisel assegura a existencia deste uso ainda no seculo XIV, referindo muitos exemplos.

A igreja da sua parte, apesar de constantemente convidar aos fiejs de sanctificarem

seus matrimonios pelo sacramento; contudo sempre os reputou validos e licitos sem elle.

Celestino I, S. Theodoro Studita, Nicolau I e outros, assim o decidiram. Tal foi a pratica da igreja, quando não só permittia, mas aprovava os matrimonios catecumenos dos catholicos com os hereges, e deste entre si: as segunda, terceiras e quartas nupcias, ás quaes recusava as bençams nupciaes. E o mesmo concilio tridentino julgou validos os matrimonios clandestinos, por haver nelles mutuo consenso; não obstante a falta de bençam nupcial, na qual toda a antiguidade e ainda hoje a igreja grega faz consistir o acramento.

Todos sabem que o principio da santiidade dos ministros da igrejas, lhe attrahio o arbitrio nas causas temporaes e que os mesmos imperadores, satisfeitos com as justiças dos seus juizos permittirão que dos magistrados se pudesse appellar para os bispos e que suas sentenças fossem executadas.

Se as causas meramente temporaes foram levadas ao cónhecimento dos ministros da igreja, com maior razão o foram as matrimoniaes em consequencia do sacramento que de ordinario as acompanha. No principio se conhecia a origem deste poder: pouco a pouco se foi esquecendo: as trevas cobrirão a Europa: o clero então rico de bens, de privilegios e de consideração invadiu o poder temporal: tudo foi desordem e confusão; e os papas dominando como monarchas absolutos sobre a igreja e sobre os reinos legislavão sobre o mundo inteiro.

Eis a origem da nova linguagem que desde então apparece nos concilios, e principalmente nas decretaes não só sobre as causas matrimoniaes, como sobre outras muitas da competencia e attribuição do poder temporal que uma grande parte lhe tem sido restituídas, graças ás luzes, á firmeza e constancia dos soberanos.

Se estas razões fundadas na natureza do contracto e do sacramento, na divisão e independencia dos dois poderes, na pratica dos soberanos catholicos, no reconhecimento e approvação da mesma igreja, podem soffrer algum abalo pela decisão em contrario do concilio tridentino, deve notar-se que os decretos deste concilio relativos a questão presente, são disciplinares e como taes não foram recebidos em França; onde até hoje os filhos familia não podem contrahir matrimonio validamente sem o consentimento dos pais, não obstante a decisão do mesmo concilio em contrario, e onde os matrimonios clandestinos forão validos até que 16 annos depois daquelle concilio a ordenança de Blois os declarou nullos, exigindo não 2 testemunhas e a simples presença do cura, mas 14 testemunhas e a benção nupcial. Assim o pensou Benedicto XIV, do mesmo parecer foi Pio VI, quando julgou validos os matrimonios contrahidos no tempo da revolução franceza, por serem feitos segundo as leis civis, não obstante fora da presença dos proprios parochos.

Assim pensou o cardeal Antonelli e o cardeal Caprara conformando-se sem duvida com a antiga pratica da igreja constante de

innumeraveis documentos, cathecismos e rituaes, o que mui particularmente se deixa ver no cathecismo de Carranza, approvando por uma congregação no concilio tridentino, onde refere que em algumas provincias era uso casar em presença do magistrado e gosar da liberdade do matrimonio antes de ir a igreja, e isto, sem pecado; cuja pratica vemos modernamente renovada na mesma França.

O concilio tridentino portanto não decido a questão dogmaticamente, sustentou sim um direito de que a igreja estava na posse ha seculos, seja por concessão, ignorancia ou permissão do poder temporal, mas que os hereges lhe disputavão. Neste sentido é que ainda depois da publicação do concilio grande theologos e canonistas tem sustentado este direito dos soberanos, taes são entre outros muitos, Vanespen, Henrequim, M. Tolon, o padre Oberhanser, M. Leplat, Tamburini, etc., sendo hoje esta a doutrina corrente nas universidades catholicas da Europa.

De tudo isto se conclue com toda a evidencia:

1.º Que é da primitiva attribuição do poder temporal estatuir impedimentos do matrimonio, dispensar nelles e derogal-os.

2.º Que a igreja sómente compete estabelecer condições e regular a forma pelas quaes se possa valida e licitamente receber o sacramento.

3.º Que o contracto e o sacramento são essencialmente distinctos, que muitas vezes estão e podem estar separados sem inconveniente algum.

Passemos á historia do impedimento da ordem.

A escriptura não offerece uma só passagem ainda equivocada, pela qual se etenda o celibato dos clérigos; pelo contrario o exemplo dos apóstolos, e S. Paulo lembrando as qualidades necessarias para o sacerdocio parece preferir o estado de casado.

Seja porem qual for a interpretação que se pretenda dar á doutrina do apóstolo, é certo que S. Clemente de Alexandria assim o entendeu em mais de um lugar; e por muitos seculos a igreja não só julgou incompativeis ambos os estados, como segundo refere S. Jeronymo, forão quasi sempre preferidos para o sacerdocio os homens casados, enquanto o povo teve voto nas eleições.

O 3.º canone dos apóstolos manda excomungar, e até depor bispo, presbytero e diacono que por pretexto de religião se separar de sua mulher.

S. Dionisio, bispo de Corynto no segundo seculo, adverte a Pinito, bispo de Gnoza, que não imponha a seus irmãos o pesado jugo do celibato. No concilio de Nicéa é bastante energico o discurso de um sacerdote veneravel pela sua idade e suas virtudes para embaraçar a lei que projetava o mesmo, o concilio para obrigar os clérigos casados á abstinencia de suas mulheres. No principio do quarto seculo o concilio de Ancira ainda concede ao diacono casar-se, se assim tiver protestado na sua ordenação.

S. Cypriano referindo os crimes de Novato, não censura o uso que elle fazia da mu-

lher, mas sómente de havel-a feito abortar com um ponta-pé.

No tempo de Valentiniano, e no 3.º concilio de Carthago, se chamavão ainda os monges-Continentes — para differençal-os dos clerigos e outros que não o erão.

A cada passo a historia faz menção das mulheres e filhos dos clerigos; nem sei porque gratuitamente se quer suppor serem estes havidos antes de suas ordenações.

E' S. Gregorio de Nazianzo o filho, que nos conta lhe ter dito o seu pae — que elle tinha menos annos, que o pae de Sacerdote. — Principiavão os monges em razão da austeridade de seus costumes, a occupar os primeiros lugares na igreja; e estes procuravão reduzir o clero ao mesmo genero de vida, que elles praticavão.

S. Paulo desejava que os christãos se conservassem desembaraçados dos cuidados do seculo para melhor escaparem ou soffrerem mais corajosamente á perseguição.

O celibato era então aconselhado, e parecia pouco decente que os ministros da religião, que deviam ser o modelo da perfeição e que se havião ordenado solteiros, dessem o exemplo de fraqueza casando-se.

Graçava então a opinião da excellencia da virgindade, que a mesma igreja não encrava com bons olhos as segundas nupcias e muito menos as terceiras e as quartas, que em muitos lugares forão condemnadas e alguns hereges julgarão criminoso o mesmo matrimonio.

A vista disto não admira, que alguns bispos severos depuzessem os padres que se casarão e que o Papa Sericio consultado a este respeito declarasse que dalli em diante o bispo, sacerdote ou diacono, que não guardasse o celibato, não tivesse mais esperança de perdão; e que S. Leão muito estendesse a mesma prohibição aos subditos.

Não obstante porém estas, e outras determinações parciaes, no oriente, nos primeiros concilios geraes não apparece lei alguma a este respeito; e Socrates diz, que os bispos e mais clero se abstinhão das mulheres livremente porquanto havia muitas com filhos de pais ordenados, e tidos por legitimos.

Justiniano pela lei 45 *episc el cler*, é quem prohibe o casamento dos padres com pena de nulidade, posto que na sua novela 6.^a parece sómente insistir na pena canonica.

Justiniano II convoca um concilio, ao qual assistem os quatro grandes patriarchas do oriente, e mais de 200 bispos; alli se vê um canon concebido desta sorte. Defendem daqui em diante ao subdiacono, diacono e presbytero cazarem-se, pena de suspensão. — O que, prova, que até aquelle tempo ainda não se achava geralmente condemnado o casamento, posto que aconselhado o celibato.

Dizem mais os padres do concilio — Que elles se não conformavam com o uso da igreja romana em privar os padres cazados de suas mulheres por ser tal prohibição injuriosa ao matrimonio. E esta é até hoje a disciplina da Igreja Grega.

No occidente apesar de maior rigor a este respeito não se pode contudo generalizar semelhante disciplina.

No principio do X seculo, Leão VII escrevia ainda a Gerard, arcebispo da Baviera, censurando o costume de seu cléro cazar-se contra os canones.

S. Alberto, bispo de Praga, no mesmo seculo renuncia o bispado, diz elle, para não ver entre desordens, o cazamento dos padres.

No seculo XI ainda se vê o bispo Roberto cazando-se publicamente, e tendo filhos.

Na Inglaterra, Persia e Allemanha muitos são os bispos cazados, que os novos apóstolos alli encontrarão.

Quando Gregorio VII subiu a cadeira pontificia parecia estar, em perfeito desuso em muitas dioceses a lei do celibato. Estava porem reservado a este pontifice o generalisar no occidente uma pratica que seguida a principio por conselho, não era propria todos, segundo o mèsmo evangelho, mas já nesse tempo estava constituída a monarchia absoluta da igreja que dando leis a seu arbitrio aos catholicos, fazia os mesmos monarchas dobrarem-se ao seu jugo. E' este papa austero em sua vida, severo até suas maximas, inflexivel em suas pretensões, quem prohibe aos padres continuarem a viver com suas mulheres e decreta perpetua nullidade aos matrimonios pelos mesmos contrahidos.

Este pontifice encontra resistencia por toda a parte. O clero da Allemanha sustenta que não se deve dissolver uma união sobre a instituição divina; qualifica de insensata e até

de erética uma tal doutrina. Matheus Paris chama a este decreto exemplo novo e juízo indiscreto. Por toda a parte se murmurava: sublevão-se povos, e na Inglaterra apparece um scisma peor do que a heresia na opinião de um sabião escriptor, mas debalde.

Suspensões, deposições, excommunhões, carceres, jejuns, a pão e agua por toda a vida, alguns condemnados a morrer de fome nas prisões, os filhos dos clérigos declarados bastardos, e em alguns lugares, até condemnados a serem escravos das igrejas em que seus pais servirão, taes são os meios de que lançou mão a imprudencia ou a prepotencia dos legisladores do cêlibato e ainda no seculo XII não se achava estabelecido na Inglaterra, apezar da prohibição de um concilio ahi celebrado; porque o rei permite o casamento dos padres em attenção ás desordens que necessariamente deviam resultar de uma tal prohibição.

Na Bohemia, onde o legado do Papa já se contentava, que os ordenados promettessem com juramentos não cazarem-se depois de ordenados, erão estes exortados pelos padres que os exortavam a não deixarem impor um jugo, que seus pais não puderam supportar, que se lembrassem que eram livres para se deixarem mutilar e degradar da qualidade de homens, que o legado se contentasse com os monges que renunciavam ao mundo e seus prazeres etc.

Emfim a força de ameaças, privações e castigos espirituaes e corporaes pode conseguir-se separarem-se os padres de suas mulheres, e a nullidade decretada aos seus ma-

trimonios embarçou até a legitimidade dos mesmos. Observamos agora os resultados de semelhantes proibições. Desde o 3.º seculo, em que principia a se generalizar o celibato dos clerigos apparece o uso das agapitas, dessas mulheres que a titulo de religião acompanhavão os padres, mas forão tantas as suspeitas e algumas vezes tão bens fundadas, que se virão obrigadas a sujeitarem-se a exames pouco decorosos. No seculo V julgou-se inevitavel prescrevel-as.

O bispo Eustato no seculo IV prohibe o cazamento ao cléro e não quer que o povo receba bençam nem a comunhão dos padres cazados, sublevão-se provincias inteiras e o concilio de Granges depõe o bispo por ter ocasionado tantas desordens.

Canção-se os concilios em formar regulamentos, e estabelecer penas para embarçar o concubinato dos clerigos; mas notam-se por toda a parte que a força dos homens não pode vencer a força da natureza. Le-se que em alguns lugares foram os clerigos concubina-dos submissos a uma taxa mas este remedio multiplicou o mal, que na Allemanha alguns concilios permittirão aos clerigos moços concubinas; que os ordinarios muitas veze lh'as concediam, que na Suissa e França parece não só haver se permittido, mas até ordenado para satisfazer assim ao temor e suspeitas dos povos que o requeriam. Persuado-me porem que tas concubinas eram verdadeiras mulheres, mas assim chamadas por não serem recebidas em face da igreja; porque de outra sorte seria iniqua tal ordem ou permissão.

Emfim a historia conserva o triste quadro dos escandalos, deboches e mil outros crimes que deshonram a santidade do ministerio ecclesiastico ao ponto que o clerigo, que parecia continente, era por isso mesmo suspeito de peiores crimes; e para não dizer mais veja-se a pintura que S. Bernardo faz da Corte de Roma no seu tempo, e as razões que dá no seculo XVI o parlamento inglez para derogar a lei do celibato dos clerigos e tem sido tão publicos e tão frequentes os escandalos dos padres nesta parte que os protestantes maliciosamente tem affirmado que o papa mais quer ver o seu cléro concubinado do que cazado.

Sendo pois incontestavel, que o celibato não é determinado pelo evangelho aos padres que a igreja a principio não os conservou no matrimonio, mas até os escolheu cazados, que muitos cazarão, depois de ordenados, que a disciplina neste ponto foi successivamente restringindo-se, mas nunca se tornou uniforme, que a igreja grega até hoje conserva os seus padres cazados e apenas depõe os que se cazão depois de ordenados, sem jamais invalidar os seus matrimonios, que na igreja latina a força e prepotencia foi quem perpetuou uma disciplina contraria aos interesses da mesma igreja e a tranquillidade dos estados, que os escandalos continuaram e por desgraça nossa ainda continuão apesar de todas as leis e providencias, quem não reconhece a necessidade de dar fim a estes males restituindo as cousas ao seu antigo e verdadeiro estado?

Nem se tema que a hypocrisia e o fanatismo ou a impostura levante a voz para envenenar uma tal deliberação. E' necessario ser voluntariamente cego e surdo para não ver nem ouvir o que se passa a este respeito não só no Brazil como em todos os estados catholicos.

E quando a malicia queira lançar o odio sobre quem advogar a causa da religião e da humanidade, essa odiosidade recahirá igualmente sobre os homens de bem que no XI seculo se oppuzerão ás ordens de Gregorio VII, pois, segundo refere um escriptor, quanto mais tinham religião e virtude maior resistencia fazião.

Recahirão sobre Pio II, que frequentemente dizia antes de subir á cadeira pontificia — que se em outros tempos houve razões havião prohibir o cazamento dos padres, melhores havião no seu tempo para permitir-lhes, que esta prohibição era uma origem fecunda de condemnação para o maior numero de padres, que aliaz se salvarião facilmente cazados.

Recahirá sobre Polidoro Virgilio, que se expremia desta sorte — o celibato forçado é a instituição que mais tem desacreditado a ordem ecclesiastica, tem causado grandes males a religião e muita dor aos homens de bem etc.

Recahirá sobre o piedoso Gerson, o qual julgava que crimes enormissimos nascerião da severa prohibição do concubinato dos clérigo. Recahirá a odiosidade sobre o imperador Segismundo e o cardeal Zabarella, um dos

mais piedosos e esclarecidos doutores do concilio de Constança, onde se faziam iguaes propostas. Recahirá emfim sobre o bispo de Salzbourg e muitos outros que requerião esta permissão ao menos para as suas diocêses e sobre os monarchas catholicos que no ultimo concilio geral tanto instaram pela derogação do celibato, e santos prelados que forão do mesmo parecer.

Eu não quero igualmente lançar o odio sobre os que defendem a opinião contraria.

Homens de virtude, e com as melhoras intenções tem defendido o cœlibato dos clerigos; mas é tambem inegavel que muitos tem querido encobrir as suas fraquezas com bellos arrazoados a favor de uma perfeição pouco vulgar: ou consultante mais a razão, que o coração, collocando-se no mundo das abstracções, arrastados pela autoridade ou antes pelo prejuizo de uma doutrina sempme desmentida pela pratica, procurando generalisar a perfeição (o que é impossivel), sustentar uma opinião verdadeiramente contraria á honra, aos interesses e á dignidade do estado ecclesiastico.

A HISTORIA CONSERVA O VERGONHOSO FACTO DE UM CARDEAL, QUE ENVIADO A' INGLATERRA PARA PERSUADIR AOS PADRES DO CONCILIO A NECESIDADE E EXCELLENCIA DO CELIBATO; PINTANDO COM AS CORES AS MAIS VIVAS A INDECENCIA DE LEVANTAR-SE O SACERDOTE DO LEITO NUPCIAL PARA TOMAR EM SEUS BRAÇOS O CORDEIRO IMMACULADO, FOI NA NOITE DO MESMO

DIA, EM QUE SAHIRA DO ALTAR SURPREHENDIDO NOS BRAÇOS DE UMA MERE-TRIZ.

São fraquezas da humanidade, mas con-
vem por isso mesmo não advogar contra ella,
pois que todos somos homens.

Conhecendo-se portanto evidentemente
não só pela pratica dos principios christãos, e
da mesma igreja, como tambem pela autori-
dade de homens de reconhecido saber, e pie-
dade, que é da privativa competencia do po-
der temporal, estabelecer impedimentos, de-
rogal-os e dispensar, nelles; que o contracto
é essencialmente distincto do sacramento, que
muitas vezes está e tem estado separado sem
nota de peccado, que a ordem não foi impe-
dimento, senão quando expressa ou tacita-
mente o poder temporal estabeleceu, ou pelo
menos permittio; sendo certo que uma tal
proibição, bem longe de haver produzido
algum bem geral, pelo contrario, tem occa-
sionado murmurações, escandalos e a immo-
ralidade n'uma classe destinada a manter na
sociedade a pureza dos costumes, e por isso
mesmo a torna inutil, e até contraria aos fins
de sua instituição: sendo igualmente certo que
ninguem pode ser privado de direitos conce-
didos pelo autor da natureza sem o mais hor-
roroso despotismo, e decidida injustiça a não
ser em pena de seus crimes, ou nos unicos ca-
sos em que taes direitos estejam hypothecados
ao bem da sociedade, que senão deve estabe-
lecer lei alguma sem manifesta utilidade pu-
blica, principio sancionado pela constituição
do imperio: sendo a lei do celibato inexequi-

vel em sua generalidade, como é expresso no Evangelho, quando disse o Divino Mestre — *Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est.* — Isto é que o dom da continência é um privilegio todo gratuito, que o céu dá a quem lhe apraz; cuja verdade é de mais a mais comprovada pela experiência de 15 séculos não interrompidos; sendo enfim a abolição da lei do celibato a opinião geral dos homens de saber, e piedade, dos soberanos catholicos, que tem instado perante uma autoridade, em quem julgavão então o poder de fazel-o; é claro e evidente, que é justa, necessaria e indispensavel a derogação de semelhante lei pela assembléa geral do Brazil.

Pede porem, que primeiro se solicite o accordo do poder espiritual, para que não aconteça, ou negar-se o sacramento ou depor-se o sacerdote que cazar legitimamente, apparecendo assim a collisão entre o poder espiritual e o temporal; e enquanto as esperanças de alcançar da Santa Sé a derogação de penas impostas por ella, convem respeitosa-mente supplicar-lhe.

E se as leis canonicas sabiamente estabelecidas são todos os dias dispensadas pela caridade paternal do santissimo padre, ainda aquellas que se achão selladas com o cunho apostolico, e em beneficio de um ou outro particular, como poderá sua santidade recusar fazer um bem universal aos fieis, e a mesma igreja quando lhe supplica uma nação inteira, e em materia puramente disciplinar?

E' portanto o meu parecer: .

1.º — Que se autorise o governo para obter de sua santidade a revogação das penas espirituaes impostas ao clerigo que se caza; fazendo saber ao mesmo santissimo padre a necessidade de assim praticar, visto que a Assembléa não pode deixar de revogar a lei do celibato.

2.º — Que o mesmo Governo marque ao mesmo plenipotenciario prazo certo, e só o sufficiente em que deve receber da Santa Sé o deferimento desta supplica.

3.º — Que no caso da Santa Sé recusar-se ao requerido, o mesmo plenipotenciario declare a sua santidade mui clara e positivamente, que a assembléa geral não derogará a lei do celibato, mas suspenderá beneplacito a todas as leis ecclesiasticas disciplinares, que estiverem em opposição aos seus decretos; e que o Governo fará manter a tranquillidade e o socego publico por todos os meios, que estiverem ao seu alcance.

Paço da camara dos deputados aos 10 de Outubro de 1827.

Diogo Antonio Feijó.

Feijó não ingressára na defesa do seu ponto de vista nessa questão, com o animo de sanar qualquer situação, que lhe disesse respeito mais particularmente. Muito menos elle podia ter em vista qualquer situação, que o libertasse da necessidade de recorrer a aventuras excuzas para a satisfação de precisões imperiosas e indeclinaveis da natureza.

Nada disso, Feijó conhecia o sabor amargo que essa disposição ecclesiastica, qual a prohibição dos padres se casarem, trazia constantemente á sociedade, pois que ella era absolutamente contraria a propria natureza humana. Dahi segundo elle diz, no seu parecer, a longa senda de immoralidades, de aberrações, de concubinatos, que a historia da igreja estava cheia e que elle era uma das victimas.

A dor profunda, que o acompanhava ulcerando a sua alma e acarretando as crises de irritação, que faziam com que o illustre estadista investisse arduamente contra varios objectivos, era decorrente dessa causa, que elle Feijó procurava remover afim de evitar que esse espinho continuasse a ser a origem de outras ulcerações em outros seus semelhantes. Elle tinha a experiencia! Elle soffria por isso! Que outros não fossem obrigados a trilhar as mesmas veredas dolorosas que elle!

O objectivo de Feijó, longe de ser egoistico como poderia parecer da phrase de seu parecer: "SÃO FRAQUEZAS DA HUMANIDADE, MAS CONVEM POR ISSO MESMO NÃO ADVOGAR CONTRA ELLAS, POIS QUE TODOS SOMOS HOMENS", era de grande altruismo. Elle queria que a experiencia que lhe era tão cruel, aproveitasse de então em diante aos seus semelhantes e para elle nada mais adeantaria, a resolução ao menos ella poderia aproveitar a outrem. Na verdade as palavras de Feijó não haviam sido felizes nessa phrase, ou antes ellas não foram completadas afim de que o seu pensamento ficasse bem expresso. Mas o sentimento que a havia ditado foi o seu espirito angelico e despido de má fé. Tivesse o illustre paulista um pouco de machiavelismo, ou tivesse

elle pensado que as suas palavras podiam ser levadas a interpretações dubitativas, elle as não teria empregado assim. Mas Feijó marcava o seu feitio moral e intellectual, por uma alma completamente desnuda de idéas occultas. Elle franco, leal, e sincero, como era, acreditava que, o mundo fosse inteiramente assim e com isso teve a ingenuidade despreoccupada de usar de uma phrase, que poude servir para interpretações erroneas.

Contra Feijó se ergueu a advogar com calor o ponto de vista contrario, o bispo da Bahia, Dom Romualdo de Seixas, por certo uma individualidade culta e cheia de intelligencia, mas inferior ao grande padre paulista, sob o ponto de vista moral. Tinha Dom Romualdo muito menos dotes do que Feijó. Tinha muito menos cultura canonica e dispunha de uma eloquencia muito menor. Tinha Dom Romualdo agigantada e inferioridade moral, deante do grande parlamentar sacerdote. Era-lhe muito superior porem em esperteza, pois tenho a impressão de que o bispo da Bahia era arguto, melifluo, maneiroso, solerte, adocicado no trato e macio no fallar. Diziam que o bispo da Bahia, havia obtido a mitra em virtude de a haver comprado e nessa obtenção se ter mettido para a favorecer a Marquiza de Santos.

Contam até de S. Eminencia uma anedocta na qual foi parte o Marechal Albino Gomes Guerra e o Visconde de Castro, ao pae da Pompadour de aquem mar.

Com o bispo da Bahia, formava o bispo do Maranhão, pessoa insignificante e sem a menor evi-

dencia não lhe tendo ficado de notorio nem mesmo o nome que elle sempre conservou apagado.

O parecer de Feijó sobre o celibato, o qual reproduzimos acima, foi um desafio audaciosissimo, que transpirava a heresia, mas que tambem revelava uma sinceridade a toda a prova, um liberalismo incontestavel, e principalmente um espirito de independencia digno da estirpe da qual tinha Feijó provindo.

O liberalismo, nota característica no caracter de Feijó se expressava a cada instante e a cada acto de sua vida. O liberalismo foi sem duvida uma das alavancas para a acção d'elle na questão do celibato clerical e teve a se manifestar ainda quando a 16 de Julho de 1827, foi apresentada no Parlamento geral a emenda no sentido das Camaras Municipaes irem assistir á festa do Corpo de Deus na cathedral ou onde a houvesse. Feijó foi ardorosamente contra essa emenda, dizendo em discurso:

“Ainda insisto para que não se obrigue, nem mesmo para que as Camaras assistam; e lembro-me de uma razão e é que a Constituição não prohibe que qualquer homem tenha outra crença sem ser a catholica, possa ser vereador. Por isso para que obrigue-o a assistir?”. (Eugenio Egas, loc. cit., vol. I, 42).

Feijó agindo assim, impulsionado pelo liberalismo parecia á primeira vista actuar contra a catholicissidude, mas na verdade elle fazia em prol da religião, muito mais do que outros, que se acorrentavam servilmente ao credo de Roma, se mostrando sem o menor espirito de independencia e de tolerancia, cousa em que se sublimava o cara-

cter do deputado paulista. Por isso, quando o já mencionado bispo do Maranhão, exhibiu palavras denotadoras de magna intolerancia Feijó respondeu a elle incontinenti:

“Quando disse a consciencia dos illustres membros (d. Romualdo e o bispo do Maranhão) estava em contradicção com as suas razões, fiz-lhes um elogio a vista do terrivel juramento que prestaram de defender os direitos do papa.

.
Nem se diga que, nós queremos acabar com a religião, queremos tirar aquillo que ella tem de ocioso, e regular os interesses da sociedade com os interesses da mesma religião”.
(Eugenio Egas, loc. cit., vol. I (pg. 42).

Feijó era catholico, mas não ultramontano. Elle não escravizava a sua consciencia e a sua acção a Roma. Na questão do celibato clerical, elle agira como uma broca contundente esgravatando, e de histuri em punho descarnando uma das chagas mais purulentas da organização de Roma. As palavras de Feijó, do seu monumental parecer são uma prova que elle preferia expor a chaga aos raios vivificantes da verdade, do que sabendo della, a conservar escondida. A historia por elle mencionada do cardeal que foi a Inglaterra pleitear as excellencias do celibato e foi surprehendido nos braços de uma meretriz, diz bem da força, da energia, da sinceridade, da franqueza e da coragem, com que agia o notavel parlamentar paulista. Isso só podia, lhe dar immensa força moral, que era empregada sempre em beneficio das boas causas que defendia.

“A questão do celibato, diz o emerito Eugenio Egas no seu magnifico trabalho citado, vol. “Estudos” pg. 44, só terminou em 1834, tendo agitado todas as espheras intellectuaes do paiz, durante sete annos. D. Romualdo, o serafico e nobre arcebispo da Bahia, em suas obras, aliás muito curiosas, trata deste caso do celibato, longamente. E o parecer de 1834, lido na sessão de 26 de Julho, é igualmente trabalho digno da melhor estima. O conselho geral da provincia de S. Paulo havia pedido a abolição do celibato clerical, e esse precioso documento tendo sido estudado pela Camara, originou o afastamento de tão longo como demorado e brilhante estudo, que tantos annos durou. O poder legislativo declinara de intervir em assumptos da alçada ecclesiastica. E’ uma das phases salientes da vida sacerdotal de Diogo Antonio Feijó a luta que travou e sustentou em prol da abolição do celibato clerical. Só este debate, presta-se a um estudo longo e meditado da evolução das ideias liberaes em nosso paiz. Aqui neste Estudo, não é possivel demorar sobre a questão do celibato, que longos annos durou não só porque a preocupação do trabalho é o homem de estado, como porque este livro tem que se submeter a certas condições. Ahi ficam, entretanto, muitos informes e indicação de fontes para melhor e mais aprofundado estudo sobre tão interessante objecto. Não ha duvida que Diogo Antonio Feijó foi um vidente na questão religiosa, e que o seu cerebro poderoso propoz e pediu, ha longos annos, ideias e reformas que agora de novo se pedem, sem que nenhuma referencia se fação ao grande paulista, que foi igualmente superior na politica e na religião”.

CAPITULO VII

PARALLELOS

Que extranha religiosidade desse padre, que parecia se oppor aos sagrados canones ecclesiasticos, querendo tornar a religião brasileira segundo uma Igreja gallicana, isto é uma aggremação propria, e transformando o Parlamento Nacional em um rinhadeiro de acerbas discussões, contra os bispos e até em opposição a Santa Sé.

A exquisita situação de Feijó, como sacerdote, advogando, com tanto calor e sabedoria especializada, pontos que derruiam principios estabelecidos pelos canones catholicos, não podia deixar de se tornar em especial realce. Feijó padre, se deixava suplantar pelo Feijó humano, pelo Feijó liberal!

Não era, porventura, Feijó, descendente daquelles féros paulistas de outras éras, que como lobos famintos, em alcatéas tronitrantes se arrojavam, contra a florida christandade dos padres da Companhia de Jesus, no territorio guayrenho de Castella, parecendo, á primeira vista, cometerem os mais horrendos sacrilegios, lutando aspera e encarniçadamente, contra os ministros da religião

Sim, mas é preciso não confundir religiosidade, com beatismo, é mister imperioso não misturar

os conceitos de christianismo com o de ultramontanismo. Os paulistas das velhas edades, como Feijó, eram profunda e convictamente catholicos, mas não eram exagerados, não eram subservientes ao que queriam os loyalanos, e ao que desejavam os reverendos bispos do Maranhão e da Bahia, que combatiam desapiadadamente o que pleiteava com humanidade o sacerdote paulista.

Feijó sendo padre, e sendo profundamente liberal e humano, desejava que, a Igreja, a reger o paiz fosse mais independente de Roma. Elle assim, não divergindo dos pontos dogmaticos do catholicismo, entretanto desejava que, em materia de apologetica e de lithurgia, fosse dada, pelo Pontifice, mais liberdade ao cléro brasileiro.

Foi, por não ser muito preso as ordens emanadas de Roma que, Feijó assim agiu no Parlamento Nacional, quando deputado eleito para a legislatura de 1826 a 1829, elle foi então, um verdadeiro vulcão a lançar chispas de sabedoria especializada, com a sua torrente impectuosa de argumentos irrespondiveis, que mais pareciam raios fulminantes de uma tromba borrascosa a desabar violenta sobre a Assembléa estupefacta.

Era o espirito da liberdade a impulsionar o animo de Feijó, extraordinariamente vivo e que justamente por isso causava espanto. Elle no auge de seus trinta e dois a trinta e quatro annos, manejando pristinamente os raios fulgidos da eloquencia, contra a rotina encasulada nos cerebros mumificados dos bispos, que ousavam se lhe oppor, parecia um Jupiter tonante, do alto de um Olympo pagão.

Penso que, na religião de Feijó havia muito lugar para a divindade denominada a Liberdade, a qual elle tributava tanto culto!

Nisto Feijó se distinguia de Richelieu, o famoso cardeal Duplessis, bispo de Luçon, a qual é uma individualidade, que revela na sua vida, alguns pontos de contacto com o famoso sacerdote paulista. Este, como Richelieu foi um vulto animado da mais formidavel energia. Uma faisca electrica, não podia ter a força, que esses dois homens tiveram occasião de manifestar. Richelieu foi o verdadeiro unificador da França, ainda profundamente dividida pelo espirito do feudalismo, que os ultimos Valois haviam exacerbado, bem como pela luta das duas religiões, que Henrique IV não soubera definitivamente acalmar. Feijó foi, no decurso da primeira parte de sua vida publica, como ministro da Justiça e como Regente, o unificador das colonias lusas, que se entrebatiavam na maior anarquia, agindo com energia e violencia, de modo que, ellas na desordem e no chaos, não cortassem o laço que as prendia mutuamente. Ellas, as velhas colonias, estavam a respirar o antigo espirito das capitánias, com mentalidades diferentes, com interesses os mais diversos.

Feijó soube, no momento, contornar esses obices, de modo a poder organizar pela força, mantendo o nexó que prendia esses antigos nucleos de colonisação luso-americana. Comparando o que essas duas personalidades levaram a termo, não sei se o que o paulista conseguiu não foi maior do que a tarefa que se impunha ao cardeal francez.

Que, o que Feijó levou a execução foi mais difficil, logo a primeira vista se pode comprehender.

Unificar a França era extraordinariamente mais fácil do que unificar o Brasil. Richelieu teve deante de si uma obra realisavel, mas a Feijó foi dada uma tarefa acima de suas forças.

Veja-se, por exemplo que, o paiz que Feijó tinha que unir, era cerca de 18 vezes maior territorialmente do que o paiz, em que teve de agir o cardeal francez. E por isso, é que podemos, hoje, constatar que, enquanto Richelieu realisou o seu objectivo, pondo em acção a sua grande habilidade, Feijó só conseguira concluir uma pacificação. E dahi veiu o pessimismo que imbuuiu o sacerdote no fim de sua vida.

De facto, Feijó, como ministro da Justiça da Regencia trina, tendo como braço executor da sua ferrea energia o então major Lima e Silva, depois duque de Caxias, poz em execução todas as excellentes virtudes de sua vontade maravilhosa.

A actividade de Feijó foi dinamica, incomparavel!

Elle desdobrou-se, multiplicando a sua acção pela rigeza de tempera e firmeza de character do Major Lima e Silva, defendido no Parlamento pela voz inegalavel e pela eloquencia magnifica de Evaristo da Veiga.

Nada disso adeantou! O espirito que tudo perturbava, fazia que a desordem e a anarquia vivificassem, os tumultos proliferassem, os descontentamentos sahisses a tona revolta de uma agitação, que os Bernardos de Vasconcellos, os Montezumas, os Castro Alves e principalmente os Andradas, tudo faziam para explorar e delles tirar partido.

Mas nada adeantou a Feijó, por fim elle teve que volver cansado a sua provincia, tendo gasto

uma energia monumental nas ordens bravias, que elle dava ao major Lima e Silva, de levar tudo a ferro e a fogo. O esforço despendido era este-nuante!

Então elle deixou o ministerio da justiça, porque o Senado, não fez com que José Bonifacio, que promovia anarquia e desordem, se utilizando de sua posição avantajada, deixasse a tutoria dos principes.

Feijó o fez com dignidade em seu officio dirigido a Regencia. Por ahi se ve o quanto era desenvolvido em Feijó esse espirito de renuncia, de desapego ás posições de altruismo admiraveis e incompreensíveis, que se encasulavam em sua alma espartana.

Richelieu, differencia-se profundamente de Feijó a esse respeito. A forma pela qual o emérito cardeal, abandonou o governo da França 1616, depois do assassinato do Marechal de Ancre, o famoso Concino Concini, não respira muito a altivez. Elle esperava muito manhosamente, com isso, dar mostras de solida lealdade a Maria de Medicis, mas elle que, havia sido guindado pelo Marechal de Ancre, estava na obrigação moral de descer das posições, onde teria ficado preso, mesmo sob de Luynes.

A fazer essa linha moral, mais vincada ainda, evidenciando um traço do character vulpinico do cardeal, o que seria impossivel em Feijó, foi o que se passou no scenario do famoso *journal des dupes*, quando Richelieu desceu ao papel de laçao, que espia pelas fechaduras, para se manter no primeiro degráu do throno de Luiz XIII. Se isso muito nos diz a respeito da finura da intelligencia subtil do

cardeal, também nos falla a respeito da moral que servia de pedestal, para que, Richelieu pudesse se manter. Não ha duvidas, que, elle continuou a ser o "primus inter pares", na corte de França, mas ahi ficou patenteada a sua desmesurada ambição, e a sua altivez sahiu bem arranhada da famosa "journé".

O padre paulista não seria homem para isso! Elle sempre se mostrára incapaz da menor transigencia, para obter, para si, o que quer que fosse. No decorrer deste trabalho poderemos assistir a transes, que deixam pasmar qualquer pessoa, não só pela desambição revelada por Feijó, como ainda pela sua falta de habilidade em tornear uma situação difficil.

Encontro, a esse respeito, mais paridade delle com a personalidade de Bolivar, o libertador sul americano, ou com a de Juarez, o libertador mexicano, que também foram de uma desambição candida.

Mas onde trasparece nas paginas da Historia humana, simile mais perfeito para o espirito de renuncia e o desapego ás douraduras e gloriolas do poder, demonstrado por Feijó, é em Washington, que tudo regeitou, nos Estados Unidos e voltou para o seu Mont Vernon, onde foi morrer, terminando na sombra do anonymato os seus dias illuminados e gloriosos.

Com Feijó também foi assim, mas a tarefa, que coube ao padre executar, era acima de suas forças, elle não havia de conseguir, senão imperfeitamente, unir as partes, que se degladiavam com ardor.

As partes do territorio nacional, que Feijó devia impedir que, se disjuntassem, tinham as ten-

dencias as mais diversas, as quaes se manifestavam pelas desordens, que se viam na metropole carioca.

Feijó conseguia por termo as exteriorisações, que eram os symptomas de um mal, mas este, com as suas causas, persistiam. Eram apenas treguas passageiras de calma momentanea, o que conseguia o Ministro da Justiça, pois uma verdadeira pacificação completa de espiritos, um socego persistente no corpo politico-social das antigas colonias luso-americanas, só poderiam ser conseguidos, com therapeutica efficaz ao estado pathologico, que então se exteriorisava por aquella febre que só iria diminuir, quando o paiz fosse anesthesiado pela campanha externa contra Rosas, e logo a seguir pela guerra contra Lopez, mas que depois recommençaria, não sendo remedio definitivo a mudança do regimem o que teve lugar em 1889.

O character de Feijó não havia soffrido com o tempo a menor modificação, a menor deformação ou amolgamento não se via nessa tempera lacedemonica. Feijó era o mesmo ente intractavel que não sabia se acomodar a uma situação. Elle a principio gosou na Regencia de uma confiança absoluta do Parlamento, mas, aos poucos, a minoria ia se ingrossando, para logo a seguir, já a eloquencia serena de Limpo de Abreu, nada mais poder fazer, contra a soberana, intelligencia de Bernardo, cuja palavra convincente arrebatava e fazia rarear os manipulos governamentaes, que se derretiam como a neve alva das montanhas aos raios candentes do sol primaveril.

Mas o padre da ferro, não sabia se acomodar a essa circumstancia exigivel em todos os paizes de systema parlamentar. O ministerio deveria cahir, mas nada implicaria na continuação da Re-

gencia, sob a orientação de Feijó. Este porém não queria reconhecer a situação. Elle não conhecia a palavra "vergar", que havia banido de seu vocabulário.

Feijó nunca lera pela cartilha de Ulysses; elle preferia a de Achilles.

Richelieu, no seu lugar teria cedido!

Pombal no seu lugar teria mandado matar a opposição.

Feijó preferiu sahir! Elle não seria como o germanico imperador Henrique IV, que subira Cannossa, que ahi se humilhou aos pés de Gregorio VII.

Talvez Washington tivesse o mesmo procedimento angelico, que marcou Feijó um dos vultos mais desapegados do poder que o mundo tem produzido. Richelieu ou Pombal eram profundamente egoistas, e para a obtenção de seus fins, aquelle usava de sua maravilhosa intelligencia, emquanto que, este procedia mais grosseiramente. E' verdade que Pombal não devia contar com qualquer reacção de um povo mais submisso, por isso o seu espirito transparece mais saturado de deshumanidade, a qual roça por vezes com a perversidade, emquanto que em Richelieu, só encontramos habilidade e em Feijó desapego.

O caso do bispado de Marianna é mais uma mostra bem marcada do grande desinteresse de Feijó.

O caso de renuncia da regencia com o abandono do poder só poderia ter como protagonista Feijó. Confiança não se tem, se não de um modo absoluto. Não se reparte confiança. Esta é como cristal que se quebra, nunca mais poderá se unir recuperando-se o perdido.

Assim pensava Feijó. Um homem assim, não poderia usar senão da força e da ingenuidade para tentar governar.

Feijó não tinha em mente que, até as armaduras medievas tinham articulações que dobravam, curvavam-se e se isso não fizessem com presteza o cavalleiro que as usasse não poderia levar a melhor na luta.

Até as esquadrias tem dobradiças, em torno das quaes giram, dobrando-se.

Feijó, sempre se mostrou indobrável, inflexível! Elle não se acomodava!

Era elle como o velho roble, que preferia se partir, quebrando ao soppro violento da tempestade, do que se curvar torcido, para depois se levantar, passada a tormenta. Só o fragil e elastico caniço abaixava o seu arbusto sem resistencia.

Elle Feijó, era como o roble! Não se vergava!

Richelieu as vezes agia como o caniço. Eis, por exemplo, quando elle foi despedido da Corte parisiense em 1616, para a ella só voltar em 1624.

Melhor simile do que o cardeal francez, a esse respeito nós ençõtramos o famoso Marquez do Pombal. Este tambem era draconiano.

Foi, por ser assim que, Feijó, depois foi para a Regencia.

Foi, por isso conhecer que, Evaristo, o grande propheta, teve aquellas palavras, que previam o futuro como se fosse um Delphos oitocentista.

Ahi Feijó teria de executar a sua tarefa, que não havia sido completada.

Foi no tocante aos resultados obtidos, que penso que o francez levou a vantagem ao sacerdote paulista. Mas Feijó não era Sysiphio! O que exi-

giam delle, era sobrehumano. Elle não poderia supprimir as condições naturaes do ambiente geographico, que é a causa primeira de todas as disparidades, que imbuem as antigas colonias luso-americanas. E' por isso que, um paiz constituido de pedaços heterogeneos, tem andado em desassocego, só anesthesiando a sua intranquilidade, quando uma aventura externa qualquer monopolisa as atenções nacionaes.

A tarefa de Richelieu era viavel, pois unificar um paiz como a França, que é uma região geographica pequena, contendo uma densidade de população apreciavel, pois na epoca de Richelieu a França tinha cerca de 26.000.000 de hab. (Mullhall, Diccionario of Statistics), concentrados em uma area territorial de 500 mil kilometros mais ou menos, dispondo de comunidade de raças, de idiomas, de costumes, de tradições, de interesses economicos e de orientações identicas na politica externa, só tendo a os dividir a dualidade de religiões. Emquanto que isso se dava na França seiscentista, Feijó teria sobre os hombros que unir regiões de area immensa e sem communicações, distribuidas em grande numero de zonas geographicas. Nessa area cerca de 18 vezes maior que a da França, se dispersava uma população de cerca de 4 a 5 milhões de habitantes, semeada em nucleos, que não se ligavam por vias a não ser muito precarias. Cada nucleo popular desses, era de uma consistencia especial, de particular systema racial, de costumes originaes, de interesses economicos proprios, e com muito menos ligação, que a gente franceza, que Richelieu conseguira unir. Foi esse o material em que teve de trabalhar o grande Feijó. Por certo, que, elle apesar de ser tido como o maior unifica-

dor nacional, não conseguiu governar senão em um tumulto tremendo, tendo por fim, pessimista, de, abandonar o bastão do mando, abatido pelo peso da tarefa, que elle teve sobre a sua responsabilidade. Feijó, por certo, não poudé supprimir todos os obices, que arestavam a sua gigantesca tarefa, mas elle conseguiu varar esse difficil periodo regencial, sem que tivesse havido uma trinca seria no bloco nacional, que então elle se propunha a conservar.

Ambos os vultos a que nos referimos eram dotados de incomensuravel amor a terra natal. Richelieu sobrepoz o seu amor a França ás proprias vestes talares que elle envergava, ao proprio chapéu cardilicio que elle exhibia. O seu cargo de primeiro ministro de Luiz XIII, por elle foi posto mais alto do que a purpura que o sagrava principe da religião romana. Richelieu se alliou aos protestantes da Allemanha e a Gustavo Adolpho da Suecia, o rei lutherano, contra os ultramontanos soberanos da Hespanha e da Allemanha, esses formidolosos Habsburgo austriacos e Felippes hespanhóes, que tinham na sua esteira uma tradição de guerras contra a França. Richelieu não levou em conta a sua qualidade de cardeal do credo romano e com a sua acção impediu que, o Papa reganhasse o norte da Europa, que havia cahido no protestantismo. Foi Richelieu a eminencia catholica, quem manteve a independencia dos hollandezes protestantes, contra os hespanhóes ultra catholicos de Felipe II, assistido do formidavel Olivares, (Hilaire Belloc — "Richelieu" — Payot).

Neste ponto existe um inilludivel ponto de contacto, entre o cardeal francez e o sacerdote paulista. Feijó tambem se notabilisou pelo immenso

amor a sua terra, a sua gente, no seu ambiente. Essa sua campanha contra o celibato clerical e futuramente a sua questão com o papado a propósito do bispo do Rio de Janeiro, são manifestações bem vincadas da dominadora personalidade de Feijó, que não permittia que ella fosse influenciada, nem de longe, pela essencia ecclesiastica que o aureolou. Elle antes de ser padre, era uma individualidade marcada por linhas bem salientes e que se não confundiam.

Ambos esses dois vultos, eram extraordinariamente activos. Richelieu sempre se mostrou mais um soldado-politico do que um sacerdote piedoso. A actuação d'elle contra os protestantes francezes de la Rochelle, dá bem idéa do que era capaz esse prelado extraordinario, que encheu a historia da França com o perfil bem destacado de uma personalidade, que não se vê maior na evolução da velha Gallia.

Assim tambem o sacerdote paulista.

Feijó, como ministro da Justiça não descansou um só instante, elle foi um dinamo de acção e de energia dispendida a bem da collectividade.

O padre paulista na campanha de 42, ainda que menos feliz do que Richelieu, foi bem digno do seu emulo gaulez, o ultrapassando em altivez e em dignidade, como em magestade e em eminencia.

Talvez nessa fase de sua vida, Feijó tivesse, ainda, se mostrado maior do que Richelieu, em outros capitulos das respectivas psychologias, pois é na desgraça que se encontram as preciosidades maiores.

Quando Feijó em Sorocaba, ante a turba que fugia espavorida pelo ribombo dos canhões de Caxias, ou pelo gume acerado das bayonetas dos "pe-

riquitos”, elle já paralytico na sua cadeira, proferiu a frase famosa de: “*Correi, correi corja de sem vergonhas eu aqui fico para vos defender*”; mais parecia um recife ponteagudo, ante a furia das ondas espumaradas a bramir. Elle invicto, permanecia impavido, ante o panico estourado da multidão fremente, que corria espavorida.

Esse quadro é pathetico! Pois ahi Feijó cresceu, ainda mais, na sua figura monumental!

Richelieu nunca teve situações como estas. Quando morreu Gustavo Adolpho, na gallopada derradeira das campinas de Lutzen, logo surgiu Bernardo de Saxe-Weimar. Assim nunca o cardeal mostrou como seria na desgraça. Elle nunca conheceu a infelicidade!

Um outro ponto, que aproxima os dois sacerdotes-estadistas, está em que o dever e a lei eram para ambos, magnas divindades de uma religião. Richelieu só as fazia dobrar, quando pelo bem de seu paiz.

Feijó, nem assim passava por cima de seu dever. Elle preferia sahir. As vidas de ambos, isso mostram com clareza. Enquanto que, Richelieu esmagava na França os que lhe eram oppostos, dobrando a lei em favor da causa que defendia, Feijó abandonava o ministerio da Justiça, quando via que dentro da lei, elle nada podia contra a destituição de José Bonifacio, e deixava a Regencia, quando via que, não podia mais contar com maioria nesse Parlamento que Vasconcellos, dominava como um gallo indio em um rebolo.

Na victoria ambos se mostraram dignos.

A extraordinaria figura de Feijó nas cortes portuguezas, no ministerio e na regencia valeu bem

a victoria de Richelieu no tratado Westfalia e mais tarde, no tratado dos Pyreneos, embora esses accordos de paz se tivessem processado depois da morte do grande cardeal. Outra linha de aproximação dos dois vultos, está na vontade de cada um. Ambos deram mostras dessa virtude de um modo exuberante. Richelieu, ao resolver a questão religiosa dentro da França, sitiando la Rochelle, que elle foi tomar em pessoa, animando os protestantes da antiga Liga de Smalkalde, fazendo Gustavo Adolpho cahir como um milhafre sobre a Allemanha de Fernando II, definiu-se como um politico inegualavel, tendo para servir a sua habilidade uma vontade metalica. Feijó na trajectoria luminosa da sua vida de estadista, teve mil manifestações dessa excelsa virtude, infelizmente só na segunda parte da vida do notavel sacerdote, é que, elle pode comprehender a situação da nação, que dirigira como ministro da justiça e depois como Regente. Só então elle comprehendera que era tarde, que elle já estava velho, que gastára a sua energia, quasi que, inutilmente, contra a natureza, não adianta o homem se insurgir.

O que aproxima, ainda, as duas individualidades marcadas, que ora comparo em parallelo que traço, é a grande capacidade de trabalho de cada um.

Feijó deixou-a demonstrada principalmente como Ministro da Justiça, onde a sua actividade foi admiravel.

Richelieu deixou provas dessa capacidade, marcada na sua vida de conductor da politica externa da França.

Emquanto que, este fazia frente aos hespanhóes e imperiaes, tinha que acarinhar os holla-

dezes, inglezes, saboyanos, suissos, venezianos, e protestantes allemães e principalmente Gustavo Adolpho e Bernardo de Weimar, e resolver ainda o temeroso problema dos huguenotes francezes. Elle sahiu-se bem dessa situação, tendo enfrentado todos os dissabores, que vinham ainda com as intrigas da corte, como môlho. Era a duqueza de Chevreuse, quem arrumava algum escandalo amoroso de Buckingham com Anna d'Austria, ou o Duque d'Anjou, Gaston d'Orleans, que com Rohan ou Condé, preparavam alguma conspiração, etc. A tudo o incançavel cardeal dava solução.

Feijó, porem, no meio de sua actividade assombrosa, mostrava sempre a linha de rispidez de seu character, que sobrenadava em qualquer occasião. Era a braza mal aquietada que lhe recordava com tristeza a sua origem sacrilega.

Richelieu não tinha isso a o impulsionar. O cardeal só ouvia a voz da sua ambição e agia movido por uma grande energia, que tinha a seu serviço uma imaginação quente a qual parecia não estar sobrando no paulista. Elle já era aristocrata, emquanto que, Feijó vinha de baixo, muito de baixo... Richelieu vinha de uma antiga familia castelã que havia se distinguido na guerra das religiões (Hilaire Belloc, "Richelieu"). Feijó vinha de gráu mais baixo que a sociedade pode comportar. Elle era um abandonado! Dahi nós veremos a differença immensa, que existia entre esses dois sacerdotes. Isso amargurava a alma purissima do nosso. Elle se irritava a pensar em tal, mas a sua aristocracia não era essa, que se engalana nos ouropeis da corte e se impermeabilisa em camada bem marcada na organização de

sociedades. A aristocracia delle, era a de uma alma admiravelmente bem temperada de virtudes, que fizeram com que, além de heróe, Feijó roçasse com a santidade. Richelieu não tinha esses signos de virtude, que se estampavam vivos na alma de Feijó. Se elle o antistite francez, era muito superior em talento ao paulista, este se lhe avantajava immensamente na pureza de alma e de sentimentos. Richelieu tinha antepassados. Feijó era um antepassado.

Um traço que, mais faz divergir a personalidade do cardeal da de Feijó, está em que naquelle eram extraordinariamente accentuados o orgulho e a vaidade, em quanto que o paulista era a modestia e a simplicidade em pessoa. Dir-se-hia que, Feijó se arreceiava de subir a tanto!

Richelieu tinha uma immensa ufanía de seus feitos e principalmente de sua astucia, bem como da sua percuciencia, da sua vontade, da sua visão, da sua energia e da sua actividade, exteriorizadas de mil maneiras, que elle ainda fazia mais brilhantes, pelo reboar estrepitoso do éco da moldura do luxo e da theatricalidade com que os revestia.

Feijó, era o inverso disso, nelle via-se a simplicidade marcada em seus habitos. Nunca elle pôsou para os seus coévos, ou para a posteridade. Não era costume seu, fazer paradas de suas actividades, as quaes, ás vezes, ficavam até sacrificadas pela falta de um certo ceremonial.

Richelieu, nunca se apresentou sem estado, onde o apparatus fazia paralelo ao brilho pessoal de suas vestes, onde o multicolorido e duradouras de seus ouropes dominavam a purpura cardinalicia.

Elle com essa vistosidade alacre, que se pode admirar nos muitos quadros retratos, feitos pelo pincel magico de Philippe de Champaigne, attrahia as attentões femeninas, se bem que como o seu parceiro paulista, nunca se soubesse de uma só aventura galante, em que elle sorvesse prazeres proporcionados pelo sexo fraco.

Feijó, sempre de preto mettido na sua sobrecasaca debruada de seda luzidia, fazendo resaltar mais ainda a alvura de seu rosto bem escoado e seus traços phisionicomicos austeros e bem salientes. Elle vivia quasi como um monge a sua casa simples da rua do Conde, e em S. Paulo a sua casa da rua da Freira, bem como a sua chacara da Moóca, ainda eram mais simples ainda. O modo, pelo qual elle abandonou o poder nos casos do ministerio da Justiça e da Regencia, bem como no caso do bispado de Marianna, dão bem ideia do quanto, é verdade o que fica affirmado.

Feijó achava que, não havia necessidade de barulho em torno de seus actos. Elle procurava agir pela força, com a rapidez do corisco, com a rudeza do vendaval, com a violencia da avalanche, mas não buscava atemorisar pela encenação, que lhe parecia uma moldura indigna de ser utilizada. O leão não deve procurar processos que não tenham a dignidade da magestade a engrinaldar a sua realza. No rei das selvas só a força deve apparecer.

Acredito que, Richelieu tivesse tido um raciocinio bem mais agil, uma intelligencia mais viva a manejar uma imaginação mais rica, mas elle, por certo, não tinha a tempera e o character do padre paulista. Para Richelieu a palavra empenhada não teria o mesmo valor do que para Feijó. Talvez

Cromwell respondesse melhor a uma comparação, a esse respeito, com o Regente de ferro, do que o cardeal francez. Cromwell, o emerito general, chefe dos "round heads", tambem como Feijó havia conhecido o soffrimento e a necessidade, pois o rude cervejeiro inglez, tambem viera debaixo e não tinha lambrequins aristocraticos a emoldurar a sua perigração pela gloria, que elle colheu nos sangrentos campos de Worcester e de Naseby.

O cardeal era forte, mas elle reunia a hypocrisia e o fausto á fortaleza. Para elle, todos os caminhos eram bons, uma vez que fosse conseguido o seu objectivo, que era a felicidade da França, por seu intemedio (1).

Feijó, tambem buscava com afan a felicidade de sua patria, mas elle não desejava chegar a esse objectivo, passando por cima da sua dignidade, e não se importava se esse objectivo fosse attingido por outrem. Elle collaboraria com esses outrem, ainda que tivesse de renunciar á posição de mando e seguiria, o seu adversario que fosse, para attingir ao seu alvo. Uma vez porém que esse alvo só pudesse ser conquistado á custa da sua dignidade, Feijó preferiria se afastar. Foi aliás, o que elle fez, quando abandonou, pelas duas vezes, o poder e voltou para a sua provincia.

Talvez Cromwell se aproximasse mais desse perfil moral.

Elle era como Feijó, rudé, violento mesmo, mas a ambição picou-lhe no fim e elle se aproximou mais da figura do cardeal, mas no inicio, quando

(1) Feijó era forte, mas profundamente liberal. A sua fortaleza era para que tivesse mais força a liberdade. Elle empregou a força para que o liberal fosse mais efficiente.

elle ainda não havia sido enthronisado como "lord protector" o morbus da vaidade e da voracidade, ainda não o havia seduzido.

Talvez por esse motivo, Feijó, deixasse a impressão de ter sido mais rude do que qualquer um desses chefes, mas na intimidade Feijó era mais affectuoso. A ternura delicada, que elle sempre demonstrou para com sua irmã, bem como a fina amizade, que elle dedicou a seus amigos mais chegados, como Joaquim José dos Santos Camargo, o dr. Miguel Ribeiro de Camargo, a affeição carinhosa que elle tinha por Evaristo, por Limpo de Abreu, pelo barão de Pindaré, por Paula Souza, ou pelo Marquez de Barbacena, não encontram paralelo em Richelieu, que passou pela alta governança da França, sem que tivesse deixado dedicações.

Se Richelieu ao se manter durante 18 annos, como primeira cabeça dos destinos da França, não foi, como Atila, o flagello de Deus, sob as patas de cujo cavallo, não cresceria jamais a herva. Se elle não deixou um deserto de amizades, o mesmo não se pode dizer de Feijó, que ao morrer não levou muitos rancôres para o alem.

Cromwell se não teve grandes amigos, tambem não deixou muitos inimigos, mas este quiz realisar uma nova dynastia, deixando o cargo supremo para seu filho Ricardo. Isso foi uma nodoa no character do grande general inglez.

Em Richelieu, como director dos negocios francezes; não se ve uma só fraqueza grave. A vida d'elle é um espelho limpido, que só perde a luminosidade quando se entra a examinar o modo pelo qual o cardeal ganhou o poder. Não foi a custa do seu esforço no campo de batalha, como

Cromwell, nem a custa do crescimento de seu prestígio, como Feijó que, Richelieu subiu, mas sim se valeu da adulação a pouco intelligente Maria de Medicis e ao susceptível Marechal de Ancre.

Feijó não usou desses processos jámais. A esse respeito o padre paulista foi-lhe immensamente superior, pois sempre sobrio, elle se mostrou de uma altivez, as vezes roçando pela intratabilidade. Feijó sempre foi acostumado a pobreza. Viveu pobre e morreu pobre, passando por duras necessidades, emquanto que, o príncipe de Igreja francez, foi riquissimo, tendo deixado pelo seu inventario cerca de 60 milhões de francos, depois de haver sido dos homens mais opulentos da França. Richelieu era avarento, emquanto que, Feijó era economico.

Não creio que, o cardeal pela, sua cupidez, haja sacrificado o seu paiz em seu proveito. Elle não seria capaz disso, alem do que o lucro que elle deu á França foi immenso. Foi elle, pela sua intelligencia, quem abateu a casa dos Habsburgo. Foi elle quem fez decahir a potencialidade invencivel dos "tercios" hespanhóes, então a primeira infantaria do mundo, que cercava todas as fronteiras francezas. Foi elle o creador das forças permanentes na França. O que esse paiz deve a Richelieu é tanto, que jámais a sua memoria seria resgatada, ainda que a gratidão dos francezes fosse escripta com toda a agua do Atlantico.

Neste ponto Cromwell se aproxima muito mais de Feijó. O inglez era muito mais sobrio, e mesmo quando, a sombra da realza britannica havia cahido, com a cabeça sangrenta de Carlos I o energico cabo militar inglez, ao penetrar no White hall fez dahi bannir toda a pompa que Stuarts haviam

creado na sua immensa prodigalidade. Acostumado á vida miseravel das baixas camadas, Cromwell, levou tempo para amolecer o seu character, ao contacto morno com o grande luxo amodorrento do palacio de Buckingham.

Feijó foi muito mais modesto, que ambos esses vultos citados. Elle nunca cedeu ás tentações do fausto, que uma corte facil pode proporcionar a um ministro, ou a um Regente como elle foi. Feijó ao abandonar essas posições com a mesma simplicidade, com a mesma modestia com que havia entrado. Elle não mudou uma só linha na frugalidade monacal do seu trato. Era o mesmo homem, que descendo dos degraus do throno, ingressava no anonymato de onde havia sahido. Não se alterava uma só das suas modalidades. Nelle viam-se as mesmas linhas rigidas de uma austeridade admiravel.

Vejam-se, por exemplo, as condições que elle impoz á Regencia trina para acceitar o cargo de Ministro da Justiça. O seu trato pessoal não se modificaria.

Quando Feijó morreu, os seus bens, não subiram a grande cousa. Com muito pouco, a sua sobriedade se satisfazia. Tudo quanto possuia Feijó, deixou para sua irmã D. Maria Justina de Camargo, essa que sempre fora o luzeiro ameno de toda a sua vida, essa que sempre fora o refrigerio dulçuroso de todo o seu soffrer.

Feijó tinha um espirito extraordinariamente liberal. Neste ponto ainda elle se aproxima mais de Cromwell, que como elle havia vindo da soto-planura. Toda a vida do sacerdote paulista era uma demonstração desse seu liberalismo extremado. Haja vista para o seu testamento, feito al-

guns mezes antes de, assumir a Regencia. Elle, ahi marcou mais fundo o traço, que elle seguiria na Regencia. Foi o seu prefacio, na obra que teria de realisar na governação do paiz. Eis o abolicionista!

Cromwell tambem se mostrou muito liberal, mas esse liberalismo cromwelliano foi evidente, emquanto o grande general inglez, estava fóra do poder. Depois elle se restringiu. E' isso aliás o que acontece a quasi todos os governantes. Liberaes até a demagogia, emquanto na opposição, para serem conservadores até ao absolutismo uma vez attingido o poder. E' ahi justamente que, Feijó fazendo uma excepção á regra, muito se destaca. Elle foi liberal antes e durante a sua regencia no Imperio.

Richelieu foi muito mais esperto, muito mais habil, foi emfim um politico, emquanto a que Feijó fez falta conjuncto de qualidades para fazer politica. Richelieu foi bem um discipulo de Machiavel. Elle rezava mais pelo "Principe" do que pelos Evangelhos romanos, seus processos eram menos rudes e mais disfarçados. Elle não atacava de frente. Elle fez escola e como elle a posteridade nos apresenta Talleyrand, Kaunitz e Metternich, alem de outros.

Feijó era só a franqueza e a candura alliadas á rudeza e a energia. Feijó ignorava o sabio florentino, que havia enfeitado Richelieu.

Dos ensinamentos de Dom João II, o paulista só aprendera a imitar os dias de falcão, desprezando os que se mostravam como se procederia nos dias de coruja.

Nas cortes de Lisboa, Richelieu não se teria exposto como o fez Feijó, que de um modo, sem

refolios, sabendo o que fazia, offereceu-se a ser alvo da mesma sorte que attingira a Vergueiro, ou Cypriano Barata isto é, a ser violentamente posto fóra da tribuna parlamentar em que se achava a orar.

Ha, ainda, um vulto na hitoria, que faz recordar a fereza de Feijó. E' Pombal, o famoso conde de Oeiras, o celebre Sebastião José de Carvalho. Mas emquanto que, este era prepotente e cruel, o sacerdote paulista era energico e justo. Alem de que, Pombal era intellectualmente muito inferior ao padre. (1)

Richelieu, o politico, não escolhia meios, quando estava por baixo, elle se humilhava, e chegava mesmo a bajular. Haja vista para o seu procedimento com Maria Medicis, quando o punhal de Ravallaic abateu o "vert gallant". Quando porcm, o cardeal estava de cima, a sua energia não tinha limites. Elle tinha por lemma *Ad Majorem Françae Gloria'*, mas conservando-se na primeira plana, mas por seu intermédio exclusivo. Elle seria incapaz de um sacrificio pessoal, mesmo por seu paiz.

Feijó, não! Longe disso!

Extraordinariamente abnegado, magnificamente desprehendido, altruista ao supremo, Feijó não só seria absolutamente incapaz de uma acção menos digna e que o rebaixasse unicamente para se manter no poder. A carta que elle escreveu em 1823 ao Imperador, representando contra José Bonifacio é um modelo de linha. Ella bem poderia ser a introdução das que elle escreveu á Regencia

(1) Sim, fereza de Feijó; mas era uma fereza para que existisse a liberdade. Era um braço forte a serviço de um cerebro liberal.

trina, em 1832, deixando o ministerio da Justiça, e do officio, que elle endereçou a Araujo Lima, abandonando a Regencia em 1837. Compare-se essa linha imperturbavel de coherencia, que tem uma rectidão implacavel, com a que se traçou Richelieu, na carta que em 1610 dirigiu a Maria de Medicis e que foi interceptada por seu irmão. (Hilaire Belloc, "Richelieu", Payot).

Para Richelieu todos os caminhos serviam para subir.

Para Feijó só havia um, que era o da dignidade.

O cardeal era a raposa, o padre paulista era o leão.

Ninguém muda o genero a que pertencem os animaes. Dahi a differença das sendas trilhadas por diversos grupos humanos que se deixam dirigir por tão variadas personalidades.

E' certo que, Feijó muito amava a sua terra. Servil-a-hia, porem só dentro das medidas da lei, da dignidade e do dever. Por ahi passava para o egregio sacerdote paulista, as fronteiras da sua obrigação. Elle era a espada leal e cavalheresca, enquanto que Richelieu era a adaga trahiçoeira, ou o punhal entocaiado.

Como eu disse acima, outro simile que vem a mente de quem imagina Feijó é o de Pombal.

Mas nessa personalidade, que encheu o reinado de Dom José, não encontramos as virtudes, que engrinaldaram Feijó. Pombal, quando a Dom José succedeu no throno a reaccionaria D. Maria I confessou os seus crimes e delles se arrependeu, sendo perdoado. Feijó se tivesse crimes ter-se-hia confessado, mas suas acções de mascula energia elle jamais as renegaria. Até quando, mais tarde, em

S. Paulo, Feijó pela secção livre da imprensa, voltou a fallar sobre o celibato clerical, não o fez em se retratando, pelo contrario, elle confirmava tudo.

A sua postura na revolução de 42 dá bem o cunho da sua personalidade!

Pombal era deshumano! Feijó era justiceiro!

Pina Manique o braço executor das ordens bravias de Pombal, era um desalmado!

Lima e Silva, que depois foi Duque de Caxias, era um patriota. Elle agia imbuido do mais puro idealismo. A dupla de Pombal e Pina Manique era carniceira e selvagem, enquanto que a de Feijó e Lima e Silva era apenas humana.

Feijó manejava pristinamente a espada flamejante de Gabriel, enquanto que Pombal empunhava a de Azael, ou a acha sombria de Lusbel, ou a clava de Armagedon, ou ainda o tridente fumegante de Lucifer.

Eu não encontrei nada na vida de Feijó, que demonstrasse ser elle muito paciente. Pelo contrario, a impectuosidade de seu genio a intractabilidade de seu character rispido, a sofreguidão dos surtos de sua carreira publica, a ardencia de seus gestos, a rapidez de seus golpes, estão a mostrar que, elle deveria ter sido frenetico, impaciente e incapaz de aguardar uma construcção.

Feijó não plantaria carvalhos. Elle preferiria o plantio da couve.

Emquanto isso, Richelieu, que era mais cerebral, o que o habilitava a ser um finissimo politico, não era tambem muito mais paciente. Isso não quer dizer que, o padre não fosse tenaz, mas elle desejava ver os seus objectivos mais rapidamente atingidos, embora porfiasse nelles. O facto d'elle ter sahido da soleira de uma porta, onde fora aban-

donado recém-nascido e haver chegado ao mais alto degráu do throno, isso mostra. Feijó possuía uma vontade indomavel, alliada a uma tenacidade absoluta, mas era impaciente, porque queria que tudo se fizesse, com extrema urgencia. Elle exigia que, suas ordens fossem cumpridas com a rapidez com que, elle pensava. Como elle o fazia muito depressa, que tal era o feitiço de sua mentalidade, elle mostrava logo "frenesi" com qualquer demora sobrevinda na execução.

E' preciso não confundir tenacidade, com paciencia. Esta exige tranquillidade, aquella pode coexistir com um espirito febricitante e até é mais efficaç, quando ha essa concomitancia.

Physicamente Richelieu não valia o paulista. O cardeal gaulez era epileptico, tinha seus nervos atrapalhados. Dizem que elle, as vezes se julgava cavallo e como tal gallopava em torno de seu gabinete, relinchava como um corcel e distribuía coices entre os seus servid ores. (Hilaire Belloc — "Richelieu").

Feijó, era um homem perfeitamente equilibrado. Tinha musculos de aço, e possuía uma saude de ferro na sua mocidade. Richelieu era aparentemente fraco. E' certo que, ambos morreram moços, pois Richelieu nascendo em 1585, falleceu em 1642, portanto com 57 annos. Feijó nascendo em 1784 falleceu em 1843, com 50 annos. E' certo, tambem que, nos 8 e 9 ultimos annos de sua vida, esta foi atribulada por incommodos sem par, mas elles não foram a consequencia de qualquer fraqueza physica.

Synthetizando esse ponto, me parece que, se Richelieu foi mais um cerebral, com o que ele pode ser um politico finissimo, Feijó foi-lhe su-

perior physica e moralmente, pois, com todo o seu talento e a sua sabedoria, a sua visão era este homem de extremada boa fé, que chegava a roçar com a ingenuidade.

Feijó, bem no seu intimo tinha uma circumstancia, que o differençava de qualquer um desses vultos invocados para lhe servir de parallelos. Elle tinha no mais profundo de sua alma o travo amargo de um espinho encravado, que torturava seus momentos inteiros.

Pode-se affirmar que, Feijó era um eterno soffredor, sempre com a braza ardente de uma situação especial, com a sua origem a lhe lembrar, a cada instante, o labéo ignomnioso, que lhe deveria marcar a vida toda, acompanhando-o, como uma sombra, até o tumulo. Nem ao menos, o egregio padre paulista tinha, com quem se abrir, com quem desabafar a angustia que o opprimia, cada vez que, um nervosismo qualquer o exarcebava em sua sentimentalidade. Elle era, por isso um recalçado, que não podendo externar o seu soffrer, afundava a sua dor no seu proprio eu, a devorando sósinho. Óra a persistencia desse proceder o fazia um misanthropo, sempre tristonho e severo, talvez, em demasia.

Assim Feijó, era um cardo vivo, sempre aretoso a repellir espinhoso a convivencia com os seus semelhantes. Dahi augmentar as difficuldades dos meios d'elle poder se expandir.

Mas elle era por fóra cheio de espinhos, mas profundamente affectuoso na intimidade, como eu já disse.

Como o cardo elle possui no interior a doçura do mel.

Era difficil, porem, penetrar nessa intimidade. Feijó se assemelhava a esses fructos de casca rija e expessa, como a nós, a amendoa, a avellan ou o coco, em que é preciso antes um labor muito arduo, para subtrahir a carapaça, mas uma vez o fructo livre da sua crosta, o conteúdo se apresentava ameno e doce. Assim era a amizade de Feijó. Cobria-se uma reserva difficil de ser abatida; mas uma vez ella vencida, encontrava-se todo um thesouro de bondade e de cordura affavel.

Talvez, por isso, é que elle tinha muito amigos dedicados, como foram Joaquim José dos Santos Camargo, Dr. Miguel Ribeiro de Camargo, Evaristo, Limpo de Abreu, Alvares Machado, Tobias, Vergueiro, Paula Souza, João Tibiriçá de Piratininga e outros.

Ha pouco fallei em tenacidade, mostrando a conveniencia em não confundil-a com paciencia, e dizia que, Feijó es mter sido paciente, teria sido muito tenaz. E a prova disso está na sua vida, que sem culpa delle, partiu de tão baixo e elle fez ascender a tão alto.

A esse respeito penso que o francez, não foi tão tenaz quanto o paulista, mais talhado na feitura anglo-saxonica. A esse respeito, ambos tiveram em suas respectivas carreiras muitos altos e baixos. Richelieu ingressou na corte de França em 1616, para logo em 1618 cahir em desgraça, que o afastou para o seu longinquo Poitou, de onde só veiu, de novo, dirigir a politica da França em 1624, permanecendo, desta vez, até o fim de sua vida em 1642.

Feijó, teve, tambem, uma vida bem accidentada. Em 1821, foi deputado ás cortes portuguezas, depois só teve relevancia a sua ação em 1827, no

inicio da questão do celibato clerical, e depois só appareceu em 1831, como ministro da Justiça, cargo que occupou até 1832, só surgido, como Regente do Imperio em 1835, completando quasi que, dois annos de reinado, para depois entrar novamente em eclipse, até que o fragor da arma em 1842, veiu novamente illuminar a pallidez marmorea de seu rosto de asceta, levando-o como um holido vivo até o seu tumulo em 1843. Richelieu, só teve dois periodos de eminencia, o de 1616 e o mais fulgurante de 1624 em deante. Feijó teve muitos, sua vida foi como a de um astro, que se vivifica esplendoroso, em certos momentos, a ponto de attingir no firmamento negro da noite eterna o maximo do fulgor, descrevendo um listrão de intensa luz no fundo ermo, para percorrer depois immensas distancias desse infinito gigante e mysterioso, como estrella morta, sem luz, no anonymato de sua provincia, modesta e sem vida, na pobreza de sua simplicidade incrivel, e surgir logo depois no rebrilho innegualavel de uma actividade unica.

Oh, quantas vezes Feijó teve que, abandonar essa corte miraculosa do Rio de Janeiro, onde o apogeu o coroava a primeira figura do Imperio, para a intractabilidade de seu genio a inflexibilidade de sua tempera, a irritabilidade de seus sentimentos, a eterna ancia de sua alma soffredora. o arrojor ás gehenas do esquecimento, onde elle ficava largos annos a cultivar o seu chá na sua vetusta chacara da Moóca, naquella neblinada Paulicéia!

A esse respeito vem insensivelmente a imaginação a lembrança de Pombal! Mas este, não teve occasião de mostrar a tempera da sua coragem, frente a immensidão da desdita. Quando surgiu

com a morte de Dom José, o espectro do declínio. Pombal não se mostrou á altura das circumstancias, como Feijó em Sorocaba, naquella famosa jornada em que, elle, paralitico, perguntava a Lima e Silva, quaes eram as ordens trazidas e o commandante da legalidade respondia com frieza, que eram as mesmas, que elle Feijó havia dado ao major Lima e Silva, quando ministro da Justiça; ou ainda quando, elle como um rochedo pontegudo firme e magestático, ante a multidão em panico que bramava, proferia com voz cava, que iria reboar pela vastidão da posteridade: "*Correi, correi corja de sem vergonhas, eu aqui fico para vos defender*".

Onde, na vida de Pombal, de Richelieu, ou de qualquer outro vulto memoravel dos que um Plutarcho moderno desfiaria, capaz de uma scena epica como essas?

Richelieu, graças ao seu temperamento bravo, teve na França muitos inimigos. Eis aquelle aristocracia, que o bearnes deixou, ainda, com grande autonomia, que a faria ir descontente até a Fron-da! O cardeal teve que, quebrar o orgulho dessa aristocracia, ambiciosa e enfatuada. Eis Maria de Medicis, essa, que fora a principio sua protectora, depois passando a ser sua inimiga rancorosa. Não era a rainha mãe, da França uma Medicis em quem dominava borbulhante o sangue florentino? O que valia ao cardeal era a curteza de intelligencia da italiana.

Eis Anna d'Austria, a esposa de Luiz XIII, essa subtil intrigante, que os Felippes de Hespanha, tinham encravado no flanco da França, a perturbar a acção politica do reino, que Richelieu fazia por attingir ás suas fronteiras naturaes, no Rheno, nos Alpes e nos Pyreneos!

Ah, se não fosse a displiscencia dessa pallida e loura Habsburgo!

Eis a multidão de bastardos de Henrique IV, lembrando as Gabriela d'Estrées, as Corisandas ou as d'Entraigues. E Richelieu, como uma náu de guerra, passava soberano e invicto, entre essa multidão ululante, que bramia impotente como lobos, que uivam ante um inimigo mais forte!

Assim, também foi Feijó. Teve muitos inimigos o sacerdote de ferro.

O inverso não era de se observar, em criatura tão vincada como Feijó.

Eis Dom Romualdo, o melifluo marquez de Santa Cruz, o untuoso bispo da Bahia e depois primaz do Brasil, que como uma hyena só atacava a noite o inerme, quando outro mais forte já ferira os movimentos da victima, que não mais podia se defender.

Eis Castro Alves, com toda a sua bruteza de atacante ferino. Elle parecia um lobo raivoso a mostrar a colera inocua contra o leão soberano!

Eis os Andradas implacaveis, a corroer como acidos, que abatem o proprio ferro!

Era uma dinastia poderosissima, uma maçonaria tremenda!

Eis Montezuma, que teria sido um recorte admiravel para um perfil de Eça de Queiroz, esse que depois foi liberal como Feijó e que antes era republicano exaltado!

Eis Bernardo de Vasconcellos, que a todos sobrepunha pela sua eloquencia arrebatadora, que com sua voz abarytonada, nas suas arengas empolgantes parecia um redomoinho no oceano tempestuoso de uma opposição allucinada; esse que depois de liberal virou conservador!

Eis Honorio Hermeto, o futuro marquez do Paraná, firme como um escolho nesse mar enristado!

Eis Hollanda Cavalcanti, como se fôra um leão do norte, com a juba cortada pela sua ambição e sua vaidade!

Ah, mas Feijó tinha amigos, mais clientes que amigos mas bem mais destacados do que os que na França, nesse seiscentismo de legenda, haviam quebrado uma lança pelo cardeal!

Eis, Evaristo, o grande Evaristo! Elegante na sua sobre-casaca, com os punhos rendados, a empolgante e apolinea figura da tribuna parlamentar do primeiro Imperio, parecia um Adonis da eloquencia.

Sua palavra atheniense era o aço laminado de Toledo!

Cortava mais do que o gume acerado de mil durindanas valentes!

A ponta aguçada de sua ironia, feria mais do que o esgrimir floreteado da espada de D'Artagnam!

A sua cultura manobrada com a legancia desigualavel parecia a lança heroica de um Bayard "sans peur et sans reproche".

O seu talento na tribuna era como que o volteio magico de mil cavalleiros negros no Chryssus da predestinação!

Ninguém podia resistir a força impectuosa desse ariete de guerra, dessa torrente, que se arremessava incontida sobre o muro da opposição. Mais adiante em outro capitulo reproduzimos uma oração de Evaristo e pelos seus formosos periodos podemos fazer uma ideia.

Eis, Limpo de Abreu! Eis Vergueiro! Eis Xavier de Carvalho! Eis Paula Paraizo!

Eis Alvares Machado!

Lembram-se da questão agitada por Montezuma, o republicano exaltado, chamada das cartas de seguro?

Oh, esse 1.º de Agosto de 1831! Quanto recordação agri-doce desses dias memoraveis em que os "caramurús" os "chimangos" e os moderados, se entrebatiavam com a ancía do desespero, reboando como se fossem golpes estridulosos de carniceras achas de armas, os lances que as tres facções desferiam, nas arcadas das galerias do Parlamento dessa regencia trina na primeira metade do seculo passado!

Richelieu tambem conheceu as paixões das lutas das facções que ensanguentaram a França no seu tempo, os prelios ardidos das religiões não haviam cessado. As brazas ainda rubras de um rescaldo morno, que Henrique IV, não fizera espalhar as cinzas, de quando em vez provocavam novos incendios que se alastravam pela macega de temperamentos ardorosos, que a febre da Guerra dos Trinta Annos, que então ensanguentava a Alemanha, tornava ainda mais afogueados.

Feijó, então, teve que enfrentar o turbilhão de paixões, que se cruzavam, sentimentos que se chocavam, interesses contrarios, que se desencaideavam. Eram clavas, que voavam em todas as direcções dispersando lascas eburneas e incandescentes, que se iam projectar mortiferas nas carnes dos que com bravura empunhavam a direcção daquelle barco, que desarvorado como um derelicto ao sabor do vendaval que corria para o abysmo.

Eis a regencia nessa primeira metade do século passado! Feijó foi della o ministro da Justiça. A sua tarefa era difficilima, mesmo que nelle se transfigurasse todo o poder milagroso de Fausto de Goethe.

O paiz era um composto de partes as mais heterogeneas, sob todos os pontos de vista.

Eram grupos mais proximos da metropole portugueza, a receber de Lisboa o sopro da influencia dos seus acontecimentos politico-sociaes, que ahi iam rebater através das aguas do Atlantico. Eram grupos mais conservadores, ligados a certos costumes, que lhes eram particulares. Eram milhares de pessoas, que mergulhadas em uma região climatica, haviam sido modeladas physicansyquica, mental e moralmente de uma maneira particular. Eram interesses presos a certos e determinados productos, que naturalmente buscavam as situações mais favorecedoras. Tudo isso, se entrechocava antagonica e turbilhonamente na metropole carioca. Tudo isso, emanava sentimentos, que se contrariavam, muitas vezes, mas sempre eram discordantes e não se afinavam pelo mesmo diapasão. Como unir essa mixordia heteroclitica, como apaziguar esse mar borbulhante, como ordenar esse cháos?

Feijó, era o ministro da Justiça. A elle incumbia, como a um maestro de orchestra executar uma harmonia com esses elementos completamente disparees.

Foi ahi que, se manifestou o genio do padre de ferro. Elle não conseguiu dominar a situação. Elle foi vencido pela borrasca. Mas quem não seria? Ainda que tivesse, elle a vara de Moysés, não

haveria meios de conseguir senão um resultado soffrivel.

O futuro, a segunda metade do seculo XIX, e a primeira do seculo XX, são as confirmações de que o realisado pelo sacerdote paulista, fora o maximo. Não seria possivel fazer mais!

Com Richelieu, a situação foi muito differente. A França era a velha Gallia romana. Tudo nella era harmonioso e homogeneo. As ethnias se affirmavam pelo mesmo diapasão. Os limites naturaes eram aquelles que a politica de Richelieu porfiava em attingir. O dedo soberano do Creador havia desenhado e esculpido, até onde deveria chegar o poderio de França.

Richelieu teve o merito apenas de não os ultrapassar. O mappa estava porem o guiando.

A França deve a elle uma gratidão immorredoura, mas Feijó é credor de maior sentimento da nossa parte. Uma estatua em ouro, não pagaria ao padre o muito que elle revelou ser. O que Feijó realisou, por certo, seria muito mais difficil ser materializado, do que o que Richelieu deixou feito na França, entretanto as qualidades masculas patenteadas por Feijó, foram a meu ver superiores as que Richelieu evidenciou.

Se tivessesmos invertido os papeis, o francez em sendo polifico habilissimo não teria demonstrado o perfil vincado, que Feijó deixou transparente aqui, emquanto que, se Feijó tivesse existido no lugar do cardeal francez, teria erguido no solo da Gallia o mesmo monumento que Richelieu fez.

E' que, Richelieu foi a imaginação, mas Feijó foi o realisador.

Eu acredito na superioridade de Feijó sobre Richelieu, porque todos os actos do sacerdote pau-

lista apparecem ungidos por um espirito de santidade, na qual commungam a sinceridade e a abnegação. Feijó elevou-se até a um plano superior, com esses attributos, que aureolaram a sua fronte de apóstolo. Esses traços indistinctos na vida do grande varão da nossa terra, deram a elle um aspecto inconfundivel nas paginas da historia humana, Feijó não foi só um estadista; elle foi um expoente.

Ungido de taes attributos, eu só encontro no passado humano a personalidade de Washington, e talvez de Bolivar ou de Juarez, homens dotados de immenso despreendimento, que depois de haverem dado ás suas patrias toda a somma de seus esforços, souberam recusar coroas que lhes eram offerecidas. Como Feijó ao descer os degraus da Regencia e se recolher a S. Paulo, tambem Washington voltou os seus passos para a Virginia, onde a velhice o foi encontrar com a nivea cabeça, coberta de cans de prata, sempre com aquelle sorriso semi-ironico, a bailar em seus labios apertados.

Mas uma vez que, se falla em vulto da estirpe anglo-saxonica, convem lembrar alguns traços que foram identicos na pessoa de Feijó e em Wellington, o grande duque inglez, que em meados do seculo passado attingiu as raias de semi-deus nas brumosas ilhas da Mancha.

A firmeza de Feijó lembra bem a de Wellington em Waterloo, quando Napoleão jogava contra os quadrados de "highlanders", a fina flor de seus couraceiros. Então as palavras de Wellington de que: "Aqui morre o ultimo bretão, mas os francezes não hão de avançar"; são bem dignas das que caracterisaram o heroismo de Feijó, ao ser exilado com Vergueiro, a bordo de uma embarcação, que

os levava ao Espirito Santo; perguntado por Vergueiro o que iriam fazer deles os do governo, Feijó respondeu com voz soturna: "Não sei o que farão de nós, mas se eu fosse governo mandaria nos fuzilar".

Wellington, sempre foi tenaz como uma rocha. A sua campanha na Peninsula Iberica e particularmente a sua defesa de Torres Vedras, dão bem nítido esse sulco no perfil do velho inglez.

Não se pode dizer que, a Feijó tivesse faltado o sentimento de audacia, pois a sua acção nas cortes portuguezas em 1821 e 1822, foi assaz caracteristica. Então elle parecia a proa de um galeão de guerra a penetrar victoriosa pelas massas de inimigos fervilhantes, que como um mar borrascoso ameaçava tragar o imprudente que passava "muito além da taprobana" com a sua audacia de fallar em independencia das provincias de além mar, naquella reunião de fanaticos.

Não sei como não trucidaram o sacerdote paulista, naquella vez em que elle, em pleno parlamento portuguez, parecia desafiar o proprio martyrio com a sua temeridade aloucada!

Tenho a impressão de que, Feijó praticou um acto de desespero, com suas palavras enthusiasmas de idealismo nessas cortes portuguezas. Esse acto de audacia, deixa perplexo o que reflete nelle, verificando o quanto tem de impraticavel em dias de hoje.

Dir-se-hia Feijó, feito de uma lasca de uma catapultta guerreira, talhado por uma alabarda, que estivera sempre enristada frente ao inimigo.

Wellington nunca mostrou tanta audacia, se bem que na sua campanha da India contra os mah-ratas em Assaya, elle haja revelado movimentos

assaz temerarios. Elle na Peninsula sempre venceu pela segurança, pelo calculo frio, pela certeza de seus golpes, e não pela aventura ou pela surpresa.

Feijó, porém, foi uma symbiose de todas as virtudes reveladas por todos esses varões plutarchianos na historia. Elle se mostrou possuidor de todas as superioridades que enfeixam os grandes homens. Uma só lhes fez falta. Foi a de viveza de raciocinio, de presteza de vistas, de rapidez de visão. Eu não encontrei na historia ninguem que tivesse um perfil moral ajustado ao de Feijó cujas linhas deveriam ser procuradas em varias personalidades e depois reunidas em uma esquisita e complexa construcção, formando um conjuncto composto.

CAPITULO VIII

A QUEDA DE UM ASTRO

Logo, ao ser proclamada a independencia das colonias lusas, a sete de Setembro de 1822, ás margens do regato Ipiranga, a situação do principe regente Don Pedro foi a de um idolo.

Elle era o pólo, que concentrava todas as energias, todos os sentimentos, todos os vibrantes anseios, todas as doridas mortificações, todas as preces e desejos, todas as alegrias dos coloniaes, que em torno de sua augusta pessoa formaram e desenvolveram o espirito nacional em opposição ao que trazia o filho de alem mar. O antagonismo flagrante entre o homem da terra, esse que vinha através de muitas gerações que haviam visto as colonias nascerem e ainda tinham aos ouvidos os seus primeiros vagidos, que eram o eco ribombante dos arcabuzes quinhentistas nas lutas carniceiras, contra o incola selvagem, que sem saber defendia o seu sólo invadido, e mesmo o que tinha paes ultramarinos, mas aqui se haviam radicado e ainda mesmo os nascidos em terras extranhas, mas aqui firmados pelo coração, e o reinol teimoso e arrogante a timbrar em se mostrar superior ao colonial, pelo facto unico de haver nascido em regiões europeias,

se estremava dia a dia, se fazia mais violento a cada instante, se tornava mais nítido a proporção em que os acontecimentos se iam succedendo.

Já no seiscentismo, quando, aqui nestas plagas americanas, corriam a segunda ou a terceira gerações de povoadores, começara o antagonismo entre coloniaes e lusos reinóes.

A aclamação ao Amador Bueno, não havia sido outra cousa, no planalto de Piratininga, senão a mostra disso em flagrante opposição a aclamação, de Dom João IV, o duque de Bragança, que se succedera a aquelle estrepitoso fracasso.

Os nacionalistas, que não tinham muito amor a Portugal, principalmente esses, que não descendiam de portuguezes, ou se descendiam tinham pouca proporção de sangue luso, foram formando hostes e idéias em torno desses, que vinham de aborígenas ou de hespanhóes, ou ainda de flamengos. Os proprios descendentes de portuguezes, não tinham muitos motivos de tributar fidelidade a Dom João de Bragança. Gerações de americanismo colonial, haviam decorrido, desde que seus maiores, haviam aqui aportado. Meio novo se havia imposto as suas respectivas formações. Vida differente, occupações diversas, constituição social, que não era a mesma que a da terra peninsular, clima outro, convivencia differente, tudo isso fazia com que se fosse formando e evoluindo idéias proprias, sentimentos seus, costumes que, só a elles diziam respeito, mentalidade sua, etc. Ora, porque elles, que jamais haviam visto o reino, que lá não conheciam ninguem, que tinham cortadas as ligações de parentesco com seus consaguineos, que haviam lá ficado, que não tinham amigos e nem sequer conhecidos do outro lado de Atlantico, que

não tinham com os dessa terra interesses economicos condizentes, haviam de ter lealdade a esse paiz, que por todos esses motivos lhes era exotico?

Foi assim que logo no seiscentismo, a aclamação de Amador Bueno, foi a primeira manifestação de nacionalismo, nesta parte do Atlantico. Em torno desse, que deveria ser o seu supremo expoente, se reuniram as energias dos povoadores e quando a occasião se fez mais favoravel; porque a Hespanha ainda estava a braços com a Guerra dos 30 Annos na Europa, a qual só terminou pelo Tratado da Westfalia em 1648, Portugal estava a tremer de medo da reacção hespanhola, e as demais colonias luso-americanas, estavam as voltas com os hollandezes, que em 1630 haviam invadido o Nordeste, só sendo constrangidos a desoccupar a terra em 1654; foi feita a aclamação do rei paulista, que era a verdadeira independencia do Brasil. Infelizmente Amador Bueno não estava a altura da situação e não comprehendia o que abandonava, no seu gesto idiotisado, com o que fazia perder uma optima occasião de libertar as colonias luso-americanas. Imagine-se o Brasil podendo applicar aqui, tudo quanto conseguiram os seus filhos audaciosos, em materia de mineração no setecentismo, ao envez de terem, como socio o odioso fisco portuguez, que carreiava para Lisboa grande parte dos lucros apurados nas Geraes, em Goyaz e em Cuyabá!

A expulsão dos invasores flamengos, foi outra manifestação de nacionalismo, que se desenvolvia allures. É' verdade que, no Nordeste, o nacionalismo teria de evoluir mais lentamente do que no planalto paulista, pois era uma região mais proxima de Portugal, com as communicações mais vi-

vas com essa região, com recursos de economia mais fartos, de modo a atrahir mais gente da península, que para ali affluia com mais volume na emigração, do que para o planalto paulista, região pauperrima, que nada tendo para offerecer ao imigrante, recebia apenas um filete quasi que imperceptivel de gente europeia.

Sem embargo disso, logo no inicio dos setecentos, quasi que ao mesmo tempo que, a guerra dos emboabas, outra manifestação de pujante nacionalismo dos paulistas na sua luta contra os forasteiros, houve no Nordeste a guerra dos Mascates, que foi ainda uma mostra de que, patrias novas se formavam no regaço da America.

A Inconfidencia mineira, foi tambem uma manifestação de nacionalismo regional e outras não tiveram lugar, porque o planalto paulista estava muito debilitado com a emigração em massa para as regiões do ouro, e o Nordeste havia perdido o monopolio assucareiro, com a concorrência que a custo supportava com as colonias centro americanas, as Antilhas, e algumas colonias hispanicas na America sulina. Isso debilitavam economicamente o Nordeste, a ponto de a influencia portugueza nessa região proxima a metropole, esmagar qualquer surto regional. A vinda da familia real portugueza impediu que, a evolução proseguisse na trilha em que, caminhava no setecentismo e fez retardar a libertação do dominio lusitano na America em completa divergencia com o que succedia ás colonias hespanholas, que cortadas as communições maritimas com Madrid em virtude do dominio inglez nos mares, se foram fazendo independentes, sem que a cõrte madrilenha pudesse obstar.

Mas logo a evolução para a separação do Brasil, foi retomando a trilha normal em que vinha seguindo. "Chassez le naturel, il reviendra au galop" dizem os francezes com muita sabedoria, no seu annexim popular. Era o que acontecia as colonias luso-americanas. Logo em 1817, rebentou uma tremenda insurreição no Nordeste, chefiada por Domingos José Martins, e da qual fez parte Antonio Carlos, que esteve preso, antes de ser eleito deputado paulista ás cortes portuguezas.

Assim, o animo popular estava sobrecarregado e o principe regente Dom Pedro se fizera o alvo de todos os anseios coloniaes. Elle soubera bem realisar o conselho, a elle dado, por seu pae, ao se retirar para Portugal: "Pedro, o Brasil muito breve se separará de Portugal. Toma para ti a coroa, antes que algum aventureiro lance mão della".

Foi por isso, que, elle se poz a frente do movimento nacionalista, que se desenhava impectuoso, vibrante, unisono, vigoroso, caudaloso, e que seria impossivel á metropole tentar o deter.

Pedro não era de intelligencia muito desenvolvida. Mais afeito aos prazeres materiaes do que os proporcionados pelo intellecto, elle tivera, entretanto, a visão de que não deveria se fazer o satrapa despotico a perseguir esse movimento libertario. Muito ao envez, elle deveria acompanhar a onda e se lembrando dos conselhos paternos, elle tratou de se por a frente do que os patriotas reivindicavam.

Foi assim que, elle se viu na contingencia de ser o heróe maximo de toda aquella jornada, que attingira ao auge no dia sete de Setembro de 1822.

Então elle proclamára solemnemente a separação. Mas a medida que, o tempo se ia passando

e depois que Pedro havia sido feito Imperador do Brasil, elle perdia terreno no coração do povo.

Logo depois, Pedro mostrou querer governar de modo anti-liberal. O ministerio dos Andradas, que foi o primeiro a assistir o novo monarca, enveredou pela senda pouco liberal. Aliás, sempre, fôra norma de acção dessa familia. Ella era despotica, quando no poder, opprimindo aos que lhe eram desaffectedos, mesmo no caso de Feijó e outros, e liberal, usando da demagogia, quando fôra do poder. (1).

A linguagem virulenta do "Tamoyo", jornal dos Andradas, que se publicava nessa epoca, dá mostras do que foram esses privilegiados, que se julgavam feitos de outra essencia que o resto da humanidade.

Elles estiveram no poder até 17 de Julho de 1823.

A dissolução da Assembléa Constituinte em fins desse anno, foi uma marca de absolutismo e um degráu a mais na descida da personalidade de Pedro I, que perdia a popularidade.

Pouco a pouco o prestigio de Pedro I foi cahindo. A paz e o reconhecimento da independencia por Portugal, mediante a intervenção de Canning e o pagamento de dois milhões de libras pelo Brasil, não foi do agrado do povo, que via nisso uma transigencia, com a terra do nascimento de Pedro I.

(1) O papel de Feijó na Independencia não tem sido salientado. Attribuo isso a inimizade dos Andradas, que não poupavam esforços no sentido de deminuir a figura do eminente clérigo.

A representação de Feijó ao Imperador, contra José Bonifácio, a qual eu transcrevo neste trabalho, é bem eloquente.

Eis que, arrebenta em Pernambuco a insurreição de 1824, proclamando a famosa Confederação do Equador!

Quando houve a separação de Portugal, cada provincia realisou a sua propria autonomia, aliás isso era perfeitamente natural, pois a cada região geographica, corresponde delineamentos sociaes proprios, que se moldam plasticos com rigor ao ambiente externo. Assim é a mentalidade, a sentimentalidade, assim são os costumes, os interesses economicos, as occupações, etc.

Óra, se faz preciso e imperioso que, cada região, que reúne um complexo de factores, que lhe são proprios, tenham uma correspondente organização politica, que deve ser absolutamente correlata, e synchronisada com as suas necessidades. O estado "de jure" deve se adaptar ao estado "de facto".

Quando se fez o imperio no Brasil, não se obedeceu a esse dictame. Quizeram proceder a uma organização, como se o Brasil fosse uma nação pequena, com communicações abundantes entre as suas partes, dispondo de facilidades de communhão da sua população, entretanto o paiz, ainda fracamente povoado, tinha nucleos demographicos sem densidade e perfeitamente isolados, uns dos outros, situados a distancias grandes e sob os imperios de condições mesologicas as mais diversas.

Querer submeter todos esses nucleos differentes, a um regimen igual ao de uma nação pequena, era contrariar as populações, que dia a dia se irritavam mais, pelas constantes e repetidas opposições aos seus desejos, que eram feitos em uma corte longinqua, onde não se conheciam as necessidades ambientaes de cada região. Desses descon-

tentamentos successivos e accumulados, o Nordeste que é uma região perfeitamente nitida e distincta, reuniu as suas partes e proclamou a sua separação sob o nome de Confederação do Equador.

A frente dos insurrectos estava Manoel de Carvalho Paes de Andrade, e o auxiliando na sua gloriosa tarefa, estavam Rattcliff, o glorioso frade Frei Caneca, Metrowich e outros que foram executados. Além desses acontecimentos varios, concorreram para que, não fosse detido o rapido decrescimo da valia de Dom Pedro I, perante a opinião publica. Assim a luta na Cisplatina, onde os reflexos dos combâtes infelizes de Sarandi e mais tarde de Ituzaingó, se faziam no sentido de ser feita a independencia do Uruguay, a qual depois foi reconhecida; os negocios portuguezes, que diziam respeito a infanta D. Maria da Gloria, o crescente espirito de despotismo manifestado sempre cada vez mais pelo imperante, etc. Com tudo isso se foi formando e tomando vulto principalmente na corte em S. Paulo, uma corrente liberal e mesmo republicana, que foi polarizando os descontentamentos havidos no Imperio, de modo a logo se fazer uma torrente impetuosa, contra a qual lutava desesperadamente Dom Pedro, que não mais podia a estacar. (2)

Feijó, como deputado paulista na legislatura de 1826-29, assistia a esse declinar, sem que pudesse dar remedio. Elle, profundamente liberal, se aborrecia dos actos desatinados do Imperador.

(2) No Rio Grande do Sul os liberaes tinham se extremado tanto que elles chegavam ao republicanismo e ao federalismo (Walter Spalding, "Revolução Farrroupilha" Editora Nacional, série Brasileira).

que voluvel, impectuoso, irreflectido, mais preocupado com Francisco Chalaça, ia se precipitando para um abysmo, cavado na opinião publica, a custa de contrarial-a sempre.

A situação, cada vez mais, se tornava peor, com uma athmosphera politica, que se fazia, cada vez mais, irrespiravel. O executivo, sempre em luta acerrima, contra o legislativo, onde a demagogia campeava, clamando contra as proprias palavras do imperador, que dizia que o paiz estava em "desgraçadas circumstancias".

Em 1826 morre a imperatriz d. Maria Leopoldina, a filha do imperador austriaco Francisco II Habsburgo irmã da que fora esposa de Napoleão, Maria Luiza. Pedro I não tratava bem a pessoa illustre de sua esposa, que pelos seus dotes especiaes e pelo seu liberalismo, constantemente manifestado, era muito querida pelo povo, que com a morte prematura da imperante, viu mais uma manifestação do character morbido de D. Pedro, que se prendia muito pelos amores faceis e clandestinos.

O fallecimento de D. Maria Leopoldina, mais precipitou na dissolução, os costumes pouco recomendaveis do imperante, cujo povo viu chegar o anno de 1829 com o amargor das desillusões o mais cruel. Um desengano brutal havia trazido a esperança mais fagueira de uma vida livre para em seu lugar, surgir a Tarpeia mais horripilante de uma realidade formidavelmente reaccionaria, onde o despotismo campeava, irmanado na mais evidente das tyrannias.

Foi assim que, em Setembro desse anno cruciante, o Imperador na Assembléa Legislativa do Imperio, pronunciou as seguintes palavras:

*“Augustos e dignissimos senhores representantes da nação brazileira!
Está fechada a sessão”.*

Ante isso, a guerra estava declarada. O Rubicon havia sido transposto e a luta a mais ferina iria resolver a situação entre o Imperador absolutista e o povo aspirante de liberalismo e talvez de republica.

Pedro I, nessa questão, não comprehendeu que, não era com vinagre que se apanhavam moscas.

Elle tambem não se lembrou que, todos os movimentos populares no passado humano só tiveram expansão em virtude de haverem sido previamente comprimidos. Até o mar se quebra estrepitoso, no fracasso reboante das resacas, quando se lhe antepõe a rigeza de um rochedo, e só mansa e calmamente vae morrer, quando encontra o declive macio e arenoso de uma praia fofa. Foi assim que, em 1830 na provincia de S. Paulo, onde o movimento se fazia incontido e fremente, que os animos se mostravam mais ardorosos.

Feijó ahi se achava, como membro effectivo do conselho governativo. Nesse ambiente sobre-carregado no mez de Novembro de 1830, sobrevem o assassinato de Libero Badaró, um emigrado politico italiano, victima, em sua terra europeia, dos despotismos, que lá se exercitavam, em reacção contra o liberalismo, que campeava victorioso, como filho que era das idéas da Revolução Franceza, levadas a todos os cantos da Europa na ponta das bayonetas dos soldados de Napoleão. Não podendo soffrer as oppressões, que o mortificavam em sua terra, Libero Badaró emigrou para S. Paulo, onde

continuou como Apóstolo de suas idéas e sentimentos liberaes, que então haviam. Só quem raciocinasse com o estomago ou com os pés, poderia se oppor aos ensinamentos da religião da Liberdade, que cada dia fazia novos proselitos.

Eis que morre assassinado Libero Badaró, posando para a posteridade com a sua famosa frase: "*Morre um liberal mas continua a viver a liberdade*". Isso era o rastilho que se se incendiava em direcção da bomba, que iria arrebentar.

Em 1831 Feijó estava na sua chacara da Moóca, o Paraizo e raciocinava:

— "*Se continuarmos por esse caminho, iremos parar na separação ou na anarchia*" (Eugenio Egas loc. cit. Estudos, 66).

Quanto a anarchia,¹¹ não estava o paiz nella mergulhado desde 1822?

O que mais se haveria de querer em materia de anarchia, depois da tumultuosa dissolução da Assembléa Constituinte em fim de 1823? (1)

(1) Reunido o Congresso Constituinte, Dom Pedro I a 12 de Novembro de 1823, dissolve-o organisando no dia seguinte o seu Conselho de Estado, composto do Marquez de Queluz, do Visconde de Cachoeira, do Marquez de Nazareth, do Marquez de Maricá, do Marquez de Sabará, do Marquez de Paranaguá, do Marquez de Inhambupe, do Marquez de Santo Amaro, do Marquez de Caravellas e do Marquez de Baependy, ao qual deu a incumbencia de organizar um projecto de Constituição, o qual elle iria outorgar ao povo brasileiro.

Um mez depois esse projecto estava organizado, e foram enviadas copias do mesmo a todas as camaras municipaes, tendo chegado a Itú uma dellas a 4 de Janeiro de 1824.

A 10 de Janeiro desse anno foi formada em Itú uma commissão de doze cidadãos probos entre os quaes Paula Sousa e Feijó para fazer observações em torno do mesmo projecto.

Essa commissão, propoz diversas sugestões, que foram enviadas a corte em 1.º de Fevereiro desse 1824: A esse respeito, eu,

O que mais se poderia querer, em materia de anarquia, depois da situação em que se entrebatia o paiz, lutando as facções entre si, de um lado os liberaes, de outro lado os reaccionarios, de um

com a devida venia transcrevo o que escreveu sobr o assumpto o illustre e provecissimo historiador Dr. Francisco Nardy Filho, opinião de quem deve prevalecer por ser elle, a primeira autoridade a respeito do passado da egregia cidade de Itú:

“O acatado historiographo Djalma Forjaz, referindo-se a este acto da Camara de Ytú, diz: “Ytú, legendaria cidade paulista, berço das tradições liberaes, centro de onde se irradiaram como verdadeiras rajadas, as idéas da liberdade, não podia silenciosa, receber o projecto que o Imperador pensou e conseguiu impor á Nação. Dahi as emendas que offereceu á contemplação de S. M. Imperial (“Senador Vergueiro”). Para esse distincto cultor da nossa historia e auctoridade dessas emendas cabe, em grande parte, ao Senador Vergueiro.

Americo Brasiliense diz: “E’ geralmente sabido que depois da dissolução da Constituinte o Sr. D. Pedro I offereceu ao paiz o Projecto de Constituição.

As Camaras municipaes foram remetidas copias do Projecto. A de Ytú convocou os habitantes da Villa, e acceitou o parecer de uma commissão, e o enviou ao governo imperial em data de 1.º de Fevereiro de 1824. Tem se affirmado até hoje, e sem contestação, que o parecer foi redigido pelo Padre Feijó.

Nas reflexões se encontram as ideas de um liberalismo adiantado. (Os Programmas dos Partidos).

Não duvidamos que a palavra do Senador Vergueiro fosse ouvida, e quiçá mesmo solicitada pela commissão dos dez; não duvidamos que as ideas do Padre Feijó influissem em diversos pontos dessas reflexões; porém em nosso entender, essas reflexões foram elaboradas pelos proprios membros dessa commissão; e é de notar-se que nella, alem de Feijó, se viam sacerdotes illustrados, dois dos quaes, os Padres Leite Ribeiro e José Galvão, exerciam com brilho a advocacia, bem como outros que se distinguiam pela sua illustração. Assim, não devemos attribuir a auctoridade dessas

lado os europeus portuguezes, de outro os americanos?

O que mais se poderia exigir, em materia de anarchia, depois que se havia separado o Uruguay.

reflexões quer ao Senador Vergueiro, nem ao Padre Feijó, mas sim como o resultado de um attento e consciencioso trabalho feito em conjuncto por todos os membros da commissão.

Os antigos bernardistas, bem como todos os que ainda suspiravam pelo systema absolutista, não viam com bons olhos o liberalismo dos ytuanos, e, entre esses absolutistas se encontrava, na propria villa ytuaana, o capitão mor Vicente da Costa Taques Góes e Aranha.

Este Capitão Mor, ferrenho absolutista, não se acomodava com o novo systema, que viera cortar seus fóros e privilegios e reduzira sua força e prestigio; assim não occultava elle a sua má vontade não só para com a Camara, como tambem para com illustres ytuanos, taes como Paula Souza e Mello, os irmãos Barros e outros, sendo que essa sua má vontade mais se manifestava contra Feijó, a quem não duvidára em denunciar ao governo imperial como homem perigoso e cheio de idéas criminosas de liberdade.

Assim esses inimigos do liberalismo ytuaano, tendo em vista o acto da Camara apresentando as suas reflexões ao Projecto de Constituição, começaram a tecer intrigas, chegando até a levar a presença do governo imperial a denuncia de que a Camara de Ytú, guiada por Paula Souza e Feijó, estava toda cheia de idéas perniciosas á monarchia, e que ella não tardaria a manifestar-se verdadeiramente partidaria da mais avançada democracia".

A esse proposito encontramos em "Esboços biographicos", de Homem de Mello as seguintes referencias a Feijó:

"Após o lugubre episodio da dissolução da Constituinte em 1823, offerecera o imperador ao paiz o projecto de Constituição, que deveria reger todo o imperio.

na sua guerra victoriosa pela separação, antecipada da guerra da Confederação do Equador em que o Nordeste, fracassara em se republicanisar? Não estavam ahí dois movimentos identicos bem nitidos, bem distinctos, com fins semelhantes, sendo que, um fora feliz e realisara o seu objectivo e o outro abortára?

Eis as reflexões, que deveriam encher o cerebro de Feijó nesses dias tetricos de Março de 1831.

Voltando para a cidade da sua chacara da Moóca, Feijó tomou conhecimento do que se passava na corte, como acto final de uma tragedia, que se desencadeiava tremebunda e irrefreavel.

Ali, elle soube que, havia sido demittido o ministerio, chamado de 19 de Março, composto do Visconde de Goyana, Carneiro de Campos, Souza França, Visconde de Albuquerque, José de Moraes, e Manoel de Almeida.

Pedro I nomeára no lugar desse ministerio demittido, um outro que tomara a designação de ministerio dos marquezes, ou de gabinete de 5 de Abril, do qual faziam parte os marquezes de Inhambupe, Aracaty, Bependy, Paranaguá, o conde de Lages e o visconde de Alcantara.

Logo que, o povo soube disso revoltou-se e o acompanhou a tropa, pois esse gesto do Imperador significava uma reacção, taes eram os vultos acima nomeados.

As camaras municipaes, como orgãos da nação, foram chamadas a dar-lhe o voto supremo da approvação.

Uma approvação quasi unanime veio sancional-a.

De Ytú, porém, surgiu uma voz, que em nome do povo levou seus vótos até ao throno apresentando emendas á Constituição projectada.

Essa voz era do padre Diogo Antonio Feijó''.

Com isso, foi designado o major Frias, para levar ao Imperador o que queria o povo e a tropa, que consistia apenas na reintegração do ministerio de 19 de Março.

— Não pode ser. Vou tentar harmonisar-me com o povo e a tropa, Aguardo, sr. major a resposta dos amotinados. Essa foi a contestação do imperante que replicava com um rispido “non possumus”, aos anseios liberaes do povo.

Foi lida então, a seguinte proclamação do Imperador ao povo, levada a este como sendo a tal tentativa contida na resposta dada ao Major Frias:

“Brazileiros! Uma só vontade nos una. Para que tantas desconfianças, que não podem trazer á Patria senão desgraças? Desconfiaes de mim? Assentaes que poderei ser trahidor áquella mesma Patria que adoptei por minha? Ao Brasil? Aquelle mesmo Brasil por quem tenho feito tantos sacrificios? Poderei eu attentar contra a Independencia que eu mesmo proclamei sem ser rogado? Poderei eu attentar contra a Constituição que eu vos offereci, e comvosco jurei? Ah! Brasileiros! Socegae; eu vos dou a minha imperial palavra que sou constitucional de coração. Contai em mim, e no ministerio; elle está animado dos mesmos sentimentos que eu; aliás o não nomearia.

União, tranquillidade, obediencia ás Leis, e respeito ás autoridades constituídas.

Rio de Janeiro 6 de Abril de 1831. Decimo da Independencia e do Imperio”.

Essa proclamação teve effeito exactamente contrario ao que della esperava os do governo.

Foi como que, a capa vermelha attirada ao touro enfurecido, que viu nisso um desafio claro de uma gente, que tudo fazia para arrancar desse povo todas as conquistas que elle havia feito ou antes havia pensado ter feito em 7 de Setembro de 1822.

Assim a multidão rilhante, acompanhada da tropa se dirigiu a S. Christovam e ahí prorompeu em assuadas contra o despota coroado que o havia ludibriado.

Parece que, o Imperador seguia uma determinação tomada havia muito tempo, pois comprehendia que o Brasil com a organização de então, era um paiz ingovernavel, sob o imperio da ordem, e da tranquillidade.

Havia na constituição do paiz qualquer coisa que, lhe dava esse máu estar constante de que elle se resentia e do qual não havia meios de se libertar. Era uma doença que perseguia o novo imperio. Urgia fazer o diagnostico e ministrar a therapeutica, sem o que nada adeantaria a mudança que se faria. Tanto se viveria na anarquia com um Imperador despotico e absolutista, como Pedro I, como se viveria no cháos com uma Regencia, como a que se iria instituir, e mais tarde sob um Imperador liberal, e mais tarde ainda sob varias republicas que se succederiam.

Assim, para que não houvesse derrame de sangue e sacrificios, o Imperador Pedro I escreveu o seguinte acto de abdição:

“Usando de um direito que a Constituição me concede, declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessoa de meu mui amado e presado filho, Sr. D. Pedro de Alcantara.

Boa Vista, 7 de Abril de 1831, decimo da Independencia e do Imperio.

Pedro."

Assim cahia o astro luminoso que durante tanto tempo havia dardejado os seus raios fulgidos sobre esta aprte do planeta. Elle consumava, assim, o ultimo acto da tragedia que tinha sido o seu periodo governamental no paiz.

Feijó, parte do Governo paulista, era tambem deputado por S. Paulo e assim devia tomar parte nos trabalhos legislativos, pelo que partiu para a corte, tendo dado inicio a sua presença na Assembleia, na sessão de 26 de Abril.

Diversas Camaras Municipaes paulistas, haviam representado a Assembleia Geral sobre questões politicas, fazendo referencias criminosas a factos criminosos que se haviam desenrolado na corte. O deputado Castro Alves (não confundir com o poeta bahiano desse nome que só nasceu em 1847) representante fluminense, subindo a tribuna fez acerbas considerações contra essas municipalidades, argumentando no sentido de que ellas estavam a exorbitar se manifestando sobre assumpto extranho a sua competencia.

Feijó já era conhecido na Assembleia, como grande parlamentar, pois havia enfrentado o famoso bispo da Bahia e do Maranhão, na questão do celibato clerical. A tribuna do legislativo, não era novidade para o padre paulista, de modo que, elle manobrou em terreno já seu conhecido, quando pediu a palavra e proferiu notavel discurso em que, com golpes rudes de um pezado montante de uma incrível ferocidade, abateu impiedosamente o

deputado Castro Alves, que ficou esmagado ao peso da aggressão, em que Feijó havia sido ferocissimo, contra elle.

Observando, com a perspicacia de verdadeiro mestre, Evaristo da Veiga, sem duvida das primeiras cabeças do Parlamento, diz em tom prophético:

— Ou muito me engano ou dentro de poucos dias Feijó será o ministro da Justiça.

E' homem de pulso e resolução. O governo precisará d'elle. (Eugenio Egas, loc. cit. Estudos, 78).

O tom violento do discurso de Feijó, fizera recordar a Evaristo, o modo pelo qual o parlamentar paulista, havia tratado da questão do celibato clerical e do modo resolutivo como elle tinha agido nas demais questões, desde a sua acção nas cortes portuguezas em 1822.

A intelligencia aguda de Evaristo havia marcado na sua mentalidade o perfil espartano do sacerdote paulista, destacando naquelle fundo de fraquezas de que se consistia o ambiente politico da epoca e fez a profecia que tanto enalteceu os seus dons de patriarca vidente da politica da primeira metade do seculo oitocentista.

A situação no mundo politico de então exigia um verdadeiro pulso de ferro, intransigente, incorruptivel, activo, idealista, sem ambição, estoico, abnegado, altruista e de intelligencia culta. Isso era muito difficil ser reunida em uma só pessoa. Só Feijó poderia concentrar, tantas qualidades de character.

Por isso recebeu elle o convite da Regencia para exercer esse cargo, acceitou, mas sob as seguintes condições:

- “1.º) Conservarem-se os Membros da Regencia na maior harmonia, sem outras vistas em suas resoluções que a prosperidade do Brasil.
- 2.º) Tomarem-se todas as resoluções relativas a escolha, e demissão dos empregados; a medidas geraes, e a casos particulares, em conselho de ministros, presidido pela Regencia, ficando, seja dissidente fazer o que entender; ficando os mais desonerados de defender semelhante acto; e autorizado mesmo a censural-o em qualquer das camaras, quando nelles se toque. As ordens tendentes a mandar executar as leis, dar esclarecimentos e proceder a diligencias para propor afinal resolução em conselho, poderão ser dadas por cada ministro independente de conselho.
- 3.º) Dentro de um anno, se por motivo de molestia me for indispensavel largar a pasta, por algum tempo, será esta interinamente substituida pelo ministro que eu indicar á Regencia; mas se o incommodo durar mais de quatro mezes; e mesmo depois deste primeiro anno, a Regencia nomeará outro ministro se quizer.
- 4.º) Se for necessario demittir alguns dos ministros actuaes; o que só terá lugar quando estes o peção, ou a verdadeira opinião publica se declare contra elles, os que os substituirem serão da approvação do conselho pela maioria de votos dos ministros e Regentes.

5.º) Haverá um periodico dirigido por mim". (Eugenio Egas, loc. cit.).

A estas condições articuladas, Feijó accrescentou o seguinte:

"O modo pelo qual me pretendo conduzir no ministerio é este: Persuadido de que em todo o tempo, e principalmente nos convulsivos, só a firmeza de conducta, a energia e a justiça podem sustentar o governo, fazel-o amado e respeitado; e certo de que a prevaricação, e mais que tudo a innacção dos empregados é a causa dos queixumes dos povos, se-rei rigoroso e inflexivel em mandal-os responsabilisar. As Leis, são, a meu ver, inefficazes e o processo incapaz de por elle conseguir-se o fim desejado, mas a experiencia, desenganará os legisladores, salvará o governo da responsabilidade moral, e o habilitará para propor medidas salutaes, que removão todos os embaraços.

Como governo livre é aquelle em que as leis imperão, eu as farei executar mui restricta e religiosamente, sejam quaes forem os clamores, que possão resultar de sua pontual execução; não só porque esse é o dever do executor, como por esperar que depois de algum tempo, cessado o clamor dos queixosos, a nação abençoe os que cooperam para a sua prosperidade.

Eu advirto finalmente: A minha maneira de vida, o meu tratamento pessoal não soffrerão alteração alguma: serão os mesmos que até aqui". (Eugenio Egas, loc. cit.).

Isto tudo foi acceito pela Regencia, que subscreveu o documento com a assignatura conjunta de Feijó, com o seguinte fecho:

“Para que a todo o tempo, ou me reste a consolação de quando infeliz nos resultados, ter sido fiel a meus principios, e á minha consciencia; ou me encha de vergonha haver faltado ao que nesta prometto, assigno-me rogando a Regencia queira tambem assignar em testemunho de que acceita e concorda com o exposto. Rio de Janeiro 4 de Julho de 1831.

Diogo Antonio Feijó .

Lima. — Braulio. — Costa Carvalho.

(Eugenio Egas, loc. cit).

Foi assim que, Feijó entrou para o Ministerio da Justiça da Regencia Trina definitiva.

Como elle exerceu esse cargo, como elle executou o que prometteu, diz-nos a sua extraordinaria actuação, que procuramos resumir em differentes capitulos deste trabalho.

CAPITULO IX

CARAMURÚS E CHIMANGOS

A conquista da abdicação foi uma pugna, que fez com que, nella se empenhasse a totalidade das forças da nova nação, depois de que, a victoria co-roou essa energia dispendida.

Pedro I havia se tornado aos poucos impopular, por varios motivos, que são enumerados em outro capitulo, descendo por uma ladeira, até o fundo do abysmo, em que se via nos primeiros dias de Abril de 1831. Não tendo mais para onde recuar, Pedro I só teve remedio na abdicação, em seguida, a qual elle velejou para a Europa, a bordo de uma náu ingleza.

A sahida do primeiro monarca do novo paiz, porem não se fez sem que, elle deixasse uma sombra sebastianistica. Foi se avolumando a corrente dos que pugnavam pela volta do Duque de Bragança, e um partido restaurador se foi formando evolutivamente, de modo que em breve se haviam arregimentado os amigos do ex-imperador. Formavam elles no Parlamento uma opposição pugnaz ao governo regencial e fóra das camaras, junto ao povo, uma forte corrente que não só influenciava a opinião publica, como ainda promovia com o auxillio

de muitos militares, ainda afeitos ao regimen anterior ao da Regencia constantes motins, rebeldias, revoltas, sedições, revoluções, com o que a anarchia e a desordem se faziam a cada instante.

O sentimentalismo piégas, que reina com mais intensidade entre os americanos do sul, fazia com que, se tornasse sympatica a situação daquelle ex-imperante, que havendo abdicado de dois reinos a favor de seus filhos, lutava desesperadamente, para que sua filha, não fosse esbulhada da parte que lhe havia tocado.

Por outro lado, os absolutistas, inimigos do vendaval da liberdade, que havia soprado sobre o mundo e, que na Europa expulsára Carlos X, e obrigara as nações a outorgarem constituições aos povos, esses que, já anteriormente haviam se enfileirado ao lado das tendencias anti-democratas de Pedro I, se enquadram com facilidade nesse sebastianismo, que se tornára o objectivo dos restauradores ou caramurus. Estes aggregaram tambem os elementos estrangeiros, ou os que se sympatisavam com estes, porque os nacionalistas se foram para os contrarios aos caramurus.

Já Pedro I, portuguez de nascimento havia mostrado tendencias abertamente lusitanophilas e contrarias ao xenophobismo, que se creára no paiz, recém libertado de Portugal.

Óra, com isso, um antagonismo virulento se desenhou, entre os que se assim pensavam, e se arregimentaram com o nome de partido restaurador e os contrarios, que foram os calmos denominados Liberaes moderados, e os Liberaes exaltados ou chimangos. Estes foram os jacobinos, que tomaram mais apaixonadamente os anccios liberaes da opinião publica. Queriam elles a Republica e a Federa-

ção. Juntamente com os moderados foram os esteios do regimem regencial e se oppuzeram de todas as maneiras a volta de Pedro I. Ah, se não fossem elles!

Os Andradas, voltando do exilio, em que estiveram a partir de 1823, no anno de 1828, foram aos poucos, levados pelo seu espirito de opposicionistas, a formar nas fileiras dos restauradores.

Em seguimento ás lutas travadas, quando ainda no Rio de Janeiro Dom Pedro I, ao fim de que houve o famoso 7 de Abril, José Bonifacio, fora nomeado tutor dos principes menores, cargo esse, que elle exerceu até 1833, se fazendo occulto o fulcro da restauração.

O objectivo dos caramurús continuou a agitar o ambiente, durante todo o tempo da Regencia trina, só terminando a sua acção, quando o fallecimento de Pedro I, occorrido em Portugal em 1834. Por isso é que, Theophilo Ottoni, o grande liberal desses primordios, classificou o 7 de Abril de uma "journé des dupes", pois nunca houve mais espirito de absolutismo do que, depois que Pedro I abdicára. Nunca houve socego entre os liberaes, pois se firmou a convicção de que, a abdicação, não havia sido feita sinceramente, mantendo o monarca que se fora, hypocritamente a esperança de ser um dia restaurado na coroa a que fora forçado a deixar.

Essa convicção tem seu fundamento, porque não se explicaria tenacidade demonstrada pelos caramurús, se não tivessem alguém como Pedro I a lhes animar e a lhes incentivar os esforços sempre redobrados, que não só se faziam sentir no Parlamento, com a opposição tremenda, que moviam ao governo regencial, como nos motins e rebeldias

em que promoviam a febre escaldante que agitava os habitantes desta parte da America.

Por outro lado, temos que, Pedro I, sempre que, tinha occasião de o fazer desautorisava os movimentos dos caramurús. As cartas que, escrevia a seu filho Pedro II, a entrevista dada ao "Times" em 1833, por Antonio Carlos que, fôra a Europa convidar a Pedro I reoccupar o throno, não são se não reaffirmações de que, elle Pedro I havia abandonado definitivamente as aspirações em torno do Brasil, desautorando mais vezes os seus amigos restauradores.

Só a morte, entretanto, occorrida em Setembro de 1834, deveria dar tranquillidade aos que não queriam abandonar a continuidade do systema regencial que proseguia, ainda que com difficuldades.

CAPITULO X

TURBILHÕES DE ANARQUIA

Depois da revolução da Confederação do Equador, e depois que, o Coronel Caldeira foi assassinado na Bahia pelos “periquitos” amotinados, o Brasil enveredou para uma epoca de calma interna. Tivemos todo anno de 1826, 1827, e 1828, quando, de novo, começaram as perturbações em torno da abdicção de Pedro I, cousa que finalmente foi resolvida em 1831, no famoso acto de fim de drama, que foi o 7 de Abril.

E’ que, um poderosissimo movimento anesthesiava o mal, que corroia a nova organização imperial, fazendo com que, ella não sentisse as dores desse mal, que ficava paralyzado em virtude de um acontecimento, que tinha lugar no extremo sul.

Emquanto todas as attenções do Imperio estavam voltadas para a Cisplatina convulsionada, cessaram como por encanto as pugnas intestinas, que devoravam o Imperio, antes dessa época, e que tornaram a voltar a devorar, quando a guerra na margem norte do Prata fora posta a termo pelo reconhecimento pelo Imperio da Republica Cisplatina.

O Brasil não podia e não devia ter paz externa!

Uma vez, se constatando esse facto, que vem absolutamente demonstrar que, é preciso, para que haja tranquillidade interna, de um motivo externo, que empolgue todas as mentalidades regionaes, em um só objectivo, não seria difficil diagnosticar a natureza do mal, que vem affligindo o paiz. E' que, não tinha objectivos em que, commungassem todas as suas partes. Quando um objectivo está a interessar uma ou varias das partes, as outras ou são indifferentes ou mesmo antagonicas a esse desideratum. Esse antagonismo, as vezes, é tão radical e exacerbado, que, vae ao ponto de provocar um appello ás armas, quando uma formula conciliatoria não é encontrada, para o resolver dentro da ordem. Dahi a anarquia! Disso a balburdia, que tem andado a reinar no paiz immenso, desde que elle se fez independente, com excepção, apenas, dos periodos guerreiros.

O Imperio tomando interesses pelos negocios sulinos, em que uma das suas partes queria se separar, promoveu inconscientemente a paralyzação de todas as actividades internas apenas perturbadas, pelas rebeldias dos soldados allemães e irlandezes, cousa que não logrou a menor repercução, porque fora um mal isolado e sem causa profunda.

Mas mal o Imperio havia feito a paz no sul, volveu a agitação a predominar nos negocios internos do paiz, já nos fins de 1828, germens de discordias, começaram a surgir, para desharmonisar aquella tranquillidade interna, que havia perdurado, durante quasi tres annos. E' que Dom Pedro I era, alem de trefego e estouvado, inconstante e voluvel, versatil e arrebatado, levado a se inclinar para as rezas do despotismo e como elle era portuguez de nascença e de indole, insensivelmente foi se enca-

minhando para a lusitanophilia e para a brasileiro-phobia. Graças a esse temperamento, a essas inclinações, a esse feitio, que a simples vontade não suprime, porque “*o que o berço dá só o tumulto tira*” e “*quem quer se fazer não pode*”, “*quem é bom já nasce feito*”, “*quem nasce cachorro ha de morrer latindo*”, e “*páu que nasce torto, não pode mais se endireitar*”, a sua natureza se foi definindo, com a accentuada e indisfarçada protecção, dispensada ao elemento reinol, com preterição do elemento nativo.

Engrenada com essa preferencia clara aos elementos lusos, o que dava lugar a uma forte reacção nacionalista, o Imperador não escondia os seus pendores para o absolutismo.

Ainda, ao lado disso o Imperador manifestava, sempre uma certa tendencia em fazer com que houvesse alguma interferencia dos poderes imperiaes nos seus negocios portuguezes.

E' certo, Dom Pedro I havia em 1826 abdicado o throno portuguez em favor de sua filha D. Maria da Gloria, que havia sido privada da sua coroa portugueza, pelo absolutista Dom Miguel que se havia della apoderado. D. Maria da Gloria havia voltado ao Brasil, mas Dom Pedro não queria se compenetrar que, elle não era monarca de Portugal, e unicamente do Brasil, que nada tinha que ver com o que se passava em ultra-mar. As successivas tentativas de ingerencia do Brasil nos negocios portuguezes de Dom Pedro, foram fazendo com que, tomassem vulto os descontentamentos a proposito do apoucado nacionalismo do Imperador, com o seu decidido pendor a favor dos portuguezes, e da sua inclinação indisfarçada para absorver em suas mãos os poderes despoticos e fazer um Executivo,

por demais forte para a indole bravia e insubordinada dos seus subditos, que sempre preferiram ser convencidos para depois obedecer.

Cousa curiosa! Pedro I era liberal em Portugal e absolutista aquem-Atlantico!

Logo nos primeiros mezes de 1829, houve uma tentativa republicana em Recife, a qual ainda que, dominada não deixou de ser os primeiros accordes da symphonia da desordem.

Depois disso, a Assembléa legislativa era agitada por constantes e continuas lufadas da eloquencia de Bernardo de Vasconcellos, de Hollanda Cavalcanti, Paula Souza, Lino Coutinho, em resposta as palavras, com que Clemente Pereira, Ledo e outros defendiam os actos governamentaes. Qualquer assumpto de administração era motivo para successivas pugnas que se travavam encarniçadas e ardidadas no recinto legislativo. Isso tudo ia incendiando a opinião publica, que se agitava e se tumultuava, em grande escala reproduzindo o que se passava com os seus representantes.

Isso foi tendo marcha ascendente, sem que, a chegada em 1829 da nova imperatriz D. Amelia, que viera trazendo em sua companhia D. Maria da Gloria, pudesse por termo, até que, em 1831 acontecera a inevitavel, a abdição do throno brasileiro.

Esta medida, não solucionou o caso das velhas colonias luso-americanas, reunidas em um Imperio unitario. O desasocego continuou, mesmo com a Regencia estabelecida. A revolução de 7 de Abril nada adeantara. Talvez se os exaltados tivessem dominado!

Por certo, os que sustentavam o ponto de vista nacionalista exaltado, haviam com a abdição

obtido uma nitida victoria. Era o seu ponto de vista preponderando. Mas parece que, uma illusão se fez radiosa no animo desse partido, que chegou a acreditar que, havia conquistado uma situação. Elle pensou que, havia feito um ministro da Justiça, que seria um titere nas suas resoluções. Feijó, porem, tinha uma linha rigorosamente recta na sua conducta, a lhe orientar os passos, ferisse quem ferisse. Elle não tinha conveniencias partidarias, elle não conhecia dyscolos ou cortezãos, a sua acção seria implacavel, na limpeza dessa immensa coudelaria de Augias, que elle se propunha a tornar hygienica.

Mas quantas difficuldades teria Feijó, para realisar esse trabalho!

Quantas arestas e tropeços elle teria de vencer, para realisar o prodigio, que iria iniciar!

Elle nomeado a 5 de Julho, logo a 12, pela madrugada, soube da insubordinação do 26.º de infantaria, com quarteis no mosteiro de S. Bento. Era um signal da actividade descontente dos exaltados, que viam frustadas as suas acalentadas esperanças com a subida de Feijó.

Este agiu como um relampago. Parecia que, um furacão furioso havia estabelecido o seu ponto nevralgico no ministerio da Justiça. Fez cercar o batalhão amotinado, o qual se acovardou e fel-o embarcar para a Bahia. Mas o exemplo de rebeldia havia sido aproveitada pelo mesmo partido dos exaltados, que forgicou novos tumultos entre as tropas de outras unidades que chegaram exigir da Regencia a suspensão da immigração portugueza. Graças a energia mascula de Feijó a Regencia não cedeu, e a 16 a revolta estava suffocada.

Em Setembro seguinte, foi a vez do Pará de iniciar o preludio das rebeldias, nesse oceano tragico

de anarquias borbulhantes, como se fora uma cratera vulcanica, alimentada em fervura constante por um grande calor interior. Ahi houve uma serie desorden, tendo sido deposto o presidente da provincia, o visconde de Goyana. No Maranhão tambem, o povo e tropa reunidos no campo de Ourique não quizeram a continuação do regimen vigente e fizeram uma serie de exigencias reaccionarias ao absolutismo e aos portuguezes. Na Parahyba, houve igualmente insubordinação, tendo sido depostos pelo povo e pela tropa, os commandantes das armas e outros militares, que a elles, se afiguravam contrarios ao regimen constitucional.

Mais atormentado pelas luctas foi o Ceará, onde Pinto Madeira, velho absolutista, promoveu até meados do anno seguinte, em Icó, Crato, etc. uma lucta, que só foi diminuida em intensidade com a chegada, nessa provincia, de Labatut.

Toda essa furia revolucionaria, havia sido promovida e incentivada pelo velho partido que apoiára a politica pessoal de Dom Pedro I, que havia abdigado. Vencido por toda a parte, humilhado e esmagado pela onda da opinião publica, que era saturada de idéas as mais liberaes e profundamente nacionalistas, principalmente contra os portuguezes, em virtude da reacção longamente comprimida, esse partido estava virtualmente morto. A dissensão entre os liberaes, porem, que se dividiram e se desavieram entre si, deu nova vida aos agonisantes e tirou-os do tumulto. Esses partidarios reaccionarios e absolutistas tomaram as cores de restauradores e o nome de Caramurús. Os liberaes exaltados, vendo-se desilludidos com o 7 de Abril, do que esperavam a solução dos problemas imperiaes, acreditando que todos os males tinham a sua ori-

gem na governação desastrada de Dom Pedro I, e que aliminada ella tudo se concertaria, não mais hostilizarão os restauradores, que puderam dar vulto a todas as perturbações que encheram o periodo em que o ministro da Justiça foi empunhado pelo pulso de Feijó. (1)

O que foi esse periodo em traços rapidos e em pinceladas largas, damos uma ideia nos capitulos varios deste livro.

Elle não teve socego! O periodo foi todo agitado, por constantes rebeldias e motins, como se um doente estivesse sempre em estado febril, com surtos agudos espassados.

Com a sahida de Feijó do ministerio, a principio as cousas tiveram mais tranquillidade.

Era, apenas, a apparencia, como se fora uma braza ainda aceza adormecida na superficie, pela cinza, que lhe cobria o fulgor igneo a lhe dar a illusão enganadora da extincção.

E' que, as noticias vindas da Europa, de que via o grande empenho que, fazia D. Pedro no sentido de restaurar D. Maria II, sua filha no throno luso, faziam esfriar os animos revolucionarios dos caramurús. Mas sem embargo disso, no Ceará a luta ia porfiada e violenta, pois ainda Pinto Madeira dominava estensa zona sertaneja; no Pará a luta continuava, para a separação da zona do Rio Negro, que seguia o conego Baptista Campos; na Bahia e outras provincias do Norte os tumultos se succediam; o mesmo se dava em Matto-Grosso; em Mi-

(1) A tal ponto foi a desillusão dos liberaes exaltados com o 7 de Abril que Theophilo Ottoni chamou esse golpe de "Journal des dupes". Parece que o politico mineiro tinha razão.

nas Geraes o povo levantado obrigava o presidente da provincia a se retirar para a corte e em Alagoas e em Pernambuco, a guerra dos "*Cabanos*", lavrava em chammas uma grande parte do Nordeste, a qual só em 1835 poudeser debelada.

Eis como, não poderia haver socego e paz, sem que, um objectivo, que interessase a todos os nucleos de população do Imperio fosse posto em jogo.

Emquanto isso não tivesse lugar, nada adeantaria ao paiz, que vivia em agitação febril, que lhe consumia as forças, que poderiam ser empregadas na economia, com grande aproveitamento de todos.

CAPITULO XI

A FERRO E A FOGO

O scenario desse começo de 1832 era no dominio da politica, dividido em dois campos nitidos que, se destacavam cada vez mais apartados. De um lado, se postava o partido dos "Caramurús" ou restauradores que tudo fazia para que, a Regencia de então fosse derrubada e voltasse a ser, como regente D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal, onde elle se achava, depois da famosa abdicação do anno anterior, nesse luminoso dia 7 de Abril de tão gratas recordações aos liberaes. Nesse grupo dos Caramurús, se arregimentava a opposição legislativa, e principalmente os Andradas, exercendo a tutoria dos principes, José Bonifacio, que mantinha as augustas creanças no paço de S. Christovam.

O partido contrario era o dos "Chimangos" ou exaltados, republicanos e federalistas influenciados pelas idéas da Revolução Franceza, que toda a guerra movera no sentido de obter a abdicação do anno anterior e a consolidação da Regencia. Entre esses dois grupos estavam os moderados, que se limitavam a contrariar os excessos de ambos os partidos.

O Governo, não tomara posição contra nenhum dos agrupamentos e se limitava a manter as insti-

tuições e a ordem, perseguindo a anarquia, que era desideratum dos "caramurús", porque com ella seria mais facil a obtenção de seus objectivos reaccionarios.

Feijó, desde Julho desse anno tremendo, como vimos, havia sido feito Ministro da Justiça, incumbindo-se portanto da ordem publica, como da manutenção do equilibrio da situação, nelle recalhando a responsabilidade da consolidação ou delinquencia da situação creada pelo estabelecimento da Regencia.

O major Frias, se poz a frente de uma revolta armada, commandando presos e soldados amotinados, que se achavam recolhidos ás fortalezas da ilha das Cobras e de Villegaignon, desembarcando no Botafogo e marchando sobre o Campo de Sant'Anna.

Feijó, sabendo desses eventos, fez presente o major Lima e Silva e ordenou-lhe:

LEVE TUDO A FERRO E FOGO.

Palavras que definem com precisão o caracter de rija tempera de quem as proferia. Parecia a voz soturna da predestinação. O major Lima e Silva, recebia nesse instante uma das mais marcantes licções de caracter de toda a sua vida, a qual sempre deveria lhe servir de orientação.

Feijó, com essas palavras collocava o dever, o amor e a ordem a disciplina, acima de qualquer consideração. Era o aço de uma espada desembainhada que se mergulhava no sangue ainda borbulhante e que vibrava espargindo os mil reflexos de seu metal repolido!

Era a clarinada de guerra que estrugia! O major juntou os pés, fez uma continencia sahiu e es-

magou os rebeldes levando tudo a ferro e a fogo, como lhe havia sido ordenado.

Só então a Regencia fez ao povo a seguinte proclamação:

“CIDADÃOS! A paz e tranquillidade publica, que com tantos sacrificios haveis chegado a firmar entre nós, foi de novo perturbada por um punhado de miseraveis ambiciosos: não era já contra o governo legalmente constituido que os inimigos da ordem publica tramavam os seus negros planos: os representantes do povo haviam incorrido no odio da cabala: contra estes tambem se dirigiam seus sacrilegos anathemas: nesse manifesto que tão ousadas, quão imprudentemente publicaram, resumbram os perfidos designios de dezorganisar nossa bella patria para sobre ella estabelecerem a mais detestavel tyrannia. A vossa coragem e patriotismo, as virtudes civicas, que tantas vezes tendes patenteado, vieram desta vez ainda, graças a Providencia, que sempre nos tem protegido, salvar a nação do abysmo, que lhe cavavam filhos degenerados, e mostrar ao mundo inteiro, que os brazileiros são dignos da liberdade de que gozam. Cidadãos! o procedimento heroico, que até agora haveis mostrado, e pelo qual em nome da nação, vos tributamos os mais cordiaes agradecimentos, dá tambem a nossos compatriotas o direito de esperar de vós a continuação dos serviços a custa dos quaes haveis tanto concorrido para fundar a prosperidade da patria, e a ventura de seus filhos. Viva a Constituição, viva a

Assembléa Legislativa, viva o Senhor D. Pedro II.

Francisco de Lima e Silva
José da Costa Carvalho
João Bráulio Moniz
Diogo Antonio Feijó.

3 de Abril de 1832".

Mas o espirito de rebeldia não se acomodou com esse retumbante insucesso ou com o sangue derramado pela infeliz aventura do Major Frias, o heróe arruaceiro, chefe de todos os motins, figura proeminente de todas as quarteladas e aventuras. Em meados desse mesmo mez de Abril desordens mais graves ainda vieram fazer subir a febre da rebeldia.

O partido restaurador não descançava na luta para a obtenção de seus objectivos.

José Bonifacio, como tutor dos principes, gozava de certas imunidades que elle fazia reverter em beneficio dos seus apaniguados, os quaes visavam derrubar a Regencia. Para isso, manteve no paço de S. Christovam, na velha Quinta da Boa Vista duas peças de artilharia. O Ministro da Justiça, informado dos designios turbulentos dos restauradores, que desejavam se aproveitar da vantagem de ser José Bonifacio o tutor dos principes, mostrou a este a conveniencia da mudança da residencia dos menores infantes para os palacios urbanos e prohibiu os exercicios militares naquelle lugar, bem como exigiu que, essas peças de artilharia fossem entregues.

A isso José Bonifácio desobedeceu. Estava desencadeada a nova procella.

Estourou a revolta, que obedecia a chefia do teuto von Bulow, um assalariado que havia como tal, pertencido ao exercito nacional.

Foi então que o Major Lima e Silva, que já havia, á pata de cavallo, e á ponta de bayoneta, vencido a revolta do Major Frias, nos primeiros dias de Abril, procurou obter novas instrucções e de Feijó ouviu a seguinte resposta:

— As ordens são as mesmas que lhe dei no dia 3. **LEVE A FERRO E FOGO TODOS OS BANDOS ARMADOS QUE ENCONTRAR.**

Palavras, as quaes pareciam vozes do bronze de sinos da religião da ordem. Ellas haveriam de se eternisar como clangores metallicos, a servir de exemplo para a posteridade.

Lima e Silva foi o fiel executor dessa orientação. Elle com a cavallaria em gallopada e a infantaria em accelerado, depois de, com Pinto Peixoto, haver cercado os rebelde, esmagou as columnas inimigas.

Com a victoria completa, Feijó poude exercer a sua dominação plena. Fez remover para a cidade a familia imperial; prendeu José Bonifácio; esquadrinhou S. Christovam.

Com essa victoria estava vencida a pretensão de ser trazido de novo o duque de Bragança, ex-Pedro I, como Regente, para seu filho o novo imperador.

A hydra havia sido definitivamente vencida, mas o fora graças a energia masculina de Feijó, bem transparecida naquellas ordens, que elle havia dado ao Major Lima e Silva.

Junius Brutus ao condemnar o filho, não havia agido com mais estoicismo. Fernão Dias, nas serranias mineiras, ao mandar enforcar José Dias, seu filho que havia conspirado contra elle, não tivera que, concentrar tanta energia como a que, havia demonstrado o padre de ferro.

Depois da victoria de 17 a Regencia, invicta, lançou ao povo o seguinte manifesto:

CIDADÃOS! No dia 3 mostrastes o vosso amor á ordem, vosso respeito á lei, dispostos a combater os conspiradores que tentaram depor a regencia, derribar o governo, e proclamar uma assembléa constituinte. No dia de hoje vosso patriotismo acaba de esmagar esses perversos, que insolentes atreveram-se a proclamar D. Pedro I. Acabais de desenganar a esses perfidos, que jamais dareis um passo além do dever, e da honra; e que os inimigos da patria vos terão em campo ao momento em que ousarem offendel-a. Quando se está á frente de cidadãos como vós sois, uma nobre ufania se apodera dos que se acham encarregados de executar a vontade nacional. Viva a nação brasileira, digna da liberdade que goza. Viva a constituição do imperio. Viva a assembléa geral. Viva o Senhor D. Pedro II, unico imperador do Brazil. Vivam os cidadãos armados, e os militares que os tem coadjuvado na defesa da patria. — *Francisco de Lima e Silva.* — *José da Costa Carvalho.* — *João Braulio Moniz.* — *Diogo Antonio Feijó.*

17 de Abril, 1832".

A victoria esmagadora da Regencia nessa abrilada, em que os caramurus restauradores foram esmagados deu um immenso prestigio a Feijó, que foi o verdadeiro vencedor desse duélo tremendo, em que elle teve de empregar todas as forças para vencer.

Imagine-se o que teria acontecido, se porventura houvesse sido vencedora a abrilada furibunda dos restauradores!

Pedro I teria voltado. O imperio do absolutismo teria sido imposto ao paiz, que se teria esphacelado na anarquia.

Feijó, graças ao seu pulso verdadeiramente masculino, conseguira vencer esse movimento.

Restava elle rescaldar o incendio que havia domado.

Os Andradas eram o nucleo dos restauradores. José Bonifacio a cabeça da hydra, que se encolhia aos golpes, que lhe eram desferidos.

Era imperioso que, elle fosse apeiado da tutoria, pois do contrario não seria possível ser levada a campanha da ordem a bom termo.

A Regencia deu então a Feijó a sua solidariedade a mais completa, e no Parlamento a maioria o assistiu em todos os transees do seu tremendo duélo com os Andradas.

CAPITULO XII

M O N T E Z U M A

Feijó no ministerio da Justiça, logo de inicio teve que empregar a sua energia na manutenção da ordem publica, que em tumultos perturbava como uma avalanche de anarchia o socego publico.

Não éra possivel haver tranquillidade no terremoto que era a situação do paiz.

Havia positivamente um mal que precisava ser diagnosticado para ser remediado.

O que se fazia era unicamente curar symptomas, que se repetiam, uma vez que a causa persistia. De facto, querer reunir em uma organização rigida e sem elasticidade administrativa, blocos heterogeneos, que faziam refletir no Rio de Janeiro, os mais desencontrados sentimentos, os quaes se elevavam ao paroxysmo das paixões, que se oppunham allucinadas, como em um turbilhão adouddado de um cháos que se refazia, era a faina ingloria e inutil dos governantes. Dessa faina, se enamoraram os homens dirigentes das antigas colonias luso-americanas e não tem querido comprehender que, o paiz tem vivido nessa anarchia cruciante, a qual se perpetua, em um martyriologio sanguinolento, cujo termo não se pode saber, uni-

camente, pelo excesso da centralização administrativa, em que vem persistindo, desde esses tempos tempestuosos do primeiro Imperio, da Regencia, para não encontrar socego e paz nos do segundo Imperio.

Feijó, na sessão de 23 de Julho de 1831, menos de vinte dias apoz elle estar no ministerio, participava ao Legislativo que, a ordem publica estava restabelecida. Essa manifestação da desordem estava reprimida. Era uma tarefa ingente ter que, empregar tantos esforços para dominar todos os surtos de rebeldia surgidos, os quaes não passavam de efeitos de uma causa, que centenariamente, tem passado sem receber o remedio adequado.

Logo á madrugada da sua vida no ministerio da Justiça, o eminente estadista-clérigo, teve que, empregar a sua ferrea energia, no sentido de ser o estatu-quo mantido.

Poucos dias se haviam passado, na sessão de 29 o deputado Francisco Gé de Acayaba Montezuma, o republicano exaltado, apresentou contra Feijó, uma denuncia accusando-o de invadir as attribuições do poder legislativo, com a suspensão das cartas de seguro. Essa foi a faisca que, fez deflagrar o ambiente. Esse foi o pretexto para se desencadeiar uma luta tremenda, contra o ministro da Justiça, que havia tomado essa medida. Os exaltados desilludidos iam mover guerra parlamentar ao ministro. A seguir, isto é na sessão de 1.º de Agosto, foi nomeada uma commissão especial, para apreciar e julgar do assumpto da denuncia Montezuma. Para essa commissão foram eleitos os deputados Xavier de Carvalho, Paraizo e Castro Alves. Este, sendo o mesmo que se havia attrictado com Feijó no mez de Abril, deveria se esquivar de

tomar parte na apreciação de um acto emanado do ministro da Justiça.

Mas esse deputado não tinha a elegancia, que deveria caracterisar os privilegiados, que poderiam almejar o nivel de homens de estado. Castro Alves não era uma fulguração, pelo contrario, elle sempre, em relação a Feijó, se revelou falho de talento, despido de cultura, de alma pequenina, cheia de rancor, que se dispõe a explodir. Foi por assim, ser que a commissão acima referida por sua maioria deu parecer contra a denuncia Montezuma, mas Castro Alves não se quiz persuadir da inanidade da accusação, pelo que a torceu a ponto de poder chegar a concluir, por um voto em separado, julgando procedente a denuncia contra Feijó.

Posto o parecer em discussão a luta se travou nessa casa do Parlamento imperial.

De um lado se arregimentou a opposição, engrossada pelos exaltados, desilludidos com o 7 de Abril, cujos vultos mais proeminentes eram, Montezuma, Rebouças, Hollanda Cavalcanti e o proprio Castro Alves, que ao terminar uma sua oração fallou em que contra elle estavam a açular cães de fila.

Essa referencia desprimorosa ao esforço dos seus collegas em defender o ponto de vista contrario ao seu, chamando-os de cães de fila, foi uma manifestação de intollerancia, que alienou da sua causa as sympathias, que, porventura, ella pudesse ter. Essas palavras, que estavam a mostrar uma alma rancorosa, encasulada em um cerebro digno de um Torquemada, produziram grande escandalo na Camara, havendo grande assuada das galerias, cheias de espectadores, que seguiam com attenção os debates.

A opposição havia abandonado o esgrimir do florete, para empunhar o tacape massudo. Estava perdida a causa e Feijó victorioso. Não obstante isso se desenhar, claramente na expectativa geral, varios oradores se fizeram ouvir no sentido de amparar a causa do ministro da Justiça. Xavier de Carvalho e Paraizo, usaram a palavra em defendendo o parecer, de que foram os subscriptores. Com elles, isto é sustentando identico ponto de vista fallaram Cassiano de Mello Mattos, Luiz Augusto May, o Barão de Pindaré, e Honorio Hermeto Carneiro Leão, produzindo cerrada argumentação a favor da these que defendiam.

Por fim, posta a votos a resolução que iria a Camara tomar a denuncia foi regeitada, sendo a minoria esmagada, em uma manifestação de pujança, que fez com que a acção do ministro da Justiça fosse ainda mais resaltada. Nesse tempo ainda, Bernardo de Vascolcellos não se havia feito adversario encarniçado de Feijó. Elle ainda não era conservador.

Este, proseguia na sua via crucis pelo ministério da Justiça. A metropole continuava convulcionada como o reflexo de uma situação, em que havia um mal qualquer que não estava sendo curado. Elle, Feijó, era sempre o mesmo, se manifestava em todas as occasiões o mesmo dinamismo de energia masculina, com reflexos activos em todas as direcções. Feijó não tinha descanso. Elle se multiplicava no debelar todas as actividades perturbadoras de que a metropole estava cheia.

Um anseio de patriotismo e de idealismo sadio galvanisava acção do homem prodigio que abatia todo o espirito de anarquia reinante na corte, então empolgada pelos facciosos, que se degladiavam.

Elle não se dobrava, não se curvava, não se vergava! A sua acção era a coherencia da sua vida toda. Rígido, Feijó não recuava uma só linha dos seus propositos. Elle era a sombra, que envolvia todo aquelle periodo regencial, em que a ordem foi tantas vezes perturbada, pelos interesses chocantes e pelas paixões allucinadas, que se embebedavam na demagogia balofa, que se ouvia no parlamento inconsciente do mal em que precipitava a nação. Essa sombra era tão grande que ella cobria bemfazeja e protectora toda a vastidão do territorio nacional.

Na sessão da Assembléia do dia 8 de Outubro, entra em discussão o projecto da lei, alterações no Codigo Penal, esse Codigo Penal famoso de 1830, que Bernardo de Vasconcellos na sua vaidade se vangloriava da autoria a proposito dos crimes contra a ordem publica. (Oct. Tarquinio de Sousa, "Bernardo Pereira de Vasconcellos"). Castro Alves não perdoava Feijó. Elle guardava no intimo o rancor a proposito do modo brusco como fora tratado em Abril, pelo ministro da Justiça a proposito das representações das camaras municipaes de Santos e outras. Assim agem os que não sabem o que é magnanimidade. Abraçam-se a nugas, para se attirarem aos pés de seus inimigos e ahí seivarem o seu odio nas mordeduras que desefreitada dão na victima.

Assim agiu Castro Alves, mas a voz de Xavier de Carvalho respondeu ás invectivas acrimoniosas de Castro Alves.

No mesmo theor daquelle, pronuncia uma arenga, Luiz Cavalcanti que produz as mais acerbas accusações e as mais doridas recriminações, contra o homem de Estado, que dirigia com punho energi-

co o ministerio da Justiça. O deputado nortista, rubro de enthusiasmo, teve palavras como estas com as quaes finalisou o seu discurso:

“Esse ministro sr. Presidente, mandou hontem um officio dizendo que os poderes estavam mal constituidos, que a legislação não prestava, o codigo criminal não prestava, não prestavam os jurados!... Só esse ministro é bom! Se fosse rendido por um sapateiro havia este de servir melhor de ministro da Justiça do que este homem.

O desaforo com que este ministro, escreve para esta camara, o officio que appareceu impresso, o desaforo com que insulta a representação nacional e a propria constituição! ..

O governo de hoje não conhece constituição, nem se entende com ella, nem sabe obedecer a lei, se o actual ministro da Justiça continuar no ministerio, o Brazil soffrerá uma revolução em poucos dias. E eu, senhor presidente, deixarei de vir a camara em consequencia do modo porque ella continua a trabalhar”. (Eugenio Egas, loc. cit. Estudos, 132).

O curioso em tudo isso, era que, se o governo era atacado, o seu ministro da Justiça, servia de para-raio a todos esses ataques e directamente a elle se referiam, como se a opposição fosse unicamente contra elle. Mas Feijó era a principal figura do ministerio. Sem elle o ministerio não teria consistencia. Mais do que isso a propria Regencia vivia á sombra de Feijó. Foi o que ficou provado, tendo Feijó sahido do ministerio, mais tarde a

propria Regencia se demittiu tanta era a força moral desse homem extraordinario.

A esse discurso insultuoso para o ministro, respondeu Evaristo da Veiga com as seguintes palavras:

“Senhor presidente, não é na força das paixões, que se devem discutir as leis penaes. Não venho hoje tratar do ministro da Justiça, mas sim do projecto de lei em discussão. Se eu tivesse de discutir ácerca do ministro da Justiça, se elle é bom ou máo ministro, ou se pode ser substituído por um sapateiro, muito acharia que responder ao que se disse e se diz contra o mesmo ministro. Peço que se me permita unicamente que o ministro da Justiça é homem probo e recto, de quem eu e muitos outros deputados nos honramos de ser amigos.

O ministro da Justiça pode ter defeitos, pois tal é a partilha da humanidade; pode ser precipitado em suas deliberações; pode mesmo pensar singularmente sobre este ou aquelle objecto. Eu mesmo desapprovo alguns dos seus actos. Justiça; mas é clamoroso e injusto calumniar as suas intenções. S. Excia. é o homem proprio para os tempos de revolução.

E' o homem capaz de aterrar os facciosos, que nos querem envolver nos horrores da anarchia.

Não é na força das paixões repito que se deve discutir materia de tanta transcendencia, nem questionar sobre a liberdade e segurança individual de cada um dos cidadãos.

Peço porem que me seja licito continuar por algum tempo na disgressão que encetei porque as proposições do sr. Luiz Cavalcanti envolvem a minha e a honra de muitos dos srs. deputados.

O nobre deputado por Pernambuco disse que no anno passado o ministro da Justiça e sua gente quizeram que certas e determinadas reformas passassem.

Ha aqui gente de um individuo, e gente do ministro da Justiça?! E' porventura o ministro da Justiça chefe de uma facção? E nós somos sua gente, capitaneada por elle? O nobre deputado não mediu a latitude das palavras que pronunciou. O nobre deputado, perdoe-me, fallou sem pensar. Não soube que por esta maneira injuriava os seus collegas e sobre elles lançou um labéo que não merecem.

Eu não careço do governo para nada.

Não sou homem de ninguem. O governo não me fez beneficio algum; e se quizer fazel-o eu o rejeito.

Vendo livros na minha casa e disto recebo uma subsistencia honrada. Os meus collegas desta casa estão nas mesmas circumstancias e nutrem iguaes sentimentos.

Não precisamos do sr. ministro da Justiça, mas apreciamos as suas qualidades.

A voz publica de todos os cidadãos, movidos de um só pensamento o de escapar ao perigo proclamava o actual ministro da Justiça como o salvador da Patria.

Bem longe de o considerar como homem, que promovia as revoluções, a massa dos ci-

dadãos honestos declarava que este homem comprimiu as paixões e a sanha revolucionarias, que se tinham manifestado nestes ultimos tempos. Eu, senhor Presidente, estou em contacto com muitos cidadãos; e as relações que entretenho em consequencia do meu modo de vida, davam-me ensejo de poder falar com conhecimento de causa. E' por isso que não duvido affirmar, que a massa dos cidadãos honestos do Rio de Janeiro tem no actual ministro da Justiça uma confiança sem limites: Se S. Excia. deixar a administração da Justiça, como o sr. Luiz Cavalcanti parece desejar, a facção revolucionaria ha de renascer. Essa facção que se apresenta com os caracteres de jacobinismo, promettendo armar o pobre contra o rico, e atacar a propriedade, essa facção em cujas fileiras andam homens illudidos, mas a cuja frente marcham outros bem conhecidos, não teria sido aniquilhada se não encontrasse barreira invencivel no espirito forte e recto do actual ministro da Justiça.

São tão grandes os seus serviços prestados a favor da liberdade legal e da ordem interna de nossa patria, que se devia lançar um véo sobre alguns possiveis erros que porventura tenha comettido. A probidade e a honra de character que o ministro da Justiça possui não podem ser manchadas; não se lhe pode imputar a menor corrupção.

S. Excia. é temido pelos despotas, pela firmeza de character e virtudes que sabe sempre manter. Se é certo que o sr. ministro da Justiça officiasse a Camara com desaforo, ad-

virto que s. excia. tem obrigação de respeitar aos membros do corpo legislativo, mas, não é menos certo que os srs. deputados tem também o dever de conservar a decencia e a gravidade a que os convida a mesma inviolabilidade de que se acham revestidos.

Se os senhores deputados não podem responder deante da lei, responderão deante da opinião publica. E' nosso dever dar exemplos de moral e de boa educação. Esses exemplos não se dão, quando se diz que uma autoridade havia officiado com desaforo. Os juizes de paz não são despotas legais. Não sei mesmo o que seja despota legal, nem o que seja despotismo legal. As palavras despotismo e legalidade excluem-se por si mesmas. A camara sabe assim como todo o mundo sabe muito bem que os juizes de paz não tem sido despotas; antes tem sido firme barreira contra a anarchia e contra aquelles que se aproveitaram da anarchia, para assassinar e roubar.

O motivo do odio que contra elles nutrem certas pessoas, é o terem-se apresentado como forte muralha contra os perturbadores da ordem publica. Nem ha outra razão para que com tanta injustiça se criminem cidadãos, que sem receber estipendios, mas consagrados ao serviço publico desde manhã até a noite, despresam seus interesses proprios, ao mesmo tempo que no exercicio de juizes de paz ganham inimigos e odios, e expõe suas vidas. Em premio de tantos serviços e sacrificios sabem finalmente que na camara dos srs. deputados, um deputado que se intitula amigo das liber-

dades publicas, que se preza de ser athleta da liberdade, os ultraja por semelhante modo.

No projecto em discussão ha artigos defeituosos que cumpre emendar, porque respiram despotismo. Eu me opporei sempre ao despotismo. Toda a vez que ministros, de quem seja amigo, por erro de entendimento ou por maldade, (porque os homens são susceptiveis de se corromper) apresentar idéas contra o pacto social e liberdade do meu paiz, hei de afastar-me de suas opiniões. Quero a liberdade constitucional; mas quero tambem que o governo tenha a força necessaria para não se ver forçado a fazer-se tyrannico. Tornar o governo fraco para não punir os crimes, é querer fazel-o arbitrario, porque as necessidades publicas o levarão a isso. Foi a esta extremidade que os francezes, com uma constituição defeituosa e lei imperfeitas, levaram o governo do directorio. Sendo o directorio foi obrigado a lançar mão da violencia e do rigor, meios que por certo não empregaria, se tivesse leis, que lhe prestassem a força necessaria para por em acção os cidadãos amantes da ordem contra os pacciosos. A força não deve offender as liberdades publicas. Devemos conservar tudo quanto seja garantia de liberdade e de direitos.

E' necessario porem, que uma legislação forte puna os culpados.

Senhor presidente eu quero ver combatido o despotismo, debaixo de qualquer forma que elle se apresente. Por isso mesmo me esforcei para facultar ao governo os meios de destruir as facções anarchicas, que se apre-

sentam muito mais temíveis: — ellas exercitavam o despotismo do terror”. (Eugenio Egas loc. cit. “Estudos”, 133 a 135).

Não sei, que mais admirar-se a elegancia com que Evaristo derrubou, esmagou, triturou o discurso do deputado Luiz de Paula Cavalcanti, ou se o successo incomparavel alcançado por Feijó, sobre a minoria declamadora.

Não ha duvida que, a eloquencia soberana de Evaristo e a ferrea actividade de Feijó, foram as sombras tutelares desse periodo da vida da Regencia!

Sem ellas, o governo teria sossobrado nesse maremoto turbilhonante de sentimentos extremados os mais desencontrados que se revolviam, entrelavados uns nos outros, de modo que, só a força e a energia de Feijó, sustentadas por um parlamento, em que se fazia ouvir a voz magica de Evaristo, como o que, teve então vigencia, poderia supportar esse ambiente, nelle estabelecendo alguma ordem.

A atmospheria não era explosiva unicamente no recinto dessa Assembleia, mas ella apenas refletia o que ia fóra, na população.

Foi assim que, houve nesses primeiros dias de Outubro, uma rebeldia armada, que só poude ser esmagada, em razão da fria energia desenvolvida por Feijó, que como de costume agiu da forma a mais violenta possivel. Era o unico meio de o governo poder varar situações difficeis, que se iam enfileirando como rosario, rezados sombriamente pelo padre de ferro.

Se o governo não usasse dessa energia, que era taxada de draconica, a rebeldia se enthronizaria

definitivamente. Mas o paiz não tem, porventura, sempre vivido em desordens continuas e em desasocegos repetidos? Sim, mas ao menos, emquanto o padre de ferro, estava no ministerio da Justiça, essas tentativas iam sendo vencidas. Feijó, ao menos curava os symptomas.

Na sessão do dia 10 de Outubro, desse Outubro sangrento, Feijó communicava á Camara que mais uma rebeldia havia sido suffocada. A ilha das Cobras havia sido atacada e a fortaleza ahi existente escalada e tomada a viva força. A communicação de Feijó terminava com estes periodos aureos:

“é forçoso desembainhar a espada da justiça para conter os facciosos, cujos incessantes attentados principiavam como que a banir desta terra hospitaleira a paz e a segurança individual e da propriedade. E' chimera aspirar liberdade sem justiça”. Eugenio Egas, “Esturos”, 136).

Quem assim fallava, era bem o descendente daquelles lusos quinhentistas, que iam ás Indias pagar o seu tributo em ferro depois de ter recusado dal-o em ouro. Elle só desembainhava a espada com motivos por isso só aguardava com honra.

CAPITULO XIII

O S A N D R A D A S

Feijó, sendo paulista, liberal, nunca foi chegado aos Andradas. Pelo contrario, entre elles sempre houve certa animosidade, que afinal teve o seu epilogo com a morte do grande paulista em 1843, tendo então apenas se acomodado com Antonio Carlos (1). Os Andradas formavam um bloco que constituia a oligarchia a mais tyranica, quando elles no governo e a mais liberal demagogia quando fóra do poder (2).

(1) Não sei se houve pazes feitas entre Feijó e José Bonifácio. Este morrendo em 1838, depois de haver o magno sacerdote paulista deixado a Regência, não tinha no momento nenhum antagonismo com este. Pelo contrario, então os Andradas estavam às turmas contra Bernardo de Vasconcellos, inimigo encarniçado de Feijó. (V. "Bernardo P. de Vasconcellos". O Tarquinio de Sousa).

(2) Antes de embarcar para Lisboa, em 1822, para tomar parte na Assembléa Constituinte, os deputados paulistas dirigiram ao povo um pedido de sugestões, para guia da acção delles nas cortes portuguezas. (Lellis Vieira, "Correio Paulistano", 31-3-40).

Antonio Carlos e seu parente Aguiar de Andrada, não assignam o pedido.

Porque? Ausencia?

E' muita coincidencia!

Em principios de 1821, Antonio Carlos, o Mira-beau paulista, como era chamado depois de ter estado preso no Norte, embarcou com a representação paulista no navio "Dona Maria I" juntamente com a representação de S. Paulo, para as côrtes portuguezas.

Antonio Carlos, foi o primeiro orador da turma ultramarina nessa Assembleia, e assistiu, mais como um espectador as lutas em que se empenharam os seus companheiros de representação, contra a cegueira lusitana, que buscava na oppressão um meio de dominar.

E' que, os portuguezes não comprehendiam que, a suavidade e a tolerancia são as melhores armas dos intelligentes. Até o mar, quando se lhe oppõe a resistencia bravia e rija de um adusto e ingreme rochedo, brame com estrepito produzindo as resaccas estrondosas e espumaradas, mas quando se encontra o manso e fofo declive das areias macias de uma praia alva, vae com doçura morrer na tranquillidade e no silencio. Assim são as collectividades, quando se lhe antepõe a crueza de um tratamento tyrannico, se revoltam com rumor e quebram as cadeias em que se querem as apri-sionar, mas se são tratadas com o espirito melifluo da cordura e da suavidade, se submettem com facilidade.

Os portuguezes quizeram empregar a força bruta! Chegaram arrancar á valentona o grande vulto de Vergueiro de tribuna das cortes e a espancar Cypriano Barata, com o fito de atemorisar a

Acho que um inicio de hostilidade havia dos Andradas para com Feijó. Entretanto no embarque deste parece que os Andradas se despediram cordialmente. Hypocrisia!

representação ultramarina Mas isso foi contraproducente. Já haviam tido um effeito contrario as perseguições, datando, desde os velhos tempos do christianismo no berço! Foi das catacumbas romanas, que sahiram apoucados e harmonisados os primeiros canticos da religião, que nascia. As perseguições dos Neros e dos Caligulas, levando para as arenas dos coliseus, as victimas que morriam, sorrindo nos dentes famintos das feras, ou devoradas pelas chamas das tochas humanas, fizeram com que, pouco depois o christianismo victorioso, fosse a religião official do império. Os portuguezes fizeram como os romanos; transformaram as victimas em martyres, fizeram os heróes se transfigurar em santos.

Mas parece que, de vulto apagado foi o papel feito nas cortes pelo eloquente Andrada. (3)

(3) Antonio Carlos era liberal sincero e homem dotado de grande valor, ao lado de um civismo, que não se pode deixar de reconhecer.

Em 1817 elle foi um dos principaes da Revolução Pernambucana de tão sagrada memoria, tendo nessa occasião mostrado grande abnegação recusando o cargo de conselheiro do governo provisório.

Dominada a revolução e presos os chefes della, entre os quaes Antonio Carlos elle esperava a condemnação á morte como os demais, que subiram ao patibulo.

Foi nesses momentos agonicos que o valoroso Andrada escreveu o seguinte soneto, que serve para testemunhar o estado de alma do illustre santista:

Sagrada emanção da divindade,
 Aqui do cadafalso eu te saúdo;
 Nem com tormentos, nem com reveses mudo,
 Fui teu votario e sou, ó liberdade.

Entretanto, com Feijó e outros paulistas, elle foi para Falmouth deixando em Portugal o valente Vergueiro, que não quiz abandonar Portugal. Em Falmouth os deputados ultramarinos lançaram um vehemente manifesto, que vae reproduzido acima. Entretanto Antonio Carlos não o assignou.

Porque? Creio que tendo sido o manifesto feito pelo padre, Antonio Carlos não quiz comungar em suas ideias.

Esse indicio já era a confirmação do que eu suspeitava (V. nota 2).

Estou na crença, de que Feijó, sempre cioso de seu sangue paulista da velha estirpe, representava o planalto de Piratininga, na sua essencia. Elle tinha atraz de si os manes triseculares daquelles, que haviam feito grande o renome de paulistas.

Antonio Carlos, extremamente vaidoso como eram os Andradas, não vinha dessa gente.

Filho do coronel Bonifacio de Andrada, e de Dona Maria Barbara da Silva o seu avô o coronel José Ribeiro de Andrada, já era portuguez vindo no inicio do seculo XVIII,

Antonio Carlos era mais santista do que paulista, era mais localista do que regionalista. Feijó

Pode a vida feroz brutalidade
 Arrancar-me em tormento o mais agudo;
 Porém zomba do despota sanhudo
 De minha'alma a nativa dignidade.

Livre nasci, vivi e livre espero
 Encerrar-me na fria sepultura,
 Onde Imperio não tem mando severo.

Nem da morte a medonha cataduca
 Incutir pode horror n'um peito féro,
 Que aos fracos tão sómente a morte é dura.

era paulista, proveniente da mais antiga gente quinhentista.

Elle, quando se referia á sua naturalidade de paulista, o fazia dizendo o ser por especial mercê de Deus. Feijó ao terminar um discurso em Maio de 1832, assim disse e por ahi se pode ver o quanto esse homem prodigioso era paulista:

“Tenho explicado algumas passagens do meu relatório, que foram mal entendidas; tenho respondido a algumas recriminações que me lembraram; e para satisfação dos srs. da opposição, torno a declarar QUE SOU FILHO DE UMA PROVINCIA, ONDE SE FAZ TIMBRE DE FAZER O QUE SE PROMETTE. Disse que estava firmemente resolvido a abandonar o lugar quando se me neguem ou se me demorem as medidas que peço. Hei de cumpri-lo. Estimarei que se indiquem a regencia homens habeis e de publica confiança, porque ella nada mais deseja do que satisfazer ao voto nacional”. (Eugenio Egas, loc. cit., vol. I, 156).

Não se soubesse bem ser Feijó de proveniencia tradicionalmente paulista, dessa estirpe que veiu de Tibiriçá e de Ramalho, bastaria esse trecho para identificar. Essa linguagem demonstrando um tal despreendimento, que é bem digna daquella que usou o velho paulista Manoel João Branco, na corte do rei de Portugal, Affonso VI, quando foi levar ao soberano o famoso caixo de bananas de ouro:

“Pois se vim dar como hei de receber?”

Antonio Carlos não podia supportar a empafia de Feijó, ao se referir, com mais aleventada ufanía, dos velhos paulistas.

Dahi teria começado a antipathia contra o grande clerigo, cousa que contaminou os demais irmãos, tão unidos elles sempre foram.

Ao chegar a Pernambuco, o Andrada não apparec assignando o manifesto, o qual dahi os deputados ás cortes de Lisboa escreveram, se bem que, ahi vemos a assignatura de Antonio Manoel da Silva Bueno, sogro de Martim Francisco, irmão de Antonio Carlos mas não encontramos o nome de Aguiar de Andrada, tambem, parente de Antonio Carlos.

As hostilidades dos Andradas contra Feijó, não demoraram a se materialisar, pois logo apóz a chegada ao Rio de Janeiro dos deputados ás cortes de Lisboa, começou o governo de então, que estava nas mãos dos Andradas, a mover surda guerra contra Feijó, tendo apparecido as manifestações dessa guerra até Itú, no interior de S. Paulo (V. nota 2).

E o que se vê desta exposição de Feijó dirigida a Pedro I:

"Senhor: Se eu não conhecesse a humanidade e o liberalismo de V. M. I., tremeria ao pegar na penna para occupar o tempo precioso de V. M. em objectos insignificantes. V. M., pae do seu povo e perpetuo defensor dos seus direitos não pode deixar de ser sensível a desgraça do menor de seus. Eis aqui o que desculpa a minha temeraria ousadia na seguinte exposição do que me acontece.

Quando eu pensava em descançar tranquillo no meio de minha família, rodeado de

meus amigos, depois de haver concluído a espinhosa tarefa nas Cortes de Portugal, onde, posto que nada fiz, trabalhei comtudo por não deshonrar a commissão de que me encarregarão, e a todo o risco recusei subscrever a ignominia e a desgraça da minha patria, havendo nessa Corte regeitado o Canoncato da capella imperial, com que V. M. se dignara honrar-me, e isto não só pela contração dos meus principios, respeito a semelhante instituição, como para não ver-me privado da companhia dos meus; quando eu não me lembrava de solicitar honras, nem empregos, e me comprazia de não ser encarregado de tratar mais negocios politicos, em tempos tão arriscados, para, entregue toda a uma vida particular, trabalhar unicamente em prehencher os deveres de cidadão e sacerdote, quando, apesar de não estar de accordo com o principal ex-ministro de V. M., estava resignado a tudo, não só porque me não attribua a qualidade de inerravel, como pela impossibilidade de fazer, já não digo o Brazil, mas a minha Provincia, abraçar as minhas opiniões; e não querer por nenhum modo concorrer para a desgraça da minha patria; quando apesar de muitas vezes me haver tocado e summamente magoado, por alguns procedimentos de ministerio de V. M.; procedimentos que tendiam, muito rapidamente a espalhar o terror, e a indignação por toda a parte, e odioso a V. M. que tanto se tem interessado pela prosperidade do Brazil; eu nada mais fazia, que consolar os meus amigos fazendo os esperar no liberalismo e

justiça de V. M. o remedio a tantos males; quando certo de que tenho a infelicidade de pensar diverso daquelle ex-ministro, devia necessariamente soffrer a sua perseguição, desde o momento que o descontentamento se tornasse mais geral, e por isso, crescente o seu temor, eu procurava refugiar-me a lugares ermos passando pela Villa de Itú, lugar da minha residencia, onde com effeito só demorei-me o tempo necessario em satisfazer os deveres da civilidade, e pela de S. Carlos onde tenho propriedade e escravos e onde demorei-me 15 dias sem providenciar a minha casa, que ha dous annos não via o seu proprietario; e emfim collocando-me neste sitio perto de 30 legoas da Capital, a espera que passasse a epoca do perigo, o que nessa corte tinha dito muito claramente o Deputado Antonio Carlos, ao ex-Deputado Antonio Manoel Boeno, e outros Srs., é nestas circumstancias, que se me avisa por differentes pessoas, que no Correio de 20 de Junho, o segundo depois da minha chegada dessa corte, recebera o Capitão mor da villa de Itú ordem directa do Ministerio para observar meus passos, comportamento, etc. *“porque eu era fingido, e tinha idéas desorganizadoras e que me fizesse observar por toda a parte a que eu me dirigisse”*.

Nem se pode pretextar semelhante ordem que aquella ex-ministro diz ter se dado contra mim, de S. Paulo, porque vindo referida ordem no correio de 20 de Junho, não podia ser resultado da denuncia, que se diz dada no correio de 10 de Junho.

Na verdade logo me certificou o Capitão Mor da Villa de S. Carlos, e o commandante da Villa da Constituição, em cujo districto me acho, que tiveram apertadas recommendações daquelle Capitão a meu respeito. O que succedeu, Senhor? Os meus amigos que conhecem o meu character, exasperaram-se com uma tal medida; os que me não são affectos, principiaram a espalhar as suas susceitas por factos; e eu sou hoje, na bocca de uns, tratado de velhaco, na de outros de inimigo da causa nacional, e na de muitos de aborrecido de V. M.: — e o povo me lança vistas suspeitosas. Eis aqui a tranquillidade e a segurança, unica retribuição, que eu apetecia. Eu estou certo que V. M. ou não sabe de semelhante ordem, ou illudido, POR AQUELLE MINISTRO, a aprovou. Era impossível que V. M. se desagradasse ao ponto de communicar directamente a um Capitão Mor sobre objectos desta natureza; este procedimento é só proprio de um ministro tímido e desconfiado, porque a sua conducta, nem franca, nem leal, está em contradicção com os votos da nação, e a quem, sómente podem assustar um homem como eu, sem emprego, nem fortuna, e habitante de uma Provincia humilde, e tão passiva, que foi capaz de ter soffrido, que até esse ex-ministro deribasse nella um governo legitimo, creasse a si e aos seus novos Governadores, odrenando-lhes immediata obediencia, sem por modo algum solicitar jamais a sua approvação.

Senhor, as minhas opiniões se fizeram publicas, pelo pouco que disse nas Cortes de

Portugal, e ellas, em summa forão expostas no Manifesto que apresentei a V. M. não leo mas soube do seu contexto pela unica informação do mesmo ex-ministro. Este não se atreveu então a censurar as ditas opiniões apezar de oppostas as suas, porque seria um despotismo o mais cruel querer obrigar a todos pensarem como um só, mas foi o bastante para ser eu julgado *democrata, carbonario, etc.*, porque esta infelicidade acompanha todo aquelle, que não quer, o que aquelle ex-ministro quer. Se V. M. I. lesse aquelle manifesto veria dizer eu que todas as expressões de V. M., na epoca da nossa revolução foram humanas, justas, e desinteressadas; mas que escapavam ao ministerio algumas palavras, que davam lugar aos inimigos da causa e aos mesmos amigos da liberdade, a funestas reflexões. Isto necessariamente não podia agradar ao ex-ministro, mas eu não fui fingido, disse o que entendia, e sobre o que ouvia muitos queixarem-se, e porque importava que V. M. tambem o soubesse.

Eu, analysando a Constituição de Portugal, declarava francamente o que nesta me parecia bom e máo; eu declarei alguma coisa contra a aristocracia, certo de que assim não pensava aquelle ex-ministro, porque muitos são os que querem governar com V. M.; mas tambem certo que no tempo em que escrevi naquelle manifesto, era idéa mais revoltante para o Brazil a creação de uma aristocracia, que já não tinhamos e a quem os povos attribuiam as suas desgraças passadas; pois todos sabem que S. M. F. amou sempre

os seus subditos, ainda em seu nome fossem estes sempre maltratados; e porque até hoje me persuado, que semelhante instituição é uma vergonha para os povos, e um estorvo para os monarchas; e que só a prudencia tolera, quando já se acha creada como acontece na Europa. Será isto um erro, mas eu assim o penso, nem exijo que o meu pensar sirva de regra a ninguém. Eu declarei o meu sentimento contra o veto absoluto, nisto parecia eu contrario a V. M.; mas como o não julguei indispensavel para ornamento do throno, e sendo a constituição feita para os povos, nunca me persuadi que o imperante tem poucas attribuições tendo as necessarias para bem governar.

Estarei errado; mas, ao menos, muitos sabios tem errado commigo; nem julguei ser crime manifestar, com franquesa os meus sentimentos, quando os mais tambem dizem ao contrario francamente, e julguei do meu dever dar a entender a V. M. o voto geral, ao menos da maior parte do Brazil, visto que, parece de proposito, se tem querido occultar a V. M., para estabelecer uma Constituição, segundo o entender dos nossos sabios, mas de certo pouco acomodada a opinião dos povos. Eu descobri, naquelle manifesto o meu pensar sobre o governo das providencias, e assim expuz em geral os meus sentimentos, com a sinceridade e franquesa que caracteriza o mesmo Manifesto, sem me importar com a contradicção em que se achava com os planos, e objectos daquelle ex-ministro. Sr. ! Se sou criminoso, por minhas opiniões ellas

são as que acabo de expor, a que me animei pela liberdade de pensar, e de escrever, que tem cada um, direito, que V. M., tantas vezes, nos tem promettido garantir.

O meu comportamento, Sr., desde que cheguei ao Brazil, e fiquei inteirado de que o ex-ministro de V. M. pretendia substituir a sua opinião a publica, e que cessando de facto a liberdade da imprensa, nada mais se escrevia senão em conformidade com as idéas delle, foi tremer encarando a desgraça futura de minha patria; porque ella talvez accéitasse a constituição, que se lhe desse; mas talvez estrangida e de certo modo violada, desconheceria a sua perfeição, quando a tivesse; e, cedo ou tarde empregaria a reacção, que não poderia deixar de ser funesta. Em ser decclamador desabafava-me com os da minha confiança, rememorando os factos que mais escandalisavão o Brazil como erão: as deportações de tantos homens, que tanto trabalharão e a tanto risco em beneficio da Causa da Independencia; as expatriações, de alguns, que tendo commettido erros, não tinham delinquido, senão contra aquelle ex-ministro e sua familia, o procedimento, contra o Capitão Mendes, que, achando-se em Pernambuco, na melhor fé possível, encarregado de fazer acclamar naquella e mais provincias vizinhas, a V. M. o tinha executado com zelo, fidelidade e patriotismo, e não obstante por ordem do ex-ministro, tinha sido mandado expatriar para qualquer porto da Europa, sem outro pretexto que o de ser menos affecto a causa do Brazil — nem ao menos se diz inimigo della; a devassa

geral para o que foram conduzidas tantas victimas do odio e da intriga; a porta aberta para toda sorte de denunciantes comprometter a liberdade e a segurança do Cidadão pacifico; — a simples suspeita de crime provado, prisões violentas pela unica accusação dos adultores e pretendentes, que querião tornar-se benemeritos e agradar ao ex-ministro, timido ou demasiadamente desconfiado; as espias por toda a parte, sem que alguém se julgasse seguro; — a fé do correio violada, abrindo-se cartas e até sumindo-se algumas, como a mim proprio aconteceu sem que ninguém se atrevesse ao menos queixar-se de semelhante attentado contra a fé publica; — a honra de V. M. compromettida porque convidando V. M. aos Paulistas a voluntariamente se incorporarem a expedição de Montevidéo, erão estes, os vountarios, conduzidos a Capital em correntes e algemas, reproduzindo-se as scenas de lastima, e horror que encherão de consternação esta Provincia, no tempo do passado antigo despotismo.

Estes e outros factos semelhantes, Senhor, eram os que aterravão os cidadãos, que amão sinceramente a sua patria, e se interessão pelo credito e pela gloria de V. M. como eu sempre confiei, e proclamei e defendi, a contitucionalidade de V. M.

V. M. confiava em extremo naquelle ex-ministro, para que qualquer se aventurasse a fallar a verdade toda inteira; não obstante eu, de Pernambuco, escrevi a V. M.; não sendo entregue o meu Officio, pessoalmente apresentei-o a V. M. Nelle depois de confessar como a

ultima convicção, de que o Brazil devia existencia publica a V. M.; eu assegurava, que devia ainda a sua prosperidade e gloria ao desinteresse, á liberdade, e á justiça de V. M. Tenho o prazer de ver realisada em parte a minha asserção: — V. M. acaba de salvar o Brazil da oppressão em que se achava, e ainda espero só de V. M. o complemento da nossa felicidade. Eu terminava aquelle officio com as seguintes palavras:

Praza a Deus que V. M., sempre obediente a voz de seu magnanimo, justo e liberal coração, não dando jamais ouvidos a opiniões particulares, marche de accordo com a vontade geral dos povos, nem se deixe arrastar pelos attrativos da lisonja, que sabe os segredos de torcer os seus fins, os genios mais bem favorecidos da natureza, nem duvida expol-os a terriveis e vergonhosos sacrificios, quando espera tornal-os em seu proveito. Eu quiz dizer tudo com estas palavras; eu na verdade disse muito. Hoje V. M. talvez penetre o sentido dellas: algum dia, talvez, melhores circumstancias me ponham em estado de desenvolver-as completamente. Como, pois, Senhor, um cidadão, que falla deste modo é suspeito ao Governo e é fingido, e tem idéas desorganisadoras? E' verdade, Senhor, eu nunca aplaudi a Constituição, que o ministro e seus adherentes querem dar ao Brazil; mas nunca me oppuz a que os povos a acceitassem. Tanto amo o Governo Monarchico Representativo, como abomina a democracia pura e a aristocracia em um paiz, que tem a felicidade de a não possuir. No Brazil cada homem branco

disputa nobreza; crear uma classe, acima desta, é, enquanto a mim, introduzir uma rivalidade, que só o fim dos séculos poderá destruir. Eu confesso, que amo mais o governo absoluto de um, que o chamado liberal de muitos, quer seja democrata, quer seja aristocrata. Como eu não duvido estar enganado, cedo a vontade geral, e protesto acomodar-me com uma constituição que se me der. Parece que este meu proceder nada tem de anarchico, nem subversivo da ordem. Rogo, portanto, e espero na bondade e justiça de V. M. ou declarar-me que é do seu imperial desagrado este meu comportamento para eu reduzir-me ao mais inviolavel silencio, ou que tomando em consideração o meu justo resentimento por ver o meu credito arruinado, unico bem que posuo, e aprecio, e isto em nome do mesmo que é nosso Perpetuo Defensor, haja de fazer restaural-o por aquelle meio que melhor parecer a generosidade e prudencia de V. M. I. a quem peço toda a indulgencia pela minha ousadia, e por qualquer indiscrição que, sem pensar, me haja escapado nesta minha representação.

Deos guarde a V. M. I.

De V. M. I. subdito affectuoso e obediente

Diogo Antonio Feijó.

Carta notavel que retrata com fidelidade a alma de quem a escreveu. Por ella a psychologia do grande sacerdote paulista, parecia ser um prisma de cristal. Por todas as facetas em que se examine esse prisma, as vezes polycromico, elle mostra a mesma transparencia, diaphana e translucida que

brilhava elucidadoramente. Em primeiro lugar salta a maneira desataviada e simples, chegando mesmo a ingenuidade do seu autor. Não é excessiva em lisonjas a esse imperante, tão acostumado as adulações fementidas de uma corte, em que o evangelho dos familiares e dos aulicos, era lido com soffreguidão avida nas suas ordenações. Não ha ahi as humilhações, as supplicas rebaixadas, não se encontram ahi expressões de "beijo as mãos", "arrojo-me aos pés", tão communs nas que, os principes costumavam receber de seus subditos. E' uma carta propria de quem tem em alta conta a altivez, a dignidade, a alma candida e sincera; a pureza nivea de consciencia, mais clara que o penacho de Henrique IV, farfalhante na batalha de Ivry; a lealdade de uma franqueza, mais rude e transparente que a agua cristallina da torrente que mitigou a sede de Moysés, no deserto pre-palestino. Feijó não era discolo oriental. E' de se comparar essa carta, com a que Richelieu dirigiu a Maria de Medicis, quando foi da morte de Henrique IV. Não foi só a gratidão pelos beneficios recebidos do bearnes, que influiram na pena do que, já era bispo de Luçon. Além desse sentimento de veneração respeitavel, encontramos o calculo de que Maria de Medicis, haveria de entregar o poder a quem sabia tão bem escrever com a melada tinta da cortezania intelligente e habilidosa.

Talvez, apenas, o heróe anglo-americano, do qual já fizemos menção; Washington, quem mais se aproxima em espirito de independencia e em abnegação, fosse capaz de escrever uma carta como a que ficou transcripta.

Mas a carta representação contra José Bonifácio, vem mostrar ainda que, apenas voltando das cortes portuguezas, Feijó foi acometido pela perseguição do Andrada guassú, que estava a frente do ministerio, que teve vida até 17 de Julho de 1823.

Nessa data os Andradas, passaram-se para a opposição e de lobos, que eram no governo vamos os encontrar fazendo o papel de fracas ovelhas liberaes mas dirigindo a linguagem bravia do "Tamoyo".

Feijó em S. Paulo, só em 1827 appareceu no Rio de Janeiro scenario amplo da politica geral e ahi teve notavel actuação na questão de celibato clerical.

Então elle era simples supplente na governação da sua provincia.

Não vamos nos preoccupar com as occorrencias no Rio de Janeiro, com a actuação de Lord Cochrane, para trazer á communhão brazileira, o Norte, mais sujeito a influencia de Lisboa, pois estava muito mais perto de lá, do que do centro irradiante de vida, que era o Rio de Janeiro; não nos deteremos no movimento que visava o estabelecimento da gloriosa Confederação do Equador, cousa natural e logica, ante o natural regionalismo, que se justificava, ante tantas causas naturaes e humanas, como não vamos repetir o que já ficou esmerilhado, quando tratamos da questão de celibato clerical; para só cuidar da segunda parte do attricto entre Feijó e os Andradas.

Se do primeiro periodo da contenda, estiveram em causa José Bonifacio e Antonio Carlos, na segunda vamos encontrar o prelio travado entre Feijó e Martim Francisco e José Bonifacio interes-

sado, mas só apparecendo mais apagadamente, pois se conservou silencioso nos bastidores.

Feijó era o ministro da Justiça. A elle cabia a manutenção da ordem e a segurança da estabilidade politica. Pedro I quando abdicou, partindo para o exilio em 7 de Abril de 1831, ainda da náu ingleza "Warspite", fez a nomeação de José Bonifacio, tutor de seus filhos menores.

Este foi o cravo deixado no Rio de Janeiro pelo monarca que se retirava.

Sim, porque José Bonifacio logo foi o chefe occulto e encapuçado dos "caramurús", ou restauradores, que objectivavam a deposição da então Regencia trina. Era natural que, dessa situação resultasse a luta entre a tutoria e a Regencia, o que se extremaria e se localisaria entre a tutoria e o ministro da Justiça. José Bonifacio era um lutador. Já tinha dado provas disso. Os irmãos Andradas eram todos muito talentosos e magnificos oradores. Antonio Carlos tinha o cognome de Mirabeau, tão notaveis eram as suas peças tribunicias. Martim Francisco era igualmente famoso, pela sua cultura, pelo seu talento e pela sua palavra.

Ante essa situação, a Regencia tinha que se apoiar na ala dos liberaes moderados, constituída pelos vultos notaveis de Vergueiro, um dos estadistas de maior visão que tem pisado o Brasil, um orador primoroso, dos que mais brilhante actuação tiveram nas cortes de Lisboa em 1822, e que só tinha uma falha, que era a de ter nascido em Portugal, Evaristo da Veiga, o mago da palavra, de Xavier de Carvalho, e outros.

Cada vez se acirrou mais, a luta entre Feijó e José Bonifacio, o pagé da restauração.

Logo que, o Ministro da Justiça verificou que, os restauradores se estavam aproveitando da situação extraordinariamente vantajosa de José Bonifácio, o qual como tutor dos príncipes, gozava de certas prerogativas, comprehendeu que, para a continuação do regimen era preciso que, se resolvesse uma situação: ou José Bonifácio abandonava a tutoria, ou elle Feijó sahia do governo.

Um delles era demais e tinha que abandonar o cargo. O poder legislativo que resolvesse.

Foi então que, teve lugar, no Parlamento, o duelo famoso entre as duas facções. De um lado, se enfileiraram os amigos do ministro da Justiça, e de outro estava a opposição na firmeza de seu posto.

O ministro da Justiça, apresentára o seu relatório a Camara, expondo em suas minucias, como o tutor José Bonifácio, era o centro de todas as agitações, que haviam perturbado a ordem e promovido a anarquia na metropole imperial, e como a chacara da Boa Vista, era o quartel general dos conspiradores, tendo sahido da Quinta, duas peças de artilharia, que foram engrossar as hostes dos rebeldes, das quaes faziam parte os criados do Paço, que era frequentado pelos commandantes desses rebeldes. Ora, era inutil encarecer a gravidade de taes factos.

Que o paiz devesse estar em anarquia, não se contesta, nem era de responsabilidade do Andrada, tutor dos príncipes.

Isso era uma consequencia inevitavel de um paiz, que se constituia de metaes os mais heterogeneos e diversos, em forma pouco compativel com a sua consistencia. Essas eram as causas, que ficavam distantes do poder humano em sanal-as.

Ellas advinham da propria natureza. Os homens nada poderiam, contra ellas. Mas dahi a ser a anarchia, promovida com o concurso dos maioraes, que deveriam ser os mais interessados na sua repres-são, vae um abysmo.

Era justamente isso que, profligava o integro ministro da Justiça, com a sua exposição, que era um libello claro contra José Bonifacio. Essa peça serena teve um effeito profundo e convincente na Camara.

A sorte estava jogada. O Rubicon havia sido atravessado. Nunca os representantes da nação haviam ouvido documento mais desassombrado, expondo uma situação, com mais franqueza. A accusação contra o tutor dos principes era clara, directa, sem subterfugios. Era uma lamina brilhante, desembainhada, que feria frente a frente. Feijó não era homem que trilhasse caminhos que não fossem os rectos. Elle atacava de frente, a peito descoberto; elle não empregava a astucia, não usava a emboscada. Para elle a intelligencia não tinha refolios humbrosos. Elle não tinha subterfugios. A sua arma era o florete fagulhante que scintilava em mil volteios, na agilidade do seu energico e porfiado esgrimir. Elle não quizera fazer uso do punhal traiçoeiro e venenoso. A sua alma, o seu feitio, a sua norma de acção, se transfiguravam no documento, que tanta irritação havia causado na opposição andradina. A fereza causticante do relatorio continha trechos como este:

“A Capital do Imperio tem se conservado constantemente em sustos desde Abril do anno passado. A licença uma vez desenfreiada com difficuldades se contem. Os luctuosos aconte-

cimentos de 14 de Julho e de 7 de Outubro passarão-se deante dos vossos olhos. Os esforços da classe interessada na manutenção da ordem publica a tem segurado até hoje; mas a sombra dessa apparente tranquillidade os partidos formaram-se, os planos forão concertados; e o governo sem meios legaes para os destruir, vio-se na dura necessidade de apromptar-se sómente para o combate. No dia 3 do passado sahio a campo o primeiro partido gerado no Club Fedral; mas illudiram-se as suas esperanças, falharam seus calculos; e esse punhado de facciosos, que se atreveo a afrontar á Capital, colheu o fructo de sua temeridade. A 17 do corrente mez com igual audacia apparecia a facção restauradora annunciada pelo insolente Caramurú, e preparada no Conventiculo da Conservadora: igual tambem foi o resultado. Doloroso mas necessario é dizer, que Boavista foi o quartel general dos conspiradores: que da quinta sahiram duas peças, que sob differentes pretextos se recusou entregar dias antes; que os criados do Paço formavam o grosso do exercito e que os commandantes delles não cessavam de frequentar os que governavam e dirigiam o mesmo Paço". (Eugenio Egas, loc. "Estudos", 1424).

Ora, deante dessa tremenda accusação, que era uma luva atirada a Martim Francisco, não restava outro procedimento, a esse parlamentar do que a recolher. Foi o que elle fez, logo a seguir a leitura do relatorio Martim Francisco não podia deixar de reagir, ante esse ataque. Feijó to-

cára-lhe no ponto nevrálgico. Elle não podia se calar, ante tão duras palavras. Então elle pronunciou a seguinte oração que significava a acceitação do desafio:

“Senhor Presidente, levanto-me para pedir com urgencia, seja remettido o relatório do sr. Ministro da Justiça ás commissões lembradas por v. excia.; afim de que deem o seu parecer com maior brevidade possível; embora eu conheça que alguns de seus membros são nosso inimigos notorios (o que é confirmado pelo apoiado de um delles) que eu pago na mesma moeda sem urdir-lhes calumnias, e que eu não temo, qualquer que seja o furor de seu odio gratuito.

Este relatório encerra uma maligna accusação contra meu illustre irmão, o tutor, contra seus irmãos e disfarçadamente contra os outros illustres deputados...

E todavia, vós ouvistes o ministro da Justiça: — está bem; novos Lafayettes, nós nos entregamos á voracidade de semelhante abutre e seus comparças; nós confundiremos a calúnia, e qualquer que seja o éxito, o mundo civilizado, os contemporaneos imparciaes e a posteridade, nos farão justiça...”

Era a luta, que se estereotypava inevitavel, no scenario parlamentar. Eram dois paulistas que iriam defrontar nessa justa de morte.

Logo a 12 de Maio, Martim Francisco surgiu na tribuna parlamentar, para defender seu irmão. Elle era um orador consumado. A sua oração foi brilhante, mas confessemos, não defendeu cousa

alguma. O libello de Feijó permaneceu integro, sem que fosse derruido.

Martim Francisco, ao envez de procurar defender a situação, daquelles, contra os quaes eram formuladas tão graves accusações, preferiu outro methodo de combate. Atacou. Despresou a materia contida no libello do ministro da Justiça e derivou a situação, para um ataque em regra a actuação governamental do ministerio, ao mesmo tempo que, procurava cobrir os Andradas de elogios ocos e sem motivos. Martim Francisco se mostrou ser daquelles, que acham que, a defensiva é o melhor caminho para as derrotas. Em summa, a sua oração consistiu em accusar o governo regencial de uma sequencia de arbitrariedade, ao mesmo tempo que, dizia não serem os Andradas capazes disso. Depois affirmou a desambição dos Andradas e terminou em tom epico, perorando com as palavras de Pitt: "*Cara patria em que abysmo de males eu te vejo sepultada mas ao menos não serei testemunha de novas desgraças que te esperam*".

Ao menos a esse respeito, Martim Francisco acertou, porque os vendavaes e os terremotos que abateram e agitaram o paiz, não deviam ser limitados aos desatinos praticados até aquelle instante, pois cousa peor, ainda deveria se fazer effervecente nas diversas partes do paiz, que se constituia.

Mas Feijó não queria deixar o prelio, sem que todos os quadrantes da arena fossem perfeitamente esmerilhados.

Martim Francisco, não se havia preocupado com a defesa dos factos, de que seu irmão fora accusado e havia, como se os desse por acceitos, re-

volvido outras situações e trazido a báila accusações, contra o ministro da Justiça.

Elle, Feijó, poderia com facilidade revidar esse contra-ataque.

O caso da tutoria estava bem cuidado.

Não restava a menor duvida, a habilidade, a agilidade e a intelligencia, bem como a palavra facil de Martim, nada encontrára para defender o irmão da accusação, que lhe havia feito Feijó, mas para contrapor, elle havia feito outras accusações ao governo. Feijó trataria dessas novas questões.

Foi por isso que, o Ministro da Justiça, com voz forte e pausada, proferiu a seguinte oração, logo a 16 desse mesmo mez:

“Confesso Sr. Presidente; que nunca me vi em tanta difficuldade de fallar em publico como no estado atual! Tudo quanto tenho ouvido dentro desta casa já o tinha lido fóra della; nada para mim é novo. Criado pois na roça, onde só se falla a linguagem do coração, desconhecendo as etiquetas da corte, onde é mais usual a expressão da razão, eu não asseguro ser tão comedido que deixe de offender, bem a meu pezar, mas quero antes ser sincero, do que prometter atacar só principios e opiniões, e não pessoas como alguns tem feito, e depois com manifesta contradicção esquecem-se dos principios para ultrajar individuos.

Sr. presidente, nada me é tão sensível do que o ultrage em face. A MINHA PROVINCIA E' CELEBRE POR ESTE DISTINCTIVO DE HONRA E PUNDONOR, e a minha educação concorre para me serem mui pesadas as injustas recriminações, as sinistras intenções

que se dão aos meus actos, onde os senhores da opposição encontram tudo que é máu. Sr. presidente, nunca que quiz ser ministro e nem o quero agora. Instancias de meus amigos, de pessoas que commigo tem relações, e talvez os votos da capital do imperio são o que ainda me retém. Sou ministro não para satisfazer a vontade de 10 a 20 homens, mas a da maioria. Senhores quem é Feijó para assustar a capital se elle é tão odiado? O que o sustenta no lugar que occupa? Que exercito mercenario tem elle á sua disposição. Não sabem todos que 300 homens é toda a força paga? Porque a um grito do governo apparecem armados 4, 5, 6.000 homens?

Se os actos do governo e principalmente do ministro da justiça, são os que tem exercitado o descontentamento e a desesperação, porque os descontentes e os desesperados em 3 e 17 de Abril apenas chegaram a 300? E os que sahiram a campo para combatel-os, o fizeram por amor de Feijó? O que é Feijó? E que pode elle fazer para tanto merecer? E' pelo contrario o ente mais desgraçado do Brazil. Basta lembrar que qualquer escravo pode ser perdoado de seus crimes, só Feijó não pode ser. O que pode hoje fazer o ministro para merecer tanta consideração! O ministro de outro tempo ainda poderia arriscar-se, na esperança do perdão, ou de alguma fita, ou mesmo da mudança de nome, o que nunca Feijó apeteceu e menos procurou. O que dá pois importancia a Feijó? O que o obriga a carregar com peso tão grande e até expor-se a ser assassinado, como bem sabe, o sr. deputado

que confessou nesta casa saber que pretendia assassinar-se a actual administração? E' a necessidade de satisfazer os votos do maior numero que está convencido que o ministro da justiça não se liga a partidos e que tem declarado guerra aos perturbadores da ordem publica. Se assim não fosse, senhores, seu governo seria execrado em todo o Brazil, como se diz, porque razão uma só provincia ainda não deu a menor demonstração de querer separar-se da capital, apesar de conhecer que ella não tem forças para a subjugar? Não será porque o Imperio está convencido que o governo é nacional e que só procura promover a sua felicidade? Antes que me esqueça, direi ao senhor deputado, que lhe não posso nem agradecer o ter-me salvado a vida, e nem mesmo elogiar a sua acção. Não agradeço, porque os bons conselhos que deu aos facciosos foram, segundo a sua propria confissão, em attenção aos principios, e não a pessoa de Feijó. Não louvo, porque um cidadão que sabe uma conspiração contra a ordem publica e que contenta-se unicamente com dar conselhos, não faz o que deve, não merece louvor.

Sr. presidente, tantas cousas ouvi que nem sei por onde principiar e por onde acabar o meu discurso. Tem se repetido que os erros e arbitrariedades da administração são a causa de todos os males publicos. Sr. presidente porque magia o actual ministro da justiça promoveu os horrores da capital em Maio e Junho do anno passado? Estarão esquecidos esses senhores do que então se passou? Entrei para o ministerio em 6 de Julho; em 14

reventou a sedição no campo da honra; e se-
rei eu a causa das comoções de todo o imperio
desde o Pará até Matto Grosso onde talvez
ignorava-se então até o nome do Feijó? Trez
revoluções em Pernambuco, roubos, massa-
cres, incendios alli praticados; outras tantas
na Bahia; todas, senhores, tem sido operadas
por influencia do ministro da justiça? Isso
não tem resposta. O governo do Rio de Janei-
ro não consta de aristocratas, pois não o foram
nem o querem ser. Os membros de que se
compõe pela maior parte, ao menos pelo que
me toca, apenas tenho meios de uma parca
subsistencia; não era possivel conservar-se
a despeito da maioria se fosse verdadeiro des-
contentamento e o desespero publico por actos
despoticos que gratuitamente se lhe attribuem.
Periodicos infames, que onde quer que forem
lidos attestarão até onde chegou no Brazil o
abuso e a licença de escrever; mas periodicos
gabados cuja causa eu teria vergonha de ad-
vogar, cobriram de baldões e de ultrages a Re-
gencia e a administração; mas ella se susteve
apezar disso. Fallarei já da recriminação feita
ao ministro da justiça de haver atacado a
maior e a mais segura garantia da liberdade
mandando proceder a eleição do novo jury na
capital. Senhores quem leu a Matraca, o filho
da Terra, o Exaltado e outros, não pode dei-
xar de lamentar os abusos e a licença de taes
escriptores. Mas quem dirá que o governo
querendo que a capital do imperio tivesse um
jury em tudo igual aos dos mais conhecidos
municipios da provincia, atacasse a liberdade
da imprensa? Diga-se embora que o ministro

cometteu um crime, praticou um acto illegal, mas nunca que atacou a liberdade de escrever. Sr. Presidente, a camara ja pediu as actas dessa eleição, para essa discussão me reservo; por agora basta dizer que o governo, mandando proceder ao novo jury observou a letra e o espirito da lei, entendeu-a como a entendeu a provincia de S. Paulo e talvez algumas outras, como entendeu a camara municipal que não recalcitou e a maioria dos eleitores que nisso concordaram. Aproveito a occasião de fazer observar quanto se enganou o sr. deputado quando disse que tal era o dezvio e as arbitrariedades do governo que tinhamos chegado ao ponto de que cada cidadão sabia até onde devia obedecer, até onde devia resistir, e até onde chegava o respeito devido ás autoridades. Pois que a camara e a maioria dos eleitores não resistiram e antes promptamente obedeceram e o fizeram por convicção, porque hoje qualquer desobedece quando diz que a lei lhe é duvidosa e por isso nada lhe acontece. Disse o senhor deputado que o ministerio e principalmente o ministro da justiça era causa da publica desgraça, e que se não abandonasse o lugar inevitavel seria o transtorno da ordem social. Senhores eu bem claro fallei no meu relatorio, que não posso sustentar a machina social do Brazil com os elementos de força e de ordem a minha disposição; isto mesmo tenho dito á Regencia e a meus amigos muitas vezes, e a muito tempo; na mão da camara está livrar-se já deste ministro; não é necessario que a camara negue, basta que demore os meios que peço, es-

tou fóra do ministerio. Saiba-se porem que me hei de retirar, não porque 4, 6 ou 20 deputados advogam a causa dos que perturbam o Brazil, mas é sómente porque não quero que a patria pereça em minhas mãos. Esta que esses senhores que tanto declamam contra a actual administração encarreguem-se della e que salvem o Imperio.

Alguns delles tem já 'dado a entender que outrora foram convidados; mas tal foi então o seu patriotismo, que mais quizeram que os destinos do Brazil, dependessem de mãos tão más do que encarregarem-se da sua administração. Estou persuadido que hoje não accetarão o convite, o pejo lhes-ha de embaraçar. Façam ao menos o obsequio de indicar a Regencia candidatos que tenham a seu favor o voto publico, que nem ella se obstina em conservar o atual ministerio, nem elle tem o menor empenho em conservar-se, antes ardentemente deseja ter pretexto para retirar-se. Perguntarei a esses senhores que tanto censuram o governo, e isto só por amor da causa publica, porque não apontam os meios? Porque não indicam a verdade que elle deve seguir? Se tanto é o seu patriotismo porque nos seus impressos, bem longe de aconselharem, não direi aos perversos, mas a esses bons homens, não direi aos ambiciosos, mas a esses homens desinteressados, que se contivessem em seu fervor, que se reservassem para a proxima installação da assembleia, para então serem punidos esses malvados ministros, que não recorressem a sedições e outros crimes, pelo contrario uniram seus pensamentos, suas expres-

sões ás dos descontentes, nunca censuram seus desatinos, e fizeram guerra aberta a esse governo que os conspiradores e sediciosos tanto se empenharam em derribar. Aconselharam sim a paz e a moderação como os criminosos perturbadores da ordem. Pois que! deveria o governo sahir ao encontro a esses grupos armados e dizer-lhes: — Irmãos, nada de derramar sangue; Quereis nova regencia? Dizei quaes os membros della. Quereis novo ministerio? Nomeae-o. Senhores, o governo nunca foi atacado; elle procurou somente defender a capital dos sediciosos e conspiradores que com as armas na mão queriam alterar as leis e a ordem publica. E porque tanta attenção nos merecem esses estonteados e indiscretos, como chamou o sr. deputado, e nenhuma vos merecem esses capitalistas, industriosos, cidadãos pacificos que tanto soffrem por causa de semelhantes commoções? Censurae embora o procedimento do governo contra esses facciosos. Elle tem feito seu dever, a nação o tem approvado. Senhores, dizia-se em outro tempo que eu era da opposição, mas nunca insultei a ministro algum, nunca ataquei seus actos a torto e a direito; sempre me persuadi que á opposição competia censurar as más acções, não envenenal-as, e por isso muitas vezes perdi essa popularidade que tanto ambicionam porque com elles votei quando o julguei com razão.

Sr. Presidente, a opposição não apresentou factos ainda, excepto a eleição do novo jury. Alguma cousa já respondeu a casa arguição, a este mesmo facto pertence mais a ca-

mara municipal, a quem a lei encarrega a eleição, do que ao governo que só ordenou a sua observancia. Senhores, quando um cidadão faz alguma cousa, a bem de seu paiz, tem direito de perguntar aos senhores da opposição o que tendes vós feito para salvar o imperio do estado desgraçado em que se acha desde o anno passado? Censurar tudo o que os outros fazem, reclamar contra todos. Nesta sessão ouvi que um senhor deputado que deve trazer os ouvidos cheios das lamentações de sua provincia que não tem pouco soffrido, pedir a urgencia para ler um decreto em que se tributa mais fortemente a aguardente. Esta medida de certo é mui fraca para curar os males da patria. Absorver o tempo em discursos eternos e fóra de lugar, censurar o governo com tanta acrimonia e injustiça, será isto o que de nós reclama o Brazil? Hoje são 16 de Maio, o que se tem feito? Censurou-se o relatorio do ministro da justiça por haver insultado a magistratura. Senhores, eu dizendo que grande parte dos magistrados é ignorante e negligente, disse o que qualquer rabula, solicitador de causas ou demandista sabe e experimenta, disse uma verdade e verdade que deve ser attendida. Mas censura-se o ministro por declarar o estado de grande parte da magistratura e não é censuravel quem ataca com insultos ao governo? Não é elle tambem um poder politico nacional? Disse o senhor deputado que tendo eu elogiado ao promotor que serviu nestes ultimos tempos não me lembrava que foi elle mesmo que deixou de embargar a sentença que absolveu aos réus de 14 de Julho, e que

tanta integridade e honradez que eu lhe attribuo, seria bastante para justificar o procedimento dos juizes que proferiram aquella sentença a que elle aquiesceu. Admira, senhores, que tendo o sr. deputado tido a fortuna de assentar-se nos bancos da Universidade de Coimbra, ignore que se a sentença foi bem dada, o promotor nenhum direito tinha de embargal-la; entretanto que o juiz que formou o processo, que inquerio as testemunhas ou que não procurou as que sabiam do facto, deu causa a absolvição do crime. O caso é que criminosos foram absolvidos, e que todo este negocio é de attribuição do poder judicial; sou padre, mas até este ponto sei eu, apesar de nunca ter advogado causa alguma.

Outra injusta arguição me fez o senhor deputado.

Diz elle que tendo eu tanto criminado o comportamento dos cidadãos de 14 de Julho, que pediram a deportação de pessoas que julgavam inimigas do Brazil, agora faça igual petição á assembléa.

A accusação é gratuita. Em 14 de Julho soldados insubordinados a que se reuniram paisanos, pediram com as armas nas mãos a deportação de suppostos inimigos. O ministro da justiça apenas proferè a sua opinião sobre o mal que fazem certos homens á tranquillidade e segurança publica, cuja ambição insaciavel é de todos conhecida; e como os conheço, como sei que nunca lhes agradaram senão os proprios actos ainda direi que no momento em que semelhantes homens empolgaram certos empregos, estará tocado o rebate para

a separação das provincias. Disse o senhor deputado, que já em outro tempo eu insultára a assembléa, e que no relatorio ainda continuava, quando de certo modo punha em duvida que ella quizesse por termo á immoralidade publica. Sr. presidente, quando ha má vontade, esmerilha-se palavras, cavam-se intenções, e em tudo se acha crime. Com razão disse eu: "Se a assembléa concordar com o governo na necessidade de por termo a immoralidade publica": pois que poderia ella pensar, que não era tanto que necessitasse já de prompto remedio.

Assim pensou o sr. deputado, quando ha pouco affirmou ter eu desacreditado a nação, imputando-lhe a immoralidade, que não tinha.

Tenho explicado algumas passagens do meu relatorio, que foram mal entendidas; tenho a algumas recriminações que me lembraram; e para a satisfacção dos senhores da opposição, **TORNO A DECLARAR, QUE SOU FILHO DE UMA PROVINCIA, ONDE SE FAZ TIMBRE DE FAZER O QUE SE PROMETTE. DISSE QUE ESTAVA FIRMEMENTE RESOLVIDO A ABANDONAR O LUGAR QUANDO SE ME NEGUEM, OU SE DEMOREM AS MEDIDAS QUE PEÇO, HEI DE CUMPRIL-O. ESTIMAREI QUE SE INDIQUE A REGENCIA HOMENS HABEIS, E DE PUBLICA CONFIANÇA, PORQUE ELLA NADA MAIS DESEJA DO QUE SATISFAZER AO VOTO NACIONAL**".

Feijó com voz poderosa, pausada, firme, grave e nitida havia pronunciado o seu discurso. Parecia

a propria voz da predestinação que se fazia ouvir, tal era o cunho de sinceridade e decisão, posto no frasear limpido do ministro da Justiça. Elle não assombrava pelos arroubos de eloquencia, no seu discurso não se viam lampejos arrebatadores e ciceronicos, mas as suas palavras convenciam, porque elles vinham emanando aquelle sabor divinico do manjar dos deuses. Ellas vinham, do proprio parnazo, cheias de um sentimento extranho, que fazia com que o auditorio ficasse preso aos labios do ministro que fallava, como se fosse um daquelles vultos biblicos do velho Testamento.

O "speech" de Feijó não era arrebatador pela beleza da sua oratoria, não tinha na sua contextura a melodia dos illuminados, sua voz estrondava, entretanto, como o ribombo de uma predica, seus argumentos eram bolidos eburneos, que luminosos queimavam com intensidade do metal liquefeito. Parecia Moysés do alto do Sinai, recebendo de Deus as taboas do Talmud.

O ambiente da velha casa do Parlâmento, se saturava dessa magia indefinivel que parecia provinda de mil anjos.

O auditorio se electrísara de tal modo, pela palavra simples de Feijó, que formára o seu juizo de accôrdo com o tremendo libello accusatorio, que o ministro da justiça lançára contra o tutor do imperador menino. A oração de Feijó vinha temperada como a aureola da sinceridade e isso lhe emprestava o condão de convencer.

Martim Francisco estava estarrecido, e esbarreado, com o fremente discurso do ministro da Justiça, que completára o seu relatorio sobre os acontecimentos occorridos no Rio de Janeiro.

Elle porém, não queria se dar por vencido. Era teimoso. Espalhou assim, como supremo recurso que, Feijó havia promettido abandonar o ministério por hypocrisia, mas que, elle não seria capaz de fazel-o, pois teria apego ao cargo, que lhe dava importancia. No intimo, Martim, estava convencido que, Feijó seria capaz disso, pois elle bem sabia do character do padre. Havia o conhecido em 1821, em S. Paulo, quando com Oyenhausen, fizera parte do governo daquella terra.

Nove annos mais velho do que Feijó, tinha sobre o padre a vantagem do brilho, com que costumava revestir todas as suas atitudes, que eram sempre emolduradas por uma grande theatralidade, ausente nos actos de Feijó, que agia sempre com a extrema simplicidade, que caracterisava toda a sua vida.

Com isto, Martim sabia a fundo o character do padre, mas não convinha mostrar aos seus amigos, que elle, Feijó, era capaz de executar, o que havia promettido tão solemnemente em suas palavras. Por isso, não lhe convinha atacar de frente.

Fez, pois, espalhar que, Feijó seria incapaz de abandonar o ministério, ao qual elle estava jungido, pela sua ambição e que tudo, quanto elle havia dito não passava de hypocrisia.

Feijó não respondeu elle proprio, mas a vez coube a Evaristo da Veiga o elegante jornalista mineiro, que se ligava a Feijó, por uma solida amizade e que havia profetisado a sua entrada para o ministério. Evaristo na sessão de 21 de Maio proferiu o seguinte discurso, sempre, segundo Eugenio Egas, "Estudos", 156:

“Chamam propria de Robespierre a linguagem do ministro da Justiça, quando nenhuma comparação póde admittir-se entre o relatorio de S. Excia. e tal linguagem. Mais fallam á moda de Robespierre aquelles que fóra do poder estão clamando sempre contra os que governam por uma maneira execranda, suscitando facções para que derrubem a administração, e que apenas empunham a vara do mando se tornam os peiores de todos os despotas.

O ministro da Justiça é um hypocrita! Eis a accusação mais incrível e fora de razão que se possa ouvir e que todo o mundo que conhece de perto a S. Excia. jamais poderá acreditar. Hypocritas são aquelles que em 1822 abraçando-o ternamente na hora da despedida, ligavam um espião a seus passos para o vigiar como revolucionario”.

Aliás a accusação, que Martim levantava contra Feijó, era a mais inepta possivel, pois, podia-se chamar Feijó de tudo, menos de hypocrita, tão limpida era a sua alma de apostolo.

Todos sabiam disso.

Feijó, pelos seus actos, pelas suas palavras, era um homem incapaz de um pensamento occulto, pois a sinceridade lhe brotava espontanea de um cerebro lealissimo a exteriorisa sempre, com a maxima franqueza, que mesmo até a rudezas, vezes, tudo quanto lhe surgia no pensamento. Elle era puro como as aguas lustraes do rio Jordão, e transparente como as aguas cristalinas, vertidas da torrente do Horeb.

Feijó era como S. Paulo, cuja vida elle personificava. Elle com uma origem modesta, havia galgado os successivos degráus sociaes e politicos, até se hombraear nas mais altas espheras governamentaes do paiz.

Sahido de uma origem, modestissima, não mais alta do que a soleira de uma porta em que fora abandonado, que tal havia sido o primeiro berço de Feijó, elle subira até as altas camadas governamentaes, S. Paulo, tambem, tivera inicio humilde como asseguram naquellas palavras de Schmidel: *c'est un assemblage de brigants de toutes les nations*".

Audaciosa, energica, rude, sincera, bravia, a gente paulista, havia atravessado os seculos, para chegar pobre aos estado de então, mas sempre com a sua consciencia limpida e a sua alma virginal e candida, purificada naquella ingenuidade, que sempre fora o traço bem marcado no seu character. *Parecia um Nun'Alvares, o condestavel famoso, heróe candido de Aljubarrota...*

Feijó tambem era assim. Tudo nelle transpirava sinceridade. Elle não conhecia refolios.

A sua alma impectuosa, solucionava as questões mais intrincadas de uma maneira, que a todos deixava perplexo, pela audacia, pela temeridade, bem como pelo inesperado dos golpes, que sempre se succediam, de eventos os mais variados, mas sempre aureolados por aquelle brilho extranho, que imbuia de sinceridade e de lealdade tudo quanto provinha da actividade infatigavel desse ministro de Estado.

Martim Francisco, conhecia de sobra o character e a tempera do grande clerigo, mas não podia se dar por vencido. Elle já não pudera defender o

irmão dos factos concretos libellados contra elle, pelo ministro da justiça. Cumpria dizer alguma cousa. Foi assim que, Martim resolveu proseguir na sua politica de contra ataque.

De novo, Martim pediu a palavra e maneou com a costumada elegancia e maestria de consumado esgrimista parlamentar, a orador altisonante, insistindo nas suas accusações, contra Feijó e procurando se defender das graves faltas, que Evaristo lhe havia atirado no seu ultimo "speech", mas sempre imbuindo as suas orações, daquelle sabor andradino, tão cheio de egolatria e excessivo amor a familia a que pertencia. Martim parecia a vaidade narcisica a fallar!

O padre, porém, estava disposto a não dar treguas a seus inimigos, tão desleaes elles se mostravam. Foi assim que, a Camara, que via empolgada a esse duelo oratorio, com igual afan de que os velhos romanos assistiam os combates nas arenas, ouviu depois da arenga de Martim Francisco, a voz cava e soturna de Feijó, pedindo a palavra para proferir a sua allocução.

"Senhor presidente, bem desagradavel é o espectáculo que está dando a camara dos deputados á nação brasileira. Até o presente servem as injurias, ultrages, insultos, e nada mais...!

Eu, de proposito não responderei ás injurias de um sr. deputado, que desde os fins da sessão passada tem-se feito celebre pelo seu ar de escarneo e de ridiculo que lança sobre todos a quem combate.

Sr. presidente outro sr. deputado avançou que o meu relatorio era a hypocrisia e a fero-

sidade personalisada. E' mui difficil supportar semelhante insulto! Pois imputa-se hypocrisia a um homem que faz gosto de dizer a verdade, quando aos mais tanto custa? . . . Será como se disse porque fallei em Providencia Divina reverencial-a e respeitoal-a? Não sou atheu, não sou impio, e me é dado recorrer á Providencia Divina, reverencial-a e respeitoal-a.

Senhores, o ato mais franco e sincero do meu relatorio é para o sr. deputado a prova da minha hypocrisia! Pois quando eu declaro que não espero da assembléa geral, remedio aos males publicos, quando em tudo o relatorio não attribuiu a ella, nem prudencia, nem sabedoria senão quando refiro a lei de 26 de Outubro, e tão claramente affirma que o futuro que se me antolha é ainda mais melancolico se a Divina Providencia não dirigir os importantissimos trabalhos da presente sessão, é quando sou taxado de hypocrita? Senhores eu previa a marcha da Camara. Os excessos da opposição não me eram desconhecidos, e cada dia conheço que me não enganei em ter só recurso á Divina Providencia. Só ella poderá socorrer o Brasil contra os esforços dos facciosos, e oxalá eu me engane!

Comparemos factos e vejamos quem é hypocrita. Despedir com abraços, chamal-o patricio honrado em quem se confia, haja de promover a tranquillidade do paiz para onde parte, entretanto no primeiro correio mandar que este mesmo homem seja vigiado por meios occultos, porque os sentimentos anar-

chicos une á mais refinada dissimulação; isto sim é hypocrisia. (1) Feijó não faz tanto...

Sr. Presidente o que entendo por ferocidade é isto. Mandar enforcar homens, tendo ainda recurso legal contra a primeira sentença. (2) Sr. presidente, eu vi com meus olhos na minha provincia. Era o primeiro espectáculo, a curiosidade chamou-me áquelle lugar. O desgraçado pendurado cahiu por haver-se cortado a corda. Recorreu-se ao governo da provincia pedindo que se demorasse a exceção emquanto se implorava a clemencia do principe regente, não foram attendidos. Allegou-se não haver corda propria para enforcar, mandou que se usasse de laço de couro. Foi-se ao açougue buscar o laço; o infeliz foi de novo pendurado, mas o instrumento não era capaz de suffocar com presteza. Cortou-se a corda e o miseravel cahiu ainda semi-vivo; já em terra foi acabado de assassinar! Isto, senhores, é o que eu chamo ferocidade! Senhores, eu nunca odiei, e ainda hoje tenho horror de proferir este pensamento: "*O sangue do inimigo é muito saboroso para beber-se de um só trago*". Isto é que é ferocidade!

(1) A referencia de Feijó é ao facto de ter sido elle, posto em vigilancia pelos Andradas em Itú, logo apoz a chegada das Cortes portuguezas. Pode se ver isso, pela representação, que o sacerdote paulista dirigiu a Pedro I, contra Jose Bonifacio, reproduzida em capitulo anterior.

(2) A referencia é clara sobre o caso do Chaguinhas, que fora enforcado em S. Paulo, por ordem de Martim Francisco, que agiu então com uma ferocidade tigrina e uma crueldade deshumana que revoltou aos que assistiram ou tiveram noticias dos successos. (ver a esse proposito Nuto Sant'Anna, "São Paulo Historico").

Note-se que aquelles desgraçados foram julgados no conselho supremo, não dignos de morte; mas já estarão mortos! Sr. presidente, eu desejava não atolar-me no charco immundo de reciprocos insultos, mas...

Vede agora, senhores, se tive razão em dizer que a paz e a segurança interna era incompativel com a presença de semelhantes homens. Sabei mais que rumores se espalharam muitos dias antes de 3 de Abril, de proxima commoção, e que os Andradas achavam-se a testa della. Rebentou a revolução e corre impresso o manifesto dos rebeldes, no que qual um Andrada é aclamado Regente. E será possivel que fosse elle escolhido para dirigir um governo revolucionario sem ser sabedor delle, sem ter parte na revolução, sem ter os mesmos sentimentos, sem haver accordo entre elles? Pelo menos é isto contra a natureza das cousas.

Fallou-se na conspiração dos "caramurús", espalhou-se ao mesmo tempo que estes homens estavam nella. Eu contarei um facto. Um homem que algumas vezes procurou-me pallido e assustado; exige que lhe permitta communicar-me um segredo de muita importancia; e elle se explica desta sorte: "Estando V. Excia. a nossa testa, tudo se faz sem sangue; ha muita gente, não ha nada a receiar. Resta que V. Excia. consinta em ter uma entrevista com fulano", com esse sr. deputado que me chamou de hypocrita, "que ponha-se de accôrdo com elle, e então é certa a victoria. Sem V. Excia. nada queremos."

Convenho na entrevista, mas nesse mesmo dia duas denúncias se me dão, e que concordam com o que o homem havia deixado entrever. Eu me horrorizo da perfídia de uma sociedade que julgava indiscreta. Ordeno que se espalhe pela cidade a nota da traição afim de desconcertar o plano, e dou todas as providencias para o combate.

Recuam e se encontrando commigo dias depois, o mesmo sujeito disse-me:

“Não sei que diabo fez a cousa rebentar antes do tempo. A cidade está cheia, e instaram para que não dissesse mais palavra sobre a cousa”. A vista de todas estas coincidencias, exigi do ministro da guerra que mandasse immediatamente retirar da Quinta da Boa-Vista duas peças que eu sabia a muito ali existirem. Recusa-se entregal-as. Mando examinar o armamento que alli se achava, e ordenar que sem ordem positiva do juiz de paz não pegassem nellas, enquanto não se davam outras providencias. Entretanto rebenta a revolução de 17, composta de gente do paço, e os comandantes são pessoas que frequentam a companhia destes senhores. E terei razão para os julgar comprehendidos e affirmar que *“ambição insaciavel os devora, que se julgam com direito aos altos empregos do estado e que a paz e a segurança interna é incompativel com semelhantes homens...”*

Disse-se que se fez fogo no theatro contra cidadãos inermes, e serei criminoso pelos tiros que ouvi já deitado na minha cama? Acaso eu ordenei que se dessem? Só se é pela approvaçãõ que dei, segundõ a exposiçãõ do juiz de

paz, na occasião em que esta camara procurou instruir-se do facto? Mas se tal exposição é verdadeira como supponho, nenhum crime então se commetteu.

Disse-se que quando foram combatidos os rebeldes mataram-se homens que com as mãos postas supplicavam a vida? Acaso dirigi eu a acção? Mandei eu que taes mortes se fizessem? Alguem já representou semelhante injustiça? Porque razão hei de eu pois carregar com acções alheias?"

Feijó perórou com estas palavras:

“Repetirei o que disse ha pouco a meu collega:

Hei de sahir do ministerio, não quando a minoria quizer, mas quando julgar conveniente, e isto porque quero, porquanto se no mundo houvesse cousa que me pudesse fazer recuar, e faltar a minha palavra, era esse desejo que mostra a opposição de que eu me retire, mesmo por acinte a essa pequenita minoria. Mas não. Eu pedi medidas fortes e promptas; ou se neguem ou se demorem, eu deixarei de ser ministro, e talvez para sempre.” (Eugenio Egas, loc. cit).

As ultimas frases de Feijó, reboavam pelo recinto do Parlamento imperial, como um éco soturno, que lembravam as palavras de um austero senador romano a fallar perante os velhos togados do grande aeropago das margens do Tibre, chefes daquellas familias, em torno das quaes pivotava toda a vida imperial da Cidade Eterna. Essas ideias de Feijó, iriam atravessar os tempos, para varando as eda-

des, servir de exemplo aos vindouros, como aquellos vetustos vultos da cidade imperial, haviam dictado leis ao mundo, conquistado e escravizado aos seus pés. A voz de Feijó era como a trombeta do Juizo Final!

Apoz esse julgamento nada mais restava para se lhe oppor.

Mas Martim Francisco era uma personificação da teimosia. Elle deveria ter a ultima palavra. (1).

Entretanto, apesar de muitas vezes, haver elle occupado a tribuna, não havia se referido ao motivo, que fazia a materia principal da accusação, lançada pelo Ministro da Justiça, a seu irmão, o tutor José Bonifacio. Elle desviava o assumpto. Alto, espigado, com as cans niveas, a lhe revelar a edade de seus cincoenta e sete annos, envergando uma sobrecasaca negra, debruada de seda, Martim Francisco, aprestou de novo as suas armas, que consistiam a dialectica magnifica e impressionante que elle jogava da tribuna, com a maestria de um espadachim rebrilhante. Tomando a palavra disse:

“S. Excia. o sr. ministro da Justiça terminou o seu discurso, insultando e ameaçando

(1) Nessa occasião em que Martim, travava com Feijó esse famoso duelo oratorio, elle teve a sustentar ao mesmo tempo outro, contra Bernardo de Vasconcellos, (Octavio Tarquinio de Souza, a pag. 130), em que diz:

“Na sessão de 19 de maio de 1832, em caudaloso discurso, depois de descançar Feijó, cahiu de rijo em cima de Vasconcellos, vehiculando mais ou menos as mesmas accusações que encontravam acolhida nos jornaes da opposição. De novo, só houve a referencia da demissão de certo funcionario muito rico que não quiz brindar o Ministro da Fazenda com um carrinho e a insinuação perfida de venda, em outros tempos, de terras alheias.”

esta respeitável minoria, designando-a por mófa de — pequenita. Robespierre e se seus comparsas do comité de sureté publique, nos dias de seu poder começaram pondo fora da lei trinta e dois deputados. Eu não sei qual seja o resultado destas ameaças; sei porém que esta minoria, fiel ao mandato que accitou, rígida, observadora, a constituição e das leis, sobranceira aos debates, a adversidade, sempre surda ás seduções, sempre corajosa e incorruptível, preferirá antes sepultar-se debaixo das ruínas da liberdade, do que um só momento viver escrava do mais atroz dos dictadores”. (Eugenio Egas, loc. cit. 159).

Confessemos que, como tirada declamatoria, o fim do discurso do Andrada, está muito bonito, mas tirando a demagogia, isso tudo não exprime nada de concreto. O tutor José Bonifacio, continuou indefeso e foi por isso que, o parecer da commissão especializada foi favoravel a substituição da tutela. Esse parecer foi lido na Camara na sessão do dia 30 de Junho, votado por 45 a favor e 31 contra e dizia o seguinte:

“As commissões de Justiça criminal e de constituição, tendo maduramente reflectido sobre a parte do relatorio do ministro da Justiça, relativa ao tutor de S. M. o Imperador e de suas augustas irmãs, e tendo em vista o artigo 3.º da lei de 12 de Agosto de 1831, são de parecer que removendo-se o tutor se proceda á nomeação de outro; e que por isso se officie ao senado afim de que, sendo tambem esta a sua opinião, se marque o dia em que

reunidas as camaras tenha lugar a nova nomeação.”

Paço da Camara dos deputados 28 de Junho de 1832.

João Candido de Deus e Silva. — A. M. de Moura. — F. de Paula Araujo. — H. H. Carneiro Leão.”

Era a vitoria de Feijó! Vitoria retumbante!(2)

O Senado do Imperio, porém, resolveu de modo contrario, isto é mantendo José Bonifacio.

Ora, isso, era como um voto de desconfiança e Feijó, como havia promettido em memoravel discurso, abandonou o Ministerio. Se Feijó não abandonasse o Ministerio, seria humilhação. Ora, elle jamais iria a Canossa; elle jamais passaria pelas forcas caudinas.

Essa foi a luta tremenda, entre os Andradas e Feijó.

Com José Bonifacio, fallecido em 1838, não sei se Feijó, chegou a se recompor, mas o fez em re-

(2) O Senado imperial composto de abecerragens envelheidos do tempo de Pedro I, recusou, por um voto, a mudança da tutoria, com o que Feijó executou a promessa de abandonar o Ministerio. A Regencia tambem se demittiu. Parece que a vitoria do 7 de Abril seria frustrada. Os “caramurús iam vencer”.

Um golpe foi então combinado para que fosse o Senado suprimido e a Camara convertida em Assembleia Nacional. Era esse “o heroico e prompto remedio com que se pretendia salvar o paiz, que estava a borda de um abysmo, e o throno constitucional do Sr. D. Pedro II”.

Mas esse golpe falhou, pela antecipação com que agiu Honorio Hermeto Carneiro Leão, com a sua “cabeça fria”.

A Regencia ficou, embora o Ministro tivesse cahido. (Oct. Tarq. de Souza; “Bernardo Pereira de Vasconcellos”, pg. 133; Annaes de 1832, tomo 2.º, pg. 128), (Oct. Tarquinio de Souza; “Evaristo da Veiga”, Cia. Editora Nacional, serie Brasiliana).

lação a Antonio Carlos, creio que, quando ambos pugnavam no partido liberal, quando este se insurgira militarmente em 1842, como iremos estudar. Quanto a Martim Francisco, Feijó esteve sempre como inimigo. Sabe-se que, a esse respeito Martim, escreveu certa feita a seu irmão Antonio Carlos, dizendo que elle dissesse: "*ao Diogo que elle Martim não tinha odio nelle Diogo, mas que quando elle Martim brigava era uma vez só na vida*". Era o velho rancor andradino que não esquecia.

A alma de Feijó era mais nobre. Ahi havia lugar para o perdão e para o esquecimento, que haviam desamparado o vulto esguio de Martim Francisco.

CAPITULO XIV

A ONDA VERDE

Feijó, terminára a sua tarefa no Ministerio da Justiça. Elle impuzera uma condição para continuar no governo: destituição de José Bonifacio, de tutor de Pedro II. Foi notavel o seu formidavel duelo tribunico com Martim Francisco, no qual Feijó soberanamente como o aguia dominadora, perorava da seguinte forma:

“Hei de sahir do Ministerio, não quando a minoria quizer, mas quando julgar conveniente, e isto porque quero, porquanto, se no mundo houvesse força que me pudesse fazer recuar e faltar a minha palavra, era esse desejo que mostra a opposição de que eu me retire, mesmo por acinte a essa pequenita minoria. Mas não. Eu pedi medidas fortes e promptas; ou se aeguem, ou se demorem, eu deixarei de ser ministro, e talvez para sempre.”

Martim Francisco, em Maio, ainda respondeu theatralmente, fazendo cahir sobre Feijó a sombra de Robespierre, e focalizando a rajada de Feijó chamando a minoria de pequenita.

Em Junho se decidiu esse duelo famoso, luta de titans, luta de exterminio, luta de morte entre Martim Francisco e o padre Feijó, e dessa luta a Camara resolveu a destituição do tutor por 45 contra 31 votos, isto é, a derrota de Martim. Eis o parecer que foi votado na sessão de 30 de junho:

“As commissões de justiça criminal e de constituição, tendo maduramente reflectido sobre a parte do relatorio do Ministro da Justiça, relativa ao tutor de S. M. o Imperador e de suas augustas irmãs, e tendo em vista o art. 3.º da lei de 12 de Agosto de 1831, são de parecer que removendo-se o tutor se proceda a nomeação de outro; e que por isso se officie ao Senado afim de que sendo tambem essa a sua opinião, se marque o dia em que reunidas ambas as camaras tenha lugar a nova nomeação.

Paço da Camara dos deputados, 28 de junho de 1832.

João Candido de Deus e Silva — A. M. de Moura — F. de Paula Araujo — H. H. Carneiro Leão.”

Se na Camara, fora esse o resultado do tremendo duelo travado, entre Feijó e os Andradas, o Senado, entretanto, resolvera por um voto que José Bonifacio continuasse como tutor.

Em 1.º de Agosto, Feijó deixava o Ministerio e se retirava para S. Paulo.

Elle era rígido de mais, para soffrer o menor arranhão. Elle não vergava! A espinha de Feijó era de metal o mais duro! O velho roble se abatia, mas não torcia!

O caniço se curvaria. Elle, não!

Evaristo da Veiga, o elegante parlamentar, que manobrava a eloquencia como um fino esgrimista fazia luzir o florete, com voz profetica dizia:

— A regencia deve ser exercida por um só homem. Diogo de Feijó vae para S. Paulo e dentro em breve ha de voltar como Regente do Imperio. (Eugenio Egas, loc. cit.).

Evaristo, rodeado de seus punhos rendados, era o talento personificado. Elle conhecia Feijó. Sabia que, dentro daquelle corpo de athleta, havia um homem, que era um Jupiter tonante de energia indomavel e incorruptivel como um Robespierre, vibratil como a lamina brilhante de uma partisana, fervoroso como um apostolo de um rito barbaro, vivo como a chama de um incendio, magestática como a imagem de um deus selvagem, no alto de uma colina, idealista como um Ignacio de Loyola, independente como a torrente impetuosa de uma catadupa desencadeiada pelos pedrouços de rochedos mal arrumados, bravo como um mosqueteiro do rei, ardoroso como o corcel, que Byron fizera correr, pelas estepas ermas da Ukraina, com o corpo desnudo de Mazepa, amarrado, preso ao mais entranhado amor a terra, como um Antheu mythologico, cavalheresco, como um espadachim medieval, leal como um d'Artagnan, audacioso como um Theseu da lenda; forte como um Hercules, puro como uma vestal; desprendido como S. Francisco de Assis; sem macula como um Bayard valente como um Achilles.

Evaristo conhecia o ambiente. Sabia que, só um homem forte poderia dominal-o.

Feijó reunia na sua alma ardorosa todas essas virtudes.

Foi por isso que, elle fez aquella profecia, que se ajustava admiravelmente ao futuro. Mas Feijó sahiu do ministerio e voltando para a sua meiga provincia, elle teve que emprestar um cavallo de um tropeiro, tão pobre elle sahiu.

Como isso é sublime!

Mas como era doce a perspectiva de voltar para a sua terra! Essa terra miraculosa que Anchieta plantara na colina do collegio, toda nimbada da garôa cinzenta das matinas!

Elle voltava só! Mas as aguias andam solitarias! Os perús ou os corvos, andam aos bandos, já dizia Marat.

Ah! Como Feijó sentia um prazer calido o invadir, quando elle pensava em rever a sua cidade natal, esse villerejo anchietano, que tantas e tão fagueiras recordações traziam a sua imaginação escaudada pelos ultimos sucessos, que se haviam desenrolados no scenario politico da corte! Mas, quanta desillusão, elle levava para a sua Piratinin-ga, toda alcandorada, como se fôra um Parthenon greo ou a cidade santa de um miraculoso pre-sepe, do niveo de seu casario, mal arrumado, pelas encostas rubras daquellas colinas, mal atape-tadas de verde cinza de barba de bode, vegetação rasteira, que se encrespava aqui e lá pelos rebor-dos mais humidos do Tamanduatehy ou do Anhan-gabahú. S. Paulo era bem a Chanaan de seus so-nhos! Eram essas as ideias que se tumultuavam, amontoadas no cerebro de Feijó, a medida que elle subia a serra, no passo lerdo do corcel de ore-lhas murchas, em que elle ia pachorrentamente, seguido pelo negro escravo Pedro, que montado em um burro lhe levava a bagagem e a matolota-

gem e pelo tropeiro que lhe havia emprestado o cavallo.

Por fim, já ao entardecer, após uma longa caminhada, pelos soccovões ravinosos de uma serra adusta, em que os morros, em corcovear sinistro, pareciam querer engulir o firmamento diaphano, que como uma immensa aboboda azul, esbranquiçada de nuvens, que como fócios de algodão se espalhava ao sabor dos ventos, o cavalleiro, seu escravo e o tropeiro chegaram ao curso do Parahyba.

Era já o 4.º dia de viagem e ainda não haviam attingido a esse decantado meio rural do rio esplendoroso, que como uma cornucopia de moedas dadivosamente alimentava aquella corte que elle Feijó, deixára longe, para traz. Corte de luxo; corte de prazeres; corte de europeis; corte de frivolidades!

Houve uma occasião no caminho que, Feijó ainda poude ver a distancia, confundida na nevoa accumulada na linha do horizonte, onde o mar queria encontrar o céu, uma linha esbranquiçada, que lhe pareceu ser a cidade de Guanabára, ainda mal acordada da noite de orgia demoniaca, em que se tumultuavam tantas paixões desenfreadas.

Depois, só a sua memoria evocativa, na sua fervida imaginação, lhe traziam a primeira plana aquellas scenas cariocas, que se dramatisavam aos seus olhos.

Elle ia para quadros novos; ia rever paisagens planaltinas; ia abraçar parentes e amigos; ia matar saudades nesse S. Paulo, que agora surgia mais vivo, mais vibrante!

Elle ia ver Maria Justina, alvo de todo o seu amor; com quem repartia aquella dor immensa que o obsecava e que parecia o esmagar. Ella era

o unico refrigerio de tantos soffreres que o atormentavam, concentrados nessa ulcera cavada por um chuço peremne, que elle levava comsigo; esse labéo infame de ser elle, filho de paes incognitos! Sim, incognitos para essa sociedade, que o condemnára, mas não para elle, que bem sabia, todos os mysterios que haviam cercado o seu triste berço, a soleira de uma porta!

Elle era um engeitado!

Mas eis o vale do Parahyba!

Lá estava uma fazenda de café, ainda na provincia fluminense, essa antesala magestática da corte, usina de trabalho agricola. Essa aglomeração rural parecia uma formação

A sua séde se destacava nivea, por sobre o fundo escuro de um arvoredos, que parecia um bosque a emoldurar um palacio de marmore da velha Touraine. Com columnas niveas de Carrara, a séde se erguia a ribanceira de um regato limpido, que fazia a sua torrente de cristal correr rapida para o Parahyba, que como uma giboiã immensa descansava tranquillamente as suas aguas espreiadas, vindas de muitas corredeiras a montante. Era como um castello de fadas!

O planalto paulista havia cahido em decadencia dorida no seculo XVIII, com a descoberta do ouro das geraes. Eis o que, sobre isso imaginava Feijó, sonhando aos passos lerdos e cadenciados de seu pelludo murzelo:

“Quando, o nascer de seculo dos setecentos presenciava as multiplas descobertas auríferas, por entre as fragas das serranias centro-mineiras, co-roando os esforços tenazes da gente paulista, o cruento destino o decreto irremovivel do declinio do planalto.

O ouro, chamariz fulgente, phanal rutilante, attrahira para a sua mineração, todas as ambições pualistanas e com ellas as energias da quasi totalidade dos moradores das villas planaltinas.

Para os arraiaes mineiros se transplantaram ás dezenas grandes e poderosas familias piratinicanas, levando comsigo os seus haveres, a sua actividade e a vida, emfim, da villa do planalto, gigantea cellula mater da terra paulista.

E, quando a invasão emboaba saturou as minas do elemento reinól, indesejavel e insupportavel para a arrogancia aristocratica do paulista, atirou-se este ao desbravamento dos mysterios do sub-sólo goyano e matto-grossense, fazendo surgir desses longinquos confins novos eldorados, que desviaram para si a corrente emigratoria, que de São Paulo partia em busca da opulencia.

E, então, foi Ararytaguaba a dolorosa sangria, dilatadamente aberta nas veias paulistas, de onde jorrára, para as bandas, de além, o sangue aos borbotões das forças planaltinas, despovoando o berço piratiningano, para povoar os extensos territorios goyano e cuyabano, com o immenso alluvião de exploradores do ouro.

Com esse depauperamento acelerado pelo setecentismo adeante, S. Paulo ainda, na primeira metade do seculo, viu-se precipitar no abysmo da decadencia, com a sua população decrescida e sua agricultura supprimida; seus moradores, aventureiros, valentes e emprehendedores, transfigurados nos caipiras atrophados e sedentarios, que viviam miseravelmente nos sitiécos circumdantes dos Guarulhos, Santo Amaro, Parnahyba e Araçaryguama. A gloriosa villa das bandeiras foi, no seculo XVIII, a lousa fria de um marmoreo tumulo sem epita-

phio, onde anonymamente repousavam os louros de um passado esquecido e o inanimado corpo em catalepsia de um povo adormecido e exangue.

Sua seiva, antes tão pujante, fôra aurida sofregamente pelas minas de ouro das geraes, pelos preciosos cascalhos de Matto Grosso ou pelas campinas de araucarias paranaenses, serros e cochilhas rio-grandenses ou pelas torridas fazendas de gado no distante nordeste. E o astro grandioso, que, em éras passadas fulgia na escuridão da noite eterna, rasgando-a em um raio luminoso pelo destino ignoto, do universo immenso, apagára-se refrigerado e extincto, esboroando-se em milhares de infimos bolidos, que, precipitados em varias direcções, logo se tornaram pallidas nebulosas sem calor nem brilho!

O velho tronco de jequitibá altaneiro, em antigos tempos o gigante formidavel da matta virgem, copado e verdejante a “dominar ufano os altos topos da floresta expressa”, despira-se e murchára estiolado, para se mostrar secco e esgueirado, qual esqueletico phantasma, no negror da noite procellosa, com a galharada mirrada e resequida, chocalhando macabramente, ao tufão infrene da desgraça.

Só duas luzes brilharam, nas trévas desse seculo aziago para a fidalga villa de Anchieta, a murmurar-lhe baixinho lembrando o pasado grandioso:

Pedro Taques, o Plutarcho incansavel dos varões illustres da expansão bandeirante, e frei Gaspar da Madre de Deus, o monge aristocrata rememorador das antigas éras dos povoadores lusitanos.

Um longo seculo, S. Paulo dormiu no somno lethargico da decadencia.

Suas seáras alouradas de trigo pujante, seus altaneiros milharaes, niveos algodoaes e verdejantes cannaviaes, entrecortados de vergeis infindaes e de extensos marmeleiros, deram lugar ás maninhas capoeiras, pardacentos cerrados e interminaveis carrascaes, marginantes do Tieté, que tristemente se serpenteava, através desse quadro lugubre, arrastando, na sua corrente vagarosa e lamacenta o humus e a riqueza deste sólo, para os caudaes immensos, formadores da Prata.

Seus solares senhoriaes, poderosos nucleos de clans bellicosos, que lembravam os castellos medievos e onde dominaram, nos saudosos tempos dos seiscentos, os potentados que esmagaram na America, a Companhia de Jesus e roubaram a Castella um continente, dominando as martyrizantes intemperies de uma natureza phantastica, jaziam em ruinas, desmoronados e encimados de vegetação rasteira e musgosa, seguidora infallivel do abandono e do olvido.

Emigrára para o longinquo horizonte cuyabano a grandeza paulista, levando a grei da população do planalto vicentino, os varões de animo aventureiro, ambicioso e idealista, deixando sómente os timoratos e sedentarios, assim se operando a selecção regressiva.

E como não bastasse, ao quadro dessa desdita e colorido tetrico de um despovoamento a realçar a figura horrida da miseria, teve ainda o nosso torrão de supportar os abusos e desmandos dos governantes lusos, que não trepidavam em lhes sugar os resquicios de vida, enviando ao matadouro distante de Iguatemy as derradeiras energias paulistas, que, sem queixume, ahí, nas aguas pestilentas desse rio de negra memoria, espelharam as

tradições herdadas de seus maiores: lealdade, abnegação, ao lado de um estoico e inigualável espirito de sacrificio.

O ouro que as entranhas terrenas vertiam em abundancia, em Matto Grosso e Goyaz, nem ao menos serviu para dourar os braços carcomidos e enferrujados das velhas casas paulistanas, pois que enquanto, o berço do bandeirismo se baloiçava vazio, ao vendaval da miseria, gosava a metropole portugueza com o fausto dos quintos arrecadados, pelos cerberos exactores, aos rudes desbravadores dos segredos do sólo, e com as extorsões da governança portugueza na colonia vicentino-paulista.

Emquanto em ruinas tombavam os taipaes paulistanos e desmoronavam os alicerces da villa anchietana, rendilhavam-se em Portugal os granitos gothicos da Batalha, reesculpiam-se as pedras vetustas das arcadas manuelinas dos Jeronymos, reburilavam-se os mosaicos do regio Pantheon de Lisboa, cinzelavam-se os marmores de Belém, trabalhava-se febrilmente, na pombalina reedificação da capital portugueza construindo-se a S. Roque, a Estrella, a Patriarchal, enriquecendo-se a Sé, e entalhando-se admiraveis preciosidades que cumulavam a ostentação de José I.º, e o ouro luso-paulista corria para a Inglaterra levado pelas clausulas do tratado de Methuen, enriquecendo o patrimonio inglez.

Eis os ultimos degraus que descemos, no ingrato setencentismo, onde nos demoramos, por longuissimas décadas, até que a cruzada nobilitante do trabalho, veiu nos trazer a segunda e definitiva phase da grandeza da nossa terra paulista que tem como pedestal o maior monumento agricola, jamás existido na superficie do planeta, que

é a nossa immensa lavoura de café, levantada em um sólo ingrato, pelo braço herculeo e infatigavel do caboclo paulista, mameluco fixado, empunhando o machado e a foíce e do escravo africano, impulsionado e dirigido unica e exclusivamente pela energia sem par do paulista moderno, bandeirante da terra roxa e descendente inconfundivel dos velhos Camargos, Buenos, Prados, Cunhas, Pires, Moraes, Penteados, Lemes, Pretos, Godoys, Macieis, Almeidas, Taques, Laras, Castanhos, Alvarengas, Proenças, Campos e Bicudos, esses cyclopes seiscentistas que recuaram o meridiano, de Tordezilhas emparelhando-o com os contrafortes andinos de Castella!

Eis como trabalhava à escaldada imaginação de Feijó, a rememorar a decadencia do planalto!

De facto, quando a queda na exploração aurifera nas Geraes, em Goyaz e em Matto Grosso, fez com que a lavoura de café; recebesse os afagos dos cultivadores da terra, houve no vale do rio Parahyba a enthronisação da riqueza. Mansões senhoriaes, fazendas apalaçadas, que pareciam castellos afidalgados, foram erguidos, pelas ribanceiras das aguas revoltas desse caudal, concomitantemente, com o levantar desse monumento economico, se registrou outro phenomeno. Foi a volta dos aventureiros paulistas, que haviam no seculo anterior, abandonado o ninho planaltino, para correr aos socavões rebrilhantes, onde os attrahia o ouro de Sabarabuçu, ou o que brotava fulgente dos contrafortes sombrios do granitico Itacolomy, ou das pedrarias, que saltitavam ás margens da Lagoa dourada de Vapabuçu, lá no soturno Sumidouro, onde o grito da negra ave noturna, ainda tinha o resaibo sonoro do ultimo rugido rouco de

José Dias, filho do caçador das esmeraldas, que o feroz Fernão Dias, fizera baloiçar no alto da figueira da traição, naquellas paragens cavernosas, onde nasce o rio Doce. Com o empobrecer das lavras de além Mantiqueira, houve o prenomeno da volta dos paulistas, que tornavam a casa, onde os attrahia a riqueza da terra roxa.

Com isso, houve o renascimento da opulencia nas terras de Piratininga, o que não podia mais conter a plethora da gente, que volvia augmentada depois de terem corrido trez gerações, que multiplicaram o numero dos aventureiros, que haviam no inicio do setecentismo abandonado o planalto, para correr os azares de uma mineração em terras exoticas.

Com isso, foi a avançada para o sertão da villa de S. Carlos, que se transmudava em Campinas. O café, atravessando pelos ermos selvaticos das terras, entre os vales do Parahyba do velho Anhemby, que envelhecendo se fizera Tieté, se espraiava vigoroso pelas regiões novas de Limeira, da villa da Constituição, além de Sorocaba, e mais.

O machado tamborilhante do caboclo fazia, com que, se abatesse a matta virgem, que em seu lugar, logo via surgir a onda verde miraculosa de cafesaes, que se derramavam alinhados pela morraria, como se fossem cabelleiras repartidas e penteiadas de cabeços, onde outrora haviam sido povoados pelos altaneiros perobaes. Depois, a enxada do negro amaciava a terra ubertosa, que havia, afinal, encontrado o seu cultivador.

Dessa symbiose sahiu a verdadeira aristocracia rural paulista.

Essa aritocracia, sim, deveria ser constituida e perpetuada. Sobre ella se firma a nossa grandesa.

Foi assim que, nesse meiado do oitocentismo, timidamente começou a onda verda a se precipitar pelo hinterland paulista, na busca avida desse velocino, que nós ainda nelle porfiamos que é a punjança maravilhosa do nosso planalto. Canaan a espera de argonautas paulistas, que a explorassem, eis a evolução magnifica, que tem tido a nossa terra, para depois receber ás centenas de milhares esses magnificos italianos, que vieram conosco commungar e que declinam conosco os versos sublimes desse poema monumental da prosperidade em que nos encontramos.

Feijó sonhava embevecido nos quadros, que se iam ramificando na sua imaginação ardida, pelo trote do ginete que o carregava pachorrentamente pelas margens arriba do Parahyba...

CAPITULO XV

MARIA JUSTINA

Ao cabo de uma viagem de mais de uma semana, Feijó attingia o morro da Penha.

Era uma tarde de fim de inverno. A athmosphera profundamente limpida, filtrava os ultimos raios no ocaso arroxeadado que ainda se fazia bem vivo pelos lados do Jaraguá, que se destacava como uma gigantesca almenára de pedra, silhueta de azul escuro no horizonte sanguineo.

O morro sagrado, parecia uma esphinge de rocha ignea, sentinella guardiã da villa anchietana que era uma ermida branquejante no alto das suas colinas.

Eis uma acropole atheniense, rediviva, que se erguia em face do viajante!

Dir-se-hia um Parthenon atico a dominar as planuras do Tieté!

Aquella logo se defrontava com a muralha do morro do Carmo, depois de haver atravessado a varzea do Tamanduatehy, que nessa occasião do anno estava reduzido a um simples filete, marginado por uma varzea coberta por um ermo e triste sudario verde-pardo.

Fazia mais de um anno que Feijó não via essas paizagens, que embalaram os seus irrequietos

sonhos de menino; que foram o theatro multicolorido de suas façanhas juvenis.

— Oh, quantas vezes, elle pescára e nadára nessa varzea do Tamanduatehy, em companhia da rapaziada dessa nebulosa Piratininga; que era o adro sublime de uma adoração quasi que divina!

Nessa epoca, S. Paulo contava, mais ou menos, com 9.000 habitantes e quasi 2.000 casas, que se debruçavam, esparramadas sobre os morriculos do Collegio, de S. Bento, do Carmo e pela ingreme encosta do Anhangabahú, que por margens ravinosas, corria sinuoso para o Tamanduatehy, com o qual se encontrava ao sopé da elevação de S. Bento.

Eis as torres quadradas da Sé, de S. Pedro, de S. Bento, do Carmo, e a bojuda do collegio dos padres jesuitas, junto ao palacio do Governo. Ellas dobravam seus sinos polysonóros, em uma orchastração notavel de rebimbalhos, annunciando o fim das rezas noturnas, que se findavam! Um coro de “miseréres” se afinava bem com aquella musica dulcissima cujas notas suaves atravessavam aquelle ar frigidissimo e iam se sumir dolentes na escuridão da noite sem luar.

Feijó ia envolto em sua ampla capa negra, que mysteriosa parecia uma aza de ave de rapina encolhida deante da temperatura, que abaixára extraordinariamente, pela limpidez da athmosphéra a qual permittia uma irradiação de calor em proporções muito maiores.

No dia seguinte, Feijó, subindo até a Igreja dos Remedios, tomou o rocio da Forca e demandou a sua chacara do Paraizo, no alto da Mooca, descendo pela encosta dos Lavapés e dos Cambucys.

Ao passar por onde o instrumento de suplicio, se erguia de um sólo desnudo onde nem a herva brotava como se uma maldição pesasse sobre o local, Feijó não pode deixar de fazer uma evocação ao futuro, pelo progresso vertiginoso em que ia a cidade. Já o total das redondasas paulistanas, com todas as suas freguezias da Conceição, O', Cotia, Penha, S. Bernardo, Juquery e M'Boy, contava com cerca de 20.000 habitantes. Já lá ia, em remoto passado, o pequeno villarejo piratingano do seculo anterior, quando o general Leite Lobo de Saldanha, fizera recensear em S. Paulo 2.000 pessoas, com apenas 530 casas.

Como havia augmentada o centro urbano!

Como seria esse futuro, que tão gratas expectativas permittia a S. Paulo?

Naturalmente o progresso se estenderia desse lado, pois, dos demais quadrantes, a cidade, ia a pique das colinas do collegio e de S. Bento, bem como pela ingreme encosta do Anhangabahú, que para ser atravessado na ponte do Acú, o era por uma taboa de menos de metro de largo. Nem caruagem poderia passar por ella! Assim só a cidade extravasando-se pelos lados da Forca. Não havia outra solução!

Mas podia Feijó conceber a ideia que um dia, quasi cem annos depois, a sua estatua seria erguida no bronze, nesse mesmo local!

Mas o bronze, ainda não exprime o que devemos, a esse magno vulto do nosso oitocentismo, que attestava tão soberba evidenciação, que não haviam morrido no longinquo e poeirento seiscentismo, as virtudes da estirpe, a qual não sossobrara a catalepsia setecentista.

Feijó, descendo a escarpa, foi transpor o Tamanduatehy e logo avistar os muros encaixados de sua chacara, cujo nome de Paraizo, era bem a cumular o aprazível recanto, onde se sublimava o exilio do grande estadista da Regencia. O Paraizo recebia o anjo guerreiro que volvia ao tugurio.

Feijó, era um Ferrabraz, mas possuia um coração, o mais tenro. Enfeixado por nervos de aço, que se submettiam a uma vontade granitica e uma energia endemoinhada, havia um coração de manteiga.

Elle emocionado, se encaminhou para o interior da morada.

Lá estava a o aguardar, sua irmã, Dona Maria Justina, a santa senhora que era a Dulcinéa inspiradora de suas façanhas.

Era esta, uma senhora de nobre e senhorial porte, que caminhava para a casa dos quarenta, pouco avantajada de corpo, encimado de basta cabelleira escura, a emoldurar um rosto já vincado de rugas nascentes, mas de uma brancura transparente. O patriciado da sua origem ressaltava no seu perfil dominador e fidalgo.

Feijó, logo que a viu, a estreitou em seus braços musculosos. Seu rosto severo, formado de linhas rigidas, que pareciam, não se curvar, jamais, a um rictus qualquer emotivo, perdeu aquella consistencia de implacabilidade, e se amaciou na ternura, que lhe causava a vista do ente, que era o alvo de quasi todos os seus pensamentos, a alavanca de toda a actividade de sua vida, a causa de toda a ambição que ousava alimentar, no desinteresse de que os quadros de sua existencia espehavam com nitidez, o motivo de todas as quali-

dades que elle testmnhava em todos os degraus hierarchicos em que o haviam collocado.

— Diogo! Mas como Você está abatido e magro! Parece até quem esteve doente! Admoestava ella, em tom de censura amena e carinhosa.

— Maria Justina! Foram os trabalhos da Corte. Fui obrigado a dispendir muita energia e não tinha lá a minha maninha, para cuidar desta carga, que se vae fazendo envelhecida! Desculpava-se Feijó, como um menino de escola a balbuciar uma explicação.

Maria Justina, não se casára. Não que, não tivessem apparecido bons partidos, nem que ella não tivesse dotes attrahidores. Mas ella, se havia devotado tão entranhadamente áquelle irmão tão amoroso, tão meigo, que a ella, parecia uma manifestação de egoismo se d'elle se separasse mais!

— De outra feita Maria Justina, levo-te comigo para a Corte! Desta vez eu não esperava ser obrigado a ficar tanto tempo, fora deste meu Paraizo! Quem diria que eu seria Ministro? A minha ambição politica nunca me elevou a tanto! O Conselho paulista, já era, para mim, uma cruz bem pesada! Felizmente fiquei livre dessa massada! O Araujo Lima, que ficou em meu lugar, é homem bem mais acomodado que eu. Mãnheiroso e habilitado, elle terá mais facilidades! Eu sou muito rude. Reconheço. A Regencia, sem a minha rigeza pode viver muito mais tempo.

Teria sido assim que Feijó tomou contacto, novamente, com o seu socego, nessa mansão paradisiaca como o seu nome, elle podia ahi refazer as suas forças, diminuidas pelo trabalho continuo, nessa refrega tremenda, em que elle, durante tanto tempo, teve de se envolver, dispendendo prodí-

gios de energia, mortificando-se, ante as mais alucinantes noticias, contrariando-se ante os obices, que surgiam a frente da sua marcha impavida para a conquista da ordem, e como se fora uma marcha fatal do carro de Siva.

Eis a sua chacara, cuja séde, assobradada, com suas alas extensas, parecendo a parte central de um castello feudal, para o qual havia uma entrada calçada de largas pedras aparelhadas! A esquerda estava a sua querida capella com o seu altar polycromico e rendilhado de enfeites, douraduras e entalhes e com a pia baptismal.

Tudo isso, elle Feijó, havia feito construir, sabe Deus a custa de quanto sacrificio, de quanto esforço, e de quanta tenacidade! Lá estava o nicho, onde repousava a imagem de N. S. da Piedade, com o seu meigo sorriso engrinaldado da belleza sublime e suave da virgem mãe de Jesus, em mistura com a candura do perdão, que transluzia do seu semblante caridoso e divinal, para com a humanidade soffredora, que a deveria contemplar com especial unção! Bem perto do nicho estava a imagem de S. Francisco de Assis, esse que fora o famoso asceta italiano, o "poverelo", fundador da ordem dos franciscanos. Logo á entrada estava a ampla sala de jantar e junto a essa dependencia era o dormitorio de Feijó. Sala ampla, tosca e apoucadamente povoada de trastes, com uns singelos moveis indispensaveis ao uso quotidiano. Parecia um dormitorio de um puritano de Massachusetts, tal era a sua simplicidade!

Ao sahir da casa havia um pomar, que se sobresahia, ao longe, pelo verde escuro de suas arvores, onde chilreava a passarada, que em revoadas, dava a nota alacre, naquella paizagem toda

cheia de bucolismo! Ahi estavam as jaboticabeiras, plantadas por Feijó, dois annos antes. Como ellas estavam crescidas!

Junto a sala, de jantar, havia a escada, que conduzia para o sobrado e para o mirante, especie de torre de menagem de uma roqueira, fortaleza medieval, onde dois pequenos quartos, miravam para o poente e um vasto salão se virava para o nascente, lá para os lados enfumaçados de S. Miguel, onde ia dar uma estrada, vinda da cidade, toda alfinetada de coqueiros, que como preces lamurientas, se curvavam chorosas com suas cópas verdes, ante a violencia dos ventos.

Dahi dos alpendres, que circundavam a casa, descortinava-se, sempre, uma paizagem de empolgar: o varzedo immenso do Tamanduatehy, se achatava aos pés, correndo pelo centro d'elle, como uma gibóia, prateando o curso do rio, cujas margens, mal se vestiam de uma vegetação mais alta, mas retorcida, em um cambiante mais escuro do verde, que atapetava o scenario.

Do outro lado, estavam as colinas do Ipiranga, onde Dom Pedro, havia dez annos antes, proclamado, em arroubo furioso, a independencia do Brasil. O cavalgar desnudo das colinas, parecia correr em ascensão para uma fita, que se azulava no horizonte de um poente, quasi sempre avermelhado, pelo dorido repousar do astro rei, nas tardes algidas de Piratininga.

O Tieté, não se via da casa da chacara, mas se advinhava. Elle transportava em suas aguas bojudas a seiva das erosões do planalto, para a sedimentar nas planuras de oeste, onde a faina paulista, iria logo desbravar para a agricultura. Quem

fizesse uma evocação para o futuro, veria toda essa região povoada a produzir.

O café dilatava o meio rural paulista, o tirando do âmbito estreito, ao redor dos villarejos planaltinos, para o arrojado agigantado, até as fraldas distantes da Mantiqueira, e até as ribanceiras mansas e onduladas do Paraná ou do Paranapanema.

O rio paulista cavava um leito, que se anotava pela depressão, que ia lambendo os pés daquelles morros azulados ao longe, encadeiados naquella orgia saturnalica de granito, vestido com luxuria pelo verde manto tropical, que a distancia escurece o ensobreado metalico, que se divisa.

O scenario do poente, estava todo na cidade piratiningana, acavallada naquellas colinas como em um acropole grega de velha era, ahi destando-se os mais altos edificios, que eram naturalmente os templos, com suas torres quadradas, ou amareladas, encimadas como se fossem penachos de flechas e de cruces, elevadas para o firmamento que se abria reverente, ante o symbolo da christandade. A vista dessa cidade, não podia deixar de despertar a recordação de trezentos annos no passado enevoado, que os tempos não apagaram da visão da época.

Eis os sagitarios de Tibiriçá, emplumados de variegadas cores, a empunhar os seus arcos protegidos pelas palissadas!

Eis os barbaçudos povoadores, encourados nas suas vestes de bombasina e gibões acolchoados de algodão, a manejar prestos as suas escopetas!

Eis os agigantados mamelucos do bandeirismo ribombante, com seus sombreiros empencha-

dos de plumas e os seus cerebros povoados de ideaes!

Os campanarios desses templos, não cessavam de repicar, parecendo dezenas de carrilhões adou-dados, pondo um choro de melancolia naquelle quadro magestático da natureza, que se desdobrava, deante do morador daquella mansão, chama-da com tanta propriedade, Paraizo.

PARTE II

CAPITULO XVI

A R E G E N C I A

— Diogo, o compadre Cunha velho está ahi, annunciava Maria Justina, uma vizita ao seu irmão, no dia seguinte ao da sua chegada da Corte. Elle apeia do cavallo e vem subindo.

— Faça-o entrar, que eu já vou. Respondeu Feijó, fechando o livro que lia e tirando os oculos, que depunha em cima de uma commoda velha. O padre compoz ligeiramente as suas vestes, e sahiu em direcção a sala.

— Ora viva compadre! Como vae a filharada? Como vae o meu afilhado Bento?

— Vão todos bem. Bento está muito crescido, sempre com manias de guerra e de aventuras. (1) Respondeu o vizitante, que havia se alevantado da cadeira, ao se aproximar o padre. Era um typo moreno, muito alto, entroncado, vestido com estre-

(1) Bento da Cunha Bueno, morreu victima de um tiro imperial no Rio Grande do Sul, quando elle entre os soldados do immortal Bento Golçalves, porfiava na Guerra dos Farrapos.

E' o que se vê de um documento cuja copia me foi enviada pelo meu presado amigo João de Campos Aguirre historiador dos mais illustres.

ma simplicidade e trazia o rosto bronzeado bem escanhado. Uma basta e negra cabelleira cahia, em madeixas mal arrumadas, por sobre um taurino pescoço cor de tijollo, que encimava um tronco athletico. Esse visitante, syntetisava o paulista. Era o Cunha velho, muito amigo e compadre de Feijó e seu conviva nas palestras, que mantinha, sempre, na sua chacara da Mooça. Paulista da mais velha estirpe, representava bem a gente da terra, Francisco Mariano da Cunha, pela sua intelligencia viva, mas mal cuidada, "de muito bom metal, mas mal limado", diria o Morgado de Matheus, que fora governante da terra.

— Soube da chegada do compadre e vim logo saber da sua saude, e ver se precisa qualquer cousa.

— Ainda está afazendado na Cantareira, e ainda mora na esquina da rua do senhor S. Bento com a rua do Senhor S. João?

— Ainda compadre. Eu não mudo. Estou sempre firme nesses dois lugares. Agora que o café está avançando para o interior da villa de S. Carlos, eu penso em aproveitar as terras que tenho na direcção do Rio Claro e lá plantar uma lavoura nova. O Thomazinho vae se mudar para esses lados. O sertão vae fugindo! A nossa gente o vae perseguindo! Isso irá assim até as fronteiras da nossa provincia!

— Muito bem compadre. Os paulistas são sempre aventureiros e trabalhadores! O vale do rio Parahyba está se cançando, elles se começam a afundar na formação da lavoura de café, para o lado de Oeste. E' a onda verde dos cafesaes que avança. Mas compadre "Vacê" fica para almoçar conosco. Eu e Maria Justina estamos tão sós!

— Estou com cuidado da Maria do Carmo, que deixei em casa cuidando dos irmãos, mas o meu genro José Manoel (o futuro Barão do Tieté) vem ahí também.

— Ah, sim o casado com a Silvinha? Como vae a ninhada de netos?

— O Candido, é um assombro de esperteza e vivacidade, meu caro compadre Feijó. O Antonio, o mais velho está agora com cerca de dez annos.

Ao fallar, o Cunha velho, de um modo tão entusiasmado da sua próle, eis que surge Maria Justina a annunciar José Manoel, que vinha em grupo com o Joaquim Floriano de Toledo, o Paes de Barros, o Paula Souza e outros.

— Mande todos entrar. Almoçarão conosco. Vamos conversar um pouco, sobre o que se passa na politica geral do paiz.

Ora vivam os meus amigos! Entrem e sentem. Aquí está o Compadre Cunha.

— Senhor Feijó, como vae? Todos inquiriam da saude do padre, que mais alquebrado, pelos esforços dispendido com a sua acção no ministerio da Justiça, não se havia ainda refeito pela viagem que havia realisado, da corte a S. Paulo, no lombo de um cavallo pelludo.

— Pois meu caro José Manoel, “vacê” será o barão do Tieté, falle-me do Candido. Para mim esse menino será um vulto notavel neste seculo.

— Óra sr. Feijó, isso é bondade sua, pois está a querer ver qualidades onde ellas não existem.

— Mas que noticias nos dá dos negocios politicos? Inquiria Paula Souza.

— Como “vacê” viu, eu não consegui me sustentar no ministerio da Justiça. O José Bonifacio, como tutor dos principes, promovia anarquia para

na confusão, elles os Andradas darem as cartas. E' a ambição! Só ambição! Alem da vaidade, naturalmente!

— Mas isso não admira! Dizia o Paes de Barros, o futuro Barão de Piracicaba. Elles sempre foram assim!

— O Brasil é um paiz difficil de ser governado. Cada vez me convenço mais disso. Dizia Feijó sentenciosamente. Cada uma das suas partes, tem um desejo e naturalmente puxa para este lado. E' uma balburdia! Só um governo muito forte, pode impedir a desordem, isto é pode amainar a furia da tempestade.

— Mas governo forte, foi o que vimos! Respondeu Paula Souza. Acho que não adeanta! E' preciso não tocar na Constituição de 24. Ella aproveitou muita ideia boa.

— O almoço está pronto. Veiu dizer Maria Justina.

— Vamos passar para a sala de jantar. Fallou Feijó se levantando da cadeira, onde se achava sentado. Já sinto certa difficuldade em me locomover. Não sei o que será isso. Preciso do auxilio dos braços.

— Porque não consulta um bom medico a esse respeito? Anda por ahi um medico inglez, um tal dr. Ellis de Londres, que é muito amigo do Tobias. Pode ser cousa de consequencias e se for atalhada já, não terá importancia!

Os convivas passaram-se para o refeitório, que era uma ampla sala, onde estava uma meza comprida, fartamente provida de viandas as mais diversas e de outros manjares. Ella se perdia na vastidão de uma area deserta de moveis, pois Feijó não pudera, ainda, arranjar mais, além da meza, do ar-

mario muito alto, que occupava um dos cantos e o guarda comidas, que ficava na outra parte da sala. Peroleiras de vinho do reino se misturavam, entre os muitos pratos, todos collocados para a escolha dos circumstantes.

— Amanhã mesmo procurarei, com o Tobias esse medico, de quem já ouvi fallar, como tendo realisado magnificas curas. Sei que elle móra na rua Direita, junto á casa do compadre Silva.

Feijó levou um socego de cerca de um anno, que passou entre a sua chacara da Moóca, sua fazenda de Campinas, e Itú.

Excessivamente liberal, o sacerdote pregava abertamente a libertação do negro. Elle era, pela divisa de Canning, expressa no Parlamento inglez, que em 1823 havia votado uma lei nesse sentido: "*Liberdade civil e religiosa nos dois mundos*". Com isso, estava extinto o trafico da mercadoria humana e com isso em parte, a propria escravatura, que via estancar uma das fontes da renovação da sua demographia. De facto, ella não podendo mais receber gente, vinda do outro lado do Atlantico, tinha que, se resumir, para o futuro ao crescimento vegetativo, isto é o excedente de nascimentos sobre os obitos. (1).

(1) A respeito da extinção do trafico negreiro com a Africa, devemos consignar que o grande messias da nobilissima ideia, foi o portentoso Marquez de Barbacena, grande amigo de Feijó. A lei que se havia em 1850 estabelecido a esse proposito e que tomou o nome de Euzebio de Queiroz nada mais foi senão um velho projecto do eminente Marquez de Barbacena, vulto dos mas magestaticos da primeira metade do seculo XIX.

Não quero deixar passar a occasião de prestar ao illustre

— Não posso comprehender esse seu liberalismo exagerado. Dizia para Feijó, o seu compadre Joaquim José dos Santos Camargo, na villa de S. Carlos. A continuarmos assim, não se poderá expandir a nossa lavoura de café, para o sertão. Não se poderá, mesmo, manter a situação agricola actual. Como poderemos nós pensar em produzir, se nos amarram com esses pieguismos romanticos de liberalismo para com a negrada. E' de relho que esse pessoal precisa. Estou mais com o Bernardo, a esse respeito.

— Não diga isso, compadre! Nós não deveremos pensar em prosperar a custa da liberdade de quem quer que seja. Caso tenhamos de manter a escravidão, unicamente para augmentarmos a nossa producção, então que a não se augmente. A escravaria actual, deverá ser mantida nos trabalhos ruraes, pois como iriam os actuaes se manter? A A unica variação, seria que, o trabalho agricola deixará de ser forçado para ser livre.

— Isso tudo é muito bonito, compadre Diogo, mas só em theoria. A negrada abandonaria o meio rural e ficaria nos centros urbanos. Malandros como são os negros, elles não mais trabalhariam e nós, ainda que, pudessemos pagar bem, pelos seus serviços ficariamos com as nossas lavouras no matto. Em theoria suas ideias são muito bonitas, mas na pratica, ellas não resistem a experiencia.

— Mas poderiamos importar, da Europa, gente livre, para occupar o lugar deixado pelos escravos que poderiam deixar de trabalhar. Respon-

Caldeira Brant, a homenagem mais reverenciosa que tributo ao grande vulto que foi o estadista dos mais completos do nosso passado oitocentista.

dia victorioso Feijó, que a todas as objecções encontrava resposta.

— Que gente poderia vir? Que gente quereria vir? Alem disso ha o perigo dessa gente alterar a nossa nacionalidade.

— Não sei que gente; é outra questão, a qual teriamos de estudar. Penso que o augmento da população na Inglaterra, ou na Irlanda, por exemplo, poderia nos proporcionar elementos de colonisação.

Os irmãos moravios estariam nas condições de promover a colonisação dos nossos sertões.

E' certo que esses elementos não pertencem á nossa religião. Isso não importa, porem! A religião de Roma já não dispõe de gente do estofa dos Anchietas ou dos Nobregas. Recorramos pois, aos protestantes. Não devemos ser ultramontanos. Tenho para lemma, aquellas magistraes palavras de Canning, pronunciadas no Parlamento inglez: "*Liberdade civil e religiosa*". Devemos calcar tudo nessas ideias. Repito sempre esse conceito.

— Mas esses estrangeiros, tão differentes da nossa estirpe, com costumes que são muito diversos dos nossos, filiados a religião, que não é a nossa, não habituados no nosso meio physico, poderiam nos crear difficuldades sem numero. Objectava o Dr. Miguel, que assistia as perlengas de Feijó com seus amigos.

— Não creio. Estamos em condições de reduzir qualquer especie de gente, ao nosso meio social, religioso, politico, ou nacional. Seria unicamente questão de tempo. Respondia invicto Feijó, a dar solução a todos os obices aventados.

Em Campinas, Feijó se entretinha mais no jornal "Justiceiro", que elle redigia, para se distrahir, em companhia do padre dr. Miguel Archanjo Ribeiro de Camargo e Castro, irmão do commen-

dador Cherubim Uriel, genro de Joaquim José dos Santos Camargo.

Um dia em 1834, o jornal publicava um programma politico da autoria de Feijó e do padre Dr. Miguel, que rezava o seguinte:

“A confrontação do passado com o presente é que nos porá ao alcance de formarmos um juizo seguro sobre o estado em que ora nos achamos.

Até Maio de 1826 foi o Brazil governado pelos capitães-generaes nas provincias e pelos capitães mores nas villas, e seus termos. Elles exerciam a parte policial da nossa legislação cumulativamente com os corregedores e juizes ordinarios, e por abuso, ha seculos tolerados, prendiam arbitrariamente a quem queriam; e chamava-se a isto — prender de potencia —, e muitas deportavam para fóra da provincia ou do termo. Se taes arbitrariedades e despotismos eram praticados com a classe pobre, nenhum outro recurso restava que o soffrimento. Se porém o raio cahia sobre o homem rico ou que contava protecção na cidade ou na corte, encetava-se a carreira das representações sempre apoiadas nos empenhos pela maior parte dispendiosos, e depois de mil soffrimentos, respostas e eternas delongas, se a injustiça era clamorosa, se os patronos eram fortes, algumas vezes se mandava soltar o desgraçado, passados mezes e annos de incommodos, trabalhos, despezas e soffrimentos.

O recrutamento perpetuo era o meio fecundo de vexações e despezas. Esta provincia sem commercio, porque lhe eram fecha-

dos todos os portos, á excepção dos de Portugal, como acontecia a todo o Brazil, pobre e despovoado, ainda assim conservava em armas constantemente mais de dois mil homens, a quem se não pagava soldo se não de dois ou trez mezes no anno. Os capitães mores querendo vingar-se de qualquer inimigo, ou de quem quer que tratasse menos bem ao seu compadre, immediatamente remetia o filho para a praça e eis o pobre pae mendigando favores e protecção na capital, e depois de bem lagrimas derramadas, humilhando-se perante os validos do general e de suas concubinas, levava o filho resgatado por cem e duzentos mil reis, segundo suas possibilidades.

Emfim não é tão remota a epoca do despotismo para que careçamos contar a nós mesmos, que o vimos, que o presenciámos, que o sentimos o que então se passou: basta recordal-o para fazer o contraste que se pretende.

Em 1821 proclamou-se a liberdade e a constituição que a devia garantir. Agitaram-se os animos, e o povo sem saber o porque, só ao annuncio da liberdade do alivio da oppressão saltou de contente e firme acompanhou aquelles que lhe deram tão feliz noticia. O chefe do governo tinha sido alimentado com o leite do despotismo: o ar que respirava, os conselheiros que escutava todas as antigas recordações oppunham-se ao enthusiasmo, que o magico nome da liberdade lhes inspirava. A mocidade do principe deixava-se arrastar um pouco pelo amor da gloria, contemplando-se fundador de um imperio livre, e objecto das esperanças de um povo novo,

que comprehendia a conquista de sua independência, acto que antecipava a epocha de sua elevação ao throno. Os que o rodeavam, aquelles que mais imperio tinham sobre o seu coração, tinham demasiado amor á liberdade para poder repartil-a com os seus patricios, elevados ao poder, livres de toda a sujeição não encaravam com bons olhos uma assembléa nacional que se tornasse omnipotente, vigiasse sua conducta, e punisse seus desvios. A obediencia céga nos subditos; uma representação acanhada e sempre curvada ao monarcha: uma constituição dictada por elles: instituições, que formassem uma monarchia forte sobre formulas representativas, eis o que se meditava, e tratava-se de por em pratica por fas ou por nefas.

Imbuído o principe em taes principios, que não houve habilidade em occultar, deixou de ser o idolo do povo e a ser olhado como a bandeira do despotismo a que se refugiavam conselheiros ambiciosos. Accordou, mas por momentos. Abandonando seus antigos conselheiros, tornou-os seus encarniçados inimigos: estes mudaram de bordo, temendo o seu monarcha forte, voltaram a proclamar a necessidade de instituições democraticas, ameaçando sem rebufos ao chefe do governo se ousasse contrafazer suas vontades.

O monarcha já se tinha familiarizado com as doutrinas favorecedoras do despotismo achava-se industriado nos planos anteriores, para poder facilmente mudar de conducta, e acostumar-se com linguagem que outrora se lhe fez parecer tão insolente: dessolveu a As-

sembléa Constituinte: deportou deputados, que lhe eram suspeitos ou temiveis: fez retirar para fora desta provincia cidadãos pacíficos que nenhuma relação tinham com esses seus antigos privados: tomou uma attitude militar e ameaçadora. Debalde offerecco uma Constituição mais liberal do que a projectada no Apostolado, e mil protestos com sua constitucionalidade: o attentado era horroroso para que o Brazil deixasse de estremecer a vista delle.

Pernambuco proclamou a sua Federação do Equador: o sul do Brazil adoptou a constituição offerecida receiando ficar sem nenhuma: todos estavam coactos e bem pouca esperança restava de ver reunida a assembléa legislativa do imperio do Brazil.

Desde então os brasileiros divisaram um crepusculo de liberdade. Alguns poucos deputados mais corajosos, a medo foram deixando escapar na tribuna expressões que bem encommoavam ao governo acostumado a ouvir sómente a linguagem doce mas suja da lisonja. Um ou outro escriptor animado com este exemplo começou a emittir suas opiniões sobre os negocios da patria, sendo porém immediatamente alvo do odio e das desconfianças do monarcha, e seu governo.

O imperador não duvidava ser constitucional comtanto que se respeitassem os seus actos mandados praticar pelo seu ministerio os quaes nem sempre estavam de acordo com a constituição.

Creou-se uma aristocracia despida de todos aquelles atavios que ornarn os titulares na

Europa. Faltava-lhes dinheiro, grandes acções, vasto saber, e prestígio avoengo: apresaram a queda do monarcha, pois que todos foram creados contra a constituição.

A assembléa tornou-se livre; nella falou-se com summa liberdade. Ministros inhabeis nem souberam nella formar partido; não o julgaram mesmo necessario: instrumentos cegos da vontade do imperador, deram sempre motivo á justas censuras.

A administração publica de dia em dia peiorava pelo descuido do governo: a justiça era pessimamente administrada sem que os ministros com isso se importassem, as despesas superfluas cresciam: a arrecadação das rendas estava quasi abandonada: os empregados publicos quasi todos eram filhos do mais vergonhoso patronato. A corte prostituia-se miseravelmente diante de pessoas despreziveis, que obtinham as graças do monarcha. A divida publica crescia com espanto, já pelos empréstimos, já pela emissão enorme de notas do banco, já pelo cunho indefinido de pessima moeda de cobre. Emfim a corrupção lavrava em todos os ramos da administração publica, e symptomas de mui proxima gangrena ja se divisavam no estado.

O imperador destituido de confiança; objecto do odio universal, sem um só ministro, ou conselheiro, que pudesse acordal-o, sem que tivesse forças para suster o colosso á precipitar-se tomou melhor partido, abdicou. Nova epocha para o Brazil, imitar a França, já alternando a constituição, já purgando o senado de membros oppostos á vontade nacional.

A queixa universal contra o monarcha e seus ministros o clamor publico era frequente feridas da constituição e violação das leis. Na mesma assembléa nunca se pretendeu alterar a constituição, sempre se pugnou afincadamente pela sua litteral observancia. Verdade é que bem se conheciam os seus deffeitos; porem o receio de alteral-a para peor, como pretendia o monarcha, aconselhava não tocal-a; mas isto mesmo era bastante obstaculo para justificar perante a nação qualquer mudança ainda não desejada.

O senado é de eleição popular; não tem numero excessivo, nem seu numero é illimitado; com o tempo far-se-á a limpeza necessaria: outro tanto não podia acontecer na França.

O senado alli não é reformavel sinão pela vontade do rei; o seu numero é illimitado, e de proposito foi augmentado para hostilizar as liberdades publicas. A sua constituição era pessima, dada pelo unico arbitrio do rei, contra o voto de França.

Demais alli houve uma perfeita revolução: o rei foi expulso: uma nova dynastia se elevou: tudo quanto o povo reclamava devia ser concedido.

Em verdade pouco ainda se fez.

No Brazil o monarcha abdicou espontaneamente porque os remorsos o ralavam: a opinião publica o abandonou: não viu mais meios de conservar-se; descoroçou e teve razão. A reunião do dia 6 de Abril no campo da honra apressou sómente alguns dias a abdicção: ella já estava projectada a muito, como

affirmam testemunhas auriculares; portanto o que convinha fazer é o que se fez. Nomeou-se uma regencia patriotica; esta nomeou ministros populares: algumas providencias deram-se para que a constituição e as leis fossem executadas: fizeram talvez quanto podiam, mas deixaram de fazer muita cousa necessaria e indispensavel ás circumstancias.

Reuniu-se a assembléa; della tinha o Brazil direito, a tudo esperar; mas se fallarmos com franqueza, confessaremos que em nada desempenhou a expectação publica.

Propuzeram-se alguns artigos de reformas mas á constituição, e posto que mesquinhos, ainda assim nem todos foram approvados, faltando o essencial, "qual a extincção da vitaliciedade do senado, que emquanto for perpetuo será uma barreira insuperavel aos mais importantes objectos", principalmente em materia de reformas constitucionaes. A nossa legislação toda em retalhos, sem methodo, sem systema, obscura e contradictoria em muitos logares não foi nem compilada, nem retocada. O codigo criminal tão desproporcionado pelas penas, tão cheio de lacunas nos delictos, tão inconsequente na applicação dessas mesmas fracas penas aos differentes crimes, não foi alterado, apesar de ser reclamada essa providencia. O que aconteceu? A soldadesca sem disciplina, aliciada por qualquer estouvado, por vezes poz em alarma a capital do imperio e das provincias e certos individuos, sem titulo algum, emprehenderam, confiados na força bruta, depor a regencia, e alterar a forma de governo estabelecida,

Crcou-se uma regencia sem força, e um ministerio cheio de responsabilidade, e sem meios de cumprir os deveres que lhe foram impostos. A imprensa deu o exemplo da mais escandalosa licença. O mal estava na legislação, não porque esta de antemão fosse feita para enfraquecer a administração passada, como muitos tem asseverado, mas porque é producção de legisladores noviços na arte de legislar, e que longe de fundarem-se na experiencia, tem lançado mão de theorias mal entendidas e ainda mais mal applicadas.

Appareceu na Camara dos Deputados uma forte opposição, organizada do partido que não concorreu para a formação da regencia e seu ministerio, composto de grandes "ambiciosos que julgavam ter direito aos altos empregos do Estado". Esta apoiando os facciosos por tres sessões consecutivas embaraçou algumas taes e quaes medidas propostas pela maioria, que nunca soube por pusilanime, reunir-se para dispor da propria força. Um dia porem (em 30 de Julho de 1832) reconheceu que só com um golpe decisivo poder-se-ião curar sadicalmente os males da patria. A opinião publica estava formada sobre a necessidade de reformar-se uma constituição que foi accelta por conveniencia e capitulação, reforma em grande parte já approvada por ambas as camaras. A nação cançada com tantas rusgas e boatos de novas, instava por medidas energicas capazes de conter as facções, e firmar a tranquillidade publica tantas vezes perturbada; deliberaram alguns membros da maioria e resolveram usar de suas

forças, e por um acto revolucionario salvar o Brazil; mas recuou em fim, a vista de seu proprio projecto, e temeu de sua mesma sombra.

Tudo ficou e se conservou como dantes, á excepção das reformas, sobre que fallaremos em outros numeros.

Eis o estado em que se acha o Brazil.

Não soffremos as injustiças e vexações do despotismo. Respiramos desafogados depois da abdicção, porem temos uma legislação má, incompleta, inefficaz, insufficiente: o governo fraco, sem attribuições, sem meios para fazer effectivas as que tem: autoridades mal organizadas, quasi todas de eleição popular, sem a menor ingerencia do governo, todas destacadas, sem centro, sem unidade: os cidadãos sem estímulo para interessarem-se no serviço da patria: o povo, sem educação, sem religião, sem moral; uma assembléa pouco cuidada de curar estes males, pensando mesmo pouco nos remedios mais convenientes a elles; a magistratura como apostada a fazer ainda peiores as leis pela má applicação que muitas vezes lhe dão: o governo heterogeneo; uma regencia incompleta, e por sua triplicidade incapaz de promover o bem publico, não obstante as melhores intenções: o meio circulante, por sua variedade e descredito, ameaçando uma calamidade desastrosa. Entretanto existem dois partidos, ambos poderosos, o dos restauradores, e dos moderados: aquelle por suas riquezas, condecorações e antigas influencias, contando por chefe, ao menos ostensivo, ao ex-imperador, escorado na triste narra-

ção de nada havermos feito a bem da patria depois da abdicção, espreita o momento favoravel aos seus intentos, quando bem ponderado, alguma cousa se tem feito para que o mal que nos legou a administração passada não tenha produzido todos os seus terriveis effeitos.

Quando a sociedade toca o ultimo da corrupção, não é um dia que o mais habil politico pode reorganizal-a.

Este partido, o dos moderados, é poderoso, por seu numero, porque conta com a nação, cujos votos e opiniões representa; pela santidade da causa que defende, que é a propriedade nacional e ainda mesmo por seus principios, porque detesta excessos; porem em honra da verdade, não tem sabido aproveitar-se das circumstancias. Semelhante aos medicos da medicina expectante, esse partido não obra, pisa sempre o mesmo terreno: teme de todas as medidas: elle não enverga em tudo que se lhe propõe senão fraqueza, ou energia em excesso: sempre esperando, sempre irresoluto, contenta-se no momento da crise com um acto de meia medida, que só se encaminha a acobertar o mal, e deixal-o criar profundas raizes. Como existe hoje, julga ter direito a existir amanha; e a sua prova favorita é lançar em rosto aos que presagiam mal de sua apathia. (1)

(1) Vê-se que Feijó nem sequer mencionava o partido exaltado, o qual continha ideas federativos e republicanos. Estes eram activos, mas estavam em inicio ainda, os moderados eram numerosos, mas a timidez os entibiava.

“— Assim se nos dizia o anno passado, mas nós chegamos a este”. Verdade é que quando se desfeixar a tormenta não será com tal systema que os moderados salvarão a patria: elles então cheios de susto e de vergonha, nos dirão: Tal não pensavamos — como nós não a julgamos mui distante, porque vemos o progresso que faz a immoralidade, a apathia geral dos cidadãos para os negocios publicos a indifferença da assembleia para casos urgentissimos e de vital interesse do estado. Como não está em nossas mãos accudir a patria ameaçada de restauração ou da anarchia, de ambos, em caso de perder a liberdade, resolvemos tomar sobre nossos hombros a pesada tarefa de escriptor publico, dando uma folha por semana, e mais, quando a affluencia de negocios de interesse publico.

O nosso plano é de censurar os actos de governo, da assembleia geral, das assembleas provinciaes, dos magistrados, dos jurados, dos eleitores, emfim toda a casta de empregados publicos. Ninguem tema a nossa penna: a justiça presidirá ás nossas censuras: conhecemos a fraqueza humana, para deixar de dar os necessarios descontos. A vida privada será religiosamente respeitada, mas aquelles que com escandalo atacar a moral publica, mofar da religião, a ponto de seduzir seus exemplos os incautos ou os innocentes, será por nós severamente profligado. Não irritaremos a ninguem; nós sómente os procuraremos envergonhar para que se tornem melhores, e não damnem a sociedade.

Apontaremos tudo quanto nos lembrar que possa aproveitar a nação, e com especialidade a esta provincia, nossa patria. O governo e a assembléia terão em nós um censor dos seus desvios e um admirador de seus bons serviços.

Os litteratos terão algumas noticias de descobertas interessantes, que nos forem communicadas por nossos correspondentes. O commercio achará em nossa folha uma coadjuvação, pelos preços correntes, que lhe annunciaremos quer dos nossos generos, como estrangeiros nesta cidade, em Santos, no Rio de Janeiro e bem assim o estado do cambio.

Os curiosos e applicados saberão as noticias nacionaes e estrangeiras que pudermos obter de algum interesse. Em uma palavra procuraremos ser util a todas as classes.

Advertimos já os nossos leitores que nós não escrevemos para os sabios; a esses pertence a tarefa de criticar-nos sómente. Escrevemos para o povo: sempre zelamos pouco de linguagem e do estilo, gostamos de ser entendidos e isto basta, se formos felizes em ser lidos; se formos attendidos em nossas reflexões, teremos mais esse estimulo para cumprirmos com gosto esse dever á patria. Não occultamos nossos nomes: sempre nos foi suspeito o periodico encapotado.

Os abaixo assignados são os unicos redactores, respondendo cada um pelo artigo que escrever. Nenhuma correspondencia se acceta, mas quem tiver motivos de queixa contra empregados publicos pode enviar-nos pelo correio (porte pago) que inseriremos a denun-

cia em nossa frase e estilo, ficando responsavel o correspondente, para o que deverá fazer reconhecer sua firma pelo tabellião desta cidade.

Qualquer pessoa que nos queira coadjuvar com lembranças uteis ao publico, faz-nos particular obsequio em communicar-as que serão inseridas em extractos ou por inteiro, como mais convier.

S. Paulo, 7 de Novembro de 1834.

Diogo Antonio Feijó

o dr. Miguel Archanjo Ribeiro de Castro Camargo.

(Eugenio Egas, loc. cit. "Documentos", 192).

Vê-se, por esse interessante programma politico que, as mentalidades, ainda, estavam sob a influencia da abdicção de 7 de Abril, a qual fundo, ferira a alma da população, cavando nella um sulco sinuoso, pois a cada instante, esse golpe politico, essa verdadeira revolução branca, surge, como motivo de comparação, a que teve lugar na França em 1830, da qual sortiu a deposição de Carlos X, que então foi substituido por Luiz Phelippe. Não teria havido influencia dos eventos francezes nos que se desenrolaram na Guanabara um anno depois?

Não ha duvidas que, existem muitos pontos de contacto, entre as duas situações, que se transmudaram, quasi que, ao mesmo tempo. Na Europa, mais ou menos, na mesma epoca, soprava tremendo vendaval de liberalismo, que abatia o absolutismo, restaurado em França, por occasião da reposição dos Bourbons. Na America, havia tambem o mes-

mo phenomeno. Não ha duvida que, D. Pedro I foi absolutista no Brasil, ainda que liberal em Portugal e pode ser comparado ao ultimo Bourbon.

Elle foi, sem duvida, o Carlos X americano, Todo o perfil moral e intellectual desse principe estouvado, que não soube se conciliar com o imperio, que fundára, lembra o velho conde de Artois, que as circumstancias puzeram, desde 1824 a reinar na França, até que a revolução liberal de 1830, o apeiou do poder.

Não lhe haviam servido de licção as desventuras de seus irmãos, um dos quaes morreu decapitado em 1793 e o outro o velho conde da Provence, depois de um exilio de mais de vinte annos, teve que fugir por duas vezes da sua capital.

Pedro I, tambem, foi assim.

Incorrigivel, elle era positivamente um portuguez voluntarioso e bravo, como um feroso corcel. Nada lhe punha freios, quando elle tomava vontade de correr ou de se guiar. Os francezes não suportaram mais tempo o absolutismo restaurador de Carlos X. O mesmo phenomeno occorreu no Rio de Janeiro, cujo povo, logo, se fartou de Pedro I.

O partido caramurú, foi o seguimento da situação deposta a 7 de Abril. Herdou-lhe toda a atmosphera contraria na opinião do povo. O partido moderado, os "chapéos redondos" era o eterno "chove não molha", que Feijó, bem descreve no seu plano da situação. Havia necessidade de um governo forte. Talvez ahi, Feijó haja colorido seu painel, com um pouco dó resaibo amargo, com que elle deixou o governo, como ministro da Justiça da Regencia trina. Isso é humano! Não se pode despir o emerito estadista desse traço natural que o berço dá e só o tumulo poderia tirar. Elle, não se liber-

taria jamais do estado de alma, que o havia feito renunciar ao ministerio. Isso era profundamente sincero na alma candida de Feijó e essa sinceridade fazia com que elle, não visse outros aspectos da situação do paiz, que aprofundava suas raizes na doença terrivel, que ia devorando aos poucos o imperio. Era a centralisação, que passava, mais ou menos incolome ás observações de Feijó. Nessa mesma occasião, discutia-se em seu final, o famoso Acto Adicional, que como uma meia medida, iria desafogar a administração centralisada, que era o mal todo, o morbus mais serio e profundo da situação, do Brasil, um paiz immenso, estendido ao longo de parallellos geographicos.

Sobre isso, nada disse Feijó, no seu programma, entretanto, esse seria o verdadeiro motivo causador de todos os males da situação descripta.

CAPITULO XVII

ACTO ADDICIONAL

Todos, com excepção talvez de Paula Souza, sentiam que, a Constituição outorgada pelo imperador em 1824, não correspondia á situação de facto do paiz, o qual estava a exigir uma modificação estructural qualquer. A prova desse pouco engrenamento, entre a situação de facto do paiz e a situação politico-juridica, que era a Constituição de 1824, estava nos diversos symptomas de anarquia e de desordem, que o paiz soffria, com os Pinto Madeira, os Malcher, os Vinagres, os von Bulows, os Frias e essa infinidade de outros, que fizeram nessa primeira metade do oitocentismo, o paiz se cobrir de rios de sangue, com os nomes suggestivos de cabanos, de praieiros, de sabinos, de balaios, de farrapos, etc. Era preciso sanar esse estado de cousas, com uma terapeutica acertada, depois de feito um seguro diagnostico.

Infelizmente os maiores estadistas da epoca, só se preocupavam com o liberalismo, o conservatorismo, o absolutismo, o reaccionarismo, a maior ou menor habilidade, que mostrava um governo, na domação de um movimento de rebeldia, etc.

Só se preocupavam, com o tratamento de symptomas, a mentalidade formada pelos estadistas do paiz.

Foi nesse ambiente, que, foi discutido o Acto Adicional, que era uma pequena reforma destinada a sanar os defeitos da Constituição de 1824. (1).

Feijó, na occasião, em que se discutia nos Par-lamentos essa importantissima medida legislativa, exercia o mandato de Senador pelo Rio de Janeiro, havendo tomado posse em 1833.

O Acto Adicional foi uma meia medida, que não deu o remedio exato de que o paiz se resentia.

Não chegou á federação das provincias como queriam os exaltados ou jurujubas e foi uma timida caminhada para esse fim, mas não conseguiu dar a necessaria profundidade ao golpe, de modo que, um simples arranhão não bastava, para que, os males do paiz ficassem sanados.

Descentralisação governativa é uma terapeutica que deve ser applicada sem temor, pois do contrario, seria inócua a medida.

Com receio de que, o centrifugismo levasse á desintegração, o Acto Adicional foi apenas um ensaio fugidio, não chegando a dar autonomia ás provincias, que ainda ficavam muito presas a um centro, de onde não poderiam ser dirigidos os negocios longinquos em um paiz, onde as communi-

(1) Bernardo de Vasconcellos se attribuia a autoria do Acto Adicional, pelo menos é o que se verifica no livro: Bernardo Pereira de Vasconcellos'' de Octavio Tarquinio de Sousa no qual o perfil de Bernardo se destaca principalmente pela sua grande vaidade e pela sua immensa presumpção.

cações as mais defficientes haviam se erigido em monopolio exclusivo (2).

O Acto Adicional como franquias ás Provincias imperiaes, apenas deu a ellas as assembléas legislativas, pois antes dessas corporações, eleitos pelo sufragio popular, haviam os conselhos.

Lino Coutinho, viu claro, dentre os legisladores o que exigia a situação (3).

(2) Bernardo mostrara "medo" da descentralisação. Elle temia que a Federação fosse o caminho da desagregação. (Oct. Tarq. de Sousa, loc. cit.).

Elle dizia, em discurso pronunciado em 1831 (Annaes de 1831, tomo 1.º, pag. 281):

"Eu sempre fui inimigo da centralisação da administração e estou persuadido que todas as vezes que o systema de administração não incumbir a uma autoridade residente entre os administrados, a arrecadação da receita e a fiscalisação da despesa, o povo não pode ser feliz".

Entretanto, mais tarde, Bernardo, se fazia centralizador, legislando interpretativamente assim como se deveria applicar o Acto Adicional que, elle Bernardo só queria intolerantemente entender á sua moda. Elle fallando no Senado, na sessão de 29 de Maio de 1839 pontificava, como se fosse infalivel:

"Eu entendi que o Acto Adicional devia ser approvado tal qual o redigi e a apresentei... Não consegui o meu desejo; fizeram-lhe consideraveis emendas que o podem tornar, como eu receiava, a carta da anarchia". (Oct. Tarq. de Sousa, loc. cit. 151).

Uma symbiose de Narciso e de Loyola não teria uma linguagem mais vaidosa e intolerante que essa.

(3) Parece que Feijó viu claro o que os factos marcavam, pois elle ao accertar a Regencia estabelecera condições entre as quaes a citava, que era a seguinte:

"No caso de separação das provincias do norte, segurar as do sul e dispor os animos para aproveitarem....
....." (Nabuco, "Um estadista do Imperio", tomo I. 31).

Bernardo de Vasconcellos então entre os liberaes e mais tarde conservador, que tanto influiu na governação do paiz, foi um obstaculo a descentralisação.

Pouca discussão objectivou-se no Parlamento a questão de maior ou menor quantidade de franquias ás Provincias. Então, todas as repartições do imperio estavam, mais ou menos, no mesmo nivel demographico, economico, intellectual, etc. Todos viviam mais ou menos da mesma maneira.

O Sul do paiz, não havia, ainda, recebido a corrente immigratoria, grande responsavel pelo immenso desnivel verificado depois. S. Paulo, ainda, não havia plantado a sua formidavel lavoura de café, base da sua immensa riqueza, alavanca propulsora de sua prosperidade que se foi reflectir em varios campos, principalmente no intellectual, e no social.

O Rio Grande do Sul, ainda, estava no berço de sua vida, com pouco mais de uma centena de milhares de habitantes, a viver exclusivamente de um pastoreio, que o tinha de fazer caracteristico. O Paraná, ainda, não destacado de S. Paulo, não havia recebido a onda immigratoria da Polonia. O Norte, ainda, tinha certa préponderancia na marcha do paiz, pelo que, vinha de seu passado opulento, e pelo muito que, se dava ainda, ás flores de uma rethorica, que se avelhantava em epoca da Economia que atravessamos, etc.

Minas Geraes, ainda, com sua população, muito em avanço sobre a de qualquer outra repartição do imperio, se avantajava, ainda, pelo rebrilho do ouro, que amoisacava os ultimos sovações das faiscas auríferas, que se raspavam, sem grande proveito. Mas a força de projecção, que vinha do pas-

sado proximo, ainda, dava a essa repartição imperial um impulso, em que se vigorava a marcha influenciadora de Minas Geraes nos negocios do paiz. A população dessa provincia, a qual fôra avolumada pela mineração, ainda sobrelevava de muito as das outras repartições do paiz.

Deante desse scenario, não seria natural que, se exigisse por parte das Provincias, maior movimento pelas franquias. Mas a defficiencia dellas, se manifestava no estado febril, que agitou o paiz em todo o seculo XIX.

Feijó, não tomou parte, muito importante, nas discussões, que fizeram com que o Acto Addicional fosse incorporado a Constituição politica brasileira. Essa lei magna instituia uma Regencia una. Uma renovação se fazia sentir, pois Braulio Muniz fallecera, e Costa Carvalho, deshonesto, segundo José Bonifacio, deixara a Regencia, nella continuando apenas Francisco de Lima e Silva a quem os seus inimigos negavam acuidade, tendo mesmo José Bonifacio, dito que Lima e Silva era um camello. (Oct. Tarq. de Sousa, "Evaristo da Veiga", 222).

Havia, pois, necessidade de uma nova eleição, para esse cargo supremo do Imperio brasileiro.

Para isso, concorreu Feijó. Elle possuia immenso prestigio, ganho a custa de suas qualidades, demonstradas, já como parlamentar illustre, já como ministro da Justiça, em que elle teve funcção durante um anno, destacando-se pela energia, que soube mostrar aos que se revelavam desejosos do imperio da anarquia e da desordem.

Além disso, Feijó tinha a trabalhar por si nesse prelio eleitoral, muitas forças destacadas, entre as quaes as de Evaristo da Veiga, de grande

prestígio em Minas no Rio de Janeiro e alhures. Evaristo, ainda que bem mais moço que Feijó, tendo entrado para a Camara, com menos de trinta annos, soubera grangear pela sua moderação, pelo seu bom senso, pelo seu liberalismo, pelo seu amor a causa publica, pelo seu soberano desinteresse, pelo seu talento incontrastavel, mais ainda posto em evidencia pela sua soberana eloquencia, que clangorava no Parlamento Imperial, movendo uma dialectica admiravel e impressionantemente convincente, demolindo as mais ferozes opposições, um prestígio popular unico no partido. Feijó tinha para o amparar em São Paulo, a força e a actividade de Vergueiro, seu conterraneo de existencia, mas nascido em Portugal, unica jaça desse homem, que foi um dos maiores benemeritos da causa publica, pelo seu grande saber, como pelas qualidades de seu character, tantas vezes posto a provas, desde os tempos das colonias luso-americanas. (4).

Como antagonista, o padre paulista tinha, Hollanda Cavalcanti. Homem do norte, o futuro titular do viscondado de Albuquerque, portador de uma tradição, que se afundava pelo passado colonial, até os primordios da colonisação da velha capitania de Duarte Coelho, seu avoengo através das

(4) — Sobre a vida do grande Vergueiro, eu recomendo, com empenho, o trabalho de Djalma Forjaz. Com grande fidelidade retrata-lhe o notavel vulto do estadista illustre, o verdadeiro iniciador da colonisação europeia nas nossas plagas, graças a qual pensava Vergueiro suprir o braço servil, que era preciso libertar. Foi Vergueiro o pioneiro da formação da lavoura de café; lá no seu retiro de Ibicaba, passo primeiro na marcha para o Oeste.

Sirvam estas referencias de homenagem a notavel personalidade de Vergueiro.

pugnas ardidas da guerra hollandeza (5). Elle era o representante da aristocracia nortista emquanto que seu antagonista ia como representante da soto-planura.

Feijó era um engeitado, emquanto que, o futuro visconde de Albuquerque, trazia os lambrequins de uma ascendencia, cheia das prosapias mais calidas da terra do Norte. Hollanda tinha antepassados emquanto que Feijó seria um antepassado. Cerca de treze annos mais moço do que Feijó, Hollanda Cavalcanti, era bem o homem bellicoso, que havia ingressado para a Camara, ainda, antes de completar a trintena.

Orador, sabia dar realce ao talento que lhe exornava, o qual mais se resaltava por uma aprimorada cultura, que se marcava mais pela bellicosidade de soldado que era Hollanda Cavalcanti, que attingiu à graduação de tenente coronel, quando em 1826 foi mandado como deputado a assembleia legislativa na corte. Liberal, foi dos que se bateram pelo 7 de Abril mas depois fez parte do grupo, com Honorio Hermeto e Bernardo de Vasconcellos, havendo militado contra Feijó, quando este no ministerio da Regencia trina.

Esses tres parlamentares, eram então, aproximados, para Feijó, como que, os cavalleiros do Apocalipse. Eis como, foram reunidos nesse periodo con-

(5) — A proposito de Hollanda Cavalcanti, assim se refere a "Aurora Fluminense" de 1.º de Abril de 1835, apud "Evaristo da Veiga" de Octavio Tarquinio de Sousa, 254, jornal que se publicava no Rio de Janeiro, de propriedade de Evaristo da Veiga:

"homem reconhecidamente arrebatado, frenetico, cuja inhabilidade politica e experiencia demonstrara, com fumos de fidalguia, suspeito de separação, pouco affeito ás instituições ultimamente decretadas".

tra o illustre sacerdote os vultos representativos dentre os elementos mais destacados da politica brasileira. Elles foram, então, como que os tres Mosqueteiros, se alinhando contra a causa, que defendia o egregio clérigo. Já, na occasião em que se empolgara Feijó, quando deputado provincial, a respeito do celibato clerical, se achavam empenhados, ao lado da famosa raposa da Bahia, o Bispo dom Romualdo, os tres grandes parlamentares citados.

Mais tarde, quando Feijó ministro da Justiça, teve que lutar contra as forças reunidas de tantos elementos. Só as vezes, Honorio Hermeto Carneiro Leão divergia de seus companheiros, para se collocar, ao lado do padre de ferro.

Eis, por exemplo, no caso de Montezuma!

Não obstante isso, Feijó vencera a eleição, que se ferira em todo o Brasil, no dia 7 de Abril de 1835, sendo o seguinte o resultado por Provincias:

	Feijó	H. Cavalcanti
S. Paulo	268	190
Minas Geraes	976	95
Espir. Sto.	32	29
Rio de Jan.	257	277
Sta. Cathar.	49	58
S. Pedro	136	49
(Rio Grande do Sul)		
Bahia	229	435
Sergipe	15	288
Alagoas	97	161
Pernambuco	179	354
Parahyba	32	155
Rio Grande do Norte	66	27
Ceará	212	125

	Feijó	H. Cavalc.
Piauhy	17	00
Maranhão	92	00
Pará	8	00
Goyaz	129	5
Matto Grosso	34	3
	Total	2.251
	2.828	2.251

Esse resultado permite uma serie de conjecturas. O Sul deu maioria a Feijó, enquanto que o Nordeste assucareiro, ficou com Hollanda Cavalcanti (6), e o extremo Norte preferiu o estadista paulista. Minas, talvez pela força de Evaristo e de

(6) — Hollanda Cavalcanti que se alinhou como liberal, foi então grande adversario de Feijó. Alberto Rangel diz delle o seguinte:

O rival de Feijó, ao vêr-se batido nas eleições para regente, tramou um vasto movimento separatista, englobando as capitánias de Sergipe para o Norte, até as fronteiras da Guyana. Contava para isto, com a boa vontade de Pontois e Sebastiani, respectivamente governador de Cayenna e embaixador francez no Rio de Janeiro.

Prometteu-lhes que, a nova Republica, — ou talvez Imperio, visto que, para regê-lo seria convidada uma das princezas irmãs de Pedro II.º, — entregaria á França o territorio ao Norte do Amazonas, e reconheceria á Guyana Franceza a livre navegação pelo Rio-Mar.

A França se comprometteria, em troca, a fornecer 3 ou 4 navios, armamento para 4 a 5.000 homens, e a reconhecer immediatamente a independencia do novo Paiz.

As negociações já se achavam adiantadas, quando Luiz Philippe veio a tomar conhecimento dellas. Fiel á politica de não intervenção, que sustentava na Europa, o Rei de França desaprovou os entendimentos, chamando a Paris o seu representante no Rio, e dando-lhe immediato substituto.

O escripto de Alberto Rangel, que isso affirma, se intitula "*O Repto da Secessão*", publicado na "*Revista do Brasil*", n.º XVI (Jan. — Março de 1921).

seus irmãos, secundados por Limpo de Abreu, o futuro Abaeté, pendeu decisivamente para o homem de S. Paulo, dando-lhe uma maioria, tão grande que, foi a sufficiente para que, elle tivesse grande victoria sobre seu contendor.

Pergunta-se onde estaria a força eleitoral de Honório Hermeto e de Bernardo de Vasconcellos? A esse tempo esses dois estadistas estavam com Hollanda.

Em São Paulo a maioria de Feijó foi grande, mas poderia ter sido maior, se não fossem os 230 votos desviados de Feijó para Costa Carvalho, que venceu a eleição em muitas localidades paulistas, inclusive na propria Capital da Provincia, onde elle teve quasi que o duplo da votação do seu antagonista paulista. Esses 230 votos eram dos que deviam formar futuramente em S. Paulo, o Partido Conservador.

Não obstante isso, Feijó, venceu por larga maioria o pleito e foi marcado o dia 9 de Outubro para a posse, mas a terrivel molestia, que deveria levar ao tumulo o emerito sacerdote, já corroia o fino metal, que era o physico do grande estadista. A 9, elle de cama não poudé ir á cerimonia, a qual foi adiada para 12.

Já nessa época o mal, que deveria por termo á vida de Feijó estava bem adeantado, de modo que, havia occasiões em que, elle ficava privado de poder se locomover, pois os seus membros inferiores paralyzados, se recusavam a qualquer esforço. O unico meio era a espera que, o mal melhorasse. Feijó não lograra se curar, com os recursos medicos da época, e a situação, cada vez mais, se agravava, a ponto d'elle só poder recorrer aos seus pulsos, quan-

do tinha necessidade de se içar ou galgar qualquer degráu ou escada. (1)

Ah! Seus pulsos! Esses continuavam fortes a lhe proporcionar um precioso auxilio, sempre que, elle tinha de recorrer a um esforço qualquer, e que os seus membros locomotores não attendiam a sua vontade!

(1) — E' interessante notar que a molestia de Feijó parecia muito menos grave que a paralisia de Bernardo de Vasconcellos, que agonisante em 1832, ainda durou até 1850. (Oct. Tarquinio de Sousa, loc. cit.), tendo Feijó, morrido sete annos antes. Entretanto, Bernardo estava atacado de "tabes dorsalis"!

CAPITULO XVIII

O TESTAMENTO

Antes de partir para o Rio de Janeiro, onde iria assumir a suprema governança do paiz, Feijó, quiz passar uma revista no testamento, que havia feito em Março desse anno, antes que, se ferisse o pleito, do qual, elle candidato do partido moderado, protoplasma germinal do partido liberal, haveria de sahir triumphante.

Esse documento é o espelho de sua alma, pois nelle iriam se refletir todos os traços desse espirito vigoroso, que foi o padre Feijó.

Feito já na presumpção de que, com elle teria de comparecer perante o alem, o eminente homem de governo paulista, punha todo o afan de, esclarecer, o mais possivel, todos os reconditos de sua sentimentalidade, a mais intima. Por elle e seus dizeres, se verifica que Feijó era um monoblóco solidissimo do mais puro metal, que refulgia em todas as qualidades, que temos attestado. Homem de attitudes "*definidas e definitivas*", coherente ao superlativo, profundo amante da liberdade, a abnegação em pessoa, dotado de um altruismo, que faria inveja a um santo, elle não escondia a grande amizade, que guiára toda a sua vida, pela sua irmã, victi-

ma, como elle, de uma organização social, ecclesiastica, que elle combatera, de viseira erguida no Parlamento imperial, e que só tombára vencido por haver a maioria, continuado, a se deixar dominar por um preconceito inexplicavel, em cerebros intelligentes, mas ainda tecidos de teias de aranha poeirentas.

Eis o testamento de Feijó, publicado pelo insigne historiador Eugenio Egas, no seu trabalho citado, "Estudos", 167:

"Em nome da Santissima Trindade dou principio a meu testamento pela maneira seguinte: Sou natural desta cidade, filho de paes incognitos, de mais de 50 annos de idade, quero ser enterrado sem acompanhamento, nem officio e de loba sómente. Sou e sempre fui catholico Romano. Tudo quanto tenho dito e escripto sobre a disciplina da Igreja tem sido por zelo, e affecto a mesma Igreja e desejo que se removão os obstaculos que a esperiencia mostra averem na mesma a salvação dos Fieis. Desejo se digão no dia da minha morte, ou no seguinte vinte Missas, pelas quaes se dará a esmola de mil reis por cada uma. Não reconheço erdeiro, e por isso instituo minha erdeira a D. Mariá Justina de Camargo, e quando aconteça ser esta fallecida, antes da minha morte, a D. Margarida filha de D. Manuela Francisca de Jesus Feijó.

Possuo uma Xacra, e alguns bens moveis. Dese credito ao meu caderno incadernado, e a minha carteira, e deles, e de creditos consta o que se me deve e eu devo; mas estamos de contas justas com meu compadre Raymundo

Alves dos Santos Prado, e meu amigo Padre Geraldo Leite Bastos, os quaes nada mais me devem. Deixo forros todos os meus escravos crioulos de maior idade e a Evaristo e sua mulher a Eustaquio e Euzebio; e as mulheres destes, Querubina, e Antonia, ficarão forras da data desta a cinco annos. Todos os mais escravos avidos e por aver serão forros logo que completem vinte e cinco annos de idade. A todos dará minha erdeira no momento de sua liberdade cem mil reis, e áqueles que ainda tem de esperar o prazo aqui marcado fará alem dos cem mil reis, o premio de dois por cento annual desa quantia. Os que ainda ficam escravos só poderão estar em companhia e serviço de minha erdeira; e somente serão alugados ou emprestados á pessoa de escolha dos mesmos da qual ainda assim poderão retirar-se para outra se essa os maltratar. Esta mesma disposição terá lugar depois da morte da minha erdeira, quando ainda algum escravo tenha de preencher o prazo para libertar-se. Declaro que qualquer filho de escrava, ainda depois da minha morte, e antes de libertar-se a mãe, será livre desde o seu nascimento, e os paes terão todo o comodo, e tempo necessario para o criar, e poderão conservalo depois de criado, onde quizerem. Declaro mais, que só o carpinteiro Benedicto fica eiscluido dos cem mil reis por ter já meios de subsistencia. Fica pertencendo á minha erdeira os serviços dos que ainda ficam escravos, e todos os mais bens que possuo. Declaro que a liberdade, que dou aos escravos não é benefisio, é obrigação que me impoz, promettendo á muito, e aos mesmos que aceitarão a liberdade

prometida á elles e á seus filhos. Rogo á minha erdeira e ao Dr. Padre Miguel Arcanjo Ribeiro de Camargo queirão ser meus testamenteiros e dar eisecução a esta minha ultima vontade dentro de dois annos da data deste. Rogo as Justisas queirão assim fazer cumprir.

S. Paulo, 3 de Março de mil oitocentos e trinta e cinco.

Diogo Antonio Feijó''.

Eis que, este documento não tinha o sinete da bellicosidade cavalheiresca de um rei Arthur, presidente da Tavola redonda, mas deixou a impressão de virtudes humanas, dignas do angelico Nun' Alvares Pereira. Feijó se mostrava, não só um idealista praticante de um sublime amor a liberdade e aos seus semelhantes, como, ainda, zelava pelo futuro dos que, as circumstancias haviam collocado em degráu inferior perante a organização social da época. (1)

Feijó, não só libertava todos os seus escravos, cousa que elle fazia mais de meio seculo, antes que o Brasil adoptasse legalmente a ideia, mas ainda queria que, elles tivessem meios para depois dessa libertação, pudessem viver no enfrentar as cruzas da luta pela vida.

(1) — A parte do testamento que diz:

“Tudo quanto tenho dito e escripto sobre a disciplina da Igreja tem sido por zelo e affecto á mesma Igreja, e desejo que se removão os obstaculos que mostra haverem na mesma á salvação dos fieis”.

prova a saciedade que o eminente sacerdote jamais recuou de opinião sobre o que havia se manifestado a proposito do celibato clerical.

Elle previa as vicissitudes, que deveriam ser enfrentadas, por gente até então ligada a uma situação, que se a trazia amarrada ao tronco de uma condição inferior, dava a ella favores, que a libertavam de uma luta ardua pela vida.

Que destino negro e cruel esperava essa gente, libertada bruscamente de uma condição servil, e attirada, sem precalços, ás durezas sem sentimentos, de uma luta pela vida!

Ella, por força, teria de ser exterminada, a ponto de não poder sobreviver, por longo tempo! E' o que succede em São Paulo. Essa gente vae, aos poucos, desapparecendo; varrida não só pelas selecções teluricas, mas ainda pela inferioridade no duro "struggle for life". (2), (3).

Mas no testamento de Feijó, o que mais commove é o seu amor fraternal, pela sua irmã D. Maria Justina, a quem elle institue herdeira universal e faz sua primeira testamenteira. Já que, elle em vida, não poude fazer mais, para remediar a situação,

(2) — Já Bernardo de Vasconcellos dizia na sessão da Camara de 19 de Junho de 1826: "*a presumpção é de que um homem de cor preta é sempre escravo*". (Octavio Tarq. de Sousa "Bernardo Pereira de Vasconcellos", 38).

Era esse illustre politico, que Calogeras, tanto enaltece e o tem na conta de magno estadista.

(3) — Antes da abolição, quando o negro ainda estava amarrado ao tronco da escravidão, elle estava subtrahido á selecção social, da luta pela existencia.

Depois da lei de 13 de Maio de 1888, o negro teve que arcar com o magno esforço para sustentar essa acerrima luta selectiva, na qual elle entrava sem nenhum triumpho, pelejando em condições de grande inferioridade contra os aparelhados colonos europeus e depois contra os filhos destes, já adaptados ao novo ambiente e portanto senhores de vantagens immensas, que elles negros ignoravam por completo. (Ellis; "Populações Paulistas", Companhia Editora Nacional, serie Brasileira).

que a organização social-ecclesiastica deixou a ambos, ao menos com a sua morte, ella que, ficasse com o seu patrimonio.

O seu patrimonio material era pequeno, mas o seu patrimonio moral era immenso; era incomensuravel!

Elle serve de exemplo ás gerações, que vieram depois, indicando a ellas o maximo da energia, da simplicidade, da modestia, do amor ao proximo, do espirito de sacrificio da abnegação desinteressada pelas pompas, pelas situações, pelos europeis, de rigidez moral, de honestidade, de sublime amor á verdade, e de verdadeira idolatria pela liberdade.

Feijó, porem, por esse documento, traçara uma linha, que serviria de directriz na governação, que, em breve, iria empunhar.

Quando, na regencia do Imperio, o grande sacerdote, trilhou os mesmos passos, que esse documento havia delineado, isto é pela estrada larga de um liberalismo abolicionista, que fazia antever, o destino, que tomaria no Brasil a questão da escravidão.

Foi por isso que, na occasião na qual, o Regente teve de lançar manifesto ao povo, quando havia assumido a regencia, feriu a questão, como em outro capitulo deste trabalho, faço referencias. Feijó, porem, queria ir alem!

Quando, no inicio de seu governo o seu amigo Felisberto Caldeira Brant, marquez de Barbacena foi a Europa a negocios particulares, recebeu do padre Feijó, uma incumbencia de tratar do capitulo da suppressão do trafico da escravatura, junto á corte de St. James. Para ella enviou o governo regencial o seguinte officio:

“Illmo. e Exmo. Sr. — Antes que o regente em nome do Imperador encarregasse a V. Excia. de propor uma concessão ao governo britannico, para se reprimir efficazmente o contrabando de negros africanos, se haviam dado instruções ao nosso encarregado de negocios em Lisboa, que tratou a este respeito com o ministerio portuguez, apresentando-lhe um projecto junto por copia.

Alem disto o enviado de S. M. F. (fidelissima, o monarcha de Portugal) nesta corte me declarou que estava tambem autorizado para entabolar uma semelhante negociação.

Considerando porem o regente que o dito projecto é insufficiente, e que o meio mais prompto e decisivo para se estirpar o trafico de carne humana é estabelecer-se o mais vigilante cruzeiro de navios de guerra nas costas da Africa e no Brazil: considerando mais que nem Portugal, nem o Imperio tem a marinha necessaria para se conseguir tão util resultado; e reflectindo por outro lado, que, quando a mesma commissão mixta brazileira e ingleza, estabelecida no Rio de Janeiro, se compuzesse de commissarios portuguezes, elles levados de prejuizos nacionaes, esforçariam para absolver os contrabandistas seus compatriotas: resolveu a vista destas ponderações, recomendar a V. Excia., que se dirija a esse ministerio, fazendo-lhe sentir que o governo imperial está convencido de que a unica providencia capaz de desanimar os infames contrabandistas de escravos, é que o governo inglez venha a ser juntamente com o Brazil e Portugal, uma das partes contractantes de uma

convenção que se deve quanto antes fazer, debaixo destas duas principaes bases:

1.º — O cruzciro de navios de guerra das tres nações nas costas da Africa e do Brazil.

2.º — A imposição da pena de pirataria aos subditos das mesmas nações, que forem apprehendidos contrabadeando em negros africanos.

Deus guarde a V. Excia. Palacio do Rio de Janeiro, em 17 de Março de 1836.

José Ignacio Borges”.

E' esse officio a prova de que, Feijó, não havia alterado o rumo da linha de conducta, estabelecida, por occasião da feitura de seu testamento e consolidada, por occasião do manifesto lançado ao povo, quando assumiu a Regencia.

Só meio seculo depois, o Brasil viu se realisarem os esforços de Feijó, mas a medida posta em lei, em favor dos escravos, não deveria os favorecer, pois antes, quando elles eram ainda privados da liberdade, seus senhores, interessados no trabalho por elles produzido e na sua procreação, porque com ella, ia em augmento o seu capital, cuidavam em os conservar e de os tratar. Depois de, quando elles ganharam a liberdade, foram repentina e bruscamente atirados ás durezas da luta pela existencia, sem ter ninguem por si, a enfrentar a concorrencia, sempre victoriosa, de gente mais bem aparelhada que elles.

Com essa medida libertadora de 13 de Maio de 1888, os escravos entraram em decadencia, sob todos os pontos de vista, e soffreram principalmente, onde o braço estrangeiro ia, os supplantar com

mais vigor, como aconteceu no sul do paiz. Além dessas condições, que iriam levar a negrada á ruína economica, biologica e social, elles, ainda, nesse sul ingrato tiveram que, enfrentar condicções climatericas, que não lhes eram favoraveis. O sul era para elles muito frio, de temperatura muito variavel.

Elles, mal nutridos, pela inferioridade economica, com menos poder aquisitivo, pela sua inferioridade economica e mental, frente aos elementos exóticos, entraram para a descida rapida da decadencia e da extinção. Eis as tuberculoses! Eis as pneumonias! Eis as familias mal constituídas por essa gente, que para a sua salvação, fora preferivel que ainda estivessem a gemer no cepo da escravidão!

Ao menos ahi, havia quem delles cuidasse, com o interesse economico a lhes acicatar!

E' isso que acontece em S. Paulo, onde essa situação se espelha ante a observação menos especialisada. (4)

Um dos traços, que mais definia a mentalidade de Feijó, era sem duvida a extraordinaria firmeza de suas convicções, e a maravilhosa coherencia de suas attitudes. Elle para manter um ponto de vista,

(4) — Feijó era a favor da libertação dos escravos, emquanto que o seu grande adversario, parlamentar Bernardo de Vasconcellos foi um encarniçado escravocrata.

Octavio Tarquinio de Sousa a pgs. 241 de seu trabalho "Bernardo Pereira de Vasconcellos", reproduz um trecho da oração do parlamentar mineiro, pronunciada a 25 de Abril de 1843 quando elle exclamou:

"A abolição deve trazer tendencias barbarisadoras".

Octavio Tarquinio comentando essa passagem, diz que, Bernardo, se mostrava "cada vez mais escravocrata, cada vez mais partidario do trafico africano".

antes sustentado, não se amoldava e nenhuma situação superveniente. Tal era o seu amor a liberdade que, foi isto uma marca inlevel no character firme de Feijó. Não fosse a sublime tolerancia, a luminosa cordura e o religioso respeito pelas convicções alheias, nós teríamos em Feijó uma repetição de Calvino, esse rigido e puritano iniciador do presbyterianismo e guiador dos huguenotes, ou um Savonarola que Alexandre VI queimou para mais caracterisar ainda o seu papado.

Fosse Feijó, temperado de Torquemada, teríamos no sacerdote de ferro um fundador de religião, com todo aquelle espirito de intolerancia de um John Knox; mas a natureza não quiz cumular na mesma pessoa, duas mentalidades, de modo que, assim, se escapou para a nossa gente a oportunidade de ter um scisma novo.

Mesmo assim não falta quem, (Calogeras, "*Politica exterior do Imperio*", vol. III) queira sustentar que, Feijó, procurou realisar um scisma religioso, entre nós. Não occorreu ao historiador, que com tanta infelicidade tomou esse ponto de vista, que faltava a Feijó um espirito intolerante, massa de que se fizeram os Melanchton, os Ignacio de Loyola ou os Wicleff.

Feijó nunca teria podido ser um fundador de religião, não só porque lhe faziam falta esses attributos que circundam a intolerancia, como não lhe sobrava o mysticismo dos Mahometh ou dos Jan Huss, ou ainda do S. Francisco Xavier, ou de um Pedro o Eremita ou de um Jansenius. (5).

(5) — A maçonaria tentou mesmo fazer com que Feijó scindisse o catholicismo, fundando uma Igreja brasileira independente da de Roma, como o é a Anglicana, que Henrique VIII e Cromwell, o chanceller da primeira metade do quinhentismo na Inglaterra,

O traço, que marcou sensivelmente a mentalidade de Feijó, com um signal indelevel foi como se vê o espirito abolicionista, filho do seu grande amor á liberdade, tendo para o servir, seja dito de passagem um temperamento de grande energia (6).

foram os autores, mas Feijó recusou, pois elle era profundamente catholico, e absolutamente abnegado. Infelizmente a convicção disso não pode ser estribada em documentação que nos falta, mas a verosimilhança se encarrega de suprir essa defficiencia.

(6) — Feijó possuia uma formação a mais liberal possivel e isso fazia com que, elle se chocasse com a velha mentalidade, que em Itú era representada pelo seu maximo coripeu, o antigo Capitão Mó Vicente da Costa Góes e Aranha, sobre quem assim se manifesta J. M. d'Azevedo Marques:

“Assim chamava-se o famigerado capitão mór de Ytú, de jamais esquecida recordação nas tradições do absolutismo.

Falleceu nesta villa nos primeiros dias do mez de Setembro de 1825, em avançada idade. Referem-se ainda hoje muitos de seus actos de dureza, que alguns consideraram como anedoctas. Em 1821, quando as idéas liberaes começavam a tomar desenvolvimento, e que os homens patriotas de S. Paulo preparavam a opinião publica para a emancipação do Brasil, o capitão mór de Ytú denunciou o padre Diogo Antonio Feijó ao Capitão Mór general João Carlos de Oyenhausen, como homem perigoso, com idéas criminosas de liberdade, aconselhando que era conveniente deportal-o para longe de Ytú, para distancia não menor de 30 leguas.

(Secretaria do governo. Livro de registro da correspondencia com a capitania em 1821).

Este Vicente da Costa Taques Góes e Aranha, era um velho ranzinza, profundamente retrogrado. Certa vez elle se apresentou a Pedro I, já em pleno oitocentismo, vestido ainda com roupagens setecentista, com calções curtos, cheios de fitas e laços, com meias compridas, chapins de velludo, e casaca vermelha. E elle era

- Não só, todos os actos de Feijó, se achavam saturados desse espirito, que se aninhava no mais intenso liberalismo, mesmo aquelles, que mais de perto diziam respeito com a sua empobrecida economia, como nos que, mais tocavam com os negocios publicos, de qualquer natureza fosseni elle.

Já vimos como, no que lhe dizia respeito, elle dispoz no seu testamento; já vimos tambem como, elle persistia nesses principios, em relação a economia publica, com as suas instrucções ao Marquez de Barbacena, enfrentando, por isso, todas as borrascas, que naturalmente lhe advinham de um ambiente, em que a escravidão, era não só uma necessidade, mas que se achava cristalisalo nesse espirito, recebido através de gerações, que se haviam ido, mas que haviam transmittido essa noção aos de então.

Mas Feijó ainda ia alem!

Elle queria realisar, tudo que pudesse, em beneficio a essa gente soffredora, que gemia sob o

um homem intelligente.

Pedro I, pensou se tratar de algum velho doido, quando elle disse ao então Principe real que com aquella farda havia servido Dom José I, Dona Maria I, e Dom João VI, o então rei de Portugal, que já havia partido para alem-Atlantico. Só então Pedro verificou se tratar de um daquelles velhos servidores de sua familia, que se havia fossilisado no velho conservatorio colonial e setecentista e que não havia caminhado com a evolução progressista e liberal. Deu-lhe uma commenda ou um habito que deveriam significar a gratidão dos Braganças.

Vicente da Costa Taques Góes e Aranha, era tio de Paula Souza e Mello, tendo educado o grande liberal, politico do primeiro Imperio e da Regencia, esse grande amigo de Feijó. Por esse motivo o velho capitão mór, não podia perdoar a Paula Souza e ser este liberal, contra elle se encarniçava de modo todo particular.

latego de seus senhores. Muito pouca cousa haveria de ser conseguido, mas, ao menos, o exemplo haveria de ficar.

Foi assim que, mesmo em 1836, elle continuava a manter o mesmo espirito, fervido e intransigente em pról da liberdade. Nessa data, em 31 de Dezembro, elle mandava ao Juiz de Paz do Districto do Sacramento o seguinte officio:

“Constando ao Governo Imperial que em uma casa de pasto da rua Conde n.º 4, fora na manhã do dia 29 do corrente atrocemente espancado por seu senhor um escravo com grave offensa da moral publica, escandalo dos vizinhos, e violação das leis do Estado, que sómente autorizam aos senhores para castigarem moderadamente os seus escravos, e jamais para inflingir-lhes castigos desmedidos e violentos: — O Regente em nome do Imperador o sr. d. Pedro II ordena que V. passando immediatamente a dita casa, proceda a corpo de delicto e ás competentes informações, dando conta do que se achar, com as copias dos autos a que proceder, afim de que se possam dar as devidas providencias, como requerem a justiça e a humanidade. Deus guarde a V. Paço em 31 de dezembro de 1836.

Ainda, deveria decorrer, mais de meio seculo, para o paiz assistir a concretisação do ideal de Feijó.

Isso seria no periodo imperial, daquelle menino louro, de olhos muito azues, claro como leite, que era o sr. D. Pedro II, quando elle emoldurasse o seu rosto ja enrugado, com a faixa nivea de lon-

gas barbas, mais brancas que a "edelweiss". Referendaria o acto da abolição o néto daquelle grande amigo e compadre de Feijó, em S. Paulo, que era o Cunha velho, o illustre Rodrigo Silva, filho desse outro amigo de Feijó, para quem elle prognosticava sempre o baronato do Tieté, o magno rio piratiningano: José Manoel da Silva.

Feijó, não veria porem a concretisação desse seu desejo!

Teria sido pieguismo de Feijó, esse por elle demonstrado a lhe conferir idéas tão favoraveis a libertação?

Não creio. Não obstante não ser eu partidario da igualdade das raças humanas e crer, com absoluta sinceridade na inferioridade physiologica e psicologica da estirpe africana, raciocinando de accordo com os meus argumentos irrespondiveis constantes em "Populações Paulistas" e em "Evolução da Economia Paulista", eu não sou apologista dos principios lopougeanos, consagrados no hitle-rismo. Penso que, Feijó emittia essas idéas liberaes, porque elle era um sincero partidario dos principios victoriosos da revolução franceza. Tudo quanto dizia respeito á liberdade humana encontrava no espirito tolerante do padre paulista um decidido campeão, que ingressava na lide com desassombro e quebrava lanças, em favor da sua thése. Esse seu estremado liberalismo, era filho de seu soffrimento, que provinha de sua situação de origem incognita, a qual cunhava em seu espirito um laço de solidariedade para com todos os que tem um espinho qualquer a lhes alfinetar a alma.

Dahi a sua sublime tolerancia! Dahi, o seu liberalismo!

CAPITULO XIX

REI CONSTITUCIONAL

Feijó retornára a Corte carioca.

Elle refazia, em sentido inverso a sua viagem de tres annos antes, por esse vale do Parahyba, onde elle via os primordios da decadencia se esboçar, com o debastamento das mattas, deixando campo livre e erosão para carrear dos cimos dos cabeços a fertilidade, antes segura pelo emaranhado da mattaria.

O plantio do café pelos espigões e o arroteamento das terras pelas serranias, fizeram, com que, o humus de toda essa poetica região, se escorresse pelas baixadas, onde iria tornar dadivosos e fecundos os varzedos do grande rio, o qual carreava grande parte desse humus, para fóra do territorio paulista, levando-o para o oceano, que o recebia em seu bojo tempestuoso e ululante.

Ahi, estavam afazendados, os potentados dessa estrondosa aristocracia colonial do primeiro reinado, a qual Feijó, tanto se oppuzera a que fosse formada. Mas o estouvado principe, que imperava no Brasil, não quiz ouvir a voz calma da razão, que fallava pelos conceitos prudentes e avisados do sacerdote paulista.

Mas, quanta differença, da vez em que, Feijó voltava, para S. Paulo em 1832, derrotado pelos Andradas, o que o obrigára a abandonar o ministerio da Justiça!

Elle agora triumphante, havia sido eleito Regente do Imperio!

Eil-o, no degráu supremo da hierarchia politica do paiz!

Vencera a sua politica!

Consequira elle, Feijó se erguer da suprema sotoplanura de um engeitado, a mais alta posição, que um mortal poderia attingir no Brasil!

Abandonado a soleira de uma porta, com o labéo infamante de filho de paes incognitos, a lhe crescer a fronte, elle Feijó, a custa da fortaleza de seu character, do vigor masculino de sua alma, havia conseguido subir até chegar triumphante ao throno.

Esse exemplo de virtudes espartanas, ficará para a posteridade afim de que ella veja que, a aristocracia de antepassados bem nascidos nem sempre é o padrão sufficiente para levar alguém para cima, afim de que ella veja que, nem sempre a intelligencia faz vencer um individuo. Este ás, vezes, consegue ascender tambem pela tempera de seu character, ou pela firmeza das linhas mestras da sua vontade.

Eis os raciocinios, que povoavam a imaginação fervida daquelle que fora eleito rei constitucional do Brasil.

Por fim chegára ao Rio de Janeiro e se encaminhára para a velha casa da rua do Conde. Ahi havia mais frescura que a fornalha, que, era o Rio de Janeiro nos mezes de verão. Eis um oasis no calor suffocante do litoral abrazador! Ao menos, recebia-se ahi um vento maritimo que, tornava o

ambiente mais arejado e livre dos miasmas, que empestavam o ar na cidade, apertada entre morros e cortada de ruas estreitas e sujas, como era o systema portuguez.

O Rio de Janeiro, de então, se afunilhava em ruélas e becos, que se saturavam no cheiro do bacalháu, importado do Reino, pelos atacadistas lusos e na pestilaneia, que gerava a febre amarella. Nos arredores havia mais oxygenio, sahido de espessas massas de verdura das mattas, que iam até o Corcovado a emendar por outro lado com a Tijuca. O ar assim refrescado por tantos arvoredos, que frondejavam um sólo elevado, tambem recebia um delicado sopro do mar que a briza fazia chegar até aquella região, que se embebia de ar puro e penetrante.

Feijó maldizia a corte ser a beira mar, e não na montanha, em cujo clima elle se dava bem.

Elle precisava de altura, onde o calor de uma latitude tropical, fosse amainando pela elevação, onde o ar seria mais diaphano e mais tenue.

No dia 9 de Outubro, para quando fora designada a sua posse, Feijó não pudera sahir do leito. A molestia, que o deveria victimar, oito annos mais tarde, adeantara-se muito na sua marcha. Elle tropego e sem forças, com os movimentos das pernas, feitos em extrema difficuldade, não podia se manter de pé, sem o auxilio de bengalas, nas quaes se apoiava.

Tambem a idade, já o fazia bem mais avelhantado.

Oh! Elle se lembrava bem do seu vigor, ainda, quando ministro da Justiça, quatro annos antes!

De então, os seus cabellos se agrisalharam, o seu olhar já não tinha ao avivar aquella chama de vida, que o fazia hypnotisar o perigo!

Tantas vezes elle afrontára a morte, quando dava aquellas ordens bravias, aos seus subordinados, militares no ministerio da Justiça!

Hoje Feijó, estava muito mais cansado da vida. A cruz que, elle carregava parecia-lhe mais pesada! As responsabilidades eram maiores! Elle seria mais prudente! Mais calma seria a sua acção! Mas as suas actividades, essas não mudariam! Feijó tinha especial culto pela coherencia. Sua vida era uma linha absolutamente recta. Della, elle não se afastaria. Poderia elle attingir as edades mais avançadas, mas a sua conducta teria de ser sempre a mesma.

Por isso é que, vemos o novo Regente levar para a suprema curul, o mesmo temperamento do antigo deputado ás cortes portuguezas, ou do antigo ministro da Justiça da Regencia trina. E' possível que Feijó já não tivesse o mesmo ardor, mas a sua norma de acção seria identica.

Elle seria sempre o mesmo homem, esse artezão vigoroso da força e da energia, esse varão inflexivel, que não tremia nem mesmo á face dos maiores abysmos. E' que, elle Feijó, tinha atraz de si uma força inegalavel, que lhe embaseiava as actividades. Era uma consciencia pura e virginal. Nivea como a "edelweiss" das montanhas suissas, brilhante como as laminas auríferas do Ophir ou do Sabarábuçú, ou como o diamante do Golgonda, forte como os muros de uma fortaleza de um "Kraal" palestínico.

No dia 12 de Outubro, porem, Feijó, melhorando dos seus achaques, se levantou e se dispoz a ser empossado, naquelle dia mesmo. Foi assim que, as 10 horas, da manhã, se reunira o Legislativo, composto das duas Camaras. As 11 horas, menos um quarto, Feijó aguardava a solemnidade.

Elle estava todo de preto, mettido na sua sobrecasaca, que lhe vinha até os joelhos, a qual elle trazia aberta, mostrando o collete a fantasia de seda igualmente preta, com pingos azues, destacando um collarinho branco e muito alto, como exigia a moda de, então, envolvido por uma gravata, muito gorda de seda preta, a qual dava duas voltas em torno de seu pescoço taurino. Feijó, trazia nas mãos um chapéu alto, tambem de feltro negro, e se apoiava em uma preciosa bengala de ebano negro, o que mais fazia resaltar o seu castão de ouro, combinado com a ponteira fulva de igual metal. Ligeiramente palido, calmo, porem sem commoção, Feijó mostrava em seu semblante escanhado, masculino e severo, com aquelle cunho de espirito de decisão e de coragem civica, que era fartamente conhecido de todos, e que o tornava bem conscio de seu proprio valor, ainda que, diminuido pela sua extraordinaria modestia.

Feijó, tendo deixado o chapéu e a bengala, em mãos de um continuo, penetrou no recinto, que se fez impressionante, em seu silencio, que respirava a solemnidade do acto, que se ia passar. As galerias do Parlamento estavam repletas de povo, que ia assistir emocionado á scena da posse do novo dirigente do paiz.

Este tomou assento na meza, a direita do presidente, e todos, de pé, assistiram o juramento, que era feito de joelhos, com as mãos postadas nos Santos Evangelhos, que estavam nas mãos do Presidente do Legislativo.

Feijó de joelhos, com voz clara e frase forte profere então as palavras :

“Juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade e indivisibili-

-dade do Imperio, observar e fazer observar a constituição politica da nação brasileira e mais leis do Imperio, e prover ao bem geral do estado quanto em mim couber. Juro fidelidade ao senhor D. Pedro II, e de entregar o governo a quem pela constituição cempetir”.

Esse juramento proferido, foi a seguir escripto e assignado.

O novo Regente, ao sahir, foi delirantemente aclamado pela multidão, que se comprimia, para ver aquelle que, iria ser o mais alto dirigente da nação, o seu rei constitucional. Formado o Ministerio, o primeiro gabinete da Regencia una, foi baixada a seguinte proclamação ao povo:

Brasileiros. Collocado no Governo pelo voto nacional, é meu dever expor-vos com franqueza os principios que dirigem a actual administração, e manifestar-vos os sentimentos de que ella se acha possuida com relação á causa publica.

A constituição do Estado é a lei suprema a que tanto os cidadãos, como o mesmo governo devem prestar culto e homenagem, por ser a expressão da vontade geral: ella e o addicional, serão religiosa e muito lealmente observados. O governo longe de disputar ás provincias, o gozo de vantagens que a reforma lhes outorgou, será o primeiro em mantel-as litteralmente (descentralisação), instruindo convenientemente aos presidentes, como seus delegados, para que o espirito e a marcha da administração sejam francos e uniformes a este respeito em todo o Imperio.

A escolha de empregados publicos, amigos de nossas instituições, caracterizados pela sua probidade e aptidão, será um dos principaes cuidados do governo; elles serão aproveitados onde quer que se encontrem, quaesquer que tenham sido até agora as suas opiniões, ou o partido a que tenham pertencido. Todo o brasileiro tem direito aos cargos publicos, uma vez que, alem dos outros requisitos que a lei possa exigir, seja dotado de talento e virtudes.

A primeira necessidade de um governo é o caracter de estabilidade. Nem os seus principios mudarão, nem empregado algum será removido por declarações vagas, ou por intrigas sempre perniciosas. A demissão será precedida de exatas informações, e só terá lugar quando fallecer inteiramente a esperança de correccão.

O homem de probidade deve considerar-se seguro em seu posto; elle encontrará no governo forte protector contra a maledicencia e a calumnia.

A religião, base da prosperidade publica e individual, verdadeiro apoio das leis, solida garantia da moral, será mantida e profundamente respeitada. O Tribunal, porem, da consciencia será imperscrutavel ao governo, e o homem religioso poderá debaixo da protecção da constituição fazer livre uso dos principios que a sua razão lhe dictar.

A impunidade deve cessar: a tranquillidade publica deve descansar sobre bases mais firmes e seguras. O governo será infatigavel

em promover a execução das leis penaes: cumpre que o cidadão pacifico, o homem honesto não esteja a discrição do turbulento e do perverso. Todo o habitante do Imperio encontrará no governo asilo á opressão: elle é o protector dos seus direitos.

A marinha e o exercito serão convenientemente organisados. O governo deve ter a sua disposição os meios necessarios para fazer respeitar as leis e executar a vontade nacional. Não será esquecida a sorte de tantos officiaes desempregados sem esperança de accesso.

A arrecadação das rendas publicas far-se-á com zelo, mas sem vexame, e a mais severa economia nas despezas convencerá os brasileiros de que nem patronato nem considerações pessoaes regulam a partilha desse deposito de parte de sua fortuna, que sómente será applicado ás necessidades do Estado.

Nossas relações externas serão mantidas e ampliadas, mas o governo está firmemente resolvido a não sacrificar em caso algum a honra nacional. Nunca será provocador, mas sustentará sempre dignamente os direitos de uma nação briosa, certo que os brasileiros saberão acudir as reclamações da honra e do dever.

A agricultura merecerá ao governo especial attenção. O lavrador entre nós ignora ainda os principios desta arte, que tantos progressos tem feito entre outros povos, e por meio da qual espera o governo que os brasileiros aprendam a aproveitar os thesouros com

que a natureza os enriqueceu, e que, apparecendo por toda a parte abundancia, não tenham que invejar a povo algum sobre a terra. A abundancia seguem de perto a industria, a sabedoria, a riqueza, e com ellas a publica prosperidade.

A presente introdução de colonos tornará desnecessaria a escravatura. (Eis o abolicionista!) e com a extinção desta, muito lucrará a moral e a fortuna do cidadão. Perscrutando cuidadosamente todos os defeitos e abusos que possam existir nos diversos ramos da publica administração, o governo será solícito em applicar, ou propor as providencias e medidas que forem aconselhadas por um espirito circumspecto de reforma.

Brasileiros: o governo fiel ao seu dever, promoverá com assiduidade e desvelo a prosperidade publica; e pela exata observancia da constituição e das leis empenhar-se-á em tornar a monarchia constitucional cada vez mais digna do vosso amor e veneração. Ella é a garantia mais solida da paz e segurança, que tão propicia são aos progressos da industria e da civilização, e ao desenvolvimento dos prodigiosos recursos do nosso abençoado paiz.

Brasileiros! Os poderes politicos do Estado são delegações vossas: cumpre respeitar a vossa mesma obra. Sem veneração ás leis, sem respeito e obediencia ás autoridades publicas, não pode subsistir a sociedade; a feroz anarchia, abandonando o fraco ao forte, o pequeno ao grande, o desvalido ao poderoso, devora em poucos dias o povo que sacode o suave peso

das leis, e desconhece as autoridades. Reuni-vos portanto em torno do governo e coadjuvai-o nos esforços que ha de empregar para consolidar a vossa felicidade e a gloria da patria. PALACIO DO RIO DE JANEIRO, em 24 de Outubro de mil oitocentos e trinta e cinco, decimo quarto da Independencia e do Imperio. — DIOGO ANTONIO FEIJO' — *Antonio P. Paulino Limpo de Abreu — Manoel Alves Branco — Manoel da Fonseca Lima e Silva. — Manoel do Nascimento Castro e Silva.* (1).

Tenho visto algures a critica, sobre Feijó, de que elle não era propriamente estadista porque, não lhe sobravam dotes intellectuaes (“Politica exterior do Imperio”, Calogeras).

Entretanto, se Feijó não possuia a scintilla do genio, se a elle, não havia a natureza favorecido com um estalido, semelhante ao que havia integrado Vieira, entre os illuminados, e a jazida da sua cultura, não tinha a profundidade do Oceano Pacifico nem a espessura do Hymalaya, entretanto é forçoso convir que, esse manifesto ao povo fére assumptos, que denotam percuciente visão.

Eis, por exemplo, a questão do escravatura a ser resolvida pela colonisação.

Feijó, com o seu espirito extraordinariamente humanitario, havia sempre demonstrado pendorres inequivocos pela libertação do negro. Elle feria a técla de sua predileção, novamente nessa falla ao povo. Aliás o seu testamento, o qual figura no capitulo anterior, não nos faz senão revelar essa trilha, nitida no seu espirito bravio, mas

(1) As partes entre parentesis são minhas.

que, era impregnado de uma immensa bondade. Depois a missão que, elle como Regente confiara ao insigne Marquez de Barbacena, como veremos em capitulo, que virá depois deste, é o signal, bem vincado na administração de Feijó de que, elle persistia em caminhar por essa vereda.

Vemos hoje, quanta razão, tinha o Regente, ao dizer que, a introdução de colonos tornava inutil a continuidade da escravatura.

O Estado do Rio de Janeiro, não querendo recorrer a immigração, para substituir o escravo, como braço das suas magnas lavouras de café, teve que assistir ao drama pungente da sua decadencia e extinção, agonia e morte, situação dolorosa que se materialisa em ciffras, ao se verificar que de 1890 e 1922, pelos recenseamentos federaes a população fluminense decresceu. Essa lamentavel situação se pode testemunhar, ao se ver a ondulação de cabeços desnudos e atapetados do verde das pastagens, que constituem o hinterland montanhoso do Estado do Rio; só agora, meio seculo depois, em renascença na zona da baixada do Parahyba com o assucar. Emquanto isso, S. Paulo, que havia, mais previdentemente, feito buscar a colonisação intensa para substituir as suas lavouras, já estensas, o braço escravo abruptamente suprimido, gosou de surto colossal de inaudita prosperidade, não só, podendo manter, em alto nivel a sua agricultura, como expandil-a e attrahir ainda as populações de Estados vizinhos, menos previdentes, que haviam entrado em decadencia, pela medida impensada e drastica da supressão brusca da escravatura.

Nessa epoca a Inglaterra, com o seu liberalismo era a pioneira do movimento, que se fazia in-

tenso, como um incendio na macega, a favor do negro. Então, os whiggs, a frente dos quaes estava lord Grey, vinham de operar uma serie de reformas, entre as quaes a abolição da escravatura. Isso tudo, se conformava perfeitamente ás ideias de Feijó, que se fosse inglez, estaria militando entre esses whiggs. Foi por isso que, o Regente lançou mão dos serviços inestimaveis do emerito Marquez de Barbacena, para obter, em Londres, medidas no sentido da effectivação de facto da suppressão do trafico de escravos, que no Brasil era illegal, desde 1831, mas que não tinha sido levado á risco na sua repressão.

Outro ponto que, está a depor a favor da visão politica de Feijó, o que define bem a sua percusciencia, está em que, elle no seu manifesto, dirigido ao povo, se mostra zeloso da effectivação das reformas governativas descentricas, constantes do Ato Adicional.

Não fosse elle, um espirito algo inclinado para a federação, que mais tarde deveria culminar a organização brasileira, não se teria detido, de uma forma tão especial, no tocante ao Acto adicional. Elle então usou de uma linguagem, em que, se pode ver o desejo, que elle tinha de que, as provincias gosassem de franquias, outorgadas pelo addendum reformatório a Constituição unitaria de 1824. Então não teria elle empregado a mesma forma illusionista, que fez o governo conservador. Pois este fez com que mais tarde, fossem adoptadas medidas legislativas interpretatorias, as quaes vieram destruir o que havia o Ato Adicional, significado de um passo a frente, em materia de descentralisação governamental.

Óra, quem assim prevê o futuro, e falla dessa maneira ao povo, só dá mostras de atilado espirito de visão, que só pode encontrar casulo, em uma intelligencia equilibrada, servindo uma cultura acima da mediana, cerebro capaz de observações sobre a psychologia collectiva.

CAPITULO XX

MARQUEZ DE BARBACENA

Quando Feijó assumiu a Regencia, encontrou um problema difficil, entre os muitos, que impediam uma solução. Era o da escravidão.

Isso dependia de o paiz ter na Europa e principalmente na Inglaterra, uma pessoa de confiança, que reunisse outros attributos, em torno da sua pessoa, como por exemplo, de atilamento de espirito, de facilidades nos meios governamentais e politicos de Londres, e de recursos financeiros, de modo que, não ficasse pesado aos cofres imperiaes.

O marquez de Barbacena estava nestas condições. Não lhe faltava um só requisito, para o exercicio de tão delicada missão. Feliberto Caldeira Brant Pontes, era, de facto, um homem extraordinario. Especie de factotum, nos primeiros tempos do novo paiz, Barbacena foi diplomata, financista, homem de negocios, intellectual, general, estadista, etc. Desempenhou todas essas funcções, demonstrando grande relevo, em qualquer uma dellas. Diplomata, ninguem melhor do que elle, para resolver um negocio difficil, pois sabia empregar a energia e a brandura, quando havia mis-

ter, no uso de cada uma dessas virtudes. Foi graças a esses meios que, elle conseguiu na Inglaterra, deixar bem alto os creditos do Brasil, ainda que não haja sido bem afortunado na missão, que lhe havia confiado Pedro I de obter da Inglaterra o reconhecimento da Independencia. O modo admiravel, pelo qual elle se houvéra na obtenção de empréstimos para o novo paiz na praça de Londres, a forma magnifica por elle levada a effeito, quando dirigiu os negocios de D. Maria da Gloria e a obtenção da segunda esposa para o Imperador D Pedro I, D. Amelia de Leuchtemberg, foram bem a contrapartida da actuação de Barbacena, como general na campanha da Independencia do Uruguay (1), (2) e da que esse egregio cidadão desenvolveu quando ministro da Fazenda.

(1) Barbacena foi o negociador na Europa do segundo casamento de Pedro I. Missão difficilissima a do titular do 1.º Imperio, pois o renome de debochado e sensual que acompanhava o imperante bragantino, em razão, em grande parte, das suas relações com a Marqueza de Santos, augmentou com a noticia minuciosa e exagerada da morte de Maria Leopoldina de Habsburgo.

Barbacena só a custa de um formidavel dispendio conseguiu, em parte neutralisar esse renome. Assim offuscou as cortes europeas com as orgias nababescas de seus gastos e por fim conseguiu o 2.º casamento para Pedro I com uma princeza de Leuchtemberg, filha do principe Eugenio de Beanharnais e portanto neta de Josephina a primeira esposa de Napoleão.

Ao apresentar suas contas Barbacena se indispoz com Pedro I, que parece dahi julgar mal o grande Caldeira Brant, homem que pela sua soberana intelligencia, illumina toda a primeira metade do seculo.

(2) Não quero fallar em Barbacena, sem dizer alguma coisa sobre as personalidades dos dois chefes na companhia da Cisplatina: Barbacena e Alvear, como generaes.

Quer parecer-me que, Barbacena se revelou no decorrer dessa

- Foi, em grande parte devido a elle, com o seu ultimo attricto com Pedro I, que com um opusculo, em que desmentiu a palavra imperial, que se precipitou o famoso golpe de 7 de Abril.

Um estudo sobre a personalidade do Marquez de Barbacena, o qual aprofunde as actuações dessa

companha um chefe emerito, embora mostrando as vezes falhas bastante visiveis a uma critica imparcial.

Assumindo o commando achou um exercito necessitado de tudo acampado em local contra indicado e além de tudo disperso. A sua visão clara logo se mostrou a necessidade de mudar de local e de concentrar as suas forças em numero muito inferiores á do inimigo. Levanta acampamento e expedindo rapidas ordens a Brown, marcha em direcção ao ponto vulneravel da fronteira que se propunha a defender.

De facto Barbacena marchou com um forte guarda flanco, que não só lhe proporcionou excellentes esclarecimentos sobre o inimigo, como tambem o cobriu em absoluto dos olhos do adversario e a tal ponto que, Lavalleya que, chefiava o guarda flanco de Alvear, não conseguiu furar a cortina espessa, que Barreto lhe antepunha, e tanto isso é certo que, Alvear não pode saber exactamente a data em que Barbacena se reuniu a Brown. Alvear pensou que, essa junção se tivesse realisado muito antes de modo que, desistiu de obstar-a quando ainda o poderia fazer. A mesma cousa se poderá dizer da brigada de Bento Gonçalves o que protegeu o flanco esquerdo de Brown, e elucidou Barbacena dos movimentos de Alvear.

Acho que, apoz a junção, Barbacena agiu correctamente só merecendo criticas, e bem acerbas, aliás, o ter enviado uma força tão importante com Bento Manoel.

O general brasileiro nunca deveria ter dado batalha sem ter em mãos todas as suas forças reunidas. Se a batalha fosse inevitavel o chefe brasileiro deveria ter contemporisado em uma defensiva prudente, até que Bento Manoel chegasse com os mil brasileiros da sua columna volante. Assim os resultados teriam sido mais decisivos e talvez em lugar de um Valmy tivessemos tido um Iena.

Ainda outro procedimento de Barbacena, que se afigura inexplicavel, e incompativel com o de um grande chefe, consiste em que, não se fez guardar, não se fez esclarecer por um guarda flanco qualquer depois que sabiu de S. Gabriel.

impressionante figura do primeiro Imperio e da Regencia, demonstrará em suas linhas mestras, como foi grande e de soberana influencia na evolução dos primordios do paiz, esse vulto, que óra nos interessa, e a quem Feijó encarregava de tão delicada missão.

Depois que teve a comunicação de Bento Manoel de que o inimigo seguramente se dirigia para o Passo de S. Simão, Barbacena, de olhos fechados se dirigiu para o do Rosario, sem se preoccupar de se esclarecer sobre os movimentos do inimigo. E assim as cégas não soube da mudança da marcha de Alvear que em vez de dirigir para o Passo de S. Simão o fez para o do Rosario. Tivesse Barbacena sabido desta mudança, teria tido tempo de tomar medidas de precaução que lhe fizeram falta quando se surpreendeu com a presença do inimigo.

Eis os pontos que emprestam o flanco á critica, a respeito de Barbacena.

Vejamos agora, Alvear. Penso que iniciou a campanha com uma boa concepção; — aliás a unica que se lhe offerencia adoptar.

Tudo estava a lhe indicar que se aproveitasse do fraccionamento das forças brasileiras. Para isso duas alternativas estavam facultada a Alvear:

a) Marchar contra Santa Anna, e forçar os brasileiros a uma batalha antes que Brown operasse a junção com Barbacena;

b) Marchar rapidamente entre Barbacena e Brown, impedindo a junção e batendo napoleonicamente cada um de per si.

A primeira alternativa Alvear a reppudiu, porque *“esse plano carecia de destreza, e dava ao adversario a grande vantagem de esperar-nos intacto, emquanto que o movimento que deveriamos fazer para alcançal-o, por isso que nos obrigava a atravessar um vasto deserto, ter-nos-hia destruído as cavalhadas, diminuindo as forças e augmentando as privações. Os imperiaes mantinham ali todos os seus depositos e facil lhes seria evitar o combate, passando o caudaloso rio Sta. Maria que lhes ficava na retaguarda e cuja margem direita poderiam defender a despeito de todos os esforços do exercito republicano”* (nota-se neste texto o proposito offensivo dos argentinos) *“Exposição que faz o General Alvear para contar a mensagem do Governo de 14 de Setembro de 1827”*.

Com essas razões, Alvear adoptou a segunda alternativa, que se fosse executada com decisão e energia, promettia farta messe de resultados.

- Feijó, com isso, mostrava querer por em pratica as ideias, que elle vinha acalentando em seus sonhos e desvaneios e, que elle havia realisado comsigo, segundo se vê do seu proprio testamento.

A sua directriz, nesse sentido, era para a libertação definitiva do elemento servil.

Com esse objectivo pois, Alvear vòu em direcção de Bagé pelo rio Negro acima. Para isso, destacou Lavalleya que levava a incumbencia de vigiar Barbacena esclarecendo-o ao mesmo tempo o mascarando. Lavalleya executou muito mal essa incumbencia, pois que não pode penetrar através da cortina com que Barbacena se mascarara, que consistia no destacamento Barreto. E assim, Alvear chegou ao ponto da junção Barbacena-Brown, emquanto que o exercito brasileiro ainda estava longe de realizar os seus intentos. Tivesse Alvear tido mais decisão e energia, esclarecidas por um exacto conhecimento da situação, Barbacena não teria operado a junção com o Marechal Brown, e poderia tel os batido separadamente.

Alvear justifica a sua inactividade em Bagé, com os temporaes reinantes que impediam a marcha, mas é curioso observar-se que, sem embargos, dessas mesmas condições climatericas as duas fracções brasileiras não cessavam de se approximar.

Não parece pois que Alvear nessa justificação tenha sido sincero. A causa está a meu ver em que o General argentino, desconhecendo a situação, desistiu prematuramente do seu objectivo.

Assim é que antes de haverem os brasileiros operado a junção que se realisou a 4 de Fevereiro já Alvear, tomara a direcção Noroeste, caminhando sobre S. Gabriel, atravessando 1.º de Fevereiro Ibirámirim.

Outro erro, inexplicavel de Alvear e para o qual não encontro justificação possivel, consiste em não haver perseguido os brasileiros depois do encontro do Passo do Rosario.

Com as tropas frescas que lhe restavam poderia transformar em successo, essa batalha indecisa, e quiçá mesmo realizar o seu objectivo estrategico de invadir o territorio do Rio Grande do Sul.

Se Alvear tivesse perseguido Barbacena, e transformado em fuga aquella retirada perfeita e ordenada, executada pelos brasileiros, talvez não tivesse elle necessidade de abandonar o sólo inimigo e não fosse obrigado a se internar no Uruguay.

Eu não sei, se essas ideias, hoje, possam ser encaradas muito favoravelmente, mas nos tempos, em que o grande Regente as manifestou, e as adoptou, foram as mais avançadas e mais de accordo, com a onda de liberalismo, que invadia todos os recantos do mundo, como reflexo das ideias sahidas da revolução franceza, que então explodiam em todos os quadrantes da Europa, depois de, para ahi levadas pelas bayonetas triumphantes dos soldados de Napoleão e ahi germinadas durante varias decadas.

Foi assim que a 21 de Outubro de 1835, a Regencia fazia baixar o seguinte acto:

“O regente em nome do imperador, o Senhor D. Pedro II, querendo aproveitar o districto merecimento e pratica de negocios diplomaticos do Marquez de Barbacena, que parte para a corte de Londres, onde se tem de tratar de graves negociações com o governo britanico: ha por bem encarregal-o em uma missão especial junto de sua magestade britanica, nomeando-o plenipotenciario de sua magestade imperial junto daquelle soberano, não percebendo vencimento algum, por ter-se assim prestado a esta missão. Manoel Alves Branco, do conselho de sua magestade imperial, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, o tenha assim entendido,

A unica razão que vejo nesse proceder está no escarmento por elle soffrido no encontro, e no receio de que Barbacena pudesse voltar reforçado com os homens de Bento Manoel.

Eis o que parece ter sido a Batalha do Passo do Rosario, e o que eu penso dos dois commandantes que dirigiram a campanha.

e faça expedir os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1835, 14.º da independencia e do imperio. Diogo Antonio Feijó. — Manoel Alves Branco.

Essa medida, foi logo séguida das instrucções, que foram entregues ao Marquez, as quaes estavam concebidas da seguinte maneira:

“Illmo. e Exmo. Sr. Tendo o Regente em nome do Imperador o senhor Dom Pedro II, pelo diploma incluso, revestido a V. Excia. com com o caracter de seu plenipotenciario em Londres, em uma missão especial, apresso-me a transmittir a V. Excia. as suas ordens nas seguintes instrucções, que resumem todo o objecto da commissão de que houve bem encarregar a V. Excia. naquella corte.

Perante o governo britannico empregará V. Excia. todos os meios ao seu alcance; primeiro para que se possa mais effectivamente reprimir no mar o trafico de africanos; segundo para que seja revogado o art. 19 do tratado de 17 de Agosto de 1827, ficando livre aos poderes politicos do Brazil, segundo a letra da constituição, a fixação dos direitos de importação; systema de sua arrecadação e despacho das mercadorias, que mais conveniente parecer, attentas as urgencias do estado. Sendo porém difficil ou impossivel que a dita revogação se obtenha nos termos acima indicados, cumprirá que V. Excia. se esforce para conseguir a estipulação de um novo artigo em lugar do revogado, pela qual se-

jam elevados os direitos de importação ao menos nas fazendas finas, mercadorias de luxo, vinhos e quaesquer bebidas espirituosas; e pelo qual os preços para a dedução dos mesmos sejam fixados semanaria ou mensalmente pelos correctores e assim se possam approximar mais aos mercados do que acontece ou se pode obter com o systema das pautas actualmente. Em ultimo caso deve informar ao governo inglez de que não podendo as rendas actuaes chegar para o pagamento da divida, forçoso será augmentar a quota dos pagamentos nos armazens, sellos, ancoragem, etc., etc.

Alem desta incumbencia que o regente tem por muito recomendado a V. Excia. cumpre que V. Excia. procure uma intervenção poderosa para com a Santa Sé, pela qual se conclue conciliatoriamente o negocio da nomeação e confirmação dos bispos do imperio do Brazil, que ha tanto tempo pende com desar de ambas as cortes, autorisando para V. Excia. asseverar que o governo do Brazil tratará quanto antes de restabelecer a antiga disciplina da igreja, si acaso a mesma Santa Sé continuar a recusar-se a actos de tão manifesta injustiça e politica, e de que tanto depende a harmonia de ambas as cortes, que o regente muito deseja conservar inalteravel.

Sendo evidente a necessidade de principiar-se a estabelecer um plano regular de colonisação para o Brazil, o regente incumbe a V. Excia. de ajustar com qualquer governo, ou mesmo com qualquer particular a remessa dos mesmos colonos, para as diversas provincias do Brazil pela maneira a menos dispen-

diosa, obrigando-se elles a prestar serviços por trez annos, com a condição de lhes pagar um salario moderado, segundo os preços dos logares em que se estabelecerem, e findos os ditos annos darem-se-lhes terras sufficientes para a lavoura.

E' da maior importancia para a prosperidade do imperio que uma companhia ou banco se encarregue de retirar o papel moeda da circulação; V. Excia. fazendo uso dos seus conhecimentos nessa materia, entabulará os ajustes mais vantajosos para conseguir este fim e que causem o menor abalo possivel ás fortunas particulares; bem entendido se for banco que se venha a estabelecer no Brazil, deve elle conformar-se o mais possivel com a lei de 8 de Outubro de 1833, admittindo accionistas brasileiros por metade do capital e ficando-se alem do qual será vender as acções a quem bem lhe parecer.

Alem destas incumbencias, ajustes e estipulações, de que o regente se dignou encarregar a V. Excia. e cuja definitiva determinação fica dependente de ulterior resolução do governo á vista das propostas que V. Excia. deverá transmittir-lhe, devo declarar a V. Excia. que o regente o autoriza a ajustar dous engenheiros peritos em abrir fontes artezianas, vindos acompanhados de todos os instrumentos e misteres necessarios; dos quaes um partirá directamente para Pernambuco e outro aqui; um dito, igualmente perito e pratico na construcção de pontes e calçadas, segundo os ultimos methodos da Europa; e um

machinista director de barcos de vapor; assim como dous casaes de suissos habeis para ensino e practica no Brazil de todos os methodos agricolas empregados nas fazendas normaes de Felleberg, comprando-se-lhes por conta do governo os instrumentos de que necessitarem e que exigirem; e duas familias de irmãos moravios que se obriguem a estabelecer no Brazil e empregar-se na civilisação e cultura dos nossos indigenas.

Para que V. Excia. possa fazer as despesas necessarias com a remessa dos engenheiros, lavradores, instrumentos, etc., etc., inclusa achará a ordem do thesouro sobre os agentes do governo em Londres.

Tendo assim communicado a V. Excia. o pensamento do regente, que muito espera e conta dos talentos e zelo de V. Excia., pelo bem do paiz, resta que eu me congratule de antemão com V. Excia. pelo bom exito de tão importante commissão e lhe reintere uma e muitas vezes os protestos de meus respeitos e devida consideração.

Deus guarde a V. Excia. — Palacio do Rio de Janeiro em 23 de Outubro de 1835.

Manoel Alves Branco

São de Calogeras, no seu "*Politica Exterior do Imperio*" vol. III, pag. 54 as seguintes palavras sobre Feijó: *...cultura insufficiente, fóra do ambito do direito ecclesiastico; visão menos clara da evolução e dos destinos do paiz*", e mais "*Não lhe pedissem mais, pois não era homem de estado para commettimentos outros...*"

Ora, por muito fino que, tivesse sido o espirito de critica do eminente Calogeras, elle estava a mercê de cochilos. Este foi uns dos mais clamorosos cochilos do illustre homem de letras, pois se Feijó pudesse se enquadrar nas severas palavras, acima descriptas, como se poderia explicar que, elle nas suas instrucções a Barbacena tivesse assinalado com tanta antecedencia a solução de caso de grande premencia qual era o da libertação dos escravos?

Essa solução que, aliás, não era, apenas, posta em evidencia, em uma só manifestação, mas vinha, em uma longa cadeia de élos, se fazendo notar, como vimos, ao reproduzir os termos do testamento do padre e do manifesto do Regente Feijó, tinha o sulco da coherencia, e Feijó com ella, fazia antecipar com a visão clara da evolução de um problema temeroso, que tão de perto dizia respeito aos destinos do paiz, por mais de meio seculo a sua solução.

Que homem, interessante era esse, que previa a evolução nacional dessa maneira e Calogeras, não lhe quer reconhecer os delineamentos de homem de estado!

Por certo, Feijó não era nenhum illuminado, pela divina scintella do genio; elle não sentira o famoso estalido vieirico, mas todos os seus escriptos revelam uma visão fóra do commum, exactamente ao contrario do que, Calogeras fallou sobre elle.

O illustre historiador, por certo, quando escreveu essas palavras pouco acertadas acima, estava apaixonado, a ponto de ter a sua critica algo deformada.

Não foi, porem o problema da libertação do negro, o unico que se estampava objectivado, na frente da visão do Regente.

Pelas instrucções acima, vemos que, Feijó preludiava a politica alfandegaria, que o paiz tinha que seguir no decorrer de um seculo. Nessas instrucções se esboça com nitidez, o proteccionismo, que foi a tendencia de Feijó.

Óra teria sido errado o pensamento do Regente a esse respeito?

Não era propriamente uma politica proteccionista a que foi adoptada e a que então, Feijó mostrava querer seguir. Era a politica da arrecadação de rendas alfandegarias, mascarada por um proteccionismo. Essa, tem sido a norma seguida pelos governos, que se tem succedido, até agora.

Proteccionismo foi attingido indirectamente, mas o objectivo dos governos centraes, não era proteger industrias dos parques internos, mas sim promover, quanto maiores pudessem ser as arrecadações aduaneiras.

Elles tinham uma certa razão nisso, porque não é proteccionista a nação, que quer ser.

O ser proteccionista ou livre cambista, não depende da vontade ou da orientação doutrinaria dos dirigentes de cada paiz, mas depende, sim das condições de cada um.

Óra, o Brasil é um paiz muito pouco talhado para ser industrial.

Em primeiro lugar, é um paiz immenso, em que grandes e incomensuraveis distancias se intercalam, entre os nucleos de habitantes nacionaes que de fraquissimo poder acquisitivo e de pequeno "standard" de vida, não podem consumir muito.

Entre esses fracos nucleos de consumidores, não existem communições baratas, faceis e abundantes. Dessa maneira, não seria de aconselhar a industria, para um paiz em cujo sub-solo não foi encontrado combustivel, e sem capitaes a não ser os estrangeiros, que não se deixam tentar por uma terra, sempre convulsionada.

Com isso, uma politica proteccionista, não seria de ser adoptada, mas o paiz precisava de rendas e essas deviam ser buscadas nas alfandegas com o que, impostos de entrada deveriam ser cobrados, e assim se fez o pretenso proteccionismo no Brasil. Feijó, com as suas instrucções, acima reproduzidas, deu inicio a essa politica. Mas que, teria de melhor resolvido um homem de estado, que satisfizesse Calogeras?

Mas não se cifra, apenas, na politica aduaneira e na politica de libertação do negro a percuciente visão de Feijó.

Elle, ainda, se mostrou muito providente no seguimento das suas communições com Barbacena. Foi, assim que, logo a 3 de Novembro de 1835, elle, por intermedio de Limpo de Abreu, enviava o seguinte officio ao marquez, no qual se verifica que, Feijó perscrutava, novos horizontes, para o povo e o paiz, aos quaes elle dedicára todo o seu esforço.

Vejamos se, ainda, com este novo golpe de visão inilludivel, pode ser o emerito sacerdote, accusado de falta de condicções de homem de estado. Eis o officio:

“Illmo. e Exmo. Sr. O regente em nome do Imperador o sr. D. Pedro II, a quem anima

o mais vivo e sincero desejo de contribuir efficazmente para os aperfeiçoamentos materiaes do paiz, a que estão essencialmente ligados os progressos da industria, e da civilização, observando por uma parte que o governo acaba de ser autorizado por uma resolução do corpo legislativo para promover por meio de concessão de privilegios, a organização de uma ou mais companhias, que façam uma estrada de ferro da capital do Rio de Janeiro para Minas Geraes, Rio Grande do Sul, e Bahia e reconhecendo pela outra parte que V. Excia. tendo de permanecer por algum tempo na Europa, poderá dar ahi os primeiros passos para conseguir-se com mais facilidade a formação de taes companhias, tem resolvido encarregal-o desta commissão.

Na certeza, pois, de que V. Excia. prestar-se-ha de bom grado a este serviço, de que devem derivar tantos beneficios a agricultura e ao commercio, tenho a satisfação de remetter a V. Excia., por copia a mencionada resolução, assim como um exemplar da que autorizou a companhia do rio Doce a que aquella outra se refere no art. 3.º afim de que V. Excia. inteirado das disposições de ambas, possa fazer sentir e apreciar a probabilidade dos lucros, e vantagens que promete esta empresa.

Ainda que o regente em nome do Imperador depositada a confiança de V. Excia., considera todavia uma obrigação de sua parte lembrar a V. Excia. a necessidade de facilitar pelos meios proprios a concorrência de empreendedores, para que o governo possa

- conferir os privilegios á companhia, que alem de condições menos onerosas, offerecem como principalmente convem, garantias mais solidas ao começo, continuação, conclusão e perfeição da obra, devendo V. Excia. receber as propostas que se lhe fizerem, e transmitil-as depois com informações muito circumstanciaes ao mesmo governo, a quem cumpre tomar a respeito a decisão definitiva que lhe parecer mais conveniente, e que opportunamente communicará a V. Excia.

Deus guarde a V. Excia. — Palacio do Rio de Janeiro em 3 de Novembro de 1835.

Antonio Paulino Limpo de Abreu

Ora esse officio, acima reproduzido, servindo de complemento ás instrucções, vem revelar mais um golpe de visão do governo regencial, a frente do qual, estava a magestática figura do padre Feijó.

Parece que, o padre, já tinha visão nitida do papel importantissimo e vital das communicações ferroviarias.

Esse papel, que tanto vulto teria de tomar no decurso desse maravilhoso seculo XIX, deveria representar para o Brasil um factor mais sério do que para qualquer outro paiz do mundo. (1)

(1) — Bernardo de Vasconcellos, que Calogeras tanto enalteceu, chamando-o de estadista, era, entretanto contra as ferrovias, se revelando retrogado, e de espirito tacanho, segundo se verifica do livro citado sobre Bernardo, de Octavio Tarquinio de Sousa que nas pags. 241, diz:

“Como Thiers, em França, não acreditava em estradas de ferro e estava certo de que o capital empregado nellas não

Tudo isso, perpassava pela imaginação de Feijó, que parecia comprehender, com esse officio ao Marquez de Barbacena, o que as communicações ferroviarias representariam para o Brasil.

Óra isso tudo não era visão? Tudo isso não é videncia de estadista?

Com esses espantosos golpes de clarividencia innegavel e palpavel, o grande Regente não se recomendava como estadista?

Como, então, Calogeras, nega esses traços, na personalidade do supremo governante do paiz, nessa occasião? E os entrega a Vasconcellos o inimigo das ferrovias, o escravocrata?

Penso que, ao fazer o perfil moral do grande Regente, Calogeras, se tenha offuscado pelo brilho inconfundivel das excelsas virtudes, que exornavam o character dessa personagem.

Em Feijó, a sua força de tempera, a sua energia moral, a sua coragem civica, a sua lealdade, o seu extraordinario amor á sua terra, o seu liberalismo, a sua franqueza, o seu supremo desapego ás cousas, que diziam ao seu interesse pessoal ou aos seus, a sua simplicidade, eram tão fortemente assignalados, que qualquer outro factor moral ou mental, teria por força de ficar ensombreado por luz tão forte, emanada de sua tão vincada personalidade.

Penso que, só por isso, Calogeras não foi bem justo, com as virtudes de visão, e de homem de

teria remuneração, acrescentando que a "*Ferrugem as destruiria*"..."

O futuro se encarregou de provar que a visão de estadista não estava com Bernardo.

Entretanto Calogeras, um illustre engenheiro doublé de economista e de historiador quiz descobrir em Bernardo um estadista!

estado, que foi Feijó, das quaes deu mostras bem patentes.

Querer negar as qualidades de visão a esse homem extraordinario é negar a propria luz do sol.

No Brasil a ferrovia desempenha, duas funcções bem nitidas e bem distinctas:

- a) A economica
- b) A social.

A economia que é a que, a ferrovia exerce em todos os paizes do mundo, transportando dos pontos de producção em direcção ao consumo, os elementos economicos que o paiz elabora em seus diversos centros.

A social, que para o Brasil é a mais importante, é a consistente na que ligando os differentes nucleos humanos de povoamento, separados e diversificados pelas distancias, exerce uma funcção eminentemente uniformisadora de cousas deseguaes.

O Brasil não passa de um vastissimo archipelago, em que, ilhas numerosas estão isoladas uma das outras, não por um mar transponivel pela navegação, mas pelas distancias terrestres, transponiveis por vias ferreas. Esses nucleos humanos, isolados, se diversificam cada vez mais, recebendo a influencia moldadoras de ambientes externos que por sua vez sendo differentes, não poderiam moldar nucleos humanos a não ser em divergencia uns como os outros.

Por isso é que o rio S. Francisco ligando o norte ao sul por uma via navegavel, bem merece ser o rio nacional.

Para essa situação de elementos isolados, separados uns dos outros pelas distancias, Feijó cogitava de remediar com a estrada de ferro, unica terapeutica para esse diagnostico.

Como, pois, não querer attribuir qualidades de homem de estado, para quem raciocina assim?

Só mesmo se poderá explicar esse cochilo, o facto das mais virtudes de Feijó serem tão luminosas, que produziram no espirito do historiador verdadeira estupefação offuscante. (2)

Mas, não se cifra nisso a visão de Feijó; elle foi além. Elle previu com espantosa lucidez o facto do Rio Grande do Sul querer se separar. Foi ainda em uma carta do marquez de Barbacena, que reproduzo em alguns topicos do magnifico livro de Eugenio Egas, "*Estudos*", 199 e 200:

“Meu bom marquez. Ainda estou vivo, posto que cada dia mais descoroçoado de por a caminho esta maquina desmantelada onde faltam peças importantes para cuja factura não descubro por ora artifices.

.

(2) Oliveira Vianna, o persuciente sociologo brasileiro, no seu grande livro "*Evolução do Povo Brasileiro*", (Cia Editora Nacional, série Brasiliana), marca com uma justeza magistral e impressionante a seguinte norma sociologica, que, parece antecedida por Feijó: "a unidade de um paiz está na razão directa da intensidade da sua circulação".

Com esta norma, Feijó se propunha a manter integro o paiz, mas elle queria atalhar a causa mater da sua desunição.

Para isso seria preciso um maximo de circulação, o que podia ser obtido pela ferrovia.

Feijó raciocinava como sociologo.

Como negar a elle, a visão de estadista?

O que mais me assusta é o Rio Grande. Mandei para presidente o mesmo José de Araujo Ribeiro, e este até hoje ainda não se dignou escrever-me uma linha, desembarcando no Rio Grande onde se diz esperava respostas de officios de Porto Alegre para deliberar-se, e consta que, crescendo a anarchia ja duvidava-se de acceital-o emquanto a assembléa provincial não resolvesse, etc., etc.

VAI-ME PARECENDO INEVITAVEL A SEPARAÇÃO DA PROVINCIA, posto que com o tempo ella tornaria a voltar se o respeitavel publico consentisse nas medidas que se proporiam á assembléa geral e que ella sem duvida regeitará ou não decidirá;

.

Rio, 10 de Dezembro de 1835

Diogo Antonio Feijó (3) (4)

(3) — Walter Spalding vem de publicar um magnifico trabalho sobre a "Revolução Farrroupilha", de 1835 a 1845, na Companhia Editora Nacional, série Brasileira.

Procura o illustre historiador dos riograndense negar a feição separatista do glorioso movimento de Bento Gonçalves.

Aprecei immensamente o esforço do emerito homem de letras das cochilhas, mas cheguei a conclusões exatamente oppostas a do illustre escriptor gauchó, baseiando-me nas mesmas premissas estabelecidas por elle. E' possivel que a nossa divergencia seja apenas de interpretação do significado do termo — Federação —.

O manto federacionista com que Spalding, procurava cobrir o movimento Farrroupilha, é na verdade seguro. O movimento foi Federacionista, mas elle visava que o Rio Grande, antes de se federar com qualquer outra provincia brasileira, queria se separar do Imperio. Foi aliás o que se deu em relação a Republica Juliana. O Federacionismo dos valentes de Bento Gonçalves, de

Ora, ter um golpe de visão, como esse em relação ao Rio Grande do Sul, e ser taxado de facto de qualidades de estadista, é absolutamente clamoroso!

E' admiravel a previsão de Feijó, feita logo no inicio da guerra dos farrapos, quando em Dezembro de 1835, apenas dois mezes, ella havia estourado! Araujo Ribeiro só então, havia respondido sobre o resultado de sua missão!

Crecencio, de Neto e de outros heroes aos quaes presto a minha calorosa homenagem, não era antagonico ao separatismo. Elles haviam no combate do Seival feito a sua independencia e a Republica Riograndense e depois poderiam se federar com a parte do Imperio que quizesse.

Era uma Federação em que as unidades eram soberanas.

A Federação, referida por Spalding, parece ser semelhante a das 13 colonias anglo-americanas, ou a do actual Imperio britanico, ou ainda a Germanica dos Habsburgos, antes de Sadowa em 1866.

Nós, no Brasil, nunca conhecemos tal typo de Federação.

A Federação que a Republica nos deu, tem sido muito diferente!

As unidades brasileiras, ao envez de soberanas, ellas, nesta, eram simplesmente autonomas. Aqui a Federação tem sido unicamente administrativa.

(4) Ha quem julgue, essa carta a Barbacena, escripta em momento de depressão, causada por "condições pessoas pouco lisongeiras"; (Octavio Tarquinio de Sousa, "Bernardo Pereira de Vasconcellos", 165), pois alem do que acima está reproduzido, em materia de scepticismo, ainda ha os seguintes tópicos, bem suggestivos:

"Noticias vagas a de que em Pernambuco trata-se de promover a separação e de que emissarios nesse sentido se tem enviado á Bahia, onde a idéa não encontrou muita sympathia; comtudo Sergipe, Alagoas e Parahyba farão coro com Pernambuco. La se avenham; Deus os ajude..."

Diz comentando Octavio Tarquinio de Sousa, acreditando que Feijó estava deprimido, quando era apenas clarividencia e senso de responsabilidade que o empolgava, ao elle se desabafar com o amigo: "Estava longe o Ministro da Justiça de 1831-1832; e se

Então, nem sequer, se fallava em separação, a qual foi referida, quando só depois do famoso combate de Seival, o glorioso caudilho Antonio Neto proclamou a independencia do Rio Grande. Isso teve lugar a 11 de Setembro de 1836, isto é quasi um anno apoz a carta de Feijó a Barbacena.

E' verdade que Calogeras não acceita a thèse de que a guerra dos farrapos foi no sentido da separação!

E' isso admiravel em Calogeras um historiadô esclarecido, que deveria collocar a verdade historica, acima das suas paixões.

Hoje, pouca gente discute a these de haver sido no sentido da separação do Rio Grande do Sul a guerra dos farrapos.

Os trabalhos exhaustivos do dr. Alfredo Rodrigues varreram, a esse respeito, qualquer sombra de duvidas, que porventura pudessem ainda existir (V. Rocha Pombo "*Hist. do Brazil*" vol. VIII, 456). A independencia riograndense, foi proclamada solemnemente em Piratiny em 25 de Novembro de 1836, segundo se ve de Rocha Pombo, loc. cit. VIII, 464.

Aliás esse factô, isto é de poder Feijó ver claro nesse cháos a situação do paiz, que elle desanimado diz a Barbacena que o paiz era de difficilissima governação, segundo se ve do primeiro topico da sua carta acima.

seu character ainda era o mesmo, — autoritario, altivo, digno, se no homem predominavam os imperativos profundos que o fariam um typo de grandes virtudes, delle se apoderarão uma descrença incuravel".

O illustre escriptor "Bernardo Pereira de Vasconcellos" se enganava. Feijó então comprehendia bem o paiz que elle tinha a governar; elle apenas registrava factos e evidenciava situações.

CAPITULO XXI

QUESTÃO RELIGIOSA

Neste periodo da vida de Feijó, elle, como Regente do Imperio, teve de se esquecer mais uma vez que, era ministro de uma religião. Quando elle assumiu a Regencia já encontrou a questão do bispado do Rio de Janeiro, que vinha, desde, 1833, se demorando em notas e contra notas, entre a corte regencial do Rio de Janeiro e o Pontificado.

Feijó tinha que, por termo a esse estado de cousas.

Elle fora eleito bispo de Marianna, mas abnegado como era, desprehendido, como sempre se mostrára, Feijó não acceitou a nomeação, mas se empenhou com vigor na confirmação do bispo eleito para o Rio de Janeiro, o dr. Antonio Maria de Moura, que eleito, entretanto não havia sido confirmado, pensava-se que, por suas opiniões a proposito de varias cousas da religião, as quaes coincidião com as manifestadas por Feijó.

— *“Quanto ao dr. Moura a questão é outra. Faço o maximo empenho na confirmação desse titular da Igreja. E para tal vou até á separação da Igreja brazileira da de Roma.*

Assim refletia o Regente, a proposito dessa temerosa questão, em que elle se aprestava a travar luta, contra o cléro romano, indo até a originar um scisma.

Richelieu, tambem assim agiu, quando teve que enfrentar o poderio dos Habsburgo e mais o dos Felippes. Elle, então, se esqueceu que, era um sacerdote catholico e se alliou aos protestantes allemães, á Gustavo Adolpho da Suecia, a Bernardo de Weimar, para poder se contrapor aos "*lanskenets*" bavaros de Tilly ou aos mercenarios imperiaes de Wallenstein, impedindo que o catholicismo se reapoderasse do norte da Europa.

Nessa occasião Feijó, não era padre, elle cuidava, apenas, de defender os negocios do paiz. Essa abstração, não deixando que, a sua qualidade de sacerdote pudesse influir na marcha da regencia, eleva extraordinariamente o vulto do estadista clerigo, que lembrava o cardeal francez.

Mas, na questão religiosa suscitada por Feijó, que o havia activado em sua marcha, fora augmentada nas suas proporções; o fogo, que se alastrava do seu incendio tivera novo alimento com a missão, que o Regente confiára ao Marquez de Barbacena.

Este, não só, deveria dar maior acção, ao que fazia em Roma o diplomata Luiz Moutinho Lima, que desde 1833 tratava, junto a S. Santidade, do caso do bispado do Rio de Janeiro, como deveria arranjar na Europa duas familias de irmãos moravios, que vindas ao Brasil tratariam de civilisar os aborigens.

Com isso, a questão religiosa ficava cifrada em dois pontos, que se podiam articular dessa maneira:

1.º A questão do bispo do Rio de Janeiro;

2.º A questão da vinda dos irmãos moravios.

Ambas, essas partes da questão religiosa, agitaram muito o ambiente legislativo.

A opposição, que era a orquestra de Bernardo de Vasconcellos sempre prompta para se aproveitar de qualquer circumstancia, menos favoravel ao governo, desencadeiou violenta luta a proposito da questão religiosa, destacando-se dos que, mais enristavam suas armas contra Feijó, o mesmo Vasconcellos, o regente da "banda" desta feita tendo ao seu lado, como um heróe de Cervantes, tinha o seu Sancho, o melifluo Dom Romualdo, bispo da Bahia. Elle com a batuta em punho, promovia grande algazarra contra o governo.

Foi, o bispo aliás, quem rompeu os debates em torno da questão religiosa, atacando as instrucções, dadas por Feijó ao Marquez de Barbacena, a proposito da vinda dos irmãos moravios.

O arcebispo da Bahia, primaz do Brasil, marquez de Santa Cruz, pronunciou na sessão de 25 de Junho de 1836, uma arenga contra o governo regencial, na qual elle fallava repetidamente em Christo, em Deus, na Biblia, profligando a vinda desses elementos protestantes.

Mas a vinda desses irmãos, moravios, não era um attentado. O governo, não poderia merecer censuras por isso.

A civilisação do gentio, já não podia contar com gente catholica, do feitio dos velhos pregadores e doutrinadores desse quinhentismo, que se sublimou nos Anchietas, nos Nobregas ou nos que succederam a esses santos homens, como Belchior de Pontes. Era necessario que, a obra de christia-

nisação dos indios não parasse ahí. A quem recorrer? O governo regencial depois de estudar o assumpto, se inteirou que, esses irmãos moravios era a gente indicada. Não importava que, elles não fossem catholicos.

Feijó, como eu já assignalei,, não era ultramontano. Elle em materia religiosa, como de resto, era extraordinariamente liberal. Em consciencia, elle não usara a maldicta arma da intolerancia. Se elle, as vczes, era encarado como assecta, jamais rezara pela cartilha de um Torquemada. Elle não poderia realisar a missão inquisitorial, que fez famosa a confraria dominicana.

Assim Dom Romualdo, deu a primeira bicada de hostilidade na questão religiosa.

Vasconcellos, que como eu já disse era um opposicionista impenitente, inimigo rancoroso de Feijó, aproveitou a occasião, para lançar a sua véla ao mar (1). Mas o astuto parlamentar mineiro não quiz se cingir a, apenas, em tratar da questão dos irmãos moravios, que era unicamente a affectar preferencias, entre catholicos e protestantes. Vasconcellos, reconhecia que, Feijó nesse ponto, poderia se defender com successo. Essa

(1) Dizem que a inimizade entre Feijó e Vasconcellos teve inicio quando da feitura do Acto Adicional, quando Feijó, devolvendo o projecto preparado por Vasconcellos, dissera duramente "*não presta*": "(Octavio Tarq. de Sousa", Bernardo Pereira de Vasconcellos", pg. 167, citando Tobias Monteiro, "Vasconcellos o Grande". Edição do "Jornal", consagrada a Minas Geraes, pg. 12).

E' possivel que esse facto tenha tido lugar, mas eu creio que a inimizade de Feijó por Vasconcellos tenha tido origem muito mais remota.

parte deveria ser abordada unicamente por Dom Romualdo.

Foi assim que, elle preferiu atacar a Regencia, quanto a questão do bispado do Rio de Janeiro, se referindo ao modo, pelo qual, o governo havia se dirigido a S. Santidade, em nota dirigida a Santa Sé. Nesse terreno elle poderia ter mais vantagens, pois Dr. Moura não era um padre que pudesse ser beatificado...

Eil-o, Vasconcellos, na tribuna da Camara dos Deputados! A sua voz tonitroante ecoava pelas arcadas do velho edificio, verberando como um Jeovah, a chamar a contas no Paraizo a Adão e a Eva pelo crime commettido! Feijó, o puritano, tinha que defender o Dr. Moura, que positivamente não era um anjo...

A nota brasileira, dirigida ao Pontifice, nada mais era do que, uma copia da mesma, que Strangford, Lord Penhurst, dirigira a Sublime Porta, quando esse diplomata inglez jogara a espada britannica na balança em 1828, ameaçando os turcos, com uma guerra, se elles não reconhecessem a independencia da Grecia e da Servia.

Os turcos já atormentados pelo desastre de Navarin, em que os russos foram implacaveis, cederam ao ultimatum de Strangford.

Vasconcellos, via na acção brasileira, uma violenta imitação do que, havia feito a Inglaterra, e isso era contrario ás normas de bom governo, pois que, o estado não poderia legislar, sobre a religião catholica.

O eloquente parlamentar, sustentava, com calor de sua voz bem modulada, com a sua eloquencia persuasiva e com o rosario de argumentos,

que desfiava, o que o transformava na tribuna, dando a elle uma boa parecença physica, apczar do modo contrafeito, que cada vez mais tornava repulsivo o seu aspecto, a thése de que, a Igreja brasileira, era absolutamente dependente da de Roma e scria, até, uma impertinencia da parte do governo regencial, se intrometter em materia de investiduras.

Não ha duvidas que, a palavra atica do deputado da opposição, produziu effeito na Assemblcia, que o ouvia com grande interesse, pois que, Dom Romualdo de Seixas, não poude se conter, foi abraçar o orador, que depois de uma pathetica peroração em que fallava de Jesus Christo, fundando a Igreja, pae dos fieis, etc., havia conquistado o auditorio.

Dizem que o diabo depois de velho fez-se ermitão... Confirmava-se o brocardo...

A tal ponto, foi a cocega, que esse discurso fez em Dom Romualdo que, elle resolveu tambem cuidar do assumpto. Pois, não era elle um principe da Igreja? Não tinha elle tantas responsabilidades? Foi assim que, pediu a palavra e disse uma serie de cousas a favor da these, que com Bernardo de Vasconcellos defendia, entre as quaes, que Napoleão havia cahido porque prendera a Pio VII e que Pedro I, tambem, cahira porque, uma vez, seu governo prendeu bispos.

Óra ante esses signaes evidentes de pouca cultura e de raciocinio apoucado, a Assembleia teve a impressão de descahida, a formar um vacuo, sobrevindo, depois da vibrante oração de Vasconcellos, e essa impressão, mais ainda se accentuou, com a palavra limpida de Paula Araujo, deputado

bahiano amigo de Feijó, que ia tambem se manifestar sobre o assumpto.

O novo orador tinha boa memoria, mas mandára, por prudencia, buscar os annaes da Assembléa e abrira o volume referente aos trabalhos de 1827. Ahi, elle encontrára uma emenda justificada pelo mesmo Vasconcellos, na qual era sustentada doutrina exatamete contraria a que, elle defendia, com tanto ardor, nesse instante, e perfeitamente similar a que o governo havia adoptado.

Tratava essa medida, pleiteada por Vasconcellos em 1827, de tornar mais frouxos os laços de dependencia entre a Igreja brasileira e Roma. (Egas, loc. cit.). Foi um "*tableau*" de esbarrondar qualquer parlamentar. Vasconcellos ficou sem sahida! A sua derrota era visivel!

Uma gargalhada caudou essa contradicção manifesta, pois os assistentes dos trabalhos legislativos, viam a prova mais completa da falta de sinceridade de Vasconcellos.

Queimava, com cynismo, o que havia adorado e adorava o que havia queimado. (2) Como po-

(2) O proprio autor da biographia de Bernardo, o illustre Octavio Tarquinio de Sousa ("Bernardo Pereira de Vasconcellos", pg. 168) dizia esse proposito:

"Em 1827, seus principios sobre a materia não eram muito orthodoxos, como se encarregou de demonstrar Paula Araujo, lendo, tambem debaixo de muitas risadas, a emenda então offercida por Vasconcellos, recomendando ao governo que fizesse uma concordata com a Curia Romana. A proposta de 12 de julho de 1827, cheirava a heresia; cheirava como carne de hereje assando na fogueira...

Era a disciplina da Igreja a criterio da nação brasileira, a Camara regulando o exercicio do direito do padroado, o arcebispo da Bahia com poderes para desmembrar dioceses,

deria o illustre parlamentar mudar de modo de pensar, a ponto de querer sustentar uma doutrina exatamente antagonica a que havia pregado em 1827? (Eugenio Egas, loc. cit.)

Mas afinal, não havia motivos para tanta ce-leuma. A questão com a Santa Sé havia attingido uma situação, que não seria possível recuo sem quebra de dignidade. A nota brasileira, criticada pela opposição ao governo regencial era, nada menos que, um ultimatum. Não seria possível que, esse ultimatum, fosse offerecido em termos dulçurosos, como se fosse acompanhar uma caixa de bon-bons. Eis os termos das instrucções que, o governo regencial mandára ao marquez de Barbacena, afim de forçar a Santa Sé que, não queria ceder:

“Illmo. Sr. Levei á presença do regente em nome de S. M. o imperador o officio reservado n. 22 que V. Mce. dirigio em data de 15 de dezembro passado transmittindo a nota em que o secretario de estado de sua santidade respondeu ao ultimatum que V. Mce. apresentara relativamente ao negocio das bullas de confirmação do bispo eleito do Rio de Janeiro.

O regente tendo lido attentamente a dita nota e a memoria que a acompanhava; e bem assim o officio de V. Mce., ordena que V. Mce.,

confirmar bispos, secularisar regulares etc. E a indicação concluia assim: Se a Corte de Roma se recusar a uma tão orthodoxa como interessante negociação, o governo observará a disciplina dos bons seculos da Igreja”.

Que homem coherente o sr. Vasconcellos!

não dê nem accete mais explicação alguma a respeito daquella questão; pois que sendo o principal fundamento da recusa, o professor o bispo eleito doutrinas oppostas ás do santo padre, mas inteiramente de accordo com as do governo imperial, não é possível o mesmo governo fruste as vantagens do direito de apresentação, que não teve nem tem outro fim mais do que não admittir no meio da sociedade civil, um homem de tanta influencia qual um bispo, que professasse principios contrarios ás maximas fundamentaes de todo o governo regular.

Por isso, seja qual for o desfecho futuro deste negocio, o governo imperial trahiria a nação, si em qualquer tempo apresentasse para bispo um sacerdote que professasse, que o governo imperial não tem direito de estabelecer condições que regulem a validade do contracto do matrimonio, ou que sobre elle nada possa determinar sem o accordo de outra autoridade inteiramente extranha aos negocios civis; que o governo temporal não tem o direito de por contribuições no seu Estado para as despesas do culto, e de seus ministros, ou que não possa exigir delles condições e serviços proprios do seu ministerio, para ter jús a congrúa, que por esse motivo se decreta.

Taes são em ultima analyse os principios da Santa Sé, que nenhum direito tem de recusar o bispo apresentado, excepto no caso unico de ter elle alguns dos impedimentos canonicos que a mesma Santa Sé não costuma dispensar; e não quando o apresentado pro-

fessa principios oppostos aos do Santo Padre, posto que approvados por insignes doutores catholicos, e seguidos ha muitos seculos pelos governos mais illustrados, e sem nota de erro ou innovação. Em taes circumstancias, o governo imperial firme em sustentar seus direitos e a dignidade da nação que representa, levará este facto ao conhecimento da assembléa geral, que possui os meios legislativos de terminar a questão; mas emquanto isto se não faz, estando o Brazil á mais de duas mil legoas de distancia de Roma, sendo já difficilimo o recurso ao chefe da igreja universal, achando-se por isso autorisados os prelados ordinarios pela lei da necessidade a fazer tudo quanto necessitarem os fieis; o governo imperial negará licença para que estes recorram em caso algum ao Santo Padre, ou a seus delegados, até que elle melhor convencido da justiça do mesmo governo, deixe de recusar o que lhe é devido pelos proprios canones da igreja, pela conveniencia publica, e pelo decoro da magestade que exerce e representa.

Não obstante este proceder o governo do Brazil continuará as relações amigaveis com a corte de Roma, e reconhecendo o santissimo padre como chefe da igreja universal, lhe rende o respeito e veneração devidas ao alto emprego a que a divina providencia o ha elevado, e não cessará de obedecer-lhe naquillo em que a religião o obriga, e em tudo o mais que for compativel com a dignidade e decoro do throno, e com os interesses nacionaes.

O que tudo participo a V. Mee. para sua intelligencia e execução podendo si lhe parecer conveniente communicar este despacho ao santo Padre, ou fazer delle o uso mais acertado, conservando-se em Napoles emquanto se não determinar o contrario.

Deus guarde a V. Mee. Palacio do Rio de Janeiro, 24 de março de 1836.

José Ignacio Borges .

(Eugenio Egas, loc. cit. "Estudos", 204 e 205).

Óra esse documento respira altivez, dignidade, e linha.

A opposição na Assembléa teria motivos para criticar a acção do governo regencial, se porventura elle não tivcsse sabido zelar pela dignidade nacional.

Essas linhas mostram a continuidade de Feijó na sua orientação psychologica, em ser sempre sincero, leal, roçando, as vezes, pela excessiva franqueza, que se aproximava da rudeza.

Apezar disso, porem, o documento transcripto é de grande delicadeza e suavidade no modo de explicar o ponto de vista, em que haviam collocado os dirigentes do paiz. Era como uma bola de ferro envolvida por velludo, ou uma pilula amarga coberta por camada de assucar dulçuroso.

Aproveitando-se disso, a opposição do sanhedrim parlamentar brasileiro, da qual era grão pontifice Bernardo de Vasconcellos, desenvolveu energica campanha contra Feijó.

O trabalho do Regente, entretanto, foi brilhante, em defesa do decoro do paiz. Estava-se, bem

longe, dos tempos mediévos, quando os soberanos se aterrorisavam, ante as excommunhões, que a Santa Sé manejava com presteza, para abater as vontades recalcitrantes dos monarcas de então. Feijó não tinha medo de cousa nenhuma, nesse sentido. Podia a Santa Sé baixar bullas para esse fim. Elle pouco se incommodaria, uma vez que, estivesse consciente de que se expunha assim, para defender o ponto de vista de seu paiz, que por nada nesse mundo podia ser desprestigiado.

Não era, porventura, Feijó descendente daquelles féros sertanistas seiscentistas, que depois de haverem destruido e conquistado o Guayrá, desprezaram a bulla de excommunhão, que o Reverendo Dias Taño, havia trazido da Europa?

Elle, Feijó, tambem, haveria de agir da mesma maneira!

Pouco depois o monsenhor Fabrini, nuncio apostolico, representante no Rio de Janeiro de Sua Santidade o santo padre, quiz resolver a situação, que caminhava rapidamente para uma Igreja gallicana, que se formava no Brasil.

Foi assim que, Roma havia deixado que a Inglaterra de Henrique VIII, se separasse formando a seita protestante anglicana. Tivesse a corte de Roma ouvido as palavras do cardeal Wolsey, na primeira metade do quinhentismo, os inglezes, hoje ainda estariam a sombra da religião de Roma. ("Henry VIII", Francis Hackett).

Mas o monsenhor Fabrini, não conhecia a tempera de Feijó. Elle pensou que, o paulista se deixaria levar pela ambição. Elle ignorava que, o barro de que era feito o Regente. Tinha este uma fibra differente de tudo quanto o monsenhor

illustre tinha visto. Feijó era a abnegação em pessoa. A esse respeito S. Francisco de Assis, teria encontrado nelle um dos seus melhores adeptos.

O Monsenhor Fabrini, por isso, disse, certa vez a Feijó:

— Pois bem. O padre dr. Moura vae para a diocése de Mariana e V. Excia. ficará nesta do Rio de Janeiro. Assim fecharemos o incidente diplomatico.

— Sinto, monsenhor, mas não posso acccitar. Respondeu Feijó, com firmeza, mas cortez... Não se trata de pessoas, mas sim de prerogativas do governo imperial. Desculpe-me V. Excia. eu não serci bispo do Rio de Janeiro, esse lugar é do padre dr. Moura. (Eugenio Egas, loc. cit).

Naturalmente o monsenhor Fabrini se espartára, e essas palavras, eram mesmo admiraveis, pois a attitude de Feijó, com ellas subia ao epico. Elle não se vendia pelo bispado do Rio de Janeiro.

A questão religiosa, não teve epilogo, com a sahida de Feijó da Regencia.

Ella não teve solução, com a descida de Feijó dos degráus do throno.

O padre, que era accusado de, haver querido implantar um scisma religioso, que fizesse apparecer uma Igreja brasileira, separada da de Roma, como a da Inglaterra o fôra no tempo de Henrique VIII. O sacerdote paulista, esse emulo de Calvino, pelas virtudes, que exhornavam a sua alma rigida de apostolo, era apontado como a querer formar uma Igreja independente, como a Igreja da Gallia, se postara outrora, fóra da orbita do Santo Padre de Roma. Entretanto, elle não tivera semelhante intento.

De facto, não se encontra, outra declaração, emanada de Feijó, que não seja no sentido de, continuar a obedecer ao Papa, a quem trata, com toda a respeitosa deferencia, como o representante de Christo na terra.

Feijó, sempre se mostrou, em toda a immensa documentação que vistoriei sobre elle, de uma absoluta e firme vontade de permanecer no seio da Igreja de Roma.

Não ha o menor fundamento na versão, de haver o magno sacerdote, querido implantar um credo gallicano, que escapasse da influencia da corte de Roma.

Penso que, os que isso dizem, o fazem de boa fé, sem duvida, não tendo sabido porem se immunisar das paixões, que lavravam intensas, como incendios em macega, no recinto do Parlamento, durante a Regencia de Feijó, quando se debateu a famosa questão religiosa. (3) O que se pode no-

(3) A prova mais robusta da absoluta catholicidade do padre Diogo Feijó está na carta que elle quando Regente recebeu do papa Gregorio XVI, a qual é a seguinte:

“Ao nosso amado filho e illustre personagem Diogo Antonio Feijó, Regente do Imperio do Brasil, Gregorio, Papa XVI.

A tua carta do dia 21 d Outubro do anno proximo passado, preclaro e querido filho, trouxe-nos a noticia de te haverem confiado o importante e elevado emprego para que, em nome do Nosso Carissimo Filho em Christa, Pedro Imperador do Brasil, rejas o Imperio durante a sua minoridade.

Nós recebemos com intenso prazer este cumprimento endereçado pela tua nobreza para conosco. E, na verdade, elle se nos tornou mais agradavel, por isso que, juntamente prometteste empregar os teus esforços para a união do Imperio Brasiliense com esta Sé Apostolica, vigore e permaneça intacta.

tar no trabalho do Regente, junto ao Pontífice é a linha mais absoluta de altivez, é o ponto de vista, mais elevado da dignidade em que elle queria ver seu governo.

Frente a um poder, que elle não desejava e nem consentia que, ultrapassasse a sua esphera de dominio, Feijó soube conservar uma posição,

Louvamos á medida desmerecimentos esta optima intenção, dignissima do cargo que representas, e na mesma te confiamos quanto podemos, segundo o Ministro do Nosso Apostolado. E, pois, confiamos com toda justiça que a tua eleição concorra para o bem do povo Brasiliense, principalmente nas cousas relativas á Religião, e o nosso espirito fique livre da afflictissima solitudine, que ha tanto tempo o penalisa por motivo daquelle negocio, á que se referem as letras de 22 de Novembro do anno proximo findo, de ordem nossa, enviadas pelo nosso amado filho Thomaz Bernetti, Cardeal da Santa Igreja Romana, então Secretario d'Estado.

Ficamos plenamente convencidos que tu, examinada a verdade das cousas ahí expressas, e tomadas em consideração as justissimas queixas desta Santa Sé, dareis uma resposta conveniente aos nossos votos, a qual esperamos com anhelo; e assim, de certo resultará tornar-se cada vez mais firme o circulo de união entre a mesma Sé e a Nação Brasiliense, na conformidade dos teus desejos e dos nossos.

Entretanto, penetrados da mais profunda humildade, rogamos ao Deus das luzes e Pae das misericordias, que derrame os copiosos auxilios de sua graça celestial sobre tua excellencia e toda a Nação Brasiliense, e com especialidade sobre Nosso Carissimo Filho em Christo, Pedro, Imperador, que para o bem da mesma Nação cresce; e como indício de taes beneficios e tambem penhor do nosso amplo e cordia lamor paterno, damos amatissimamente a Benção Apostolica, ao dito Imperador, a ti, e a todo o povo do Imperio.

Dada em Roma no dia 10 de Março de 1836, sexto do nosso Pontificado.

E' preciso se ter em mente que essa carta foi escripta quando estava no ange a luta chamada questão religiosa, a proposito do bispo do Rio de Janeiro.

nessa questão com a Santa Sé, em que, se vê uma serena energia, agindo, por intermedio de uma cordialidade e delicadeza manifesta. Elle foi, de facto *suaviter in modo et fortiter in re*.

Se elle cedesse, teriamos a implantação da desordem dos negocios ecclesiasticos, sendo resolvidos exclusivamente pela corte da Santa Sé. Isso seria intoleravel! Assim, se ergueu Feijó com aquella firmeza de atitudes que fez espanto. Mas disse á separação da corte de Roma, vae um abysmo, que só poderia caber nos cerebros interessados na opposição do Bispo da Bahia, do deputado Vasconcellos e seus alliados, Honorio Hermeto, Miguel Calmon e outros.

Mas, essa questão religiosa, não sendo resolvida, durante o periodo regencial de Feijó, deixando, sem supremas autoridades episcopaes as diocéses de Marianna e do Rio de Janeiro.

O caso do bispado de Marianna, referente a Feijó, não tinha a menor importancia, pois elle nunca fizera a menor menção de acceitar, tão honroso cargo, mas o bispado do Rio de Janeiro, em que o dr. Moura estava envolvido, era o pomo de discordia atravessado na garganta das cortes carioca e romana.

Feijó, só em 1838, no mez de Setembro, fazia publicar no "*Observador Paulistano*", uma declaração, em que timbrava na sua acção, bem como na desistencia do bispado, para o qual fora eleito. Essa sua declaração, longe de ser uma retractação, era antes uma persistencia nos seus pontos de vista:

"Tendo eu escripto alguma cousa sobre diferentes pontos de disciplina ecclesiastica,

havendo também pronunciado alguns discursos na camara dos Srs. Deputados sobre o mesmo objecto; ainda que esteja convencido da mesma doutrina, e tudo isto fizesse persuadido que zelava da mesma igreja catholica, de quem sou filho e ministro e que attentava a bem da salvação dos fieis: comtudo constando-me que algumas pessoas extranhão, não só minhas opiniões como algumas expressões pouco decorosas á mesma igreja e ao seu chefe; não querendo eu em nada separar-me da igreja catholica, e ainda menos escandalisar pessoa alguma; por esta declaração revogo e me desdigo de tudo quanto pudesse directa ou indirectamente offender a disciplina ecclesiastica, que a mesma julgar deve ser conservada, ou a pessoa alguma.

Esta minha declaração he espontanea, filha unicamente do receio de haver errado, apezar das minhas boas intenções; e he tanto mais desinteressada que, ha pouco, acabei de declarar ao governo de S. M. I., que eu nunca acceitei a nomeação de bispo de Marianna, nem a carta de apresentação que então se me quiz entregar. Deus queira que se algum escandalo hei dado por causa de taes discursos e escriptos, cesse elle com esta minha ingenua declaração.

São Paulo, 10 de Julho de 1838.

Diogo Antonio Feijó.

(Eugenio Egas, loc. cit.).

Essa declaração de Feijó, nada adeantava para o caso, pois que, com relação ao bispado de Ma-

rianna, não havia a menor duvida, uma vez que, o egregio sacerdote, nunca acceitára aquelle cargo. Alem disso, a declaração, em nada veio modificar a situação, pois ella só transpira que, Feijó permanecia coherente como elle era, no mesmo ponto de vista da doutrina esposada, só retirando qualquer falta de cordura em qualquer expressão mais forte, em relação a Igreja. Mas, ao menos, essa declaração serviu para mostrar que, aquella luz, que era a psychologia do insigne sacerdote, ainda espargia uma claridade offuscante, em materia de firmeza de convicções.

Feijó não abdicava dellas, não obstante haver decorrido um prazo de muitos annos de, quando, elle assim se manifestára. Feijó era sempre o mesmo homem coherente, sincero, leal, nobre, franco, que não mudava. Elle não tinha, de facto, inclinação para ser, como Clovis rei dos francos, a quem o bispo de S. Remigio dissera ao baptisal-o:

“Curva-te rude cicambro, adora o que queimaste, e queima o que adoraste”.

Feijó seria incapaz de abjurar um principio.

Os horrores da noite de Sta. Barthelemy, não o obrigariam a transigir.

Como elle era differente de Henrique IV, para quem *“Paris valia bem uma missa”!*

E como era differente Feijó do dr. Moura, o bispo eleito do Rio de Janeiro, que não teve duvidas em assignar a sua retractação, a mais formal e inequivoca de tudo quanto houvera divergido, da corte da Santa Sé, bem como a sua renuncia ao bispado do Rio de Janeiro, para o qual fora eleito.

(Calogeras, "Política exterior do Imperio", vol. III, 159 a 161)!

Essa retractação, simbiotizada de renúncia, foi dirigida a Bernardo de Vasconcellos, ministro do Imperio com a data de 1.º de Outubro de 1838.

Com isso, se solucionava a questão religiosa, a qual teve duração, não porque quizera Feijó, originar um scisma religioso, fóra do catholicismo apostolico romano, mas unicamente porque elle, era um homem recto como uma vertical, entre a justiça e a liberdade. Elle não quizera transigir com a dignidade nacional, a qual periclitaria diminuida e conspurcada, se não houvesse firmeza em defendel-a.

Feijó bem mereceu da Regencia e bem mereceu da religião a qual elle se devotava como filho que era e como ministro.

CAPITULO XXII

A GUERRA FARROUPILHA

Os phenomenos sociologicos, nem sempre se exteriorisam, de modo a patenteal-os aos olhos inexpertos. Elles se occultam, como muitas molestias, que precisam ser diagnosticadas, e demandam, muitas vezes, um grande esforço de observação raio X, exames, analyses etc. para que tenham uma terapeutica exacta.

Grupos humanos isolados, durante um certo tempo, tomam por força as características, que os ambientes geographicos e sociais moldam nelles.

Isso é fatal!

Com o tempo, elles, sem communicações, com os demais, vão tomando alma propria, costumes proprios, sentimentabilidade propria, em divergencia com as demais, tendo interesses economicos, que lhe são moldados pelo ambiente physico, que os obriga a certas directrizes com desinteresse pelas outras.

O Brasil, sendo um paiz muito vasto territorialmente, e possuindo muitos ambientes externos; tantos, quantos são as partes geographicas do paiz, e não tendo communicações faceis entre ellas, se expunha a ter constantemente, movimentos, que se

exercitavam, com cegueira, para o phenomeno, que não se furtava muito ao conhecimento dos dirigentes do paiz.

Assim, o Brasil, já, havia tido contacto com essa serie de movimentos, que o deveriam abalar profundamente em seus alicerces.

Mas nunca, diagnostics seguros, eram feitos, em relação a esses sentimentos de mal estar, que muitas vezes, estouravam com violencia em movimentos subversivos, os quaes as vezes tomavam aspectos differentes, daquelle que causava esses continuos desassocegos. Por isso, se faziam diagnostics differentes e ministravam-se muitas vezes, terapeutica menos exacta, para os males, que appareciam mascarados.

Eis, por exemplo, a revolução pernambucana de 1817! Esse movimento foi de facto no seu amago uma manifestação contra o regimem do reino de Portugal.

Entretanto, elle surgiu como uma manifestação de republicanismo. Era um fundo nativista, que o occasionára, mas os martyres dessa revolução, foram executados como republicanos.

Em 1824 arrebentou, novamente, um surto regional no Nordeste.

Não deram a esse symptoma, a significação, que na verdade elle tinha.

Era uma tentativa violenta para a autonomia da região.

Ficou o movimento por incomprehendido.

Surgiu no Pará outra tentativa, que nada mais foi do que a repetição, mascarada da luta pela autonomia local.

O Ceará, até 34 conheceu, com Pinto Madeira, outra tentativa no mesmo sentido, mas com a mascara de movimento restaurador.

O paiz estava desassoçado, pois que, cada grupo humano, localizado em cada provincia, fazia força para o lado, onde lhe ditavam a sua mentalidade, a sua sentimentalidade, os seus interesses economicos etc.

Isso era natural!

Não ha duvida que, as medidas legislativas constantes do Acto adicional, já eram dirigidas para evitar isso.

Mas as medidas que, deveriam satisfazer os anseios dos grupos humanos isolados nas suas zonas geographicas, não deveriam ser tomadas homeopathicamente.

Eram precisas doses allopathicas desses remedios, para que, fosse evitada a cirurgia de entrar com os seus serviços, o que seria tragicamente lamentavel.

Isso, ainda, não foi comprehendido, e é por essa causa que, o Brasil tem tido vida atribulada, desde o inicio do seculo XIX, quando teve existencia autonoma.

De accordo com o que ficou exposto, era perfeitamente natural que, quando coincidiram todas as circumstancias favoraveis, deveriam estourar movimentos, nos extremos do paiz.

Para esses extremos as communicações se faziam mais difficilmente, e ellas se aproximando de nucleos exóticos, mais se differenciavam dos outros.

Assim, muito logicamente surgiram os movimentos no Pará, no extremo norte e no Rio Grande

do Sul. Esses movimentos tiveram lugar, já quando, no fim o período trino de regencia.

Feijó, assumiu em Outubro, o governo e o movimento riograndense teve inicio em Setembro.

O Regente sabia que, não é com vinagre que se apanham moscas.

Por isso elle não queria usar da violencia contra os gaúchos.

Elles lutavam, não por maldade, mas tocados por uma força que emánara da propria corte. Tanto mais que, Feijó tinha que, enfrentar, ao mesmo tempo, dois movimentos muito serios. Era preciso cuidar de um, enquanto que, mantinha o outro a espera.

Foi o que, fez Feijó.

Escolheu o Regente, em primeiro lugar o Pará, afim de ahi desferir o primeiro golpe.

Como não eram muito abundantes os recursos do Imperio, elle não poudé tomar a offensiva concomittante, nos dois theatros de guerra. Mandou primeiramente todos os recursos para o Pará.

Feijó agia com sabedoria. Não queria dividir as forças. Ah, se elle fizesse, seria batido nas duas partes! Preferiu ser victorioso na Pará, enquanto que contemporisava no concernente ao Rio Grande.

Esse proceder contemporisador, tinha de ser incomprehendido pelo Parlamento, onde Feijó foi rudemente atacado ouvindo-se a palavra do deputado Vianna, a clamar que .

“As medidas tomadas pelo governo em nada tem contribuido para a pacificação do Rio Grande, se não mostram sympathia e attenção para com Bento Gonçalves, o governo

só o poderá explicar". (Eugenio Egas, loc. cit.). (1)

O governo era visto, como que, a achar o movimento gaucho, como natural.

Fabio o cuntactor, não foi substituído no commando das legiões romanas frente a Annibal, pelo Senado Romano, que não comprehendia a sua estratégia? Tiveram Varrão! Tiveram Cannae!

O parlamento brasileiro, também não comprehendia a politica de Feijó, para com o Rio Grande e foi assim que, as criticas surgiram no scenario do Parlamento, até que, a 16 de Maio de 1837, quando, ainda, a guerra dos farrapos, não havia assumido proporções de incendio total, foi apresentado pelo deputado Ferreira França o seguinte projecto em relação aos gauchos:

Art. 1.º — Na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul eleger-se-á pela forma actualmente estabelecida uma assembléa provincial extraordinaria.

(1) — A proposito da situação do Rio Grande do Sul, Octavio Tarquinio de Sousa, o illustre escriptor que traçou o perfil biographico de Bernardo de Vasconcellos, o chefe maestro da orquestra, que no Parlamento fazia brava e eloquente opposição ao governo de Feijó diz no seu magnifico "Bernardo Pereira de Vasconcellos", 170 e 171, o seguinte:

Ao mesmo tempo exprobou ao governo a attitude assumida em face da revolução do Rio Grande do Sul, reputando-a fraca, errada e inconsequente. — Na hora em que o Ministro da Justiça declarava á Camara que havia um plano de separação da provincia, o que o governo fazia era offerecer amnistia aos rebeldes! Era a technica de que Carias tanto usaria e com exito, que Feijó adoptava.

Vasconcellos queria a repressão, queria que os rebeldes fossem batidos".

Art. 2.º — A especial missão desta assembléa será declarar em nome da provincia — si quer ou não continuar unida ás mais provincias do Brasil.

Art. 3.º — Si declarar que não quer continuar unida, ficará por este facto desunida, e como tal reconhecida, e entre ella e o governo do Brazil se celebrará um tratado de indemnisação.

Art. 4.º — Si declarar que quer continuar unida então:

1.º — ficarão esquecidos todos os acontecimentos revolucionarios;

2.º — eleger-se-ão pela forma inteira destas eleições, deputados da provincia, para a assembléa geral, e trinta e seis deputados para a assembléa provincial ordinaria que deixarão de ser de 28 deputados e continuará a ser de 36;

3.º — pelos mesmos eleitores se procederá a eleição de um presidente para a provincia, pela forma da eleição dos senadores, para o governo geral escolher um dos da lista triplice proposta pela provincia;

4.º — a eleição deste presidente se renovará todas as vezes e pelo mesmo tempo, que a eleição da assembléa legislativa provincial;

5.º — uma das attribuições deste presidente será a nomeação do commandante das armas da provincia e dos serventuarios de quaesquer empregos que se servirem na provincia;

6.º — a assembléa provincial decretará socorros aos infelicitados pela revolução;

7.º — proporá a assembléa geral o numero de representantes da provincia, pelo qual a provincia deve ser representada na representação nacional;

8.º — legislará sobre todos os objectos de interesse provincial, com resalva dos interesses de outras provincias e dos tratados.

Art. 5.º — Esta lei será publicada naquella provincia quanto antes, e enviada officialmente a todos os partidos existentes nella". (Eugenio Egas, loc. cit.).

Esse projecto foi apresentado mais ironicamente, mas Feijó não tinha força moral para se oppor a elle.

Não se estribava elle, porventura nos principios liberaes, que haviam alicerçado a indicação de Feijó, apresentada nas cortes portuguezas? Qual a differença de moral, entre esse projecto e a indicação de Feijó, nas cortes portuguezas de 1822?

Não se baseiava esse projecto, na livre manifestação da vontade dos povos e na não sujeição de um povo, contra a sua vontade, por outro? Combater a base movel desse projecto não equivalia a combater que fizera Feijó, em Lisboa, em 1822. (2)

(2) — Walter Spalding publicou um magnifico trabalho sobre a Revolução Farrroupilha no qual elle se esforça em querer substituir o caracter separatista do movimento por um espirito federacionista. A meu ver o esforço de Spalding é inutil. As premissas

Feijó Regente em 1837 não poderia ser contra os princípios, que estribaram a acção do padre Feijó, deputado ás cortes portuguezas em 1822.

Elle, então, não poderia, sem quebra de linha de coherencia, ser contrario, ao que elle pregava antes.

Se em 1822 elle pedira, para que os portuguezes reconhecessem a livre manifestação da vontade dos povos e dissera não ser moral um povo, querer manter sujeição sobre outro, contra a vontade e os interesses desse outro, como poderia, agora Feijó, desejar suffocar a vontade do povo gaúcho e querer pela força e pela violencia, pelo peso das armas e pela somma de recursos bellicos, manter a dominação brasileira no territorio dos pampas? Não era isso honesto.

firmadas pelo illustre historiador gaúcho nos levam exactamente ao fim que elle quer evitar. Eu apenas constato um facto. Claro que isso não elimina o caracter federacionista do movimento de Bento Gonçalves. O caracter federacionista não contrariava o espirito de separatismo da provincia. Ella poderia, e este sempre me pareceu ter sido objectivo da gente de Piratiny, se separar, para depois se federar, com qualquer outra parte que igualmente se tivesse separado do Imperio.

Aliás foi isso que os republicanos riograndenses fizeram com a Republica Juliana. Federaram-se a esta. Eu não justifico o facto, apenas o interpreto o que se deu ha mais de um seculo passado.

A Federação dos gaúchos era um regimen que nós não chegamos a conhecer, pois as partes tinham soberania; emquanto que a Federação que tivemos, depois de 1891, as partes brasileiras só tinham autonomia.

Não sei se Bento Gonçalves foi contrariado pelos seus commandados, depois dos combates do Seival e da ilha do Fanfa. Tenho de Bento Gonçalves a impressão de um idealista que bravamente soube sustentar o seu objectivo no campo da luta. Bento Manoel Ribeiro, foi lhe muito inferior. Pela segunda vez elle tristemente se evidenciou. Elle foi um simples vingativo. Nisso Spalding tem razão.

E Feijó era a personificação da coherencia. Elle não renegaria jamais, por preço algum, o que elle havia sustentado, com tanta coragem, frente aquella assembléa de fanaticos em Lisboa.

Pois se isso, condizia admiravelmente com o seu espirito liberal! E, não era, porventura, essa jornada, uma das mais floridas a engrinaldar a sua frente de apostolo idealista?

Por isso é que, Feijó foi accusado de manter sympathias pela guerra farroupilha. Elle não poderia renegar o que constituia uma das suas maiores glorias.

Mas como não ter benevolencia para com um povo avido de liberdade?

Ungido pois, desses mesmos sentimentos de puro liberalismo é que, Evaristo na Assembléa clamara pela amnistia desde 1836, e no rumor com que, a sua voz escoava, parecia de ouvir a voz cava de William Pitt, o velho, em uma das suas maravilhosas peças oratorias no Parlamento de Westminster, a clamar contra o obtuso governo de Lord North, que não queria em 1776 conceder franquias aos norte-americanos.

“Não receio encarar a questão pelo lado impopular. Estou acostumado a arrostar a impopularidade, assim como estou acostumado a ser ás vezes popular.

Não me deixo levar pela popularidade do dia, nunca fiz corte a partidos, e se com algum marchei, foi porque entendi que a opinião desse partido era a mais conveniente para o bem da Patria”. (Eugenio Egas, loc. cit.)

Dir-se-hia assim o éco da voz allucinada de Lord Chathan, depois de Lexington:

“A America presume ella se emancipar e proclamar a sua independencia? Tal era a vossa linguagem; mas o juiz mais inflexivel não castiga uma parte sem a ouvir: castigat auditque”.

Essa era a thèse de Feijó, nas cortes portuguezas. Como ir agora contra ella?

Como não ter sympathias pelos gaúchos intemeratos, que de armas nas mãos, esses centauros valentes de Bento Gonçalves, só pediam que lhes dessem a liberdade?

Não era, porventura, Feijó o apostolo da religião da liberdade? Não rezava elle pelas sublimes palavras de Byron no seu maravilhoso “*The prisoner of Chillon*”:

“Eternal Spirit of the chainless Mind!
Brightest in dungeons, Liberty thou art,
For there thy habitation is the heart—”

Alem desse natural pendor, pelo glorioso movimento dos pampas, o Regente, devia usar o cerebro e não os pés, para raciocinando conservar unido o paiz, que assim, lhe fora entregue.

Como deveria Feijó, agir para attingir esse objectivo?

Naturalmente as suas preferencias, estavam nas lanças de Bento Gonçalves, de Antonio Neto, esses que empenchados de ideaes gallopavam, pela vereda do sacrificio, tendo como luz sublime a os guiar, a liberdade de sua terra,

Ninguém poderia deixar de, em sã consciencia, ter sympathias pela causa desses bravos cyclopes, que arrostavam, na via crucia de uma guerra, dentro de sua casa, as armas imperiaes.

Não eram, porventura os mesmos principios, que encinavam as pretensões brasileiras, quando o guante de uma féra dependencia de Portugal, cahia, como um peso enorme, sobre os habitantes deste continente?

Assim, foi uma clarinada de victoria a noticia alviçareira do combate do Seival, em que as armas rudes de Antonio Neto, haviam mais uma vez abatido as aguias imperiaes de Silva Tavares, como havia sido um dia de luto, quando surgiu a noticia do combate da ilha do Fanfa, que foi a simphonia da morte, para o exercito libertador. O que estava em jogo não era apenas a liberdade do Rio Grande, era sim um principio, para o qual haviam os brasileiros appellado em 1822.

Mas Feijó, não podia seguir o imperio de seu coração.

Elle, sendo um adepto fervoroso da liberdade, era o Regente do Imperio, que elle devia conservar.

As suas preferencias sentimentaes, não deviam transpirar. E ellas, não transpiraram, senão pela fimbria, que o Parlamento levantava ligeiramente, criticando a amnistia, que Feijó queria dar aos rebeldes e, que a voz de Evaristo, como em um dolente canto de cysne, com toda a sonoridade agónica, dos que, sentem proximo o seu fim, sustentára em um dos seus maravilhosos discursos, como se fosse um clarim tocando com tristeza as notas

lugubres e chorosas do recolher, em uma hora languida de um melancólico entardecer.

Mas como, eu dizia, Feijó, deveria agir com o cerebro. Por isso, elle quiz empregar a suavidade, a cordura, a bondade com os gaúchos, pois que esse era o melhor meio de os levar novamente ao aprisco.

Não estava ahi patente o exemplo das colonias anglo-americanas?

Não era porventura o volume que enfeixava os discursos de Pitt o velho, o livro de cabeceira do Regente?

Como empregar vinagre para caçar moscas?

Mas, não seria preciso ir até a America do Norte, para buscar um exemplo, que em casos como esse do Rio Grande do Sul, não deveria ser usada a compressão. Esta poderia vencer, mas só depois que, tivessem corrido torrentes de sangue, e depois de haver reduzido o paiz a um montão de ruinas fumegantes.

Não era esse o objectivo de Feijó.

Elle precisava de paz e de ordem, mas não, a tal preço.

Por isso é que o homem de ferro, o homem que no ministerio da Justiça ordenava que levassem tudo a ferro e fogo, mudára de armas. Feijó ainda era o mesmo, a posteridade diria, mas elle tinha tudo a lhe indicar esse caminho.

Feijó, agora, bem comprehendia, porque Dom João II, o rei quatrocentista de Portugal, dizia que, havia dias em que, elle tinha de agir como falcão, e dias em que, elle tinha de agir como coruja. Elle, Feijó quando ministro da Justiça, quando deputado ás cortes de Lisboa agira como falcão, agora,

elle tinha que, agir como coruja. Mas esse papel, repugnava a sua feitura moral, sempre rigida e sempre limpida. Elle ignorava Machiavel. Como coruja, elle não faria, mas poderia tomar o uso do canto do rouxinol. E foi assim, que elle, procurou tratar os rio-grandenses. De que, lhe poderia servir, lançar esses batalhadores, que ansiavam pela liberdade, nas gehenas profundas de um desespero?

Evaristo havia dito no Parlamento que, não se deixava levar pela popularidade do dia.

Esta queria que a violencia fosse applicada ao Rio Grande, mas ha momentos em que a opinião publica conduz a máus resultados.

Eis, por exemplo, a opinião publica da Judéa a obrigar Pilatos, a soltar Bar-Abbas e a crucificar Christo.

Entretanto ella errou.

O Legado romano a seguiu e tivemos o drama do Calvario... †

CAPITULO XXIII

OS CAVALLEIROS DO APOCALIPSE

Feijó encontrára sempre a se lhe oppor a acção, a figura de Bernardo Pereira de Vasconcellos, de quem foi companheiro no ministerio. Apenas antes e pouco depois de 7 de Abril, no movimento que deu por terra, com o primeiro reinado, Bernardo, como moderado e chimango, formou na mesma hoste, que Feijó. Então Bernardo era liberal. Mas então, nessa campanha, que abalou o throno e obrigou a Pedro I a abdicar, o padre paulista não havia tomado parte muito activa. Elle tinha suas opiniões, de accordo com ellas se orientava no scenario politico, dava o seu voto, mas não formava na primeira linha de combatentes. A sua acção parlamentar de importancia se havia cingido a questão do celibato clerical.

Mas quando, o eminente politico sacerdote, occupou a Regencia, já Bernardo, havia se feito dos mais extremados campeões conservadores contra o governo. A sua acção foi notoria, em todas as justas parlamentares, em que o Regente, teve que, se defrontar com os eleitos pelo povo.

Bernardo era um orador nato. Grande eloquencia, arrebatador nas suas perigrinações pelo

epico, sabia se impor a um auditorio! Cultissimo, homem de immenso talento, argumentador pujante, elle como parlamentar parecia uma catapulta, lançando projectis incendiarios de fogo grego, em que o alcatrão de sua logica pesada e esmagadora, se combinava com a leveza subtil da naphta com que, envolvia na ironia mordaz os seus ataques ferinos á causa de seus adversarios, que elle arrazava impiedosamente, com a gallopada de seu verbo flamante.

Elle tinha um physico contrafeito, o "tabes dorsalis" o havia feito minguido de corpo, era alem disso bem curvo e meio torto, de pernas hambas, o que consistia o drama pungente que trazia constantemente acorrentado o seu cerebro escaldante, a explodir, de vez em quando, ás irritaçõs, que lhe eram proporcionadas, pelos que lhe eram contrarios.

Parece que, uma grande dor fazia lembrar, ás vezes, ao grande parlamentar a sua horrida desdita, com o que sua alma sangrava, seu sentimentalismo se excitava, sua intelligencia adquiria mais viveza, seu raciocinio se fazia mais prompto, a sua mordacidade se tornava mais ferina, o seu espirito impiedoso, se fazia mais impassivel, ante o soffrimento do seu semelhante que elle abatia, com crueza, e mesmo com certo sadismo.

Feijó, não tinha em alta conta o perfil vincado de Vasconcellos, pois perguntado sobre o juizo, que fazia d'elle, respondeu certa vez: "*Penso muito bem quanto ao seu talento, e muito mal quanto ao character. E' um livro para ser lido e depois lançado ao fogo*".

Eis a synthese, que bem definia a alma de Bernardo.

Feijó era exímio nessas syntheses em que resumia com extraordinaria felicidade conceitos muito proprios.

Certa feita, ainda Feijó assim se exprimiu, com um bom humor excepcional, relatando uma anedocta.

— Quando estive em Portugal, me foi contado que, na epoca das guerras napoleonicas, certo latagão portuguez, ao ser recrutado, deu parte de doente e foi recolhido a um hospital.

Ahi, elle posto em observação, para que, os medicos fizessem o diagnostico do seu estado, nada foi annotado, a não ser que, o paciente mostrava muita febre todos os dias.

Nessa epoca em que, cada homem valido, para não ser aproveitado para a guerra se procurava ferir, para se invalidar, para o serviço activo, quando uns cortavam o dedo da mão, outros propositadamente feriam o pé, para não serem tidos como aptos para os serviços militares, o nosso homem inventou um processo novo para se invalidar. Elle todos os dias introduzia no seu corpo, um dente de alho, com o que, a sua temperatura subia muito e elle ficava a escaldar em febre. Não havia meios dos medicos poderem diagnosticar o mal, até que um enfermeiro, observando o proceder do homem, contou aos medicos o artificio, com que o recruta conseguia ficar febril todos os dias, escapando a acção militar.

Este Bernardo é o dente de alho no corpo do Brasil. Quando elle se intromette em qualquer cousa, a febre da politica do paiz sóbe”.

Feijó, não escondia o seu sentimento de antipathia pelo parlamentar mineiro, mas elles tinham de commum uma circumstancia. Ambos tinham no recesso das respectivas almas dores profundas, que os irritavam e faziam explodir os respectivos caracteres, que se manifestavam como se fossem vendavaes, que sopprassem impectuosos e irresistiveis. por sobre um tranquillo e calmo scenario, onde só se respirava a serenidade amena de paz perenne. Bernardo mais talentoso e mais eloquente que Feijó, era mais brilhante, e então a sua personalidade adquiria mais saliencia, a sua alma mais vida, a sua figura mais projecção.

Bernardo, tinha amargor profundo do seu physico, que o tornava horripilante. Mas as qualidades, que emolduravam a sua intelligencia o faziam transfigurar na tribuna. Elle, começava, como um anão disforme e de apparencia tragica, para se ir gradativamente elevando, até attingir as altissimas cumiadas da eloquencia, quando o seu physico tomava formas de divindade miraculosa. Mas logo, apóz o orador feiticeiro, que era Bernardo volvia novamente a encarnar a sua figura terrena e elle não podia conter um rictus de amargor ao mirar a sua imagem mutilada pela natureza, em um espelho qualquer.

Feijó tambem tinha um drama intimo, que o fazia soffrer e precipitava allucinada a tempestade na sua alma, quando elle se recordava della. Era a sua situação de filho natural, trazido ao mundo,

por uma falta que elle não lograva apagar, nem mesmo pela sua acção vulcanica no scenario da politica nacional, nem pela pureza de neve attin-gida pela sua alma de santo, ou pelos seus senti-mentos de perigrino.

O travo, que irritava a alma do paulista, era um sentimento muito mais altruista do que a que ul-cerava Bernardo e o jogava nos vortices belzebuthi-cos de uma agitação sem par. Eram a vaidade e o orgulho que faziam Bernardo se eriçar, emquan-to que Feijó sentia mais pelo seu proximo.

E' que, o mineiro se resentia de seu physico disforme, emquanto que, Feijó se resentia de uma organização, que produzia a infelicidade a muita gente em cuja phalange elle e sua irmã Maria Jus-tina estavam innocentemente alistados.

Era essa aresta aguda e cortante na vida de cada um dos personagens mais relevantes na his-toria da primeira metade do oitocentismo no Bra-sil; era ella a causadora das chagas, que cada um desses protagonistas dos dramas regenciaes, mos-trava com seus actos, que pareciam torrentes de lavas desencadeiadas do alto de montanhas apo-calypticas, innundando os vales pacificos, com ca-lor e o rebrilho do metal fundido de substancias varias que a compunham.

Alias o mineiro, pagava na mesma moeda essa antipathia visivel e visceral, que a elle devotava Feijó.

A perversidade, com que via os actos publicos do sacerdote paulista, era uma cortina de fumaça nos olhos do clarividente Bernardo de Vasconcel-los, para as qualidades demonstradas por Feijó,

as quaes eram crystalinas, luminosas e de meridiana pureza.

A paixão porem, com que Bernardo saturava a sua visão, eivada de irritação carrançã, e de ranzinzismo, que o imbuia inilludivelmente, não o deixava raciocinar, com a sua costumeira justeza. Como prova absoluta do que ahi ficou dito, estão os termos, com os quaes elle se referiu ao grande padre paulista quando este deixou a Regencia no "*7 de Abril*" jornal que elle dirigia desde 1833:

"O sr. Feijó é hoje só lembrado como um furacão que deixou ruinas, como um terremoto, que acabou o Imperio, que elle recebeu unido e abandonou lacerado".

Apezar de mal escripto esse periodo, eu não tenho duvidas em attribui-lo a Bernardo, não só por ser elle o responsavel pelo jornal "*7 de Abril*", que elle redigia, como ainda por ahi ficar relevado o terror da desagregação do Imperio e ahi ficar evidenciado o rancor, que era o sentimento principal na alma sempre compungida de Bernardo. O periodo incriminado mais parece escripto com fel. Elle em breve iria ser escripto com o sangue e com a agua tofana...

Entretanto Bernardo não tinha autoridade para dizer isso. Bernardo era a incoherencia humanisada. Hontem liberal, hoje conservador; hontem anti-clerical, hoje a criticar o governo na questão religiosa, parece que o insincero Bernardo tendia para onde soppravam os ventos da popularidade. Supremamente vaidoso, elle tinha diversos factos para obscurecer a limpidez de sua integri-

dade (1), entre os quaes o famoso caso das chapinhas de cobre. Chamado "regresso", pela incoherencia com que o introductor do figurino inglez do parlamentarismo e das alternancias partidarias, se passára de liberal a conservador, o "ministro por 9 horas" conseguiu derrubar a Regen-

(1) O insigne nome de letras, intellectual brilhantissimo historiador provecitissimo, que foi o dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrade, néto dos grandes titans das primeiras éras, escreveu em seu magnifico livro "*Contribuindo*", pg. 125, sobre a personalidade de Bernardo, o seguinte:

BERNARDO DE VASCONCELLOS
(*UM DOCUMENTO TRISTE*)

Durante seus vinte e quatro anno de contendas partidarias (1826-50), foi Bernardo Pereira de Vasconcellos o mais aggressivo e o mais aggreddido, o mais invejado e o mais invejozo dos politicos militantes. A ninguem poupava; ninguem o poupou.

Aos sarcasmos com que avivava as columnas do "Caboço". da "Sentinella da Monarchia", e doutros jornaes consulentes, á sua direcção; aos versinhos nem sempre pudicos, com que em papelicas que passava ás bancadas, escarnezia das incertezas oratorias de Aguiar Pantoja, ou da iracundia de Tristão dos Santos; ao vezo de, na tribuna arremedar gestos e exclamações dos contendores; retrucavam-lhe os adversarios accuzando-o de haver, juiz em Guaratinguetá vendido terras alheias; suspeitavam-no "Matraca", e "Petisca", intelligentissimo pasquinhos, de venalidade na numerção das cazas do Rio de Janeiro; e, até, em abuzo de reprezalia, tinha a calumnia o excesso de ultrajal-o com a infamia de incestuoso.

Mutabilidade incessante de acontecimentos no paiz que difficilmente se organizava; quéda a datar de 1834, da popularidade, substituida que foi pelo apedrejamento da reputação e até da moradia; agravamento dolorozo de doença que, minando-lhe o organismo o condemnava a paralizia; nada disso modificou a indole batalhadora activa, patriotica de Bernardo de Vasconcellos. Assiduo ás sessões parlamen-

cia de Feijó não tanto pelos meritos de seu valor, como pela inteireza moral do magno estadista paulista que não se quiz curvar ao systema parlamentar que se iniciava.

tares, raras vezes faltava ao trabalho das respectivas comissões, presidindo-as com generalizada competencia. Se a correctissima redacção do Codigo Criminal poude elle ainda ultimar em soffríveis condicções de saúde, sua contribuição para a da uniforme Lei de 3 de Dezembro foi intervallada de gemidos.

E quanto maior era o padecimento do corpo, mais lhe crescia a revelação da intellectualidade!

Contradicção superiormente organizada, essa que se chamou Bernardo Pereira de Vasconcellos! Liberal, no primeiro reinado, á tarde da Regencia, fundou o partido conservador que teria de consolidar o segundo. Conservador, morreu proferindo a inesperada exclamação: "OS LIBERAES NAO ME QUIZERAM!"

E' o documento que parte do meu archivo para a desconfiança publica, a demolição duma fama nacional! Talvez. Cumpre examinal-o com calma, porém.

Sua falta, apenas de mez e cinco dias posterior á proclamação da Maioridade — quando, excitados os odios, multiplicados os doestos, vacillava a admiração em que Bernardo de Vasconcellos, alardeava a gloria das "nove horas mais horrorozas de toda a sua vida publica" e a delicadeza energica com que, das officinas do "Despertador", seu jovem gerente Franciscó de Salles Torres Homem enfrentava á altivez do decahido estadista — aconselha tal qual cuidado na escolha duma resposta.

Mais cuidado ainda merece o exame de duas circumstancias: o impedimento, não motivado, do official que deveria ter redigido a certidão, e a pressa com que foi ella entregue á parte requerente.

Ha, porem, para fazer duvidar das duvidas, a assignatura de Odorico Mendes no triste documento.

Da honorabilidade desse maranhense, aliás deputado por Minas Geraes em 1845-7, quando Bernardo de Vasconcellos era, nessa provincia, sua maior influencia politica, não ha, nunca houve a minima suspeita.

... O historiador Joaquim Manoel de Macedo assim

Nabuco ao escrever: "*A união de Paraná com Vasconcellos fora uma convergencia de forças rara em politica, dessas que armam a direcção de um partido de todas as qualidades precisas para a lucta*", parece ter firmado que, a união só

termina alguns apontamentos biographicos, do celebre mineiro: "Não foi o que as injurias e não poucas e desmesuradas calumnias dos inimigos, o pintaram, nem o patriota e estadista influente e puro, que seus entuziastas preconisaram.

A ambição do poder fascinara este illustre cidadão, e os favores de sua influencia politica, muitas vezes generosa, chegaram a nublar, talvez injustamente a sua reputação.

Mas é preciso não esquecer que todos os raios dos odios politicos eram vibrados contra o estadista mais eminente e primeiro do partido conservador".

Ainda nos penultimos dias do segundo reinado, testemunhei-o, idéas e particularidades de Bernardo de Vasconcellos eram lembradas por velhos que, moços o haviam conhecido, e repetidas por moços que as haviam escutado a antigos companheiros do grande estadista. Traziam, todas, clareza de vistas, agudeza de sentença, rapidez de percepção. Onde, por exemplo, achar melhor definição desse Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo, "que com prazer votou a constituição portugueza", do que perfilando-o na de "ministro de intonções grandes e conhecimentos pe-
quenos"?

Dom Romualdo de Seixas, o arcebispo obrigado á politica pelo acazo dos incidentes, relata o assombro com que, ao entrar na Camara para defender emenda sobre coiza ecclesiastica, já encontrou Bernardo de Vasconcellos na tribuna repetindo ipsis verbis, sem citar o autor, a longa justificação que da dita emenda elle arcebispo lhe lera, na vespera, rapidamente. E essa maravilha de memoria mantinha-se no correr das frases, denunciando leituras classicas que lhe punham na oratoria perfeição e agrado. Num debate concernente á instrucção publica, o bellissimo verso de Terencio:

Quando nom potest id fieri quod vis, id velis quod potuit, foi acabadamente aproveitado para licção de que "não devemos questionar sobre o que é melhor fazer-se, se

teve lugar quando de Regencia una, entretanto, eu quero crer que a ligação desses dois plutonicos parlamentares, já se havia realisado, desde quando Feijó, ministro da Justiça teve que, lutar no Parlamento, contra Paraná, que, com Hollanda Cavalcanti e outros formava a opposição na Camara.

o aperto de nossas circumstancias só faculta indagar o que se pode fazer”.

Noutro debate, esse em que varios deputados, em 1826, confessava receiar da prezença dos ministros no recinto da Camara, Bernardo de Vasconcellos, que os preferia frente á frente, ironicamente sentenciou: “O mal que não se vê é sempre o mais funesto”. Não mais apropriadamente o dissera Julio Cezar nos momentos definitivos do cerco de Alezia!

Ha, nos discursos de Bernardo de Vasconcellos, trecho que salientando-se, ostentam, numa acuidade de conceitos, ensinamentos administrativos e axiomas politicos inexcitáveis de sinceridade e de acerto. Parecem paginas de Spencer previstas pelo nosso parlamentarismo incipiente! Estes, por exemplo:

“Os governos não tem autoridade para se ingerirem activa e directa nos negocios de industria; esta não precisa de outra direcção que a dos interesse particular sempre mais intelligente, mais activo e vigilante que a autoridade. Quando ha liberdade, a producção é sempre a mais interessante á Nação, ás exigencias dos compradores a dterminam”.

Não é preciso que a Lei indique a producção mais lucrativa: nada de direcção do Governo.

A suppozição contraria assenta na falsa opinião de que só o Governo entende bem o que é util ao cidadão e ao Estado. O Governo é sempre mais ignorante que a massa geral da Nação, e nunca se ingeriu na direcção da industria que a não anniquilasse, ou pelo menos a acabrunhasse, a historia o attesta. Favor e oppressão significam o mesmo em materia de industria”.

Eis agora um topico que S. Thomaz incluiria sem vacillações, nas tendencias que o adagio popular lhe attribue

Honorio Hermeto Carneiro Leão, era diferente dos retratados acima.

João Loureiro o jornalista portuguez disse que elle tinha muito pouco saber e era muito pressumpçoso (Octavio Tarquinio de Sousa; "Evaristo da Veiga").

ha sete seculos e meio: "Não nos deixemos illudir pela consideração de que não nos convem o exame da quantias insignificantes, ou o que vale o mesmo de crimes de pouca monta. E' mister ter sempre deante dos olhos esta maxima, para os não fechar sobre delictos de pouca importancia, porque são o mais formal convite á delictos de grande monta: apoiar habitos contrarios aos interesses da Nação, é enthronisar a immoralidade, precursora infallivel da dissolução dos Estados".

Ainda estes trechos, ponderadissimos: "O emprestimo debaixo das relações financeiras é, sem duvida, preferivel ao imposto, pois deixa recursos á reproducção, e á industria. Em ultima analize, é sempre o Povo quem paga, tanto os impostos como os emprestimos, mas diversissimos são os effeitos, de uns e de outros. Os emprestimos não são pagos de chofre, mas gradualmente e por partes; pelo contrario o imposto é pago de uma só vez e no tempo determinado. E' pois incontestavel a preferencia que teem os emprestimos aos impostos considerados pelo lado financeiro, mas pelo lado politico offerecem um aspecto medonho.

Impossivel ser mais verdadeiro.

— P. Nitheroy, 27 de Agosto de 1840 Odorico Mendes.

Ilmo. Snr. Inspector. Diz João José da Silva, que elle necessita haver certidão do n.º de Escravos, ou Africanos libertos, adjudicados a serviço particular, que de conta de Bernardo Pereira de Vasconcellos trabalham nas Obras Publicas desta Provincia; declarando-se os vencimentos dos respectivos jornaes. P. a V. S. que lhe mande passar. E. R. Mcê".

Nesta Thezouraria da Provincia do Rio de Janeiro consta das ferias do mez de Janeiro e Fevereiro do corrente anno, apresentadas pela Segunda Secção das Obras Publicas desta Provincia acharem-se empregados no concerto da estrada de Mar de Hespanha, trinta hum traba-

Soldado, nessa cohorte de jovens, que formavam a ala dos namorados dos parlamentares da Regencia, os quaes não iam alem dos trinta annos, Honorio Hermeto, regulava com Bernardo e com Hollanda, no tocante a idade, a qual era mais apoucada do que a de Feijó, que já gallopava pelos seus quarenta e nove a cincoenta annos, ao ser eleito regente do Imperio.

Honorio Hermeto, o "cabeça fria", vinha das Geraes, bem do amago desses soccavões, que justamente no seculo XIX se esgottaram, como cornucopias productoras, como se bastasse a independencia do paiz, para, como uma vara de condão, fazer estancar essa maravilhosa fonte de ouro, que tanto fizera aproveitar a Portugal durante os setecentos.

Mas Honorio, não sendo portador de uma tradição de gente da terra, trouxe, entretanto, uma nobreza, que o havia aprestado para as lutas, era a aristocracia do dinheiro. Graças a ella, elle pudeira percorrer os bancos das academias, reinões, se tendo graduado em Portugal, nesse templo de saber que era a Universidade de Coimbra, unico objectivo para os estudantes avidos de sciencia dessas épocas neblinadas das colonias, em que a metropole portugueza, tudo fazia para que, os coloniaes não sahisses da sotoplanura mental, a que estavam condemnados, e que era o melhor penhor da continuação do *estatu-quo*. Vinda de uma região opu-

lhadores pertencentes a Bernardo Pereira de Vasconcellos, sendo os mesmos apontados nas ditas férias com os vencimentos de quinhentos reis diarios, e hum com o vencimento de oitocentos reis, e sendo mais todos apontados com duzentos reis para comedorias O que referido de verdade. Secretaria da Thezouraria da Provincia do Rio de Janeiro em 27 de Agosto de 1840. No impedimento do official Maior. — *João Rodrigues da Silva*.

lenta, em que os ultimos refulgios das catas do Jacuhy, ainda illuminavam a fortuna de seus maiores, Honorio Hermeto, poude se lançar no palco da politica do primeiro reinado, escudado em uma situação, que o deixava bem folgado.

Sem ser orador, exprimindo-se, mesmo, com certa difficuldade, Honorio era de um temperamento dominador e imperioso, e neste ponto, tinha contacto com Feijó, que tambem rezava pela mesma cartilha do autoritarismo. Honorio, porem, levava vantagem grande sobre o padre paulista, na intelligencia atilada, que possuia e que se aprimorava por uma cultura geral muito mais limada que a do antigo ministro da Justiça, que se revelára magnifica e inegualavel, em cousas especializadas no direito canonico.

Honorio Hermeto, ainda, tinha em sua vantagem, um grande bom senso, que se fazia acompanhar de calma, ponderação, segurança e presença de espirito, que se não se ausentavam do conjuncto mental de Feijó, entretanto, as vezes, se deixavam levar de roldão, pela catadupa viva que era o padre, quando a dor lhe ulcerava a alma com mais intensidade, a lhe lembrar com tristeza a imagem do seu intimo, e quanto o impeto, como uma torrente jorrava irresistivelmente, levado pelo seu ardor bellicoso de espadachim cavalheresco.

Feijó não era um desalentado, mas era um pessimista, que via bem a situação do paiz, e não podia confiar, muito, no esforço que dispendia. Aliás Hollanda Cavalcanti, em 1843, trez mezes antes do fallecimento de Feijó, disse na Camara que "*para este o paiz estava submergido sem esperanças, em cousa alguma, estando tudo negro*". E' que, Feijó via com justeza, em querer se afastar dessa ordem

de ideias, que mais tarde, se refletiu com oculos cor de rosa sobre a mentalidade do "*porque me ufano de meu paiz*".

Honorio Hermeto não commungava com Feijó a ver as cousas assim, sob esse prisma pessimista, elle, antes, se aproximava, ainda, nesse terreno aos seus companheiros mosqueteiros, dessa triologia, que na Camara dos Deputados se fez marcar pela actividade.

Outro companheiro de Bernardo de Vasconcellos, na campanha que este feriu contra Feijó, se alinhava Dom Romualdo, o bispo da Bahia, já nosso conhecido. Elle seria um Aramis authenticico, se tivesse sido mosqueteiro.

Dom Romualdo não era orador, mas era homem da maior esperteza, politico da maior solercia. Maneiroso, habilidoso, melifluo, agradavel, untuoso, Dom Romualdo, soube se impor, não pela bravura do leão, mas pela astucia da raposa, não pela sinceridade de suas ideias e opiniões, mas pela maneira delicada e sorridente; com que elle cuidava nos seus contactos com outrem.

Já antes, na decada anterior, entre Dom Romualdo e Feijó, tinha havido o celebre duelo, a proposito da questão do celibato clerical. Então o estadista paulista, se havia desdobrado na manutenção de seu ponto de vista.

Durante os primeiros annos que se seguiram, isto é depois da revolução branca; que foi o golpe de 7 de Abril, não houve hostilidades, entre os dois sacerdotes da mesma religião romana.

Então não fazia parte da assembléa o bispo da Bahia.

Elle não fora eleito para essa legislatura, pois do contrario, teria se aproveitado de onda tremen-

da, feita contra Feijó, pelos seus estrenuos inimigos, que foram Castro Alves, Honorio Hermeto, Vasconcellos e outros.

Ao menos, por algum tempo soffreu uma solução de continuidade a luta tremenda, travada entre os dois clérigos, que ensombream a Camara dos Deputados com o negror de suas batinas.

Esses foram os batalhadores mais bellicosos, que se postaram na primeira linha das trincheiras formadoras, no nucleo primievo do partido conservador.

A frente delles, se via o penacho alvo e colti-gente de Pedro de Araujo Lima, o commandante do pelotão dos "reintres" da vanguarda, que queria combater a acção energica da Regencia Una, que se iniciava com Feijó, que a golpes de energia, secundado pelo general Soares de Andréa, vinha de pacificar o Pará, impedindo que a anarquia desagregadora levasse a Provincia do extremo norte para a secessão ameaçadora e dolorosa.

Essa legião conservadora, que sahia do berço, unida em torno do estadista pernambucano, ficára apavorada com o Acto adicional, que se localisava, quasi na divisa de uma federação, a cujos delineamentos foi a principio favoravel e depois combateu, com todo o esforço, a voz estentorica de Bernardo de Vasconcellos, que temia que, esse fosse o caminho de uma desagregação.

Justamente, o contrario, elle era o vehiculo, que mais depressa e melhor conduzia para a união mais intima. A organização centripeta, que mantinha em uma prisão, por demais apertada as partes do paiz, é que poderia offerecer desejo de secessão. Uma ligação só se mantem, quando ella offerece vantagens para as partes, ora, quando a

centralisação é muito grande, as partes ficam privadas de procurar os seus interesses, que nem sempre coincidem, com as dos seus companheiros de união e, as vezes são até antagonicos aos do conjunto. Dahi a necessidade imperiosa da descentralisação. Não queriam ver isso os illustres membros desse conservatorismo, que se iniciava, não obstante a clareza da luz de cada um delles, a illuminar os seus raciocinios. Mas Vasconcellos, não via a situação. Elle arrastava de muletas comsigo, como se fôra uma locomotiva resfolegante e desencarrilada o comboio do partido conservador que elle nucleava na sua origem. Elle de pernas bambas rebocava a cohorte de companheiros conservadores que se arrastavam.

Ah, mas Feijó tinha amigos! Elle não entrava na luta com suas hostes rareadas. Não!!

Militando hombro a hombro, comsigo é preciso que, se destaque e mprimeira plana o vulto magestatico de Vergueiro, que surge como um gigante a dominar todo o passado paulista da primeira metade do oitocentismo. Vergueiro, era como se fosse uma torre no xadrez politico da Regencia una. Elle, com o prestigio de sua autoridade immensa, sempre, sustentou Feijó, que era o ariete vivo, emquanto que elle Vergueiro era a força mecanica a o impulsionar.

A acção desse grande estadista pãulista sempre esteve ao lado de Feijó, desde a sua figura destacada nas Cortes de Lisboa em 1822, até o fim nessa guerra infeliz de 42.

Tambem, lutando ao lado do padre politico, via-se na primeira linha de combates a figura de Evaristo. Quinze annos mais moço do que Feijó, Evaristo ainda que mais gordo tinha uma comple-

xão muito mais doentia do que o paulista, que era um verdadeiro athleta no palco da politica nacional.

Evaristo, sempre fora um solido pedestal para Feijó. Elle equivalia a uma columna de capitel jonico, á construcção, que seria a acção do sacerdote.

Evaristo que, era um liberal convicto, dos que mais havia se destacado no movimento de 7 de Abril, possuia uma intelligencia, que se avultava sobremaneira pela eloquencia de que elle era senhor, como pelo modo admiravel, pelo qual elle manobrava a penna. Era um jornalista consumado, escrevendo com a mesma pericia com que d'Artagnan manobrava a espada. Foi assim que elle arrazou Antonio Carlos, quando com este Andrada, travou polemica em 1823. Elle usava da palavra com a mesma finura com que um Cyrano de Bergerac desarmava o antagonista.

Os seus discursos, eram peças nas quaes não se sabe o que mais admirar, se a pericia, com que o artista usava seus argumentos, ou se o modo cavalheresco, com que era, o adversario tratado, vencido, esmagado, e triturado.

Evaristo, o verdadeiro artista da tribuna trabalhava o seu "speech", com a finura de quem cinzela uma filigrana.

Elle tratava de um assumpto, reunindo argumentos, em torno da these, que deveria sustentar, sem que, se pudesse comprehender, onde elle desejaria chegar.

Em certo ponto do discurso Evaristo, como que arrancava os andaimes, que encobriam a sua construcção, Ahi surgia o edificio escoreito, em estylo

aprimorado, em minúncias rendilhadas, que só um artista consumado poderia erguer.

Elle foi um Benevenuto Cellini da palavra caprichada que se esbatia ecoante nos muros do Parlamento.

Dizem que, já no fim da sua Regencia, Feijó lamentava os tempos em que, elle podia contar com a pericia parlamentar de Evaristo. (2) Então o Regente, não tinha defensores no Parlamento, que ousassem enfrentar o tremendo fogo de barragem de Vasconcellos, de Calmon, de Raphael de Carvalho, de Honorio e de outros.

Feijó não era um aggremiador. As suas arestas proprias de uma caracter irritado afastavam de si, os que o podiam auxiliar em occasiões como essa. Elle era antes um dispersador. Por isso Feijó não podia ser um chefe. O exercito que lhe dava maioria no Parlamento havia quasi se dissolvido. Evaristo se afastara do Legislativo, porque o seu physico não comportava mais uma luta empolgante.

Tambem ha quem affirme que, no fim da sua curta vida, teve o illustre intellectual e jornalista, crueis desillusões, quanto aos processos empregados por Feijó, em querer usar da maxima energia para impor a ordem no imperio que se esfacelava se não fosse o pulso de ferro do Regente, (2) que parecia um Duque de Alba a manejar a sua espadagana como se fosse uma clava. Não é verosimil. Feijó não mudou os processos, que usou no Ministerio da Justiça. Evaristo, a principio, não se mostrava a favor das reformas na Constituição de

(2) Octavio Tarquinio de Souza "Evaristo da Veiga, Companhia Editora Nacional, serie Brasileira, 285.

1824, as quaes por fim constituíram o famoso Acto adicional, mas antevendo a onda que se formava a exhibir essas reformas, passou a não se oppor a ellas e ser um dos adeptos da reforma no sentido da federação, não acompanhando Bernardo de Vasconcellos, nos seus terrores de que a federação trouxesse a desagregação.

Parece que, a visão percuciente desse fino e illustrado estadista, que foi Evaristo, homem dos mais cultos, que illuminou com o seu verbo poderoso, todo esse periodo do primeiro Imperio e da Regencia, em que, agiu, como politico e jornalista, levou-o a comprehender que, o remedio dos males do paiz, estava na forma do regimen, pois quando se discutia a reforma constitucional que foi o Acto adicional de 1834, elle se faz ao lado do substitutivo de Miranda Ribeiro, que começava pela instituição no Brasil de um Imperio Federativo.

Evaristo fez uma falta tremenda a Feijó, quando elle não poude capitanear as hostes liberaes, em apoio do governo regencial, em 1837 quando a Regencia, como uma caça sem encontrar refugio, soffria o "hallali" da opposição conservadora, que adquiria a maioria na Assembleia. Parece que, Evaristo foi a maior força da carreira politica de Feijó.

Elle, Evaristo, o fez ministro da Justiça na Regencia trina em 1831. Elle, Evaristo, o fez regente em 1835.

O que mas elle faria, se não tivesse morrido?

O seu desaparecimento em Maio de 1837, foi, no scenario politico daquelle tumultuoso vendaval parlamentar, em que se entrebatiava a Regencia de Feijó, na sua agonia, como que a quédia de bojudo

jequitibá na floresta, deixando um claro insubstituível.

Evaristo foi, inquestionavelmente, a primeira cabeça, desse periodo de vida do Brasil.

Estivesse elle no Parlamento, a sua voz persuasiva, a força dominadora de seus argumentos irrefutaveis, o seu modo conciliador e intelligente, teriam evitado o desfecho de Julho de 1837, em que, depois do duelo de exterminio entre a Camara dos deputados e a Regencia de Feijó, esta teria de baquear vencida.

Por outro lado, tivesse Evaristo, podido illuminar o Regente, com os seus conselhos prudentes, que seriam luzeiros, esclarecendo a estrada abrohada de problemas, por certo Feijó, teria evitado os recifes, existentes em um Parlamento, em que elle não tinha defesa, e onde só se ouviam as declamações de Raphael de Carvalho, de Calmon de Vasconcellos, e de outros seus adversarios, contrariadas apenas pela sinceridade de Limpo de Abreu, e de Castro e Silva.

Evaristo, teria sido o algodão macio interposto entre as arestas rigidas de cristaes, que se chocavam. Bernardo que chefiava a opposição era como Feijó, rigido, bellicoso, implacavel. Nisso o mineiro se assemelhava ao Regente. O desaparecimento de Evaristo, fez com que esses dois corpos duros, irritados se attrictassem no duelo de morte, travado entre Legislativo e Executivo regencial, do qual um delles, teve de cahir, sem vida.

Sem Evaristo, sereno e |persuasivo, as duas vontades rudes de Feijó e de Vasconcellos se chocaram e uma dellas teve que fazer cadaver. E' que, a outra havia usado mais a intelligencia do

que a força! Nessas contendas, a divisa de “a ferro e fogo”, não podia mais ser empregada!

Evaristo, teria evitado esse descabro.

Limpo de Abreu, o futuro titular de Abaeté, foi outro sustentáculo de Feijó, em todas as pugnas memoráveis, que elle feriu na sua carreira politica.

Castro e Silva, foi outro politico, que teve de, mais de uma vez de, levar a sua palavra em defesa do Regente.

Montezuma, o republicano dos velhos tempos, o jurujuba da primeira Regencia, adversario de Feijó, o chimango quando este era apenas ministro da Justiça, mas liberal convicto, foi ministro da Justiça de Feijó regente, sem embargo de, em 1831, haver levantado na Camara a denuncia, contra o ministro de então, pela suppressão das cartas de seguro, uma especie de “habeas corpus”, que garantia a liberdade individual.

Alvares Machado, alem de ter a obrigação de ser um sustentáculo de Feijó, era grandemente liberal, alem de amigo pessoal do Regente, com o qual tinha as mais solidas ligações. Talvez, por isso, elle ser extremadamente a favor da situação regencial e de se haver manifestado, assim, calorosamente na Camara, quando surgia a baila uma occasião qualquer, como no caso do deputado Vieira Souto.

Os proprios Andradas, os rancorosos inimigos de Feijó, desde os velhos tempos de 1822, quando das cortes portuguezas, se enfileiraram nas hostes do partido liberal que era o mesmo que o do Regente, ao qual, ainda que, não houvessem empenhado a eloquencia, que os destacava, não se aproveitaram da occasião para hostilizar.

Creio que, nessa ocasião é que, foram feitas as pazes, entre Feijó e Antonio Carlos, não havendo Martim Francisco, entrado nessa composição, pois elle escrevera mais tarde ao seu irmão que, dissesse ao Diogo que, com elle a briga era uma só, pois jamais faria as pazes com qualquer de seus inimigos, mas que Martim Francisco, não guardava odio algum contra o Padre Feijó.

Eis a bateria de primeira linha, que sustentou o fogo nutrido, contra as barbacans da fortaleza da opposição conservadora.

CAPITULO XXIV

MARQUEZ DE OLINDA

Pedro de Araujo Lima, nascera em 1787, tres annos, portanto depois de Feijó, nas plagas pernambucanas, onde o assucar promovera a civilisação, a prosperidade e o povoamento de grande faixa litoreana, abrangendo toda a parte humida do Nordéste. Elle, era bem o representante da estirpe, que fizera a grandeza das colonias luso-americanas, naquella região, que o sol escalda, ao contacto com as ondas bravias do verde Atlantico. De tez morena, estatura meã, Araujo Lima, tinha um perfil adunco, que parecia talhado por um cinzel da Renascença, em ouro velho tauxiado em Milão, nessa Milão dos Visconti, ou dos Sforza.

Araujo Lima era todo cerebro, o equilibrio que se punha a serviço de um bom senso notavel.

Elle, era o homem, acomodado e sensato, destinado a suprema governança do paiz.

Homem de estirpe, dotado de illustre e opulenta ascendencia Araujo Lima, pode estudar em Coimbra, na velha Universidade, que foi o templo, onde se temperou a cultura da primeira geração de brasileiros, que foi a usina, onde se forjou o caracter desses, que iriam dirigir o paiz de alem mar, na

primeira metade do seculo. Lá, Araujo Lima, foi contemporaneo de Honorio Hermeto Carneiro Leão, o futuro Marquez do Paraná, que mais moço que elle, ainda cursava os primeiros annos, quando em 1819, Araujo Lima, se graduou em canones.

Por isso, elle, que já entrado na idade, com cerca de trinta annos, não poude acorrer a sua patria, que lutava nos horrores da guerra de 1817, pela implantação da republica no Nordeste, esse Nordeste abrazado de seus sonhos, profundamente imbuidos das idéias de Voltaire, Rousseau, D'Alembert, Montesquieu e dos encyclopedistas, das quaes sahiu a revolução franceza.

Chegando ao Brasil, tem Araujo Lima de volver a Portugal, onde deveria tomar parte na Assembléa das cortes.

Ahi conhecera Feijó. Admirára a sua audacia e quando o sacerdote paulista discursára naquelle aeropago, apresentando a sua famosa indicação, que condizia tanto com os impetos, não poude conter delle jovem pernambucano uma frase de surpresa, mixta com extasiamento: — Este paulista, parece louco, pelo seu atrevimento! Vir com isso neste fojo de tigres!

Araujo Lima, ouvira embasbacado o rugido do leão, que fevava a sua audacia a dizer em plena assembleia portugueza, aquillo que todos pensavam, mas ninguem ousava sequer murmurar. O espectro soturno de Pina Manique, fallecido havia uma quinzena de annos, ainda atemorizava os mais valentes e resolutos. A scena de pugilato de Cypriano Barata fôra a illustração desse espectro.

Voltando ao Brasil, Araujo Lima foi eleito para a Assembléa Constituinte, que em 1824 foi dis-

solvida. Em 1837, de novo Araujo Lima, estava no Parlamento. Foi então presidente da Assembléa de deputados e do alto desse posto assistiu, todo o debate de Feijó, sobre o celibato clerical, e varios outros, em que elle tivera pela frente, o famoso Dom Romualdo e o bispo do Maranhão. Araujo Lima, não podia deixar de rememorar as cortes portuguezas em que, a figura desse padre tanto se realçara, pela sua audacia soberana e pela sua coragem civica inimaginavel! Elle era, sempre, o mesmo bolido vivo, dotado daquella energia que imbuia todos os actos de sua vida de parlamentar. Se, as vezes, esse bolido parecia apagado, logo elle surgia, de novo, a cortar a noite trevosa, com o seu risco luminoso que, impunha admiração e respeito até aos seus adversarios!

Araujo Lima, homem timorato e conservador, nunca se apartara dos governos, que se succederam. Ministro do Imperio de Pedro I, não tomou parte activa, no golpe de 7 de Abril, que impoz a abdição. Aceitou-a porém e eil-o votando, com o governo em 31 de Agosto de 1831, quando o ardoroso Montezuma, denunciara o Ministro da Justiça, que era o mesmo Feijó, que elle admirava, desde 1822 nas cortes de Lisboa! A acção de Araujo Lima, calmo, sereno, conservador, continuou pallida e descolorida, até que Feijó assumiu a Regencia. (1) (2).

1) Araujo Lima teve em 1828 um incidente com Vasconcellos.

Quem diria!...

Então Araujo Lima, o futuro Marquez de Olinda declarou:

“Se o Sr. Vasconcellos conta com a minha moderação para contra mim proferir sarcasmos, engana-se; eu estou disposto a retorquir o qualquer insulto que se me pretenda fazer”.

Só então, o illustre pernambucano se lançou de corpo e alma, na vereda, que o haveria de aproximar da triologia de Machabeus, que eram Vasconcellos, Honorio Hermeto e Raphael de Carvalho.

(Octavio Tarquinio de Sousa; "Bernardo Pereira de Vasconcellos", pg. 73).

2) Araujo Lima muito ao envez de ser protagonista do Famoso movimento de 7 de Abril, foi contrario a elle e partidario da continuação daquelle "statu-quo" que foi derrubado pelos liberaes.

Quando Feijó, deixou o ministerio da Justiça, Araujo Lima o substituiu, mas o fez de modo tão infeliz que foi accusado de trahidor, pelo proprio Regente Lima e Silva, que delle fez os peiores conceitos, em carta que dirigiu a Bento Gonçalves, ao saber que o Mal. Sebastião Barreto Pereira Pinto, um caramurú dos mais fanaticos, alliciava votos no Rio Grande do Sul para Araujo Lima na eleição para o cargo de Regente uno.

Eis a carta, apud Octavio Tarquinio de Souza, "Evaristo da Veiga", 259 Companhia Editora Nacional, série Brasileira, citando Sousa Doca; "Ideologia Federativa na Cruzada Farroutilha". Revista dos Instit. Hist. vol. 166, pg. 715.

"Não pretendia escrever a V. S. sobre o negocio do Regente, porque não só contava com a sua amizade, como para não parecer suspeito.

Agora porem, que chegou a mim a noticia de um modo terminante e decisivo que o Marechal Barreto (Sebastião Barreto Pereira Pinto), comandante das Armas no Rio Grande do Sul, trahidora e perfidamente procura alliciar eleitores dessa Provincia para nomearem Pedro de Araujo Lima, homem inimigo constante das cousas de 7 de Abril, do que tem dado sobejas provas até trahindo a Regencia quando foi seu Ministro nos quarenta dias, tudo isso induzido e aconselhado daqui por José Carlos de Almeida Torres e Galvão, autores de toda essa cabala, dirijo-me a V. S. para que ponha todo o seu esforço afim de malograr o obscuro enredo do tal Marechal, certificando a V. S. que se por desventura apparecer tal homem para Regente, não só não lhe entregarei a Regencia, como lhe farei sempre toda a opposição: não foi para ver o Brasil perdido que eu e minha familia nos sacrificamos em 7 de Abril".

Parece que, foi essa liga, entre essas quatro individualidades da primeira regencia una, a grupo primeiro, que gerou o futuro partido conservador e o systema parlamentar, talhado pelo corte britanico.

Havia sido eleito Feijó, para reger o imperio, mas o novo governante era uma personalidade inflexivel. Elle, não sabia se acomodar com as circumstancias. Estas, é que deveriam se moldar ao seu feitio. Elle, Feijó não tinha em mente que, o molde de cera molle dá a forma ao bronze rigido. Feijó não queria transsigir. Dahi, a sua natureza não se conformar com a situação brasileira, que está a exigir para um governante, que deva se manter no poder um temperamento transigente e accommodatio.

Nos primeiros tempos de governação, mesmo no anno de 1836, Feijó, não encontrou opposição, tanto que, a sua falla dirigida aos representantes da nação, com a data de 3 de Maio desse anno, assim se exprimia:

“Augustos e dignissimos senhores representantes da Nação. O dia 3 de Maio é dia das esperanças do Brazil. Se os Brasileiros soffrem resignados os males que os oprimem; se o governo Imperial não esmorece na luta de tantas difficuldades que a inhabilitam de proteger o cidadão pacífico, o homem honesto; de aproveitar os immensos recursos com que a natureza nos dotou; de lar nome e realce á nação brasileira pela estabilidade de nossas instituições, pela paz, segurança e tranquillidade de seus cidadãos, e pelo progressivo de-

envolvimento de sua industria; é na esperança de que, reunidos os representantes da nação, no seu saber e patriotismo sahirão leis adaptadas ás nossas circumstancias, que satisfaçam as necessidades mais imperiosas do Estado, e reformem antigos e novos abusos introduzidos nos diversos ramos da publica administração. Portanto tenho a satisfação de congratular-me pela esperançosa e interessante reunião dos augustos e dignissimos representantes della.

Gostoso vos communico, que amigaveis relações são entretidas com nossos antigos allia-dos, e que parece inalteravel o sentimento de amizade que nos une. Tenho recebido lisongeiras expressões de estima e consideração; e todas as potencias amigas mostram-se interessadas pela conservação do throno constitucio-nal dom Senhor D. Pedro II, em cujo nome rejo o Imperio pelo voto nacional.

Não posso contudo occultar-vos, que Sua Santidade, depois de dous annos de explicações reciprocas resolveu não acceitar a apresentação imperial do bispo eleito desta diocese.

O governo tem a seu lado a lei e a justiça, mas Sua Santidade obedece a sua consciencia. Depois desta decisão julgou-se o governo desonerado de ter condescendencias com a Santa Sé, sem comtudo faltar jamais ao respeito e obediencia ao chefe da Igreja Universal.

Em vossas mãos está livrar o catholico brasileiro da difficuldade, e muitas vezes da impossibilidade de mendigar tão longe recur-

sos, que lhe não devem ser negados dentro do Imperio. E' tão santa a nossa religião: tão bem calculado o systema do governo ecclesiastico, que, sendo compativel com toda a casta de governo civil, pode sua disciplina ser modificada pelo interesse do Estado, sem jamais comprometter o essencial da mesma religião. Não obstante esta collisão com o Santo Padre, nossas relações amigaveis com a corte de Roma. O Brazil está em paz com todo o mundo.

Outro tanto não posso dizer do nosso estado interno. Do Pará faltam noticias modernas, porem á vista dos esforços e providencias do governo é provavel que, se já não está, brevemente seja restituída a cidade de Belem á provincia e ao Imperio. Por bem ou por mal será ella arrancada ás féras que a dominam.

A sedição de Porto Alegre foi tão rapida, que em poucos dias comprehendeu a provincia inteira. O bem do estado aconselhou medidas consiladoras, e até hoje tem ellas obstado que actos de ferocidade se multipliquem, como é de costume em taes circumstancias. O governo tem deixado entrever aos sediciosos, que se o desejo de não sacrificar Brasileiros ao estado da guerra tem feito dar espaço á reflexão, no caso de contumacia, porá em movimento todos os recursos do Estado para sujeitá-los a obediencias, não romper-se a integridade do Imperio, e não deixar passar um exemplo, que traria funestas consequencias.

Augustos e dignissimos senhores representantes da nação! A falta de respeito e obediencia ás autoridades, a impunidade excitam

universal clamor em todo o Imperio. E' a gangrena que actualmente ataca o corpo social. A nação de vós espera, que diques se opponham á torrente do mal”.

“Nossas instituições vacillam, o cidadão vive receioso, e assustado; o governo consome o tempo em vãs recomendações. Seja elle responsabilizado por abusos e omissões; dae-lhe porem leis adaptadas ás necessidades publicas; dae lhe força que possa fazer effectiva a vontade nacional. O vulcão da anarchia ameaça devorar o Imperio; applicae a tempo o remedio.

O commercio prospera, porque nossos productos augmentam; e as rendas publicas tem bastado para as despezas correntes. O governo, tendo em vista fomentar a agricultura e promover a industria, procura introduzir a arte, e os melhoramentos conhecidos.

O exercito exige ser de novo organizado, removendo-se os obstaculos, que se oppõem a conservação da disciplina, que lhe dá importancia e vida. A marinha vae com brevidade tomar a attitude necessaria para prestar ainda maiores serviços ao Estado.

Augustos e dignissimos senhores representantes da nação, os Brasileiros tem necessidade de uma educação nacional: sem esta nunca teremos accordo nos pontos vitaes á sociedade. E se no systema representativo só as maiorias decidem dos negocios mais importantes, quando não é necessario generalisar certas maximas, para que ellas possam predominar ao maior numero?

A moral, fundamento da ordem, deve ser melhor ensinada para que sirva de sustentáculos ás leis, seja as consciencias e seja mais solida garantia da publica prosperidade. Senhores, sem educação, e sem moral, não é possível haver verdadeira civilisação.

As assembléas provincianas tem produzido os effeitos que se desejavam. Os legisladores tendo diante dos olhos os meios e os dados necessarios, livres de complicações de interesses e de paixões, podem certamente melhor providenciar as necessidades locaes; mas é inegavel, que excessos se notam que ao vosso alcance está corrigir, e logo para que, arraigando-se os abusos, não seja depois difficil e talvez perigoso removel-os. Brevemente apparecerão conflictos prejudiciaes á causa publica: cumpre acautelal-os.

Os ministros e secretarios de estado, no relatorio de suas respectivas repartições, vos farão conhecer em detalhes as necessidades publicas, e os meios, que a experiencia lhes tem feito lembrar para removel-os. A' vossa sabedoria pertence descobrir remedios efficazes: e a nação tem direito a esperar tudo do vosso patriotismo. Da minha parte, sustentando o posto que a mesma nação me ha confiado, serei fiel ao juramento que hei prestado em vossa presença.

Está aberta a sessão. **DIOGO ANTONIO FEIJO'**.

Entretanto, apoz essa exposição dos negocios publicos, que tiveram lugar emquanto o Parlamento estava em descanso, tantas foram as lutas travadas contra o governo, no recesso da Assembléa, que Feijó, irritado contra esse Legislativo, que indocil, creava tantas difficuldades, a elle, e a seu governo, a ponto de ficar cerceada a administração que via dia a dia minguar a maioria, escassa, que dispunha entre os deputados, ao se encerrar o Parlamento em 31 de Outubro proferiu a seguinte oração final:

“Augustos e dignissimos senhores representantes da Nação. Seis mezes de sessão não bastaram para descobrir remedios adequados aos males publicos: elles infelizmente vão em progresso: oxalá que na futura sessão o patriotismo e sabedoria da assembléa geral possa satisfazer ás urgentissimas necessidades do Estado!

Está fechada a sessão. DIOGO ANTONIO FEIJÓ”. (Eugenio Egaç, loc. cit.).

Eis o rompimento entre o Executivo e o Legislativo! Para aquelle, este não passára, durante os seis mezes das sessões, senão a promover discussões inuteis e desinteressantes aos negocios publicos.

Com essa ideia, a proposito do Parlamento, o Executivo regencial o tinha, em muito má conta. Só a ambição de se evidenciar, animava os representantes do povo. Elles não tinham nenhum carinho pela causa da nação, que periclitava. A logomauia imperava nesse Parlamento de pavões, que

não era capaz de levar nada a sério e estudar com afinco e honestidade o que precisava o paiz. O mal da demagogia o perturbava, como o calor intenso dos raios solares, havia derretido a cera das azas de Icaro.

Vasconcellos, Honório Hermeto, Raphael de Carvalho, Rodrigues Torres, Calmon, Araujo Lima e outros, conduziam o paiz para uma Tarpeia, que cada vez se mostrava mais voraz, na attracção negra que exercia. Conservadores, esses vultos levados por circumstancias varias, não comprehendiam que, o paiz precisava de ordem, de liberdades e de franquias, que não deveriam ser restringidas.

Esse era o pensamento que, animava o Regente a proposito da Assembléa, que só lhe dava aborrecimentos e contrariedades.

O Legislativo, por sua vez, attribuia ao Regente, o papel de um Nero, Cerbéro collocado no olympo, não seria mais tyrannico do que Feijó, era, em relação ao paiz.

A minoria, que seria o nucleo do futuro partido conservador, se oppunha, com violencia e extrema loquacidade demagogica, ao liberalismo de Feijó, que continuava imbuido de seus sonhos e era applicado com certa truculencia que o temperava. A rudeza do Regente possuia disso a receita. Dahi, a contenda tinha que sahir.

Na Camara, o governo tinha adeptos, que o defendiam, com ardor, talento e eloquencia. Ahi, sempre, se ouvia a voz moderada, serena e ponderada de Evaristo, os argumentos sensatos de Limpo de Abreu e de outros.

Mas a insolencia de muitos opposicionistas, não se continha ao commando placido, mas clarividen-

te de Araujo Lima, para quem o desfecho dessa lucta, não poderia ter segredos.

De nada, adeantaria a força de Feijó, contra a intelligencia dos opposicionistas. Até os leões cahem nas armadilhas. Por isso é que, Honorio Hermeto exclamava nesse Parlamento:

“O Regente deve manter-se pela força moral, mas essa manutenção não deve ser filha da força material, e para adquirir prestigio e manter-se é preciso que o governo seja mais exato na execução das leis”. (Eugenio Egas, loc. cit.).

Assim declarada a guerra, entre esses dois poderes, da governação do paiz, em Maio, ao se abrir o Parlamento, o Regente pronunciava da seguinte maneira:

“Augustos e dignissimos senhores representantes da nação. -- A epoca da reunião da assembléia geral é sempre esperançosa para a nação; ella tem direito a ver diminuidos os males que a afligem. E' em extremo agradavel o ter de annunciar-os que as nossas relações com as potencias estrangeiras continuam a ser cultivadas como d'antes. O estado interno do paiz ainda não offerece um aspecto satisfactorio. O Pará reconhece hoje o governo legal e a agricultura e o commercio principiam já a desenvolver-se alli, mas acredito que será ainda necessario por algum tempo naquella provincia a presença de grandes forças, que exigem consideraveis despezas; e que muito convirá que o governo provincial não deixe de

ter, na forma da constituição, attribuições sufficientes para poder restabelecer completamente, e consolidar a tranquillidade e a segurança publica.

O Rio Grande do Sul ainda não está pacificado: o governo continua a empregar na sua pacificação os meios que pode dispor.

A provincia de Sergipe soffreu, em anno proximo passado, uma violenta commoção, os seus effeitos ainda fazem sentir-se.

Nas outras provincias experimenta-se geralmente a falta de segurança individual, e não pode afiançar-se a continuação da tranquillidade publica, emquanto esta não se firmar nas bases de uma legislação apropriada.

As rendas publicas tem crescido; comtudo o meio circulante pode, tal como existe, comprometter todas as fortunas. Este objecto é um daquelles que reclamam a vossa seria e providente attenção.

Augustos e dignissimos senhores representantes da nação, remedios fracos e tardios, pouco ou nada aproveitam na presença de males graves e inveterados.

Os ministros e secretarios de estado farvos-ão ver nos seus relatorios as mais urgentes necessidades do paiz, e terão occasião de propor-vos medidas que lhes parecem mais adequadas á felicidade da nação e á estabilidade das nossas instituições, e do throno do Senhor D. Pedro II.

Está aberta a sessão. **DIOGO ANTONIO FEIJÓ**". (Eugenio Egas, loc. cit.).

Era de praxe legislativa, ser dada uma resposta a essas palavras. Foi então, que a rudeza da opposição, fez tocar no nervo do Executivo, parecendo querer responder a provocação, com que, o Regente ferira o Parlamento, por occasião do encerramento dos trabalhos.

Um mez, apoz a abertura da sessão de 1837, isto é em Junho, a resposta foi encaminhada a Regencia da qual destacava-se em seus termos geraes. o seguinte periodo:

“Se a epoca, senhor da reunião do corpo legislativo é sempre esperançosa para a nação, é porque reconhece ella, que só da mutua e leal cooperação dos poderes politicos pode provir, efficaz remedio, aos males que a affligem; mas esta cooperação, a camara dos deputados faltará a seus mais sagrados deveres, se a prestar a uma administração, que não goze da confiança nacional. No nosso seculo, e com as instituições que possuímos, o primeiro dever dos ministros é governar conforme aos interesses e necessidades do paiz; e aquelles, que os desconhecem, ou menosprezam, mal podem dirigir os negocios publicos.” Eugenio Egas, loc. cit.).

Essa resposta, que continha inconveniencias, facilmente apontaveis, que era já de si, uma bola de ferro, envolta em macio veludo, havia sido discutida, com vagar pelo Parlamento, que não podia contar com nenhuma attenuante, e devera ter sido ampliada pelo veneno rancoroso de Martim Francisco, que inimigo pessoal de Feijó, havia proposto a substituição de uma palavra que transforma-

ria o periodo de um ataque trahiçoeiro e indirecto ao Regente, em um golpe desabusado, directamente attirado á face de Feijó. Este não podia engulir esses desaforos, como se fossem ouriços de cabeça para cima. Como se o ponto nevralgico, tivesse sido tocado, Feijó mostrou, mais uma vez, o seu temperamento impectuoso e a força de vibratilidade de sua alma sincera e sem rebuços, respondendo da seguinte maneira, immediatamente após haver tomado conhecimento das palavras do Legislativo:

“Como me interesso muito pelo prosperidade do Brazil, e pela observancia da constituição não posso estar de accordo com o principio emittido no segundo periodo da resposta á falla do throno; e sem me importar com os elementos de que se compõe a camara dos senhores deputados, prestarei a mais franca e leal cooperação á camara, esperando que, ao menos desta vez, cumpram as promessas tantas vezes repetidas, de tomar em consideração as propostas do governo”. (Eugenio Egas, loc. cit).

Essa reprimenda severa ao corpo legislativo, foi o panno vermelho desfraldado, ante os olhos do touro enfurecido.

O ministerio, que se achava muito desfalcado e muitos ministros, exercendo suas pastas a titulo interino, deu aliás um dos trabalhos maiores para Feijó, pois para o recompor teve elle que realizar os mais ingentes esforços, uma vez que, não queria chamar para o Governo seus adversarios politicos.

Feijó, a esse respeito, era rigido de mais, para ser um governante constitucional parlamentar. Nestes regimens são as maiorias parlamentares que, governam e compõe os ministerios. Quando, as maiorias attingem essa gradação, os governos, assim, tem de lhes ser entregues. Muita razão tinha Vasconcellos, quando dizia na Camara, em um dos seus discursos:

“Quando a opposição se torna maioria é dever imperioso entregar-lhe o governo do paiz, aliás nos acharemos reduzidos ao estado pouco agradavel em que nos vemos”.

Mas Feijó, não pensava assim. Elle não podia supportar o que seria uma humilhação. (1).

E que, quando elle fora eleito Regente, a eleição, cria Feijó, fôra ganha, não por elle, mas pelo seu partido. Como agora ir entregar o poder a gente de um partido que fôra derrotado?

Por não fazer muito de si, e sim do seu partido, é que, Feijó se mostrou intratavel.

Se o seu governo estava desfalcado, elle não podia completar o ministerio com gente sua do Parlamento, porque sendo a sua maioria na Camara, muito pequena, elle não queria a tornar, ainda menor, ou quiçá perdel-a até, chamando os seus elementos para o ministerio.

Eis que, a maioria perde Evaristo da Veiga, victima de mal incidioso, fallecendo a 12 de Maio!

(1) E' que Feijó não via que a monarchia constitucional obedecia a um systema parlamentar no que Vasconcellos fazia espelhar o talhe inglez. Para se adaptar a isso o Regente precisaria de mais elasticidade que o fizesse mais acomodado e mais plastico.

Feijó, então, recompõe o seu ministerio, com gente sem apoio parlamentar.

.. O parlamento, não queria se submeter.

Por fim, foi um incidente, entre o deputado Raphael de Carvalho, um dos elementos mais violentos, dos companheiros politicos da phalange de Bernardo de Vasconcellos, e o ministro da Marinha, que perdendo a compostura, elle marinheiro e não parlamentar, disse que, estava sendo atacado, como os navegantes o são por piratas. A Assembléa, com isto prorompeu em uma gritaria ensurdecadora, com o que, o ministro da Marinha, disse:

“Não posso fallar. Vejo que os senhores querem estabelecer para si o direito de insultar impunemente. O direito natural permite-me repellir a força com a força. Os srs. deputados não estão aqui para insultar nem offender ninguem”. (Eugenio Egas, loc. ed.).

Dizendo isso, o Ministro sahiu e Vasconcellos, então, acha a occasião para demolir o seu cambaleante adversario. Elle fora deixado só no terreiro! Evaristo morrera! O seu punhal ia embebido em “curare” mortal, as suas flexas tinham pontas mavorticas envenenadas.

Assim elle, rubro, pequenino, contrafeito, physicamente uma cariatide viva, exclama possesso em tom de ameaça:

“Venha a dictadura! Se ella for da vontade da nação, será rasgada a constituição e a dictadura entrará. Mas se não for da vontade da nação, sabe-se o que succederá”.

Em outro discurso a demagogia de Vasconcellos profere apopletica:

“O que ainda não entendo, senhores é como se julga necessario que a camara dos srs. deputados vote dinheiro, vote forças, vote arbitrio e nem sequer tenhamos um ministerio completo!

A interinidade nos mata de muito tempo. Ministros interinos! Força, dinheiro e arbitrio sem cabeça pode fazer algum beneficio? Que presenciemos nós o anno passado?

Ministerio sempre interino!” (Eugenio Egas, loc. cit.).

Era impossivel governar, com esse barulho. Urgia tomar uma providencia, que puzesse paradeiro, a esse estado de cousas. O Legislativo, se erguia contra o Executivo. O governo não tinha quem o defendesse na Assembleia, onde só a bravura de Alvares Machado, se fazia ouvir isolado, como uma fera cercada de mastins, avidos, com seus dentes aguçados, promptos para o halali final, os outros parlamentares governistas, se viam acovardados, pela força tribunicia de Vasconcellos, de modo que, não ousavam piar a favor de Feijó, ou do governo.

Desanimado, ante esse quadro que, ecoava lá fóra ampliado pelo microphone de uma imprensa opposicionista desabusada e atrevida, dirigida por Vasconcellos, que como o esporão vigoroso de uma caravella bucaneira abordando navios de uma frota da prata, arrazava a situação dominante, Feijó convocou, na sua residencia a rua do Conde, os seus amigos, que reunidos em torno do Regente, tinham

ares de assistir a ultima ceia do mestre, que com voz soturna parecia dizer:

“Este é o meu corpo, que se dá por vós: Fazei isto em memoria de mim (Evangelho de S. Lucas, XXII, 19).

Então Feijó, affirmou mais uma vez:

— Tenho minha consciencia tranquilla, fiz tudo para me sahir bem da empreitada.

— Mas, meu amigo, disse um delles, nós devemos governar com a maioria, porque você faz de rei constitucional e o regimen, em que vivemos é o parlamentar.

— Eu não sirvo para rei constitucional. Não sei vergar. Não posso queimar o que adorei e adorar o que queimei. Não tenho inclinação para si-cambro. Não sei virar casaca. Principalmente em materia de doutrinas. Não posso me encarnar no papel de S. Pedro que, por tres vezes negou o Mestre antes do gallo cantar pela segunda vez.

— Quem governa porem é o ministerio. O Regente não é responsavel.

— Eu não sirvo porem, para Regente. Quem voces pensam que pode servir?

— O Araujo Lima daria um bom rei constitucional. Moderado, nunca se extremou. Disse Paula Souza.

— Vou renunciar e entregar o poder a Pedro de Araujo Lima. Eu sou muito pequeno, eu nada sou diante do meu paiz. Foram as palavras de Feijó. Palavras de bronze, que marcam um caracter da mais pura essencia da abnegação. Elle resolvia abandonar o primeiro posto da hierarquia nacio-

nal, unicamente, porque não queria substituir o ministério; unicamente, porque não queria que, os adversarios de seu partido, ficassem com o poder. Elle não faria o caminho de Canossa. Homem sublime esse que, abandonava os mais altos postos da governação, para estar bem com a sua consciencia, pois se persuadira que, seria impossivel continuar, naquella balburdia e elle, não se compadecia de recompor o ministério, com gente, que não fosse a liberal. Jamais conservador entraria no governo, estando elle na Regencia. Elle não era homem de sacrificar seus principios, pelas posições. Assim todos, rezassem por essa cartilha, ou antes comungassem nessa hostia.

Em setembro desse 1837, foi Araujo Lima para o Senado, representar Pernambuco na vaga de Bento Barroso Pereira. Fora plano de Feijó, escolher Araujo Lima, para o Senado e manter vago, o ministério do Imperio, pois a resolução do illustre sacerdote, era passar a Regencia, ao seu substituto constitucional, seria o proprio Araujo Lima.

Quando Araujo Lima, foi agradecer a Feijó a sua escolha para senador, o Regente combinou todos os passes com o seu successor. Feijó, nomeou Araujo Lima, seu ministro e logo a seguir, deixou a Regencia, com o seguinte officio, dirigido ao proprio Araujo Lima:

“Illmo. e Exmo. Sr. — Estando convencido de que a minha continuação na regencia não pode remover os males publicos, que cada dia dia se aggravam pela falta da leis apropriadas, e não querendo de maneira alguma servir de estorvo a que algum cidadão mais feliz seja encarregado pela nação de reger

seus destinos, pelo presente me declaro demittido do lugar de regente do Imperio, para que V. Excia. encarregando-se interinamente do mesmo lugar, como determina a Constituição politica, faça proceder a eleição de novo regente na forma por ella estabelecida.

Rogo a V. Excia. queira dar publicidade a este officio, e ao manifesto incluso.

Deus guarde a V. Excia., muitos annos 19 de Setembro de 1837.

Diogo Antonio Feijó

(Eugenio Egas, loc. cit.).

O manifesto referido dizia o seguinte:

“Brasileiros!

Por vós subi á primeira magistratura do Imperio, por vós desço hoje desse eminente posto.

Ha muito conheço os homens e as cousas. Eu estava convencido da impossibilidade de pagar tributo á gratidão e fazer-vos conhecer, pela experiencia que não estava em meu poder acudir ás necessidades publicas, nem remediar os males que tanto vos afflige.

Não devo, por mais tempo conservar-me na Regencia; cumpre que lanceis mão d'outro cidadão, que mais habil ou mais feliz, mereça as sympathias de outros poderes politicos.

Eu poderia narrar-vos as invenciveis difficuldades que previ e experimentei; mas para que? Tenho justificado o acto de minha espontanea demissão, declarando ingenuamen-

te, que eu não posso satisfazer o que de mim desejaes.

Entregando-vos na expectação de bens, de que tendes necessidade, mas que não posso fazer-vos; confessando o meu reconhecimento e gratidão á confiança que vos mereci, tenho feito tudo quato está de minha parte.

Qualquer, porem que for a sorte que a providencia me depare, eu sou cidadão brasileiro, prestarei o que devo á Patria.

Rio 19 de Setembro de 1837.

Diogo Antonio Feijó
(Eugenio Egas, loc. cit.).

E, assim, descia os degráus do Olympo, o que fora o maior dentre os concidadãos!

Estava finda a comedia! O palco se fechára com a quéda do pannol

Subiram os conservadores. Araujo Lima, o moderado, o dulçuroso, o fleugmatico chamou a gente de Vasconcellos o "tigre", para organizar o governo e dias depois essa mesma gente, que no tempo de Feijó tanto clamara, contra elle fazia a mesma cousa. Pedidos de creditos, pedidos de força, de arbitrio, surgiram no parlamento, e então a voz do infatigavel Alvares Machado clamava:

"Entendo sr. presidente, que a nação nada ganhou com o triumpho que teve a opposição, pois a actual administração pede o mesmo que as transactas: — força, dinheiro e arbitrio".

“A taverna era a mesma, o vendeiro é que era outro”.

O reinado constitucional de Araujo Lima, não foi mais sereno do que o de Feijó.

A Bahia, fizera a guerra de separação, denominada *sabinada*, se fazendo independente até a maioridade do Imperador menino.

O Maranhão, por causa da criação dos prefeitos, mas tendo por motivos outros mais remotos e mais occultos levantou-se movendo guerra aos imperiaes até 1840. A guerra dos farrapos continuava, não obstante a victoria tida pelos imperiaes no combate da Ilha do Fanfa, e na prisão do bravo Bento Gonçalves, cuja fuga da Bahia, foi attribuida a cumplicidade de Feijó, que não podia deixar de ter certa sympathia pela causa dos riograndenses.

CAPITULO XXV

A VOLTA

O navio "Constituição", sahia barra a fóra deixando, atraz de si, uma esteira branca espumurada e no ar, um penacho de fumo negro, que subia enovelado na chaminé magra e alta do navio, um dos primeiros, movidos a vapor e a rodas, dos que cingravam para aquem Atlantico. (1)

As rodas viravam, com um ritmo surdo, que marcado por um rumor cadenciado, impulsionadas por uma maquina de 20 cavallos de força, que resfolegava, visível aos passageiros, que se atopetavam na coberta.

Dois mastros altos, com suas vélas enfunadas, auxiliavam o movimento veloz do barco, que transpunha o Pão de Assucar.

Lá ia Feijó, navegando para a sua provincia, de volta da sua viagem a corte, a qual durara quasi tres annos. Elle fora eleito Regente do Imperio e governara a nação, durante cerca de dois annos e pico. Por fim, baqueára, para não ter que dobrar

(1) As viagens a vapor só se faziam pela costa.

Só em 1838 se realisou a primeira viagem transatlantica a vapor, entre os Estados Unidos e a Inglaterra.

o seu cerviz sempre altaneiro como um róble, em meio de fremente tempestade.

Só o caniço ou o arbusto se abatem, elle Feijó sempre fora como uma arvore frondosa, que poderia ser abatida, mas jamais vergada!

Era a segunda vez que isso lhe acontecia. Cinco annos antes a situação, para elle, era identica,

Eil-o, sentado em sua cadeira de paralytico, com seu semblante fechado e austero, em seus traços bem marcados, a esculpir uma face alva sempre muito bem escanhoadá a formar uma camada azulada, bem destacada do branco de uma pelle, bem esticada e ser rugas, que os cincoenta e tres annos, poderiam ter cavado naquelle rosto de soffredor estoico, onde rutilavam vivas duas pequenas pupilas negras, que se casavam bem com aquelle maxillar voluntarioso e pronunciado, que era o pedestal, onde repousava esparramada a basta e negra cabelleira, que se delinhavam já acinzentada de fios brancos de uma cans, que começavam a repontar!

Eis uma figura digna de um gobbelin flamengo, que durante, quasi tres annos, se movera com energia e precisão no scenario da fervilhante politica nacional!

Feijó, não pudera voltar a sua provincia, pela via terrestre, como da ultima feita, quando deixara o Ministerio da Justiça, em que o havia feito, em virtude de, haver progredido muito a sua molestia, essa, que o retinha preso e sem o poder da locomoção. Eil-o naquella cadeira, que era para elle, Feijó, um verdadeiro Caucaso, onde se via, qual um Prometheu acorrentado, tendo o seu figado constantemente devorado, pelo negro abutre do desespero.

Quando Feijó, viéra para a corte, afim de assumir a Regencia, ainda elle, com o auxilio de uma bengala, podia andar, com certa liberdade de movimentos. De então para essa occasião, o mal havia evoluido caminheiramente, corroendo a natureza solida do jequitiba paulista, como o fogo faz aos grandes troncos da floresta espessa, queimada para as roçadas do fim do inverno.

Derruem-se as arvores por dentro, deixando o exterior enverdecido, mas subitamente a morte, toma conta do bojudo tronco e elle desaparece na voragem das derrubadas, para em seu lugar surgirem cafesacs alinhados. Estes vistos de longe, eram como se fossem fios de uma cabelleira gigante, disposta sobre os cabeços ondulantes, de colinas que se succedem interminas no planalto piratinigano.

A tarde cahia, nesse crepusculo dorido que se fechava em um por de sol em que se emerara a palheta da natureza mais rica em cores do que o proprio "Kilt" escossez do "Bonnie Prince Charlie Stuart."

A morrarria azulada, desapparecendo, nesse lusco fusco acinzentado pela nevoa, ao longe, via se aproximar o manto anegrado da noite, que aos poucos cobria com suas trévas o quadro magnificente, em que o Creador, puzera toda a sua habilidade de magico celestial, em produzir um milagre de visão magestática, que se ia com o aproximar da noite, que como a aza agoirenta de um vampiro, cobria toda a face oriental do firmamento, a enorme pedra da Gavea, porem, se destacava nitida no horizonte enfumaçado, como se fora uma estatua imensa erigida ao genio de um esculptor cycloptico.

Servindo-lhe de pedestal via-se a verdura luxuriante da matta, que se emoldurava pelo niveo, das cristas espumaradas das ondas bravias, que iam morrer na faixa alvinitente de uma praia, a qual parecia de bordo a se afogar, entremeiada por dois morros graníticos, que se erguiam a prumo, com os seus dorsos desnudos, onde apenas ulceras de musgos verdes e de lichens claros cortavam a monotonia de uma cor parda, que se elevava ás alturas.

Feijó, ouvia o resfolegar compassado da maquina, e comparava a sua situação, com a daquella força inanimada.

Elle fôra um grão de areia, cristalino, mas de dureza diamantina, o qual não pudera ser assimilado, ou desgastado, naquelle ambiente governamental da corte, em que se movia tropega e descontrolada uma maquina administrativa, servida por gente de tempera gelatinosa e ductil.

Elle Feijó, com a rigeza da sua espinha, não se pudera curvar aos imperios de uma acomodação nesse ambiente cortezão. Por esse motivo, depois de haver descido os degraus do throno eil-o, carregando a sua cruz, a caminho de sua provincia, essa "*provincia onde se timbra em fazer o que se promette*", essa provincia que como uma meiga e carinhosa Veronica iria dar-lhe o balsamo ameno para o soffrimento que lhe compungia a alma.

Dois dias depois, surgira a manhã, já em aguas paulistas. A ilha de S. Sebastião se desenhou em frente.

A' direita o niveo arriba-mar vicentino, como uma longa faixa, emoldurava o negror monolithico da cordilheira penhascosa, que se desenhava em um recorte, que se perpetuava por uma gymnastica abrupta, sob o céu de cinza.

A grande ilha de S. Sebastião, toda verde de vegetação luxuriante, que lhe vestia o dorso pardo de seus morros, plantava-se ao lado. A' direita, no bombordo, era sempre o continente que se deitava preguiçoso, nas cristas das vagas santelmicas e teimosas. No canal, já o navio navegava placido, em um mar de espelho, agora protegido pela ilha, que servia de anteparo, ao violento sopro do nor-dêste.

Na prôa, o som melodioso das guitarras, tangidas por dedos melancolicos, acompanhava uma canção dorida, cheia de poesia, a trahir a alma portugueza embalada nos sonhos do fado.

Muitos homens, agrupados no castello de avante da nave, commentavam a paizagem soberba, que a milagrosa natureza patenteava aos seus olhos embevecidos. Todos estavam vestidos de sarja cinza, com as camisas abertas ao peito tostado e largos lenços de alcobaça escarlata, envolvendo as cabeças barbaçudas e trigueiras, de onde sahiam em madeixas, longas cabelleiras negras.

E a melodia chorava a saudade, a nostalgia, o amor, evocando os olhos negros e scismarentos, os talhes voluptuosos e as cachoupas enamoradas, que se haviam quedado tão longe, no outro extremo do mundo!

A tarde, o navio se defrontava com a Bertoga.

Lá estava a velha fortaleza de Hans Sttaden, toda cheia de vegetação, crescida pelo abandono, e fertilisada pela poeira dos seculos, a cambiar em verde, o pardo das amuradas com barbacans, ameias, e seteiras todas emusgadas, e cheias de "lichens", que com a cantaria em ruinas davam

um choro de melancólica saudade, daquelle neblinado passado quinhentista, que os tempos levaram para o além, nas profundezas do esquecimento!

Era como que, a Tarpéa, que se abria para Feijó, que deixára na corte luxuriante o Capitólio brunido, que se sumia confundido nas aguas flácidas e amornadas de Santos, que se veria logo!

Uma guitarra castelhana gemia, com uma voz maviosa:

*Mas jarcias y bandeirolas
que por la barra el navio...*

O navio já estava no canal da Bertioga, se defrontando com a fortaleza nova, que o saudava com as salvas rimbombantes de seus canhões bronzes.

Feijó voltava vencido e acachapado da missão de governar o Brasil. Elle sonhara alcançar a lúaa e só chegára a attingir as nuvens!

Quizera se impor uma tarefa, que assustaria ao proprio Giliath e voltava sem animo!

PARTE III

CAPITULO XXVI

A A V A L A N C H E

A noticia de que o Parlamento Geral havia votado uma lei interpretativa do Acto Addicional, que restringia as franquias provinciaes, reboou, como o estouro estridente de um petardo.

S. Paulo via nisso, o manejo de Bernardo Pereira de Vasconcellos e a sua gente do Partido Conservador.

Esse acto legislativo, fora escripto, não a tinta, mas com a cantarella dos Borgias. A penna que sancionara esse disparate legislativo deveria ter sido forjada em Florença, nesse quatrocentismo de legenda, em que, as traições dos Medicis campeavam, emaranhadas em mistura com os mysticismos dos Savonarolas.

Era preciso reagir!

Esse golpe legislativo, deveria ser a almenára avançada da tempestade, seria o preludio de uma symphonia macabra, porque as provincias, com elle diminuidas, não se poderiam conformar, seria o prologo de um drama, que ensanguentaria o

sólo da nação. Era o centro, querendo estender o braço demasiadamente, ferindo as provincias. (1)

Óra, os paulistas, sempre foram ciosos de suas prerogativas de autonomia.

O passado delles, ahi estava a testemunhar o espirito altaneiro de sobranceiria, demonstrado sempre por essa gente. Durante o quinhentismo e o seiscentismo, gosaram de farta dóse de liberdade, a qual roçava mesmo pela completa autonomia. Era mais uma despreocupação do Reino, ou antes, dos Reinos Ibericos, pelo que se passava, e podia passar no planalto piratiningano, em relação aos seus laços de prisão á patria peninsular. Gosaram nesses duzentos annos de, tantas regalias que, os moradores dessa região, não sentiam necessidades que tivessem independencia completa a se reflectir no scenario politico.

Por isso, foi que, o movimento em torno de Amador Bueno, o qual foi sem duvida, um golpe separatista da Europa, não vingou, não foi energeticamente intentado e não teve consequencias, em relação a independencia das colonias.

Sim, porque, se não fosse o absoluto afrouxamento dos laços, que prendiam a velha capitania vicentina a Portugal, a reacção teria sido muito

1) Vasconcellos, fallando no Senado a 29 de Maio de 1839 dizia:

“Eu entendi que o Acto Adicional devia ser approvado tal qual o redigi e apresentei...

Não conseguir o meu desejo; Fizeram-lhe consideraveis emendas que o podem tornar como eu receiava, a carta da anarchia”. “Bernardo Pereira de Vasconcellos”, Oct. Tarq. de Sousa, 151.

Uma symbiose de intollerancia e de vaidade não se expressaria de outra forma...!

violenta e persistente. Foi um só movimento serio, pela separação da Metropole portugueza. Eu digo serio, porque os movimentos, contra a autoridade de Salvador Correia de Sá, no decurso desse seiscentismo, nada mais foram de que movimentos de independencia.

Eu comprehendo e justifico essa indifferença dos portuguezes reinóes, para com o planalto, pois era uma região pauperrima, que não podia offercer, a menor somma de rendimentos para Lisboa.

Com isso, elles nunca tiveram attensões, para com essa região, que nada lhes proporcionava. Era natural, e perfeitamente explicavel esse des-caso.

Mas, quando, os paulistas descobriram os mananciaes auriferos, nessa sombra amena do Itacolomy nos recortes penhascosos dessa lendaria Sabarabuçu, nos martyrios goyanos, ou nos socavões encardidos de Cuyabá, os metropolitanos fizeram recahir sobre elles, a mão ferrea de uma dominação brutal. Com os Rodrigo Cesar de Menezes e outros, Portugal fez empallidecer os satrapas persas, attirados nas governações provinciaes dos imperios dos Achemenidas ou dos Sassanidas. Os paulistas, porem, nunca se haviam compadecido dessa situação, sem embargo, de haverem entrado no periodo da decadencia e da anemia setecentista, que os victimava e o deixava imbeles e exsanguis, nas mãos de uma metropole ávida, voraz, gulosa e sem escrupulos.

Foi por isso que, os paulistas não fizeram grande cousa, quando houve em Minas a famosa inconfidencia, que sonhava com a independencia das minas do ouro.

Nestas regras, procedeu Beckmann no Maranhão em 1684. Assim agiu, a Confederação do Equador em 1824. Esse foi o proceder, em 1817 dos republicanos de Pernambuco.

Mas, quando nas proximidades de 1822, os paulistas, viram uma possibilidade de se libertarem de Portugal, ainda que, o planalto, não estivesse refeito da sangria, que lhe haviam feito no setecentismo as minas de ouro, não foram dos que menos concorreram, para que a independencia viesse coroar os esforços de Feijó, dos Andradas e de outros que se encarniçaram na campanha, que teve epilogo victorioso ás margens do Ipiranga.

O advento do acto adicional foi saudado, por elles, paulistas como uma liberalidade salvadora e isso fortaleceu mais nelles, o liame nacional, o qual só diminuia a sua resistencia, quando era esticada por centralisação mais ou menos suffocante. Aliás é natural. A provincia tendo mais autonomia, se sente bem em continuar associada ás outras, que não lhe contrariam.

Mas, as medidas constante do Acto adicional, na sua applicação, não foram bem recebidas por todos. Vasconcellos, não as acceitou com bons olhos. Assim tambem, Honorio Hermeto e todos os conservadores capitaneados por Araujo Lima, novo Regente, que calmo, fleugmatico, pouco expressivo, de coloração pouco accentuada, de feitio pouco bellicoso e avançado, não se lançava abertamente em uma campanha pela sua abolição. Araujo Lima continuava a não ser "nem carne nem peixe".

Hollanda Cavalcanti que, da occasião do principio da Regencia de Feijó, estivera encarceirado com Vasconcellos e com Honorio Hermeto, desli-

gou-se delles e se foi postar nas fileiras, onde militavam pela maioridade Limpo de Abreu, Alvares Machado e os Andradas, todos arregimentados no grupo liberal do qual sahiria o partido desse nome. Aos poucos Hollanda se foi integrando entre os liberaes, até que, se distanciar dos seus antigos parceiros, então conservadores. (1)

Varios historiadores, entre os quaes Calogeras, parcialmente, se enthusiasmam por Vasconcellos e pelas medidas, que constituiam a Lei interpretativa de 12 de maio de 1840.

Mas eu difficilmente tenho encontrado falta de visão, tão bem enunciada, quanto a dos autores dessas disposições. Vasconcellos e Hermeto, bem como os seus companheiros conservadores foram dos mais fervorosos adeptos da centralisação e Calogeras diz que, essa lei, foi das maiores glorias de Vasconcellos (*Politica Exterior do Imperio*, III, Serie Brasileira).

Estou certo de que, uma vez Calogeras dizendo isso, deve se ter, como certo haver sido Vasconcellos e seu amigo o futuro Marquez do Paraná, os forjadores principaes dessa cadeia, que entorpeceu as franquias provincias, constantes do avanço feito pelo Acto adicional uma das leis melhor concebida e engrenada com o estado de facto real do paiz, que então era vigente.

1) Hollanda Cavalcanti se fez liberal, emquanto que Vasconcellos se fez conservador. Marcharam inversamente. Houve pois intersecção de suas directrizes politicas. Então elles se orientaram contra Feijó. Só na occasião do seu encontro essas personalidades estiveram unidos. A separação não tardou, porque Vasconcellos, "o regresso", com o seu bando de "lucifers" voavam descentricamente para o conservatorismo, emquanto que Hollanda se distanciava velozmente delles, se fazendo cada vez mais liberal, isto é, se aproximava progressivamente de Feijó.

CAPITULO XXVII

NEMESIS E BELLONA

Os hellenos tributavam culto mythologico a Nemesis, a entidade da Justiça, a qual muitas vezes, se revestia de aspecto da vingança, tomando a feição de tragedia. Então, os romanos substituíam essa figura do rito grego, por outra que, a sua mentalidade concebera. Bellona, que presidia ás guerras. Foi esta, que, respondeu ao chamado dos paulistas em 1842, quando se julgando tratados com falta de Justiça, invocaram os arestos da entidade hellenica. Assim elles pensaram serem forçados em desespero a buscar, na violencia e na força, refugio para o estado de agonia em que, se encontravam. Nemesis, ante, essa eventualidade, tomou a cor rubra da guerra, que se alastrou fumegante, pelo planalto de Piratininga. Surgiu, então, emparelhada com ella, Bellona, a deusa da guerra.

Foi a pretexto, a gotta dagua, que fez entornar a bilha, o facto de haver sido nomeado para o cargo de Presidente da Provincia de S. Paulo, o Marquez de Monte Alegre, o mesmo que, fôra um dos tres regentes, quando Feijó exercera o ministerio da Justiça e do qual José Bonifacio pensava ser “velhaco” (Oct. Tarq. de Souza; “Evaristo da Veiga” 223).

Não ha duvidas que, a Provincia se enchia de brasileiros de outras partes do paiz, que se aquinhoavam com as melhores posições, relegando os filhos da terra á penumbra de um ostracismo, dentro da sua propria casa. Com isso, houve, como era de se esperar, tremenda reacção. O espirito da terra teve uma vivida fulgurancia, devotando a tudo e a todos os exoticos e forasteiros, notavel animosidade. Era um sentimento de aversão, que se exacerbava, attingindo ao paroxysmo de chauvinismo, que se estreitava, apaixonado, com o atricto e a concorrência que esses elementos lhe faziam.

Os centraes, não tinham olhos, para esse phenomeno psychologico, que, dia a dia, se accentuava, com a continuação do contacto, o antagonismo perenne, as contrariedades repetidas, advindas dessa mesma causa, que longe de ser curada era, antes tratada com remedios contraindicados, que o charlatanismo de uma orientação de curandeiros ministrava, sem a menor visão.

Elles, os do governo metropolitano acreditavam que, o sentimentalismo paulista deveria ser esmagado com a obrigatoriedade, que lhes davam de receber gente de outras procedencias brasileiras. Era um processo, que devia obter successo, domando esses altivos paulistas e quebrando-lhes o animo particularista, como abatendo-lhes o "panache", ou soffrendo-lhes o orgulho. Assim os metropolitanos teimaram na sua orientação de proceder contra os paulistas que se sentiram opprimidos e em desespero, diziam elles, appellaram para a violencia.

A esse resultado, era de chegar, uma vez que, as causas fossem essas apontadas, não dando os conservadores, estadistas do Imperio attenção a ellas ou remedio ás mesmas.

Os paulistas, pensavam agir acertadamente dessa maneira, obedecendo inconscientemente, o que as regras da psychologia collectiva imperiosamente determinam, e jamais seguindo os impulsos de um livre arbitrio inexistente. E' bem certo que, esse determinismo, facil de ser conhecido, foi aproveitado pelos estadistas liberaes, que se viam assediados pelos conservadores, no governo, a frente dos quaes estava Bernardo de Vasconcellos, que capitaneava uma phalange de hoplitas, na qual militavam, logo na primeira linha, Araujo Lima, Calmon, Honorio Hermeto, Costa Carvalho, Raphael de Carvalho e outros.

Os liberaes eram, Feijó, Alvares Machado, Vergueiro, Antonio Carlos, Martim Francisco, Paula Souza, Hollanda Cavalcanti, Tobias, Barão de Piracicaba, Rodrigues dos Santos, Theophilo Ottoni e outros, que, desassobradamente porfiavam pela maioridade de Pedro II, que 1840, livrou o paiz da anarquia da Regencia de Araujo Lima, para o precipitar em outras, que iriam se succeder, como scenas interrompidas, pelos entreactos fugazes das guerras do Sul e do Paraguay, contra Rosas e contra Lopez. (1)

O carro de Siva avançava...

1) O golpe da maioridade indiscutivelmente foi uma habilidade dos liberaes, que com elle, deram uma tremenda rasteira politica nos conservadores. Araujo Lima, chamando Vasconcellos para o ministerio, recuou para a ultima linha de trincheiras da resistencia encarniçada que a elle fazia appellar para os seus ultimos cartuchos contra a maioridade. Mas o "quero-o já", foi o golpe de misericordia vibrado contra os conservadores pelo menino de 14 annos que era Pedro II.

Foi por isso que Vasconcellos só esteve 9 horas no governo, tempo esse que elle dizia ser o mais honroso da sua vida.

Queriam os liberaes que, o Presidente da Provincia de São Paulo, fosse um homem da terra, o Brigadeiro Tobias, por exemplo, que já havia dado provas de ser um grande administrador, tendo exercido, por duas vezes, o executivo paulista. O centro, porém guiado pelos vingativos sentimentos do conselheiro Vasconcellos, não podia ver nitidos as realidades brasiliars, não queria dar provimento ao desejo dos paulistas.

Estes, na crença de serem alvos da compreensão metropolitana, vendo Nemesis a chorar impotente, invocaram as armas, e o perfil destacado de Bellona, encimado pelo seu elmo de bronze, envergando a sua cota de malhas, e o seu saiote de escamas de aço.

Elles, os paulistas, confiavam na posição geographica a cavalheiro da Serra do Mar, no auxilio, que lhes devia ser prestado pelo Barão de Antonina, potentado do sertão sulino de Curitiba e, na diversão, que deveria operar concomitantemente, Theophilo Ottoni, em Minas, chamando para ahi, os parcos recursos militares da metropole, que deveria estar bem enfraquecida, pela longa luta, que lhe moviam os gaúchos, na Republica do Piratiny.

Não tiveram olhos, os paulistas, para a nenhuma preparação em que estavam, para a falta de tudo, que lhes assistia, para a possivel traição, dos que lhes haviam promettido apoio e que, na hora poderiam falhar, bem como, nas eventualidades, que poderiam occorrer, fazendo com que, os liberaes mineiros, não se levantassem exactamente no

mesmo instante que, elles. (1) Uma circumstancia só poderia ser tida como infallivel. Era a guerra dos Farrapos, que Bento Gonçalves, o glorioso centauro dos pampas, fazia encarnçada no extremo sul. O condottiêre gaúcho era infatigavel na sua luta pela liberdade. Mas os paulistas se sentiam desesperados e isso os cegava. Assim o Rubicon foi transpostos por elles, sempre ungidos daquella ingenuidade, que sempre saturou a gente desta terra.

Foi lançado ao povo a seguinte proclamação:

“Paulistas!

Os fidelissimos Sorocabanos, vendo o estado de coacção, a que se acha reduzido, o Nosso Augusto Imperador, o Sr. D. Pedro II por esta oligarchia sedenta, de mando e riqueza, acabam de levantar a voz, elegendo-me presidente Interino da Provincia, para debelar essa idra de trinta cabeças, que por mais de uma vez tem levado o Brasil, a borda do abysmo, e libertar a Provincia desse proconsul, que postergando os deveres mais sagrados, veiu commissionado para reduzil-a ao estado de

(1) A situação dos paulistas em 42, se reveste de muita semelhança com a dos gaúchos em 1930, os quaes alliados a Minas deram um golpe victorioso no governo central.

Estrategicamente era uma massa de rebeldes ao sul, alliada a outra em Minas, da qual havia a distancia a os separar. O poder central teria dois inimigos a vencer. Em 1930, porem, a situação foi peor para o governo central, pois os nucleos de seus inimigos podiam se communicar, ao passo que em 1842 elles estavam isolados. Além disso em 1930, ainda os rebeldes tinham uma 3.ª no norte, que, logo de inicio fora victoriosa, de modo e se apoderar de todo o Nordeste,

misero Ceará e Parahiba. Fiel aos princípios que hei adoptado constantemente na carreira publicação, não pude evitar dedicar mais uma vez, minhas debeis forças, na sustenção do Throno Constitucional.

Paulistas!

O nosso patriotismo já deu o primeiro passo, prendendo e seguindo os nossos representantes, quando fieis interpretes de nossos sentimentos, clamarão contra essas leis; que cerceando as prerrogativas da coroa, e as liberdades publicas, deitarão por terra, a Constituição.

O nosso valor e firmeza fará o resto.

Mostremos ao mundo inteiro; que as palmas colhidas nas campinas do Rio da Prata, não podem definhar nas do Ypiranga.

Os descendentes do illustre Amador Bueno, sabendo defender os seus direitos a dar da fidelidade que devemos ao Throno e união, e a Patria será salva!

Viva a nossa Santa Religião!

Viva Sua Magestade o Imperador!

Viva a Constituição."

RAPHAEL TOBBIAS DE AGUIAR (Egas loc. cit.).

Feijó confirmou esse manifesto, a elle se associando com este outro:

"Apenas soube eu em Campinas as 10 da noite, que nesta Cidade se havia aclamado um Presidente Paulista, e que este era o Snr. Tobias; cobrou a minha alma algum alento,

e persuadi-me, que a Província ia recobrar o seu antigo renome, e que brevemente os antigos mandões reconhecendo que com Paulistas não se brinca, se retirariam do Conselho de Sua Magestade Imperial, e dariam lugar a, que elle livremente escolhesse, um Ministerio amigo da Constituição e que soubesse como se governa a homens livres.

Dei providencia, e de manhã, não obstante o meu habitual estado de saude, puz-me a caminho, e cheguei a esta cidade de Sorocaba, com 3 dias de viagem; a minha gratidão será eterna, a todos os Sorocabanos, e jamais deixarei de lembrar-me que aqui, foi onde se deu o primeiro grito de convite a Província, para despertar de tanto torpor, e tratarmos de segurar nossas liberdades. Enchi-me de enthusiasmo, observando o valor, a coragem e o desejo que todos mostravam em dispor-se aos perigos, para libertar a Capital, do jogo desse Presidente bahiano, que tanto nos tem oprimido e sem razão.

Deliberei ajudar tão honrosa tarefa, quanto a mim estivesse.

E como nada posso, senão exprimindo pela imprensa meus sentimentos; emquanto puder, direi a meus patricios, tudo quanto julgar que lhes convem, para perpetuar a gloria da Província.

Talvez pouco me reste de vida, mas esse pouco, voluntariamente sacrificarei pela Patria, a quem tudo devo.

Sorocaba 27 de Maio de 1842.

(Egas, loc. cit.)

FEIJÓ"

A impressionante figura do grande estadista da Regencia, não foi elemento da conspiração, que fez arrebentar a guerra civil de 1842, em S. Paulo. Como se ve, por esse documento, Feijó só, quando, teve noticias de que, o movimento havia sido lançado, se envolveu nelle, dando a elle todo o seu esforço. Feijó não foi conspirador, mas quando, o momento chegou de, os paulistas sahirem dos conciliabulos, dos complots, para a luta, a peito descoberto, ahí tiveram Feijó na primeira linha de combatentes, dando á causa paulista toda a sua maravilhosa coragem, toda a sua operosidade magnifica, todo o seu infatigavel denodo.

Essa actitude deveria ser a de qualquer habitante desta terra.

Elle, com o cargo de Vice-Presidente da Provincia rebellada, parecia um dynamo humanizado, em beneficio á sua causa. O seguinte documento faz certo, como o egregio sacerdote levou até ao fim o seu masculino esforço:

“Diogo Antonio Feijó do Conselho de Sua Magestade, Gran Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro, Senador do Imperio e pela MERCÊ DE DEUS PAULISTA.

O Exmo. Presidente sendo obrigado a ausentar-se para fora desta Cidade a tratar negocios tendentes a causa que defendemos, mas tendo de voltar brevemente com tudo para não parar o expediente da Presidencia, nomeou-me seu Delegado para com o nome de Vice-Presidente, dar todas as providencias convenientes ao estado actual da Provincia.

Meus patricios, conheci em mim, que nada pouparei para coadjuvar-vos.

Sede obedientes ás ordens de vossos superiores, tende patriotismo, e breve sereis cobertos de glorias.

(Egas, loc. cit.).

DIOGO ANTONIO FEIJÓ”.

Feijó, com isso assumiu a verdadeira chefia do movimento, mas depois de haver revisto toda a documentação sobre o assumpto, estamos em absoluta segurança, em que, Feijó não foi conspirador e só depois de deflagrada a rebelião, se integrou com ella, chegou a ser o seu chefe, segundo em gradação.

Infelizmente os paulistas, sempre se arrojavam em movimentos dessa ordem, sem a necessaria preparação. Faltava-lhes tudo! O mesmo iria acontecer a esta terra, quasi um seculo depois. Os paulistas, iriam ser abatidos, pela sua falta de preparo, pela sua imprevidencia, pela ingenuidade, com que acreditavam em todos os compromissos que se lhes hypothecavam auxilios.

S. Paulo, sempre foi assim!

Credulo até as raias da simplicidade, se lançava com destemor e desprendimento no horror das fornalhas das rebeliões, aquilatando a honra alheia, pela que, sempre, demonstrou possuir! Assim são os fortes! Mas, assim, não são os espertos!

Em menos de um seculo S. Paulo assistiu a dois espectaculos, que burilaram, no granito do conjuncto de virtudes moraes do povo desta terra, a figura da sua estupenda ingenuidade. Quer os homens, tenham o nome de Barão, quer sejam simples generaes civis, os paulistas, nesse lapso de tempo, tiveram de levar a cruz ao Calvario de duas

derrotas militares, sem o concurso consolador de um Cyreneu sulino, que por duas vezes falharam na hora amarga da luta.

Pois bem, foi nesse mesmo instante, que, Feijó se irmanou com a rebellião.

E nem Feijó, com o seu character rude, com o seu amor á verdade, com o seu espirito de lealdade extremada, com a sua sinceridade, que na historia, não se encontra exemplo maior, poderia ser conspirador de qualquer cousa. Talvez, tenha sido, por esse motivo, que os seus amigos liberaes, só hajam permittido que, Feijó tivesse contacto com o movimento, quando esse já estava na rua.

Por ter a psychologia assim talhada foi que, Feijó escreveu a sua primeira carta ao Barão de Caxias. Pelos termos desse officio, se verifica a alma do grande paulista era feita de bronze, cujo reboar metallico e grave ha de ecoar no coração do nosso povo, lhe recordando, com unção veneravel, as virtudes, que aureolavam o espirito de apostolo que foi Feijó. Igual exemplo, de heroismo não se encontraria nas paginas do passado humano:

“Quem diria que em qualquer tempo o Sr. Luiz Alves de Lima seria obrigado a combater o padre Feijó!

Taes são as cousas deste mundo!... Em verdade o vilipendio, que tem o Governo feito aos paulistas, e as leis anticonstitucionais da nossa Assembleia me obrigaram a parecer sedicioso.

EU ESTARIA EM CAMPO COM A MINHA ESPINGARDA SE NÃO ESTIVESSE MORIBUNDO; MAS FAÇO O QUE POSSO.

Porém alguns choques tem já produzido o espirito de vingança; e eu temo que o desespero traga terriveis consequencias e, como persuado-me que Sua Magestade Imperial ha de procurar obstar as causas que deram motivos a tudo isto, lembra-me procurar a V. S. por este meio, e rogar-lhe a seguinte accomodação, que é honrosa a Sua Magestade Imperial e a Provincial; e vem a ser:

1.º Cessem as hostilidades.

2.º Retire-se da Provincia o Barão de Monte Alegre, e o seu Vice Presidente, até que sua Magestade nomeie quem lhe parecer, e a Provincia pede a V. E. que interceda perante o mesmo Senhor, para que não nomeie Socio, amigo, ou alliado de Vasconcellos.

3.º Que a lei das reformas fiquem suspensas, até que a Assembleia receba a representação que a Assembleia Provincial dirigiu á mesma sobre este objeto.

4.º Que haja amnistia geral sobre todos os acontecimentos que tiverão lugar, e sem excepção; embora seja eu só o exceptuado, e *se descarregue sobre mim todo o castigo.*

Illmo. Snr. V. E. é humano, justo e generoso, espero não duvidará cooperar para bem desta minha Patria.

Eu lhe assevero, que exigirei a execução deste tratado por parte do Governo actual desta Provincia, e com o commandante de nossas forças pode concluir definitivamente esta capitulação.

Deus felicite a V. E. como deseja quem é.
De V. E. amigo e obrigado venerador.
(Egas, loc. cit.).

DIOGO ANTONIO FEIJÓ

Se nós, não tivéssemos outros elementos, para traçar o perfil do egregio estadista, bastaria essa carta para fazel-o, pois ella define um character, assignala uma personalidade, distingue uma individualidade, que evidencia tantas qualidades de alma, que ella, em meio da multidão se mostra destacada, como se fora um vulto immenso a planar sobre o acto de tragedia, que se desenrolava na Provincia.

De facto, esse officio ao Barão de Caxias, se faz remarcado por contar duas affirmativas espartanas, demonstradoras de uma fibra absolutamente innegualavel. Em primeiro lugar, Feijó diz que, se não fôra o estado physico, que o prostava, em uma preagonia, elle estaria a empunhar uma arma.

Só isso, já seria epico! Mas, mais adeante, nesse mesmo officio, Feijó chama sobre si toda a responsabilidade do movimento, e se offerece a servir de para-raio para sobre elle só, cahir a furia dos contrarios.

Isso bem define, não só a bravura civica d'esse homem extraordinario, mas accentua, tambem, o seu espirito de abnegação, o qual toma taes proporções, que na Historia humana, só se encontra uma abnegação semelhante, em George Washington, mas ainda fica a dever a Feijó, no que diz espirito de sacrificio.

Os paulistas se erguendo em rebellião, não viram os seus esforços coroados de exito, pois não

obstante a segurança, com que contavam e a natural bravura de todos os empenhados no movimento, foram derrotados no famoso combate da Venda Grande, em que algumas centenas de paulistas sob o commando de Antonio Joaquim Vianna, soffreram o embate de cerca de 300 soldados regulares commandados pelo Coronel José Vicente Amorim Bezerra.

Estava vencida a provincia de S. Paulo!

Com isso, o Barão de Caxias, commandante em chefe legalista, que havia invadido o territorio paulista, foi sobre Sorocaba, que era o nucleo da rehellão.

Os chefes desta, o Brigadeiro Tobias, e Feijó, este paralyzado em seus movimentos, na sua cadeia, que era mais o pedestal da estatua da dor, a algema que agrilhoava o magno sacerdote á impotencia, haviam resolvido a ficar e enfrentar a borrasca.

Ao se aproximar esta, ainda Feijó, procurou ganhar, para a causa paulista, os favores do commandante das forças contrarias, o Barão de Caxias, que fora seu subordinado quando o egregio estadista fora ministro da Justiça. Dirigiu inumeros officios ao inimigo, mas este sempre lhe respondia na persistencia de seus propositos, até que as forças governistas, se acercaram de Sorocaba.

Ahi houve um panico, que apanhou não só as tropas revolucionarias, mas tambem os civis, que, como uma boiada estourada, corria espavorida pelas ruas do centro urbano.

Foi então que, o padre do alto da janella da casa do Brigadeiro Tobias, sentado na sua cadeira de paralytico, teve as palavras, que ficaram famo-

sas e que deveriam ser gravadas a ouro para servirem de exemplo aos habitantes deste torrão: *Correi, correi, cambada de sem vergonhas, fracos e poltrões. Eu aqui fico para vos defender.* Quadro epico, para um Pantheon de glorias! Dir-se-hia um novo Vasco da Gama, isolado em mar borbulhante, que elle aterrorisava.

Feijó, parecia um recife negro, a emergir luzente das aguas revoltas e espumaradas se postando sósinho, ante o fugir apavorado da turba allucinada!

Bayard na ponte de Garigliano em 1508, defendendo sósinho a retirada do exercito francez, contra todas as forças hespanholas de Gonçalo de Cordova, o grande capitão.

Caxias chegou, porem, ao fojo dos tigres paulistas. Em Sorocaba elle encontrou o paralytico com que travou o seguinte dialogo:

— Quaes são as ordens que traz o General Luiz Alves de Lima e Silva? Inquiriu Feijó.

— As mesmas que recebi do ministro da Justiça de 1831:

“Levar tudo a ferro e a fogo! E’ isso que estou fazendo.

— Então? Indaga Feijó, se referindo ao que pretendia Caxias fazer em relação a elle.

— V. Excia. está preso. Só o dever de soldado me obrigaría a praticar este acto.

— Estou ás suas ordens.

— Se V. Excia. quer levar alguma cousa para o quartel, porque de tudo estou desprovido — *Com uma esteira e um travesseiro tenho o sufficiente.* (Eugenio Egas, loc. cit. “Estudos”, 227). Respondeu Feijó, completando, com voz cava a magestade

infinita e a grandeza maravilhosa, desse sua espartana resposta ao cabo de guerra, magnânimo e victorioso, que acabava de esmagar as forças paulistas.

Feijó paralytico em sua cadeira de braços, carregada por quatro soldado, lá se foi para o estado maior do Barão de Caxias. (1).

(1) Creio que na prisão, Feijó, não ficou só com a esteira e o travesseiro, pois nessa occasião parece que elle mandou buscar um colchão com o alfêres João Nepomuceno de Souza Freire um illustre sorocabano que militava solidamente entre os liberaes, e que foi uma arvore frondosa, della se esgalhando centenas de paulistas dos mais representativos e dignos da nossa valorosa estirpe.

O Dr. Americo Brasiliense possuia um bilhete de Feijó, nesse sentido, havendo o doado ao Instituto Hist. e Geog. Brasileiro. Esse bilhete diz o seguinte:

“O Escravo Ignacio vai buscar na casa do sr. Alfêres João Nepomuceno e Sousa 1 colchão, e travesseiro grande que me pertencem. Sorocaba 22 de Junho, de 1842.

Diogo Antonio Feijó.

CAPITULO XXVIII

O DEGREDO

Havendo estourado o movimento paulista a 17 de Maio de 1842, a 22 de Junho, elle estava suffocado pela espada de Caxias, a quem o governo imperial, ficava a dever mais um serviço, que seria inutil deixar de assignalar. Com data de 2 de Julho, desse anno de 1842 Feijó, recebeu do barão de Monte Alegre o seguinte officio:

“Não desconhecendo V. Excia. que por sua jerarchia a posição social, excita a attenção do povo, e que estando este na crença de que V. Excia. não foi alheio aos actos da rebellião que teve lugar nesta provincia é natural que conceba algum desgosto por ver *perseguidos* um grande numero de cidadãos pela acção da justiça publica, enquanto V. Excia., pelo privilegio outorgado pelo artigo 27 da constituição do imperio, continua a gozar de ampla liberdade, julgo do meu dever, mesmo para maior segurança e tranquillidade de V. Excia., indicar-lhe a conveniencia de sua retirada para a corte de Rio de Janeiro o mais breve que lhe for possível que espero que V. Excia. executará.

Deus guarde a V. Ex. Palacio do Governo de S. Paulo, 2 de Julho de 1842.

Barão de Mont'Alegre. — (Egas, loc. cit.).

Os senadores Vergueiro e Paula Souza, igualmente receberam officios identicos.

Não era positivamente uma prisão, a que estava sujeita a pessoa de Feijó, e assim, o barão não dava uma ordem, senão revestindo-a com as roupagens de um delicado convite.

Por isso Feijó, resolveu tirar-lhe a mascara. Respondeu da seguinte maneira esse officio:

“Illmo. Exmo. Sr. presidente da provincia. — Em resposta ao officio de V. Excia. datado de hontem digo: Que não duvido que o publico se persuada que fui alheio não a rebellião que não me consta rebentasse em parte alguma desta provincia, mas á sedicção que teve lugar em Sorocaba. Ahi estão os meus escriptos impressos que provam a minha adherencia a esse acto; mas que elle se desgoste por ver-me em liberdade, emquanto lavra a perseguição das autoridades por tanta gente e impunemente, é suppol-o inimigo da constituição que me protege e o mesmo publico diz tanto respeitar.

Igualmente entendo que V. Excia., quer que eu me retire para o Rio de Janeiro para com o meu encommodo poupar o iniquo desgosto dos que me desejão ver perseguido contra a lei,

Exmo. Sr. eu sou habitual e gravemente enfermo: é provavel que o senado me faça xamar para responder a acuzação que por

parte do governo se promover contra mim, e então avendo de demorar-me na corte o tempo preciso para a minha defeza, seria inutil aumentar o meu sofrimento desde agora até novembro em que o senado deve reunir-se.

Se os paulistas vão tomando a natureza de caens que gostam de augmentar a afflicção ao afflicto, é para evitar o eicesso das paixões que temos governo armado de forza que deve proteger o cidadão inerme, e confiado na publica autoridade nada temo. Com tudo se a V. Excia. prudente eu brevemente me retirarei para o meu citio, evitando assim de eicitare com a minha presença o odio dessas féras; e irei esperar pelo tempo em que a lei me chamar á responder pelos meus feitos.

Deus guarde a V. Excia. muitos annos.
Cidade de S. Paulo 5 de Julho de 1842.

(Egas loc. cit.).

DIOGO ANTONIO FEIJÓ"

Era uma luta de astucia que se travava.
Feijó não era perito nessas subtilezas.

Elle seguia muito mais os conselhos de Achilles do que os de Ulysses, cujos ensinamentos, Feijó não aprendera.

O governo, porém, não tinha muita agudeza de vistas e jogava a partida peor, pois Feijó estava protegido por um dispositivo constitucional contra a prisão.

Monte Alegre mystificava e Feijó queria que, elle transformasse a sua acção, em jogo franco para que ficasse bem patenteada a sua acção de perseguidor, pois elle já havia confessado em parte

esse colorido, que o marcava, segundo se ve no seu primeiro officio supra citado.

Se Feijó, em vez de ser padre, fosse militar e tivesse vivido em outro meio, que não o sul-americano, talvez tivesse sido um grande general, e se ecclesiastico embora, mas um ambiente mais dilatado lhe fosse proporcionado, Feijó, talvez, tivesse attingido á purpura cardinalicia e quiçá a thiara pontificia lhe fosse facultada. Mas desgraçadamente como as perolas se encerram, apertadas, dentro das ostras escuras e grosseiras, as grandes virtudes de Feijó se comprimiam em um meio, pouco amplo, de modo que não podiam expandir-se e se fazerem sentir com mais refulgencia e relevancia. Apenas o negror de uma sotaina encerrava o seu fulgor.

A esse officio vulpinico de Feijó, que obrigava a Monte Alegre a despir a mascara, este respondeu assim:

“Respeitando em V. Excia. a dignidade e eminencia d’um cargo que pela constituição do imperio é cercado de tantos privilegios, e que pelas funcções que lhe são annexas merece na verdade toda a consideração, julguei dever limitar-me a indicar a V. Excia. em meu officio de hontem a conveniencia de sua prompta retirada para a corte, em vez de ordenar-lhe positivamente, e com prazo certo, como me cumpria fazel-o. Mas, como V. Excia. por uma logica que não comprehendo, faz alardo de ter sido um dos principaes autores de uma revolta que reconhece como sedição embora negue ter sido rebellião, de uma revolta que causou estragos na provincia, que fez derramar

sangue paulista, que ainda continua a devastar a mesma provincia, e ao mesmo tempo extranha que os Paulistas sintão profunda magoa, a exprimão sua animadversão contra esses autores de factos horrorosos, não provocados, nem movidos por consideração alguma honesta, justa, ou ao menos excusavel, devo declarar a V. Excia., que, em virtude do decreto 168 de 17 de Maio deste anno, me acho autorizado para fazer sahir fóra desta provincia e para assignar lugar certo de residencia aos que, com V. Excia. se achão indiciados de crime de sedição e de rebelião, e que a segurança publica exige que se retirem da provincia; e que por isso ordeno a V. Excia. que dentro de tres dias contados da presente data, saia impreterivelmente desta cidade para a de Santos e que ahí embarque no primeiro vapor que houver de largar para a corte do Rio de Janeiro, na certeza de que como o artigo 27 da constituição do imperio não tolhe, nem era possivel que tolhesse a execução de quaesquer ordens leaes que tenham por objecto a um membro da legislatura, uma vez que não se trate de prisão deste, e sim de outras medidas para com elles tomadas, este governo saberá fazer respeitar a sua dignidade com a força a sua disposição.

Deos guarde a V. Excia.

Palacio do Governo de S. Paulo, 5 de Julho de 1842.

Barão de Mont'Alegre.

(Egas, lic. cit.).

Estava, com isso, confessada a violencia do governo do barão de Mont'Alegre, que desejava se escudar traz de um dispositivo de lei, evidentemente, não feito para ser applicado, em contrario a constituição.

Esse officio do barão de Monte Alegre, deveria servir de motivo para alegria dos que affirmavam a thèse de que, o governo provincial de S. Paulo era pouco respeitador da lei.

Entretanto, Feijó, como que a querer irritar a féra, replicou da seguinte maneira:

“Illmo. e Exmo. Sr.

Acabo de receber a ordem positiva de V. Excia. para dentro de tres dias retirar-me para Santos, e d'ali no primeiro vapor para a corte, e que do contrario V. Exc. fará respeitar com forsas a sua dignidade. Exmo. Sr., deixando de entrar em polemica com V. Exc. sobre muitos objectos contidos no dito officio, não só por inutil como porque em juizo competente terei ocazião de o fazer; e sem entrar em discussão da nullidade da actual suspensão de garantias, julgo com tudo do meu dever declarar:

1.º Que o § 1.º do art. 179 da Constituição é o direito plenamente reconhecido, e que forma a essencia do governo livre, e que portanto não posso ser obrigado ao que a lei não me obriga, mande quem mandar o contrario, e que poriso soffro a maior violencia em ser constrangido a deportar-me para a corte, e sem saber para que, nem té quando.

2.º Que importando a deportação pena maior que a de prisão, declaro reconhecer violado abertamente o art. 27 da mesma constituição.

3.º Que o meu publico estado de enfermidade, e a brevidade do prazo para a minha deportação, privando-me do necessario, agrava muito mais a violencia que comigo se pratica, e contra a qual, emquanto houver Constituição no Brazil, constantemente clamarei.

4.º Que emfim procurarei retirar-me no prazo marcado, não por obediencia a ordem ilegal e anticonstitucional de V. Exc. mas por evitar sómente maiores violencias a vista da ameasa de que me faz V. Exc. do emprego da forsa.

Deos guarde a V. Exc. muitos annos.

Cidade 5 de Julho de 1842.

Diogo Antonio Feijó.

(Egas, loc. cit.).

A 11 de Julho, estava no Cubatão e só a 22 desse mesmo mez, seguia a bordo do "Amelia" em demanda a corte o grupo de pessoas de prol dos liberaes paulistas. Lá iam Feijó, Vergueiro e o dr. Pereira Pinto.

O navio tocando no Rio de Janeiro, deveria levar a sua preciosa carga, para o Espirito Santo.

O "Amelia" transpunha a barra de Victoria e a immensa serie de morros graniticos, vestidos

luxuriantemente pela espessa e verde matta tropical, se via encerrar o villarejo, que se erguia a direita do navio, que entrava. A esquerda do lado oeste, via-se o cimo da Penha, onde Anchieta o santo quinhentista, havia erigido a capella á semelhança de um castello, que ahí estava bem abrigado dos ataques do gentio. Parecia uma estatua gigantesca, elevada sobre um enorme pedestal de granito abrupto sobre o mangue ao redor.

— Arre, que a gente desta provincia não deve dizer, tenho saudades da terrinha”. Aqui tudo é pedra! elles devem dizer: “tenho saudades da pedrinha”!

— Mas como é bonita a entrada de Victoria. Dizia Vergueiro a Feijó, que estava com os olhos semicerrados.

— Não ha duvidas! A entrada é, de facto, muito bonita, mas a sahida, deve ser muito mais!

— O que irão fazer de nós, os legalistas? Inquiria, Vergueiro, não comprehendendo bem o que queria o governo d'elle.

— Não sei o que farão. Respondeu Feijó com um sorriso nos labios. Se eu fosse o governo mandaria nos fuzilar.

— Ainda bem! Retrucou Vergueiro.

Era 26 de Julho de 1842.

Mais de seis mezes, esses senadores ficaram no exilio espiritosantense, pois só em principios de 1843 puderam volver de lá, para a corte, onde permaneceram.

A vontade do governo era levar Feijó ao martyrio. Esse governo ignorava que, as victimas de então se fariam martyres do dia seguinte. O odio contra esses chefes liberaes, que arrostaram a co-

lera dos conservadores, se erguendo de armas em punho, contra a violação da lei, não se cansava em levá-los aos actos mais drásticos em relação ao padre de ferro.

Parecia que era intenção dos governantes fazer tudo para que, a saúde cambalida de Feijó fizesse baquear o titan, que se encerrava naquella carcaça, que se dobrava para o tumulo. Mas as perolas as mais preciosas, se encontram precisamente, nas ostras de apparencia as mais modestas.

Assim Feijó! Dentro daquelle arcabouço enfermizo e alquebrado, se encerrava uma alma rija de energia, de firmeza e de rectidão.

Elle iria, com o mesmo perfil psychologico até a morte.

Via-se nelle, o mesmo homem, que brilhava nas cortes portuguezas, havia mais de vinte annos antes.

Era, o mesmo espirito, vivo, a mesma vibratidade, a mesma reluzencia de intelligencia, a cultura essa augmentará por força, com a experiencia da vida, que os annos haviam accumulado.

Vasconcellos e os seus conservadores haviam vencido a luta material, mas ficaram impossibilitados de dominar o espirito de Feijó.

Este persistia invicto, indomavel, crepitando como a chamma de uma fogueira perenne. O corpo baqueára, como uma ruina corroída pela molestia, que dia a dia augmentava as afflicções a Feijó. Elle não podia se dar bem no littoral, habituára-se e adaptara o seu organismo em clima de planalto e não podia supportar impunemente a beira-mar. O Governo sabia disso e tinha esperanza que, o calor ou a humidade e a pressão ba-

rometrica, dessem cabo daquelle que vivificára, com a sua vontade e a sua energia o movimento liberal de 42.

Mas Feijó, não vivia mais pelo corpo, mas sim pela alma que, em sublime esforço do teimosia, persistia em se manter em acção.

Foi assim que, o Governo consentiu em que, Feijó e Vergueiro volvessem do degredo.

Certo dia de 1843, eil-os a navegar em direcção á corte, onde chegaram, depois de haverem estado quatro dias no mar.

A Guanabára os recebia, com a mesma festividade da partida. Era um dia de calor infernal, desses em que, o sol a brilhar, desde os alvares, havia elevado ao maximo a temperatura do sólo, por elle aquecido.

A atmosphera diaphana, silhuetava, nitidamente a serra dos Orgãos, que como um immenso "gigante deitado", se distinguia, estampado no céu de cobalto.

No desembarque, em tumulto, lá estavam os proceres liberaes, que iam receber os seus dois apóstolos, victimas inermes da sanha dos conservadores.

— Ah!, mas a verdade havia de apparecer algum dia!

Essa situação de arroxio em que, Vasconcellos coarctava o monarca, não podia continuar!

Feijó não podia ser condemnado!

Era certo o animo vingativo e pequeno do barão de Monte Alegre, que tudo fazia para perseguir a sua victima, que em S. Paulo lhe fazia sombra.

Elle não deveria ter elemento algum para ahi estabelecer o partido conservador!

CAPITULO XXIX

O CANTO DO CYSNE

Feijó voltou do Espirito Santo, em muito máu estado de saude. Os seus males haviam se exacerbado, pois Feijó não se dava bem com o litoral. Sempre, vivera em montanha de modo que, os seus apparelhos physiologicos se achavam mal adaptados ás altas pressões barometricas, proprias de localizações de beira mar.

Foi assim que, seus padecimentos aggravados o transformaram na mumia, de pelle trigueira e empergaminhada que se via fossilizada, como se fora o Senador Feijó. Emagrecido, já quasi, sem poder articular a voz, pois que a paralyisia, havia attingido ás cordas vocaes; encarquilhado sumia-se na cadeira de braços, que era a sua prisão, e de onde não se podia afastar; eis o espectro do que fora Regente!

Processado pelo crime de rebellião, elle, Senador do Imperio tinha de ser julgado pelo Senado, perante o qual elle dirigiu, em 10 de Julho de 1843, o seguinte officio:

“Illmo. e Exmo. Sr. Rogo a V. Excia. queira fazer ao Senado a seguinte exposição e dar-me resposta do resultado della.

Ha mais de um anno que fui preso, deportado e degradado, e voltando do degredo a esta, estava certo de ser, quanto antes, decidida a minha sorte; porem são passados mais de seis mezes e nada se decidiu, ao mesmo tempo a minha saude tem se deteriorado excessivamente e estando já bem proxima a morte, que será inevitavel se continúo a residir neste clima, que me foi sempre fatal, ainda quando minha saude era robusta, o que tudo posso provar querendo o Senado.

Não podendo querer o Senado outra cousa que não seja o desempenho da justiça, rogo instantemente decida-se a minha sorte quanto antes; certo de que qualquer demora, continuando eu nesta, é a minha sentença de morte; e quando se entenda ser indispensavel a demora para ter lugar esta decisão, nesse caso rogo ao Senado se me faculte licença para retirar-me para minha casa, porque se me assegura então o meu melhoramento, ficando o Senado certo que quando for necessario o meu comparecimento, immediatamente voltarei, embora minha saude esteja então como hoje.

Da justiça e sabedoria do Senado espero a decisão do meu destino e da minha saude.

Deos guarde a V. Excia: muitos annos.
Corte 6 de Julho de 1843.

Diogo Antonio Feijó”.

. (Egas, loc. cit.).

O Senado, a esse pedido concedeu a licença, mas parecia que, a alta corte do legislativo impe-

rial, queria ir procrastinando o julgamento de Feijó, até que, elle fallecesse, tal era o estado de saúde do illustre estadista paulista.

Nessa occasião, já Feijó, havia proferido no Senado o seu ultimo discurso, o seu canto de cygne, pois jamais elle voltaria a occupar a tribuna naquelle aeropago.

Fôra em um dia de Maio, desse anno de 1843, quando a voz fraca de Feijó, se fez ouvir com difficuldade, quebrando o silencio sepulcral na hora do expediente.

O sacerdote paulista sentado na sua bancada, para onde fora levado com difficuldade, ia nessa sessão proferir algumas palavras em additamento á defesa escripta, que havia apresentado (1).

(1) "Augustos e dignissimos senhores. — Obedecendo á ordem do Senado, que me manda responder sobre a pronuncia lavrada pelo chefe de policia de S. Paulo, em que sou qualificado cabeça de rebellião, vou só dar uma prova do meu respeito e consideração a este respeitavel corpo, pois que não havendo lei, nem ao menos artigo regimental que isso determine, nenhum outro motivo que poderia mover.

Não extranhe o Senado a demora que tenho tido, attendendo ao estado da minha saude: ella tem sido, e ainda é tal, que me tem impossibilitado até agora, e agora mesmo apenas me permite fazer breves considerações a esse respeito, entregando-me resignado ao juizo do senado, qualquer que elle seja.

Não me occuparei de mostrar a monstruosidade desse processo, e por consequente a sua insanavel nullidade: elle será lido por todos, e quem for imparcial e justo verá os motivos e fins que teve, e julgará de sua moralidade; embora seja elle feito por quem não tinha jurisdicção, pois que já estavam iniciados ou findos os processos nesses lugares em que foi elle instaurado; embora tenha elle mais de quarenta testemunhas contra a letra e espirito da lei, como se conheço dos dous extractos para cá remettidos: embora não fosse remettido o processo todo, como ordena a constituição e a lei e só um extracto incompleto e parcial, e sem as formalidades do estylo; eu não me occuparei disso: sirva elle de prova do miseravel estado do paiz; de-lhe o senado o valor

Todo o ambiente electrificado e soffregado, pelas palavras do grande revolucionario, que fora Regente do paiz, se dispunha a devorar a sua oração, que era advinhada, como uma empolgante e commovente peça.

que quizer; só digo que mesmo d'elle é evidente que não houve rebellião em S. Paulo, que eu portanto não podia ser cabeça, e que finalmente não posso eu ser criminoso pela parte que nesse movimento tive.

Para haver uma rebellião é preciso que se pratiquem um dos crimes designados no art. 110 do nosso código criminal; mas onde se acha provado que se tivesse commettido algum desses crimes nesse artigo designado? Tanto é isto verdade, que o chefe procurou, por meio de induções, torcendo o sentido natural da lei, achar o crime na violação dos artigos 86 e 87 do código. Mas quando se tentou directamente e por factos em S. Paulo — destruir a constituição ou algum de seus artigos, destronisar o Imperador ou privar-o no todo ou em parte de sua autoridade constitucional?

Qual o documento ou a testemunha que demonstra a existencia de tal facto?

Como não o aponta o chefe de policia no seu primeiro despacho a fl. . . , ou na pronuncia?

O que se vê dos autos, e que é de publica notoriedade, é que houve um movimento revolucionario em alguns municipios de S. Paulo, nomeando-se um presidente interino e obrigando-se elle e todos, com juramento a sustentar a constituição e o Imperador, suspendendo-se entretanto a execução de uma lei que se reputava inconstitucional, e exercendo esse presidente actos desse emprego. Destruiu-se acaso algum artigo da constituição? Ficou acaso destronisado o Imperador, ou privado no todo ou em parte de sua autoridade constitucional?

Pelo contrario, para que elle a exercesse livremente, pois que era considerado coacto, é que appareceu o movimento; para conseguir esse fim, é que foi escolhido um Presidente interino, isto é até que outro fosse pelo Imperador nomeado; nunca se desconheceu o imperio da constituição e a autoridade do Imperador; era para seu triumpho que se tentou o movimento; como pois pode-se pensar e até affirmar-se que se tentou directamente por factos destruir a constituição, ou por alguns de seus artigos, e destronisar o Imperador, ou privar-o no todo ou em parte da sua auto-

Era um sublime acto de um pungente drama, que se ia desenrolar, perante o tapete verde das discussões da camara alta do legislativo imperial

ridade? Não continuou sempre a constituição a ser regra unica dos revolucionarios? Não foi sempre o Imperador objecto de seu respeito de seu amor? Não continuava elle com toda a sua autoridade, podendo nomear presidentes e quaesquer outros empregados?

O nosso codigo quiz classificar os diversos crimes politicos; deu-lhes diversos caracteres; a vista delle, só um espirito violentamente apaixonado poderá pensar que foi rebellião o movimento havido em S. Paulo: para esses tudo quanto mais eu dissesse seria superfluo, e para um espirito desprevenido já tenho dito de sobra. Se pois não houve rebellião em S. Paulo, como me parece demonstrado, e sobre esta base é que está formado este processo, claro fica que, faltando ella, todo elle caduca. Nossa legislação não tem definição o que é cabeça; mas tendo definido o que é autor, e fazendo differença entre cabeça e autor, segue-se que devem estes dous vocabulos ter diversa acepção e sentido.

Ao que se deduz do senatus consulto, que traz Tito Livio, liv. 28, cap. 26, unde osta culpa esset; sim para ser-se cabeça é mister alguma qualidade mais do que aquellas que constituem o autor modo no crime de rebellião, tudo seria cabeça, o simples soldado que empunhou as armas e praticou actos revoltosos, assim como o chefe capital della; e assim absurdo e inutil seria a distincção entre cabeças que a lei só pune a cumplices a quem ella se não estende. Cabeça é pois só quem, alem de ser autor e demais aquelle d'onde proveio a idea e plano, aquelle que foi causa do movimento, e sem cuja acção ou não existiria o crime, ou mudaria de natureza.

Pode-se foi afoutamente affirmar que pelo menos cabeça é o principal autor. E seria eu o principal autor do movimento de S. Paulo? Responderão quantos lerem o processo, e sua resposta será não desse montão de documentos, que avolumam este processo, apenas me dizem respeito bem poucos, e nem sei atinar com o motivo por que aqui se achão, faltando outras peças importantes. Dessas actas de camaras municipaes e desses outros officios nada se colhe contra mim. Do jornal que redigi e que é citado pelo chefe de policia, como prova de rebellião, apenas se prova que eu approvei o movimento e adheri a elle; mas neguei eu isso alguma vez? As minhas cartas ao general barão de Caxias, os meus officios ao presidente barão de Monte Alegre o confissão; escusada

e as cans de prata dos velhos servidores da patria, os quaes se distribuiam pelas diversas bancadas. Todos estavam com o espirito embalsamados, pe-

é pois a prova que se quer deduzir de cartas do Sr. Raphael Tobias para um facto provado: sim eu approvei e adheri a esse movimento; mas ter approvado e adherido é acaso ser cabeça? Haverá quem o diga? Se para ser autor é preciso cometter, constringer, ou mandar cometter o crime como poderá ser cabeça ou principal autor quem apenas approvou ou adheriu a elle depois de seu rompimento?

Com todos esses documentos que de mim fallam, nada apparece por onde se pode concluir, que eu commetti, constringi, ou mandei commetter o facto do movimento e muito menos que eu fosse o principal causador delle; como pois poderei ser qualificado autor, mormente cabeça? Ve-se sim (o que eu confirmo) que approvei-o e a elle adheri; mas se é a lei a que deve impôr e ser obedecida, ella não me considera nem ou menos autor, quanto mais cabeça: é isto tão evidente que me dispensa de insistir mais. Apparece entretanto entre os documentos um borrão de proclamação de minha letra, pelo qual me considerou o chefe de policia vice-presidente do movimento; por conseguinte cabeça ou pelo menos autor delle. Mas esse papel embora escripto por letra minha, não foi por mim, nem por consentimento meu publicado; um simples jogo de espirito ficou guardado entre outros sem nunca ter visto a luz do dia. Como pode pois resultar-me delle criminalidade? Querer-se-ha reviver no Brazil a Jurisprudencia de Jeferyes contra Algernon Sydney na conspiração de Rye House?

Será letra morta o § 5.º do art. 7.º do codigo criminal? Se pois pelos documentos não posso ser qualificado cabeça, e nem ao menos autor do movimento, resta observar se posso ser á vista das provas das testemunhas: é o que passo a considerar. Fallão a meu respeito as testemunhas Antonio José da Piedade, a fl.; João José Nogueira, a fl., Manoel José Bartholomeu, a fl., Bento Mnoel de Almeida, a fl., Ignacio Dias de Arruda; Serafim Antonio dos Santos, a fl., José Vaz de Almeida a fl.; José Luiz Coelho, a fl.; Lucidoro Peixoto, a fl.; Padre José Galvão, a fl.; Francisco Mariano da Costa, a fl.; Joaquim José de Mello, a fl.; Antonio José de Camargo, a fl.; Francisco Pinto Adorno, a fl.; Joaquim de Almeida Leme, a fl.; Antonio Manoel de Oliveira, a fl.; alem de outros que, especialmente interrogados a meu respeito, nada disseram: e destas 16 testemunhas (não contando as que nada disseram), qual é a que affirma factos que me possam

la intensa commoção em se ir ouvir a voz de Feijó, que comparecia perante a barra de seu tribunal julgador, para ahí pronunciar as suas razões.

qualificar cabeça, ou mesmo sómente autor? Apesar de violadas a lei inquirindo-se testemunhas em muito maior numero do que ella permite, apenas se acha provado que eu dava conselhos; que eu aprovava o movimento; que estive em Sorocaba, e morava com o presidente do movimento (o que sempre confessei e confirmo).

Mas nenhum desses factos pode me constituir *cabeça*, nem mesmo *autor*. Dizem algumas testemunhas que eu dera o plano da revolução; mas que razão dão ellas disso que dizem? A voz publica unicamente e nada mais; e bastará acaso essa voz publica, essa opinião vaga, para constituir prova a respeito de um objecto tão importante e de um crime tal? Como nenhuma ao menos disse de quem ouviu que eu dara o plano? Como nenhuma disse ter visto esse plano? Como se não descobriu elle, tendo-se dado tantas buscas, tendo-se aberto quantas cartas se encontravão, tendo-se servido de todos os meios possiveis, quaesquer que elles fossem, para achar provas contra certos, tendo dominado a este respeito o terror e a violencia? E como se podia ver e descobrir o que nunca houve? Que o movimento de S. Paulo não teve concerto, não teve plano, e que só foi effeito de enthusiasmo irreflectido e de patriotismo ardente, porem sem guia e regra anterior, o seu nascimento e fim de sobejo o demonstrão. Para haver essa voz publica, essa opinião vaga bastava o que comigo praticou o governo e o seu delegado na provincia, proclamando-me criminoso logo, e impondo-me logo as penas de prisão, deportação e degredo: bastava ser eu membro da opposição e ter alguma importancia politica, pois que o mesmo se disse de quem nem ao menos approvou o movimento: bastava ter eu estado em Sorocaba depois do movimento e ter lá ido antes tratar da minha saude com um médico dinamarquez, e me demorado alguns dias. Mas note-se que a testemunha padre José Galvão affirma que eu só fui a Sorocaba depois de ter já rompido o movimento (o que é verdade e se comprava pelo documento n.º 79 a fl.); entretanto que a testemunha Antonio José de Camargo affirma que só depois de minha ida a Sorocaba foi que rompeu o movimento e que a testemunha Serafim Antonio dos Santos affirma que andei por S. Paulo e outros lugares tratando a da revolução, quando eu para lá não tinha ido nesses tempos! Tal é o valor de taes testemunhas! Uma testemunha (Bento Manoel do Almeida Paes) diz a fl. que eu era que devia receber os avisos do Rio, mas dá elle a razão do seu dito? Outra (Fran-

E' que, a figura já fossilizada do que fora Regente do Imperio, enfraquecida pela enfermidade horrenda, que o levaria, dentro em pouco, para o

cisco Mariano da Costa) diz a fl. que eu tratara só diversos repositos a revolução; mas dá elle tambem a razão ao seu dito? Outra finalmente (Joaquim José de Mello) diz a fl. que eu era cabeça de tudo, e quem promovera o movimento; mas como sabe elle isto? Pela voz publica, diz elle; e podem ter valor taes depoimentos, mormente em crimes da natureza do que se imputa? Appello a todos que conhecem os verdadeiros principios da jurisprudencia criminal. Demais, quando testemunhas affirmão qualificações em vez de factos, nenhum valor merecem; á testemunha cumpre depor sobre factos especificadamente, e só ao juiz pertence deduzir deles a classificação do criminoso.

Ve-se pois pelos depoimentos das testemunhas sómente o que eu tenho sempre confessado, sómente o que já se via dos documentos, isto é que eu approvei e adheri ao movimento; que eu escrevi no sentido; que eu desejava que elle fosse fliz, nada mais: e esses factos podem-se qualificar cabeça ou mesmo autor? Provão elles que eu fosse o principal agente do movimento, e que sem mim não teria elle havido? Provão elle que eu concertasse o plano revolução, e o puzesse em pratica, quando pelo contrario é evidente dos autos que eu só adheri a ella depois do rompimento? Se, para ser qualificado cabeça basta ter approved a revolução, ter adherido a ella, ter desejado que ella fosse feliz, ter dado alguns passos para que ella não fosse ensanguentada, então serei cabeça, como milhares de individuos mais que outro tanto fizerão; mas nesse caso quaes serão os caracteres do cabeça?

Nesse caso seria ocioso o codigo criminal, quando fez distincção entre cabeça e autor, e entre este e cumplices; ficarião baralhadas todas as idéas do nosso direito, e os cidadãos brasileiros em estado ainda mais deploravel do que no tempo da Ord. do livro 5.º; seria uma illusão o systema de governo que nos rege. . . Se entretanto se julga que cabe na alçada do governo ou dos tribunaes annullar as definições e distincções da lei, e classificar os delictos e delinquentes por puro arbitrio e á sua vontade, que me resta então a dizer senão que em tal caso estaremos debaixo do imperio da força? Mas a força não constitue o direito, e este tarde ou cedo obterá a victoria. E' a da natureza dos governos violentos o perseguirem; as perseguições são consequencia do governo que quer impor a obediencia absoluta; mas a violencia, como

além, fazia um ambiente, em que a magestade se symbiotisava com a dramaticidade e a pungencia, que seriam os bronzes dos graves carrilhões, onde

emprega força demais, cedo a esgota, e não lhe resta mais que oppor á acção gradual e lenta, porem continua na justiça.

Tenho demonstrado que nem á vista dos documentos, nem á vista dos depoimentos, posso ser eu classificado cabeça, e que nem mesmo posso ser classificado autor, pois nada apparece que prove que fosse quem fez o movimento ou constrangesse ou mandasse fazel-o, estando pelo contrario provado que depois de seu rompimento é que eu adheri a elle.

Em rigor de direito talvez nem cumplice mesmo possa eu ser considerado; mas, ainda que podesse no crime que se me imputa não são puniveis os complices. Que me resta pois mais a dizer? Resta expor a todos o meu pensamento a respeito, apresentar-me com toda a franqueza a meus collegas, a todos os meus concidadãos tal qual sou: quero que elles penetrem no santuario de minha consciencia, e então me julguem.

Eu declaro ao Senado e á nação que em verdade não fui cabeça, nem ao menos autor do movimento revolucionario de S. paulo; mas que aprovei-o; que adheri a elle; que desejava que elle fosse feliz e para esse fim escrevi e dei alguns passos depois do seu rompimento: eu estava e ainda estou profundamente convencido que a isso era eu obrigado pelos juramentos que, prestei; que se o que eu fiz todos fizessem, se todos fossem fieis aos juramentos prestados á constituição do estado, nunca haveria movimentos revolucionario, porque os que ousassem lançar sobre ella mãos sacrilegas, se acharião sós, e cahirião cobertos de maldições e desprezo, quando não soffressem as penas da lei: eu penso que se uma nação é tal que ve submissa a violação de suas instituições, é ella indigna de ser nação livre; já é escrava, e se já não não tem senhor, terá o primeiro que o queira ser; entendo portanto que não é só direito, mas sim dever de todos que prezão os foros de dignidade de cidadãos livres oppor-se ás infracções á constituição de seus paiz, não só por todos os meios que lhe facultam a constituição e as leis, como tambem, faltando estes, por todos os outros que lhe restem; que se isso tivessem feito em outro tempo a Inglaterra e a França, se não se tivessem intimidado pelos anarchistas de então, não se teria horrorizado o mundo vendo as catastrophes de Carlos I e Luiz XVI, sacrificados com infracção das constituições desses paizes ao odio dos infractores dellas; que para canseguir consolidar as instituições em um

iriam tanger espaçadas calmas, e nitidas as palavras de Feijó, proferidas, mais como um estertor de moribundo.

paiz, é indispensavel nelle esse sentimento geral e instinctivo de resistencia á tyrannia a qual existe toda a vez que se viola a constituição; que emquanto esse sentimento não estiver infiltrado nos animos, radicando nos espiritos, a liberdade será apenas nominal; o que é só depois que tal foi a religião politica da Inglaterra que ella tem tido estabilidade, e apresentado ao mundo admirado o spectaculo de sua grandeza e de sua gloria; que é por isso que se acha consignado em nossas leis o direito de resistencia ás ordens illegaes sem o que seria fantastica e chimerica a nossa forma de governo.

Sendo pois estas minhas convicções, tendo applicado sempre meus esforços, desde que entrei na vida publica, para conseguir e consolidar na minha patria a liberdade por meio da monarchia representativa, a despeito de todos os sacrificios, como poderia eu ficar insensivel, vendo a constituição mutilada, violada e escarnecida e por conseguinte os perigos da monarchia representativa? Pelas leis da reforma judiciaria e conselho de estado, acabou a liberdade do cidadão e coaretoou-se a do monarcha: o ministerio concentrou em si todos os poderes publicos, annullada a base de todo o governo livre, que é a divisão dos poderes; ainda mais: dissolveu previamente, e portanto contra a constituição, a camara dos deputados, e para mais até promulgou uma nova forma de eleições, pela qual fica illusorio o direito de eleger, e tambem concentrando nelle de facto o poder legislativo sendo apenas seus commissarios os que deviam ser representantes da nação. Neste estado, apresentando-se o ministerio em rebellião manifesta contra o monarcha e a Nação, poderia eu ser criminoso dando alguns passos para que fosse vingada e restaurada a constituição e livre o monarcha da coacção em que foi posto? Forão criminosos os que na Inglaterra vingarão á constituição violada por Gromwell e seus adherentes, depois pelos Stuarts, e a consolidação finalmente em 1688? Os que em França reagiram contra os ministros que violarão a constituição em 1830 e a consolidação então? Os que fizeram a independencia e proclamaram a constituição do Brazil? Os que se oppuzerão a D. Miguel e restauraram a constituição do Brazil? Os que se oppuzerão a D. Miguel e restauraram a constituição por elle violada? Se acaso eu sou criminoso, não sou como foi o Sr. D. Pedro I, o immortal fundador do Imperio e restaurador da liberdade portugueza, e tantos outros grandes homens:

Eis a clara e evidente defesa de Feijó, deixando bem nitido que elle, não podia ser passivel da culpa, que lhe era assacada na denuncia.

Mas a subserviencia e a ferocidade de um governo, capaz de tudo não podia conter os apaniguados de Vasconcellos e de Monte Alegre. Logo a miseria se consumaria!

sou, por obrar em conformidade com nossa legislação, que sanciona a resistencia ás illegalidades. Será talvez prudencia tolerar uma nação as infracções de sua constituição, e a alteração de sua forma de governo, receiando maiores males da resistencia; mas nãoé por certo ilssó um dever; é antes um symptoma de que ella ainda não é digna da liberdade e dos altos destinos a que aspira; para quem porem preza acima de tudo o dever, o desempenho delle é a unico alvo, a unica recompensa, sendo-lhes indifferentes os resultados quaesquer que sejam; eis o que me acontece.

Tendo pois provado que não houve rebellião em S. Paulo; que (concedido que houvesse) eu não fui della cabeça; que finalmente não é um crime, antes um dever, a opposição aos que se rebellão contra a constituição do estado, devo concluir minha resposta.

Assim como não me occuppei com as innumeradas nullidades desse monstruoso processo, não me occuparei tambem com o proceder do Senado, mandando-me responder sem lei ou artigo regimental, e pretendendo — julga-me sem lei ou ao menos sem a lei anterior ao facto, contra a expressa determinação do § 11 do art. 179 da constituição: eu resigno-me a tudo, deixo tudo a juizo do Senado, certo de que em tempos como este, em crimes taes, rara vez se ouve a voz da justiça e da razão, e tarde é que apparece o remorso: eu não serei a primeira victima immolada pela defeza das liberdades publicas: talvez mesmo são indispensaveis taes sacrificios para firmar-se uma constituição, porque todas as nações os tem dito: oxalá que o triumpho definitivo della, embora infallivel, não seja a custa de muitas mais victimas!

Já eu embora sem culpa formada, embora senador, fui preso, deportado e degradado contra a letra expressa da constituição; enfermo como sou, e todos reconhecem, fui lançado nas praias da Victoria, sem que nem ao menos me prestassem os alimentos na viagem e sem que lá me proporcionassem meios de conservar a vida; fui assim conservado no degredo muito depois de findo o anno passado de garantias, pretextos das violencias praticadas;

Todos, que conheciam o estado physico de Feijó, sabiam que eram as palavras de um agonizante que já beirava os degraus do tumulo, que iria retumbar naquelle instante, e ellas não teriam eco sómente naquelle recinto, mas resoariam por toda a posteridade.

regressando a esta, depois de tantos incommodos, e quasi moribundo como vedes, nem ao menos se quiz conhecer desses attentados contra mim praticados, que o são igualmente contra a constituição e contra o Senado antes se honrou com a presidencia delle a esse mesmo que tinha praticado a mor parte dessas violencias: que pois mais poderei soffrer? Já quasi 60 annos e alem disso já a borda do tumulo, poderei acaso apreciar tanto esses poucos dias que me possam restar de vida muito mais que pelo meu estado de saude, não os posso mais empregar a bem do paiz.

Tendo tido tal ou qual parte nos negocios do Brazil desde 1821 em que despontou a aurora de sua felicidade, já em Lisboa, já na camara dos deputados e no senado, já nos conselhos geral e do governo, e na assembléa provincial de S. Paulo, já como ministro e regente; tendo a consciencia de que só procurei sempre o bem do paiz, trabalhando unicamente para o consorcio da liberdade com a autoridade, por meio da monarchia representativa: este unico pensamento dirigio-me e nunca a ambição ou egoismo, como o provarão meus actos. Foi esse pensamento que medirigio nos meus ultimos actos em S. Paulo; qualquer que tivesse conhecido a minha vida anterior não deveria esperar de mim outra conducta; fiz então o que fiz sempre; trabalhei, como sempre pelo triumpho da monarchia representativa.

A' vista do exposto, parece-me evidente que eu não sou culpado; mas se diverso é o juizo do senado, se elle me é desfavoravel, consolo-me com a consciencia de ter desempenhado um dever, e de que eu seria indigno da estima de meus concidadãos, se outra tivesse sido a minha conducta; resigno-me satisfeito a todas as consequencias, quaesquer que seião, descansado na acção da Providencia, e della esperando com confiança, tarde ou cedo, o remedio aos males do meu paiz.

Tenho concluido.

Rio de Janeiro 13 de Maio de 1843.

Diogo Antonio Feijó.

(Egas, loc. cit.).

— Peço a palavra, sr. Presidente e licença para fallar sentado. Iniciou Feijó a sua arenga.

— Tem a palavra o nobre senador Feijó. O illustre representante do Rio de Janeiro, pode fallar sentado.

Nessa occasião o silencio profundo, que reinou no Senado, foi orvalhado pelas lagrimas de muitos senadores, que não puderam conter a commoção, que lhes invadia, pois parecia que, iam ouvir a voz de além tumulo:

“Sr. Presidente, tendo-se aggravado ainda mais a minha molestia, não me foi possível até hoje apresentar a resposta que me foi mandada dar sobre o processo que contra mim se intentou; e ainda agora mesmo me foi preciso servir-me de redacção alheia para apresental-a.

Portanto remetti-a á meza para dar-se-lhe o conveniente destino.

Eu desejava, antes de morrer, cumprir ao menos uma promessa que tinha feito, na occasião em que fui mandado sahir da minha Provincia; ainda o mundo não sabe de minha boca a historia de minha prisão, deportação e degredo.

Eu tive desejos ao principio de a communicar ao Senado; mas algumas razões obstaram a isso, principalmente porque o Senado parecia ter approvedo o procedimento barbaresco que houve commigo.

Ha tempos, requerendo eu que se nomeasse uma commissão para examinar os actos do Governo e manifestando desejos de

que o Senado considerasse o procedimento que o mesmo Governo teve contra mim, e por conseguinte contra o Senado e contra a Constituição, não o pode conseguir; porquanto julguei que era melhor calar-me. Mas resta ainda este pezar de nada dizer; por isso sempre direi duas palavras para referir o que soffri.

Entretanto saiba-se, que não soffri tudo quanto quiz o Governo que eu soffresse, pois que pela benignidade dos brazileiros não tive falta de coiza alguma: em toda a parte tive sempre recursos, em toda a parte recebi os maiores beneficios e obsequios.

Achava-me em São Paulo já mandado sahir para esta Corte deportado, quando fui convidado para vir á Corte. Não acceitei o convite, e como me pareceu não dever submisso soffrer um acto illegal e anti-constitucional, recalcitrei ou dei em contrario, algumas razões; mas respondeu-se-me que o que a Constituição prohibia era a prisão dos Senadores, e não qualquer outro acto que o Governo julgasse conveniente praticar com Senadores. Temi pois algumas outras consequencias; temi ser conduzido a cadeia para levar nas grades alguma correcção de açoutes, visto que isso era prisão, e por conseguinte, na opinião do Governo, podia praticar-se: o que é pois que eu havia de fazer, eu que, com um sopro podia sahir em terra?!... Bem me lembrava dos meios de resistencia a ordens illegaes; mas que meios tinha eu para isso? Se eu pudesse, daria por certo este

exemplo ao Brasil de resistir ordens illegaes, sem o que será sempre nominal nossa liberdade e nós escravos dos atrevidos.

Nada, porem podendo contra a violencia, retirei-me. E' verdade que nessa occasião eu estava bastante enfermo e desprovido de meios, pois tinha apenas 20\$000 na algibeira.

Requeri que se me mandasse pagar o trimestre vencido na minha pensão que era 1:000\$000, pois era preciso ter com que subsistir; mas respondeu-se-me "que não havia dinheiro, e que mesmo devia ficar isso como penhor para as indemnisações a que eu estivesse sujeito".

Sahi pois como me achava; vim a Corte, não me deixaram desembarcar; demorei-me algumas horas, e sahi sem saber para onde! E' verdade, como já disse, que recebi beneficios em toda a parte.

Nas poucas horas que aqui estive, foram a bordo differentes pessoas offerecer-me dinheiro e uma até me obrigou a receber alguns centos de mil reis que levava.

Mesmo nesse paiz, onde estive degradado, encontrei muitos homens benevolos, que me offertaram dinheiro e tudo o mais. Por este lado pois nada soffri; mas muito da parte do Governo, que, de tudo me privou, até do que era meu.

Portanto. Srs. soffri tudo isto! Prisão, deportação e seis mezes de degredo, quasi 4:000\$000 de multa, e de que estou privado até hoje!

Mas o Governo não satisfeito ainda; mandou por isso formar esse processo, e não ficará satisfeito senão com o meu extermínio! Estou pois entregue ao Senado; faça elle de mim o que quizer; a vida em mim será pouca... soffra-se tudo.

Tenho dito em geral como posso, que era preciso que se soubesse; demais o publico já o sabe, e fará a devida justiça a quem merecer”.

(Egas, loc. cit.).

Eis, como o Moloch do Governo procedia com Feijó em agonia. Lembravam essas palavras, as que Annibal, pronunciou, quando morreu: “*Livrem os romanos do terror que lhes inspira um velho de 64 annos*”. Também era preciso se livrassem os conservadores de Vasconcellos, do terror que lhes inspirava o velho e alquebrado Feijó, já bem perto do fim.

O Barão de Pindaré, senador Costa Ferreira, que, na Camara Alta, representava o Maranhão foi o Cyrenco mais devotado que Feijó teve na sua abrolhada róta para o Calvario.

O illustre parlamentar nortista, pronunciou no Senado a 4 de Julho de 1843, cinco mezes, apenas, antes do transpace do egregio sacerdote, as palavras commovedoras, que se gravam, pelo buril da gratidão enternecida no coração de todo aquelle, que hoje é um venerador da memoria augusta de Feijó.

Eis a oração do Barão do Pindaré:

“Eu creio senhor presidente, que o requerimento do nobre senador passará até sem

discussão, pois que é baseado em manifesta justiça. Na realidade, parece um pouco extraordinario que no mesmo processo em que ficou pronunciado o nobre senador e um official da nossa secretaria, este official já se acha livre, e o nobre senador ainda não!

O official foi expatriado, chegou aqui ha pouco tempo, e em dous ou tres dias ficou livre; entretanto ha dous mezes e meio que o nobre senador respondeu sobre o processo, por ordem do senado, e acha-se tudo no mesmo estado! Enfim, eu não posso saber quaes as razões disso; estou persuadido que a nobre commissão entenderia que assim era necessario por justos motivos; mas eu os ignoro.

Sr. presidente, levantei-me para tambem requerer á nobre commissão que dê quanto antes o seu parecer sobre o processo do nobre senador o Sr. Feijó, e eu vou dar as razões do meu requerimento.

Ha tempos, que eu não vizitava esse nobre senador, e indo, ha poucos dias a S. Domingos de Nitheroy, fui vizital-o.

Em verdade, senhores, o estado de saude do Sr. senador Feijó é aterrador: elle soffre continuas e mortificadoras faltas de respiração, a sua respiração está inteiramente preza: o Sr. senador Feijó está lutando, podemos assim dizer com as ancias da morte! Eu estou persuadido que a demora do seu processo ha de sem duvida ter exacerbado a sua sorte: e queremos nós accumular afflicções ao afflicto? O que se ganhará com essa demora? Creio que nem a sociedade, nem o Senado,

nem esse nobre senador ganhará cousa alguma com ella.

E' dolorosa a posição dos outros nobres senadores pronunciados; porém a desse nobre senador que se acha enfermo, e que está muito fraco e debilitado, é muito mais desgraçada.

V. Excia. sabe que quando os nossos corpos estão fracos, a nossa imaginação exalta-se, por que a nossa alma é hospede muito melindroso, quer sempre habitar uma casa bem mobiliada e todas as vezes que o nosso corpo soffre ella tambem se resente.

Eu disse, Sr. Presidente, que nada lucra a Sociedade, com essa demora, porque a sociedade o que é prompta administração da justiça, é que não escape um só criminoso; e se esse nobre senador está talvez a decidir (ao menos creio que não poderá viver por muito tempo); não é justo que a morte o roube ao castigo quando elle o mereça: é necessario que sentenciando-se esse nobre senador, se incuta nas almas dos brasileiros esse terror moral que tem todos os desordeiros. Portanto, antes que a morte nos roube esse senador, convem, se elle está culpado, que se lhe imponha uma pena: a sociedade pois não lucra com a demora deste negocio, e o que lucrará o senado?... Já aqui ouvi chamar criminosos os nobres senadores pronunciados, e deve ter o senado criminosos no seu seio? Ser-lhe-á isto airoso? Ha dous mezes e tantos dias que os nobres senadores responderão, e creio que V. Excia., havia de mandar logo esses papeis á illustre commissão, bem que isto não conste

da acta; entretanto todo este tempo tem tido ella para meditar sobre o negocio e admira que quando um negocio quasi identico foi decidido em dous dias, este tenha-se demorado dous mezes e tantos dias! Quizera saber as razões disto; pois estou persuadido que a nobre comissão deve ter motivos justos.

Sr. presidente, se nem a sociedade nem o senado lucram com esta demora, muito menos lucrarão os nobres senadores pronunciados.

Estudando em seus sentimentos pessoaes e os sentimentos e caracteres dos nobres senadores pronunciados, estou persuadido que elles quererão mil vezes soffrer a pena de uma sentença do que estar no estado em que estão.

O Sr. F. de Mello — Apoiado.

O Sr. C. Ferreira — Estou persuadido que o nobre senador o sr. Feijó, ainda quando entendesse que era injusta a pena, havia de soffre-la, com a mesma resignação com que Socrates bebeu a cicuta; creio que se tal acontecesse, esse nobre senador havia de dizer, como o celebre Albuquerque "mal com o povo por amor do rei, mal com o rei por amor do povo! O que te resta velho cançado?... A morte." (Egas, loc. cit.).

Dir-se-hia que se haviam invertido as posições. Eram Feijó e seus amigos, que se faziam accusadores e os governistas, que soffriam a accusação tendo que se defender da increpação que lhes lançavam os liberaes. Mas tal era o procedimento iniquo do Governo, que essa situação se ajustava admira-

velmente. Este levava a crueldade contra Feijó, a ponto de fazer demorar a solução de seu processo de modo absolutamente inexplicavel. Vê-se por ali que, os parlamentos viviam tambem nesse tempo, a receber as injuncções do executivo, que levava o seu capricho a querer se vingar, contra quem já se acercava da morte. (1).

Por fim, com esses repetidos acicates, que desmoralisavam o Governo, perante a opinião collectiva, depois de haver a commissão especializada, manter os papeis por mais um mez, baixou-os com o seu parecer. Vê-se, por essa demora, e pela necessidade dos continuos e repetidos chamamentos para o cumprimento de seus deveres, que os membros da commissão não haviam ainda dado inicio ao exame do processado.

Mas por fim, o "Jornal do Commercio", no seu Supplemento do dia 3 de Agosto de 1843, publicava o seguinte parecer da commissão:

As commissões reunidas de constituição e legislação, tendo examinado attentamente os processos em que se acham pronunciados os Srs. Senadores Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro e Diogo Antonio Feijó, tem a honra de apresentar ao senado o resultado de seu exame.

Provava-se plenamente dos autos, actas das camaras municipais das cidades de Sorocaba e Ytu' e das Villas da Constituição, Capivary e Porto Feliz de f. a f., documentos de

(1) Era Feijó victima das picuinhas de Vasconcellos, que se mostrava capaz das mesquinhas que se viram, para cevar o seu velho e incansavel odio.

f. a f., e testemunhas de f. a f., que a camara municipal, povo e guarda nacional de Sorocaba reunidos tumultuariamente ao toque de rebate, no dia 17 de Maio de 1842, proclamaram ao Coronel Raphael Tobias de Aguiar, presidente interino da provincia de S. Paulo, autorisando-o para administrar a mesma provincia em nome de S. M. O Imperador, até que o mesmo Senhor nomeasse um ministerio da confiança nacional, e até que a Assembléa Geral Legislativa derogasse as leis que tinha feito contra a constituição do imperio; que comparecendo logo o dito Coronel Tobias, e sendo-lhes declaradas as referidas condições da sua nomeação, elle aceitara; adherindo immediatamente ao referido acto revolucionario de Sorocaba as camaras e povos de diversas cidades e Villas, cuja população comprehendia mais de 20.000 pessoas; pois só a das cidades de Sorocaba e Ytu' era de 22.426, como mostra a estatistica official, documento n. 7 a f.

Prova-se igualmente que o dito coronel Raphael Tobias de Aguiar exercera effectivamente o emprego de presidente intruzo da provincia de S. Paulo, proclamando nessa qualidade aos povos da mesma provincia, demittindo e nomeando empregados publicos, officiaes e commandantes militares, da privativa nomeação do poder executivo, dispondo dos dinheiros publicos; ordenando que se franqueassem as communicações de terra com a provincia do Rio Grande do Sul; mandando suspender a execução da lei de 3 de Dezembro de 1841 e por em vigor as que

se achavam por ella derogadas, em conformidade das condições de sua nomeação; reunindo finalmente gente armada que marchou sobre a capital da provincia, onde não pôde governo de S. M. o Imperador e pela guarda nacional da mesma provincia a ella reunida, as quaes tropas e guardas nacionaes as ditas forças rebeldes resistiram, e com ellas combaterão em differentes lugares dispersando-se a final por lhes faltarem os meios de resistencia armada.

A vista do exposto, achando-se plenamente provado que as diversas povoações reunidas, comprehendendo todas mais de 20.000 pessoas, tentaram directamente e por factos privar o Imperador da autoridade constitucional de nomear livremente os presidentes de provincias e os seus ministros, nomeando os rebeldes um presidente da sua facção, com a clausula de administrar a provincia de S. Paulo até que o mesmo senhor nomeasse ministros da confiança nacional e até que a assembléa geral derogasse as leis por ella feitas contra a constituição, verdadeiras condições impostas com força armada aos poderes moderador e executivo na demissão e nomeação dos seus ministros e presidentes de provincias, e até ao poder legislativo cujas attribuições usurparam, é manifesto que o movimento revolucionario sobredito não pode deixar de ser qualificado de crime de rebellião, na conformidade do art. 110 do código criminal, comparado com o art. 86 e 87 do mesmo código.

Consta mais dos autos, portaria do governo da provincia de S. Paulo a f., que, tendo diversas autoridades policiaes dado principio á formação dos processos sobre a referida rebellião por ordem do mesmo governo, fundada no art. 60 do regulamento policial e criminal de 31 de Janeiro de 1842, formou o chefe de policia um processo geral evocando a si todos os processos ainda pendentes e que as ditas autoridades policiaes estavam procedendo, no qual, entre outras pessoas, foram pronunciados a f. os Srs. Senadores Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro e Diogo Antonio Feijó.

Contra a validade da pronuncia oppoem os referidos Srs. senadores das nullidades capitaes: 1.º a incompetencia do juizo; 2.º a de se ter inquirido maior numero de testemunhas do que o determinado na lei.

Para fundamentar a primeira nullidade, allega o Sr. Vergueiro que, havendo as autoridades locaes da provincia de S. Paulo formado competentes processos, achando-se uns ultimados e outros pendentes, o presidente da provincia ordenara ao chefe de policia, com a approvação do governo, que evocasse os outros pendentes, e com os documentos em seu poder formasse um processo geral: o que o dito chefe de policia assim cumprira, avocando não só os processos contra a regra de direito, de que quando duas ou mais autoridades tem juridição cumulativa, logo que uma começa a tomar conhecimento de um negocio, a juridição fica proventa e as outras excluidas; e contra a disposição expres-

sa do art. 4.º § 9.º da lei de 3 de Dezembro de 1841, desenvolvido pelo art. 246 do Regulamento de 31 de Janeiro de 1842, no qual se determina que quando aconteça que quando simultaneamente comecem a formar culpa sobre o mesmo delicto, o chefe de policia, juiz municipal, delegado e subdelegado, todos ou alguns delles, se concorrer o chefe de policia, prosseguirá elle em todo o caso, concluindo daqui, que o referido chefe de policia só tinha jurisdição para formar culpa, quando se antissipasse ou concorresse simultaneamente; mas que não tinha jurisdição, nem o governo podia dar-lha para evocar os processos pendentes, e menos os findos, nem de recommençar novo processo sobre o mesmo delicto, obrando por consequencia despoticamente, arrogando-se uma jurisdição que não tinha, e com uma amplidão espantosa.

Não subsiste pois a primeira nullidade arguida em nenhuma de suas partes, por ser fóra de duvida, quanto a incompetencia, a vista dos artigos citados, que concorrendo os chefes de policia com alguma ou com algumas autoridades policiaes na formação do processo sobre um mesmo delicto, deve subsistir e proseguir o processos por elle comecado. Sem que obste que não fosse o chefe de policia o primeiro que começasse a formar o processo de que se trata porque esta procedencia somente firma a jurisdição e a torna preventiva, quando concorrem simultaneamente dous ou mais juizes municipaes, como é expressão no periodo ultimo do citado art. 246 do regulamento de 31 de Janeiro

de 1842 nas palavras proseguirá aquelle que primeiro tiver começado a tomar conhecimento do delicto, donde manifestamente se segue que o adverbio — simultaneamente — não tem a força restrictiva que se lhe pretende dar de ser necessario que os processos se comecem no mesmo dia ou com prioridade de tempo, quando concorrem os chefes de policia com os juizes municipaes ou delegados, nem quando estes concorrem com os segundos, pois que o contrario se deduz muito expressamente do referido artigo, combinando-se todas as suas differentes especies de concurrencia simultanea cumprindo tambem a observar que a regra de direito allegada de que nos casos de jurisdicção cumulativa fica esta preventa pelo primeiro juiz que começa a tomar conhecimento do negocio, não tem hoje applicação em materia criminal; á vista dos citados artigos que estabelecerão regra contrária, firmando a precedencia a favor dos chefes de policia em todos os casos e a das autoridades superiores, admittindo autoridades iguaes.

Igualmente não aproveita aos Srs. senadores pronunciados a nullidade que pretendem deduzir do facto de ter o chefe de policia formador da culpa avocado a si os processos pendentes sobre o mesmo delicto, uma vez que não allegão que haviam sido em algum delles pronunciados.

Esses processos, ou se achavam pendentes ou findos: no primeiro caso não podiam continuar, por dever progredir sómente o processo começado pelo chefe de policia, na con-

formidade do art. 246 já citado; e no segundo estava o mesmo chefe de policia autorizado para formar culpa aos que nos processos findos não se achassem pronunciados, pela terminante disposição dos arts. 147, 149 e 329 do código do processo criminal, por não haver prescripto o delicto.

A segunda nullidade arguida é ainda menos procedente que a primeira. Não consta dos processos dos dous Srs. senadores pronunciados, que fossem interrogados no sumario sobre o delicto em geral, mais de oito testemunhas, numero designado na lei; e dos mesmos processos se mostra que, a respeito do Sr. senador Vergueiro individualmente sómente se inquiriram tres testemunhas, e nenhuma a cerca do Sr. senador Feijó, sendo as outras referidas pertencentes a terceiros e informantes.

Sem que obstem as testemunhas, cujos ditos se acham juntos aos processos em resumo, não só por constar se foram interrogadas sobre o delicto em geral, ou algum dos réos em particular, mas tambem porque a pronuncia sobre ellas não assentou, como se vê das referidas sentenças de pronuncia. E ainda quando fosse certo que se interrogou maior numero de testemunhas que o designado na lei, esse facto tornaria apenas questionavel, se pelos depoimentos de taes testemunhas se podia fazer obra no processo, mas em nenhum caso esse excesso annullaria todo o processo, porque tal nullidade não está decretada na lei, antes pelo contrario, esta autoriza o juiz para inquirir como informantes as

testemunhas que julgar conveniente, na conformidade do art. 89 do código do processo criminal, e do art. 267 do regulamento de 31 de Janeiro de 1842.

Desprezadas portanto as nullidades por improcedentes, tratando da culpa de cada um dos dous Srs. senadores pronunciados, e em primeiro lugar do Sr. Vergueiro:

Mostra-se do processo que o Sr. senador Vergueiro adherira á rebellião de S. Paulo e nella tomara parte, sendo voz publica, attestada por todas as testemunhas de que elle a aconselhara, jurando de vista a testemunha Feliciano José de Pontes, ibi—“José Marques de Lima, Antonio Alvares de Almeida Lima, e o senador Vergueiro eram tambem influentes e os que mais o instigavam (a Antonio José da Silva, autor da carta, documento n.º ...) o que elle testemunha sabe, não só por ser voz publica como por ter, em razão de ser guarda, presenciado que o dirigiam, dizendo o que devia fazer.

E bem que a voz publica seja um indício fallivel, passa á classe das provas quando é acompanhada de factos que a confirmam. E estes existem provados nos autos, como é principalmente o facto de ter-se achado o dito Sr. Senador Vergueiro na villa da Limeira na occasião em que alli entrou uma força rebelde que marchava para Campinas, andando entre ella, montando a cavallo, no acto da sua marcha, dizendo a um padre José: “vamos acompanhar essa gente até ahi fora”. E acompanhou-a com effeito até a sahida da dita villa, como depõem por ver e presenciar

as testemunhas Anastacio Alvares de Oliveira, Lino Manoel de Vasconcellos, Ignacio Manoel de Abreu e João Ferraz Cardoso. Mostra-se finalmente que o Sr. senador Vergueiro tomara parte activa na rebellião, como se prova dos autos, abonando a confiança que nelle devia ter, com as seguintes expressões: pode confiar que elle fará quanto poder a bem da justa causa, — e essa justa causa não podia ser senão a da rebellião, pois que era a um vigario rebelde a quem a carta se dirigia; e assim, o mesmo se collige da carta n.º 132 que ao Sr. Vergueiro escreveu o sobredito major Joaquim Antonio da Silva, em resposta a outra do mesmo Sr. Vergueiro, documento n.º 132: ibi “Tenho por esta de responder a V. Excia., que fui recebedor da que dirigiu-me, e tornar a certificar a V. Excia. o que dantes havia dito a respeito da causa que hoje se trata, e queira V. Excia. capacitar-se que darei todos os passos que em mim couber a favor de uma causa tão justa que no presente defendemos”. — deprehendendo-se das referidas cartas que havia intelligencias e concertos anteriores sobre uma causa commum, por ambos reconhecida justa. E o Sr. Vergueiro não nega as suas relações com os rebeldes, nem a veracidade das cartas; confessa que aconselhado pela prudencia, pairava no meio da tempestade e contemporisava com os revoltosos que o cercavam, para que o respeitassem e para que pudesse influir nelles em beneficio da moral e que fora no interesse desta que interviéra para que João Antonio se conservasse entre

os mesmos, por estar muito muito no caso de impedir desacatos que se receiavam, especialmente contra a familia do Sr. barão de Monte Alegre, o que pretende provar com os documentos ns. 9 e 10 da sua defesa.

Mas não só o fragmento ou pedaço da carta n.º 130, e a carta n.º 132, não admittem a coartada defeza, pelos termos claros a favor da rebellião em que se acham concebidas mas até as suas datas comparadas com a data da carta n.º 9 da defeza, a repellem, por ser de 21 de Maio de 1842 a carta de Joaquim Antonio, documento n.º 132 e de 22 do mesmo mez a carta de Reginaldo Antonio de Moraes Salles, documento n.º 12 defeza, a rogos do qual o Sr. Vergueiro diz que interviera para que o mesmo João Antonio se conservasse entre os reebldes; como sendo datada de 23 do mesmo mez de Maio a carta n.º 131 que o Sr. Vergueiro escreveu ao dito Salles, remettendo-lhe outra que o Joaquim Antonio anteriormente lhe havia escripto. O resultado desta comparação de datas, e das seguintes palavras que se lem na dita carta n.º 131, "remettendo-lhe tambem para que veja e me torne a mandar, a que elle anteriormente me escreveu", que havia correspondencia anterior relativa á causa da rebellião, e que a carta a que Joaquim Antonio responde na sua n.º 132 não é a do Sr. Vergueiro n.º 130, mas outra anterior a 21 de Maio: e como o Sr. Vergueiro a reconhece por verdadeira, não pode deixar de fazer prova contra elle a manifestação que o dito Joaquim nella faz de que entre ambos havia intelligencia e accordo

a respeito da rebelião, por um e outro reconhecida como “causa justa”, como bem se depreheende dos seguintes termos: “Tenho por esta de responder a V. Excia. o que dantes havia dito da causa que hoje se trata, e queira V. Excia. capacitar-se que darei todos os passos que em mim couber a favor de uma causa tão justa que no presente defendemos”.

De tudo resulta acahr-se provado que o Sr. Senador Vergueiro não só adherira á rebelião mas até influira nella: bem que possa ser questionavel se a sua influencia pode ou não ser qualificada de autor do crime, nos precisos terminos do artigo 4.º do Codigo criminal, e por consequencia de cabeça de rebelião, attenta a notoria influencia de que o mesmo Sr. senador gozava sobre os rebeldes.

O Sr. senador Feijó confessa na sua defeza que adheriu á causa dos revoltosos de S. Paulo e desejava que ella prósperasse; mas néga que esse movimento revolucionario possa ser qualificado de rebelião e que elle fosse cabeça della.

A primeira parte da defeza é inattendivel pela demonstração que já se fez de que o movimento de S. Paulo foi uma verdadeira rebelião: resta portanto somente examinar se o Sr. Feijó pode ser considerado cabeça de rebelião, visto que elle confessa a existencia do movimento revolucionario e que a elle adherira.

Mostra-se, com effeito, dos autos, e confessa o Sr. senador Feijó na sua defeza que elle fora o autor do periodico *Paulista*, pu-

blicado na provincia de S. Paulo durante a rebelião e em favor della: e no mesmo periodico se encontra a seguinte declaração, por elle assignada:

“Apenas soube em Campinas ás 10 horas da noite, que nesta cidade se havia acclamado um presidente Paulista; e que era o Sr. Tobias, cobrou a minha alma algum alento... Dei providencias, e de manhã, não obstante o meu habitual estado de enfermidade, puz-me a caminho e cheguei a esta cidade de Sorocaba com tres dias de viagem.

— Deliberei ajudar tão honrosa tarefa quanto em mim estivesse, e — como nada posso senão exprimindo pela imprensa os meus pensamentos, emquanto puder direi aos meus patricios tudo quanto julgar que lhes convem para perpetuar a gloria da provincia.”

No mesmo periódico se lê mais:

Emprehendemos esta tarefa, para esclarecer nossos patricios sobre o que lhes convem; até onde podermos os ajudaremos com nossos conselhos...

Em outro lugar expando os fins da revolução:

E' pois de primeira necessidade que o Ministério actual se retire dando lugar a que S. M. I., nomêe outro...

Outro fim que teve a presente revolução, é obter a revogação das trez leis que atacam de frente a constituição, a saber: a chamada interpretação do ato addicional, a lei das reformas do codigo e a do Conselho de Estado...

Conseguido isto, que a razão, a justiça e a constituição exigem, seremos obedientes ás leis feitas como manda a constituição e a S. M. o Imperador: continuaremos a fazer parte do Imperio; mas se o governo longe de ouvir-nos....., — será então necessario adoptar afinal extremos...

Agora só queremos a S. M. I. com a constituição jurada e nada mais; porem ao depois... quem sabe o que será!"

Em outros diversos artigos, desempenhou o Sr. Senador Feijó a sua promessa feita nos dous primeiros que ficam transcriptos, de ajudar a revolução, como pudesse e de aconselhar os revoltosos, concitando-os a que não desistissem da empreza começada.

Mais corobora a prova de que o Sr. Feijó fez quanto pôde em favor da rebellião a sua propria confissão na carta por elle escripta ao barão de Caxias junta ao processo n.º 11.

Em verdade o vilipendio que tem o governo feito aos Paulistas, e as leis anti-constitucionaes da nossa assembléa, me obrigarão a parecer sedicioso. Eu estaria em campo com a minha espingarda na mão, se não estivesse moribundo — mas faço o que posso.

Mostra-se finalmente das testemunhas do processo que o Sr. senador Feijó era tido geralmente por uma das pessoas mais influentes na revolta, e prova-se plenamente que a mesma tomara força depois da sua estada em uma chacara de João Nepomuceno, distante de Sorocaba, mais legoa, pouco tempo antes da mesma apparecer, morando depois

da revolução com o intrepido presidente Tobias, sendo publico que o aconselhava: parecendo importante transcrever aqui os ditos das testemunhas que assim o depuzeram para mais esclarecimentos da verdade.

Testemunha 2.º a f. 59 do processo impresso.

Ao 2.º disse que o que sabe é que anteriormente á revolução varias pessoas trataram da revolução, e que elle testemunha conhecera que muito principalmente depois que viera a esta cidade (Sorocaba) o senador Feijó a titulo de curar-se, crescera a agitação dos espiritos, e entrou-se a fallar mais abertamente na mesma revolução e della tratar-se; e que publica e geralmente se dizia que o dito senador nessa occasião, que serião fins de Março ou principios de Abril, déra o plano para ella.

Testemunha 3.º a pagina 60.

Ao 9.º disse que só consta que o presidente interino tomava pareceres e conselhos com o senador Feijó, o que sabe por ver, porque estando por vezes de serviço no chamado palacio do presidente, vira os tres reunidos, presidente, senador Feijó e o secretario Gabriel conferenciaram e depois irem-se fazer offios e darem-se ordens.

Testemunha 4.º a pagina 61 do impresso.

Ao segundo disse que sabe que um mez mais ou menos antes do rompimento, o Sr. Feijó viera a uma chacara, pouco mais de meia legoa, distante desta cidade (Sorocaba), a qual é de João Nepomuceno, a titulo de

curar-se: que dahi para cá apparecera maior agitação entre o povo, que foi mesmo quando se entraram a fazer reuniões na guarda nacional e se poz destacamento dela no hospital a titulo de conter a revolução, e que a população suspeitou, e geralmente correu que o dito senador Feijó viera aqui concertar o plano da revolução, o que mais confirmou com seus procedimentos posteriores. Ao 9.º disse que sabe por ser publico que o presidente intruzo tomava conselhos com o senador Feijó, com quem vivia.

Testemunha 5.ª a pagina 63.

Ao 2.º disse que sómente sabia, por geralmente dizer-se, que o senador Feijó déra o plano para a revolução e que a elle se attribuia; sabe por lhe constar que o dito senador um mez mais ou menos antes da revolução, viera a esta cidade e passara na chacara de João Nepomuceno, e que se disse nessa occasião elle concertara a revolução: que elle testemunha só sabe por sentir que de então por diante appareceu maior agitação por se dizer geralmente que havia de apparecer a revolução. Ao 9.º disse que sabe que o senador Feijó, morava com o presidente, porem se lhe dava parecer e conselhos não sabe. Testemunha 6.ª á pagina 64.

Que sabe por ser geralmente publico, que o senador Feijó... aqui trabalhou para a presente rebelião; o que elle testemunha acredita por considerar que sendo a dito senador um homem paralytico e doente, nestes ultimos tempos desenvolveu muita activi-

dade, viajando de Ytú para Campinas, e outras vezes para a cidade de S. Paulo e outros lugares, vindo a esta cidade (Sorocaba) por tres vezes passando as duas primeiras pela casa de João Nepomuceno e Souza e a ultima em casa de Lacerda. Que foi publico e geralmente sentido que depois das vindas do dito senador a esta cidade crescera a agitação dos espiritos e se entraram a fazer preparativos para a revolução, cujo plano geralmente se diz que elle dera. Ao 9.º disse é publico e notorio que elle (Tobias) se aconselhava com o senador Feijó, com quem sempre estava.

A' vista do exposto, confessando o Sr. Feijó que adherira á rebellião, e achando-se provado pela sua carta f. e artigos do periódico Paulista, de que elle reconheceu ter sido autor e aconselhara, instigara e animara os rebellados para nella continuarem e não deporem as armas enquanto não tivessem os dous fins a que a rebellião se propunha; a saber compellir a S. M. o Imperador á mudança do ministerio e nomeação de outro que merecesse a confiança nacional, e até que a assembléa geral legislativa revogasse as leis, que, na opinião dos rebeldes, havia feito contra a constituição do Imperio, reconhecendo elle outrosim, na dita carta a f., que elle se vira obrigado a parecer sedicioso, que tinha feito quanto podia em favor da rebellião, sentindo não estar em campo com uma espingarda por se achar moribundo; e provando-se finalmente pelas testemunhas que era voz constante haver elle aconselhado e promovido o rompimento da rebellião de ter sido quem

déra o plano para ella, não pode o mesmo Sr. senador deixar de achar-se convencido de haver cometido o crime de rebellião, como um dos autores principaes della, nos termos do artigo 4.º e 110 do código criminal.

Concluindo, são as commissões de parecer que, a vista da prova plena que resulta dos autos de ter o Sr. senador Diogo Antonio Feijó tomado parte na rebellião por uma forma tão directa que não pode deixar de ser considerado como cabeça, deve o seu processo continuar, ficando suspenso do exercicio do seu lugar de senador enquanto se não mostrar livre do crime; e que não continue o do sr. senador Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro, visto não resultar do processo uma prova tão liquida que entrára na rebellião como cabeça, como se exige em juizo que tem de julgar ao mesmo tempo de fato e de direito. Paço do Senado em 31 de Julho de 1843.

Vasconcellos — Visconde de S. Leopoldo — J. Clemente Pereira — Visconde de Olin-da — Vencido quanto ao Sr. senador Vergueiro. Quanto ao Sr. senador Feijó tenho razão particular para não ser seu juiz.

VOTO SEPARADO

Tendo examinado o processo em que foram pronunciados pelo crime de rebellião os Srs. senadores Diogo Antonio. Feijó e Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro, sou de parecer que elle não deve continuar quanto ao Sr. Vergueiro. Não duvidaria tambem em subs-

crever o parecer da commissão de constituição e legislação quanto ao Sr. Feijó, se nos fosse presente o processo inteiro, como julgo necessario para que as provas que contra elle se offerecem possam ser consideradas como resultado legal do mesmo processo.

Paço do Senado, em 31 de Julho de 1843
C. M. Lopes Gama.

(Eugenio Egas, — loc. cit. "Documentos",
244 a 254).

A leitura desse documento, é sufficiente para ficar bem patenteada a perseguição ingloria soffrida por Feijó, por parte do Governo conservador, dirigido pelo espirito de Vasconcellos, que com essa peça demonstrou as suas linhas de ferocidade tigrina. Vasconcellos não era ministro, mas, no governo estava o que com elle era "unha e carne": Honorio Hermeto.

O parecer da commissão senatorial, já sahiu á "forceps", pois tão demorada foi essa produção, havendo necessidade de ser a commissão fustigada, repetidas vezes, como vimos.

Foi um verdadeiro parto da montanha, pois o parecer, que ahí é reproduzido, representa a maior falta de logica e de imparcialidade, que se pode conceber.

De facto, elle se estriba em depoimentos contraditorios, todos elles de simples outiva, para concluir pela condemnação de Feijó, como cabeça de rebellião. Não ha a menor prova, de que esse crime possa assim ser capitulado. Só mesmo um desejo intenso de levar á perseguição até a beira da sepultura, que já se abria voraz e faminta pa-

ra receber o corpo daquelle, que paralytico, via se sumir a voz e se extinguir a vida.

Trez mezes, depois dessa iniqua deliberação do Senado, finava-se aquelle que fôra o Regente do Imperio. Mas apesar dessa perseguição evidente, a qual resalta do documento, que vae reproduzido acima, a figura de Feijó, parecia a de um martyr, que se glorificava com uma aureola esplendente de uma via crucis, da qual o documento acima, não era mais nada do que, um dos quadros dos de mais atroz soffrimento.

Elle nunca negara que, tomara parte na guerra civil, que fizera por ella, tudo quanto estivera em seu alcance, que se não fôra estar moribundo, o barão de Caxias haveria de o encontrar com sua espingarda na mão, e elle era então um homem de 58 annos de idade, já merecendo um socego pacifico pela vida attribulada, que levava.

Tudo isso, era feito pelos conservadores!

Que poderia esperar Feijó, dessa corporação subserviente que era o Senado? Elle conhecia bem a essencia dos homens de seu tempo! Elle conhecia bem a tigrina ferocidade de Vasconcellos e a estreiteza de vistas de Monte Alegre!

Aliás, Feijó não alimentava illusões.

Lendo-se o final da sua defesa, verifica-se que, elle, o martyr, não esperava outra cousa desse Senado, que havia conduzido á Presidencia, o Caiphaz, causador de seus padecimentos!

O Senado resolveu contra Feijó, não obstante a clareza da sua situação deante da nenhuma prova dos autos contra si. Só isso, bastaria para ser classificado de monstruoso um governo que dessa forma interferia no legislativo, o obrigando a fa-

zer "*preto do branco e quadrado do redondo*", o constrangimento a resolver, contra a absoluta prova dos autos, como ficou transparentemente evidenciado da defesa do grande sacerdote.

Monte Alegre e Vasconcellos, haviam resolvido que, Feijó fosse o "bóde expiatorio" de tudo quanto occorreu em 1842, e dahi essa sua acção contraria a justiça, a razão e mais que tudo a propria humanidade.

CAPITULO XXX

O FIM DE UM VARÃO DE PLUTARCO

Era em São Paulo, na rua da Freira no dia dez de Novembro de 1843!

Entardecia e sol, que na sua trajectoria diurna pelo céu limpido de verão, fizera do villarejo planaltino uma abrazada fornalha, ia já mortiço do declinio morno de um crepusculo dorido, pintando o horizonte de matizes vivazes de góles, em fundo azulino plumbeo das serranias silhuetadas ao longe.

Na casa terrea de taipas, pelas rotulas entre-abertas penetravam os reflexos dessa ultima claridade, em confusão com a luz vaga e dançarina de um candieiro de oleo de mamona, dependurado ao centro de uma ampla e desnuda sala, cujos cantos se enegreciam de sombras trevosas, que buliam macabramente ás oscillações do pavio influenciado pelo vento, ás vezes a sybilar choroso pelas frestas das janellas de guilhotina.

Um catre largo, com a cabeceira encostada na parede encaçada e lisa, onde se prendia um negro crucifixo a lhe quebrar a alvura, continha deitado um homem estirado.

Rosto escaveirado, cachetico e amarellecido, de pelle empergaminhada sobre os ossos resaltan-

tes, mal occultos pela barba e grizalha cabelleira, que lhe emprestavam a feição de mumia, della sobresahindo um afilado nariz adunco a separar dois olhinhos encovados, cerrados por negras orbitas.

Uma barba em desalinho, longa e descuidada, refletia no seu emaranhado cinza um longo tempo que uma inclemente molestia retinha no leito essa vida, que parecia se findar.

Era o padre Diogo Antonio Feijó que vencido pela sua paralyisia nos órgãos locomotores chegava ao Calvario de sua via crucis, em que caminhava na estrada da vida carregando a sua pesada cruz, que éra o labéo infamante de Filho espurio, a qual levava comsigo até o mais alto degráo do throno, pois com ella chegara a Regencia do Imperio.

Filho de paes incognitos, Feijó subiu, graças as suas virtudes até as mais altas posições politicas, tendo recusado o canonicato da capella imperial e depois, um gordo bispado.

Mas elle era de filhação incognita para o mundo, ainda que elle bem soubesse ser filho do vigario Lima, de Cotia e de Maria Joaquina de Camargo, dos mais nobres quinhentistas, que em dois séculos de expansão victoriosa se engrinaldaram com os louros do povoamento e do bandeirismo.

O amor ás linhagens, o apego ás hierarquias, o decidido pendor pelas aristocracias de altisonancias e pela pureza de sangue cristão, eram o apanagio de Feijó, que cultivava o seu espirito na forja da sciencia oitocentista e que com paciencia, quasi divina, vivera a recolher reunidos os ultimos resquicios dessa nobreza da bravura anonyma e da abnegação estoica, que a demagogia dos Robespierre não houvera então arrazado ainda.

São Paulo, de então, respirava pelo afan da conquista da fidalguia, em cujos prelios se arriscavam as fortunas. Todos que podiam faziam reviver os arquivos em busca de heroicos ancestraes, á cata de ligações com as aristocracias peninsulares.

Foi dahi, desse esforço, na organização das buscas que, foram revividas as personagens romancescas, actores principaes dos primeiros actos dos dramas historicos do nosso passado, que é nada menos do que a nossa formação territorial, que hoje contemplamos admirados.

Os infortunios semeados na vida abroilhada de Feijó, sempre em luta acerrima contra a pobreza, foram os antolhos arestosos e enristados contra a alma grandiosissima desse varão illustre, que com ella viria desvendar aos posteriores o mais maravilhoso exemplo das mais perigrinas virtudes que fizeram a nossa grandeza.

Como que, perseguido pelos azares da vida, Feijó não pudera sahir da malfadada trilha da pobreza material.

Elle possuia, porém a tempera rija, com que seus antepassados bandeirantes sabiam vencer os impecilhos das suas caminhadas gigantescas.

A paciencia, a tenacidade, e o espirito de resignação, que o impediam de desalentar foram o balsamo, com que curava suas feridas oriundas dos males sorvidos na alcantilada via sacra, que era a sua vida.

Ao redor do catre de Feijó muitas pessoas de pé o assistiam naquelles derradeiros instantes. Figuras acabrunhadas pela intensidade da dôr e pela nervosidade das vigílias, pareciam phantasmas,

ensombreados pelas luzes voltigeantes do candieiro, que coriscava seus reflexos nas faces alvidas e piedosas dos circumstantes.

A' cabeceira, sua irmã Maria Justina de Camargo, relativamente nova ainda, pois que era cerca de onze annos mais moça que o irmão, com um olhar triste e meigo, mas conformado e espe lhante de toda a sua dôr concentrada, envolvia aquelle ambiente todo saturado de respeito e de anciedade. Ella fallava em surdina a um religioso já velho, mettido no seu burel negro de estamemha, alto, mas recurvo, ainda com a imponencia de seu aspecto veneravel, que lhe emprestava as suas barbas embranquecidas pela idade, e pelo pensar, ao redor do seu rosto anguloso e amorenado.

Era o Dr. Miguel Archanjo Ribeiro de Camargo. Aparentado e muito amigo de Feijó, quizera seguil-o até o doloroso fim, que o sorvia naquella noite de trespasse.

Ao seu lado, acompanhando com curiosidade o murmurio dolente daquelle imperceptivel voze rio, estava um velho gordo, com as faces empastadas, a se emoldurar luzidamente na barba rala e uns olhos bondosos e lacrimejantes. Era Joaquim José dos Santos Camargo o verdadeiro irmão mais velho de Feijó, o seu melhor amigo e primo.

— Prometta-me, primo, diz por fim com voz debilissima Feijó, que fará alguma coisa por minha irmã, essa santa, que qual Veronica me deu algum lenitivo na vida. Sei que vou morrer, e desta pobreza a que me legou um destino implacavel, me arrancará dentro em breve a bondade do Todo Poderoso. Que seja feita a sua sacratissima vontade. Não quero morrer, porém, sem levar a espe-

rança de que ella, que tanto se sacrificou por mim, fica amparada.

Não é que essa esperança seja filha da ambição de grandezas. Não as poderia alimentar quem viveu e morre deixando para ella a pobreza que a necessidade condemna quasi que a indigência.

— Descance, meu primo e muito amigo, respondeu commovido Santos Camargo, que sua irmã não será jamais olvidada. Eu o prometto.

O medico entrava nesse instante. Era o Dr. Ellis, um inglez chegado a cerca de 15 annos, que tratava de Feijó, desde que a molestia se manifestára. Era um homem meão, de bigodes loiros e olhar ceruleo, que logo se humideceram ante a scena pathetica.

Elle assistira a milhares de agonias, algumas bem dolorosas. A de Libero Badaró fôra uma dellas, logo que o joven inglez aqui aportára, mas essa, a de Feijó era a que mais o commovia.

Como era admiravel esse exemplo!

Cromwell, não subira tanto!

O esforço consumira as forças debeis de Feijó e elle entrou em uma modorra, que lhe paralisava os movimentos e que lhe cerrava os olhos.

Só o bater descompassado do seu coração denunciava a vida ainda enraizada naquelle organismo combalido pela molestia e roído pelos soffreres.

Longas horas se passaram nesse torpor silencioso, que preludia o estado agonico dos que se vão.

Subito o moribundo se agita, abrindo, por fim, desmedidamente os olhos encovados daquellas olheiras roxas, e, por entre a desconexidade das

suas palavras proferidas em voz roquenha, servindo de acompanhamento áquelle rumor surdo, que era o estertor cavernoso do seu peito arfante, que morria, ouviam-se nitidos os nomes sonoros dos seus maiores, de Juseppe de Camargo, do Jaguarete e de outros.

Naquelle supremo delirio a revolver fundo toda a preocupação da sua vida, o sacerdote parecia um redivivo, com o olhar rebrilhante e os movimentos em convulsão desordenada e violenta.

Por fim cahiu estatico no catre.

Morreu!

Duas lagrimas cadentes rolaram, então, pelas faces resequidas do beneditino; um soluço tremeu a figura mascula de Raphael Tobias, que tambem ahi se achava acompanhando o estadista até o ultimo momento.

Feijó, depois da ultima visão tumultuosa dos quadros da alvorada paulista, que perpassavam na sua imaginação em macabra galopada, cahira prostrado pela carpa fatidica da morte.

Era a madrugada de 10 de Novembro de 1843, e o sol vinha já enrubecendo o firmamento pelas bandas de São Miguel...

Assim se finava, na mais tranquilla das sombras, um vulto, que fora na luminosa trajectoria de sua vida politica, a expressão maxima de energia, bem symbiotisada com o indice o mais elevado da pertinacia, da vontade, da honestidade, da varonilidade, ao lado da mais alta personificação da abnegação, do altruismo, do amor á patria, do espirito de sacrificio e da modestia a mais sublime, da simplicidade a mais perfeita, como da candidez a mais placida e transparente.

Os contemporâneos do grande morto, não souberam aquilatar o valor do mesmo, do qual tinham apenas, a medida da sua temibilidade.

Os seus adversários tremiam, ante a sua figura gigantesca de Galaad admirável, na sua bellicosidade invicta, na sua magnífica força de vontade, na rapidez meteorica, com que desferia os seus golpes.

Os seus amigos o admiravam, pelas indeclináveis qualidades do seu caracter, mas o queriam mais, pelas suas virtudes de coração, onde se aninhavam os sentimentos mais nobres e uma bondade, que se transluzia, sempre, em mil manifestações. Mas apesar disso tudo, só a posteridade, deveria fazer justiça a esse velho roble que, altaneiro attingia as mais puras camadas da atmosfera onde o oxigenio enregela os altos pincares dos morros. Os mais magestáticos monumentos, para mais resaltarem nas suas formas magnificas, a vista dos observadores imparciaes, precisam ser inspeccionado, a distancia. Feijó, o maravilhoso Giliath de S. Paulo oitocentista, era como esses monumentos, que só a distancia evidenciam os seus contornos. Hoje, a sua estupenda figura se resalta desse periodo da nossa historia oitocentista, quando, viviamos abatidos pelo espectro da decadencia com um espantoso relevo.

Mas na época, a morte do grande clérigo que fôra Regente, passou, quasi que, desapercibida a ponto de oito dias apoz esse infausto acontecimento a cidade do Rio de Janeiro, deparar com a seguinte noticia no "Jornal do Commercio" no seu noticiario de fallecimentos:

“O Sr. Diogo Antonio Feijó, senador do Imperio pela provincia do Rio de Janeiro, ex-ministro da Justiça e ex-regente, falleceu na cidade de S. Paulo.”

S. Paulo, a cidade, onde nascera Feijó, recebera os despojos de seu augusto filho, daquelle que tanto, lhe honrara, daquelle, que lhe déra tanta gloria, para o conservar no coração de cada um dos seus habitantes, tendo ahi uma effigie em ouro, pois que em bronze já ella domina sobranceira na praça publica no alto de um pedestal.

Os ossos de Feijó, descansam na cripta da nossa magna cathedral, templo unguido não só pelos sentimentos da religiosidade do catholicismo, mas tambem do nosso amor ao passado, pois que ella é, tambem, o nosso Pantheon, onde deverão se reunir os despojos de todos aquelles, que nos fizeram grandes, para ahi receber a veneração e o culto reverencioso de todo paulista, que se emociona com as nossas paginas, que o alem nos ministra.

EPILOGO

Nas Termopylas, onde da Thessalia, por um desfiladeiro se penetra na Grecia, ha um tumulo cavado na rocha, onde foi travado o mais maravilhoso embate de toda antiguidade. Nelle foram gravadas as seguintes palavras:

“Parae viandante! Ide dizer a Sparta, que aqui morremos para obedecer as suas leis”. E’ o tumulo de Leonidas e de seus phantasticos hoplitas que enfrentavam em 480 antes de Christo a avalanche de Xerxes o Achemenida.

Feijó que, na vida foi um expoente dessas virtudes lacedemonias, que levaram Leonidas, a assim morrer na defesa da Grecia, bem mereceria um epitaphio que lembrasse, sempre, aos de hoje a figura vincada do maior paulista dos oitocentos, que na soleira de uma porta, onde elle iniciou sua vida de engeitado subiu até aos degráus do throno da Regencia, levado unicamente pelas suas virtudes, que nelle não se esboçavam esfumaçadamente mas gryphavam, marcadamente definindo com saliencia uma personalidade bem vincada.

FIM.

APENDICE

Pe. DIOGO ANTONIO FELJÓ

(Dados biográficos.)

Arquivo: Museu Cel. David Carneiro — Curitiba

Resposta do Ex-Regente do Imperio Senador Diogo Antonio Feijó ao Senado no processo a que respondeu, quando voltou prezo do Espirito Santo.

“Se eu pudesse, daria por certo este exemplo ao Brazil de resistir a ordens illegaes, sem o que será sempre nominal nossa liberdade e nós escravos dos atrevidos. Nada, porém, podendo contra a violencia, retirei-me.

“Eu penso, que se uma nação é tal, que se submissa a violação de suas instituições, é ella indigna de ser nação livre, e é já é escrava; e se não tem senhor, terá o primeiro que o queira ser.”

(Biographia de Feijó por Homem de Mello, Rio de Janeiro, 1862: 1.ª serie, pag. 125. Publicada por Quintino Bocayuva.)

TRECHOS DE CARTAS DO SR. DR. RICARDO GUMBLETON DAUNT, DE ITU' DIRIGIDAS AO SR. BARÃO HOMEM DE MELLO, REFERENTES AO PE. DIOGO FEIJÓ

4 de Agosto de 1856 — Eu mando junta a copia das reflexões sobre o projecto de Constituição que a Camara de Itú offereceu a D. Pedro I e cujo autor foi o Feijó: são assignauas por varias outras pessoas, mas automaticamente.

O que é singular é a ascendencia que o Feijó exercia para poder fazer acceitar idéas tão democraticas depois da manifestação ultra-monarchica de Itú em 1822 a cuja respeito mandarei copiar tambem varios documentos interessantes.

Espero que o Sr. Candido Motta chegue amanhã de Porto Feliz e então saberei com certeza se o Pe. Diogo foi ou não á Constituinte; todos me dizem que foi mas nestas cousas fio-me sómente no Sr. Motta cuja memoria é muito fiel.

Nota á margems — Feijó descendia em 10.º ou 11.º da princeza MBycy (depois de baptisada D. Izabel) mulher de J. Ramalho e filha de Tibiriçá.

17 de Agosto de 5618 — O Pe Diogo não foi membro da Constituinte e nem esteve no Brazil na occasião da eleição. — Elle demorou o seu regresso por mais um pouco de tempo do que a mór parte dos seus collegas que foram deputados ás Cortes de Lisboa. —

Não sei si esta demora foi em Falmouth ou se devida tambem á uma viagem difficultoza. O que é certo é que não veiu em direitura ao Rio de Janeiro, mas desembarcou primeiramente em Pernambuco e de lá veio ao Rio. No Rio de Janeiro ele parou pouco e teve uma entrevista com o Jozé Bonifacio de Andrada, o resultado sendo a expedição de ordens severas ao então Capitão Mór de Itú para ezercer uma vigilante espionagem sobre todos os atos do Pe. Feijó a quem qualificou de *Demagogo perigoso*, devendo o capitão mór dar partes mensáis.

Um intimo amigo do Feijó o Pe. João Paulo Xavier, (vigario da vara de Itú e que merece uma Mitra), contou-me hontem á noite que ele se lembrava de um discurso do Feijó em que, transbordando em satiricas aluzões ao Martin Francisco (que o tratára de *hipocrita*) e ao irmão mais velho, ele lançou-lhe em rosto essa comissão de espional-o dada ao Capitão Mór, como tambem ao Martin Francisco increpou por ter feito enforcar com *laço* depois da corda rebentada um criminozo sobre quem a Irmandade da Misericordia em virtude de antigo uzo quis resgatar cobrindo com sua bandeira.

Nunca houve uma perfeitamente cordial intelligencia entre Feijó e os Andradas, porque o Feijó nunca se esqueceu do que sofrera do Jozé Bonifacio e do Martin Francisco embora não patenteasse a todos o seu modo de sentir.

Houve mais um documento importante redigido pelo Feijó que merece ser conservado como monumento do seu sincero amor á Justiça e de seu desprezo da popularidade que sómente podia coezistir com o sacrificio parcial dos grandes principios humanitarios que compunham o simbolo de sua fé politica e social. Refiro-me ao projeto para melhorar a condição dos Escravos apresentado por Alvares Machado ao Conselho geral de São Paulo e conhecido como o *Codigo Negro*. Vis e mesqui-

nhos interesses e paixões sufocaram este projeto, que nunca vi, mas o fato de sua apresentação deve ser registado em eterna honra dos dois grandes Paulistas cujos nomes só por si serviria de immortalizar.

Nota á margem: — Em São Paulo ha de haver muita gente que saiba do cazo. Dizem que o enforcado foi um soldado réo em uma especie de tumulto militar que houve em Santos. Não sei bem como foi isto.

20 de Setembro de 1856 — Ainda não averigui o lugar do nascimento do Pe. Feijó. A minha comadre Dona Maria Justina de Camargo, irmã do finado Regente, veio de Campinas vizitar-me no começo deste mês e ella não soube esclarecer a duvida; disse-me todavia que convinha indagar sobre isto da Sra. D. Manoela Feijó moradora da rua da Freira em São Paulo e sogra do Snr. Jozé Pereira Mendes e mãe do Snr. Antonio Benedito Palhares.

.....

13 de Junho de 1857 — Mando-lhe um mimo apreciavel que se achou nos papeis de um sento varão (por alguns tido por louco!) Pe. Manoel da Silveira que morreu em Itú ha ano e pouco. E' o esqueleto do regimento da celebre comunidade dos *Padres do Patrocinio* de que faziam parte homens tão iminentes como Feijó, o atual Snr. Bispo Diocezano, o Snr. Pe. Miguel Arcanjo Ribeiro de Castro Camargo, etc. Vê-se revelado o espirito folgazão do Feijó o qual em sua privança e mesmo até os seus ultimos dias e sob o pezo de cruéis amarguras elle se entregava.

Não é possivel ter holografo do Feijó de mais interesse porque refere-se a um periodo de sua vida em que o seu carater se aperfeiçou e as suas idéias se consolidavam no ezercicio de praticas de austeros asceti-

cismo. Tão longe estava o Feijó do terreno da mór parte daqueles que ao depois especularam com o seu nome como passaporte á confiança publica que nesse tempo ele se *disciplinava!!!* —

17 de Julho de 1856 — O Pe. Diogo era primo de meu sogro e com ele foi creado juntamente na caza e sob as vistas do Vigario de Parnaíba o bom Pe. João Gonçalves Lima — primo irmão de meu sogro, parente e padrinho do Pe. Diogo. Assim aconteceu que quem ensinou ao Feijó o ABC foi meu sogro Joaquim Jozé dos Santos Camargo e entre eles ezistia até o ultimo momento da vida do Feijó a mais estreita amizade. O Pe. Diogo era como irmão ou ainda mais do meu sogro e agora depois que morreu o amparo de sua irmã a quem ternamente amava tem sido o mesmo meu sogro. Esta Snra. a Dona Maria Justina de Camargo é minha comadre duas vezes e talvez hoje a ninguem dedico maior amizade. Aponto isto afim que V. S. fique ciente das razões *domesticas* que me tornam ciozo da reputação do Pe. Diogo a quem infelizmente nunca conheci pois que vim á esta Provincia em 1845. Mas não é sómente como parente que venero o Pe. Diogo. Em primeiro lugar sei que rezistindo á insinuações e solicitações ele salvou a cauza Monarquica amparando, com o poder que sobre as massas lhe dava o que de quazi divino por sua energia e coragem tinha o seu carater, a infancia do Sr. D. Pedro II. Que as ambições ilegítimas de aventureiros ou as teorias especulativas de vizionarios não arrancassem o cé-tro da debil mão do principe se deve á firmeza e á pureza de consciencia do Pe. Diogo.

Venero-o pela sua pura moral e pela singular combinação de nobres elementos que compunham o seu carater; pela sua grandeza intelectual e pela auzencia do menor resaibo de motivos sordidos em todos os seus

atos. Servio bem ao país e com o mais nobre dezinteresse. E' verdade que eu sou aristocrata com limitações na pratica — que lamento as opiniões do Pe. Diogo sobre disciplina eclesiastica. Mas Deus não permita que estas diferenças que esplico pelas tendencias da época e pelas circumstancias particulares de seu nascimento e suas relações sejam razão para tornar-me menos entuziasta na minha admiração dos grandes homens da geração que se vai sumindo ou de contemporanios dignos, ainda sendo de proporções de carater e de engenho menos gigantescos.

Noto algumas omissões em seu esboço, e talvez algumas por prudencia devem subsistir, desta ultima ordem são as dezavenças entre Feijó e a familia Andrada. Eu vi uma carta (com vexame o digo porque quereria não me ver obrigado de acreditar no fato) do Jozé Bonifacio em que este recomenda ao finado Capitão Mór Vicente da Costa Taques Góis e Aranha que ezerça uma espionagem ativissima sobre o Pe. Feijó e que dê relatorios mensais de tudo quanto este obrar! Depois da abdicação de 7 de Abril houve guerra decidida entre estes homens que todos tanto nos merecem.

A vida Ituana do Pe. Diogo era interessante. — Foi catolico tão fervorozo em algum tempo que se diciplinava. E' verdade que ensinava em Itú mas eram estudos secundarios.

V. S. chama ao Pe. Diogo *filho do povo homem do povo*: perdoe-me se digo que nisto erra. O Pe. Diogo foi fruto de um grande crime — mas a brilhante carreira do filho e os acerbos sofrimentos fizicos da mãe por longos anos continuado resgataram a vergonha e espiacão talvez em parte o crime. O Feijó foi filho ilegitimo mas a mãe era Camargo e do amago dessa nobilissima raça, era prima irmã da mãe da Sra. Dona Ana Vicencia e do

Brigadeiro Jordão e do sangue mais aristocratico da Provincia e decendente em 9.º grão da Princeza MBycy mulher de João Ramalho. Tão ciozo foi ele da honra materna que nunca reconheceu parente algum e dizia sempre que era filho sómente por criação de Dona Maria Joaquina.

Quem organizou as emendas ao projeto da Constituição do Imperio foi o Pe. Feijó. Eu já tive a paxorra de copiar muitos documentos que se referem aos successos politicos de 1821, 2 e 3 dos livros da Camara de Itú, e entre estes poi o plano da reforma do dito projeto. Estas copias dei ao Sr. Conselheiro Sr. Jozino. — O Pe. Diogo e o Sr. Candido Mota (para com quem o país tem sido ingrato) foram as molas reais dos successos importantes que naqueles anos tiveram Itú por seu teatro.

Nestas emendas o Pe. Diogo mostrava que ainda conhecia mal os homens. Trasborda uma sinceridade de convicções e uma plenitude de confiança na bôa fé de todos os seus patricios e em seu civismo que produz uma mui dolorozza impressão ao ver o contraste que a historia subsequente do país e desta provincia apresenta. Assim quanto a continuação do uzo das distincções honorificas e especialmente *titulos*, dís o Pe. Diogo que por si este uzo se extinguirá pelo justo desprezo que para tais coizas todos sentem depois de se ter conquistado a liberdade! — O Sr. D. Pedro I mandou á todas as Camaras do Imperio o seu projeto de constituição e á todas autorizou que lhe mandassem depois de suas reflexões; e 3 camaras em todo o Imperio foram as unicas que se animaram de tomar o negocio ao serio e foram — Itú, Rezende e Pernambuco!

Para o fim de sua vida o Pe. hia se tornando centralizador e declarava-se conscio que o poder era mais proficuamente empregado á bem do andamento dos negocios em menor numero de mãos.

Não estou bem certo se o Pe. Diogo nasceu na cidade de S. Paulo ou na vila de Cutia. O que fôra ele a não ter sido educado pelo Pe. João Gonçalves Lima (em cuja companhia creio que elle foi a Guaratinguetá) e a não ter rezidido por algum tempo em Itú? Além do que devia á sua natural ótima indole creio que estas duas circumstancias concorreram poderosamente para dar a seu carater aquele trempe de honestidade, aquella rigidez de moral que ainda mais do que o seu talento e a sua dedicação patriótica o tornão um varão raro.

Há um notavel antagonismo entre os caracteres de Feijó e de Paula Souza. Aquele tão destemido que rivalizava com os maiores heróis da Lacedemonia ou de Roma Consular; — este fraco e sem ação ao ponto de inutilizar em momentos criticos as suas altas virtudes e sua atilada intelligencia. E todavia a familia de Melo á qual por sua mãe Paula Souza pertencia é espirituosa e cheia de uma coragem cavalheiresca e de um denodo no perigo em um gráo que a adquirio na tradicional e proverbial reputação pela pósse dessas qualidades.

Talvês V. S. ignore que não muito tempo depois de receber ordens sagradas o Pe. Diogo foi acuzado pelo Reginato de Moraes rabula de Campinas, (um desses reptis que especulando com a ascendencia do antigo partido liberal agarraram-se a ele e á sua custa vivendo contribuíram por suas mazelas mais do que qualquer outra coiza a desligar o povo desse partido que em certo tempo era o partido de todos,) de um crime horrendo — de nada menos do que de aproveitar-se do confessorio para aliciar uma mulher sua confessada para prestar-se a ser a amazia de outro Padre!!! — O Feijó sofreu um processo — obteve uma honroza absolvição e o Reginato de Moraes (que depois era o seu maior adulator) uma triste celebridade.

25 de Julho de 1856 — Entrando já *in medias res* porque o tempo urge quero 1.º voltar ao que dís respeito ao Pe. Diogo. A *única* irmã do Feijó é Dona Maria Justina de Camargo que hoje mora em Campinas; — a Da. Maria Luiza moradora em S. Miguel é parenta mas não irmã. O Pe. Diogo e a Dona Maria Justina a tratam de irmã (e a Dona Maria Justina ainda assim a trata) pelo amor nacido de se terem criado juntos.

UNIVERSIDADE DO BRASIL
BIBLIOTECA